CARLOS ALBERTO SANTOS COSTA

REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA

(BAHIA, BRASIL)

· U C ·

Faculdade de Letras
Universidade de Coimbra
2012

Carlos Alberto Santos Costa

REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA (BAHIA, BRASIL)

Dissertação de doutoramento em História, especialidade Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, sob a orientação da Professora Doutora Maria da Conceição Lopes e do Professor Doutor Carlos Alberto Etchevarne, financiada pelo Instituto de Investigação Interdisciplinar da Universidade de Coimbra.

Faculdade de Letras
Universidade de Coimbra
2012

· U C ·

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

REITORIA

ATA DE PROVA DE DOUTORAMENTO

Aos vinte e dois dias do mês de outubro de dois mil e doze, na Reitoria da Universidade de Coimbra sob a presidência do doutor João Maria Bernardo Ascenso André, professor catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, por despacho de delegação de competências do Reitor da Universidade de Coimbra, número doze mil oitocentos e noventa e três, publicado em Diário da República, segunda série, número cento e noventa, de um de outubro de dois mil e doze, reuniu o júri de prova de doutoramento em Letras, área de História, na especialidade de Arqueologia, de Carlos Alberto Santos Costa.

Compareceram como vogais os doutores Carlos Alberto Echevarne, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, Brasil, Carlos Xavier de Azevedo Netto, da Universidade Federal da Paraíba, Brasil, Lara Beirão Amaral Bacelar Alves, do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto, Raquel Maria da Rosa Vilaça e Maria da Conceição Lopes, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

A prova consistiu no seguinte:

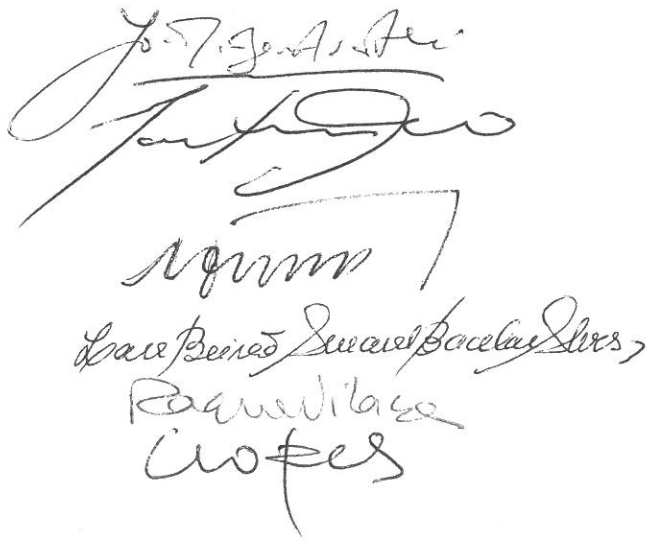
Discussão e apreciação de uma tese intitulada -"Representações Rupestres no Piemonte da Chapada Diamantina (Bahia, Brasil)."

Foram arguentes os doutores Carlos Xavier de Azevedo Netto e Lara Beirão Amaral Bacelar Alves.

Intervieram os doutores Raquel Maria da Rosa Vilaça, Carlos Alberto Echevarne e Maria da Conceição Lopes.

E, tendo o júri procedido a votação nominal justificada, em observância das formalidades legais, pelo contributo inovador e fecundo para o corpus dos sítios da pintura rupestre pré-colonial no território bahiano e para a interpretação dos respetivos sistemas gráficos, pela sistematização das informações arqueológicas recolhidas, pela fluídez do discurso e pelo rigor das ilustrações que documentam o trabalho e pela ligação estabelecida entre Arqueologia e comunidade, o mesmo deliberou, por unanimidade, atribuir a classificação final de aprovado com distinção e louvor a Carlos Alberto Santos Costa.

Para constar se exarou a presente ata que vai ser assinada por todos os membros presentes.



Ao Júlio,

pelo exemplo de vida!

AGRADECIMENTOS

Laroyê Exu! Okê arô Oxossi! Epa epa Babá!

Estes últimos cinco anos conformaram um turbilhão em minha vida. A quantidade de acontecimentos paralelos de cunho pessoal e profissional foi tão grande que se me arriscar a quantificar certamente me perderei. Mas, no meio de todos os acontecimentos ter a incumbência de fazer uma tese, de fato, é uma situação que beira a loucura. A tese é o momento em que viramos zumbis de nós mesmos, ficamos ensimesmados, dormimos e acordamos com os mesmos pensamentos e objetivos. Felizmente, no meio das formalidades acadêmicas inventaram os agradecimentos, momento em que tentamos retomar as nossas capacidades mentais de interação com o mundo, tiramos os olhos da tela da carroça digital e rememoramos as pessoas que passaram em nossas vidas e se fizeram importantes, não pelo auxílio que poderiam dar, mas pela genuína manifestação de amizade que dispensaram. O que seria de nós se não existissem os amigos? É este momento que nos faz perceber o quanto precisamos dos outros.

Iniciemos fazendo os agradecimentos institucionais. À equipe do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto / Instituto de Arqueologia, da Faculdade de Letras, da Universidade de Coimbra (UC) o meu agradecimento por apostarem nesta pesquisa de doutoramento, possibilitando que o projeto fosse executado sem entraves, com fluidez, tranquilidade e muito respeito. No âmbito da UC o Instituto de Investigação Interdisciplinar (III) proporcionou o amparo monetário com uma bolsa de doutoramento, para que pudesse me dedicar à pesquisa. Iniciativas como esta são necessárias, pois dão aos indivíduos apoiados a tranquilidade para que possam se dedicar à pesquisa e, consequentemente, fomentar o desenvolvimento científico. No âmbito do III a presença atenta, ágil e gentil da Dra. Helena Salgado não poderia ser esquecida; aliás, trata-se de um exemplo a ser observado com atenção pela Universidade de Coimbra, pelos méritos de sua atuação profissional.

No plano institucional cabe também citar a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia, que concedeu uma bolsa de iniciação científica para que pudéssemos dispor de um estudante remunerado apoiando a execução do trabalho. Da mesma forma agradeço a gentil Profa. Miriam Guerra do Campus Jacobina, da Universidade Estadual da Bahia, a quem

admiro e tenho como amiga, que sempre se colocou à disposição para auxiliar, proporcionando o amparo institucional na região para a realização das pesquisas.

Aos colegas da campanha de campo de julho de 2009 das escavações da Pax Julia, em Beja, pelos momentos de intercâmbio e aprendizado, me receberam de braços abertos e muito acresceram na minha formação arqueológica. Devo citar, especialmente, o Andrezinho, o Ricardo, o Thiago e a Ana que sempre lembro com muito carinho, em face dos profissionais e pessoas exemplares que são.

Ao Prof. Dr. Johildo Salomão Figueirêdo Barbosa, da Universidade Federal da Bahia, ao Prof. Dr. Onildo Araújo da Silva, da Universidade Estadual de Feira de Santana e ao Prof. Dr. Benjamim Bley de Brito Neves, da Universidade de São Paulo, agradeço por me atenderem prontamente quando solicitados para explicações acerca do contexto geológico do Piemonte da Chapada Diamantina, fornecendo explicações e mesmo indicando e/ou disponibilizando bibliografias.

Embora este agradecimento seja atemporal em relação a este trabalho, é passível de menção a Fundação Museu do Homem Americano (Fumdham) que possibilitou que no segundo semestre do ano 2004 uma das disciplinas de campo do Mestrado em Arqueologia, da Universidade Federal de Pernambuco, fosse realizada nas suas dependências, em São Raimundo Nonato, Piauí, proporcionando uma das escolas profissionais nas quais atuei com os estudos dos representações rupestres. Nesta ocasião participei de inúmeros trabalhos, quando também pude acompanhar profissionais como Niède Guidon, Anne Marie Pessis, Gabriela Martín, Conceição Meneses Lage, Gisele Felice e Celito Kestering.

Aos senhores Adroaldo Muritiba e Ademário Barbosa que “abriram as portas” de Jacobina, disponibilizaram seus arquivos particulares, deram apoio, informações, indicaram pessoas e locais que, sem dúvida, foram fundamentais para a realização desta pesquisa.

À minha equipe, Pedro dos Santos e Gilcimar Costa Barbosa por terem “vestido a camisa” deste projeto. Pedro é uma pessoa simples e de imenso coração. Seu conhecimento do território do Piemonte da Chapada Diamantina foi fundamental, sem o qual as andanças nesta região para localização e estudo dos sítios arqueológicos teria sido uma tarefa impossível. E Gilcimar, na ocasião estudante de graduação e bolsista de iniciação científica junto ao projeto de doutoramento, hoje amigo e colega de profissão, o parceiro de todas as horas,

extremamente atento e responsável. Nos trabalhos de campo participaram pontualmente Leandro Max Peixoto e Murilo Muritiba Araújo, para os quais também agradeço.

Agradeço aos colegas e amigos da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia que sempre estiveram presentes, dando forças e mesmo provendo de maneira direta apoio institucional para a execução deste trabalho: André, Camila, Danillo, Georgina, Gildo, Juliana, Lélia, Paulinha, Rita Dias, Ricardo, Suzane, Wilson e Xavier. Lembro, também, dos colegas do Curso de Graduação em Museologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia que não pouparam esforços em prover as condições institucionais favoráveis para que eu pudesse finalizar a dissertação de doutoramento e mesmo me ausentar em alguns momentos para as pesquisas e trabalhos científicos.

Aos colegas e amigos Prof. Dr. Luiz Alberto Ribeiro Freire (Freire), Profa. Dra. Elizabete de Castro Mendonça (Bete) e Profa. Dra. Alejandra Saladino (Ale) que sempre motivaram a finalização do doutoramento com manifestações sinceras de apoio e de amizade. Agradeço também aos colegas e amigos Alvandyr, Mirta e Aurea do Grupo de Pesquisas Bahia Arqueológica pelo apoio à pesquisa.

À Profa. Dra. Águeda Vilhena-Vialou e ao Prof. Dr. Denis Vialou, ambos do Museu de História Natural de Paris, que me proporcionaram a primeira incursão sistemática com as representações rupestres na missão franco-brasileira de 2002, no estado do Mato Grosso, quando durante 40 dias pude “imergir” na observação das pinturas. Sem dúvida, o aprendizado que lá obtive foi fundamental no treino do olhar para as representações. Mais tarde, em janeiro de 2007, quando prestei seleção para o Doutorado em História, concentração em Arqueologia, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, o Prof. Dr. Vialou se disponibilizou pronta e gentilmente a me orientar, aceitando o meu pedido com a alegria, a leveza de ser e o bom humor que lhes são peculiares. Apesar de aprovado na seleção, naquele ano o programa de pós-graduação não recebeu as cotas de bolsas de estudos de doutoramento da CAPES e do CNPq, o que me impossibilitou a realização dos estudos e, por sua vez, me frustrou da possibilidade de realizar uma pesquisa sob a observação do professor. Outras razões, que a professora e o professor conhecem, poderiam ser citadas. Mas, prefiro sintetizar registrando o meu sincero agradecimento, as boas lembranças, o carinho e o respeito que tenho pelo casal Vialou.

Ao amigo Humberto Augusto Rodrigues Alves, o Betinho. Ainda que esteja distante da realidade deste trabalho, e talvez por isso, não dimensione o quanto a sua presença foi importante neste caminho. Neste meio tempo me inseriu no mundo dos guzeratistas, deu e dá ensinamentos importantes, estabeleceu diálogos intermináveis sobre nossa paixão comum, criou parcerias e proporcionou em sua arribana momentos únicos de convivência, que encaro com muito ludismo e prazer. Obrigado amigo por me permitir participar desse mundo maravilhoso, incompreendido pela maioria, mas adorado por quem o vive!

À Profa. Dra. Maria do Rosário Gonçalves de Carvalho, que me forneceu explicações e disponibilizou bibliografias sobre discussões antropológicas da noção de tradição, presentes no texto. Além disso, me permitiu dispor de convivências comuns, da sua fiel amizade, de ensinamentos e de conselhos para possibilitar um caminhar fluído na vida acadêmica. Nós, menos experientes, sabemos a importância de ter uma figura como a "Pró. Rosário" dando valiosos ensinamentos, a partir de suas ações, de como seguir uma vida universitária tendo como norte a busca pela excelência acadêmica, a seriedade, a ética, a decência, a firmeza e, sobretudo, sem "estrelismos", com valorização dos indivíduos, com leveza e com humildade.

Ao colega, amigo e 'cumpadre' Prof. Dr. Luydy Abraham Fernandes, ou apenas Luydy, que na sua infinita seriedade, discrição e desprendimento sempre soube manifestar a sua amizade incondicional. Sem pestanejar me substituiu em minhas ausências profissionais, teve a imensa atenção em conversar, discutir, ler meus "debuxos" e apresentar relevantes contribuições. 'Cumpadre', meus sinceros agradecimentos!

Aos 'meus' – minhas famílias nuclear e adquirida – que estiveram emocionalmente presentes: D. Nília, D. Iza, S. Braz, Branilson, Binha, Lêda, Kito, Zane, Cauet, Bruhno, Valentina, Gabriela, Graziela, Débora, Maíra, Eron, S. Nelson, D. Glória e Fernanda.

Ao meu pai intelectual, padrinho e avô adquirido de minha princesa, o Prof. Dr. Carlos Alberto Etchevarne, também orientador desta pesquisa, a quem devo a inserção na arqueologia num ambiente no qual a formação específica é inexistente, com quem convivo nos últimos 15 anos, tendo o prazer de partilhar da sua generosidade intelectual. Com ele alimento a mais pura, genuína e verdadeira amizade.

À minha orientadora de doutorado, a Profa. Dra Maria da Conceição Lopes, a querida "Ção", qualquer agradecimento é pouco. Ética, rápida, direta, segura e, sobretudo, delicada. É incrível a quantidade de coisas de grande vulto que consegue fazer, sem se esquecer dos

pequenos detalhes, sobretudo aqueles que passariam despercebidos para qualquer um, que envolve o trato com as pessoas. Mulher especial, humana, de uma humildade pessoal e profissional incomparável, acessível, disponível e que tive a honra de conhecer, conviver e contar com a sua amizade nos últimos anos. Ção, embora dispense este momento, e mesmo sabendo que tem ciência disto, prefiro registrar a admiração e respeito que tenho por você. Saiba que reconheço e procurarei honrar tudo que aprendi contigo com fidelidade!

Gostaria de me encaminhar para a finalização de meus agradecimentos de outra forma, mas o destino nos "pregou uma peça" e nos reservou este momento. No meio do processo de doutoramento perdi (na verdade perdemos) uma das pessoas mais especiais que conheci: Júlio César Mello de Oliveira, cuja infindável generosidade não poderá ser expressa num papel, mas o seu exemplo estará para sempre marcado em minha vida! Ainda que me falte maestria literária para falar o mínimo do que este homem significa para mim, poderia passar páginas e mais páginas falando dele. Mas prefiro resgatar uma pequena história que ilustra bem uma de suas maiores qualidades: a atenção às pessoas.

A primeira vez que estive em Jacobina, município epicentro desta pesquisa, em outubro de 2007 o Júlio estava lá, juntamente com a Pró. Rosário e com o Prof. Carlos. Embora eu já tivesse um objeto definido de estudo de doutoramento junto à Universidade de Coimbra, depois da uma visita à região do Piemonte da Chapada Diamantina – quando estávamos no hotel, situado no alto da Serra de Jacobina, e presenteados por um belíssimo pôr do sol de primavera na caatinga, que se escondia por trás da Serra do Tombador – o Júlio se voltou para mim e resolveu me convencer de que a minha pesquisa de doutorado deveria ser realizada ali. Seu único argumento era de que naquela região o meu trabalho teria mais sentido, pois o flagrante descaso e a depredação do patrimônio arqueológico privavam a população de conhecer e se identificar com este legado, que poderia se perder sem ser conhecido. O pano de fundo que sustentava os seus argumentos era um só: os indivíduos que perdiam com a destruição do patrimônio. Para Júlio a arqueologia não fazia sentido se não tivesse em sua práxis um fim social direto. Aceitei a sua sugestão e o resultado é esta tese de doutorado.

Mas, tenho como filosofia de vida a idéia de que pessoas especiais devem ser lembradas de maneira especial. Justamente por isso, Júlio é sempre lembrado por mim com muita vida. Não seria demais, portanto, agradecer a minha pequena Júlia, que não tem a mínima idéia do que é um doutorado, mas, sem dúvida, sentiu os efeitos dele a partir das minhas necessárias ausências, quando tive que privá-la de minha atenção. Querida, papai lhe ama!

E, falando em amor, a Faby, à mulher que me deu este maravilhoso presente, a nossa pequenina, que também leu meus rascunhos, realizou sugestões e tantas outras questões acadêmicas. Mas, além disso, me escolheu para compartilhar uma vida em comum, e me suporta com um misto de braveza e ternura. Querida, te amo!

Epa Babá! Okê Odé! Cobarô Exu!

São Salvador da Baía de Todos os Santos, outono de 2012.

Carlos Costa.

RESUMO

COSTA, Carlos Alberto Santos. **Representações rupestres no Piemonte da Chapada Diamantina, Bahia, Brasil**. Coimbra: FLUC, 2012, 479 p. (tese de doutorado).

O objeto de estudo desta pesquisa são os sítios de representações rupestres do Piemonte da Chapada Diamantina. O problema inicial de investigação parte da discussão da noção de tradição na arqueologia brasileira e da sua aplicação nos estudos das representações rupestres no Nordeste do país. Este caminho levou a constatação de que os signos geométricos identificados são estudados de maneira parcial, em decorrência da dificuldade de apreensão de seus conteúdos e por dispor de formas representadas universalmente, argumento contrário a perspectiva de construção de cenários arqueológicos regionais. Na contramão desta compreensão, neste trabalho buscou-se verificar se os signos geométricos identificados no Piemonte apresentavam repertórios gráficos significativos, de maneira a se constituir como elementos para construção de cenários arqueológicos regionais.

Para atingir este objetivo partimos para a observação da paisagem do Piemonte da Chapada Diamantina, quando levantamos dados sobre a sua conformação (geotectônica, geologia, geomorfologia, solos, hidrografia, clima, vegetação, paleopaisagem e uso atual), conduzindo à compreensão dos locais escolhidos pelos grupos humanos para a ocupação e entendendo os fatores que evidenciam a relação de reciprocidade entre o homem e o meio. Com esta base, estudamos os sítios rupestres, supondo existir significados subjacentes às pinturas e adotando a noção de gramática para análise das 49 jazidas arqueológicas levantadas. A partir desta perspectiva, foi possível indicar três perfis gráficos específicos para a região, provavelmente fruto de uma sucessão de momentos distintos de ocupação do território, dentre os quais o mais expressivo é formado quase exclusivamente por símbolos geométricos.

A partir do estudo de caso é possível concluir que as representações geométricas constituem importantes fontes para construção de panoramas arqueológicos regionais, além dos dados possibilitarem induzir diretrizes específicas para a observação da região e, consequentemente, para a continuidade futura dos estudos arqueológicos no Piemonte da Chapada Diamantina.

Palavras-chave: Piemonte da Chapada Diamantina; representações rupestres; geométrico; arqueologia baiana.

ABSTRACT

COSTA, Carlos Alberto Santos. **Rock representations in the Piedmont of Chapada Diamantina, Bahia, Brazil**. Coimbra: FLUC, 2012, 479p. (doctoral dissertation).

The object of this research are the sites of rock art representations of Piedmont in Chapada Diamantina. The initial investigation problem of the discussion of the notion of tradition in Brazilian archeology and its application in the study of representations rock in the Northeast. This path led to the finding that the geometric signs are identified partially, due to the difficulty of understanding its contents and submit forms represented universally argument against the prospect of building regional archaeological scenarios. Contrary to this understanding, this study sought to determine whether the signs identified in Piedmont geometric graphs showed significant repertoire, so as to constitute elements for construction of regional archaeological scenarios.

To achieve this goal we set for the observation of the Piedmont landscape of Chapada Diamantina, when we lift data on their conformation (geotectonic, geology, soils, hydrology, climate, vegetation, paleopaisagem and current use), leading to the understanding of the sites chosen by human groups for the occupation and understanding the factors that highlight the reciprocal relationship between man and environment. On this basis, we studied the cave sites, assuming there are meanings behind the paintings and embracing the notion of grammar for the analysis of 49 archaeological sites raised. From this perspective, it was possible to indicate three graphic profiles specific to the region, probably the result of a succession of distinct periods of occupation of the territory, among which the most significant is formed almost exclusively by geometric symbols.

From the case study we conclude that the representations are important sources for construction of regional archaeological panoramas, plus the data make possible to induce specific guidelines for the observation of the region and, consequently, for the future continuation of archaeological studies in Diamantina Plateau Piedmont.

Keywords: Piedmont of Chapada Diamantina; rock representations; geometry; Bahia archeology.

RÉSUMÉ

COSTA, Carlos Alberto Santos. **Représentations rupestres dans le Piémont de la Chapada Diamantina, Bahia, Brésil**. Coimbra: FLUC, 2012, 479 p. (thèse de doctorat).

L'objet d'étude de cette thèse sont les sites de représentations rupestres du Piémont de la Chapada Diamantina, dans l'Etat de Bahia, au Brésil. La question initiale de l'enquête part d'une discussion autour de la notion de tradition dans l'archéologie brésilienne et de son application dans les études des représentations rupestres dans le Nordeste du pays. Ce cheminement mène à la constatation que les signes géométriques identifiés sont étudiés de manière partielle, em raison de la difficulté d'apréhension de ses contenus et car ceux-ci présentent des formes représentées universellement, argument contraire à la perspective de construction de scènes archéologiques régionales. A l'opposé de cette compréhension, ce travail cherche a vérifier si les signes géométriques identifiés dans le Piémont présentaient des répertoires graphiques significatifs, de manière à se constituer comme des éléments pertinents pour la construction de scènes archéologiques régionales.

Pour atteindre cet objectif, nous avons observé le paysage du Piémont de la Chapada Diamantina, en réunissant un ensemble de données sur sa conformation (géotechtonique, géologie, géomorphologie, sols, hydrographie, climat, végétation, paléo-paysage et usage actuel), conduisant à la compréhension des lieux choisis par les groupes humains pour l'occupation et en incluant les facteurs qui mettent en évidence la relation de réciprocité entre l'homme et l'environnement. Une fois cette base établie, nous avons étudié les sites rupestres, en supposant qu'il existe des significations sous-jacentes aux peintures et en adoptant la notion de grammaire pour l'analyse des 49 sites archéologiques inventoriés. A partir de cette perspective, il a été possible d'indiquer trois profils graphiques spécifiques pour la région, probablement fruits d'une succession de moments distincts d'occupation du territoire, parmi lesquels le plus expressif est formé presque exclusivement de symboles géométriques.

A partir de cette étude de cas, il est possible de conclure que les représentations géométriques constituent d'importantes sources pour la construction de panoramas archéologiques régionaux, outre le fait que les données permettent d'induire des lignes directrices spécifiques pour l'observation de la région et, par conséquent, pour la continuité future des études archéologiques dans le Piémont de la Chapada Diamantina.

Mots-clés: Piémont de la Chapada Diamantina; représentations rupestres; géométriques; archéologie du Bahia.

RESUMEN

COSTA, Carlos Alberto Santos. **Representaciones rupestres del Piemonte de la Chapada Diamantina, Bahía, Brasil**. Coimbra: FLUC, 2012, 479 p. (tesis doctoral).

El objeto de estudio de esta investigación son los sitios rupestres del Piemonte de la Chapada Diamantina. La problemática de estudio parte de la discusión de la noción de tradición en Arqueología brasileña e de su aplicación en los estudios de representaciones rupestres en el Nordeste del país. Este camino llevó a la constatación de que los signos geométricos identificados son estudiados de manera parcial, en función de la dificultad de aprehensión de sus contenidos y por disponer de formas representadas universalmente. En el sentido contrario de esta posición, este trabajo buscó verificar si los signos geométricos identificados en el Piemonte presentaban repertorios gráficos significativos, de manera a constituir elementos claves para la construcción de escenarios arqueológicos regionales.

Para alcanzar este objetivo partimos de la observación del paisaje del Piemonte de la Chapada Diamantina, para lo cual levantamos datos sobre su total conformación geotécnica, geológica, geomorfológica, pedológica, hidrográfica, climatológica florística, paleopaisagística y de ocupación actual del suelo, lo que condujo a la comprensión de los locales elegidos por los grupos humanos para la ocupación y al entendimiento de los factores que evidencian la relación de reciprocidad entre el hombre y su medio. Con esta base, estudiamos los sitios rupestres, presuponiendo la existencia de lo significados subyacentes a las pinturas y adoptando la noción de gramática para el análisis de los 49 yacimientos registrados. A partir de esta perspectiva, fue posible indicar tres perfiles gráficos específicos para la región, probablemente fruto de una sucesión de momentos distintos de ocupación del territorio, entre los cuales el más expresivo es el formado casi que exclusivamente por símbolos geométricos.

A partir de este estudio de caso es posible concluir que las representaciones geométricas constituyen importantes fuentes para la construcción de panoramas arqueológicos regionales, además de que los datos posibilitaron la inducción de directrices específicas para la observación de la región e, consecuentemente, para la continuación futura de los estudios arqueológicos en el Piemonte de la Chapada Diamantina.

Palabras claves: Piemonte de la Chapada Diamantina; representaciones rupestres; motivos geométricos; arqueología bahiana.

SUMÁRIO

Lista de imagens xvi
Lista de tabelas xxvi
Lista de gráficos xxvii

Introdução 01

Capítulo I: Tradição, tradições, Bahia e alguns problemas: a construção do objeto de pesquisa 08
1.1. A noção de tradição arqueológica 09
1.2. As representações rupestres no Nordeste brasileiro 20
1.3. Os estudos das representações rupestres na Bahia 47
1.4. O problema de pesquisa e a hipótese de trabalho 67

Capítulo II: A paisagem do Piemonte da Chapada Diamantina 71
2.1. A noção de paisagem em arqueologia 71
2.2. Aspectos geotectônicos e geológicos 79
2.3. Aspectos geomorfológicos e solos 87
2.4. Aspectos hidrográficos e climáticos 100
2.5. Aspectos da cobertura vegetal 115
2.6. Aspectos da paleopaisagem 120
2.7. Aspectos da paisagem atual 124

Capítulo III: Sítios rupestres do Piemonte da Chapada Diamantina 143
3.1. Diretrizes para a observação dos sítios rupestres 143
3.2. Os trabalhos e os procedimentos de campo e laboratório 150
3.3. Os resultados 170

Considerações finais 207

Referências bibliográficas 213

Apêndices..... 240
Apêndice 1: Ficha de registro de sítios com representações rupestres..... 240
Apêndice 2: Tabela de síntese dos dados levantados nos sítios do Piemonte da Chapada Diamantina, Bahia..... 386
Apêndice 3: Análises quantitativa, percentual e gráfica dos dados sistematizados na tabela disponível no apêndice 2..... 391
Apêndice 4: Tabelas individuais de análise dos signos..... 394
Apêndice 5a: Tabela de ocorrência dos signos por unidade geomorfológica arqueológica..... 458
Apêndice 5b: Tabela de ocorrência dos signos por sítio..... 459
Apêndice 5c: Tabela de recorrência dos signos por sítio..... 460
Apêndice 6: Análises quantitativa, percentual e gráfica dos dados sistematizados nas tabelas disponíveis no apêndice 4..... 461
Apêndice 7: Mapa com a localização dos sítios identificados no Piemonte da Chapada Diamantina. Fonte: Google earth, acessado em março de 2012..... 478
Apêndice 8: CD com as imagens geradas durante a pesquisa..... 479

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1: Indicação da área de pesquisa no território sul-americano. Em azul, sobre o mapa da Bahia, estão ressaltadas as cidades de Caém, Caldeirão Grande, Jacobina, Miguel Calmon, Mirangaba e Saúde, no Piemonte da Chapada Diamantina. FONTE: www.ibge.gov.br. Trabalho gráfico: Autor. 03

IMAGEM 2: À esquerda distribuição das tradições rupestres no Brasil excetuando a área amazônica, de acordo com André Prous. À direita distribuição das tradições rupestre no Brasil, de acordo com Maria Dulce Gaspar. Fontes: PROUS, 1992; GASPAR, 2003. 14

IMAGEM 3: Representações emblemáticas da tradição Nordeste: a) costa a costa em São Raimundo Nonato, Piauí; b) variações do costa a costa em Carnaúba dos Dantas, Rio Grande do Norte; c) ação cerimonial com representação de criança no centro em Parelhas e Carnaúba dos Dantas, Rio Grande do Norte; d) ação cerimonial com representação de criança no centro em São Raimundo Nonato, Piauí; e) ação cerimonial com representação de crianças no centro em Lençóis, Bahia. Fonte: MARTÍN, 1999, p. 253-254. 24

IMAGEM 4: Exemplares da tradição Nordeste do Parque Nacional Serra da Capivara: a) Toca da Extrema II, cena de ritual em torno de uma árvore, considerada emblemática da tradição; b) Toca do Boqueirão da Pedra Furada, cena de sexo; c) Toca da Entrada do Baixão da Vaca, figuras humanas e figuras mascaradas provavelmente em atividade ritual. Fonte: PESSIS, 2003. 25

IMAGEM 5: Representações do estilo Serra da Capivara em São Raimundo Nonato, Piauí: a) provável cena cerimonial em torno de uma árvore, sítio Toca do Nilson do Boqueirão da Pedra Solta; b) cena de sexo com gigantismo na representação do falo, sítio Toca do Sobradinho; c) cena de sexo com gigantismo na representações do falo e da vulva, sítio Toca da Entrada do Baixão da Vaca. Fonte: PESSIS, 2003. 27

IMAGEM 6: Representações do estilo Serra Branca em São Raimundo Nonato, Piauí: a) Toca do Varedão X; b) Toca do Morcego. Fonte: PESSIS, 2003..... 28

IMAGEM 7: Painéis da tradição Agreste: a) sítio Bom Jesus da Lapa, Santana do Mato, Rio Grande do Norte; b) sítio Pedra Redonda, Pedra, Pernambuco; c) sítio

Toca da Entrada do Baixão da Vaca, São Raimundo Nonato, Piauí; d) Lajedo da Soledade, Apodi, Rio Grande do Norte; e) sítio Santa Marta, Iaraquara, Bahia. Fontes: MARTÍN, 1999; ETCHEVARNE, 2007. 33

IMAGEM 8: Painéis da tradição São Francisco: a) sítio Lapa do Caboclo, em Januária, Minas Gerais; b) sítio não identificado, em Coribe, Bahia; c) detalhe do sítio Lapa do Caboclo, em Januária, Minas Gerais; d) sítio Poções, em Gentio do Ouro, Bahia. Fontes: PROUS, 1992; MARTÍN, 1999; JORGE et al., 2007; ETCHEVARNE, 2007. 36

IMAGEM 9: Painéis da tradição Astronômica: a) Maria Beltão à frente de painel do sítio Toca do Cosmos, Central, Bahia; b) sítio Grota do Veinho, Ourolândia, Bahia. Fontes: http://www.cbarqueol.org.br; ETCHEVARNE, 2007. 39

IMAGEM 10: Imagens do sítio Buraco d'Água registradas por Carlos Ott em Campo Formoso, Bahia. FONTE: OTT, 1945. 48

IMAGEM 11: Sítios pesquisados por Valentín Calderón: à esquerda, detalhe de um painel com sobreposições, na Serra da Lagoa da Velha em Morro do Chapéu; à direita, um detalhe de um painel pictórico do sítio São Gonçalo, em Sento Sé. Fotos: Fabiana Comerlato, 2005; Arquivos do MAE/Ufba. 49

IMAGEM 12: Sítios de gravura do submédio São Francisco, na área de Itaparica: à esquerda, sítio Itacoatiara I, na Serra do Curral em Rodelas, onde se veem os blocos de gravuras e pilões encontrados nas escavações arqueológicas; à direita, sítio Bebedouro das Pedras, onde aparecem gravuras sobre laje, encontradas no distrito de Tapera em Rodelas. Fonte: ETCHEVARNE, 1995, p. 292-293. 52

IMAGEM 13: Com o intuito de dar uma noção da área de ocorrência dos sítios de representações rupestres, apresentamos a identificação no mapa do relevo da Bahia das cidades nas quais foram localizados sítios rupestres entre o século XIX e 2012. FONTE: Relevo SRTM da EMBRAPA. 67

IMAGEM 14: Províncias estruturais brasileiras, dentre as quais se ressalta a de número 8, que corresponde ao cráton de São Francisco. Fonte: BIZZI et al., 2003, p. xiii. 80

IMAGEM 15: Limites, conformação geológica e compartimentos tectônicos do cráton de São Francisco. Fonte: KOSIN et al., 2003, p. 16. 81

IMAGEM 16: Diferentes unidades estruturais da porção norte do cráton de São Francisco, esquematizando as suas idades geológicas e geotectonismo. Fonte: BARBOSA et al., 2003, p. 9-10. 82

IMAGEM 17a: Recorte da carta geológica Jacobina - Folha SC.24-Y-C, apresentando, especificamente, a área da pesquisa. Fonte: SAMPAIO et al., 2001. 86

IMAGEM 17b: Legenda da imagem 17a. 87

IMAGEM 18: Unidades morfológicas que compõem o relevo do estado da Bahia. Fonte: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia – SEI, 2007, consultado em www.sei.gov.ba.br em janeiro de 2011. 18

IMAGEM 19: Perfil de uma das vertentes extremamente íngremes da Serra de Jacobina, vista da comunidade de Bananeira. Fonte: Autor, setembro de 2009. 91

IMAGEM 20: Relação estabelecida entre a densidade da drenagem d'água e a declividade e comprimento das vertentes. Fonte: CHRISTOFOLETTI, 2009 [1980], p. 60. 91

IMAGEM 21: Modelo de desenvolvimento das vertentes de Lester King. Fonte: CHRISTOFOLETTI, 2009 [1980], p. 40. 93

IMAGEM 22: Perfil da escarpa da Serra do Tombador observado a partir da área de São Judas Tadeu. Foto: Autor, fevereiro de 2009. 93

IMAGEM 23: Vista panorâmica em 180º, a partir da Serra do Tombador – no trecho chamado por locais de Serra do Cílio –, da superfície de aplainamento que caracteriza a Depressão Sertaneja na área de pesquisa. Ao fundo, em último plano, vê-se a sequência da Serra de Jacobina. Foto e montagem: Autor, setembro de 2009. 97

IMAGEM 24: Recorte da carta Relevo SRTM da Embrapa. A *cuesta* orientada SSW–NNE na porção esquerda da imagem é a Serra do Tombador. Ainda à esquerda, sobre a Serra do Tombador, está a chapada. A cadeia de montanhas orientada N-S na porção centro-direita da imagem é a Serra de Jacobina. No entorno da Serra de Jacobina está a Depressão Sertaneja. Fonte: <http://www.relevobr.cnpm.embrapa.br>, consultado em janeiro de 2011. 99

IMAGEM 25: Bacias hidrográficas da Bahia. Fonte: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia – SEI, 2007, consultado em <www.sei.gov.ba.br> em janeiro de 2011. 101

IMAGEM 26: Microbacia do rio Salitre. Fonte: Secretaria do Meio Ambiente do Estado da Bahia – SEMA / Instituto de Gestão das Águas e Clima – INGÁ, 2009, consultado em <www.inga.ba.gov.br> em janeiro de 2011. 104

IMAGEM 27: Bacia do rio Itapicuru. Fonte: Secretaria do Meio Ambiente do Estado da Bahia – SEMA / Instituto de Gestão das Águas e Clima – INGÁ, 2009, consultado em <www.inga.ba.gov.br> em janeiro de 2011. 108

IMAGEM 28: Bacia do rio Paraguaçu, com destaque do Autor para a microbacia do rio Jacuípe, ao norte. Fonte: Secretaria do Meio Ambiente do Estado da Bahia – SEMA / Instituto de Gestão das Águas e Clima – INGÁ, 2009, consultado em <www.inga.ba.gov.br> em janeiro de 2011. 112

IMAGEM 29: Rede de drenagem do estado da Bahia onde se evidencia a convergência espacial dos rios Salitre (em verde), Itapicuru (em azul) e Jacuípe (em vermelho). Desenho: Autor, baseado no mapa rodoviário do Departamento Nacional de Infra-Estrutura de Transporte (DNIT), 2002. 114

IMAGEM 30: Tipologias climáticas da Bahia. Fonte: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia – SEI, 2007, consultado em <www.sei.gov.ba.br> em janeiro de 2011. 115

IMAGEM 31: Cobertura vegetal da Bahia. Fonte: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia – SEI, 2007, consultado em <www.sei.gov.ba.br> em janeiro de 2011. 117

IMAGEM 32: Mapa do relevo do estado da Bahia com a distribuição dos fósseis de megafauna. Em vermelho a cidade de Jacobina, em azul as demais cidades. Fonte: mapa gerado pelo autor baseado em informações de VIANA et al., 2007, p. 802..... 122

IMAGEM 33: Esqueleto de preguiça gigante (*Eremotherium*) do município de Jacobina, em exposição no Museu Nacional, no Rio de Janeiro. Abaixo, à esquerda, um esqueleto de tigre dente de sabre (*Smilodon*). Fonte: SILVA, 2010, p. 171. 122

IMAGEM 34: Em Miguel Calmon retirada de pedras de meio-fio. Foto: Autor, fevereiro de 2009. 125

IMAGEM 35: Três Coqueiros, extração de pedras de piso para pavimentação. Foto: Autor, setembro de 2009. 125

IMAGEM 36: Fole em funcionamento num abrigo na área de São Judas Tadeu, sobre a Serra do Tombador. Na sequência de imagens, da esquerda para a direita, percebem-se: visão geral do funcionamento da oficina; homem manobrando o fole; homem malhando uma ponteira sobre uma bigorna; ponteiras esfriando sobre uma rocha, ao lado de um galão de água. Fotos: Autor, fevereiro de 2009. 127

IMAGEM 37: Fazenda Caldeirão IV unidade 1, onde se vêem um fole em desuso, no canto inferior esquerdo, e as paredes do abrigo atingidas pela fuligem. Foto: Autor, setembro de 2009. 127

IMAGEM 38: Complexo Tombador unidade 5, onde se percebem um fole em desuso, no canto inferior esquerdo, e as paredes do abrigo totalmente impregnadas por fuligem. Foto: Maria da Conceição Lopes, janeiro de 2010. 127

IMAGEM 39: Barragem do Cantinho, acampamento improvisado com parede de alvenaria num abrigo com pinturas rupestres. Foto: Autor, setembro de 2009. 129

IMAGEM 40: Três Coqueiros I, acampamento improvisado com paredes e teto feitos com placas rochosas. Foto: Autor, setembro de 2009. 129

IMAGEM 41: Serra do Cílio III, acampamento improvisado com lona plástica num abrigo com pinturas rupestres. Foto: Autor, setembro de 2009. 129

IMAGEM 42: Fazenda Caldeirão I unidade 1, acampamento improvisado com lona plástica num abrigo com pinturas rupestres. Foto: Autor, setembro de 2009. 129

IMAGEM 43: Montagem fotográfica. Rio Preto III, abrigo com pinturas demolido e em processo de fatiamento para confecção de placas rochosas destinadas à pavimentação. Fotos: Autor, janeiro de 2010. 131

IMAGEM 44: Barragem do Cantinho, pinturas depredadas através de queima do painel. Foto: Autor, setembro de 2009. 131

IMAGEM 45: Fazenda Caldeirão 4 unidade 2, pintura na entrada do abrigo depredada por picoteamento. Foto: Autor, janeiro de 2010. 132

IMAGEM 46: Montagem fotográfica. Vista panorâmica em 180º do alto da escarpa da Serra do Tombador, na divisa entre Jacobina e Miguel Calmon, onde se percebe a destruição do ambiente pela mineração ilegal. Fotos: Autor, fevereiro de 2009. 133

IMAGEM 47: Montagem fotográfica. Vista panorâmica em 360º do alto da escarpa da Serra do Tombador, na área de São Judas Tadeu, onde se percebe a destruição do ambiente pela mineração ilegal. Fotos: Autor, fevereiro de 2009. 133

IMAGEM 48: Montagem fotográfica. Vista panorâmica em 360º do alto da escarpa da Serra do Tombador, na área de Três Coqueiros, onde se percebe a destruição do ambiente pela mineração ilegal. Fotos: Autor, setembro de 2009..... 133

IMAGEM 49: Montagem fotográfica. Vista panorâmica em 180º do alto da escarpa da Serra do Tombador, próximo à divisa entre Jacobina e Mirangaba, onde se percebe a destruição do ambiente pela mineração ilegal, defronte do sítio Fazenda Caldeirão II; o setor destruído contrasta com a área preservada da Fazenda do Dr. Flávio, em segundo plano. Fotos: Autor, setembro de 2009. 134

IMAGEM 50: Montagem fotográfica. Vista panorâmica em 270º do alto da escarpa da Serra do Tombador, na divisa entre Jacobina e Mirangaba, onde se percebe a destruição do ambiente pela mineração ilegal defronte do sítio Rio Preto I. Fotos: Autor, janeiro de 2010. 134

IMAGEM 51: Montagem fotográfica. Vista panorâmica em 360º do alto da escarpa da Serra do Tombador, em Mirangaba, onde se percebe a destruição do ambiente pela mineração ilegal. Fotos: Autor, janeiro de 2010. 134

IMAGEM 52: Passivo de mineração a céu aberto na área de Yamana Gold, na Serra de Jacobina. Foto: Almacks Luiz, junho de 2009, disponível em <http://almacks1.fotoblog.uol.com.br>, acessado em junho de 2011. 137

IMAGEM 53: Área destinada à segunda barragem de rejeitos da produção mineral da Yamana Gold. Foto: Jeanne Dias, dezembro de 2008. 137

IMAGEM 54: Indústria que a Yamana Gold utiliza para beneficiamento do ouro. Foto: Greciane Nascimento, dezembro de 2008..... 137

IMAGEM 55: Entrada de uma das áreas de mineração subterrânea da Yamana Gold. Foto: Fabiana Comerlato, dezembro de 2008..... 137

IMAGEM 56: Exemplo da tomada fotográfica do ambiente circundante a partir do sítio Igrejinha. O conjunto de imagens acima apresenta como elas são geradas em campo; abaixo uma panorâmica de 180º a partir da fotomontagem. Notar que os

limites da área de visualização são os próprios limites do suporte rochoso. Fotos e montagem: Autor, fevereiro de 2009..... 158

IMAGEM 57: Exemplo da tomada fotográfica da unidade geomorfológica/arqueológica do sítio Morro do Cruzeiro I. Na primeira imagem, tomada da esquerda para a direita; na segunda imagem, tomada frontal; e na terceira imagem, tomada da direita para a esquerda. Fotos: Autor, setembro de 2009..... 159

IMAGEM 58: Exemplo da tomada fotográfica de um painel e de signos no mesmo painel no sítio Fazenda Caldeirão I unidade 1. Foto: Autor, setembro de 2009. 159

IMAGEM 59: Exemplo de croqui do sítio Barragem do Cantinho. Croqui: Autor. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa..... 161

IMAGEM 60: Distribuição dos sítios levantados na área de pesquisa. O conjunto de sítios alinhado à esquerda está sobre a Serra do Tombador. Os demais estão distribuídos na Serra de Jacobina (feição do relevo na porção direita da imagem), no Planalto sobre a Serra do Tombador e na Depressão Sertaneja (espaço entre a Serra do Tombador e a Serra de Jacobina). Um mapa mais detalhado da distribuição dos sítios encontra-se no apêndice 8 deste trabalho..... 171

IMAGEM 61: Fenda da unidade 2 do sítio Serra do Cílio III. Foto: Autor, setembro de 2009. 178

IMAGEM 62: Parede do sítio Bananeira. Foto: Autor, setembro de 2009..... 178

IMAGEM 63: Abrigo do sítio Pé de Serra. Foto: Autor, fevereiro de 2009..... 178

IMAGEM 64: Lapa do sítio As Moitas unidade 2: Foto: Autor, janeiro de 2010. 178

IMAGEM 65: Gruta do sítio São Judas Tadeu I. Foto: Autor, fevereiro de 2009..... 179

IMAGEM 66: Loca da unidade 5 do sítio Tombador Alto. Foto: Autor, fevereiro de 2009. 179

IMAGEM 67: Caverna da unidade 2 do sítio Igrejinha. Foto: Autor, fevereiro de 2009. 179

IMAGEM 68: Matacão do sítio Pilões. Foto: Autor, fevereiro de 2009..... 179

IMAGEM 69: Exemplares dos signos preferencialmente representados nos tetos: signo 5, Igrejinha unidade 2; signo 7, Macaqueiras; signo 8, As Moitas unidade 5; signo 9, Tombador Alto unidade 5; signo 11, Olhos D'água II; signo 12, Pé de

Serra; signo 13, Olhos D'água I unidade 4; signo 14, Cambaitira I unidade 2; signo 15, Cambaitira I unidade 2; signo 20, Serra do Tamanco unidade 2; signo 21, Olhos D'água I unidade 4; signo 22, Rio Preto IV. Fotos: Autor. 192

IMAGEM 70: Exemplares dos signos representados preferencialmente nas paredes: signo 1, Pé de Serra; signo 2, Rio Preto IV; signo 3, Tombador Alto unidade 2; signo 4, São Judas Tadeu IV unidade 2; signo 6, Igrejinha unidade 2; signo 16, Tombador Alto unidade 5; signo 19, Pé de Serra; signo 25, Bananeira. Fotos: Autor. 193

IMAGEM 71: Exemplares dos signos representados tanto em paredes quanto nos tetos: signo 10, Fazenda Caldeirão I unidade 2; signo 17, Igrejinha unidade 2; signo 18, Cambaitira I unidade 2. Fotos: Autor. 193

IMAGEM 72: Detalhes de pigmentos aplicados utilizando-se diferentes técnicas: a) pigmento aplicado com o uso dos dedos, sítio Cambaitira I unidade 1; b) pigmento aplicado com técnica crayon, pedra seca aplicada no suporte ao modo de um giz, sítio São Judas Tadeu I; c) pigmento aplicado com pincel fino, sítio Tombador Alto unidade 6. Fotos: Autor. 194

IMAGEM 73: Signos feitos nas diferentes cores identificadas: a) vermelho, sítio Fazenda Caldeirão I; b) amarelo, sítio Cambaitira I unidade 2; c) preto, sítio Seixos; d) branco, sítio Pé de Serra. Fotos: Autor..... 195

IMAGEM 74: Exemplares com o uso do amarelo, do preto e do branco na representação: A, B e C referem-se a representações com a associação de linhas retas, dos sítios Cambaitira I unidade 1, Serra do Cílio III unidade 2 e Tombador Alto unidade 3, respectivamente; C, D e E são representações tendo como base um círculo, identificadas nos sítios Pé de Serra, Cambaitira I unidade 1 e Igrejinha, respectivamente. Fotos: Autor. 196

IMAGEM 75: Sítio Cambaitira I unidade 1. Na imagem da esquerda, indica-se a posição do painel principal do sítio. À direita, o painel. Fotos: Autor, fevereiro de 2009. 197

IMAGEM 76: Sítio Jenipapo. Na imagem da esquerda, uma visão geral do abrigo. Na direita um dos conjuntos pictóricos identificados no sítio. Fotos: Autor, setembro de 2009. 198

IMAGEM 77: Exemplares dos signos ocorrentes: signo 23, Cambaitira III unidade 2; signo 24, Tombador Alto unidade 3; signo 26, Rio Preto II; signo 27, Tombador Alto unidade 6; signo 28, Seixos; signo 29, Tombador Alto unidade 6; signo 30, Serra do Cílio III unidade 2. Fotos: Autor. 200

IMAGEM 78: Sítio Cambaitira I unidade 1. No detalhe é possível se perceber 5 momentos pictóricos, apresentados do mais antigo ao mais recente: uma linha vermelha esmaecida sob as imagens, seguida pelas figuras pretas, cobertas pelas representações em vermelho intenso, depois amarelo e, finalmente, linhas pretas aplicadas em crayon. Fotos: Autor, fevereiro de 2009. 203

IMAGEM 79: Sítio Cambaitira I unidade 1. No detalhe vemos, do mais antigo ao mais recente: uma linha horizontal vermelha esmaecida na porção direita da imagem; um pente desenhado em um vermelho alaranjado; pinturas em amarelo; uma grade preta aplicada em crayon; pinturas em vermelho intenso; por fim, crayon preto na porção direita da imagem. Fotos: Autor, fevereiro de 2009. 203

IMAGEM 80: Sítio Tombador Alto unidade 6. Rabiscos feitos em crayon sobre pinturas de representações humanas feitas com pincel fino. Foto: Autor, fevereiro de 2009. 203

IMAGEM 81: Sítio Jenipapo. Linhas em crayon complementam figura aplicada com o uso dos dedos. Foto: Autor, setembro de 2009. 203

IMAGEM 82: Sítio Cambaitira I unidade 1, exemplo em que pinturas geométricas diferentes se sobrepõem. No detalhe a imagem em preto é complementada pela em amarelo. Ambas se sobrepõem a um signo diferente aplicado em vermelho. Foto: Autor, setembro de 2009. 204

IMAGEM 83: Sítio Pé de Serra, exemplo em que um signo com linhas vermelhas se sobrepõem a uma sequência de pontos em branco. Foto: Autor, fevereiro de 2009. 204

IMAGEM 84: Sítio Tombador Alto unidade 6, onde é possível se ver o resultado final da sucessão de momentos pictóricos. Foto: Autor, fevereiro de 2009. 204

IMAGEM 85: Sítio Cambaitira I unidade 2. Painel com representações geométricas feitas com o uso dos dedos em situação de sobreposição. Foto: Autor, setembro de 2009. 205

IMAGEM 86: Sítio Serra do Cílio III unidade 2, em que um signo geométrico se encontra ao lado de um conjunto de figurativos esmaecidos na parte direita superior da imagem. Foto: Autor, setembro de 2009. 205

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Geomorfologia, litologia, relevo e arqueologia 97

TABELA 2: Unidades geomorfológicas/arqueológicas 98

TABELA 3: População e densidade demográfica na área de pesquisa 130

TABELA 4: Sítios rupestres localizados no Piemonte da Chapada Diamantina, Bahia, Brasil 152

TABELA 5: Tabela de classificação dos signos..... 165

TABELA 6: Tabela dos signos ocorrentes organizada segundo a sua recorrência 189

TABELA 7: Tabela dos signos ocorrentes organizada segundo a sua recorrência 190

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: Interesse pelo estudo dos sítios de representações rupestres na Bahia entre 1966 e 2011 65

GRÁFICO 2: Distribuição dos sítios nas diferentes feições geomorfológicas do relevo 172

GRÁFICO 3: Suporte rochoso 173

GRÁFICO 4: Topografia 174

GRÁFICO 5: Hidrografia 175

GRÁFICO 6: Unidades geomorfológicas/arqueológicas 176

GRÁFICO 7: Visualização 180

GRÁFICO 8: Visibilidade 181

GRÁFICO 9: Visualização dos painéis 181

GRÁFICO 10: Orientação 183

GRÁFICO 11: Deterioração por agentes naturais 184

GRÁFICO 12: Deterioração por ação antrópica 185

GRÁFICO 13: Recorrência e ocorrências dos signos nos sítios 186

GRÁFICO 14: Proporção dos signos de acordo com a sua macro classificação 187

GRÁFICO 15: Proporção dos signos de acordo com o seu aparecimento 187

GRÁFICO 16: Ocorrência dos signos 188

GRÁFICO 17: Comparação entre ocorrência e recorrência 189

GRÁFICO 18: Total geral dos signos 191

INTRODUÇÃO

As representações rupestres constituem uma das principais evidências da presença humana no passado. Esta afirmação é sem dúvida adequada para o território brasileiro, uma vez que esta categoria da cultura material conforma um dos principais documentos acerca das ocupações humanas ocorridas em períodos pré-coloniais e que mais persistem no tempo, em função da natureza dos materiais minerais que majoritariamente as constituem, por se encontrarem em locais reservados e/ou de escassa acessibilidade. Apesar destas excepcionais características, podemos dizer que se trata de documentos arqueológicos de difícil apreensão do ponto de vista científico, por expressarem conteúdos simbólicos desconhecidos e, em contraponto, porque os detentores dos mecanismos de leitura de seus significados não existem mais. Ou seja, entre o documento arqueológico do passado e aquele que foi transmitido para o presente, existe um imenso processo de formação de heranças, cuja abordagem e compreensão no presente se tornam bastante complexas.

As primeiras notas sobre representações rupestres na Europa e na América do Sul datam do século XVI. Contudo, as pesquisas específicas das representações rupestres nestes continentes surgem a partir da segunda metade do século XIX, com efetivo desenvolvimento a partir do século XX (PROUS, 1992, p. 509; SANCHIDRIÁN, 2001, p. 23-31). Deste segundo momento se destacam os trabalhos de André Leroi-Gourhan e Annette Laming-Emperaire, cujas obras são consideradas marcos para o desenvolvimento moderno dos estudos das representações rupestres, uma vez que abrem novas possibilidades interpretativas da arte pleistocênica na Europa, distanciando-se da noção mágico-religiosa atribuída às

interpretações até aquele momento e chamando a atenção para a estruturação reconhecida nos elementos artísticos dos painéis (LAMING-EMPERAIRE, 1962; LEROI-GOURHAN, 1965, 1984; SANCHIDRIÁN, 2001; TRIGGER, 2004).

Seus trabalhos, sem dúvida, tiveram enorme repercussão na construção de metodologias adequadas para as investigações voltadas para as representações rupestres e na formulação de pressupostos orientados à observação dos grafismos. No Brasil, especificamente, a contribuição do pensamento destes autores teve influência direta. A Annette Laming-Emperaire, especialmente, coube a coordenação e a formação de equipes para a realização dos primeiros trabalhos arqueológicos sistemáticos sob a influência da escola francesa, nas décadas de 60 e 70 do século XX, sendo atribuídas a ela as principais diretrizes que perdurariam e se imporiam como norteadoras do olhar para as representações rupestres (PROUS, 1992, p. 17). Por isso, não seria exagerado dizer que, hoje, as maiores equipes que trabalham com representações rupestres no Brasil derivam, de maneira direta, de uma formação francesa.

No estado da Bahia os primeiros trabalhos arqueológicos orientados para a abordagem desta categoria da cultura material datam da década de 60 do século XX. No entanto, seu desenvolvimento mais significativo viria a ocorrer no florescer do século XXI. Disto resulta que, quando consideradas as dimensões deste território, a quantidade de trabalhos arqueológicos é ínfima (COSTA, 2005, p. 139-157; ETCHEVARNE, 2006, p. 45). Sendo assim, também não seria exagerado dizer que a maior parte do estado é inexplorada do ponto de vista arqueológico. Foi justamente esta condição que nos fez, em 2007, apresentar à Universidade de Coimbra uma proposta de pesquisa de doutoramento para o nordeste do estado, que seria realizada no município de Santa Brígida (COSTA, 2007c). Entretanto, já no início do doutoramento em Arqueologia no Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras, tivemos conhecimento de uma região igualmente desconhecida do estado, que se encontrava em risco de desaparição em decorrência de um continuado processo de destruição ambiental, onde nossa ação seria mais necessária e, além disso, estava sendo solicitada.

Agregadas essas novas razões, migramos nossos esforços para a essa região conhecida geograficamente como Piemonte da Chapada Diamantina, onde passamos a desenvolver a pesquisa de doutoramento. A área de recorte deste trabalho está situada no limite oriental da Chapada Diamantina e compreende os municípios de Jacobina, Miguel Calmon, Caldeirão Grande, Saúde, Caém e Mirangaba. A área considerada aqui tem aproximados 70 x 80 km de

extensão e está situada entre a borda leste da Chapada Diamantina – na feição geológica conhecida como Serra do Tombador – e a Serra de Jacobina. Tal área está contida na mesorregião do Centro-Norte baiano, que, por sua vez, é formada pela união de 80 municípios agrupados em cinco microrregiões, entre as quais se encontra a de Jacobina.

IMAGEM 1: Indicação da área de pesquisa no território sul-americano. Em azul, sobre o mapa da Bahia, estão ressaltadas as cidades de Caém, Caldeirão Grande, Jacobina, Miguel Calmon, Mirangaba e Saúde, no Piemonte da Chapada Diamantina. FONTE: www.ibge.gov.br. Trabalho gráfico: Autor.

Os objetivos iniciais de nossa abordagem previam mapear os sítios de representações rupestres, investigar a paisagem envolvente e as formas de apropriação dos suportes rochosos, as técnicas de preparação do suporte e de aplicação dos pigmentos ou de incisão das gravuras, identificar os motivos pintados ou gravados, bem como suas disposições nos painéis, finalizando com a associação das diferentes variáveis apreendidas com o intuito de interpretar as ocupações humanas ocorridas nesta região. Além disso, motivava-nos a possibilidade de ampliar o conhecimento sobre a ocupação pré-colonial do território baiano, contribuindo, no final da cadeia de produção de conhecimento, para os processos educativos e para a formação social/cidadã. Especificamente, vimos em nossa área de trabalho dados privilegiados que nos possibilitavam discutir axiomas consagrados para os estudos das representações rupestres no Nordeste brasileiro, de maneira que a nossa contribuição poderia não se restringir à área de pesquisa, mas ter efeitos para além desta área, questionando conhecimentos estabelecidos com críticas e lançando o olhar para ausências fundamentais nos estudos realizados. Foi dessa forma que chamamos a atenção para a observação dos signos geométricos, majoritariamente identificados nos sítios do Piemonte da Chapada Diamantina. Portanto, foram essas orientações técnicas e ideológicas que conduziram a formulação desta tese.

Este trabalho está formalmente dividido em três capítulos. O primeiro – Tradição, tradições, Bahia e alguns problemas: a construção do objeto de pesquisa – destina-se a construir o objeto de pesquisa, evidenciar os problemas e a hipótese que norteiam a tese de doutorado. Para tanto, inicialmente discute as bases sobre as quais se assenta o conhecimento acerca de representações rupestres no Nordeste brasileiro, abordando as perspectivas teóricas que orientam os estudos, incidindo sobre a observação da noção de tradição arqueológica imposta para as representações rupestres. Na sequência apresenta as tradições rupestres criadas para o Nordeste brasileiro e explora os impactos deste conhecimento sobre a observação dos sítios de pinturas e gravuras rupestres nesta região. Neste âmbito, questiona ainda a aplicação das tradições criadas para áreas específicas do Nordeste em contextos distintos daqueles para os quais foram elaboradas, bem como apresenta como um dos problemas das aplicações inadequadas a ausência de estudos específicos dos signos geométricos. Como consequência lógica dessa argumentação e encaminhando-se para a compreensão da área de pesquisa, segue-se abordando os estudos sobre representações rupestres realizados no estado da Bahia a partir de uma bibliometria da produção escrita sobre o assunto – artigos, *papers*, livros, teses, dissertações, laudos técnicos e relatórios. Com os dados até aqui disponíveis são apresentados o objeto de estudo, os problemas e a hipótese dessa pesquisa.

O segundo capítulo – A paisagem do Piemonte da Chapada Diamantina – propõe-se a abordar o delineamento paisagístico da região geográfica onde se encontram os sítios pesquisados. Inicia-se esclarecendo a noção de paisagem utilizada para a apreensão da região de estudo, que dará, por sua vez, subsídios para a compreensão das variáveis que serão consideradas para versar, na sequência, sobre o Piemonte: geotectônica, geologia, geomorfologia, solos, hidrografia, clima e vegetação. Além das informações naturais sobre a paisagem atual, apresentamos dados, ainda que incipientes, que permitem compreender a paleopaisagem desta região no final do Pleistoceno e durante o Holoceno, e aspectos relacionados ao uso humano da paisagem atual, que se interpõem como condicionantes metodológicos à pesquisa.

O terceiro capítulo – Sítios rupestres do Piemonte da Chapada Diamantina – destina-se a relatar o estudo específico dos sítios de pinturas rupestres identificados na área de recorte da pesquisa. Desta maneira, discute-se a noção de gramática aplicada aos sítios de representações rupestres, que se apresenta como alternativa teórico-metodológica à apreensão de sítios com signos geométricos. Segue-se a apresentação dos procedimentos de campo e laboratório que possibilitaram levantar e sistematizar parte dos dados empíricos que dão base à tese. Finaliza com os resultados, analisando a partir de gráficos, de percentuais, de dados quantitativos

absolutos e de dados qualitativos os contextos arqueológicos, primeiro sob o prisma da paisagem de inserção dos sítios, depois pela leitura da cultura material. É com esta base que serão esboçados os diferentes perfis gráficos identificados para o Piemonte da Chapada Diamantina, um modelo sucessório de ocupação, bem como uma hipótese acerca de uma possibilidade de ocupação em longo prazo na região.

Após os três principais capítulos da tese de doutoramento se encontram: as "Considerações finais", em que buscamos responder à hipótese da pesquisa, apresentada no primeiro capítulo, além de dar encaminhamentos para a continuidade das investigações; as "Referências bibliográficas", que estão sistematizadas de maneira alfabética e abrangem as referências escritas, cartográficas, legais e de *sites* oficiais utilizadas durante a pesquisa; e, finalmente, os "Apêndices", que contêm todos os dados criados em decorrência dos trabalhos de campo e de laboratório, referidos no terceiro capítulo.

Antes de avançar para o texto do primeiro capítulo, cabem esclarecimentos de duas noções que já se fazem presentes no trabalho. Ao falar de representações rupestres[1], estamos nos referindo especificamente aos desenhos, grafismos ou figuras aplicadas pela técnica aditiva (pigmentos) ou subtrativa (gravuras) sobre suportes rochosos fixos encontrados em diferentes paisagens. Trata-se de um segmento da cultura material reconhecido como pinturas e/ou gravuras rupestres, deixadas por populações que existiram em períodos pré-coloniais. Esta categoria da cultura material é classicamente conhecida como "arte rupestre". No entanto, como entendemos que o conceito de arte tem sentidos e apreensões distintas para os mais variados grupos humanos do globo terrestre e para as diferentes culturas, acreditamos que, apesar de compreensível, resulta inadequado o seu uso para as pinturas e gravuras identificadas no Brasil.

Primeiro porque pelas datações conhecidas, a distância cronológica entre as populações que fizeram as representações rupestres (todas extintas) e os atuais grupos indígenas brasileiros é muito grande, de forma a não ser possível estabelecer relações, o que fragilizaria a realização de analogias etnográficas que conduzissem a algum tipo de interpretação direta para a determinação do teor artístico dos grafismos. Segundo, porque os dados arqueológicos não possibilitam reconhecer o uso conferido aos sítios rupestres, muito menos os sentidos atribuídos. Terceiro, e mais contundente, os estudos das representações rupestres estão em

[1] Denis Vialou, professor do Museu de História Natural de Paris, entende que o termo representação rupestre refere-se "a manifestação gráfica de uma representação mental" (apud COMERLATO, 2005, p. 11; VIALOU, 2005, 1999, 1987).

fase considerada inicial no Brasil. Logo, falar em arte, na nossa ótica, significa interpretar antes de reconhecer o universo abordado.

Isto, por sua vez, não quer dizer que não admitamos a intenção estética associada às pinturas e gravuras rupestres. Em muitos casos isto é evidente para qualquer observador. Mas, entre a presença ou a ausência de noções estéticas que apelem para a apreensão sensorial do belo e a noção de arte para as diferentes culturas, existe uma imensa distância que nos faz entender como injustificada a adoção do termo "arte" para referir-se aos sítios de pinturas e gravuras rupestres e, assim, nos faz optar por outro conceito. Nesse sentido, a adoção do termo "representação rupestre" resulta do entendimento de que, independentemente do que signifiquem as pinturas e gravuras, elas, de fato, representam alguma coisa, desde a ausência de significados, conteúdos corriqueiros e/ou cotidianos, até mesmo conteúdos gráficos complexos com elaboradas abstrações e teor significativo que demandem apreensão relacional das paisagens, dos grupos humanos e das suas produções materiais. Ou seja, em qualquer situação, quem determinará possíveis sentidos das representações serão os estudos arqueológicos que, porventura, possibilitarão inferir a ausência de significados, sentidos artísticos, educativos, corriqueiro, comunicativo, mítico-religioso, entre tantos outros que possam ser conjecturados[2].

A segunda noção referida que estará presente no trabalho é a de "pré-colonial". Utilizamos este termo em detrimento de pré-histórico não como oposição, mas como adequação às especificidades da arqueologia brasileira. Isto porque, o termo pré-histórico advém de uma longa e histórica prática arqueológica realizada na Europa, e pressupõe todo período anterior ao surgimento da escrita como elemento de determinação do período de tempo que o conceito compreende. Como no caso do Brasil os grupos humanos anteriores à chegada dos colonizadores europeus não detinham os mecanismos da escrita, como detinham há muito tempo os do Velho Mundo, entendemos o termo pré-colonial como mais justo, uma vez que leva em consideração a história local como parâmetro de determinação do lapso de tempo que ele abrange. Assim, considera-se o advento da conquista do território brasileiro por grupos europeus, notadamente os portugueses, como demarcador do final do período pré-colonial e início do colonial. Ademais, como a conquista do território foi se dando de maneira gradual, a

[2] Como exemplo da multiplicidade de sentidos que os objetos artísticos podem ter, argumentaria Maria da Conceição Lopes, professora da Universidade de Coimbra: "Reconhece-se numa multiplicidade de suportes e expressões formais de conteúdo tangível ou intangível, no fundo de dissimulados e escuros abrigos e/ou grutas, em abertos, exprimindo vontades, pedidos, homenagens e credos, ou exibindo-se em opulência, propagandeando os poderes que a patrocinam, em objetos cotidianos, de grande e pequeno tamanho, de adorno, de culto, de qualidade mágicas ou simbólicas, de veneração ou apenas de embelezamento" (LOPES, 2008, p. 7).

data limite de avanço e domínio do território também se pode adequar em função das especificidades históricas.

Por fim, uma última observação, primordial para este trabalho de doutoramento, diz respeito àquilo que em nome de uma lógica positivista implícita é constantemente negligenciado na formulação dos trabalhos acadêmicos, que é a participação efetiva de instituições e de indivíduos na construção científica. Desta maneira, é necessário dizer que este trabalho nasce de um esforço particular de cooperação internacional entre diferentes equipes, da Universidade de Coimbra (através do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto) e da Universidade Federal da Bahia (a partir do Laboratório de Arqueologia e do Grupo de Pesquisas Bahia Arqueológica)[3], conduzido pela Profa. Dra. Maria da Conceição Lopes e pelo Prof. Dr. Carlos Alberto Etchevarne, respectivamente, com o sentido de qualificar quadros humanos orientados para a lida com o patrimônio arqueológico.

[3] Cooperação esta que tinha motivação em outras empreitadas acadêmicas, a exemplo do Fórum Luso Brasileiro de Arqueologia Urbana, realizado no ano de 2006 na Bahia, no ano de 2008 em Coimbra e no ano de 2011 em Recife.

CAPÍTULO I
TRADIÇÃO, TRADIÇÕES, BAHIA E ALGUNS PROBLEMAS: A CONSTRUÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

O presente capítulo destina-se a apresentar a problemática associada ao objeto de pesquisa. Para tanto inicialmente fará uma abordagem do arcabouço conceitual no qual se assenta a construção dos dados arqueológicos associados aos estudos das representações rupestres no Brasil, especificamente discutindo a noção de tradição arqueológica. Na sequência, apresentará as diferentes tradições definidas para o Nordeste brasileiro, exercendo a crítica necessária a este modelo classificatório e criando os primeiros elementos para a definição do objeto de estudo e a formulação do problema de pesquisa, colocando em evidência questões de ordem prática nas definições das tradições, em especial aquela rotulada como Geométrica. Em caráter de revisão bibliográfica, fará então um breve histórico das pesquisas realizadas no estado da Bahia. Este *corpus* inicial de informações faz-se necessário para que haja elementos mínimos para a identificação do problema de pesquisa e a formulação de uma resposta inicial à problemática (a hipótese de trabalho) que irá conduzir parte do nosso olhar ao longo da redação.

1.1. A NOÇÃO DE TRADIÇÃO ARQUEOLÓGICA

Esclarecer a noção de tradição arqueológica deriva da necessidade de demonstrar como este conceito é apreendido na arqueologia brasileira, haja vista que guarda diferenças em relação àqueles utilizados na antropologia e na história, que são noções mais divulgadas e conhecidas nas ciências humanas[4]. Além disto, entender este conceito do ponto de vista arqueológico é necessário porque as representações rupestres no Brasil têm sido estudadas a partir da ordenação em categorias crono-estilísticas denominadas de tradições.

Consta que a noção de tradição foi introduzida na arqueologia americana na década de 40 do século XX em trabalhos realizados por Gordon Willey no Peru (COSENS & SEDA, 1990, p. 36). A apreensão do termo por Willey baseava-se na ideia de que a arqueologia se fundamenta basicamente em três dimensões: tempo (sequenciais, regionais e locais), espaço (localidade, região e área) e forma (componente e fase), sendo que as noções de horizonte, tradição e clímax correspondem aos mecanismos de interação das três dimensões (WILLEY & PHILLIPS, 1953). Tradição, neste sentido, correspondia a uma das variáveis de um corpo metodológico que tinha a função de explicar os contextos arqueológicos, observando as formas da cultura material inseridas num espaço específico e com sequências temporais associadas às regiões[5]. Nesta mesma linha de raciocínio, Gordon Childe, nos trabalhos realizados na Europa, chamou de "cultura arqueológica" o "grupo de artefatos que ocorre de modo associado e que expressa tradições sociais comuns que unem um povo" (CHILDE apud WICHERS, 2010, p. 43). Essas influências seriam, portanto, compreendidas como as raízes desta discussão na arqueologia brasileira.

---

[4] De acordo com Caroline Luvizotto e José Poker, a tradição se apresenta como "(...) um conjunto de sistemas simbólicos que são passados de geração a geração e que tem um caráter repetitivo. A tradição deve ser considerada dinâmica e não estática, uma orientação para o passado e uma maneira de organizar o mundo para o tempo futuro. A tradição coordena a ação que organiza temporal e espacialmente as relações dentro da comunidade e é um elemento intrínseco e inseparável da mesma. (...) Seu caráter repetitivo denota atualização dos esquemas de vida. Isto significa que a tradição é uma orientação para o passado, justamente porque o passado tem força e influência relevantes sobre o curso das ações presentes. (...) A tradição também se reporta ao futuro, ou melhor, indica como organizar o mundo para o tempo futuro, que não é concebido como algo distante e separado, ele está diretamente ligado a uma linha contínua que envolve o passado e o presente. Esta linha é a tradição. Ela persiste e é (re)modelada e (re)inventada a cada geração. Neste sentido, pode-se dizer que não há um corte profundo, ruptura ou descontinuidade absoluta entre o passado, o presente e o futuro" (LUZIVOTTO & POKER, 2009, p. 4-5). Para outras discussões acerca do termo tradição, sugerimos a leitura das obras: "A invenção das tradições", de Eric John Earnest Hobsbawm & Terence Ranger (São Paulo: Paz e Terra, 2002); "Esboço de uma teoria geral da magia", de Marcel Mauss (Lisboa: Edições 70, 2000); "A busca da África no candomblé: tradição e poder no Brasil", de Stefania Capone (Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria / Pallas, 2004); ou mesmo a leitura do artigo "O ethos sanjoanense: tradição e mudança em uma 'cidade pequena'", de Márcio Caniello (In: Mana [online], vol.9, n.1. Rio de Janeiro: Museu Nacional / UFRJ, p. 31-56, 2003).

[5] Bruce Trigger teceu o seguinte comentário ao trabalho de Gordon Willey: "Culturas, assim como tipos de artefatos, foram consideradas quer como persistindo (possivelmente com lentas modificações) de modo a formar tradições, quer a propagar-se geograficamente de modo a criar horizontes culturais – um dos artifícios para alinhar tradições cronologicamente" (TRIGGER, 2004, p. 186).

Entretanto, sabe-se que efetivamente a noção de tradição foi inserida na arqueologia brasileira entre 1965 e 1970, durante o desenvolvimento do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (Pronapa), idealizado e financiado pelo Smithsonian Institution, sob a coordenação dos arqueólogos norte-americanos Betty Jane Meggers e Clifford Evans. Naquele momento, o objetivo geral do programa foi o de construir um panorama acerca da ocupação pré-colonial do território brasileiro, utilizando recursos metodológicos que incluíam a criação de tipologias cerâmicas (EVANS & MEGGERS, 1965). A tipologia, nesse programa, correspondia a um método quantitativo/qualitativo destinado ao estabelecimento de cronologias culturais, baseada, fundamentalmente, na elaboração da seriação dos artefatos feita a partir da abordagem proposta pelo arqueólogo, também norte-americano, James Alfred Ford (FORD 1954, 1961). Esse método ficou largamente conhecido como método Ford.

As tipologias criadas durante o Pronapa foram elaboradas através do levantamento extensivo de diversas regiões do território, durante o qual os sítios cerâmicos identificados seriam amostralmente escavados; os "cacos" coletados, classificados através da seriação e, com estes resultados, criou-se uma sequência de tradições e fases (EVANS & MEGGERS, 1965). Estas duas categorias são hierarquizadas por Meggers & Evans da seguinte maneira:

> Quando os restos arqueológicos que representam uma única tradição cultural cobrem uma área extensa (...), distinções relativamente pequenas em traços cerâmicos ou no padrão das freqüências dos tipos cerâmicos tem que ser empregadas para se estabelecer diferenciações geográficas e cronológicas das fases (MEGGERS & EVANS, 1970, p. 92).

O pressuposto básico da divisão por "tipos" fundamentava-se na ideia de que o desenvolvimento humano ocorreria a partir de critérios difusionistas e evolucionistas, de forma que as seriações refletiriam diferenças ou mudanças culturais das populações pré-coloniais no tempo e no espaço. Neste aspecto, o conceito de "tipo" utilizado por Meggers & Evans preconiza que:

> Um tipo cerâmico, definido em termos evolucionistas (...), é uma tradição (uma seqüência temporal de vasilhames) evoluindo separadamente de outras, e com o seu próprio papel evolutivo unitário e suas próprias tendências (...). A determinação da validade para tal tipo cerâmico seria sua significação cronológica, sua capacidade de refletir e, por isso, mostrar mudança através do tempo (MEGGERS & EVANS, 1970, p. 8).

Como se pode perceber, Meggers & Evans não definem, diretamente, tradição, mas utilizam-na como recurso para o estabelecimento dos limites do conceito de tipo. Embora não houvesse um conceito preciso, a noção de tradição como uma categoria classificatória englobando os tipos iria impregnar a arqueologia brasileira. Isto porque, como parte do Pronapa ocorreu um amplo projeto de treinamento de profissionais atuantes em diversas regiões do Brasil, com vistas a qualificá-los para os procedimentos do programa e, consequentemente, atingir o objetivo de reconhecimento extensivo das populações passadas. Desta maneira, ante a amplitude e objetivos, o Pronapa deixou marcas na construção dos cenários pré-coloniais e na formação arqueológica no Brasil, com bases empiristas calcadas em descrições técnicas dos materiais arqueológicos, que seriam traduzidas em tradições e fases arqueológicas[6].

É justamente em decorrência dos objetivos do Pronapa que seriam criados conceitos norteadores, com a possibilidade de rápida aplicação e identificação de atributos da cultura material, em campo, pelos membros do programa. Como exemplos destas definições, derivadas destes manuais, podemos citar: tipo, definido como o "grupo de características comuns, que distinguem determinados artefatos, ou seus restos, de outros semelhantes"; fase vista como "qualquer complexo de cerâmica, lítico, padrões de habitação, relacionado no tempo e no espaço, num ou mais sítios"; tradição, compreendida como o "grupo de elementos ou técnicas que se distribuem com persistência temporal"; e, por fim, horizonte, como o "conjunto de tradições que ocupam o mesmo núcleo temporal relativo em seqüências arqueológicas, que se apresentam em várias áreas geográficas" (CHMYZ, 1966, p. 14-20). Como não há, objetivamente, discussões associadas aos conceitos apresentados e verificadas ambiguidades que impossibilitem compreender os seus exatos limites – haja vista derivarem dos manuais didáticos publicados durante o Pronapa e para os seus membros –, torna-se difícil entender quais as aplicabilidades das definições para a leitura e interpretação das populações passadas.

Derivado deste contexto, o primeiro autor que, de fato, se deteve na discussão do conceito de tradição na arqueologia brasileira foi o arqueólogo espanhol Valentín Rafael Simon Joaquim Calderón de la Vara, mais conhecido como Valentín Calderón, da Universidade Federal da Bahia, a partir de suas observações das pinturas rupestres de sítios baianos (MARTÍN, 1999,

[6] Exemplo disto são os manuais terminológicos sucessivamente publicados por membros do Pronapa (CHMYZ, 1966, 1969; CHMYZ et al., 1976; SIMÕES, 1972).

p. 240). Fruto da sua experiência na arqueologia[7] e da sua participação no Pronapa, Calderón adaptou a noção de tradição trabalhada nos estudos cerâmicos para as pinturas rupestres, quando a definiu como:

> (...) o conjunto de características que se reflete em diferentes sítios ou regiões, associadas de maneira similar, atribuindo cada uma delas ao complexo cultural de grupos étnicos diferentes que as transmitiam e difundiam, gradualmente modificadas, através do tempo e do espaço" (CALDERÓN, 1983 [1967], p. 13).

Calderón partia do pressuposto de que a similaridade nas características técnicas e morfológicas de determinadas categorias de cultura material, verificadas em diferentes sítios, era indicativa da ocupação do território por grupos humanos que comungavam de aspectos culturais comuns, atribuindo a esta semelhança a presença de grupos étnicos específicos que teriam vivido numa dada região e num dado tempo. Seguindo as orientações do Pronapa, Calderón chamou de "fase" as mudanças verificadas na cultura material ao longo do tempo, que representam momentos históricos observados no âmbito de uma tradição arqueológica, fruto de mobilidade específica regional (CALDERÓN, 1983 [1967], p. 13). Com estas orientações, Calderón viria a definir na Bahia as tradições "realista" – posteriormente redefinida como "naturalista" – e "simbolista" (COSTA, 2005, p. 145).

Objetivamente, as tradições rupestres definidas por Calderón não tiveram repercussão nem uso por outros arqueólogos. Apesar disto, é inegável o fato de Valentín Calderón ter introduzido a noção de tradição nos estudos de representações rupestres; noção esta que foi, e é, amplamente difundida e utilizada.

Após a contribuição de Valentín Calderón, o uso e a disseminação sistemáticos das classificações das tradições rupestres no Brasil ocorreram, de fato, nas décadas de 70 e 80 do século XX, a partir dos estudos realizados por diferentes arqueólogos, tais como: tradição Meridional definida por Pedro Augusto Menz Ribeiro na década de 70 para identificar gravuras geométricas lineares, localizadas no Vale do Jacuí, Rio Grande do Sul, indo em direção ao território argentino; tradição Litorânea catarinense estudada por João Alfredo Rohr e por André Prous na década de 70, caracterizada por gravuras geométricas situadas,

[7] Calderón, antes de se radicar na Bahia, trabalhou com dois eminentes arqueólogos espanhóis: Pedro Bosch Gimpera, professor do Colégio de México, de quem era considerado discípulo e amigo; e Hugo Obermaier, quando atuou como ajudante em Altamira.

majoritariamente, em ilhas marinhas; tradição Geométrica, estudada nas décadas de 70 e 80, que corresponde a sítios de pinturas rupestres identificados em quase todos os estados do Brasil, descrita, portanto, por diversos autores (João Alfredo Rohr, Desidério Aytai, Walter Piazza, Solange Calderalli, Guy Christian Collet, Pedro Ignácio Schmitz, Milton Parnes e Alfredo Mendonça Souza, entre outros); tradição Planalto, descrita por André Prous nas décadas de 70 e 80, que tem expressão no norte do Paraná até o oeste da Bahia, concentrando-se em Minas Gerais, caracterizada por representações zoomorfas; tradição Nordeste, definida por Niède Guidon na década de 80 para identificar representações do Piauí, mas com expressão em todos os estados do Nordeste brasileiro, indo até o norte de Minas Gerais, definidas por motivos figurativos miniaturizados, finamente executadas, representando cenas; tradição Agreste, definida por Alice Aguiar Cavalcanti no início da década de 80 para indicar grafismos dos estados do Ceará, Bahia, Paraíba, Pernambuco, Piauí e Rio Grande do Norte, reconhecidas por representações cheias, de grande dimensão, biomorfas e em posições "estáticas"; tradição São Francisco, reconhecida por André Prous no Vale do rio São Francisco nos estados da Bahia, Minas Gerais e Sergipe, caracterizada por grafismos abstratos cuidadosamente executados, simétricos, policrômicos intercalados com zoomorfos e antropomorfos; tradição Itaquatiara[8], reconhecida em todo o Brasil, representada por sítios de gravuras rupestres, incluindo-se, no seu âmbito, a chamada tradição Amazônica; entre tantas outras de menor expressão e uso (CAVALCANTI, 1996; COLONELLI & MAGALHÃES, 1975; ETCHEVARNE, 2007, p. 38-77; JORGE et al., 2007, p. 144-235; MARTÍN, 1999, p. 251-304; PESSIS, 2003, p. 79-106; PROUS, 1994, p. 77-144; PROUS, 1992, p. 511-530).

[8] O termo é encontrado nos diferentes autores com duas grafias: Itaquatiara ou Itacoatiara. Utilizaremos apenas a primeira grafia para manter uniformidade na redação e porque é a forma mais utilizada entre os autores.

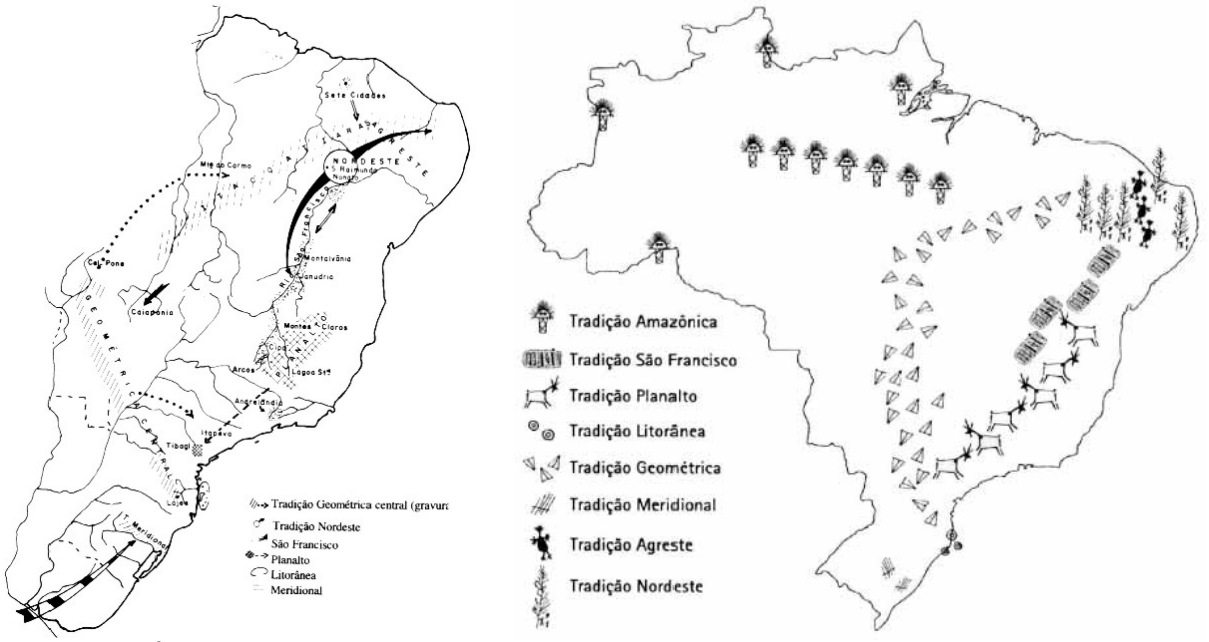


IMAGEM 2: À esquerda, distribuição das tradições rupestres no Brasil excetuando a área amazônica, de acordo com André Prous. À direita, distribuição das tradições rupestres no Brasil, de acordo com Maria Dulce Gaspar. Fontes: PROUS, 1992; GASPAR, 2003.

Estes dados demonstram e confirmam a amplitude que tomou a noção de tradição na arqueologia brasileira, passando a se configurar como um pilar para o reconhecimento das representações rupestres das diferentes populações pré-coloniais. Apesar desta ampla disseminação da ideia, no cômputo destes estudos, em decorrência da verificação das limitações conceituais apresentadas e da maior ou menor popularidade da produção de alguns arqueólogos, um processo de ressignificação e relativização do conceito de tradição passaria a ocorrer.

No Nordeste brasileiro, nos estudos realizados no Parque Nacional Serra da Capivara, a arqueóloga franco-brasileira Niède Guidon – professora aposentada da École des Hautes Études en Sciences Sociales, na França, e presidente da Fundação Museu do Homem Americano no Piauí, Brasil – adotou a noção de tradição para identificar as grandes classes das representações rupestres que compunham “identidades” de caráter geral, quando os grafismos identificados seriam reunidos em tipos, que levariam em consideração a proporção relativa que esses tipos guardam entre si. Desta maneira, agregaria as pinturas e gravuras em quatro grandes tradições, definidas como Nordeste, Agreste, Geométrica e Itaquatiara (GUIDON, 1989, p. 5-10). Ou seja, Niède Guidon toma a noção de tradição unicamente como uma grande categoria taxonômica da cultura material, sem, explicitamente, entrar no mérito da correspondência entre a cultura material e os grupos étnicos específicos. No entanto, fica

implícita em sua construção a consideração da existência de: 1) unidades gráficas, uma vez que cria as tradições a partir da definição de tipos; 2) espaço, na medida em que concentra suas observações num território específico; 3) e tempo, já que busca sempre amparo das sobreposições e das datações de sítios para a determinação das tradições.

Destes estudos derivariam, por exemplo, dois outros conceitos associados: subtradição e estilo. A subtradição corresponde a diferenças nas apresentações gráficas de um mesmo tema numa tradição, mas associada à distribuição geográfica desta diferença. Trata-se do refinamento da descrição de uma tradição, quando começam a ser notadas distinções com expressão regional na sua conformação interna. Por sua vez, o conceito de estilo reflete particularidades que se manifestam no plano técnico de manufatura e apresentação gráfica. Trata-se de um nível classificatório, cujo objetivo é recuperar variações das dimensões plásticas, temática e de apresentação gráfica numa subtradição (PESSIS, 1992, p. 50-52).

Por seu turno, o arqueólogo francês André Prous, professor titular da Universidade Federal de Minas Gerais, além de afirmar que a ideia de tradição rupestre pressupõe "(...) uma certa permanência de traços distintivos, geralmente temáticos", consideraria que esta noção refere-se a:

> (...) uma aproximação, já que existe sempre uma certa variabilidade intra-regional, que pode demonstrar evoluções culturais no tempo, no espaço, ou funções distintas. Além disto, se reconhecemos tradições regionais, suas manifestações podem se misturar ou se superpor, particularmente nos territórios fronteiriços (PROUS, 1992, p. 511).

Ao considerar a noção de "permanência de traços distintivos", fica explícita na definição de André Prous a existência de uma unidade gráfica transmitida ao longo do tempo, que define, posteriormente, como cultural, ainda que coloque em evidência a subjetividade do arqueólogo na construção de uma "aproximação". Também relativiza esta unidade cultural, chamando a atenção para outras situações culturais que poderiam levar à ocorrência de representações de grupos distintos no mesmo espaço, nas situações em que o território fora ocupado por sociedades diferentes. Ainda que os traços culturais sejam colocados como um fundamento relativo, já que poderiam estar misturados, as noções de tempo e espaço permanecem invariáveis no conceito. Para uma aplicação técnica do conceito de tradição, que possibilitasse a apreensão, em campo, dos limites entre as diferentes tradições, Prous apontaria subclassificações deste conceito, agregando a ele a noção de estilos e fácies. Diria o autor:

> A tradição (...) [reúne] (...) componentes gráficos com atributos suficientemente peculiares para serem opostos aos outros conjuntos definidos, sugerindo uma base mitológica ou conceitual comum; os estilos (...) [correspondem] (...) ao desenvolvimento de aspectos originais dentro da mesma tradição; as fácies (...) [caracterizam-se] (...) por variantes menores, em geral ligadas à interpretação local de uma mesma temática (PROUS, 1992, p. 113).

Por sua vez, o conceito de tradição aplicado às representações rupestres apresentado pela arqueóloga espanhola Gabriela Martín, professora da Universidade Federal de Pernambuco, aponta a tradição como:

> (...) a representação visual de todo universo simbólico primitivo que pode ter sido transmitido durante milênios sem que, necessariamente, as pinturas de uma tradição pertençam aos mesmos grupos étnicos, além do que poderiam estar separados por cronologias muito distantes (MARTÍN, 1999, p. 240).

Apesar de retomar a noção de grupos étnicos trabalhada por Calderón, o conceito de tradição de Martín, em termos semânticos, aproxima-se daquele apresentado por André Prous. Primeiro, porque a noção de grupos étnicos é ampla em ambos os autores; em Martín esta noção é colocada com o sentido de abrir a possibilidade de intervenção de outros grupos na confecção e uso das representações rupestres, bem como considera Prous ao afirmar que as manifestações de diferentes grupos culturais "podem se misturar ou se superpor (...) nos territórios fronteiriços". Segundo, porque a ideia de "transmissão ao longo do tempo" de Martín equivale à de "permanência" de Prous. Terceiro, porque a variável espaço é considerada pelos dois autores na realização dos seus estudos. A diferença, no entanto, reside no fato de que a noção de tempo aplicada à ideia de tradição de Martín é relativa, uma vez que a autora considera a possibilidade de tradições iguais poderem ser expressas anacronicamente, em lapsos de tempos diferentes, inclusive cronologicamente muito distantes. Neste aspecto em especial, visão semelhante tem a arqueóloga francesa Anne Marie Pessis, professora da Universidade Federal de Pernambuco, quando determina que:

> (...) o que se procura estabelecendo tradições é a integração de obras gráficas pertencentes a um mesmo grupo cultural, independente da unidade cronológica, e identificar as características dos registros próprios do meio cultural ao qual os autores pertenciam (PESSIS, 1992, p. 46).

Com esta afirmação de Pessis fica explícita a relação direta entre tradição arqueológica e grupos culturais específicos – ainda que não se saiba qual grupo cultural esteja sendo abordado –, o que equivale à noção de grupos étnicos trabalhada por Calderón. Mas o que queremos ressaltar na pesquisadora é a possibilidade de um grupo cultural específico persistir com expressões culturais semelhantes em tempos distintos, inclusive cronologicamente muito distantes. Neste sentido, cabe dizer que esta ótica é baseada na possibilidade de permanência por um lapso de tempo grande de uma mesma tradição, que vai evoluindo ao longo do tempo; é esta diretriz evolucionista que irá conduzir, por exemplo, os olhares de Calderón, Guidon, Martín, Pessis e Prous.

Vanessa Linke e Andrei Isnardis, pesquisadora e professor da Universidade Federal de Minas Gerais, apresentam uma leitura tecnicista do termo tradição que relativiza uma série de certezas implícitas, uma vez que o consideram uma categoria classificatória utilizada apenas como ferramenta metodológica que permite demonstrar "aspectos do registro arqueológico com expressivas profundidade temporal e distribuição geográfica". Ou seja, não se trata, necessariamente, da leitura de um grupo cultural específico, senão do reconhecimento pelo arqueólogo de regularidades no registro arqueológico. Para os autores a noção de tradição reflete:

> (...) conjuntos de recorrências que expressam as normas pelas quais agem as culturas ou grupos culturais e que orientam a produção da cultura material (...). As diferenças e similitudes entre conjuntos gráficos seriam indicativas de uma afinidade cultural existente ou ausente. Assim (...), é possível que haja uma expressiva afinidade cultural, entre grupos autores de uma mesma Tradição, e uma igualmente expressiva diferença no repertório cultural, ligado aos grafismos rupestres entre grupos humanos autores de figuras atribuídas a Tradições distintas (LINKE & ISNARDIS, 2008, p. 33).

Com esta aplicação, Linke & Isnardis não criam critérios fechados na definição de tradição, pois reconhecem as limitações do conceito ao chamar a atenção para a complexidade de situações sociais que poderiam levar a semelhanças e diferenças na forma de representar. Assim, nem uma (semelhanças) nem a outra (diferenças) condição podem, efetivamente, ser consideradas determinantes para a segregação autoral das pinturas e gravuras por culturas ou etnias (LINKE & ISNARDIS, 2008, p. 33-35).

Como pudemos perceber ao longo desta discussão, a noção de tradição foi inserida na arqueologia desenvolvida no Brasil na década de 1960[9] e ressignificada durante os anos seguintes, porém, sem deixar de ser largamente usada. Como apontamos no início deste subcapítulo, parece existir uma dissociação entre o conceito de tradição utilizado nas ciências humanas e o conceito de tradição utilizado na arqueologia brasileira.

Partindo do primeiro conceito de tradição que viria a balizar o entendimento acerca dessa noção na arqueologia brasileira, fornecido por Valentín Calderón, é flagrante a atribuição direta de grupos étnicos para a identificação de certos elementos comuns na cultura material encontrados em diferentes sítios. Entendemos que esta compreensão apresenta alguns complicadores, pois exclui da interpretação arqueológica uma grande quantidade de situações sociais que poderia levar à existência ou inexistência de certos traços na cultura material em sítios distintos, que não necessariamente refletem a ação de grupos étnicos específicos, a exemplo da troca de objetos, intercâmbio de materiais e tecnologias, comércio, desvio de materiais, conflitos interétnicos, transferência de indivíduos etc. Ainda que para as pinturas e gravuras rupestres estes riscos sejam menores – já que a sua confecção pressupõe a existência da intencionalidade dos que a produziram, o conhecimento prévio de um repertório gráfico e a sua fixação no espaço –, não podemos desconsiderar a complexidade social que levou à sua existência[10].

Há de se notar, também, que para a determinação da maioria das tradições arqueológicas rupestres se levou em consideração, exclusivamente, o conteúdo gráfico, nem sempre considerando outros contextos arqueológicos, o que acaba sendo incoerente quando reconhecemos a diversidade da ação humana sobre o espaço. Anne-Marie Pessis estabelece uma discussão análoga sobre a improcedência do termo “tradição”, na medida em que considera inadequada a sua escolha em decorrência das inúmeras significações que ele abriga, o que gera ambiguidade na sua compreensão por pesquisadores de outras áreas das ciências humanas (PESSIS, 1992, p. 43).

Por outro lado, é passível de nota um artigo recente de Gabriela Martín e Niède Guidon, “A onça e os orantes: uma revisão das classificações tradicionais dos registros rupestres no Nordeste do Brasil”, em que relatam o sentido inicial da proposição das tradições

[9] Embora a origem desta discussão pareça ser anterior.

[10] “A transmissão cultural pode-se realizar sem necessidade de grandes migrações, mas, sem dúvida, uma idéia, o mito de um grupo, se transmitiu numa série de mensagens que depois se repetem, às vezes com mudanças, com variações, mas sempre com a mesma idéia” (MARTÍN, 2007, p. 8)..

arqueológicas como categorias iniciais (categoria de entrada) para os estudos arqueológicos de determinadas regiões e de que modo estas categorias se alastraram, como se refletissem conhecimentos fixados e imutáveis, tomando uma dimensão que não reflete, necessariamente, a proposição inicial (MARTÍN & GUIDON, 2010).

Ainda que compreendamos estas limitações, há de se considerar que quase todos os estudos sobre representações rupestres no Brasil se têm baseado neste pilar metodológico. Como vimos, existem críticas, inclusive de autores que adotam esta categoria taxonômica[11], e diferenças semânticas desta noção entre os pesquisadores. Mas é fato que tal noção continua sendo utilizada como categoria classificatória das representações rupestres. Justamente por isto, apesar das distinções, compreendemos que esta noção não estaria em uso se não houvesse algo em comum, que levasse os arqueólogos a reconhecer a sua importância como procedimento metodológico.

Aprofundando esta discussão, percebemos que nas diferentes definições parecem existir alguns princípios que norteiam a observação das tradições e criam um diálogo e um entendimento entre os pesquisadores: primeiro, que certos aspectos culturais de distintos grupos humanos poderiam ser reconhecidos a partir das semelhanças e das diferenças verificadas na cultura material, no caso, nas representações rupestres; segundo, que tais aspectos culturais tivessem expressão em lapsos de tempo específicos, vistos a partir das datações absolutas e relativas obtidas nos sítios com painéis rupestres, na sucessão/sobreposição das pinturas e gravuras; e terceiro, que além da especificidade temporal existisse um espaço específico de ocorrência destes elementos da cultura material. Neste sentido, a noção de tradição arqueológica aplicada às representações rupestres tem como diretrizes, que permeiam todos os conceitos, a necessidade do reconhecimento de dados concernentes a aspectos técnico-morfológicos das pinturas e gravuras, uma determinada cronologia (ainda que relativa) e um espaço de ocorrência. Ou seja: cultura, tempo e espaço. A diferença reside, no entanto, na forma como cada autor apreende cada uma destas diretrizes.

Entendemos as limitações existentes na noção de tradição. No entanto, o fato é que não há outro modelo metodológico aplicado aos estudos das representações rupestres brasileiras. Consideramos que neste momento, os dados existentes são insuficientes para a proposição de um novo modelo interpretativo. Acreditamos que é necessário ter um conjunto mais

[11] A exemplo de Anne Marie Pessis (1992), Loredana Ribeiro (2006), Vanessa Linke e Andrei Isnardis (2008), Gabriela Martín e Niède Guidon (2010), entre outros.

expressivo de informações, com maior detalhamento de contextos, mais apresentação dos registros de campo, acrescidas de exames laboratoriais, confronto de situações arqueológicas de realidades distintas, datações etc., para que se possa realizar uma proposição que dê conta do cenário pré-colonial em apreço, se é que isto é possível.

Embora os dados atuais sejam incipientes, a noção de tradição arqueológica aplicada no Brasil nos últimos 50 anos levou a que, inevitavelmente, se criasse um volume de informações, muitas vezes desconectadas entre si, sobre algumas categorias da cultura material – especificamente a cerâmica, a lítica e a representação rupestre – de modo que hoje se torna impossível desconsiderar estes dados. Assim, tomaremos a noção de tradição e seus resultados como ponto de partida para a criação de um cenário arqueológico que dê embasamento ao tema a ser abordado nesta tese.

1.2. AS REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NO NORDESTE BRASILEIRO

Tendo em vista o modelo majoritariamente adotado para o estudo das pinturas e gravuras, o das tradições arqueológicas, cabe apresentar aquelas que sintetizam as representações rupestres no Nordeste brasileiro[12], região de inserção da área de pesquisa, para, na sequencia, concentrar tal quadro ao estado da Bahia. Se, por um lado, este panorama tenderá a situar acerca do conhecimento acumulado nesta região, por outro, permitirá que comecemos a delinear o nosso problema de pesquisa. Justamente por isto, adotaremos como condução metodológica na redação deste subcapítulo a apresentação, primeiro, das diferentes tradições encontradas no Nordeste brasileiro para, nesta discussão, levantar as questões advindas das classificações, que dão as bases para o nosso problema de pesquisa.

Como esboçamos no tópico anterior, ao longo dos últimos 50 anos foram definidas tradições arqueológicas para diferentes partes do Brasil, entre as quais se concentram na região Nordeste as tradições: Nordeste, Agreste, São Francisco, Astronômica, Itaquatiara e Geométrica. Seguiremos esta mesma ordem na apresentação das tradições, pois ela servirá de sustentação argumentativa para o nosso objeto de estudo.

[12] O Nordeste brasileiro compreende os estados de Alagoas, Bahia, Ceará, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Piauí, Rio Grande do Norte e Sergipe.

A **tradição Nordeste** constitui a mais estudada das tradições arqueológicas associadas às pinturas rupestres do Nordeste brasileiro. Esta tradição foi definida no começo dos anos 1980 por Niède Guidon nos estudos realizados no Parque Nacional Serra da Capivara[13] no Piauí (GUIDON, 1984), mas, detalhada nas décadas seguintes por Anne Marie Pessis, Bernadette Arnoud, Laurence Ogel-Ross, Silvia Maranca, Susana Monzon, Gabriela Martín, entre outros (MARTÍN, 1999, p. 251-252).

Embora exista um momento preciso para o estabelecimento da tradição Nordeste, compreendemos que o reconhecimento preliminar de um repertório gráfico específico com as características atribuídas a esta tradição antecede a década de 1980 (COSTA, 2005, p. 145-146; ETCHEVARNE, 2007, p. 59; MARTÍN, 1999, p. 274). Isto porque Valentín Calderón no final da década de 60 e início de 70 do século XX, em seus estudos na Chapada Diamantina, no Planalto e no norte baiano, definiu a "tradição Realista", que posteriormente renomeou como "tradição Naturalista", com as seguintes características:

> Tradição Realista - O exame de uma série de pictografias nas quais é bem visível a intenção de reproduzir homens, animais e plantas, com o máximo rigor permitido pela habilidade técnica de seus autores, levou à identificação de uma forma de expressão artística que por sua difusão espacial e, provavelmente, temporal, suas características de fidelidade aos modelos que se tentaram copiar, denominamos de Tradição Realista, cuja extensão geográfica parece ultrapassar os limites do Estado (CALDERÓN, 1983 [1967], p. 14).
>
> Tradição Naturalista - Esta tradição, estudada pela primeira vez no norte da Chapada Diamantina (...) se caracteriza pelos esforços realizados em todas as suas fases para reproduzir figuras antropomorfas ou zoomorfas com a maior fidelidade, permitindo identificar, facilmente, as ações que estão realizando (CALDERÓN, 1983 [1971], p. 30).

Por sua vez, a tradição Nordeste é caracterizada por pinturas finamente executadas, traçadas em tamanhos pequenos, que privilegiam as técnicas de delineamento, com figuras que representam ações e acontecimentos (PESSIS, 1992, p. 46). O universo pictórico expressa "figuras reconhecíveis", representando antropomorfos (em sua maioria) e animais, além de

[13] O Parque Nacional Serra da Capivara tem uma área de 129.140 ha e seu perímetro é de 214 km. Abrange os municípios de Brejo do Piauí, Coronel José Dias (epicentro do parque), João Costa e São Raimundo Nonato (maior centro urbano da região), todos na região sudeste do estado do Piauí. Dista 530 km da capital do estado, Teresina (http://www.ibama.gov.br).

plantas e objetos em menor quantidade, sempre dispostas nas paredes e nos tetos de abrigos rupestres[14] (PESSIS, 2003, p. 83). Assim sendo, comparadas às descrições preliminares, depreende-se que Calderón, Pessis e Guidon estivessem falando de repertórios gráficos semelhantes. Contudo, como ressaltamos anteriormente, os estudos de Calderón foram preliminares e não avançaram para além de suas primeiras incursões de campo, de forma que a contribuição para a definição e o detalhamento da tradição Nordeste, com estudos sistemáticos e continuados por mais de 40 anos consecutivos, é, sem dúvida, da equipe da Fundação Museu do Homem Americano (Fumdham), encabeçada por Niède Guidon, Anne Marie Pessis e Gabriela Martín. Com maior riqueza de detalhamento, acerca da tradição Nordeste, diria Anne Marie Pessis:

> Realizadas com aprimoramento técnico, que reflete maestria pictural e domínio de recursos gráficos, as pinturas evidenciam a preocupação de fornecer ao observador os elementos de identificação essenciais que permitam reconhecer as figuras. As cenas representadas nas figuras mostram a existência de escolhas temáticas identificáveis e reconhecíveis, por qualquer observador. Mostram também conjuntos de figuras representando ações, através de posturas e gestos que mostram fases de atividades fixadas em um instante claramente descrito. Não é apenas a narrativa da imagem que caracteriza as pinturas, pois em todo o mundo grupos culturais diferentes pintaram figuras narrativas. O que as diferencia são a temática e as modalidades de encenação utilizadas em cada situação (PESSIS, 2003, p. 84).

A presença de elementos reconhecíveis[15], sempre dispostos de forma equilibrada – quando os antropomorfos, zoomorfos, plantas e objetos são reunidos de maneira harmônica e contextualizada em uma cena – é que dá à tradição Nordeste o caráter narrativo, oferecendo ao observador a possibilidade de interpretação de ações que sugerem diferentes situações, a exemplo de lutas, caças, danças, rituais, sexo etc. Estas situações provavelmente refletem o

[14] "Pela sua complexidade, diversidade e pela maneira como as figuras se relacionam, as pinturas desta tradição são uma fonte de informações extremamente rica que permite a reconstituição de aspectos da vida das comunidades humanas em épocas pré-históricas. O conjunto das figuras fornece informações sobre a vida cotidiana, as crenças religiosas, as manifestações rituais, os ornamentos, as armas e outros objetos" (PESSIS, 2003, p. 83-84).

[15] Este termo representa uma série de categorias analíticas elaborada por Anne Marie Pessis e adotada pela equipe da UFPE para tratamento das pinturas rupestres. Como exemplo, chama-se de "irreconhecível" o grafismo que, por perda de partes ou distribuição informe da tinta, não é reconhecível. De "puro" o grafismo que pode ser reconhecido, por comparação, em recorrências, ou por exclusão. E de "reconhecido" o grafismo que representa realidades conhecidas no universo cognitivo atual (PESSIS, 1989).

universo físico e/ou mítico do cotidiano dos grupos que elaboraram as pinturas. Este potencial narrativo – expresso na diversidade de temas representados, associado à riqueza de atributos que acompanham as representações –, além de apontar para a capacidade de materialização do universo observado/refletido pelos grupos humanos que o utilizaram, tem sido considerado como indicador da existência de hierarquias sociais nos grupos que produziram as pinturas (MARTÍN, 1999, p. 252).

Outros elementos associados à tradição Nordeste, utilizados como recursos para o seu reconhecimento, são os marcadores "emblemáticos", que correspondem a figuras com particularidades significativas de representação que aparecem de maneira recorrente nos diferentes sítios onde esta tradição é identificada. Tais elementos emblemáticos atuam como "logotipos", que, além de permitir o reconhecimento da tradição Nordeste, impõem à interpretação arqueológica a necessidade de considerar a existência de figuras com ampla distribuição geográfica e possibilidade de um significado comum; isto é, signos semelhantes na representação e, muito provavelmente, nos significados, partilhados por diferentes grupos humanos em um vasto território. Dentre os principais motivos emblemáticos, destaca-se o "costa a costa", que corresponde à representação de dois ou mais antropomorfos de perfil, quando um/uns se apresenta(m) de costas para o(s) outro(s), geralmente com um tridígito entre as figuras humanas; figuras humanas, geralmente de gêneros diferentes, que seguram ou protegem uma criança; e as "cenas de árvores", quando antropomorfos são representados em volta de uma galha ou planta (MARTÍN, 1999, p. 252-256).

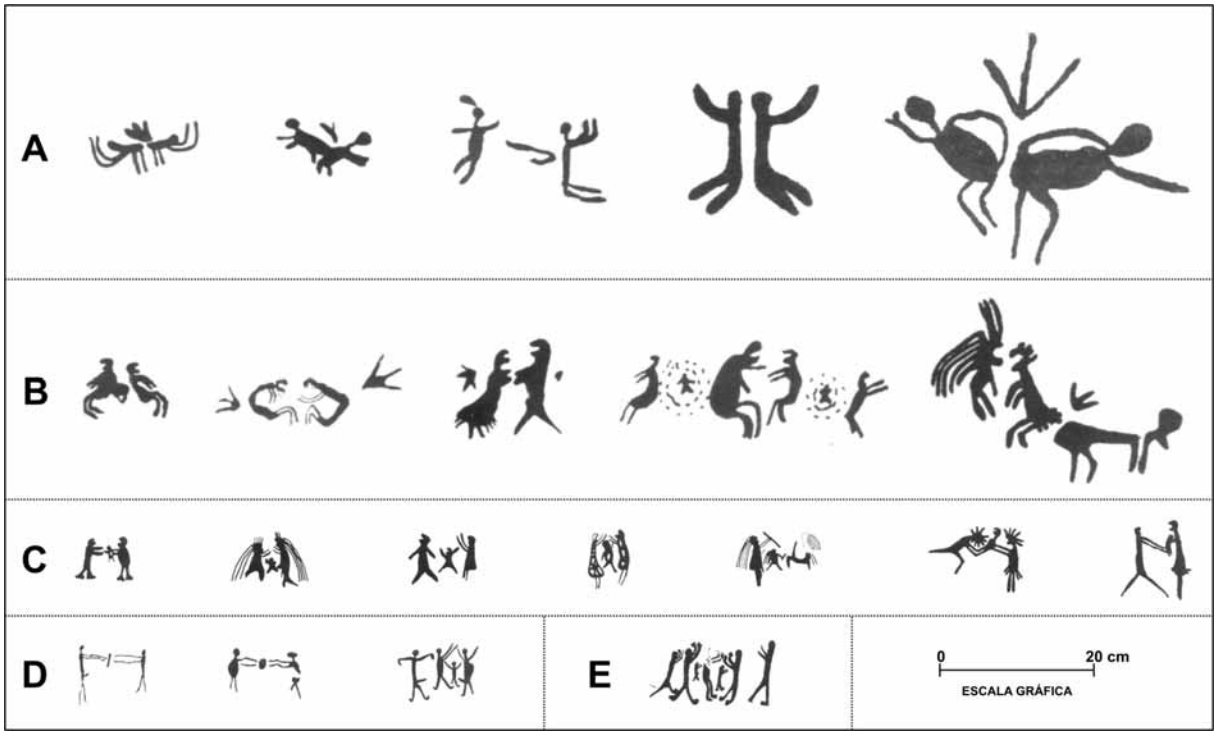


IMAGEM 3: Representações emblemáticas da tradição Nordeste: a) costa a costa em São Raimundo Nonato, Piauí; b) variações do costa a costa em Carnaúba dos Dantas, Rio Grande do Norte; c) ação cerimonial com representação de criança no centro em Parelhas e Carnaúba dos Dantas, Rio Grande do Norte; d) ação cerimonial com representação de criança no centro em São Raimundo Nonato, Piauí; e) ação cerimonial com representação de crianças no centro em Lençóis, Bahia. Fonte: MARTÍN, 1999, p. 253-254.

A maior parte das representações da tradição Nordeste foi feita em diferentes tonalidades de vermelho, seguido do amarelo, preto e branco, mais difíceis de ser encontrados. Os pigmentos conhecidos são quase exclusivamente derivados minerais, em especial: óxido de ferro e as hematitas, que fornecem diferentes tonalidades de vermelho até um marrom; as limonitas terrosas, que possibilitam diferentes tonalidades de amarelo; óxido de manganês, que fornece o preto; e as caulinitas, o branco. Com relação à natureza dos aditivos, a única exceção conhecida aos pigmentos minerais é o raro uso do carvão triturado, que é orgânico (ETCHEVARNE, 2007, p. 121-122).

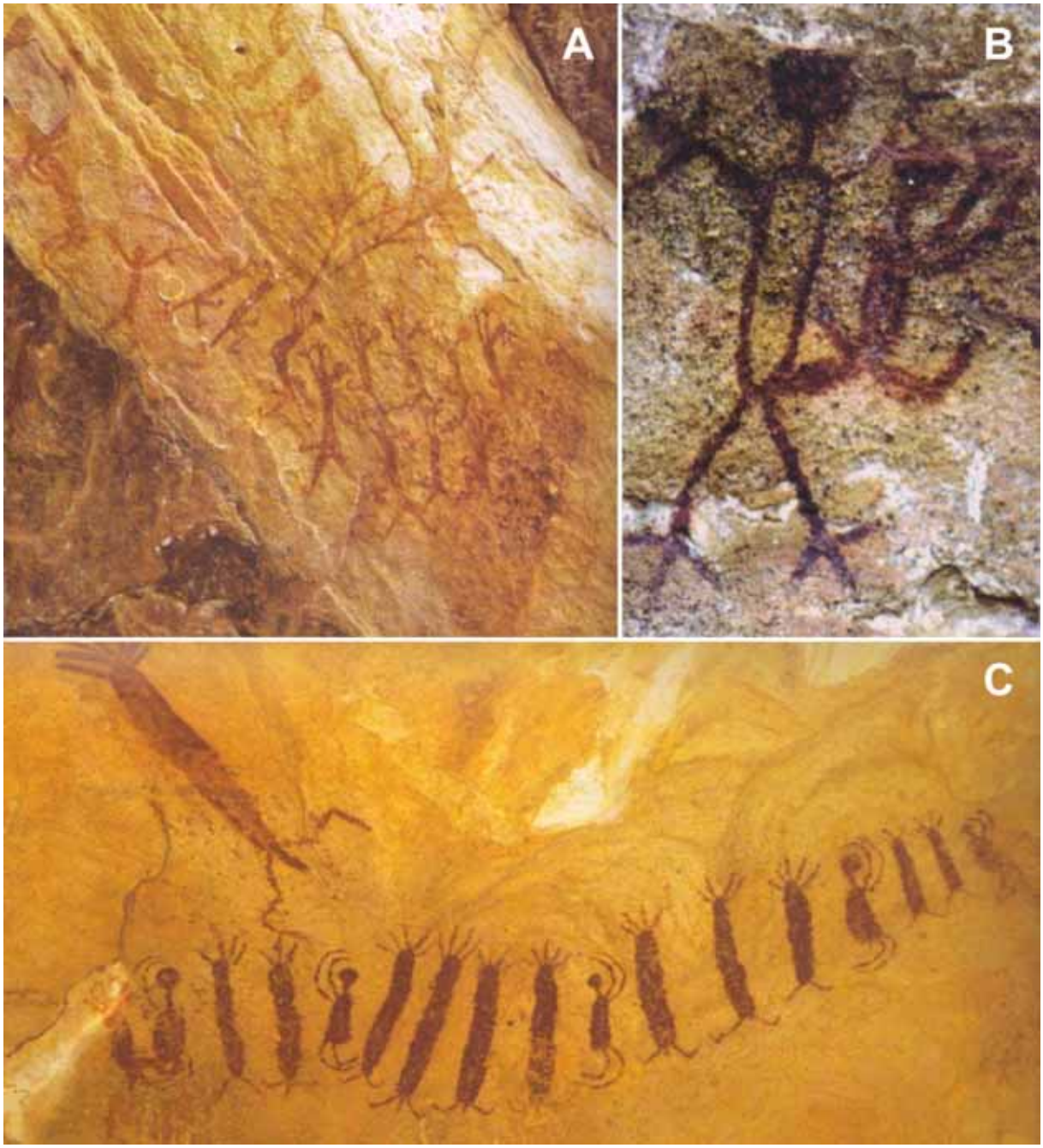


IMAGEM 4: Exemplares da tradição Nordeste do Parque Nacional Serra da Capivara: a) Toca da Extrema II, cena de ritual em torno de uma árvore, considerada emblemática da tradição; b) Toca do Boqueirão da Pedra Furada, cena de sexo; c) Toca da Entrada do Baixão da Vaca, figuras humanas e figuras mascaradas provavelmente em atividade ritual. Fonte: PESSIS, 2003.

No que concerne à profundidade cronológica da tradição Nordeste, na área do Parque Nacional da Serra da Capivara, onde os estudos sistemáticos são realizados há mais de 30 anos, foi possível associar alguns contextos estratigráficos sedimentares obtidos em abrigos escavados com os painéis de pinturas, permitindo concluir que estas começaram a ser feitas há 12 mil anos AP (antes do presente) e persistiram até os 6 mil anos AP, aproximadamente (MARTÍN, 1999, p. 256; PESSIS, 2003, p. 85). Este quadro de 6 mil anos de confecção das

pinturas desta tradição foi definido com a consequente verificação de mudanças ao longo do tempo, expresso, especificamente, com os estilos Serra da Capivara e Serra Branca da tradição Nordeste.

O estilo Serra da Capivara corresponde ao momento mais antigo da tradição Nordeste, quando as pinturas primavam por uma força narrativa/cênica muito evidente, que valorizava a composição, com riqueza de representação de movimento. As representações de antropomorfos eram feitas de maneira muito simples, sem maiores detalhes, com traços que permitem a identificação das partes essenciais do corpo humano: cabeça, tronco e membros. Em algumas representações, há a nítida intenção de chamar a atenção para um detalhe da cena, em que certos elementos foram desenhados de maneira gigante, desproporcional em relação ao todo ou, de outra forma, estavam centralizados em relação ao conjunto, evocando a percepção do espectador para um determinado aspecto. Exemplo disto é a representação de galhas de árvores ou animais maximizados com figuras antropomorfas em volta, ou mesmo a realização de partes do corpo humano de forma ampliada, em especial a genital. Em outras cenas há o incremento da representação com adornos e atributos. Ou seja, tudo sugere uma intenção narrativa (PESSIS, 2003, p. 111-134).

Por sua vez, o estilo Serra Branca corresponde ao momento em que a tradição Nordeste sofre significativas mudanças, em torno de 9 mil anos AP, em decorrência do provável aumento demográfico que promoveu, por consequência, o estabelecimento de novas identidades grupais. Embora mantenha a riqueza cênica já verificada, muda, substancialmente, a forma de representar. Há uma tendência ao hermetismo estático, com figuras densamente ornamentadas e geometricamente enquadradas, além de maior narratividade e complexidade temática. Cenas anteriormente não verificadas passam a ser percebidas, a exemplo daquelas que sugerem violência (PESSIS, 2003, p. 135-154; SILVA, 2008; VALLS, 2007).

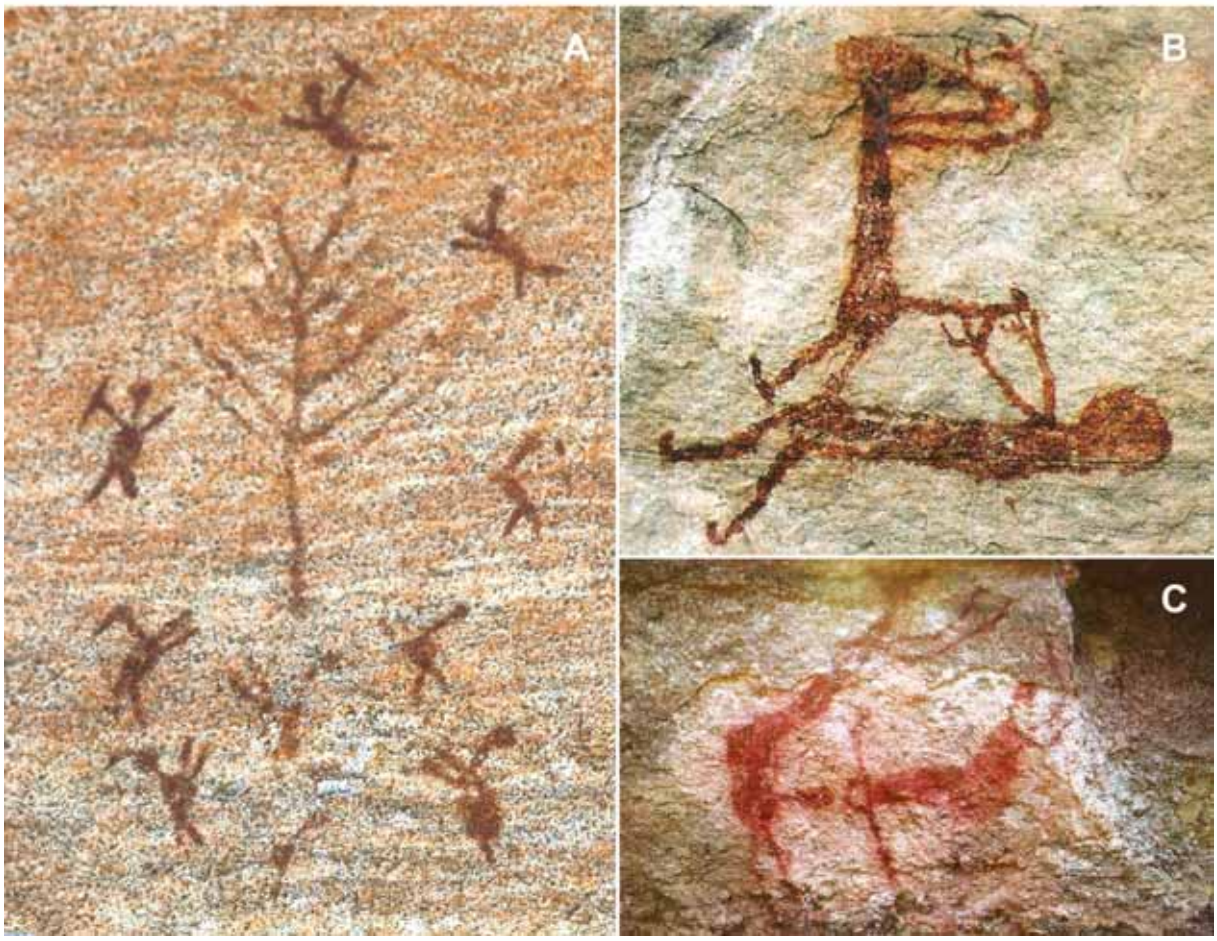


IMAGEM 5: Representações do estilo Serra da Capivara em São Raimundo Nonato, Piauí: a) provável cena cerimonial em torno de uma árvore, sítio Toca do Nilson do Boqueirão da Pedra Solta; b) cena de sexo com gigantismo na representação do falo, sítio Toca do Sobradinho; c) cena de sexo com gigantismo na representações do falo e da vulva, sítio Toca da Entrada do Baixão da Vaca. Fonte: PESSIS, 2003.

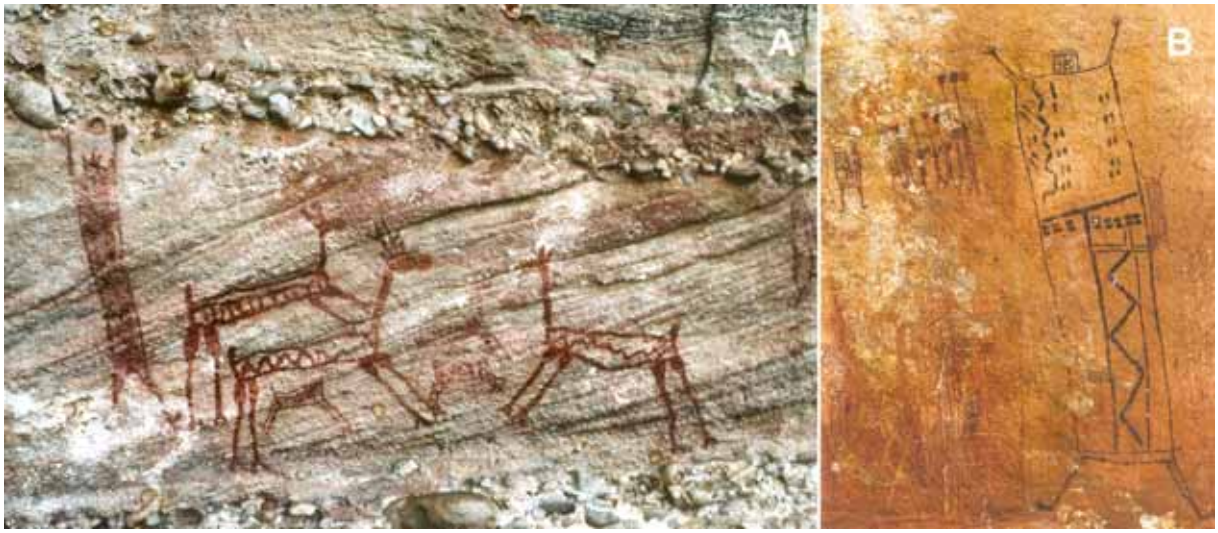


IMAGEM 6: Representações do estilo Serra Branca em São Raimundo Nonato, Piauí: a) Toca do Varedão X; b) Toca do Morcego. Fonte: PESSIS, 2003.

A evolução da tradição Nordeste no Parque Nacional Serra da Capivara é dividida em três períodos por Martín, entre os quais dois bem definidos (Serra da Capivara e Serra Branca) e um, intermediário, de transição. Esta evolução é assim descrita pela autora:

> No primeiro, observam-se representações dinâmicas individuais que mostram grande mobilidade e aspectos lúdicos, também compostas por duas figuras ou pequeno número de seres humanos e animais. Num segundo período que pode datar-se em torno de 8000 anos, a temática torna-se mais complexa, aumentando também os atributos e enfeites na figura humana e aparecem cenas de sexo grupal. Esse período coincide com o maior aperfeiçoamento das indústrias líticas e o aumento da densidade das ocupações humanas nos abrigos. No período final, o movimento das figuras é mais tênue, a figura humana mais rígida e, em geral, nota-se uma tendência ao geometrismo das formas. As cenas violentas aumentam em detrimento das lúdicas, com a presença de lutas e execuções. Entre as armas aparecem claramente desenhados tacapes, bordunas, propulsores e azagaias, faltam, porém, os arcos e as flechas (MARTÍN, 1999, p. 257-259).

Embora o *lócus* de definição da tradição Nordeste tenha sido o estado do Piauí, pinturas com características atribuídas a esta tradição foram identificadas por diferentes autores em todos os estados do Nordeste brasileiro e no norte do estado de Minas Gerais, dando lugar a novas subtradições e estilos (ETCHEVARNE, 2007, p. 26-30; JUSTAMAND, 2007; MARTÍN, 1999, p. 251-276; PROUS, 1992, p. 521-523; RIBEIRO, 2006, p. 93-96).

Pesquisas coordenadas por Gabriela Martín na região do Seridó, nos estados do Rio Grande do Norte, da Paraíba e de Pernambuco, possibilitaram identificar pinturas que, pelas características, foram associadas à tradição Nordeste, com particularidades locais que levaram a equipe de pesquisadores a denominá-las de subtradição Seridó. Além de todos os atributos reconhecidos na tradição Nordeste, a subtradição Seridó tem como especificidades locais a representação de pirogas[16], representações humanas intensamente ornamentadas e representações de cenas com a presença de fitomorfos, dando a impressão de paisagens. Agrega a isto um elemento distintivo essencial nas representações humanas, que são cabeças delineadas em forma de "castanha de caju". A subtradição Seridó tem datação atribuída de 9 a 8 mil anos AP (MARTÍN, 2003, p. 14-28; MARTÍN, 1999, p. 259-266; VIDAL, 2009, p. 77-

[16] Antiga embarcação indígena, esguia e aberta, feita de um tronco de árvore escavado a fogo, também conhecida como canoa.

81). Dados fornecidos por pesquisadores atuantes no Nordeste brasileiro, a exemplo de Ricardo Barbosa (pesquisador da Universidade Federal de Pernambuco), Marilene Neves Leite (pesquisadora da Universidade Federal de Pernambuco) e Valdeci Santos Júnior (professor da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte), para Pernambuco, a Paraíba e o Rio Grande do Norte, respectivamente, têm corroborado a existência desta subtradição, bem como ampliado a área de sua influência para além da região do Seridó (BARBOSA, 2007; LEITE, 2003; SANTOS JÚNIOR, 2009, p. 33-41).

Em outro contexto, de acordo com Loredana Ribeiro, pesquisadora associada à Universidade Federal de Minas Gerais e professora da Universidade Federal de Pelotas, baseada também em identificações de membros da equipe de pesquisa de que participa – a exemplo de André Prous (PROUS, 1992, p. 538) e Andrei Isnardis (ISNARDIS, 2004) –, pinturas e gravuras atribuíveis à tradição Nordeste foram identificadas no Vale do Peruaçu no estado de Minas Gerais, onde padrões semelhantes àqueles definidos para o Parque Nacional Serra da Capivara e para o Seridó foram localizados, como os emblemáticos (costa a costa e homens ao redor de árvores), os antropomorfos com cabeças em forma de "castanha de caju", além do apelo narrativo dos conjuntos pictóricos (RIBEIRO, 2006, p. 93-96). Também em Minas Gerais, na região de Diamantina, Andrei Isnardis identificou pequenas figuras de antropomorfos com a genitália em evidência, que, pelo tipo, pela disposição nos painéis e pela sobreposição dos momentos pictóricos, atribuiu à tradição Nordeste (ISNARDIS, 2009, p. 123-126).

Outro grupo de pinturas associadas à tradição Nordeste está na Bahia, reconhecido preliminarmente como subtradição Central. Diferentemente das demais subtradições, esta foi definida por Gabriela Martín (MARTÍN, 1999, p. 120-121 e 267-276) a partir de dados secundários obtidos dos trabalhos de Valentín Calderón (CALDERÓN, 1983 [1967]; CALDERÓN, 1983 [1971]) e de Maria da Conceição de Moraes Coutinho Beltrão (BELTRÃO, 1988, 2000), professora titular aposentada do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que tem desenvolvido trabalhos arqueológicos na Bahia desde 1984. O que levou Martín ao reconhecimento desta subtradição foi o fato de perceber que havia pinturas nos sítios baianos que guardavam semelhanças com aquelas já estudadas em outras regiões do Nordeste brasileiro, mas sem um conjunto de dados levantados de forma sistemática[17]. Carlos Etchevarne, professor da Universidade Federal da Bahia, corrobora a

[17] A própria Gabriela Martín, em outro momento do seu texto, diria: "Para a fixação de uma sub-tradição precisa-se do levantamento cuidadoso de uma área com concentração de sítios e estudo de grafismos caracterizadores da mesma além da determinação, em cada caso, dos tipos de suporte preferidos pelos autores das pinturas (...)" (MARTÍN, 1999, p. 286).

existência, no estado da Bahia, de figuras associadas à tradição Nordeste, identificando, inclusive, particularidades regionais nesta tradição (ETCHERVARNE, 2007 e 2009), mas, desconsidera se tratar de uma subtradição específica.

Outra tradição encontrada no Nordeste brasileiro é a **tradição Agreste** – assim chamada por ter sido estudada, primeiramente, na região Agreste de Pernambuco – definida na década de 80 do século XX por Alice Aguiar Cavalcanti, professora aposentada da Universidade Federal de Pernambuco, para caracterizar sítios rupestres da região do Agreste pernambucano e dos Cariris Velhos, na Paraíba (CAVALCANTI, 1986a, 1986b). Porém, hoje o seu reconhecimento se expande também para os estados da Bahia, Ceará, Piauí e Rio Grande do Norte, nas áreas sertanejas e semiáridas (ETCHEVARNE, 2007, p. 30; MARTÍN, 1999, p. 276-291; PESSIS, 2003, p. 46; PROUS, 1992, p. 523-524).

Trata-se de representações de antropomorfos e zoomorfos, feitas em tamanho avantajado (de 50 centímetros a até 2 metros), em posições "estáticas" (sem o esboço gráfico de movimento) e com relativa negligência no traço[18], mas com certa intenção de apresentar detalhes anatômicos dos elementos desenhados, a exemplo de joelhos, cotovelos, pés, panturrilhas, orelhas, chifres etc., além de adereços e adornos corporais, como ocorre no *lócus* de definição da tradição. São dispostas de maneira central nos painéis, que estão sempre muito visíveis e de fácil acesso, representadas isoladamente ou em pequenos conjuntos, sem qualquer sugestão de cena. Na sua confecção se utiliza exclusivamente a cor vermelha, buscando sempre os tons mais escuros, com desenhos totalmente preenchidos ou com contornos feitos com linhas grossas.

Entre os temas encontrados, há na tradição Agreste a recorrência de representações de antropomorfos, mãos espalmadas, lagartos, aves, peixes e quadrúpedes; no caso das representações de zoormorfos, excetuando os quelônios e lagartos, não é possível determinar espécies em face da generalidade dos traços. Há casos em que ocorre a apresentação de figuras geométricas associadas (os denominados grafismos puros), como linhas em zigue-zague e sinuosa ou desenhos labirínticos[19]. Um grafismo emblemático relacionado à tradição Agreste é a figura de um antropomorfo de grande dimensão, de aspecto grosseiro e "estático",

[18] "(...) são composições que negligenciam a realização, execução e delineamento da figura e optam pelo efeito ótico de figuras de grande tamanho, fortemente pintadas com tonalidades escuras. A isto se adiciona o fato de que os registros da tradição Agreste representam figuras estáticas (...)" (PESSIS, 1992, p. 46).

[19] Gabriela Martín considera as representações labirínticas semelhantes àquelas utilizadas por grupos indígenas brasileiros nas pinturas corporais (MARTÍN, 1999, p. 281-282).

como se fosse um “totem”; ocorre, também de forma recorrente, a figura de uma ave com asas estendidas, com longas penas, que sugere certa mescla de antropomorfismo na representação, reconhecido como “homem-pássaro” (MARTÍN, 1999, p. 277).

As representações mais antigas da tradição Agreste foram datadas em São Raimundo Nonato, Piauí, por volta de 9 mil anos AP, consolidando-se a partir de 6 mil anos AP e persistindo até os 3 mil anos AP (PESSIS & GUIDON, 2000, p. 30). No sítio Peri-Peri na cidade de Venturosa e no sítio Alcobaça no município de Buíque, ambos no estado de Pernambuco, foram obtidas datações de fogueiras, lascas, sedimentos, ocre raspado e recipientes com pigmentos associados às pinturas da tradição Agreste que a situam cronologicamente por volta dos 2 mil anos AP. Esta diferença cronológica entre a ocupação no Parque Nacional Serra da Capivara e em Pernambuco tem levado Gabriela Martín a compreender que os grupos humanos produtores das representações da tradição Agreste se teriam estabelecido na região de Buíque tardiamente (MARTÍN, 1999, p. 280).

Assim como ocorre na tradição Nordeste, em função da ampla dispersão e das diferenças regionais na forma de representar, a tradição Agreste detém algumas subtradições. A mais estudada é aquela do *lócus* de definição chamada Cariris Velhos, situada na faixa que vai do sul da Paraíba ao nordeste de Pernambuco[20]. Trata-se dos sítios utilizados para a definição basilar da tradição Agreste (CAVALCANTI, 1986a, 1986b). Como particularidade os sítios desta área privilegiam “matacões arredondados de granitos que emergem pela erosão, nas rochas mais brandas, nos vales e nas serras”; tais locais têm sido reconhecidos como áreas de habitat de caçadores, com ocorrência de cemitérios nas proximidades e sempre próximos a uma fonte d’água, e os grupos que habitaram esta região partilharam de um clima semiárido muito semelhante ao atual (MARTÍN, 1999, p. 281-282).

No Parque Nacional Serra da Capivara, Niède Guidon definiu dois estilos para a tradição Agreste, chamados de Serra do Tapuio e de Extrema. O primeiro caracteriza-se pela presença de todos os caracteres reconhecidos para a tradição, acrescidos da presença de antropomorfos com mortalhas (uma espécie de vestido); no segundo surgem marcas de mãos espalmadas, sendo que antes da ação de aplicação da palma da mão nelas eram produzidos desenhos específicos, de forma que, quando aplicada no suporte, ficava um efeito semelhante a um

[20] Abrangendo as regiões dos Cariris na Paraíba e do Agreste pernambucano, além dos municípios paraibanos de São João do Tigre, São Sebastião e Monteiro (MARTÍN, 1999, p. 281).

carimbo[21]; aqui também ocorrem mãos contornadas. Em ambos os estilos identificados no Piauí, evidencia-se a sobreposição de pinturas da tradição Agreste sobre as da tradição Nordeste, corroborando as datações obtidas (GUIDON, 1983). Estas distinções da tradição Agreste verificadas no Piauí são acompanhadas das respectivas datações, que as colocam em 9 mil anos AP a mais antiga (Serra do Tapuio) e entre 5 e 3,5 mil anos AP a mais recente (Extrema), quando os autores destas pinturas teriam desaparecido na região (GUIDON, 1991). Além da presença desta tradição no Parque Nacional Serra da Capivara, no Piauí, há registros de sítios da tradição Agreste no Parque Nacional Sete Cidades (a oeste do Serra da Capivara) e no norte do estado (MARTÍN, 1999, p. 286).

No estado do Rio Grande do Norte, registra-se a subtradição Apodi, definida a partir de pinturas encontradas num complexo de 14 abrigos cársticos situados no Lajedo da Soledade, na bacia do rio Mossoró. Pinturas típicas da tradição Agreste são identificadas nesta área, a exemplo de linhas sinuosas, arredondadas, grades e armadilhas, sempre associadas a lagartos e aves (semelhantes a araras), além de impressões de mãos espalmadas e "mãos carimbos" dispostas na parte superior dos lajedos, isoladas ou acima das pinturas. Na base dos abrigos foram reconhecidos afiadores e bacias de polimento (MARTÍN, 1999, p. 288-290).

Para o estado da Bahia, Gabriela Martín propõe a subtradição Sobradinho (MARTÍN, 1999, p. 287-288) a partir de dados angariados de maneira pouco sistemática e incompleta pela equipe que Calderón coordenava, na década de 70 do século XX, durante o levantamento arqueológico realizado na área que seria inundada pelo lago artificial da barragem de Sobradinho, nos municípios de Barra, Casa Nova, Pilão Arcado, Remanso, Sento Sé e Sobradinho (CALDERÓN et al., 1977), e por Carlos Ott nas incursões esporádicas que fez em Juazeiro e Campo Formoso (OTT, 1945, 1958). Além dos caracteres comuns à tradição Agreste, não existem elementos específicos que possibilitem a acurácia desta subtradição. Assim como ocorre na Bahia, há também a referência à existência de inúmeros abrigos com pinturas relacionadas à tradição Agreste no estado do Ceará, mas sem dados precisos (MARTÍN, 1999, p. 291).

[21] Este efeito é reconhecido na arqueologia brasileira como "mãos carimbos". Situações semelhantes atribuídas à tradição Agreste também foram verificadas no Rio Grande do Norte (MARTÍN, 1999, p. 288) e na Bahia (BELTRÃO & LIMA, 1986, p. 149; ETCHEVARNE, 2007, p. 31).

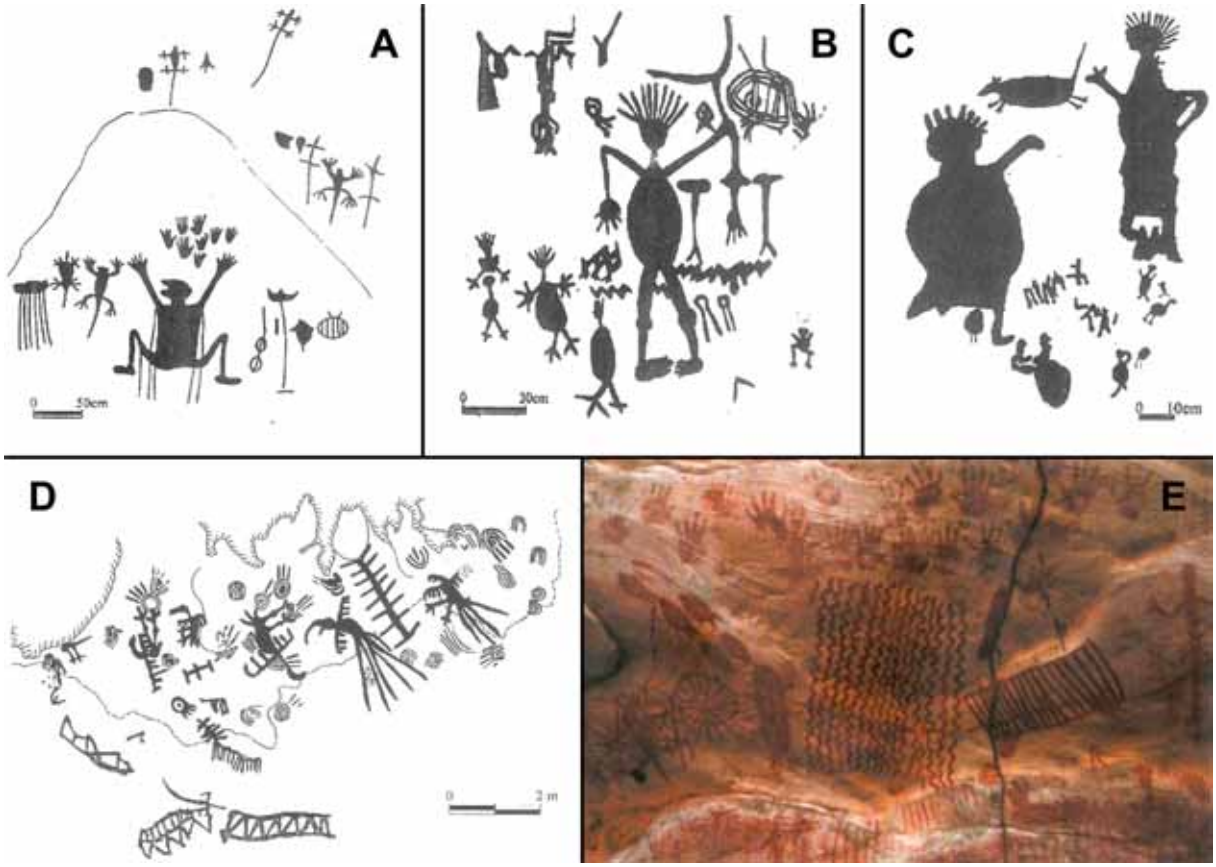


IMAGEM 7: Painéis da tradição Agreste: a) sítio Bom Jesus da Lapa, Santana do Mato, Rio Grande do Norte; b) sítio Pedra Redonda, Pedra, Pernambuco; c) sítio Toca da Entrada do Baixão da Vaca, São Raimundo Nonato, Piauí; d) Lajedo da Soledade, Apodi, Rio Grande do Norte; e) sítio Santa Marta, Iaraquara, Bahia. Fontes: MARTÍN, 1999; ETCHEVARNE, 2007.

A **tradição São Francisco** tem esta denominação em decorrência do seu *lócus* de identificação, a bacia do rio São Francisco, nos estados de Minas Gerais, Bahia e Sergipe. Os primeiros e principais estudos que permitiram a definição desta tradição foram realizados por André Prous no alto e no médio São Francisco, nas regiões conhecidas como vale do Peruaçu e Montalvânia, no estado de Minas Gerais (RIBEIRO, 2006, p. 87). Com base em suas pesquisas, Prous define assim a tradição São Francisco:

> Definimo-la como uma tradição onde os grafismos abstratos (geométricos) sobrepujam amplamente em quantidade os zoomorfos e antropomorfos, perfazendo entre 80 e 100% as sinalações. Na quase totalidade dos casos (excluindo-se o estilo mais antigo), a utilização de bicromia é intensa nas figuras pintadas. Os raros zoomorfos são quase que exclusivamente peixes, pássaros, cobras, sáurios e talvez tartarugas. Notável é a ausência de cervídeos; não existe nenhuma cena, mesmo de tipo implícito, mas existem

> por vezes trocadilhos entre biomorfos e sinais (na região de Montalvânia) (PROUS, 1992, p. 525).

A abundância de representações geométricas vem associada a uma extrema maestria na execução das pinturas. Os dedos são utilizados como ferramentas de dispersão do pigmento, que geralmente são densos, com cores intensas e aplicadas com traços grossos, criando um claro contraste entre suporte e desenho. Dentre os signos comuns à tradição São Francisco, Carlos Etchevarne indica:

> (...) bastonetes, grades, redes, ou então, figuras elaboradas, retangulares ou quadrangulares, com contornos bem definidos e interiores divididos em faixas e campos, com preenchimento de linhas retas paralelas ou em ziguezague. Não obstante o predomínio da geometrização, em alguns momentos estilísticos podem estar presentes, de forma isolada, antropomorfos simplificados e zoomorfos que, apesar de esquematizados, são passíveis de identificação, tais como lagartos, tartarugas, peixes e pássaros (ETCHEVARNE, 2007, p. 32).

No aspecto cor, cabe dizer que a policromia é uma das escolhas pictóricas, pois há na execução gráfica o uso de mais de uma tonalidade associada, geralmente o vermelho e o amarelo, podendo ocorrer o branco e o preto. Aliada à policromia, ocorre um jogo de simetria nas representações, expresso nas proporções dos desenhos, no local onde a pintura estará no painel e na relação que o signo terá com outros elementos desenhados na composição, que, na maioria das vezes, é bem visível. Este jogo entre cor, traço, desenho, suporte e abrigo proporciona ao espectador dos sítios relacionados à tradição São Francisco um forte impacto visual, em decorrência do evidente efeito buscado pelo autor na organização interna e externa das representações. Por seu turno, este aspecto põe em destaque, além dos significados que as figuras pudessem ter, a intenção estética, artística, por trás das pinturas.

André Prous informa que há uma diferença na representação das figuras da tradição São Francisco em função da área em que é identificada. Como exemplo, aponta que no Vale do Peruaçu as figuras são mais abundantes, com uma clara busca das policromias e intensidade nas representações. À medida que vão sendo identificadas no norte do estado de Minas Gerais, na região de Montalvânia, as representações vão se tornando graficamente mais empobrecidas, com uma quantidade menor de temas e cores; este quadro se estende até o Parque Sete Cidades, no Piauí (PROUS, 1992, p. 525-527). Essas diferenças levaram André

Prous e equipe a dividir a tradição São Francisco em cinco diferentes estilos, aqui citados do mais antigo ao mais recente: Montalvânia pintura, Montalvânia gravura, São Francisco "antigo", São Francisco "recente"[22] e Rezar, todos identificados entre o norte de Minas Gerais e oeste/sudoeste da Bahia (PROUS, 1992, p. 536-538; RIBEIRO, 2008, p. 58-62; RIBEIRO & ISNARDIS, 1996/7, p. 243-286).

No que concerne à cronologia, estima-se que o momento mais antigo da tradição São Francisco, o estilo Montalvânia, ocorreu por volta de 9.350 e 7.810 anos AP a partir da correlação entre gravuras e contextos arqueológicos depositados no solo no sítio Lapa do Boquete, no cânion do Peruaçu (RIBEIRO, 2008, p. 54). Já um dos momentos mais recentes, o estilo São Francisco, foi datado em 2.680 ± 180 anos AP a partir de pigmento orgânico, carvão, retirado diretamente de uma figura do sítio Lapa do Veado, também no cânion do Peruaçu (RIBEIRO, 2006, p. 90). Esses dados têm sido corroborados por datações de escavações de sítios com pinturas atribuídas à tradição São Francisco, na medida em que pigmentos minerais processados ou brutos foram identificados em diferentes níveis arqueológicos, situados em camadas datadas entre 8 e 3 mil anos AP (RIBEIRO, 2008, p. 55).

Não obstante os dados obtidos para o alto e o médio São Francisco, pesquisas realizadas em outras áreas têm apontado para cenários semelhantes. Joaquim Perfeito da Silva, professor da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, indica que a tradição São Francisco, embora tenha a sua área de influência definida como o entorno da bacia do rio São Francisco, ocorre também na Chapada Diamantina. Ressalta, contudo, que há uma diferenciação dos sítios da Chapada em decorrência do distanciamento que tomam da bacia. Segundo Silva, à medida que se afastam da bacia do rio São Francisco em direção à Chapada Diamantina, os sítios desta tradição vão se tornando mais figurativos, havendo o aumento das representações reconhecíveis antropomorfas e zoomorfas. Cenário oposto estaria na depressão sanfranciscana, onde ocorreria um aumento das representações não reconhecíveis, que chegam a conformar 100% dos signos na maioria dos sítios deste cenário (SILVA, 2004, p. 129). Acresce a este quadro a informação de que os autores das pinturas da tradição São Francisco na Bahia escolheriam majoritariamente "(...) grandes extensões nas camadas dos quartzitos dos cânions por centenas de metros, mantendo uma notável unidade estilística; raras superposições e baixa incidência de policromia, se restringindo, nos poucos casos, à associação de vermelho, amarelo e preto e ausência de contornos" (SILVA, 2004, p. 130).

[22] Difere do São Francisco antigo por estar superposto a este e apresentar uma maior tendência à geometrização e ao uso de policromia (RIBEIRO, 2008, p. 59-60).

Daniele Lima Luso, pesquisadora da Universidade Federal de Pernambuco, em trabalho realizado no Boqueirão do Brejo de Dentro, no município de Sento Sé, Bahia, situado no submédio São Francisco[23], fez um estudo do perfil gráfico dos painéis pictóricos e concluiu que as características morfológicas e cenográficas indicavam semelhança com as pinturas da tradição São Francisco, identificada no vale do Peruaçu, em Minas Gerais (LUSO, 2005a, 2005b). Da mesma forma, Celito Kestering, professor da Universidade Federal do Vale do São Francisco, identificou similaridades entre as pinturas localizadas nesta região – que denominou de área arqueológica de Sobradinho (KESTERING, 2001) – e aquelas encontradas em Goiás e em Minas Gerais, fato que o levou a definir a subtradição Sobradinho, associando-a à tradição São Francisco[24] (KESTERING, 2007, 2008).

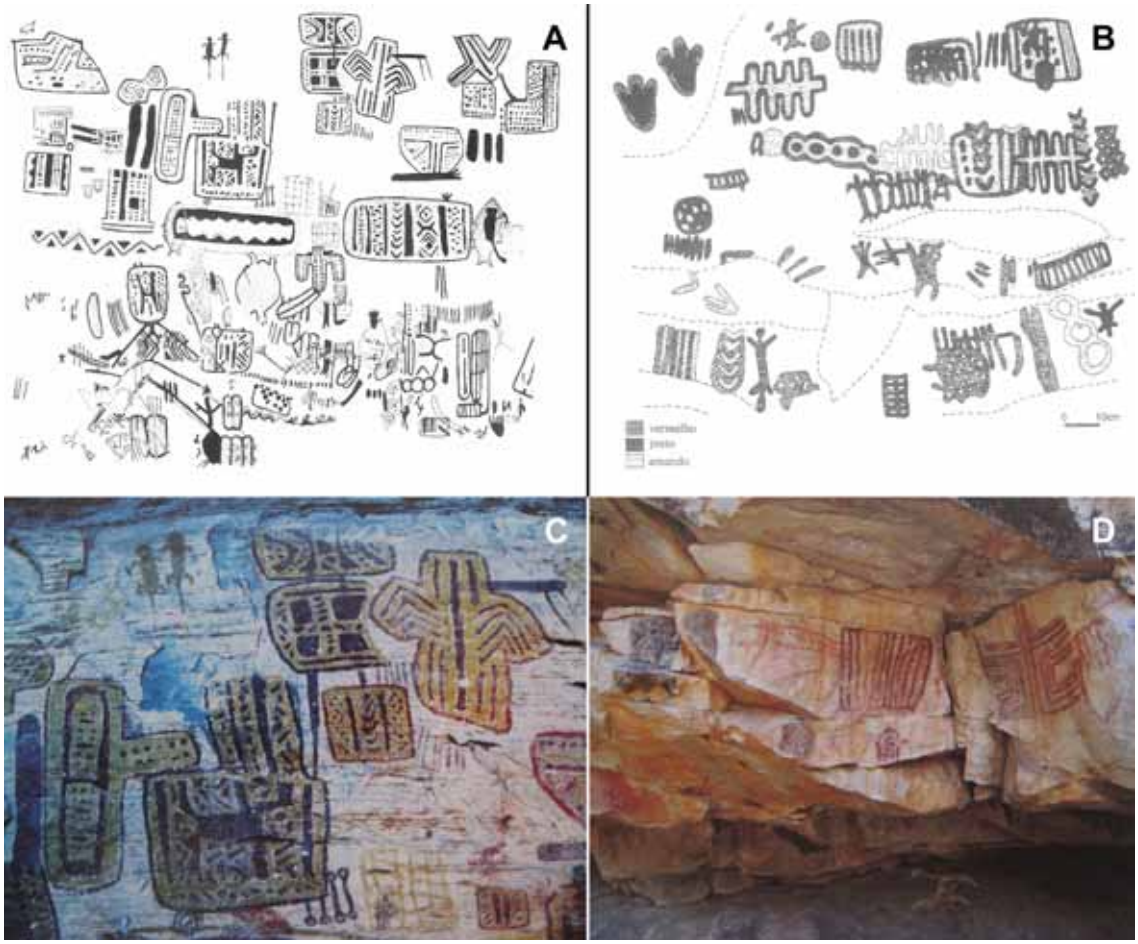


IMAGEM 8: Painéis da tradição São Francisco: a) sítio Lapa do Caboclo, em Januária, Minas Gerais; b) sítio não identificado, em Coribe, Bahia; c) detalhe do sítio Lapa do Caboclo, em Januária, Minas Gerais; d) sítio Poções, em Gentio do Ouro, Bahia. Fontes: PROUS, 1992; MARTÍN, 1999; JORGE et al., 2007; ETCHEVARNE, 2007.

[23] Celito Kestering definiu esta região como área arqueológica de Sobradinho (KESTERING, 2001).

[24] Notar que Celito Kestering batiza o cenário gráfico que identificou na área arqueológica de Sobradinho como subtradição Sobradinho, associando-a à tradição São Francisco. Quando abordávamos a tradição Agreste, informamos que, para a mesma área, Gabriela Martín definiu a subtradição Sobradinho, associando-a à tradição Agreste. Trataremos desta questão com maior profundidade mais à frente.

A **tradição Astronômica** foi definida por Maria Beltrão para caracterizar sítios pesquisados no estado da Bahia. Tal definição partiu da associação de certos painéis de pinturas com os conhecimentos que populações indígenas amazônicas atuais têm de eventos astronômicos, o que levou a autora a apontar uma ancestralidade macro-jê para as representações (BELTRÃO, 2000, p. 89; TAVARES & BELTRÃO, 2009, p. 158-160). O fóssil-guia que conduziu o processo de definição foram os painéis pictóricos do sítio Toca dos Búzios, em Central, depressão sanfranciscana, onde foram identificadas representações rupestres geométricas desenhadas no teto do abrigo que, segundo a autora, foram feitas por indivíduos em uso de alucinógenos, com sobreposição intencional de pinturas que versavam sobre eventos celestes, a exemplo de cometas, estrelas, sol, lagarto associado com sol (uma espécie de emblemático), fases da lua, trajetórias solares e lunares, astros, além de calendários e sistemas de contagem de tempo (BELTRÃO, 2000, p. 117).

No sítio Toca do Cosmos, situado no município de Itaguaçu, também na depressão sanfranciscana, a partir de dados derivados de escavações empenhadas no abrigo, Beltrão obteve uma datação de 3,2 mil anos AP para a tradição Astronômica (BELTRÃO, 2000, p. 89). Ela também informa ter identificado pinturas que associadas com a projeção da luz do sol entre duas rochas existentes no exterior do abrigo, marcariam o solstício de inverno no Hemisfério Sul, entre os dias 22 e 26 de junho de cada ano, às 15h45 (SILVA, 2004, p. 135).

De acordo com Joaquim Perfeito da Silva, a tradição Astronômica – que prefere tratar como Cosmológica – possui algumas características que, segundo a sua visão, as distinguem das demais tradições arqueológicas rupestres:

> • os signos são representados normalmente no teto de grutas, indiferente se quartzíticas ou calcárias;
> • quando não todo o conjunto, seus painéis são representados com motivos dispostos de maneira dispersa e circular;
> • o conjunto é constituído em sua maioria de motivos abstratos como círculos simples, concêntricos e raiados; semicírculos simples ou concêntricos; raios que partem de um ponto central simples ou associados a linhas paralelas em ziguezague; seqüência de pontos simples ou paralelos; pontos dispersos em um limite circular; retas paralelas e perpendiculares a uma reta (“pentes”); retas que se entrecruzam (“grades”). Alguns desses signos abstratos são índices imediatos de sóis, luas, estrelas e cometas;

> • poucos motivos naturalistas. Os mais comuns são lagartos, peixes, impressões de mãos e antropomorfos;
> • presença constante de lagartos;
> • uso da bicromia variada entre as cores vermelha, amarela, preta e branca (SILVA, 2004, p. 134-135).

Situações arqueológicas semelhantes têm sido identificadas pela equipe de Beltrão em diversos sítios do estado, na região da Chapada Diamantina e na depressão sanfranciscana (SILVA, 2004, p. 132-149; TAVARES & BELTRÃO, 2009, p. 141-161). De acordo com os pesquisadores, tais contextos seriam representativos do conhecimento e uso de eventos astronômicos no cotidiano das populações indígenas pré-coloniais.

Na região de Montalvânia, em Minas Gerais, Loredana Ribeiro realizou a identificação de sítios relacionados à tradição Astronômica. Nessa ocasião pôs em dúvida a existência de uma tradição específica, propondo se tratar de uma forma de representação associada à tradição São Francisco, que privilegiava o uso dos espaços dos tetos dos abrigos (RIBEIRO, 1996-7, p. 496). Neste aspecto, cabe dizer que as proposições de Beltrão têm sido objeto de ceticismo na comunidade científica, pelo fato de basear-se em analogias e correspondências etnográficas diretas entre grupos amazônicos atuais e contextos arqueológicos pré-coloniais baianos; pela pouca preocupação em identificar as estruturas gráficas das pinturas e em interpretar seus significados. No entanto, o fato de parecer existir um repertório gráfico específico associado à tradição Astronômica neste domínio do território põe em evidência a necessidade de se observar com maior cautela estes sítios à luz das estruturas gráficas recorrentes (ETCHEVARNE, 2007, p. 34).

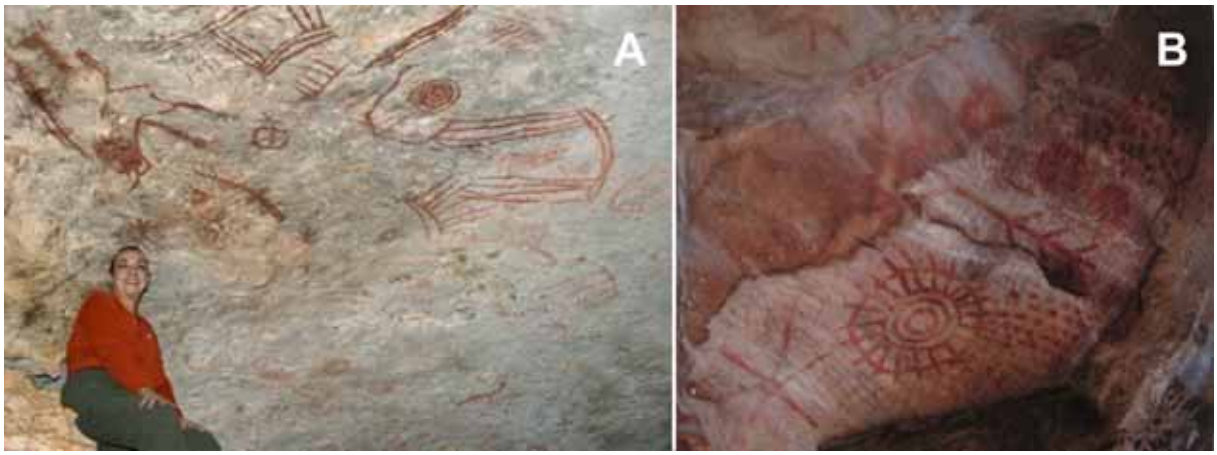


IMAGEM 9: Painéis da tradição Astronômica: a) Maria Beltão à frente de painel do sítio Toca do Cosmos, Central, Bahia; b) sítio Grota do Veinho, Ourolândia, Bahia. Fontes: http://www.cbarqueol.org.br; ETCHEVARNE, 2007.

Saindo deste universo, passemos agora para duas tradições que, diferentemente das anteriores, parecem consagrar-se mais pela exclusão – isto é, aquilo que não consegue ser classificado como uma das tradições há pouco referidas e passa a ser, por eliminação, como uma das duas que se seguem – do que pela identificação de um repertório gráfico comum. Referimo-nos às tradições Itaquatiara e Geométrica.

A **tradição Itaquatiara** foi definida, originalmente, por Niède Guidon como categoria preliminar para o estudo dos sítios com gravuras rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara (GUIDON, 1984), mas passou a ser utilizada de maneira indistinta para os sítios que abrigam gravuras rupestres com signos geométricos, situados em lajedos e matacões nas imediações de leitos de rios e de olhos d'água de todo o país (CAVALCANTI, 1989, p. 116; MARTÍN, 1999, 297; PROUS, 1992, p.515). Itaquatiara é um termo indígena que significa pedra riscada. Trata-se da união de dois vocábulos atribuídos ao Tupi: *ita* que quer dizer pedra; e *quatiara*, que significa gravada, escrita, esculpida, riscada (CUNHA, 1986). Ou seja, traduzido, o termo Itaquatiara representa uma descrição física sintética do universo material observado.

A atribuição generalizada de uma tradição que abrigasse todos os sítios de gravuras rupestres brasileiros não é gratuita, pois se partia do pressuposto de que tais espaços eram desprovidos de elementos que permitissem a interpretação arqueológica mais apurada, com pequenas possibilidades de associação com outros contextos. Alia-se a isto o fato de estarem todos os sítios em lajedos ou matacões a céu aberto e terem quase exclusivamente representações geométricas, com exceção de lagartos, pegadas de animais e humanas eventualmente gravados. Ou seja, a aparente homogeneidade que conformava o conjunto de sítios levava à atribuição rápida e fácil de uma tradição por parte da comunidade arqueológica. No entanto, como esclarecem Pedro Ignácio Schmitz – professor do Instituto Anchietano de Pesquisa da Universidade do Vale dos Sinos – e equipe, no Brasil as gravuras rupestres têm os estudos menos adiantados que os das pinturas, em função da maior dificuldade que o tipo de vestígio impõe, além de ser menor a quantidade de sítios que abrigam gravuras se comparados com os de pinturas, o que acarreta o desinteresse de pesquisa por parte dos profissionais (SCHMITZ et al., 1984, p. 8). Da mesma forma, Alice Aguiar Cavalcanti ao tratar da tradição Itaquatiara questiona a sua validade, pois não concebe uma tradição que possa abrigar todos os sítios existentes no país, sem apontar qualquer distinção entre os diferentes espaços estudados (CAVALCANTI, 1989, p. 116).

Justamente por isto, Gabriela Martín – embora compreenda a unidade conferida pela rotulação de uma tradição, mas reconhecendo a diversidade interna existente na tradição Itaquatiara – sugere a existência de "tradições Itaquatiaras" (MARTÍN, 1999, p. 297). Mesmo reconhecendo esta improcedência terminológica, afirma existir uma grande tradição Itaquatiara típica do Nordeste brasileiro, que teria as seguintes características:

> (...) predominam grafismos puros, porém deve-se registrar a presença de antropomorfos, alguns muito elaborados, inclusive com atributos (...), marcas de pés, lagartos e pássaros em grandes paredões, sempre próximos d'água, e também desenhos muito complexos, que, na imensa solidão dos sertões têm-se prestado, muitas vezes, às mais fantásticas interpretações (MARTÍN, 1999, p. 298).

A proximidade dos sítios de gravuras com os leitos d'água tem levado Martín a entender que este tipo de vestígio esteja associado ao culto das águas[25], ainda que seja extremamente difícil relacioná-los com as diferentes ocupações humanas pela quase impossibilidade de se conseguir datações do contexto e depósitos estratigráficos. Isto porque a grande maioria destes sítios está em lajedos à beira de rios, que são alagados e lavados constantemente, o que dificulta qualquer associação (MARTÍN, 1999, p. 298). Ainda assim, sítios com gravuras rupestres em abrigos ou em caldeirões onde não correm mais águas têm sido datados. No município de Rodelas, Bahia, na região reconhecida geograficamente como submédio São Francisco, Carlos Etchevarne datou uma fogueira que se encontrava numa camada sedimentar que cobria um bloco com gravuras no sítio Itaquatiara I, o que o coloca com cronologia igual ou anterior a 2.290 ± 170 anos AP (ETCHEVARNE, 1995; COMERLATO et al., 2007, p. 15). No abrigo do Letreiro do Sobrado, no vale do São Francisco, em Pernambuco, foram datados níveis de ocupações que continham rochas gravadas que vão de 6 a 1,2 mil anos AP (MARTÍN, 1999, p. 298).

Sítios com gravuras são encontrados em todo o Nordeste. Dentre eles, o que mais se destaca, pela suntuosidade, é a Pedra do Ingá, situado no riacho do Ingá na cidade de Riachão do Bacamarte, na Paraíba. Trata-se do sítio que, pelo tamanho e esplendor dos gravados, chama a atenção de cientistas e de amadores, sendo alvo de interpretações das mais variadas, desde

[25] "É evidente que a maioria dos petroglifos ou itaquatiaras do Nordeste do Brasil está relacionada ao culto das águas. Muitas dessas gravuras nos fazem pensar em cultos cosmogônicos das forças da natureza e do firmamento. Possíveis representações de astros são freqüentes, assim como a existência de linhas onduladas que parecem limitar o movimento das águas. É natural que nos sertões nordestinos, de terríveis estiagens, as fontes d'água fossem consideradas lugares sagrados, mas o significado dos petroglifos e o culto ao qual estavam destinados nos são desconhecidos" (MARTÍN, 1999, p. 298).

ocupações transatlânticas até a sua confecção por extraterrestres (MARTÍN, 1999, p. 298-303). Na Bahia foi realizado por Etchevarne um estudo do sítio Moita dos Porcos, no município de Caetité; trata-se de um abrigo arenítico, uma espécie de caverna, que tem suas paredes totalmente gravadas com signos geométricos, feitos com perfeição e distribuídos harmonicamente no espaço (ETCHEVARNE, 2007, p. 240-245). Há também o estudo realizado por Fabiana Comerlato, professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, em dois sítios de lajedos situados em regiões diferentes do estado: sítio Lajedo Bordado, em Morro de Chapéu à margem do rio Salitre; e Caraibeiras I, em Santa Brígida. Os estudos de Comerlato visavam a elaborar metodologias informatizadas adequadas para a abordagem deste tipo de vestígio, o que também a levou a questionar a validade de uma tradição que pudesse explicar a diversidade de situações arqueológicas nas quais se identificavam sítios com gravuras rupestres (COMERLATO, 2007a, 2007b).

A atribuição de uma tradição Itaquatiara, por seu turno, não é unânime. André Prous, por exemplo, não compreende a tradição Itaquatiara como própria, senão como uma subtradição da tradição Geométrica (PROUS, 1992, p. 515). Ainda que haja a vinculação a outra tradição por Prous, o problema da generalização prevalece. Felizmente, estudos em sítios com gravuras rupestres em todo o território brasileiro têm demonstrado a improcedência da tradição Itaquatiara, haja vista apontarem para particularidades significativas que detêm as diferentes ocupações ocorridas, o que tornam este modelo explicativo inviável (CASTRO E SILVA, 2002; CAVALCANTI, 1989; COMERLATO, 2004, 2005a, 2005b, 2007; ETCHEVARNE, 1995; ETCHEVARNE et al., 2011; PEREIRA, 2003; PESSIS, 2002; SANTOS JÚNIOR, 2008; SCHMITZ et al., 1984; VALLE, 2003, 2009). Assim, a tendência é que o termo Itaquatiara prevaleça, mas apenas como descritor de uma dada categoria da cultura material, sem refletir uma tradição.

Finalmente, passemos à **tradição Geométrica**, última entre aquelas definidas para o Nordeste brasileiro. Antes de avançar na discussão – que suscitará uma série de observações –, cabem dois esclarecimentos de caráter metodológico da redação, como antevimos no início deste subcapítulo. A opção de discutir por último esta tradição deriva da necessidade de explicar as demais tradições com o objetivo de agregar elementos que permitissem levantar problemas advindos das classificações que, no nosso entendimento, resvalam e culminam na tradição Geométrica. Por outro lado, deriva também do fato de o nosso objeto de estudo ser composto majoritariamente por sítios de pinturas rupestres, cujos signos existentes nos painéis esboçam elementos geométricos de difícil classificação nas tradições precedentes, em função da

ambiguidade verificada nas suas descrições. Em síntese: discutir esta tradição agora resulta da necessidade de, na sua discussão, levantar problemas decorrentes do modelo classificatório de modo geral.

O primeiro autor que tratou de uma tradição que visava à observação dos signos geométricos foi Valentín Calderón, nos estudos que realizou na Bahia, nas áreas da Chapada Diamantina, Planalto e norte do estado, quando definiu a tradição "Simbolista", que assim descreveu:

> Esta é a mais abundante e espalhada por todo o País. Geométrica ou grosseiramente figurativa, deve corresponder a povos marginais, com cultura muito primitiva. Encontramo-la na Caverna do Bode, na Serra Solta, no Rio São Francisco (Curaçá e Petrolina) e em diversos pontos da Chapada, especialmente nos sopés desta, perto da estrada que vai de Irecê ao Morro do Chapéu. São sempre motivos isolados sem correlação aparente. Superpõem-se e misturam-se sem conservar nenhuma harmonia, variando bastante quanto à forma. Podem ser simples círculos ou espirais, assim como complicados desenhos lineares altamente elaborados como os que se podem ver na Serra Solta (CALDERÓN, 1983 [1967], p. 15-16).

A primeira frase de Calderón nesta passagem expressa aquilo que daria a tônica de uma tradição que nasceria com uma compreensão comum, mas sem uma proposição precisa. Isto porque, a partir desta classificação inicial de Calderón, vários autores no Brasil viriam a utilizar de forma indiscriminada o termo geométrico como descritor dos sítios de representações rupestres (tanto de pinturas quanto de gravuras) que apresentavam signos geométricos (PROUS, 1992, p. 515). No entanto, quem, de fato, sugeriu uma tradição denominada Geométrica[26] foi Niède Guidon, com o objetivo de que este táxon fosse utilizado como categoria preliminar para o estudo dos sítios de pinturas rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara (GUIDON, 1984).

Também reconhecido como abstrato, simbólico, esquemático e grafismo puro (MARTÍN, 1999, p. 291), o rótulo geométrico parece ser utilizado como recurso para definir o indefinível. Para ser mais claro, o que se percebe é que esta definição acaba sendo uma opção cômoda, na medida em que oferece ao pesquisador uma resposta rápida para um fenômeno

[26] Nos estudos coordenados por Anne Marie Pessis, Niède Guidon e Gabriela Martín, os signos geométricos passaram a ser chamados de grafismos puros (PESSIS, 1989).

cultural que não pode ser, preliminarmente, explicado[27]. Neste sentido, a chamada tradição Geométrica atua mais como um sistema classificatório geral, baseado exclusivamente nas formas dos signos representados, do que como um sistema que possibilite algum tipo de interpretação arqueológica dos contextos analisados. Ou seja, pouco auxilia à arqueologia, pois não avança além dos aspectos resumidamente descritivos.

Mas parece-nos, ainda, que a questão não pode ser explicada apenas pela comodidade dos pesquisadores. Percebemos que existem implícitos para esta condução. Parte-se do entendimento de que as figuras geométricas são representadas universalmente (ocorrem em todo o mundo) e, por isso, seriam pouco precisas para as interpretações arqueológicas regionais. Justamente as características universais têm levado os arqueólogos a relativizar o potencial interpretativo destes elementos para a construção de processos históricos locais, de modo a relativizar o seu potencial informativo, logo, negligenciá-lo como documento passível de leitura das populações passadas.

Por outro lado, se observarmos com atenção as tradições definidas, todas elas utilizam como parâmetro sistemas de classificação que se baseiam, fundamentalmente, na possibilidade de ligar os elementos analisados ao universo cognitivo do pesquisador. Em outras palavras, trata-se de incorporar os elementos reconhecíveis[28], identificáveis, como parâmetros classificatórios (antropomorfo, zoomorfo, fitomorfo, astros etc.) e deixar em suspensão, de lado, os não reconhecíveis[29] (abstratos, simbólicos, esquemáticos, grafismos puros, irreconhecíveis ou geométricos). No entanto, há aqui uma contradição. Como alerta Gabriela Martín, no Brasil, e em especial no Nordeste brasileiro, não existe tradição arqueológica relacionada às representações rupestres que não tenha em seu conjunto gráfico representações geométricas (MARTÍN, 1999, p. 291). Assim, resta uma indagação de inversão à lógica: não seriam os demais elementos reconhecíveis, expressos nas distintas tradições, intrusões a esquemas gráficos que se baseavam em representações geométricas? Com esta questão não temos a intenção de invalidar as tradições. Esta é apenas uma pergunta de natureza retórica reflexiva, que tem o sentido de chamar a atenção para a possibilidade de observação do

[27] Acerca desta questão, diria Gabriela Martín: "Os arqueólogos brasileiros, em geral, aceitam a existência de uma ou várias tradições geométricas na arte rupestre brasileira. O problema é que subjacente à ambigüidade das definições e à escolha do que pode ser considerado "geométrico" para definir uma tradição com esse nome. Nota-se um certo cacoete na inclinação cômoda de atribuir-se a uma suposta tradição Geométrica todos os grafismos puros que não se encaixam nas outras tradições definidas" (MARTÍN, 1999, p. 291).

[28] Que permitem algum tipo de compreensão do universo observado.

[29] Sem possibilidade de interpretação direta dos elementos representados.

mesmo fenômeno arqueológico partindo de um parâmetro distinto. Isto é, o que queremos é alertar para o fato de que este sistema de classificação é apenas um parâmetro de observação, como poderiam ser outros.

Um exemplo desta inversão da lógica dominante, a definição da tradição Simbolista proposta por Calderón – que descrevemos *ipsis verbis* pouco antes –, embora tenha em seu cômputo elementos figurativos, foi pautada basicamente nos signos geométricos (CALDERÓN, 1983 [1967], p. 15-16). Uma análise atenta desta descrição demonstra que ele esboça exatamente aquilo que, posteriormente, seria chamado por Alice Aguiar Cavalcanti de tradição Agreste (CAVALCANTI, 1986a, 1986b). Fala-se do mesmo fenômeno, porém, muda-se o ponto de vista.

Enquanto nas tradições arqueológicas rupestres os elementos reconhecíveis são descritos de maneira detalhada e minuciosa, os geométricos são generalizados, colocados como apêndices nas interpretações. Objetivamente, com exceção da tradição São Francisco – que tem seus estudos adensados no alto e médio São Francisco, no norte de Minas Gerais –, no Nordeste brasileiro os geométricos nunca foram classificados em categorias aprimoradas que permitissem reconhecê-los em sua diversidade, tipos, técnicas de aplicação, estruturas gráficas e contextos ambientais, para a elaboração de modelos explicativos. É justamente a análise pouco aprofundada dos signos geométricos que coloca em evidência contradições entre as tradições arqueológicas apresentadas. Sendo assim, entendemos que resulta parcial a definição das tradições e, portanto, tendenciosa a sublimação dos signos geométricos como elementos analíticos.

Esta ausência de reconhecimento particularizado, velada por uma classificação geral, ressalta outro problema que nos parece de primeira ordem: o que cada pesquisador compreende por geométrico?[30] Esta é uma dúvida de difícil resposta, pois percebemos que a comunidade científica parte do implícito de que o conhecimento de base de cada pesquisador seja suficiente para que ele possa definir ou classificar elementos geométricos. Entretanto, do ponto de vista científico, na medida em que não sabemos quais os parâmetros comuns que permeiam as narrativas de definição dos geométricos, qualquer coisa poderá ser definida

[30] Questionamento semelhante faz Gabriela Martín: "Que é geométrico em arte rupestre? Espirais, linhas sinuosas, linhas quebradas aparentemente ao azar, são grafismos geométricos? Quando o mesmo grafismo "geométrico" é representado dentro de painéis de tradições Nordeste e Agreste que tipo de explicação podemos dar? Seriam intrusões "geométricas" nas tradições conhecidas?" (MARTÍN, 1999, p. 291).

como geométrico, com base na intenção, na compreensão e no bom senso de cada investigador.

Apenas para ilustrar a dimensão deste problema, há consenso entre os pesquisadores em relação à ideia de que as pinturas atribuídas à tradição Nordeste, à tradição Agreste, à tradição São Francisco e mesmo à tradição Astronômica tenham uma dispersão territorial muito grande, abrangendo todo o Nordeste e áreas imediatamente vizinhas (BELTRÃO, 2000; ETCHEVARNE, 2007; GUIDON, 1983, 1991; MARTÍN, 1999; PESSIS, 1992, 2003; PROUS, 1992; RIBEIRO, 2006; SILVA, 2004). Entretanto, não há consenso de que estas sejam, de fato, tradições específicas.

André Prous entende que a tradição Agreste seja fruto da mistura entre estilos das pinturas da tradição Nordeste e da tradição São Francisco (PROUS, 1992, p. 525 e 538). De forma diferente, mas com compreensão semelhante, Gabriela Martín afirma que percebe relação entre as figuras da tradição Agreste e as da tradição São Francisco, que poderiam pertencer a um tronco comum (MARTÍN, 1999, p. 295). Na busca deste tronco comum, Celito Kestering apresenta inúmeros exemplos de classificações de sítios rupestres adotadas no Nordeste brasileiro, Minas Gerais e Goiás que promovem ambiguidade de compreensão entre as pinturas da tradição Agreste, da tradição São Francisco e da tradição Geométrica (KESTERING, 2007, p. 161-165). Loredana Ribeiro sugere que a tradição Astronômica seja uma forma de representação específica relacionada ao uso dos tetos dos abrigos e estaria associada à tradição São Francisco (RIBEIRO, 1996-7, p. 496). Maria Beltrão e Tânia Andrade Lima[31] criam o estilo Serra Azul na região de Central, Bahia, e o inserem na tradição Geométrica, mas chamam a atenção para a semelhança existente entre os grafismos do norte de Minas Gerais e os do sudeste do Piauí, associados à tradição São Francisco (BELTRÃO & LIMA, 1986, p. 147-157).

A dificuldade apresentada pelos autores pode resultar de diversas questões, seja da ambiguidade na definição das diferentes tradições, ou até mesmo da ausência de descrições de signos e contextos. Neste aspecto, cabe frisar uma observação feita por Loredana Ribeiro:

> (...) a utilização das tradições rupestres como parâmetro de análise dificulta, em vez de favorecer, a organização do registro rupestre, na medida em que direciona a pesquisa para os padrões de similaridade. Em análise focada

[31] Professora do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

> nestes padrões, os contrastes e as diferenças entre expressões são mascaradas e ofuscadas. Expressões estilísticas tematicamente distintas podem estar conectadas de modo importante e complementar, tornando necessário investigar as relações entre estilos caracterizados por temáticas distintas, avaliando suas oposições e dissimilaridades, antes de atribuí-los a tradições também distintas (RIBEIRO, 2006, p. 19).

Carlos Xavier de Azevedo Netto, professor da Universidade Federal da Paraíba, e equipe partilham desta visão de Ribeiro, e arrematam dizendo:

> (...) o paradigma classificatório utilizado para representar os padrões estéticos dos grafismos rupestres tem como pilar o caráter hierárquico (...) tradição → subtradição → estilo. Esse princípio de arranjo classificatório tem como [diretriz] o caráter excludente das classes, que apresenta uma natureza de oposição entre as diferentes categorias construídas. Embora aparente uma flexibilidade, o processo de classificação dos grafismos rupestres tem como definidores atributos de diferenciação, procurando formar conjunto de certa homogeneidade estática (...) (AZEVEDO NETTO et al., 2009, p. 49-50).

Se as tradições primam pela similaridade, a dificuldade dos modelos classificatórios estaria nas diferenças, que podem ser fruto da ausência de classificação, ou da excepcionalidade dos contextos arqueológicos. De qualquer forma, a quantidade de questionamentos parece sugerir que o modelo vigente não responde mais acerca das diferentes realidades arqueológicas[32]. Nos exemplos aqui apresentados, analisando-se cautelosamente as controvérsias, percebe-se que uma das bases destes problemas de identificação reside na ausência de estudos específicos sobre as representações geométricas, que tem favorecido a ambiguidade na filiação das pinturas às tradições. Por conseguinte, ocorre também a ausência de classificação que torna a dita tradição Geométrica uma categoria de exclusão, agregadora de tudo que não pode ser enquadrado nas demais tradições, o que acaba tornando esta tradição uma miscelânea que não permite qualquer leitura ou interpretação de contextos arqueológicos.

[32] Sobre esta questão, cabe citar um artigo de Mário Consens e Paulo Seda, que discutem a incomunicabilidade científica das definições de fase, estilo e tradição nos estudos das representações rupestres no Brasil (CONSENS & SEDA, 1990). No entanto, em 1980 já se apresentavam questões ambíguas acerca das classificações a partir das tradições e fase, tema discutido no “III Seminário Goiano de Arqueologia” na mesa “Arte rupestre no Brasil” coordenada por Niède Guidon (SCHMITZ et al., 1980).

Sendo assim, concluímos que o atual estado da arte não nos permite falar numa tradição Geométrica. Em contraponto, as ausências fundamentais verificadas alertam para a necessidade de se tomar os signos geométricos como objeto de estudo, de forma que se possa distinguir repertórios gráficos comuns e específicos para os diferentes territórios. Partimos do pressuposto de que nestes elementos residem algumas das "chaves para uma leitura", nas palavras de Carlos Etchevarne (2007), das representações rupestres.

1.3. OS ESTUDOS DAS REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NA BAHIA

Após abordar os pressupostos teóricos nos quais se assenta o conhecimento acerca das representações rupestres e como eles foram empregados no Nordeste brasileiro, passemos a conhecer o histórico de pesquisas sobre este tema na Bahia. Assim, este momento destina-se a uma revisão bibliográfica sobre o que foi produzido – disponível em publicações, relatórios técnicos ou de pesquisa, pareceres, dissertações de mestrado e teses de doutorado – com o sentido de compreender o cenário no qual nos inserimos e quais as perspectivas de uso destes dados na tese, seja evidenciando cenários de presença ou de ausência de potenciais informações. Tentaremos seguir uma narrativa, na medida do possível, cronológica.

Notícias históricas sobre sítios de representações rupestres na Bahia são muito antigas, remontando, as primeiras delas, à metade do século XVI, advindas de padres jesuítas (1549), aventureiros (1753), exploradores (1758 e 1867) e naturalistas (1817-1820), que se referiam a sítios das regiões do litoral, Serra do Sincorá, Montes Altos, submédio São Francisco, Rio de Contas e Brumado (ETCHEVARNE, 2007, p. 39-48). Com relação a trabalhos específicos orientados para a observação de sítios rupestres, estes foram realizados a partir do início do século XX por Theodoro Sampaio nos municípios de Santa Teresinha, Milagres e Itatim (SAMPAIO, 1918) e Carlos Ott em Juazeiro, Campo Formoso e Serrinha (OTT, 1945, 1958). Embora os trabalhos de Sampaio e Ott sejam excelentes marcadores de um fazer embrionário da arqueologia na Bahia e tenham contribuído com dados importantes sobre locais de ocupação passada, são pouco confiáveis para as interpretações arqueológicas, na medida em que se apoiam em especulações, às vezes baseadas em visões equivocadas e etnocêntricas.

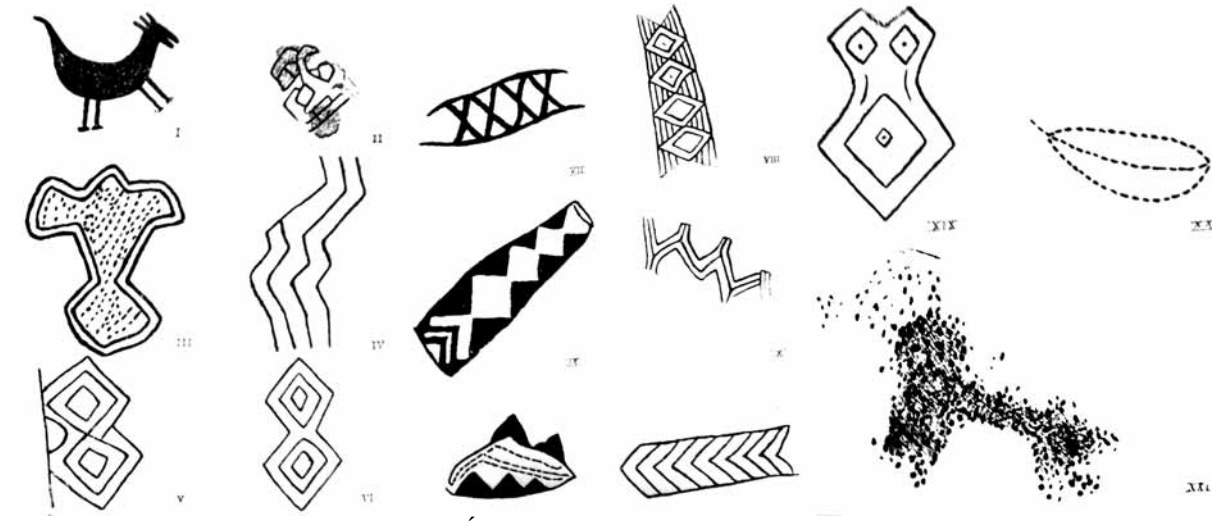


IMAGEM 10: Imagens do sítio Buraco d'Água registradas por Carlos Ott em Campo Formoso, Bahia. FONTE: OTT, 1945.

Dessa forma, as pesquisas sistemáticas com sítios de representações rupestres tendo como viés um olhar arqueológico só começam a ser realizadas no final dos anos 60 do século XX, conduzidas por Valentín Calderón (CALDERÓN, 1983 [1967], 1969, 1983 [1971]). Podemos dizer que os trabalhos específicos sobre representações rupestres de Calderón foram efetuados em dois momentos. O primeiro deles nos anos 60, quando realizou, associado ao Pronapa, inúmeros levantamentos, prospecções e escavações em sítios pré-coloniais no interior da Bahia e em estados imediatamente vizinhos, o que permitiu o levantamento de cerca de 55 sítios de representações rupestres – 50 na Bahia, 2 em Pernambuco, 1 em Minas Gerais, 1 em Goiás e 1 sem local definido – que, por seu turno, deram a base para que Calderón pudesse propor as tradições Naturalista (anteriormente Realista) e Simbolista (COSTA, 2005, p. 144-147; SUBSECRETARIA..., 1984).

O segundo momento ocorreu entre os anos de 1975 e 1977, associado a um trabalho que coordenou de arqueologia empresarial, o Projeto Sobradinho de Salvamento Arqueológico, financiado pela Companhia Hidro Elétrica do São Francisco (Chesf), na área da cota de inundação do lago da barragem de Sobradinho, no submédio São Francisco, norte do estado da Bahia, abrangendo um trecho de aproximados 300 km de extensão no curso do rio. Objetivamente, nestes trabalhos, Calderón não participou de forma direta, senão com a coordenação distante, pois estava envolvido com o Museu de Arte Sacra da Universidade Federal da Bahia, que dirigiu de 1970 a 1980, quando veio a falecer. Desta forma, o que se

sabe é que, de fato, Calderón emprestou o seu nome e prestígio[33] para dois iniciantes na arqueologia, treinados por ele nas dependências do Museu de Arte Sacra, que passaram a executar o projeto (COSTA, 2005, p. 148). Mas, em face da inexperiência dos seus discípulos, e de acordo com as palavras de Gabriela Martín, "(...) os resultados do que deveria ter sido um grande projeto estão resumidos numa pequena publicação que vale por algumas informações ali contidas" (MARTÍN, 1999, p. 42). Isto é, trata-se de notícias fortuitas de poucos e parcos sítios, além de listagens resumidas de materiais coletados, aparentemente sem contexto. Existem 8 sítios de representações rupestres que, nem sequer, foram considerados nas classificações das tradições de Calderón (CALDERÓN et al., 1977).

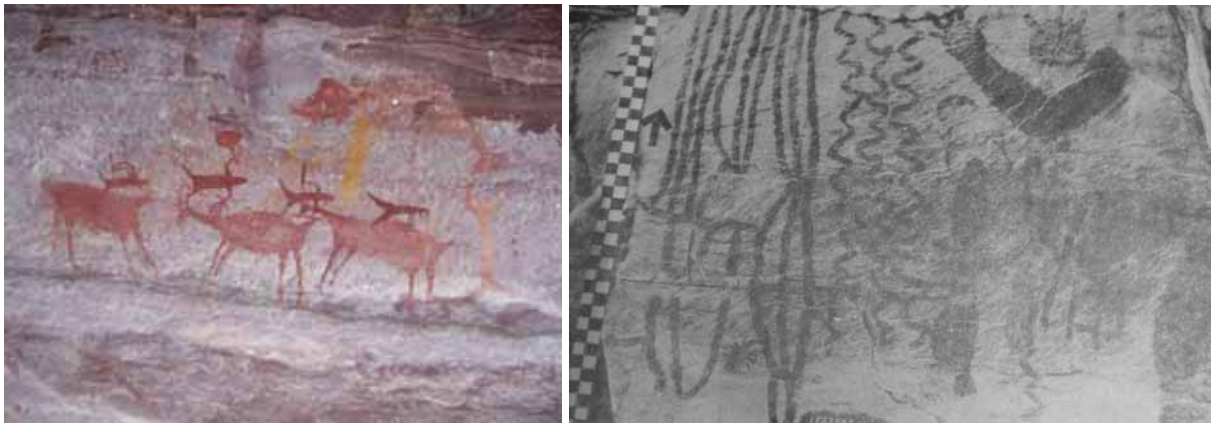


IMAGEM 11: Sítios pesquisados por Valentín Calderón: à esquerda, detalhe de um painel com sobreposições, na Serra da Lagoa da Velha em Morro do Chapéu; à direita, um detalhe de um painel pictórico do sítio São Gonçalo, em Sento Sé. Fotos: Fabiana Comerlato, 2005; Arquivos do MAE/Ufba.

Mas, o que pode se ter de síntese das incursões de Calderón é que estas ações permitiram as primeiras observações sistemáticas acerca das representações rupestres na Bahia[34], criando um modelo explicativo – ainda que preliminar e, hoje, não utilizado – para a Chapada Diamantina, norte e oeste baiano[35], quando propôs a tradição Naturalista (Realista) com as fases Jabuticaba, Itacira e Orobó; e a tradição Simbolista com as fases Mucugê e Sincorá (ETCHEVARNE, 2007, p. 59).

[33] Neste ponto torna-se indispensável ressaltar que em 1976 Calderón recebeu o grau de Comendador da Ordem do Mérito da Bahia, conferido pelo Grão-Mestre o Governador do estado da Bahia (Decreto de 1º de julho de 1976), e no ano seguinte o grau de Oficial da Ordem de Rio Branco, outorgado pelo Grão Mestre o Presidente da República Federativa do Brasil (Decreto de 6 de abril de 1977).

[34] A documentação resultante dessas observações, embora revele ausências irreparáveis, encontra-se no Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia (COSTA, 2007a, 2005, 2002).

[35] Valentín Calderón identificou sítios rupestres nas seguintes cidades do estado da Bahia: Casa Nova, Coribe, Curaçá, Ibiquera, Ituaçu, Morro do Chapéu, Mucugê, Santana dos Brejos, Sento Sé, Contendas do Sincorá e Xique-Xique (COSTA, 2005, p. 147-149).

Depois deste momento inicial de pesquisas, na década de 80 do século XX, passaram a ocorrer projetos paralelos de arqueologia, com enfoques amplos, que também visavam à observação de sítios rupestres. Entre os trabalhos realizados nesta fase, estão aqueles relacionados ao Projeto Central, coordenado por Maria Beltrão, iniciados em 1984 e que permanecem até o presente, com a pretensão de abarcar os limites do sertão baiano, cerca de 270.000 km², o que corresponde a uma área de observação de mais de 70% do estado da Bahia (BELTRÃO et al., 2002). Apesar desta imensa área, a atuação da equipe de Beltrão sempre teve como epicentro o município de Central, na depressão sanfranciscana, de onde se irradiaram atividades para as regiões vizinhas. Tais trabalhos têm ocorrido em campanhas anuais, de maneira quase contínua, e contam com uma equipe que executa levantamentos e escavações em sítios arqueológicos, sendo então os materiais transportados para o Museu Nacional, no Rio de Janeiro, para os consequentes estudos.

Como apontamos, as pesquisas de Beltrão nos sítios rupestres têm associado os grafismos a eventos celestes, vinculando-os tematicamente àquilo que chamou de “tradição Astronômica” (BELTRÃO, 2000; TAVARES & BELTRÃO, 2009). Ademais, um dos impactos de suas pesquisas são as datações antiquíssimas para a ocupação humana deste território, que indicam uma cronologia de 300 mil anos AP, o que leva a se considerar a ocorrência de outros hominídeos na América do Sul, em especial o *Homo erectus* (BELTRÃO, 2000 e 1988). Para embasar as suas proposições, Beltrão também tem buscado amparo em outros dados arqueológicos, entre os quais as representações rupestres. Para tanto, tem identificado signos que interpreta como representações de animais pleistocênicos extintos, a exemplo de *megatherium*, ursos e mastodontes (BELTRÃO, 2000; BELTRÃO & LIMA, 1986). Evidentemente, estas proposições têm sido observadas com muita cautela e ceticismo pela comunidade científica, o que tem colocado as suas pesquisas sob dúvida e questionamento.

No sudoeste baiano e leste de Goiás, nas áreas de cerrado e caatinga arbórea, Pedro Ignácio Schmitz coordenou entre os anos de 1981 e 1986 o Projeto Serra Geral, que na faixa baiana se estendeu ao longo do rio Corrente, do rio Correntina e do rio Formoso, afluentes do rio São Francisco. Além de levantamentos que permitiram a identificação de sítios cerâmicos e pré-cerâmicos, e de escavações amostrais de abrigos de caçadores-coletores que indicaram a presença humana nesta região há, pelo menos, 9 mil anos AP, foram localizados 10 sítios de pinturas e de gravuras rupestres. Tais sítios foram minuciosamente documentados, com desenhos sistemáticos dos painéis e estudos específicos das pinturas, relacionando-os aos suportes utilizados e às formas de apropriação dos paredões rochosos; houve também a

tentativa de associação dos contextos estratigráficos aos conteúdos pictóricos. Por fim, os autores concluíram pela filiação dos sítios rupestres à tradição São Francisco (SCHMITZ et al., 1997; SCHMITZ et al., 1984).

Na área do submédio São Francisco, na divisa entre o estado da Bahia e o estado de Pernambuco, foi desenvolvido, entre os anos de 1984 e 1987, o Projeto Itaparica de Salvamento Arqueológico, sob a coordenação geral de Pedro Agostinho da Silva[36], na margem baiana, e Gabriela Martín, na margem pernambucana. Trata-se de um trabalho de arqueologia empresarial, financiado pela Chesf, desenvolvido na área da cota de inundação do lago da barragem de Itaparica (MARTÍN, 1999, p. 121). Os trabalhos na margem baiana abrangeram os municípios de Chorrochó, Glória e Rodelas, onde foram localizadas pouco mais de 200 jazidas, entre sítios líticos a céu aberto, sítios cerâmicos (aldeias) e abrigos sobrocha; do acervo resgatado constam materiais líticos lascados, cerâmicos e alguns poucos sepultamentos. Do universo de sítios identificados 15 eram de representações rupestres – 9 de gravuras e 6 de pinturas – classificados em três categorias, de acordo com os seus padrões de assentamento: abrigo aberto; afloramento rochoso a céu aberto na beira de um curso d'água; e afloramento rochoso a céu aberto isolado sobre várzea. Foi nestas atividades que Carlos Etchevarne obteve a datação mínima de 2.290 ± 170 anos AP para um bloco gravado no sítio Itaquatiara I, que é uma das poucas, senão a única, datação baiana associada à representação rupestre (COSTA, 2005, p.149-150; ETCHEVARNE 1992, 1995, 2002b).

[36] Antropólogo, professor do Departamento de Antropologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia. Na ocasião do salvamento arqueológico de Itaparica, atuava como diretor do Museu de Arqueologia e Etnologia. Pedro Agostinho, como é mais conhecido, é de nacionalidade portuguesa e filho do famoso filósofo português George Agostinho da Silva. Embora não tenha a formação em arqueologia, é homem de grande erudição e circulação na área. Foi, em 1959, estagiário de Valentín Calderón nas escavações do Sambaqui da Pedra Oca e, nos anos 1970, autor do primeiro trabalho de etnoarqueologia brasileiro de reconstituição de aldeias Kamayurá na área do Parque Nacional do Xingu (PROUS, 1992, p. 57).

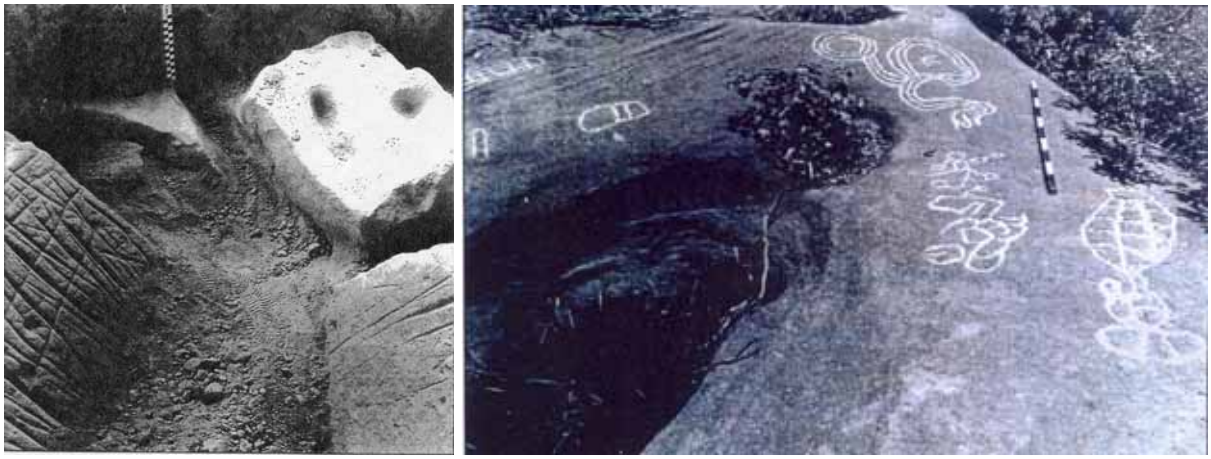


IMAGEM 12: Sítios de gravura do submédio São Francisco, na área de Itaparica: à esquerda, sítio Itacoatiara I, na Serra do Curral em Rodelas, onde se veem os blocos de gravuras e pilões encontrados nas escavações arqueológicas; à direita, sítio Bebedouro das Pedras, onde aparecem gravuras sobre laje, encontradas no distrito de Tapera em Rodelas. Fonte: ETCHEVARNE, 1995, p. 292-293.

Depois desta fase, impulsionada por grandes projetos arqueológicos científicos e por contrato, os anos 90 caracterizaram-se por iniciativas pequenas, quando foram executados registros ou estudos pontuais de sítios com pinturas rupestres. Deste período cabe citar as escavações de 6 sítios de pinturas rupestres, realizadas por Alan Bryan e Ruth Grün, associadas ao Projeto Central. Destes sítios destacamos o abrigo da Lesma, na Chapada Diamantina, um pequeno sítio calcário de 21 m² no qual foram coletados artefatos líticos (lascas, núcleos e seixos lascados de quartzo, quartzito, calcário, sílex e calcedônia), fragmentos cerâmicos, moluscos, ossos humanos e ossos de mamíferos da fauna local atual (mocós, macacos, gambás, tatus, veados e porcos-do-mato). Em decorrência de a maior parte dos ossos de animais ter sido coletada em fogueiras, acredita-se tratar de restos de alimentos. Foram conseguidas, também, datações que colocam a ocupação do abrigo entre 1.137 e 2.712 anos AP. Entretanto, não foi possível associar-se o conteúdo pictórico com as camadas estratigráficas (BRYAN & GRÜHN, 1993).

No Museu de Arqueologia e Etnologia, ligado, na ocasião, à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia, Carlos Etchevarne, que naquele momento era vice-diretor do museu, coordenou algumas ações pontuais com foco em sítios de representações rupestres. Destacamos, inicialmente, dois pareceres com o objetivo de avaliar sítios rupestres que se encontravam em áreas que seriam potencialmente afetadas por empreendimentos de mineração. Um deles foi produzido a pedido da Companhia de Pesquisas de Recursos Minerais (CPRM) em Morro do Chapéu e versa sobre o sítio de gravuras Lajedo Bordado, o maior entre os conhecidos do estado da Bahia, com mais de 600 metros de

extensão (ETCHEVARNE, 2000a); o outro solicitado pela prefeitura de Juazeiro para dar subsídios à criação de uma Área de Proteção Ambiental, discorre sobre um conjunto de sítios de pinturas identificado na Serra do Mulato, o qual se encontrava em processo continuado de destruição pela extração de rochas para confecção de paralelepípedos (ETCHEVARNE, 1997).

A segunda ação foi realizada em Iraquara, junto à equipe coordenada por Marcel Otte, da Universidade de Liège, Bélgica. Trata-se do estudo de 4 sítios localizados em dolinas cársticas: Lapa do Sol, Santa Marta, Torrinha I e Torrinha II. Neles foram levadas a cabo pesquisas acerca das estruturas gráficas e aproveitamento dos suportes existentes nos abrigos (ETCHEVARNE, 1998, 2002a). Ainda que pontuais, é destas experiências iniciais, sobretudo as de Iraquara, que surge o embrião das ações que viriam a ser desenvolvidas no século seguinte por Etchevarne, como veremos à frente.

No ano de 1997, Leila Maria Ribeiro Almeida, técnica administrativa então lotada na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, realizou o registro de 15 sítios arqueológicos, entre os quais 10 de pintura rupestre no distrito de Alagadiço, em Seabra, município da Chapada Diamantina. Entretanto, suas informações não ultrapassam a simples notícia e registro no Iphan (ALMEIDA, 1997).

Em 1998, Maria Barberi, geóloga da CPRM, realizaria um trabalho de levantamento geológico para a confecção de um mapa do município de Morro do Chapéu, na Chapada Diamantina, e apresentaria, como resultado, um conjunto de 8 sítios rupestres, sugerindo uma aproximação, filiando-os à tradição Planalto, à tradição São Francisco e à tradição Nordeste (BARBERI, 1998).

No final dos anos 90 e no século XXI, teremos um cenário distinto, caracterizado por um número significativo de pesquisas acadêmicas, de mestrado e de doutorado, fato que, segundo Etchevarne, aponta para o interesse acentuado da academia, especificamente dos programas de pós-graduação, pelo tema (ETCHEVARNE, 2007, p. 71). E, de fato, esta constatação tem sentido, na medida em que há o aumento de pesquisas neste período, de forma a indicar um "despertar" da comunidade científica para as representações rupestres. Complementarmente, entendemos que este interesse não se restringe à academia, mas é também de grandes empreendimentos e da comunidade em geral. Como exemplo, são deste período as principais obras brasileiras de divulgação das representações rupestres para o grande público, realizadas

com financiamento de grandes empresas ou grandes editoras[37]. Da mesma forma, nos últimos anos da década de 90 e começo do século XXI, sítios arqueológicos de várias naturezas, em especial de representações rupestres, passam a ser musealizados em todo o Brasil e viram objeto de visitação[38]. Não obstante estas iniciativas, é flagrante o crescimento exponencial da arqueologia associada aos licenciamentos ambientais de empreendimentos potencialmente lesivos ao meio, que têm possibilitado importantes informações arqueológicas para o estado, embora deveras sumárias. Ou seja, parece ser este um momento de maior divulgação e interesse pelos sítios rupestres, que no campo acadêmico viria a se refletir na quantidade de trabalhos e publicações realizadas.

No último ano da década de 90, Maria Cleonice de Souza Vergne, professora da Universidade Estadual da Bahia campus Paulo Afonso, realizou um mapeamento no município de Paulo Afonso, no nordeste do estado, com o objetivo de verificar a ocorrência de sítios rupestres nas proximidades de Xingó, cidade do estado vizinho de Sergipe, onde já desenvolvia pesquisa. Com este intuito localizou 31 locais em matacões graníticos, nos quais predominam grafismos geométricos feitos com o uso dos dedos e algumas poucas exceções de figurativos. Porém, não avança em estudos além do mapeamento, desenhos dos sítios e proposição de uso turístico (VERGNE, 2000).

Em 1998 Joaquim Perfeito da Silva desenvolveu a sua dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, quando realizou estudos em 25 sítios rupestres da Chapada Diamantina e áreas vizinhas. Em seu trabalho classificou os sítios nas tradições reconhecidas para o Nordeste brasileiro, sugerindo que as áreas estudadas expressavam locais de encontro harmonioso entre distintos grupos humanos que produziam as diferentes tradições rupestres, fenômeno que chamou de "*melting pot*". Por estar numa área central àquelas mais pesquisadas (Goiás, Minas Gerais e Piauí), atribuiu uma datação intermediária às pinturas, de 7 mil anos AP (SILVA, 1998). Seis anos

[37] Entre elas estão: o livro de Edithe Pereira da Silva "Arte rupestre na Amazônia – Pará" publicado pela Edusp (2003); o livro de Anne Marie Pessis "Imagens da pré-história: Parque Nacional Serra da Capivara" patrocinado pela Petrobras (2003); os livros organizados por Águeda Vilhena Vialou, "Pré-história do Mato Grosso, vol. 1 - Santa Elina" (2005) e "Pré-história de Mato Grosso, vol. 2 – Cidade de Pedras" (2006), publicados pela Edusp; o livro de André Prous, Loredana Ribeiro e Jorge Marcos "Brasil rupestre. Arte pré-histórica brasileira" financiado pela Petrobras (2007); e o livro de Carlos Alberto Etchevarne "Escrito na pedra: cor, forma e movimento nos grafismos rupestres da Bahia" financiado pela Odebrecht (2007).

[38] Até a década de 1990, só existia um local no Brasil que preparava sítios de representações rupestres à visitação: o Parque Nacional Serra da Capivara. Do final dos anos 1990 para os dias de hoje, este panorama ampliou-se significativamente. Atualmente conta-se com: os sítios de gravuras do Costão do Santinho em Florianópolis, Santa Catarina; sítio Gruta das Araras em Serranópolis, Goiás; sítio Serra das Paridas em Lençóis e Lapa do Sol em Iraquara, Bahia; sítio Lajedo da Soledade, em Apodi, Rio Grande do Norte; Sítio Pedra Preta em Paranaíta e o sítio Ferraz Egreja em Rondonópolis, Mato Grosso.

mais tarde, em 2004, Joaquim Perfeito viria apresentar a sua tese de doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, na qual aprofundaria as suas pesquisas e utilizaria as teorias estruturalistas para realizar interpretações dos sítios rupestres da Bahia e de Minas Gerais, propondo, também, a necessidade de leituras interdisciplinares para as pesquisas sobre este tema. Influenciado pelas proposições de Maria Beltrão, com quem trabalhou durante anos, fez analogias etnográficas entre os mitos de grupos amazônicos atuais e as pinturas rupestres, utilizando os painéis como unidade total de interpretação e ignorando as sobreposições ou superposições (SILVA, 2004).

Sob a orientação de Maria Beltrão e no âmbito do Projeto Central, Márcia Dantas Braga defendeu em 1999 uma dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na linha de pesquisa conservação e restauro do patrimônio cultural. Seu estudo abordava um projeto de conservação para sítios arqueológicos com pinturas rupestres situados no município de Central. O trabalho teve como objetivo realizar uma série de protocolos de registro do estado de conservação de um conjunto de 26 sítios, além de pequenas ações de conservação e de restauração, em caráter de teste, em 11 deles. Também foram realizadas análises mineralógicas para que, associadas aos protocolos de registro, pudesse ser efetuado um acompanhamento da evolução do estado de conservação dos sítios, considerando as possibilidades de destruição por agentes de origem intempérica ou antrópica (BRAGA, 1999).

Entre 2001 e 2003, Elvis Pereira Barbosa, professor da Universidade Estadual de Santa Cruz, realizou um mapeamento arqueológico na área da APA Gruta dos Brejões Vereda do Romão Gramacho, em Morro do Chapéu, que permitiu localizar cerca de 30 sítios de pintura rupestre ao longo do cânion cárstico do rio Jacaré, tributário do rio Salitre e integrante da bacia do rio São Francisco, incluindo um sítio que se encontrava na entrada da gruta dos Brejões. Nestes espaços foram realizadas descrições do contexto de entorno e do sítio, registros fotográficos das pinturas e sua pré-classificação à tradição Geométrica, uma vez que, de acordo com Barbosa, o conjunto observado apresentava homogeneidade dos grafismos (BARBOSA, 2003, 2004).

Na Virginia Commonwealth University Reinaldo Morales Jr. fez o seu doutoramento em Arte Pré-Colombiana em 2002, momento em que também estudou sítios de representação rupestre na Bahia. No seu caminho de pesquisa, realizou analogias etnográficas entre diversos grupos indígenas atuais existentes nos estados vizinhos àquele da Serra da Capivara, no Piauí, e

pinturas rupestres da tradição Nordeste. Sua intenção foi tentar reconstituir o lapso de tempo compreendido entre o momento em que a tradição Nordeste desaparece, há 6 mil anos AP, e a atualidade, pois compreende que tais grupos não tenham desaparecido, senão sido absorvidos nos processos de "inovação social".

A partir de analogias feitas entre os sítios do estilo Serra Branca, que se encontram no Parque Nacional Serra da Capivara, com dados etnográficos, sobretudo mitos e cultura material (as máscaras), de grupos indígenas atuais[39], admite que tenha ocorrido a continuidade de certas ideologias, ressignificadas em novos padrões sociais, fator que seria, segundo o autor, uma ponte razoável entre os grupos antigos e os grupos atuais. Assim, entende que as representações rupestres atribuídas à tradição Nordeste identificadas na Bahia – que classificou como subtradição Central (conforme proposto por Gabriela Martín), estilo Angelim – seriam o elo que permitiria este reconhecimento. Apesar de toda esta construção, Morales Jr. chama a atenção para o fato de que todas as interpretações sobre a arte indígena no Brasil devem levar em consideração o maior número de fontes possível, mesmo que o resultado final seja de não saber o que significam as representações rupestres (MORALES JR, 2002).

Neste mesmo ano, Carlos Costa (o autor desta tese de doutoramento) apresentou o trabalho de conclusão do curso de Museologia na Universidade Federal da Bahia, no qual partindo da premissa de que o objeto arqueológico não tem sentido isoladamente, senão relacionado com o seu contexto, realizou no âmbito do Museu de Arqueologia e Etnologia da mesma universidade o levantamento e o reordenamento de toda a documentação relativa aos sítios rupestres, com o intuito de recompor os contextos registrados a partir da documentação arqueológica, que se encontrava com fundo documental desordenado. Tal documentação é derivada das pesquisas arqueológicas ocorridas entre as décadas de 40 e 80 do século XX, que justificam os acervos da instituição de maneira que este momento oportunizou o reconhecimento histórico dos trabalhos de Vital Rego, de Carlos Ott e de Valentín Calderón, além do Projeto Sobradinho e do Projeto Itaparica (COSTA, 2002, 2005, 2007b).

No ano de 2001, Celito Kestering defendeu a sua dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em História, linha de concentração pré-história, na Universidade Federal de Pernambuco. Nos estudos que desenvolveu em 31 locais com pinturas rupestres encontrados

[39] Timbira, Kayapó, Akwé, Kagwahiv, Pirintintin, Apiaká, Cayabi, Tapirapé, Kuruaya, Shipaya, Xerente, Pankararu, Kamayurá e Waurá, entre outos grupos Tupi e Macro-Jê.

no submédio São Francisco, especificamente no Boqueirão do Riacho de São Gonçalo, em Sento Sé, configuraria aquela área como de passagem, na medida em que as pinturas apresentavam, de acordo com as suas observações, grande diversidade temática, técnica e cenográfica, atribuível a todas as tradições arqueológicas conhecidas para o Nordeste brasileiro. Assim, concluiu que esta área teria sido utilizada como caminho no lapso de tempo de existência dos grupos autores das diferentes tradições arqueológicas e, assim, as pinturas seriam marcas deixadas ao longo do tempo por diferentes populações pré-coloniais (KESTERING, 2003a, 2003b, 2002, 2001).

Quatro anos depois, Daniele Lima Luso, influenciada por Kestering[40], realizaria a sua dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Arqueologia[41] na mesma universidade, tendo como objeto de estudo as pinturas rupestres do Boqueirão do Brejo de Dentro, feição geomorfológica imediatamente vizinha ao Boqueirão do Riacho de São Gonçalo. A partir do estudo de 16 pontos com pinturas rupestres, concluiria que as figuras guardavam semelhanças técnicas, morfológicas e cenográficas entre si, e filiaria essas pinturas à tradição São Francisco (LUSO, 2005a, 2005b).

Assim, em 2007, aprofundando as suas pesquisas na área arqueológica de Sobradinho, Celito Kestering faria a sua tese de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da UFPE, ampliando a área de pesquisa ao abarcar mais 9 feições geomorfológicas[42] e observando um universo de 112 locais com pinturas rupestres. A partir destes dados, passou a perceber semelhanças entre as pinturas na área, comparando-as com aquelas estudadas em Goiás e em Minas Gerais. Este fato o fez definir a subtradição Sobradinho, relacionando-a à tradição São Francisco. Fazendo uma mescla de dados arqueológicos e geológicos – que apontariam a possível existência de um paleolago no submédio São Francisco, no final do Pleistoceno e início do Holoceno –, Kestering segrega padrões temáticos distintos para as altas, médias e baixas vertentes das feições do relevo e classifica a referida subtradição em três estilos: estilo Olho D'água, com mais de 9 mil anos AP, localizado nas altas vertentes,

[40] Cabe dizer que tanto Celito Kestering quanto Daniele Lima Luso orientaram as suas pesquisas pelos princípios metodológicos adotados na Universidade Federal da Pernambuco, propostos por Anne Marie Pessis para os estudos das representações rupestres (PESSIS, 1993, 1992, 1989).

[41] O Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco foi criado em 2003. Ele nasceu a partir da linha de pesquisa em pré-história do Programa de Pós-Graduação em História, que àquela altura já tinha 25 anos de funcionamento.

[42] Boqueirão do Riacho de São Gonçalo, Boqueirão do Brejo de Dentro, Gota do Olho D'água, Grota do Tatuí, Grota da Velha Maria, Boqueirão da Gameleira, Boqueirão da Lajinha, Boqueirão do Saco de Arara, Grota do Olho D'água Vermelha, Boqueirão dos Caldeirões e Boqueirão de Melgueira.

quando a lente d'água do paleolago estaria nos níveis mais elevados; estilo São Gonçalo, entre 9 mil e 6.790 anos AP, situado nas médias e altas vertentes, quando o paleolago estaria em processo gradual de esgotamento, com os níveis de água mais baixos; e estilo Brejo de Dentro, com menos de 6.790 anos AP, quando o paleolago deixa de existir e as pinturas passam a aparecer indistintamente nos diferentes níveis do relevo[43] (KESTERING, 2007, 2008).

Trabalhos coordenados por Marjorie Csekö Nolasco e Gláucia Maria Costa Trinchão – professoras da Universidade Estadual de Feira de Santana das áreas de geociências e artes plásticas, respectivamente – realizados em Oliveira dos Brejinhos entre 2003 e 2005, a oeste da Chapada Diamantina, possibilitaram a localização de 34 sítios de pinturas rupestres ameaçados pela mineração de rochas ornamentais. Nestes sítios, identificaram preliminarmente tradições rupestres recorrentes e, a partir da aplicação de procedimentos de geotecnologia e processamento digital de imagens, analisaram os padrões de distribuição espacial. Além disso, propuseram "possíveis rotas pré-históricas" e elaboraram modelos preditivos para mapeamento de novos sítios rupestres (NOLASCO et al., 2005, 2003a, 2003b).

No Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade de São Paulo, Loredana Ribeiro defendeu em 2006 a sua pesquisa de doutorado, estudando um conjunto de cerca de 100 sítios rupestres do alto e médio São Francisco (norte de Minas Gerais e sudoeste da Bahia), entre os quais 31 estão na Bahia. Trata-se de um minucioso estudo estilístico dos sítios no qual, baseando-se nas dimensões gráficas, temporal e espacial, busca criar um quadro com uma sequência sucessória estilística para a região, balizando-o em dados estratigráficos e datações disponíveis relativas ao estado de Minas Gerais, o que lhe permite perceber ocorrências de sítios da tradição Agreste, da tradição Nordeste e, a maior parte deles, da tradição São Francisco. Como contribuição metodológica, Ribeiro demonstra que a observação das similaridades impostas pelas tradições arqueológicas mais atrapalham que auxiliam nos estudos regionais, chamando a atenção para a necessidade de observação das diferenças e contrastes existentes nos estilos, na medida em que estilos tematicamente distintos podem se interconectar em outras dimensões do contexto arqueológico, de maneira

[43] Aprofundando as características dos estilos propostos, diria Celito Kestering: "Caracterizam-se os grafismos do Estilo Olho D'água pela ausência de delimitação, variedade de cores e traços de largura média ou largos; os grafismos do Estilo São Gonçalo, pela delimitação total, monocromia vermelha ou bicromia (vermelho e amarelo) e concomitância de traços largos e médios; os grafismos do Estilo Brejo de Dentro, pela delimitação total ou parcial, monocromia vermelha e exclusividade de traços médios (KESTERING, 2007).

que as diferenças não podem constituir, *a priori*, divergências nos padrões de ocupação (RIBEIRO, 2006).

Neste mesmo ano, Fabiana Comerlato encerra o seu estágio pós-doutoral junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal da Bahia, no qual estudava procedimentos metodológicos informatizados para abordagem de sítios de gravuras rupestres sobre lajedos, utilizando como locais de experimentação 2 sítios de regiões distintas da Bahia: Lajedo Bordado, em Morro do Chapéu, na Chapada Diamantina; Fazenda Caraibeiras I, em Santa Brígida, nordeste da Bahia. Em ambos fez registros fotográficos precisos, desenhos digitais e elaborou protocolos de pesquisa para este tipo de contexto (COMERLATO, 2007a, 2007b). Paralelamente aos estudos pós-doutorais de Comerlato, Carlos Costa (o próprio autor destas linhas), como membro da equipe, realizou um levantamento de sítios rupestres em Santa Brígida. Na oportunidade, localizou 7 jazidas com pinturas que esboçavam signos geométricos, e procedeu a uma análise comparativa a qual sugeriu a existência de semelhanças gráficas no conjunto estudado, que divergia dos sítios existentes na Serra do km 42, marco natural que conforma um divisor do território. Este fato possibilitou levantar a hipótese de que este divisor natural atuou como zona de convergência de territórios rupestres (COSTA, 2007a).

Como afirma Gabriela Martín[44], o ano de 2007 marca um momento especial para os estudos com representações rupestres na Bahia (MARTÍN, 2009, p. 211). Isto porque, nesse ano foi lançada a obra que é, sem dúvida, o principal estudo sobre o tema no estado, o livro "Escrito na pedra: cor, forma e movimento nos grafismos rupestres da Bahia", de autoria de Carlos Etchevarne[45]. Trata-se de um estudo abrangente, no qual Etchevarne coteja dados de 110 sítios referenciais em 59 municípios de todas as regiões do estado. Se, por um lado, traz informações de sítios em diferentes províncias, por outro, agrega conhecimento acerca destas localidades, na medida em que busca compreender quais os critérios lógicos subjacentes que permeiam a confecção do grafismo e a escolha dos locais para grafar.

Fornecendo, tanto do ponto de vista técnico-arqueológico quanto histórico, uma base sólida acerca do que se conhece sobre as pesquisas com foco em sítios rupestres no Nordeste, especificamente na Bahia, Etchevarne segue estabelecendo os critérios segundo os quais buscou analisar o universo estudado. Observa, portanto, as questões relacionadas ao

[44] Autora de "Pré-história do Nordeste do Brasil" (1999), um *best sellers* da arqueologia brasileira que está na 5ª edição.

[45] Este livro resulta de uma premiação na 3ª edição do prêmio Clarival do Prado Valladares, da Odebrecht.

modelamento natural das paisagens, quando tenta entender os diferentes domínios petrológicos e ambientais, além do resultado advindo dos processos intempéricos[46]. Complementarmente, segue fornecendo os parâmetros arqueológicos para a apreensão das pinturas e gravuras rupestres. Ou seja, alia de maneira harmônica "homem e natureza", fugindo do determinismo ambiental, e colocando-os como agentes de ação mútua na construção do espaço social. Com este entendimento é que parte para a interpretação dos sítios rupestres, quando fornece inúmeros dados acerca de possibilidades de observações específicas para o estado, por exemplo: da distribuição dos sítios na Bahia, as principais áreas de recorrência de certos padrões gráficos, os modelos sucessórios estratigráficos dos painéis, as possibilidades interpretativas regionais, entre outras questões (ETCHEVARNE, 2007). Sendo assim, no que concerne ao trabalho de revisão bibliográfica destinado à tese de doutorado, esta é uma obra indispensável para a abordagem do tema na Bahia.

Fruto de todo o processo que culminou com o livro, Etchevarne deu continuidade aos estudos, realizando novos projetos, buscando recursos junto às agências brasileiras de financiamento das pesquisas (CNPq, Fapesb e Capes), às prefeituras, ao governo do estado (Secretaria de Cultura) e às empresas (Petrobras, Odebrecht). Dessa forma tem aprofundado suas ações relacionadas aos sítios rupestres, seja nas questões arqueológicas – como delimitação de perfis gráficos e a busca de marcos cronológicos para as pinturas e gravuras[47] – ou nas questões sociais, ao realizar trabalhos continuados de educação patrimonial com as comunidades do entorno dos sítios, com o sentido de que estas se apropriem deste legado patrimonial e passem a geri-lo (CAVALCANTE et al., 2008; ETCHEVARNE, 2011, 2009, 2007, 2006; ETCHEVARNE et al., 2011b, 2011c).

Entre 2000 e 2006, Cláudia Cunha Kachimareck, uma entusiasta das representações rupestres, realizou de modo autônomo, com os próprios recursos, associada voluntariamente ao Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia, uma série de visitas a sítios de pinturas e gravuras nas áreas da Chapada Diamantina e depressão sanfrancisna. Segundo o

[46] Na Bahia, Carlos Etchevarne identifica três grandes domínios petrológicos que proporcionam situações de modelamento topográfico diferenciadas com condições de habitabilidade ou outros usos particulares a cada uma delas. Os domínios a que se refere correspondem aos grupos dos arenitos, dos calcários e dos quartzitos. Nos estudos de representações o olhar para os domínios petrológicos constitui um avanço significativo, na medida em que amplia a perspectiva de observação dos painéis, *stricto sensu*, para constatação da reciprocidade entre os sistemas gráficos e as porções da paisagem apropriadas pelos grupos.

[47] Trata-se do projeto "Contextos arqueológicos e marcos temporais nos grafismos rupestres da Chapada Diamantina", financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb), que, a partir da escavação de dois sítios de pinturas rupestres em Morro do Chapéu (Toca do Pepino e Toca da Figura), busca obter marcos cronológicos para os sítios rupestres.

seu relato, neste período visitou cerca de 122 sítios – entre os quais constatamos 26 registrados no Iphan, inclusive repetidos ou re-nominados – em, pelo menos, 16 municípios, que lhe permitiram compor um acervo particular de registros, organizado e interpretado segundo critérios próprios. Esta base de dados particular tem sido utilizada por Kachimareck para indicar ocorrências das tradições rupestres reconhecidas para o Nordeste brasileiro em diferentes abrigos. Ela também passou a propor estilos de pinturas que associa à tradição Nordeste (KACHIMARECK, 2002 e 2007; MORALES JR & KACHIMARECK, 2004).

Foi tendo como base os dados obtidos nestas incursões que Cláudia Cunha Kachimareck realizou em 2008 uma dissertação de mestrado no curso de Arqueologia Pré-Histórica e Arte Rupestre na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, norte de Portugal, versando sobre 4 dos diversos abrigos existentes no sítio Serra da Lagoa da Velha, na cidade de Morro do Chapéu. Este sítio teve seu nome modificado por Kachimareck, passando a ser chamado exclusivamente por ela de “Complexo de abrigos pintados do Rodrigão”. Com tema e objetivos restritos, o seu estudo se prestou para identificar três estilos das pinturas nos poucos abrigos abordados no sítio Serra da Lagoa da Velha, que foram filiados preliminarmente, mas com ressalvas, à tradição Agreste e à tradição Nordeste (KACHIMARECK et al., 2010). Três anos depois, neste mesmo sítio e com estudo também restrito em objetivos e tema, Greciane Neres do Nascimento desenvolveu o seu trabalho de conclusão do curso de bacharelado em Ciências Sociais na Universidade Federal da Bahia, analisando as pinturas rupestres com pigmentos amarelos (NASCIMENTO, 2011).

Especificamente no município de Jacobina, área na qual se insere esta pesquisa, o geógrafo Ademário Dias Barbosa desenvolveu, em 2008, uma monografia de especialização em Modelagem em ciências da terra e do ambiente na Universidade Estadual de Feira de Santana, na qual realizou um diagnóstico das áreas degradadas e de conflitos no trecho sul da Serra do Tombador. Nesse estudo, foram observados conjuntamente dados relacionados à litologia, declividade, ocorrência de sítios rupestres, lagoas e aos diversos usos da terra (em especial para pecuária e para mineração), que foram relacionados entre si através de procedimentos geotecnológicos. Tais procedimentos possibilitaram a criação de um mapa estatístico preciso sobre as áreas degradadas do sul da Serra do Tombador, o estabelecimento dos principais agentes de degradação ambiental e a definição das áreas de concentração de conflitos. No que tange aos sítios arqueológicos, o sítio Complexo Tombador ou sítio do Fole, observado de maneira aprofundada, dispõe de 3 dos seus 9 abrigos identificados como de potencial risco de destruição pela mineração. Ademais, os resultados de seus estudos se impõem como

ferramentas públicas para a gestão do solo (BARBOSA & NOLASCO, 2010; BARBOSA, 2011a).

Com o objetivo de subsidiar a criação de uma unidade de conservação na Serra de Monte Alto[48], localizada nas regiões sul e sudoeste, Joaquim Perfeito da Silva realizou um estágio de pós-doutorado em 2010 junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Bahia. Paralelamente à sua participação em um conjunto de ações em prol da criação da unidade de conservação – da qual faziam parte universidades, prefeituras, órgãos ambientais, ONGs e comunidade civil organizada –, Perfeito da Silva desenvolveu estudos que redundaram na localização de diversos sítios arqueológicos, entre os quais 5 de pinturas rupestres. Embora tenha feito uma classificação preliminar dos sítios nas tradições rupestres conhecidas para o Nordeste brasileiro, em especial a tradição Nordeste, o objetivo principal do trabalho foi fornecer elementos que possibilitassem a criação da unidade de conservação, o uso sustentável destes recursos via turismo e a sua consequente gestão, indicando possibilidades de pesquisas futuras. Assim, a arqueologia foi utilizada como potencial vetor do desenvolvimento econômico e social da região (SILVA et al., 2007; SILVA, 2008, 2010).

Associada ao Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia, Fabiana Comerlato coordenou, entre os anos de 2007 e 2011, uma série de trabalhos de diagnóstico, levantamento e salvamento arqueológicos relacionados a licenciamentos ambientais de empreendimentos de engenharia, quando pôde localizar sítios de representações rupestres. Em 2008, durante um diagnóstico e levantamento arqueológicos em uma área destinada à mineração no distrito de Brejinho, em Sento Sé, norte do estado, mapeou 4 sítios arqueológicos, sendo 3 eram de representações rupestres; nestes foram reconhecidos signos geométricos, antropomorfos e zoomorfos, em tonalidades vermelha, amarela e preta. Um deles é um dos poucos sítios na arqueologia baiana de pintura sobre lajedo[49] (COMERLATO, 2008a).

Ainda nesse ano, Comerlato coordenou um salvamento arqueológico numa rodovia na porção sul da Chapada Diamantina, financiado pelo Departamento de Infra-Estrutura de Transportes da Bahia, entre Rio de Contas e Jussiape. Pesquisou, então, 34 sítios arqueológicos, entre os

[48] Abrangendo os municípios de Candiba, Guanambi, Palmas de Monte Alto, Pindaí, Sebastião Laranjeiras e Urandi.

[49] Em relato pessoal para o autor deste trabalho Luydy Fernandes informa ter localizado dois outros casos de pinturas sobre lajedo, um em um sítio de Umburanas/Sento Sé e outro em Morro do Chapéu, em um sítio da Serra da Izabel Dias.

quais 10 com pinturas e/ou gravuras rupestres, situados nos municípios de Rio de Contas, Jussiape, Livramento de Nossa Senhora e Tanque Novo. Como todos os sítios rupestres estavam fora da área de influência direta do empreendimento, não foram descritos em detalhes, de maneira que a única informação que se pode ter é de conterem signos geométricos nas cores vermelha, amarela, branca e preta, além de gravuras em *cupules* e linhas paralelas (COMERLATO, 2008b, p. 152-169).

Entre 2009 e 2011, noutra região, no município de Ituaçu, sudoeste da Chapada Diamantina, em áreas que seriam impactadas pela lavra de calcário para produção de cimento, a equipe coordenada por Comerlato localizou 18 sítios arqueológicos e algumas áreas de ocorrências isoladas de materiais, entre os quais 4 eram de pinturas rupestres. Como aponta a autora, deste pequeno universo, 3 sítios já haviam sido relatados por Calderón em 1964. Pela natureza das atividades empreendidas, que eram de identificação dos sítios, ainda não foram realizados estudos aprofundados. No entanto, a breve descrição dos mesmos permite perceber que eles contêm grafismos geométricos e alguns poucos signos antropomorfos pintados na cor vermelha (COMERLATO, 2009, 2011).

Em 2010 passa a haver um grande interesse pela instalação de parques eólicos em diversos pontos do país, em especial na Bahia. Tendo em vista que este tipo de empreendimento se caracteriza como de impacto ambiental, fazem-se necessários os respectivos trabalhos de licenciamento ambiental, entre os quais os arqueológicos. Como a maior parte destes parques é planejada para ser instalada nos altos das serras e planaltos, ocorre que os impactos incidem, quase sempre, em áreas com sítios rupestres.

É neste contexto que, nos municípios de Sento Sé e de Umburanas, no norte do estado, Luydy Fernandes, professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, coordenou em 2011 um trabalho de diagnóstico e levantamento arqueológicos na área em que será instalado um parque eólico para a produção de energia. Nestes trabalhos localizou 64 sítios arqueológicos, sendo 61 de representações rupestres situados em abrigos e paredões, que foram brevemente descritos. Nas informações gerais consta que se trata de sítios de pinturas, aplicadas nos tetos e nas paredes, feitas com os dedos, contendo majoritariamente motivos geométricos e em menor quantidade zoomorfos, antropomorfos e mãos, pintados em vermelho, amarelo, preto e branco. Além da alta concentração de sítios, o fato que chama a atenção, e que torna esta área importante para as análises arqueológicas, é a informação de que há em muitos destes sítios sobreposição de pinturas (FERNANDES & CIVITELLA, 2011).

Também derivado de um projeto arqueológico de diagnóstico e levantamento numa área em que estava para ser instalado um parque eólico, nesse mesmo ano Cristina de Cerqueira Silva Santana, professora da Universidade Estadual da Bahia campus Senhor do Bonfim, coordenou um trabalho no município de Campo Formoso, situado no norte da Chapada Diamantina, onde foram localizados 14 sítios, entre os quais 12 com pinturas rupestres com motivos geométricos, alguns poucos zoomorfos e antropomorfos na cor vermelha (SANTANA et al., 2011).

Também em 2011, Paulo Eduardo Zanettini, arqueólogo e sócio-diretor da Zanettini Arqueologia S/S Ltda., coordenou 4 projetos de diagnóstico, levantamento e resgate (salvamento) arqueológicos relacionados a empreendimentos de parques eólicos no interior da Bahia. O primeiro deles, derivado de um projeto de levantamento, foi realizado nos municípios de Xique-Xique e Gentio do Ouro, depressão sanfranciscana, onde foram localizados 28 sítios arqueológicos, entre os quais 20 com pinturas rupestres com figuras geométricas, antropomorfas e zoomorfas, que foram preliminarmente filiadas à tradição Agreste e a tradição São Francisco, ou tiveram a filiação não atribuída (ZANETTINI et al., 2011a, p. 24-77). O segundo deles, igualmente proveniente de um projeto de levantamento, foi realizado nos municípios de Tanque Novo, Livramento de Nossa Senhora e Caetité, no sudoeste do estado, e efetuou o mapeamento de 5 sítios arqueológicos, sendo 1 com representação rupestre pintada em vermelho com motivo geométrico (ZANETTINI et al., 2011a, p. 93-104).

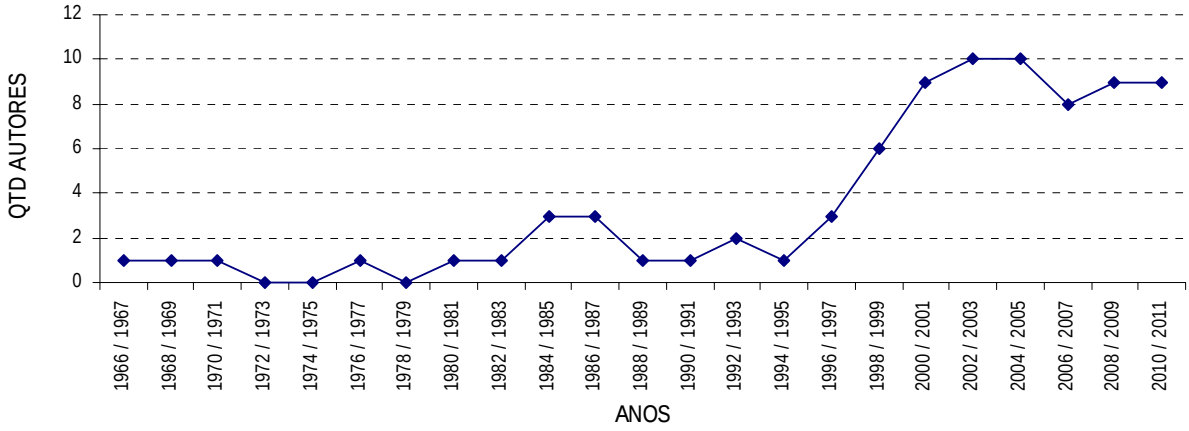
O terceiro trabalho, de levantamento e salvamento arqueológico, foi levado a cabo nas cidades de Caetité, Igaporã e Guanambi, onde foram localizados 29 sítios arqueológicos. Destes, 4 sítios rupestres foram identificados em Caetité, entre os quais 3 abrigos com gravuras e 1 com pinturas. Os sítios de gravuras em baixo relevo esboçam motivos geométricos e foram filiados à tradição Itaquatiara; 2 deles passaram por escavação amostral, sendo que na Toca do Tapim, um pequeno abrigo de aproximadamente 10 metros de abertura, 5 metros de profundidade e 3,5 metros de altura, foi obtida uma datação de 6.250 anos AP, mas sem a possibilidade de relação direta entre o conteúdo estratigráfico e as gravuras nas paredes. O único sítio de pintura foi filiado à tradição Agreste (ZANETTINI & CORRÊA, 2011). E, por fim, o quarto trabalho, também de levantamento e salvamento arqueológico, foi realizado no município de Brotas de Macaúbas, no oeste da Chapada Diamantina. Foram então mapeados 16 sítios arqueológicos, entre os quais 4 de pinturas, que não passaram por escavação ou procedimentos mais detalhados de estudo por estarem fora da área de influência direta do

empreendimento. No entanto, foram registrados, documentados fotograficamente e filiados à tradição Nordeste (ZANETTINI et al., 2011b, p. 51-53).

Finalizamos esta imersão nos estudos sobre representações rupestres realizados na Bahia em 2012, com esta tese de doutoramento, que analisa um conjunto de 49 sítios de pinturas rupestres da região do Piemonte da Chapada Diamantina, municípios de Jacobina, Miguel Calmon, Caldeirão Grande, Saúde, Caém e Mirangaba. Embora apresentado de maneira completa no texto deste teste, os resultados preliminares dos estudos têm sido periodicamente divulgados nos fóruns científicos adequados (COSTA, 2011, 2010a, 2010b; ETCHEVARNE et al., 2011b).

Como pudemos verificar pelas informações apresentadas, é possível perceber que há, no final do século XX e durante o século XXI, um aumento significativo do interesse pelos estudos das representações rupestres na Bahia, conforme demonstrado no gráfico 1:

GRÁFICO 1: INTERESSE PELO ESTUDO DOS SÍTIOS DE REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NA BAHIA ENTRE 1966 E 2011



OBS.: Os dados deste gráfico foram gerados pelo Autor e baseiam-se no levantamento dos pesquisadores que atuaram na Bahia, referidos no texto, e do período em que estiveram ou permaneceram trabalhando com representações rupestres no estado.

Entretanto, apesar do crescimento notado, não é possível dizer que do ponto de vista qualitativo o crescimento seja equivalente. Como podemos notar, não há homogeneidade nas informações que permita se criar um quadro acerca das ocupações ocorridas. Alguns poucos estudos abordam sítios com profundidade e minúcia, de modo a possibilitar a percepção de maneira ampla dos universos pesquisados, das proposições feitas e, mesmo, a criação de novos parâmetros interpretativos acerca das realidades observadas (CALDERÓN, 1983

[1971], 1983 [1967]; COSTA, 2007; ETCHEVARNE, 2007, 1995; KESTERING, 2007, 2001; LUSO, 2005; RIBEIRO, 2006; SCHMITZ et al., 1997).

Outros estudos, no entanto, não dão esta possibilidade, pela natureza dos dados arqueológicos fornecidos. A imensa maioria das informações constitui notícias de sítios, seja porque derivam de trabalhos de diagnóstico e levantamento – que, de fato, não se propõem ao estudo das realidades abordadas, já que a finalidade das atividades é indicar onde estão os sítios – ou por ausência de acurácia técnica nas informações fornecidas, e, neste segundo caso, fica inviável ter acesso aos dados arqueológicos prestados, pois as informações não são disponibilizadas e, em alguns casos, se fundamentam em especulações e proposições não embasadas. Entendemos que, do ponto de vista arqueológico, se os contextos não são bem registrados e apresentados, os resultados são questionáveis e pouco auxiliam o desenvolvimento científico.

Apesar destas ausências, o universo de dados arrolados aponta para a existência de mais de 540 sítios rupestres em, pelo menos, 100 cidades da Bahia[50], distribuídos em cerca de 50% do território, o que conforma um potencial imenso para o investimento em estudos aprofundados sobre este tema. Além disso, no Brasil, a região Nordeste tem despontado com estudos referenciais sobre as representações rupestres, sobretudo no Parque Nacional Serra da Capivara e no Seridó nordestino, de forma que neste contexto a Bahia, apesar das inúmeras notícias de sítios e de alguns poucos bons estudos, ainda se configura como um grande terreno nebuloso em informações. Entendemos que os dados disponíveis já nos dão diretrizes suficientes para começarmos programas de pesquisas sistemáticas a longo prazo, em regiões específicas e com metas bem definidas, de maneira que, com este novo panorama, levantamentos de sítios sem avanços de estudos apenas redundarão na confirmação do já conhecido potencial da Bahia, sem agregar nenhum conhecimento.

[50] Foram as cidades arroladas: América Dourada, Andaraí, Barra da Estiva, Barra do Mendes, Barreiras, Barro Alto, Bom Jesus da Lapa, Brotas de Macaúbas, Brumado, Caém, Caetité, Cafarnaum, Caldeirão Grande, Campo Formoso, Canarana, Canudos, Carinhanha, Casa Nova, Catolândia, Central, Conceição do Coité, Coribe, Coronel João Sá, Correntina, Contendas do Sincorá, Curaçá, Dom Basílio, Érico Cardoso, Feira da Mata, Gentio do Ouro, Glória, Guanambi, Ibipeba, Ibiquera, Ibititá, Ipupiara, Iraquara, Irecê, Itaberaba, Itaguaçu da Bahia, Itatim, Ituaçu, Iuiú, Jacobina, Jequié, Juazeiro, Jussara, Jussiape, Lapão, Lençóis, Licínio de Almeida, Livramento de Nossa Senhora, Macaúbas, Malhada, Manoel Vitorino, Matina, Miguel Calmon, Milagres, Mirangaba, Monte Santo, Morro do Chapéu, Mucugê, Mulungu do Morro, Nova Redenção, Oliveira dos Brejinhos, Ourolândia, Palmas de Monte Alto, Palmeiras, Paramirim, Paratinga, Paulo Afonso, Piatã, Pilão Arcado, Pindaí, Presidente Dutra, Remanso, Rio de Contas, Rodelas, Santa Brígida, Santa Maria da Vitória, Santa Teresinha, Santana, São Desidério, São Gabriel, Saúde, Seabra, Sebastião Laranjeiras, Sento Sé, Serra do Ramalho, Serrinha, Sobradinho, Tanhaçu, Tanque Novo, Uauá, Uibaí, Umburanas, Utinga, Vitória da Conquista, Wagner e Xique-Xique.

É justamente em decorrência deste panorama apresentado que o nosso estudo se insere numa área específica, buscando caracterizá-la do ponto de vista ambiental e arqueológico, com o intuito de que outros estudos regionais possam ser realizados.

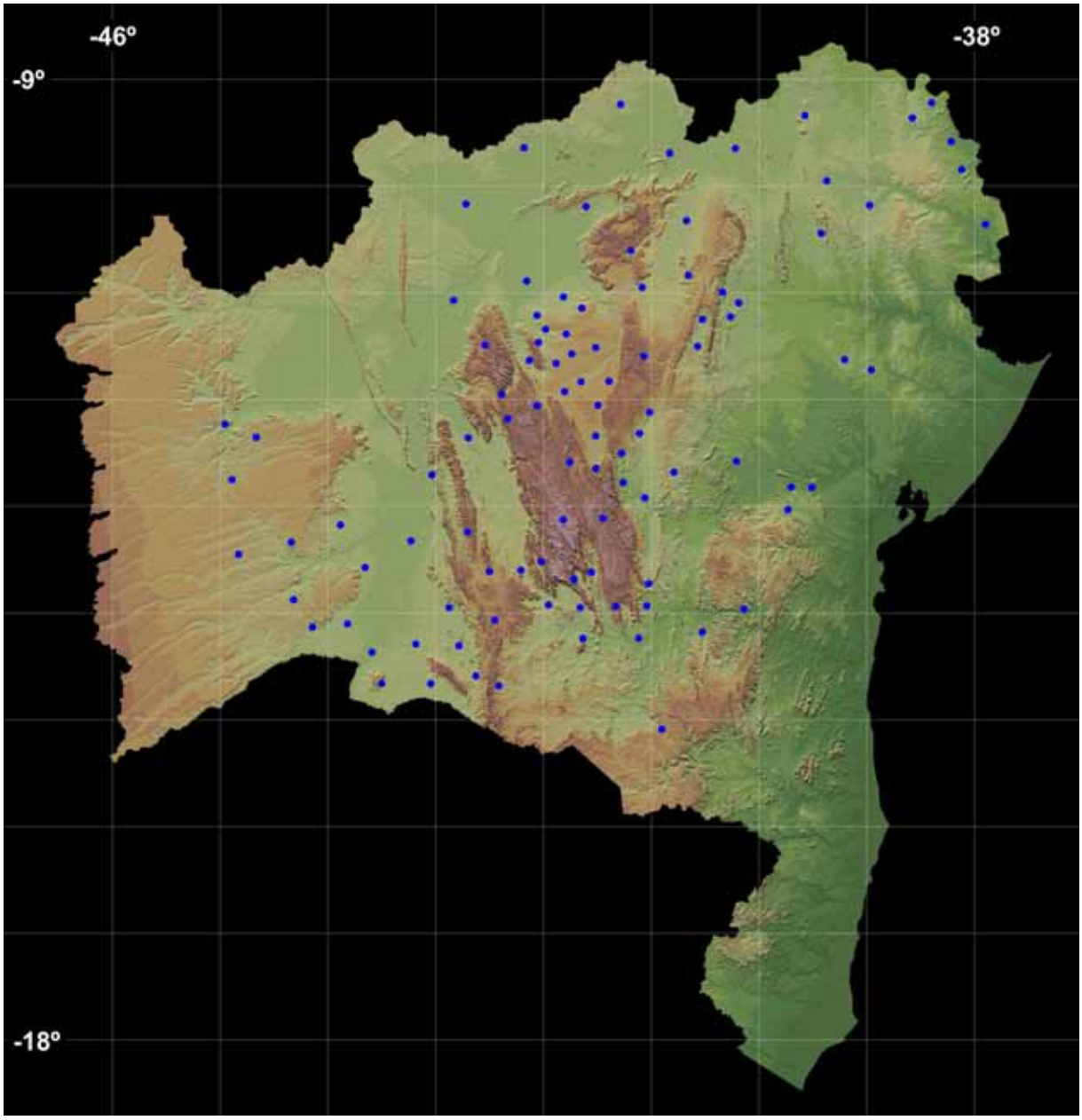


IMAGEM 13: Com o intuito de dar uma noção da área de ocorrência dos sítios de representações rupestres, apresentamos a identificação no mapa do relevo da Bahia das cidades nas quais foram localizados sítios rupestres entre o século XIX e 2012. FONTE: Relevo SRTM da EMBRAPA.

1.4. O PROBLEMA DE PESQUISA E A HIPÓTESE DE TRABALHO

Até aqui centramos nossas observações, basicamente, em três aspectos: nos conceitos relacionados ao conhecimento sobre representações rupestres no Brasil; na repercussão destes conceitos para a formulação de modelos explicativos (as tradições rupestres) que dão base

para as teorias de ocupação do território nordestino; e, neste panorama, como historicamente foram realizados os estudos sobre representações rupestres na Bahia. Com este *corpus* informativo compreendemos que temos as bases para a apresentação de nosso problema de pesquisa.

Das primeiras abordagens pode-se perceber que a noção imposta para os estudos das representações rupestres conduziram à criação das tradições arqueológicas que têm como implícito auxiliar na compreensão das ocupações pré-coloniais, portanto, auxiliar na interpretação dos grupos culturais que ocuparam o território. O fato é que tais modelos, quando utilizados fora dos contextos para os quais foram criados, acabam tomando mais força que os dados arqueológicos em si, de maneira que ora eles são utilizados como forma de agregar informações e, quando há a ausência das informações desejadas, os mesmos modelos são utilizados para negligenciar os dados arqueológicos. Seja numa ou noutra condição, eles acabam "emoldurando" o olhar do investigador, conduzindo à verificação de fenômenos identificados em outros contextos e excluindo a observação das especificidades locais. Em suma: em vez de interpretar as culturas a partir dos dados arqueológicos, estamos integrando os dados arqueológicos forçosamente a modelos que nem sempre os explicam.

Na Bahia, dada a ausência de uma maior quantidade de estudos sistemáticos que possibilitem a observação de panoramas regionais, os modelos adotados no Piauí, no Seridó nordestino e em Minas Gerais acabam sendo absorvidos e utilizados de forma inapropriada para explicar as especificidades locais. Como pudemos ver, as tradições arqueológicas favorecem, e muito, a ambiguidade de interpretações quando aplicadas a realidades arqueológicas diferentes daquelas as quais se prestaram. Assim, nestes casos, a maneira que percebemos o uso das tradições nas pesquisas arqueológicas da Bahia sugere que elas antecedem aos estudos, na medida em que, em outras palavras, se parte daquilo que está explicado e não daquilo que deve ser explicado.

Esta situação é agravada quando pensamos nos sítios com grande concentração de signos geométricos. Isto porque eles dão margem para diversas interpretações, por total ausência de estudos específicos que os abordem. Parte-se do pressuposto de que eles são universais, gerais, corriqueiros em qualquer contexto arqueológico do mundo, de forma a serem frágeis como elementos para a construção de interpretações locais, impossibilitando, por isto, os estudos específicos e regionais. Mas como negar a possibilidade de estudos específicos, se elas, as representações geométricas, não foram estudadas? De maneira mais ampla,

indagamos qual o sentido de ignorar informações arqueológicas dos contextos nos quais nos debruçamos à pesquisa, sem tentar compreendê-las? Assim, uma primeira proposição de pesquisa é acerca da possibilidade de construção de um panorama arqueológico local a partir de estudos dos signos geométricos. Motiva, portanto, a nossa investigação a necessidade de estudos arqueológicos regionais para a construção de panoramas específicos locais, bem como a necessidade de um olhar não viciado para os sítios rupestres na Bahia.

Neste aspecto, cabe dizer que temos uma visão discordante desta noção geral acerca da impossibilidade de estudos dos signos geométricos. E é desta discordância que nasce a nossa hipótese de pesquisa: o que temos observado é que, apesar de geométricos, a maneira como estes motivos são executados, a escolha dos locais para serem aplicados e a maneira como estão dispostos e associados nos sítios possibilitam perceber particularidades para a interpretação arqueológica, que podem vir a indicar repertórios gráficos significativos relacionados, possivelmente, a sociedades que se apropriaram das diferentes regiões.

E, neste contexto, para responder às nossas questões e hipótese, os sítios com concentrações de signos geométricos emergem como uma alternativa. Utilizaremos como base para a observação desta proposição a área situada no Piemonte da Chapada Diamantina, limite leste da Chapada, com o mesmo nome, onde mapeamos um conjunto de 49 sítios de pinturas rupestres, nas quais verificamos a grande ocorrência de padrões gráficos geométricos.

Não obstante esta característica, cabe dizer que estamos inseridos num ambiente de transição de biomas, o que nos conduzirá, inevitavelmente, à observação de sítios em diferentes contextos ambientais e, consequentemente, nos afastará de qualquer possibilidade de interpretação determinista ambiental acerca das ocupações pré-coloniais em apreço. Ademais, o fato de estarmos numa área contígua, mas distante, da bacia do rio São Francisco permite observar com maior isenção as ocorrências de padrões geométricos distintos daquilo que é o geométrico atribuído, por exemplo, à tradição São Francisco.

Por fim, faz-se mister um alerta. Para que não incorramos num vício de inversão, passando a observar mais os signos geométricos que os contextos arqueológicos – portanto, incorrendo no mesmo equívoco que motivou a definição da maior parte das tradições baseadas nos motivos figurativos ou que levou a imposição das tradições para a leitura de contextos arqueológicos da Bahia –, devemos informar que, objetivamente, o trabalho não irá basear-se

apenas nisto, senão na relação desses motivos com a estrutura física dos sítios em um ambiente de transição.

Ao longo deste capítulo, apresentamos as bases sobre as quais se assentam a nossa proposição de pesquisa e os problemas dela advindos. Agora, daqui para frente buscaremos utilizar o nosso objeto de estudo, as representações rupestres do Piemonte da Chapada Diamantina, como recurso para a discussão da problemática dos estudos dos signos geométricos dos sítios de representações rupestres, de maneira a testar a coerência da hipótese apresentada.

CAPÍTULO II

A PAISAGEM DO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA

Este capítulo destina-se a fazer uma abordagem das características ambientais da área recorte da pesquisa, com o objetivo de apresentar a paisagem na qual se inserem os sítios arqueológicos. Para tanto, será discutida a noção de paisagem que orientará este trabalho e, na sequência, apresentados aspectos da geotectônica, da geológica, do relevo, da hidrografia, do clima e da flora da região, que proporcionam locais adequados para a instalação humana. Apresentará, então, uma síntese acerca das mudanças paleoclimáticas ocorridas no final do Pleistoceno e no Holoceno, com o propósito de buscar uma compreensão das mudanças ocorridas nos contextos em que viveram as populações pré-coloniais. Finalmente, traçará um panorama da situação atual da paisagem do Piemonte da Chapada Diamantina.

2.1. A NOÇÃO DE PAISAGEM EM ARQUEOLOGIA

O enunciado deste capítulo evidencia a necessidade de iniciá-lo discutindo a noção de paisagem que orientará nosso olhar para o objeto de estudo. Apesar de existir registro do uso arqueológico do termo paisagem em 1957 na obra "*Ancient landscapes: studies in field archaeology*", de John Bradford (WILLEY, 1960, p. 176-178), a aplicação consciente e sistemática do vocábulo para designar um procedimento teórico-metodológico é posterior a esse momento, com o surgimento da chamada "*landscape archaeology*" (arqueologia da

paisagem). Tal subcampo nasce como crítica à arqueologia espacial[51], que, por seu turno, se encontra inserida num movimento paradigmático de renovação epistemológica da arqueologia, denominado "*new archaeology*" ou "arqueologia processual", iniciado nos anos 60 do século XX e intensificado na década seguinte. Este movimento impôs ao olhar arqueológico um neopositivismo que se apoiava no método hipotético-dedutivo para a construção do conhecimento científico; o uso exagerado de cálculos estatístico-matemáticos para a formulação e a leitura dos contextos arqueológicos especialmente baseados na teoria geral dos sistemas; e a inserção da ecologia cultural materialista que imperava nos EUA nos anos 1960, de base determinista ambiental, que preconiza que "os sistemas sócio-culturais e ambientais se encontram em permanente interação dinâmica" (SANJUÁN, 2005, p. 187-200).

Embora a *new archeology* tenha representado um salto qualitativo no fazer arqueológico – na medida em que ampliou o olhar dirigido à escavação/sítio, comum à arqueologia histórico-cultural, para o meio no qual estava inserido, relacionando-o com outros assentamentos –, também trouxe consigo uma extrema homogeneização dos espaços, uma vez que buscava nos dados arqueológicos recorrências que apontassem para a identificação de normas gerais do comportamento humano, ou seja, padrões que pudessem ser observados, comparados e mensurados nos diferentes sítios. Desta forma, excluía os conteúdos significativos específicos, a compreensão e interpretação dos indivíduos, culturas e sociedades. Justamente o reconhecimento destas limitações promoveu uma reação pós-moderna que levou a outro movimento de renovação paradigmático-epistemológico da arqueologia, ocorrido na década de 80 do século XX, chamado arqueologia pós-processual ou arqueologia simbólica[52].

Como reação crítica à arqueologia processual, a arqueologia pós-processual pautou-se num amplo espectro teórico, epistemológico e filosófico, que foi desde o idealismo histórico, passando pela fenomenologia filosófica, até o estruturalismo antropológico. Estas influências proporcionaram novos postulados para a teoria e a prática arqueológica, quando propuseram um maior relativismo sobre as possibilidades de alcançar o conhecimento científico objetivo, chamando a atenção para a responsabilidade metodológica da ação subjetiva do arqueólogo na interpretação dos contextos; a negação das análises estatístico-matemáticas aplicadas às

[51] Destacam-se desse momento os arqueólogos Lewis Binford, Leslie White e David Clarke, sendo deste último autor uma das obras referenciais das abordagens espaciais em arqueologia, o clássico *Spatial archaeology*, publicado em Londres no ano de 1977.

[52] Um dos principais ícones da arqueologia pós-processual é o professor Ian Hodder (1982, 1988 e 1992), arqueólogo inglês da Cambridge University, que em 1976 chegou a trabalhar com arqueologia espacial junto com Clive Orton, quando publicaram *Spatial analysis in archaeology*. Outros destacados profissionais desse momento, que incrementaram as discussões acerca da arqueologia pós-processual, relacionada à paisagem, foram Christopher Tilley e Michael Shanks.

ciências sociais; e uma maior ênfase sobre o poder transformador da mente humana na concepção dos espaços (cosmogonias) que deixa suas características no território (SANJUÁN, 2005, p. 239-244).

Com estas orientações surgem vertentes arqueológicas cada vez mais direcionadas à apreensão de situações sociais específicas, de ordem cultural, opondo-se ao paradigma anterior, processual, que conduzia suas teorias e metodologias à observação das situações materiais gerais, excluindo os indivíduos em nome do amplo entendimento economicista dos contextos. Assim, são criadas variedades arqueológicas fortemente embasadas em teorias sociais modernas, com o fim de dar conta das especificidades das diferentes realidades arqueológicas e sociais, a exemplo da arqueologia da globalização, arqueologia de gênero, arqueologia da diáspora africana, arqueologia da repressão, arqueologia indígena, arqueologia pública e, no caso aqui abordado, a arqueologia da paisagem. Isto é, no âmbito da arqueologia pós-processual, a arqueologia da paisagem emerge como uma proposta teórico-metodológica alternativa à ecologia cultural para a interpretação das relações de grupos sociais específicos com o meio.

Embora se possa reconhecer um momento e um contexto específico de uso sistemático e disseminação da arqueologia da paisagem, não é possível se determinar um conceito ou uma orientação homogênea dos diferentes arqueólogos que utilizam esta abordagem. Isto ocorre por, pelo menos, três motivos, estando os dois primeiros intrinsecamente relacionados.

O primeiro deriva da existência de diferentes escolas que desenvolvem esta abordagem: a escola inglesa, encabeçada por Ian Hooder e Christopher Tilley, que se orienta pelo entendimento da paisagem segundo a dimensão ideológica e simbólica, buscando nos espaços os sentidos, as experiências históricas socialmente construídas; a escola francesa de Besançon, desenvolvida por uma equipe do CNRS – formada principalmente por Gerard Chouquer, François Favory e Monique Clavel-Lévêque –, que, influenciada pela filologia clássica e pela história antiga, sistematizou o método de análise e estudo das formas da paisagem, o qual se chamou arqueomorfologia; e, por fim, na Espanha o Laboratório de Arqueologia da Paisagem de Santiago de Compostela, cujo maior representante é Felipe Criado Boado, que tem orientado os trabalhos para a relação entre arqueologia, paisagem e a gestão preventiva do patrimônio (BOADO, 1993; BOADO, 1997; SEGURA, 2007, p. 51; VILLAESCUSA, 2006, p. 31-32).

O segundo motivo refere-se às diferentes situações arqueológicas e tempos históricos nos quais se têm aplicado os postulados acerca da paisagem, o que impõe a necessária adequação de conceitos e procedimentos: paisagens urbana, rural, agrária, industrial, dos caminhos, das vias de canalização, da antiguidade clássica, pré-histórica, do Paleolítico etc. Isto é, em face da maior ou menor variedade artefatual, característica da cultura material, distância temporal, uso do espaço e alteração do meio, a arqueologia da paisagem poderá ter contornos e práticas diferentes.

Por fim, o terceiro motivo, de menor expressão, diz respeito à apreensão que os diferentes arqueólogos têm em relação à arqueologia da paisagem. Com o surgimento de um novo paradigma da arqueologia, nos anos 1980, muitos profissionais, com o afã de se inserir nas então recentes discussões, passam a utilizar nos seus textos termos comuns a esta nova prática, sem, necessariamente, dialogarem com os conteúdos essenciais que ela expressa. Na linha deste comentário, Ricardo Villaescusa afirma que uma série de arqueólogos que trabalhava com a arqueologia espacial no final da década de 70 e início de 80 do século XX hoje atua na arqueologia da paisagem com, praticamente, os mesmos pressupostos teóricos (VILLAESCUSA, 2006, p. 29), o que significa dizer que, de acordo com o autor, nestes casos não houve o necessário salto teórico e metodológico que diferencia os dois campos. Uma situação diferente, mas ainda no âmbito deste raciocínio: não é incomum se determinar como arqueologia da paisagem o uso de ferramentas tecnológicas de abordagem do espaço em situações arqueológicas (SIG, GIS, CAD), confundindo-se os fins essenciais da atividade com os instrumentos que, eventualmente, possam levar a atingir tais fins.

A partir destes exemplos, conclui-se que, em face das diferentes orientações epistemológicas, temáticas e de apreensão semântica, a arqueologia da paisagem constitui um campo com vários sentidos. Desta forma, cabe apresentar quais as diferentes orientações conceituais que percebemos nos textos que abordam a paisagem do ponto de vista arqueológico:

1- A paisagem como um cenário estático, dado, relacionado ao entorno natural, onde se observam os caracteres físicos que compõem o meio ambiente (litologia, solo, relevo, hidrografia, clima, vegetação etc.), que, por sua vez, é visto como conjunto de recursos passivos que espera ser explorado e manipulado pelo homem e, portanto, se nega a si mesmo (BOADO, 1993, p. 11; BOADO, 1997, p. 5; ENDERE & CURTONI, 2003, p. 279; LANATA, 1997, p. 153; SANJUÁN, 2005, p. 245);

2- A paisagem vista do ponto de vista historicista e economicista, como *lócus* de interação entre o meio natural e o homem, portanto entendida como produto e vetor das relações sociais, onde os maiores objetivos são a reconstrução e a recriação da evolução do marco natural em que o homem viveu, com ênfase aos diferentes recursos e tipos de sítios, medindo o impacto da ação humana sobre o ambiente (BOADO, 1991, p. 16; BOADO, 1993, p. 11; BOADO, 1997, p. 6; LANATA, 1997, p. 153; OREJAS, 1995-6, p. 61; TELLO, 1999, p.196; THURSTON, 2002, p. 28; VILLAESCUSA, 1996, p. 226; VILLAESCUSA, 2006, p. 29);

3- A paisagem vista do ponto de vista fenomenológico, que remete à subjetividade da experiência humana (emocional, cognitiva, sensorial, ideológica), entendendo-a como espaço socialmente significativo onde ocorre a objetivação dos fatos sociais, tanto material quanto imaginário (BOADO, 1993, p. 11; BOADO, 1997, p. 6; CURTONI, 2000, p. 115; ENDERE & CURTONI, 2003, p. 279; LANATA, 1997, p. 153; SANJÚAN, 2005, p.244; SEGURA, 2007, p. 42-44; SILVA, 2006, p. 31; WRIGGLESWORTH, 2007, p. 251).

Como se pode perceber, os conceitos apresentados refletem orientações distintas e quase opostas sobre a paisagem para a arqueologia, indo de uma perspectiva material, que observa a paisagem a partir de suas características físicas, até uma fenomenológica/cultural, que concebe a paisagem enquanto produto da experiência sensorial humana. Do ponto de vista do desenvolvimento teórico-filosófico da arqueologia, o conceito que evoca a paisagem como fruto da experiência sensorial humana seria aquele que mais se aproxima do postulado pós-processual. Entretanto, para além deste paradigma, a prática arqueológica em campo apresenta uma variedade de contextos, isto é, de situações arqueológicas materialmente expressas, para as quais este paradigma configura uma limitação ou, de outra forma, não dá conta das realidades observadas. Nesta linha de raciocínio, Andrew Fleming tece uma crítica acerca do desenvolvimento pós-processual da arqueologia da paisagem, demonstrando que na busca por extrapolar as limitações impostas pelas evidências arqueológicas esta prática excede na discussão filosófica, criando interpretações que nem sempre estão pautadas em dados objetivos e afastando o fazer da disciplina da leitura dos contextos arqueológicos, de maneira que os resultados passam a ser facilmente questionáveis (FLEMING, 2006, p. 271-276).

Por outro lado, ante a essência das discussões fenomenológicas que levaram à criação da arqueologia da paisagem como campo teórico-metodológico da arqueologia, não é possível afirmar que o conceito que compreende a paisagem pelos seus aportes físicos esteja necessariamente dialogando com o paradigma pós-processual, muito embora as motivações

que conduziram ao surgimento das discussões e o tempo histórico em que ocorreram sejam concordantes. Esta relativização leva a se entender que exista um desenvolvimento da arqueologia da paisagem paralelo ao paradigma pós-processual. Aqui, retomamos a consideração apresentada por Ricardo Vilaescusa, quando criticava os profissionais que trabalhavam com arqueologia espacial e hoje atuam com arqueologia da paisagem com as mesmas orientações, visando à tecer uma conclusão diferente da que o autor expressa. Entendemos que, apesar de a motivação que levou ao surgimento das discussões em torno do termo ser a mesma, o desenvolvimento da arqueologia da paisagem não é uma exclusividade pós-processual, nem, muito menos, as premissas pós-processuais são passíveis de aplicação em todos os contextos arqueológicos. Considerar o pós-processualismo como fonte única de desenvolvimento da arqueologia da paisagem é estagnar a dinâmica própria da área e impor à arqueologia da paisagem uma motivação única para um campo que é, como dissemos, polissêmico.

A arqueologia da paisagem pelo viés pós-processual pode ser bem aplicada em situações nas quais seja grande a quantidade de informações paralelas, sobretudo de natureza histórica e antropológica, a exemplo dos contextos urbanos ou de contextos em que a prática arqueológica está associada a tempos mais próximos ao presente. Entretanto, como aplicar os postulados pós-processuais em sítios pré-coloniais onde as informações históricas e antropológicas são desconhecidas e a quantidade de evidências materiais produzidas pelo homem é limitada a um pequeno conjunto de objetos, que refletem restritamente o uso dos espaços para situações sociais que, na maioria das vezes, apenas se consegue identificar os usos? Como exemplo, questionamos a aplicação dos postulados pós-processuais num sítio com restos de uma fogueira, ossos de animais queimados e alguns poucos artefatos líticos. Ou, em outro exemplo, num sítio onde a evidência da ocupação humana se resume à dispersão de fragmentos cerâmicos simples. Ou, ainda, num sítio onde apenas se identifiquem pinturas parietais sem possibilidade de associação com outros contextos.

Nesta linha de raciocínio, Arno Alvarez Kern demonstra que, “inexistindo uma teoria única e universal, capaz de tudo explicar sobre todos os conteúdos culturais dos documentos dos arquivos e de todas as evidências arqueológicas dos sítios arqueológicos do planeta, a escolha deve recair sobre aquela mais pertinente à investigação em curso” (KERN, 1996, p. 17). Assim, a primeira constatação é que, qualquer que seja a opção teórica a ser adotada, deverão ser levadas em consideração as evidências arqueológicas, especificamente as possibilidades oferecidas pela cultura material. Porém, as evidências arqueológicas são processadas,

necessariamente, relacionadas a um espaço determinado. É esta relação entre cultura material e espaço que dará à arqueologia a noção de contexto arqueológico. Ou seja, para além da cultura material, deverão ser consideradas também suas relações estruturais com o espaço para a leitura dos contextos arqueológicos. No caso específico das investigações aqui relatadas, a evidência arqueológica da presença humana são pinturas aplicadas em suportes rochosos fixos – abrigos, lapas, locas, paredes/paredões, cavernas, matacões e lajedos – situados na região do Piemonte da Chapada Diamantina, Bahia.

O fato de as pesquisas aqui apresentadas serem desenvolvidas com as pinturas rupestres nos remete a uma observação relacionada ao potencial de aplicação da arqueologia da paisagem para abordagem deste tema. Diferentemente de outras categorias da cultura material identificadas de períodos pré-coloniais brasileiros, os sítios de pintura rupestre são integrantes imóveis dos contextos naturais, uma vez que se encontram em blocos testemunhos da formação geológica do território e, por isto, estão fixos na paisagem. Esta condição de imobilidade permite concluir que os locais nos quais estão localizados os sítios rupestres correspondem aos espaços onde foram feitos, utilizados (seja com funções práticas ou simbólicas), abandonados, reutilizados, excluídos da vida sociocultural, persistiram ao tempo e, por fim, passaram a ser reconhecidos como sítios arqueológicos. Desta maneira, tanto o "contexto sistêmico" quanto o "contexto arqueológico" (SCHIFFER, 1972) se processaram no mesmo espaço. Assim, a escolha do local para a aplicação das pinturas pressupõe uma intenção cultural daqueles que as fizeram e, por esta razão, impõe ao olhar arqueológico a necessidade de observação dos espaços naturais escolhidos para os sítios como evidência cultural. Em última análise, nestes casos tanto as pinturas propriamente ditas quanto os espaços nos quais estão aplicadas devem ser entendidos como artefatos arqueológicos.

Do ponto de vista metodológico, Carlos Etchevarne indica que o conhecimento e o domínio de um grupo sobre o ambiente podem estar evidenciados nas representações rupestres por três aspectos principais: 1) as próprias representações, sobretudo as naturalísticas, que demonstram o conhecimento sobre espécies animais e vegetais do meio em que o homem viveu; 2) os recursos pretológicos, seja pelo seu uso como suporte de aplicação das pinturas e gravuras ou para a confecção de pigmentos; 3) o contexto ambiental de inserção dos sítios (ETCHEVARNE , 2007, p. 20). Assim, podemos afirmar que os sítios de pintura rupestre são remanescentes de ocupação humana privilegiados para o estudo da arqueologia da paisagem em períodos pré-coloniais, por permitirem o estabelecimento das relações mútuas e inequívocas existentes entre os espaços naturais e os elementos culturais. Isto é, um estudo de

arqueologia da paisagem nestes espaços deverá considerar: a dimensão cultural, expressa nas pinturas e nas escolhas dos espaços; a dimensão natural, relacionada aos espaços de abrigos, lapas, locas, paredes/paredões, cavernas, matacões e lajedos naturalmente modelados, além do território, refletindo o necessário conhecimento da paisagem em que os sítios estão inseridos; e a dimensão temporal, relacionada às mudanças e transformações humanas e naturais ocorridas sucessivamente no espaço. É na relação sincrônica e diacrônica existente entre estes três componentes que se poderá compreender a dinâmica das sociedades que viveram numa paisagem, apropriando-se dos seus espaços e atribuindo a eles diferentes significados.

Acerca desta questão, como já nos ensina Ricardo Villaescusa, o estudo da paisagem deve ser eclético, levando-se em consideração tanto os aspectos materiais, o meio físico, quanto os culturais, a cultura material, tentando tecer as relações intrínsecas que permitem atingir o fim da atividade arqueológica, que é a interpretação das culturas. Ou seja, trata-se de achar um meio termo entre "(...) a natureza, função e amplitude das transformações do meio precedente com a intenção de determinar o caráter social e/ou ecológico destas reconstruções" (VILLAESCUSA, 1996, p. 227).

Assim, para fins deste estudo, a paisagem arqueológica se apresenta como a objetivação material de um processo temporal que integra fatores naturais (do meio ambiente) e culturais (produto das ações humanas sobre o ambiente, seja na esfera funcional ou cognitiva) sobre o espaço. Desta maneira, para a percepção deste conceito será necessário o reconhecimento dos caracteres físicos que compõem o meio ambiente (litologia, solo, relevo, hidrografia, clima e vegetação) e dos caracteres culturais (cultura material, espaços escolhidos, formas de apropriação dos espaços, relações existentes entre espaços utilizados e espaços não utilizados), vistos a partir da sucessão recíproca de ocorrências naturais e culturais sobre o espaço. Nesta linha de raciocínio, José Luis Lanata demonstra que um estudo de arqueologia da paisagem deve levar em consideração as "estruturas", que são o produto de ação combinada de processos naturais e culturais, e as "mudanças", que se encarregam das alterações da paisagem ao longo do tempo (LANATA, 1997, p. 155-157).

Em síntese, compreendemos que a paisagem, do ponto de vista arqueológico, constitui o diálogo mútuo e contínuo entre o homem e o meio ao longo do tempo. Nessa perspectiva, as pesquisas associadas à arqueologia da paisagem deverão se orientar para responder: em qual paisagem se estrutura a ação humana; quais as respostas objetivas da ação humana sobre a

paisagem; e quais as sucessivas mudanças ocorridas ao longo do tempo. Com estas linhas mestras buscaremos orientar a tese de doutoramento.

2.2. ASPECTOS GEOTECTÔNICOS E GEOLÓGICOS

Antes de avançar naquilo que nos propomos neste subcapítulo, cabe, como encaminhamento metodológico, explicitar que para a abordagem das questões geotectônicas e geológicas optamos por centrar a atenção, exclusivamente, na área de enfoque da pesquisa com o intuito de não fugir de nosso objetivo; embora, quando necessário para a compreensão da orogênese[53] da região, se tenha expandido o olhar para as áreas do entorno, fazendo breves e controladas extrapolações[54].

A área de Jacobina é, do ponto de vista geológico e geotectônico, intensamente estudada, com suas primeiras investigações datadas dos anos 30 do século XIX (SAMPAIO et al., 2001, p. 10), mas com produção contínua e sistemática a partir dos anos 50 do século XX (NEVES et al., 2008, p. 13). A grande quantidade de estudos deriva do fato de esta área deter uma grande diversidade geológica, ocasionada pela sua formação (como veremos mais à frente), tornando este setor da Bahia potencialmente importante para exploração econômica de minerais não metálicos e metálicos[55]. Entre as explorações dos minerais ditos não metálicos encontram-se aqueles utilizados para construção (mármore, pedra de talhe e brita) e corretivo de solo (calcário), que, embora tenham um método de mineração extremamente lesivo ao meio ambiente, são importantes fontes de renda da economia regional. Com relação aos minerais metálicos, são encontrados cobre, chumbo, zinco, prata, bário, manganês e ouro, que constitui

[53] O termo deriva de orogenia, que corresponde ao conjunto de fenômenos que determinam a formação das montanhas, não só os relacionados ao diastrofismo (movimentos orogênicos ou epirogenéticos), mas também os fenômenos vulcânicos e causas erosivas.

[54] Para o entendimento dos processos geotectônicos e geológicos que levaram o território baiano a ter a conformação atual, sugerimos a leitura da obra "História geológica da Bahia", de Rubens Antônio da Silva Filho (Salvador: CBPM, 2010), que, como trabalho de síntese, é fundamental para a ampla compreensão da orogênese baiana.

[55] Trata-se de estudos conduzidos por órgãos estatais de levantamento geológico como: o Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil, instituição do início do século XX, hoje extinta; a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), da década de 70 do século XX, que foi extinta e restabelecida no início deste século; a Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais / Departamento Nacional da Produção Mineral (CPRM/DNPM); o Centro Integrado de Estudos Geológicos (Cieg) de Morro do Chapéu, ligado à CPRM; a Companhia Baiana de Pesquisa Mineral (CBPM); a Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI); o Ministério das Minas e Energia; o Ministério da Agricultura; e a Secretaria da Indústria, Comércio e Mineração da Bahia. Outros programas sistemáticos de estudos são conduzidos por entidades acadêmicas como: Universidade Federal da Bahia, Universidade de Campinas, Universidade de São Paulo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Federal de Ouro Preto e Universidade Federal de Minas Gerais. Além de investigações produzidas por empresas nacionais e multinacionais com interesses na exploração mineral da região, tais como: Yamana Gold, Mineração Monte Velho e Jacobina Mineração e Comércio Ltda.

o bem mineral mais importante de Jacobina (FÁLCON, 2008; SAMPAIO et al., 2001, p. vii; CONCEIÇÃO FILHO et al., 1993).

A região em foco encontra-se geologicamente situada no cráton de São Francisco, que corresponde a uma das unidades tectônicas do embasamento rochoso da plataforma sul-americana e ocupa cerca de 50% do estado da Bahia[56] (BARBOSA et al., 2003, p. 3-6; BARBOSA et al., 2003, p. 7; MASCARENHAS, 1994). Nele distinguem-se três grandes conjuntos de rochas pré-cambrianas[57]: o supergrupo São Francisco e o supergrupo Espinhaço, que representam coberturas plataformais dobradas neoproterozoicas e mesoproterozoicas, respectivamente, e a associação Pré-Espinhaço, de idade arqueana-paleoproterozoica, que constitui o embasamento do cráton. A região de Jacobina, especificamente, detém os terrenos arqueanos e proterozoicos do cráton, além de formações superficiais cenozóicas, que englobam litótipos da associação Pré-Espinhaço e, principalmente, parte das coberturas plataformais dobradas proterozoicas (SAMPAIO et al., 2001, p. 7).

IMAGEM 14: Províncias estruturais brasileiras, dentre as quais se ressalta a de número 8, que corresponde ao cráton de São Francisco. Fonte: BIZZI et al., 2003, p. xiii.

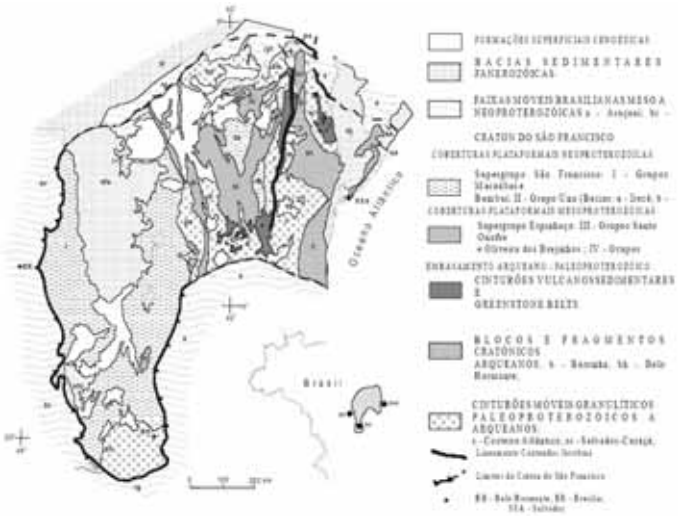


IMAGEM 15: Limites, conformação geológica e compartimentos tectônicos do cráton de São Francisco. Fonte: KOSIN et al., 2003, p. 16.

[56] "O Cráton do São Francisco (...) abrange principalmente os estados da Bahia e de Minas Gerais e é a mais bem exposta e estudada unidade tectônica do embasamento da plataforma sul-americana. Os seus limites, segundo dados geológicos e geofísicos (...) são delineados pelos seguintes cinturões dobrados durante a orogênese Brasiliana: (i) os Cinturões Riacho do Pontal e Sergipano (...) que limitam o Cráton a norte e a nordeste, respectivamente; (ii) o Cinturão Araçuaí (...), uma possível extensão norte do Cinturão Ribeira situado a sul; (iii) o Cinturão Brasília (...) situado na margem oeste e (iv) o Cinturão Rio Preto (...), uma pequena faixa de rochas dobradas localizada mais ao norte do Cráton" (BARBOSA et al., 2003, p. 3).

[57] Como estaremos trabalhando com informações de vários autores, adotamos para a apresentação das idades geológicas a *International Stratigraphic chart* publicada em 2001 pela *International Commission on Stratigraphy* (ICS), da *International Union of Geological Sciences*/Unesco.

No que diz respeito à geotectônica, pode se dizer que esta região representa uma zona de choques de corpos rochosos, descrita como "um mosaico de unidades estruturais, gerado por sucessivos mecanismos tectônicos que podem ser expressos por acresções crustais e/ou colisões continentais do final do paleoproterozóico" (BARBOSA et al., 2003, p. 4). Isto porque a área em questão corresponde ao setor de encontro de quatro grandes blocos tectônicos, com composição e idades distintas: 1- bloco Gavião, com dois grupos, um com idade entre 3,4 e 3,2 Ga (TTG[58] Sete Voltas/Boa Vista Mata Verde e Tonalito Bernarda) e outro com idade entre 3,2 e 3,1 Ga (granitoides Serra do Eixo/Mariana/Piripá); 2- bloco Itabuna-Salvador-Curaçá, com quatro grupos, sendo três do Arqueano com idades próximas a 2,6 Ga e um é paleoproterozoico com idade em torno de 2,1 Ga; 3- bloco Jequié ou Complexo Jequié, com idade arqueana em torno de 3,0 a 2,9 Ga (enclaves básicos e migmatitos Ubaíra e Jequié) e intrusões graníticas mais jovens com idade em torno de 2,8 a 2,7 Ga (granitos/granodioritos de Maracás, Laje e Mutuípe); 4- bloco Serrinha, que exibe um importante episódio de formação da crosta, com rochas com datações que variam entre 3,1 e 2,8 Ga (ortognaisses porfiríticos de Serrinha, Tonalito Rio Capim e ortognaisses Araci, Ambrósio, Requeijão e embasamento) introduzidas em crosta mais antiga com datações com cerca de 3,6 Ga (xenocristais de zircões em ortognaisses) (BARBOSA et al., 2003, p. 8; OLIVEIRA et al., 2004, p. 43-47).

Este dados permitem perceber que os principais episódios tectônicos que proporcionaram a formação das rochas metamórficas desta porção do cráton de São Francisco ocorreram durante o Arqueano e o Paleoproterozóico, entre ~3,4 Ga e ~1,9 Ga. Entretanto, a maior intensidade de eventos que conduziram a um ciclo geotectônico – possibilitando, portanto, a formação de rochas, tectonismo, metamorfismo, intrusão e erosão/exumação – ocorreu entre 2,4-2,3 e ~1,9 Ga. Neste ínterim, aproximadamente em 2,1-2,0 Ga ocorreu o pico da formação das rochas, quando a intensidade das movimentações praticamente apagou o registro de deformações e metamorfismos anteriores (BARBOSA et al., 2003, p. 11-12).

A evidência geológica da colisão e cavalgamento dos blocos Itabuna-Salvador-Curaçá e Serrinha no bloco Gavião (onde se encontra a área de estudo) no Paleoproterozoico[59],

[58] TTG quer dizer tonálito-thondjemito-granodiorítico. Corresponde aos terrenos constituídos de rochas ígneas e metamórficas granito-gnássicas que compõem o embasamento cristalino, cujo material mais conhecido é o que genericamente se chama de granito.

[59] "A colisão paleoproterozóica ocorreu com movimento de quatro blocos no sentido NW-SE (...), identificado pela presença de falhas de empurrão e zonas transcorrentes tardias. As transcorrências tiveram uma cinemática em geral sinistral, como demonstram elementos de trama monoclínica vistos em seções paralelas às lineações de estiramento, normais ao acamamento composicional dos metamorfitos" (BARBOSA et al., 2003, p. 9).

expressa-se em um alinhamento de aproximadamente 500 km de comprimento, reconhecido na literatura da área como “Lineamento Contendas-Jacobina” (BARBOSA et al., 2003, p. 4) ou “Cinturão Itapicuru Jacobina” (SAMPAIO et al., 2001, p. 12). Justamente na interface de colisão ocorrem os segmentos do bloco Gavião soerguidos que, após erosão, afloram no meio da sequência vulcanossedimentar Contendas-Mirante (BARBOSA et al., 2003, p. 4). Esta feição soerguida é reconhecida, hoje, como Serra de Jacobina, que se compõe, basicamente, de rochas de baixo grau metamórfico: especificamente os quartzitos (brancos e verdes com granulação fina a média) e ortoquartzitos; além de granitoides, xistos grafitosos e rochas máfico-ultramáficas[60] (KEGEL, 1963, p. 10; NEVES et al., 2008, p. 16; OLIVEIRA et al., 2004, p. 43; SAMPAIO et al., 2001, p. 24).

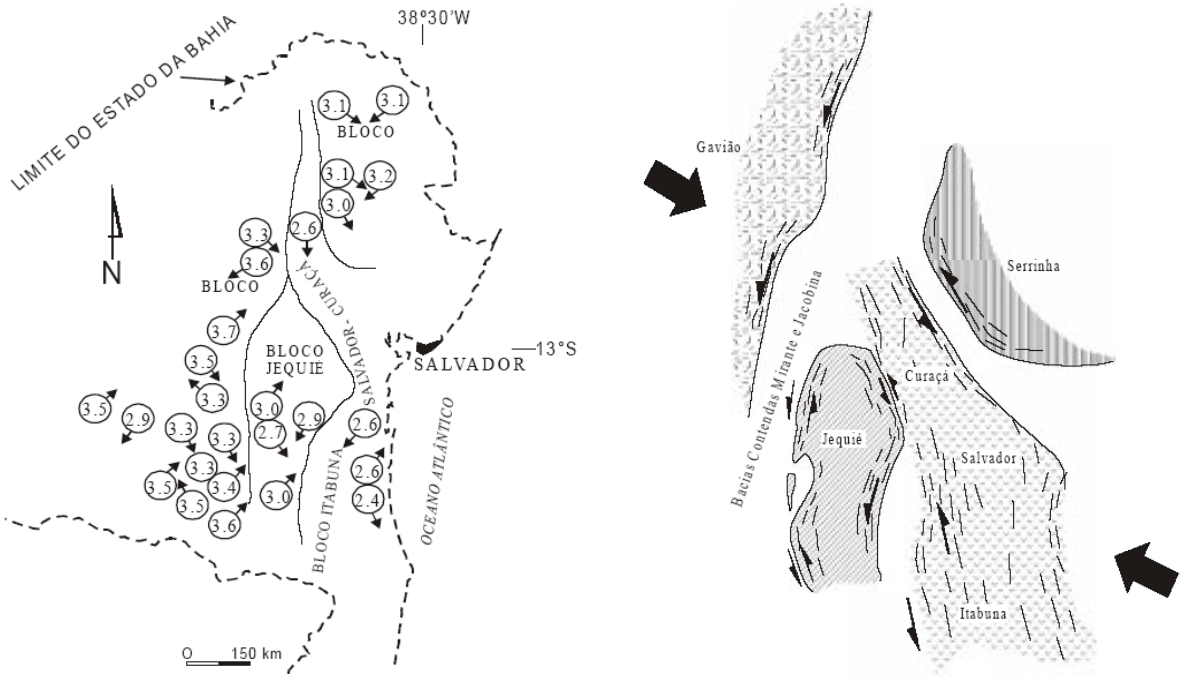


IMAGEM 16: Diferentes unidades estruturais da porção norte do cráton de São Francisco, esquematizando as suas idades geológicas e geotectonismo. Fonte: BARBOSA et al., 2003, p. 9-10.

Este grande evento tectônico ocorrido entre 3,4 Ga e 1,9 Ga, que deixou como testemunho a Serra de Jacobina, condicionou toda a região a uma nova dinâmica sedimentar, uma vez que esta serra atuou como um obstáculo entre os terrenos do oeste, da área correspondente geograficamente à Chapada Diamantina, e os terrenos do leste, em direção ao litoral (NEVES

[60] Conforme se depreende da obra “Província de diques máficos do estado da Bahia”, de Luiz César Corrêa Gomes e outros (Salvador: SGM, 1996), nenhuma das dez províncias de diques máficos conhecidas na Bahia, que permitem compreender bem a geodinâmica deste território, se encontra na área selecionada para a pesquisa.

et al., 2008, p. 25). Neste sentido, as áreas baixas do oeste cumpriram a função de uma bacia, na qual sedimentos de diferentes origens viriam a ser depositados e estes, por sua vez, determinariam a natureza sedimentar das rochas a serem encontradas neste domínio.

Sobre o embasamento cristalino, o já referido TTG, formou-se uma sequência estratigráfica denominada como "formação Tombador" (PEDREIRA & DOURADO, 2002, p. 184). Na orogênese dessa formação, primeiro se depositou sobre o embasamento um estrato definido como "conglomerados", com espessura máxima de 20m, formado de seixos subarredondados de quartzito brancos e verdes, seguidos de algumas sequências de arenito com estratificação cruzada; tal estrato tem sido interpretado como derivado do processo de erosão/exumação da Serra de Jacobina, muito provavelmente formado como leques aluviais. O segundo estrato, chamado de "arenito", tem espessura máxima de 30m, composto de arenito amarelado, bege, rosa e vermelho, com granulação fina a grossa e diferentes estágios de formação, com camadas cruzadas acanaladas e plano-paralelas, além de uma lente de arenito conglomerático na base; tal estrato tem sido interpretado como fruto de sistema fluvial. O terceiro grande episódio de deposição corresponde ao estrato definido como "arenito estratificado", com 80m de espessura máxima, granulometria fina e média, extremamente bem selecionado, cores cinza, bege, amarelada e esbranquiçada, camadas intercaladas cruzadas acanaladas e plano-paralelas, interpretado como derivadas de um sistema eólico. Por fim, situado no topo da escarpa se encontra o quarto grande estrato, definido como "arenito de granulação grossa", com espessura máxima de 50m, nas cores amarelo, esbranquiçado, rosa e vermelho, granulação grossa, camadas intercaladas tabulares, lenticulares, cruzadas acanaladas e plano-paralelas, reconhecido como resultante de ação de ondas e marés, com transição relacionada à ação de desembocaduras fluviais (NEVES et al., 2008, p. 16; PEDREIRA & DOURADO, 2002, p. 184-186; SAMPAIO et al., 2001, p. 28-31).

Cabe, ainda, referir dois últimos estratos identificados no topo da formação Tombador, de menor expressão nesta área, mas importantes para entendimento da composição geológica da Chapada Diamantina. O primeiro é chamado de "formação Caboclo" (SAMPAIO et al., 2001, p. 29) ou "Folhelhos Caboclos" (BRANNER, 1910, s/p)[61], descrito como resultante da invasão marinha, quando as ondas retrabalharam as areias não consolidadas alternando-as com argilitos e siltitos, de modo a ser compreendido como oriundo de depósitos de planície de maré, na ocasião da subida do nível do mar que transgrediu sobre o Tombador (PEDREIRA

[61] A formação Caboclo tem maior expressão no centro da Chapada Diamantina, uma vez que seus afloramentos estão condicionados pelo anticlinal de Morro do Chapéu e pela sinclinal de Campinas (SAMPAIO et al., 2001, p. 29).

& DOURADO, 2002, p. 186; SAMPAIO et al., 2001, p. 33-35). Acima desta formação, e derivada do mesmo processo, em direção à região central da Chapada Diamantina, encontraremos a segunda camada, chamada de “formação Salitre”, de idade neoproterozoica e composição calcária (SAMPAIO et al., 2001, p. 32).

Em suma, os depósitos sedimentares das formações Tombador, Caboclo e Salitre, as chamadas “coberturas cratônicas mesoproterozóicas (...) e neoproterozóicas” (SAMPAIO et al., 2001, p. 12), refletem a ocorrência de diferentes eventos ambientais que levaram à sua composição: a dinâmica de rios que formavam sistemas fluviais, com correntes e formação de aluviões; os diferentes episódios de progressão e regressão marinha; a formação de um grande, longo e intenso deserto, com dunas estabilizadas; e mesmo a sua formação pela ação das marés. Acerca desta discussão, Benjamim Bley Neves e Augusto Cerqueira da Silva indicam que alguns estratos da serra refletem um momento no qual esta área era um apêndice da bacia de São Francisco (Bahia, Minas Gerais e Goiás), conformando um resquício da união dos mares do oeste (paleo-oceano Goianides) com os do nordeste da península / cráton do São Francisco (paleo-oceano Sergipano-Oubanguides) (NEVES et al., 2008, p. 19). Por seu turno, Augusto Pedreira e Antônio Dourado Rocha demonstram que outros estratos da Serra do Tombador expressam a existência de um antigo deserto preservado, de mais de um bilhão de anos, onde podem ser examinados processos como o aplainamento parcial do embasamento, a direção e velocidade dos ventos, as variações do nível do lençol de água subterrânea, as chuvas ocasionais e a sua invasão final pelo mar (PEDREIRA & DOURADO, 2002, p. 186).

Na sequência, um outro evento viria a ocorrer, relacionado ao processo de erosão/exumação que separou a Serra de Jacobina da Serra do Tombador. De modo geral, não é difícil entender o que levou ao processo de entalhamento que separou a cadeia de montanhas do depósito sedimentar. Trata-se de rochas de naturezas diferentes: uma metamórfica, relacionada ao Cinturão Itapicuru Jacobina, e a outra sedimentar, associada às formações Tombador e Caboclo. Portanto, uma com maior resistência e outra mais frágil, respectivamente, de modo que a superfície de erosão progrediu de maneira mais acelerada sobre as rochas menos resistentes, avançando na direção oeste e criando a escarpa que limita a leste a Chapada Diamantina, reconhecida geograficamente de “Serra do Tombador” (BRANNER, 1910; KEGEL, 1957; PEDREIRA et al., 2002).

Se, por um lado, temos a evidência da Serra de Jacobina composta basicamente de quartzito limitando a leste a área de recorte da pesquisa, por outro, do lado oeste dispomos da Serra do

Tombador, formada praticamente de arenitos, que segue quase paralela à primeira, alinhada na direção aproximada norte-sul. Foi justamente o processo erosivo que separou as duas serras que pôs em evidência outro domínio litológico situado entre elas mesmas, no fundo o vale, relacionado ao embasamento rochoso: aos granitos (BRANNER, 1910, s/p).

Assim, os dados até então disponíveis permitem compor uma breve síntese da geodinâmica da área recorte da pesquisa, apresentando os quatro grandes domínios litológicos resultantes da orogênese ocorrida na região, quais sejam: os quartzitos da Serra de Jacobina; os arenitos da Serra do Tombador; os granitos do fundo do vale que separa a Serra do Tombador da Serra de Jacobina; e, finalmente, os calcários do topo da Serra do Tombador, em direção à porção central da Chapada Diamantina. Na sequência, apresentamos um recorte da carta geológica da região de Jacobina, que melhor sumariza os dados até então dissertados.

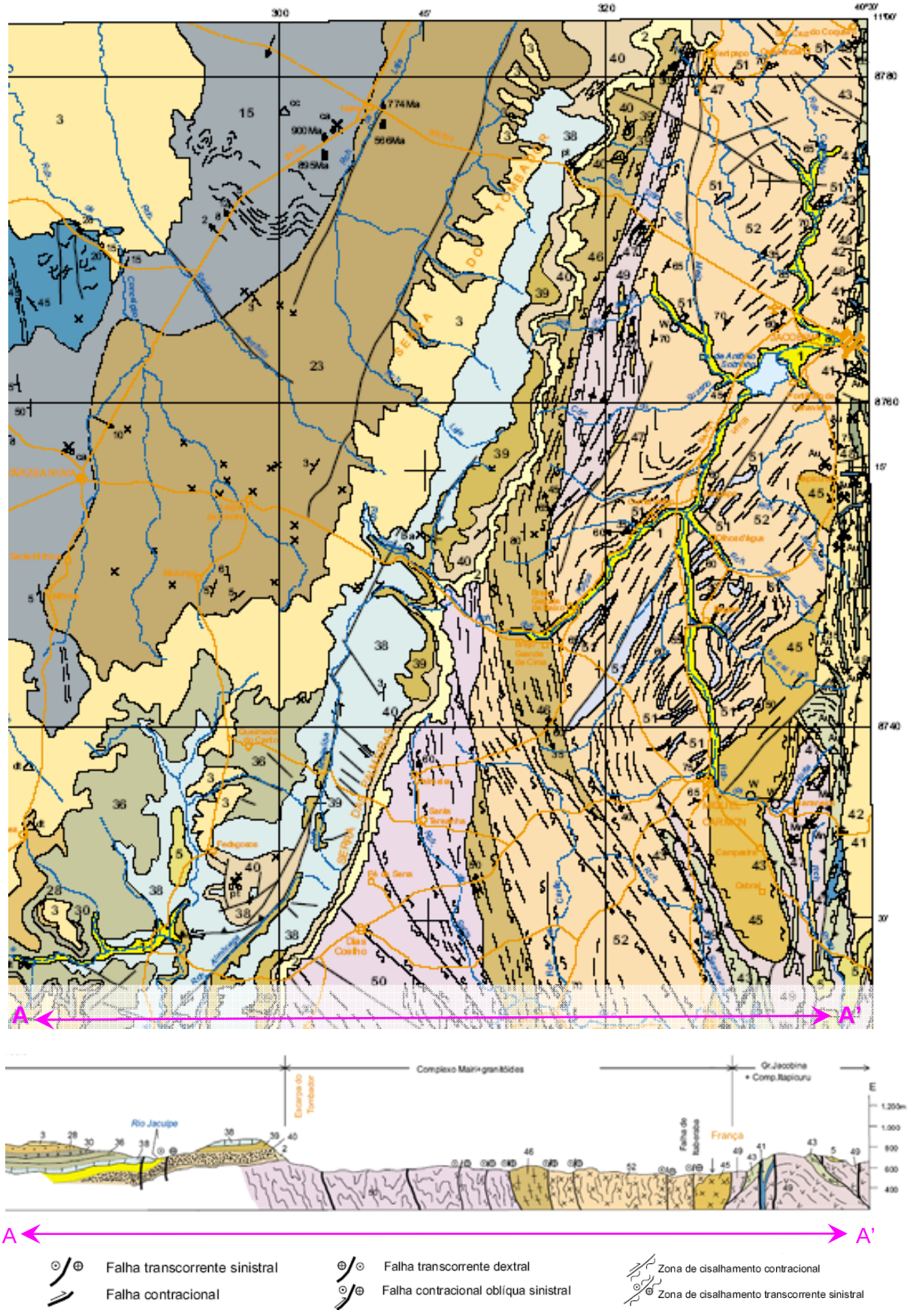


IMAGEM 17a: Recorte da carta geológica Jacobina - Folha SC.24-Y-C, apresentando, especificamente, a área da pesquisa. Fonte: SAMPAIO et al., 2001.

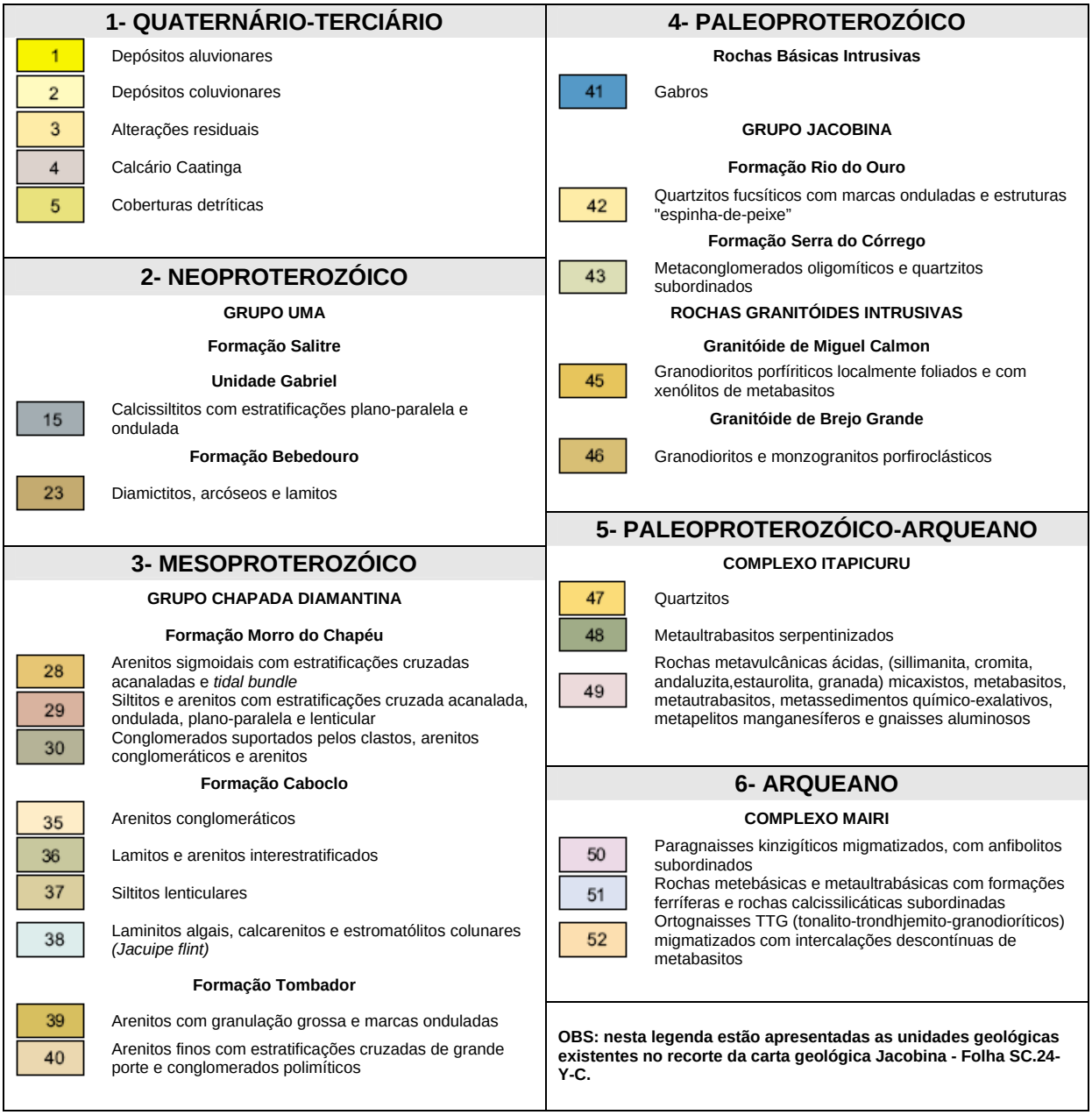

1- QUATERNÁRIO-TERCIÁRIO
1 Depósitos aluvionares
2 Depósitos coluvionares
3 Alterações residuais
4 Calcário Caatinga
5 Coberturas detríticas
2- NEOPROTEROZÓICO
GRUPO UMA
Formação Salitre
Unidade Gabriel
15 Calcissiltitos com estratificações plano-paralela e ondulada
Formação Bebedouro
23 Diamictitos, arcóseos e lamitos
3- MESOPROTEROZÓICO
GRUPO CHAPADA DIAMANTINA
Formação Morro do Chapéu
28 Arenitos sigmoidais com estratificações cruzadas acanaladas e tidal bundle
29 Siltitos e arenitos com estratificações cruzada acanalada, ondulada, plano-paralela e lenticular
30 Conglomerados suportados pelos clastos, arenitos conglomeráticos e arenitos
Formação Caboclo
35 Arenitos conglomeráticos
36 Lamitos e arenitos interestratificados
37 Siltitos lenticulares
38 Laminitos algais, calcarenitos e estromatólitos colunares (Jacuipe flint)
Formação Tombador
39 Arenitos com granulação grossa e marcas onduladas
40 Arenitos finos com estratificações cruzadas de grande porte e conglomerados polimíticos
4- PALEOPROTEROZÓICO
Rochas Básicas Intrusivas
41 Gabros
GRUPO JACOBINA
Formação Rio do Ouro
42 Quartzitos fucsíticos com marcas onduladas e estruturas "espinha-de-peixe"
Formação Serra do Córrego
43 Metaconglomerados oligomíticos e quartzitos subordinados
ROCHAS GRANITÓIDES INTRUSIVAS
Granitóide de Miguel Calmon
45 Granodioritos porfiríticos localmente foliados e com xenólitos de metabasitos
Granitóide de Brejo Grande
46 Granodioritos e monzogranitos porfiroclásticos
5- PALEOPROTEROZÓICO-ARQUEANO
COMPLEXO ITAPICURU
47 Quartzitos
48 Metaultrabasitos serpentinizados
49 Rochas metavulcânicas ácidas, (sillimanita, cromita, andaluzita,estaurolita, granada) micaxistos, metabasitos, metautrabasitos, metassedimentos químico-exalativos, metapelitos manganesíferos e gnaisses aluminosos
6- ARQUEANO
COMPLEXO MAIRI
50 Paragnaisses kinzigíticos migmatizados, com anfibolitos subordinados
51 Rochas metebásicas e metaultrabásicas com formações ferríferas e rochas calcissilicáticas subordinadas
52 Ortognaisses TTG (tonalito-trondhjemito-granodioríticos) migmatizados com intercalações descontínuas de metabasitos
OBS: nesta legenda estão apresentadas as unidades geológicas existentes no recorte da carta geológica Jacobina - Folha SC.24-Y-C.

IMAGEM 17b: Legenda da imagem 17a.

2.3. ASPECTOS GEOMORFOLÓGICOS E SOLOS

Como demonstramos, dois eventos de grande proporção relacionados à geodinâmica da área de Jacobina são importantes para o seu entendimento: a colisão das placas tectônicas que soergueu a cadeia de montanhas que daria origem à Serra de Jacobina; e o processo de sedimentação e posterior erosão que entalhou a Serra do Tombador. São estes eventos, também, importantes para a compreensão do relevo desta região e, consequentemente, para a explicação das unidades morfológicas nas quais se inserem as diferentes feições identificadas.

O estado da Bahia é composto por oito unidades morfológicas: 1) planície Litorânea; 2) bacia sedimentar Recôncavo-Tucano; 3) planaltos Costeiro e Pré-Litorâneo; 4) planalto Sul-Baiano; 5) Chapada Diamantina; 6) chapadão ocidental do São Francisco; 7) Serra Geral do Espinhaço; e 8) Depressão Sertaneja ou Depressões Periféricas e Interplanálticas (SILVA et al., 2004, p. 54). A região de Jacobina tem o seu território situado em duas destas unidades: a Chapada Diamantina e a Depressão Sertaneja.

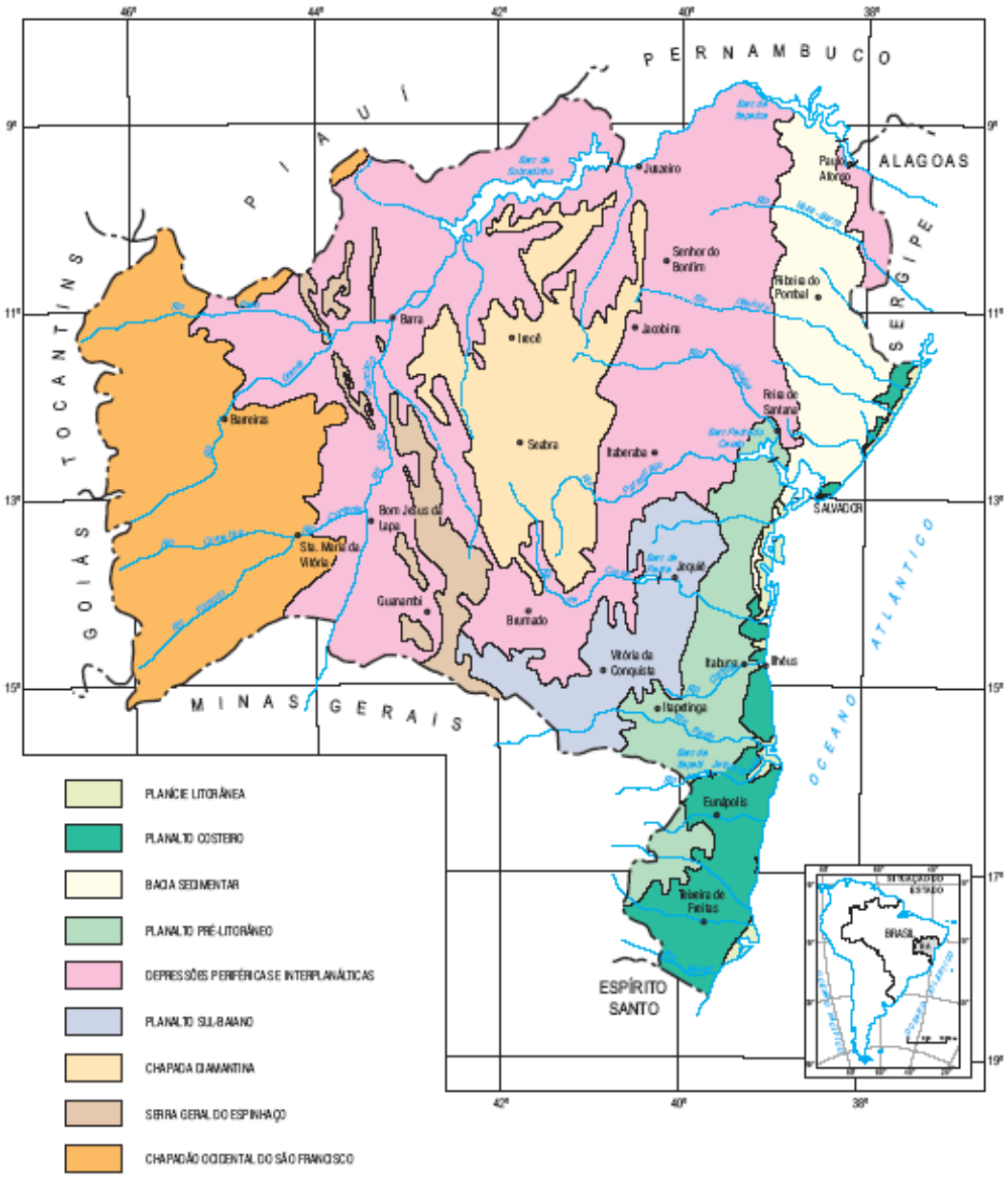


IMAGEM 18: Unidades morfológicas que compõem o relevo do estado da Bahia. Fonte: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia – SEI, 2007, consultado em www.sei.gov.ba.br em janeiro de 2011.

A unidade morfológica **Chapada Diamantina** está situada na parte central da Bahia. Corresponde a uma superfície soerguida, dobrada, falhada e aplainada, composta por rochas sedimentares metamorfizadas, com altitudes entre 600 e 2.000 metros acima do nível do mar. Nela são verificadas feições do relevo como escarpas, serras e montanhas com topos pontiagudos, planos ou abaulados, intercaladas por superfícies planas e vales rasos ou profundos. Nas áreas calcárias, além de grandes chapadas também são encontradas feições do relevo como cavernas, dolinas, sumidouros e serrotes[62]. Em decorrência da diversidade litológica desta região, podemos encontrar solos de diferentes texturas (finos, grossos e pedregosos) e composições (de arenosos a argilosos), a exemplo dos latossolos, argissolos (podzólicos), cambissolos, neossolos, litólicos e afloramentos rochosos (EMBRAPA, 2006; JESUS et al., 1985, p. 52-58; SILVA et al., 2004, p. 59). Relacionada à área de pesquisa, a região de Jacobina, encontraremos três feições do relevo: a Serra de Jacobina, a Serra do Tombador e a Chapada sobre a Serra do Tombador.

Seguindo do litoral para o interior, isto é, de leste para oeste, temos uma grande extensão de superfície de aplainamento, que se inicia nas imediações do município de Feira de Santana, barrada cerca de 200 km depois pela elevação da Serra de Jacobina, que se orienta na direção geral norte-sul. Este cenário de mudança brusca do relevo corresponde ao confronto das superfícies velhas do leste, os segmentos crustais do bloco Jequié, com as novas superfícies sul-americanas do oeste, sobre o bloco Gavião (NEVES et al., 2008, p. 14; SAMPAIO et al., 2001, p. 7 e 10).

Objetivamente, a Serra de Jacobina representa um trecho de aproximados 200 km de extensão por 8 km de largura do lineamento estrutural Cinturão Itapicuru Jacobina. Neste trecho os relevos são formados por escarpas abruptas, com dinâmica muito instável e forte, cuja declividade oscila de 30º a 45º, chegando a ter paredões verticais, e topos planos, abaulados ou pontiagudos (SAMPAIO et al., 2001, p. 6). A serra detém na sua morfologia seis alinhamentos paralelos de montanhas, orientados longitudinalmente (norte-sul) e separados por vales profundos, de até 150 metros de profundidade, onde os cânions são muito característicos. Tais alinhamentos decorrem do processo de erosão diferencial ocorrido nas

[62] "Os processos glaciais e afins da parte média do Neoproterozóico (Criogeniano) processaram notável dessecação morfológica nos altos serranos da Chapada Diamantina, soerguida no final do Mesoproterozóico (...) por processos deformacionais de origem ainda desconhecida em sua essência e repetidamente polêmica (...). A sedimentação pelítico-carbonática pós-glaciação tomou proveito notório dos baixos estruturais e erosionais (...) pré-existentes. Este aproveitamento é evidente em função da maior preservação destes sedimentos pelítico-carbonáticos da erosão (...)" (NEVES et al., 2008, p. 25).

zonas das superfícies de contato das camadas da estratificação geológica do bloco soerguido que conforma a serra.

Estes alinhamentos paralelos de montanhas têm cotas altimétricas médias em torno de 900 metros na porção oeste e chegam a 1.100 metros na porção leste. A base desta cadeia de montanhas encontra-se, em média, a 500 metros acima do nível do mar, o que significa dizer que a Serra de Jacobina está entre 400 e 600 metros acima do nível das planícies de seu entorno[63]. À medida que a serra se desenvolve no sentido sul, as suas altitudes decrescem, até que topograficamente se una à superfície de aplainamento. Os dados apresentados permitem considerar, portanto, que, ante as suas dimensões e a sua monumentalidade natural, esta serra constitui, de fato, um marco significativo da paisagem.

Por sua vez, esta mesma feição – alinhamentos paralelos de montanhas, com vertentes altas e íngremes e vales profundos – conduz a um padrão de escoamento das águas e materiais concentrados nos fundos dos vales principais, além de promover ablação generalizada nas encostas (SAMPAIO et al., 2001, p. 6). É justamente o escoamento generalizado das águas sobre a serra, aliado a forte inclinação e à composição rochosa, que causa a descontinuidade da cobertura sedimentar, fazendo com que muito da superfície fique à mostra. Neste caso, os sedimentos existentes são rasos e pontuais, compostos de arenização e manchas de concrecionamentos em forma de couraça ferruginosa, tecnicamente classificados como "litossolos, solos podzólicos distróficos e areias quartzosas" (EMBRAPA, 2006; SAMPAIO et al., 2001, p. 6).

Agrega a isto o padrão de quebra das rochas (diaclasamento, rachadura, fratura, quebra e queda), que se expressa em seções regulares de diversos tamanhos, tornando a superfície da Serra de Jacobina escalonada, irregular e instável, com muitos trechos de paredes amorfas nas meias encostas. Esta característica da superfície da serra faz com que a comunidade local a compare com um cuscuz, referindo-se a ela como uma "serra do tipo cuscuz"[64].

[63] Esta diferença de altitude se dá em função da constituição e resistência dos materiais e dos processos erosivos que levaram as superfícies a deter patamares distintos (NEVES et al., 2008, p. 14).

[64] Para entender esta comparação, que remete a uma descrição do contexto, o cuscuz é uma espécie de bolo feito somente com farinha grossa de milho, temperado com sal ou açúcar, cozido a vapor, cuja massa, embora homogênea na composição, é de textura muito irregular e esfarela facilmente quando cortada, sobretudo nas extremidades. Guardadas as proporções, a comparação entre a serra e o cuscuz parece fazer sentido.

IMAGEM 19: Perfil de uma das vertentes extremamente íngremes da Serra de Jacobina, vista da comunidade de Bananeira. Foto: Autor, setembro de 2009.

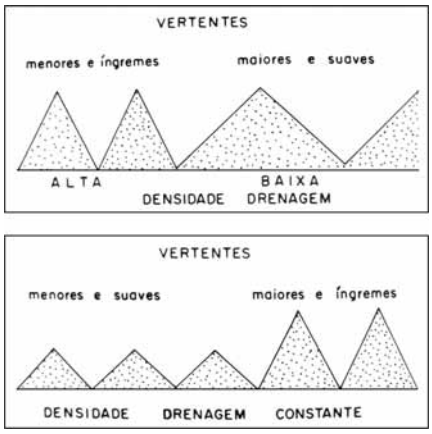


IMAGEM 20: Relação estabelecida entre a densidade da drenagem d'água e a declividade e comprimento das vertentes. Fonte: CHRISTOFOLETTI, 2009 [1980], p. 60.

Assim sendo, o referido padrão de escoamento que promove ablação generalizada das superfícies, intensifica-se no fundo dos vales, onde as águas oriundas das vertentes se concentram formando torrentes (CHRISTOFOLETTI, 2009 [1980], p. 58-61). Isto, associado ao plano de fratura das rochas e à instabilidade das superfícies, justifica, por exemplo, o carreamento das coberturas desagregadas nos fundos dos vales na época das chuvas, quando as águas misturadas com sedimentos ganham densidade e varrem as superfícies, tornando disponíveis paredes regulares e estáveis e, de modo geral, com seções lisas. Este fator se constitui num dado importante para a pesquisa, por explicitar razões que tornam estes setores da Serra de Jacobina propícios à instalação de sítios com pinturas.

A segunda área que encontramos no domínio morfológico da unidade Chapada Diamantina é conhecida como Serra do Tombador. Seguindo, mais uma vez, de leste para oeste, passando da Serra de Jacobina, re-encontraremos uma superfície de aplainamento e, logo a seguir, cerca de 20 a 30 km depois, a Serra do Tombador, que se orienta no sentido NNE-SSW. Este soerguimento representa, portanto, as novas superfícies sedimentares sul-americanas, desenvolvidas sobre o bloco Gavião, anteriormente referidas (NEVES et al., 2008, p. 14; PEDREIRA & DOURADO, 2002, p. 184; SAMPAIO et al., 2001, p. 7 e 10). De modo geral, a Serra do Tombador segue uma orientação praticamente paralela à Serra de Jacobina. Ambas detêm uma inclinação da orientação geral no sentido NNE-SSW, levemente mais acentuada na Serra do Tombador. Mas em nenhum dos casos esta inclinação supera 20º além do eixo meridiano.

A Serra do Tombador corresponde ao limite oriental da Chapada Diamantina, com 75 km de extensão e altitudes em torno de 700 a 990 metros acima do nível do mar, e sua escarpa atua como um grande divisor abrupto entre as terras altas da chapada (o planalto) e as terras baixas da superfície de aplainamento (a planície). Ao longo da sua extensão, a Serra do Tombador detém diferentes nomes, conferidos e reconhecidos pela comunidade local: Tombador Alto, Tombador do Araújo, Tombador de Cima, Tombador do Meio, Tombador de Baixo, Gogó da Gata, Morro do João Pombinho, Serra do Cílio, Serra do Tamanco, Morro do Cruzeiro, Cambaitira, As Moitas, São Judas Tadeu, Pé de Serra, Serra de Miguel Calmon, Serra da Gameleira, Serra das Palmeiras, entre outros.

No que concerne ao seu relevo, embora esta feição geomorfológica seja comumente chamada de serra, não se trata, de fato, de uma cadeia de montanhas, senão de uma *cuesta*[65] ou, segundo alguns modelos apresentados por Antônio Christofoletti, um tipo de vertente[66]. Justamente por esta improcedência terminológica na definição deste relevo, alguns autores optam por chamá-la de "escarpa do Tombador" (SAMPAIO et al., 2001, p. 2). Não obstante reconheçamos a improcedência terminológica no nome conferido historicamente, ocorre que esta feição é extremamente consagrada e reconhecida como Serra do Tombador, tanto pela comunidade local quanto pela comunidade científica, de modo que adotaremos a toponímia comumente aceita, para evitar desencontro de informações, mas com o entendimento de não se tratar de uma serra.

A escarpa da Serra do Tombador corresponde a uma superfície erodida extremamente recortada, com inúmeras reentrâncias e saliências. Em alguns pontos é possível se identificar morros residuais ainda não dessecados pelos processos erosivos. A forma geral assumida por esta *cuesta*, descrita de cima para baixo e seguindo na direção planalto a planície é: uma convexidade que segue até a borda da escarpa, com extensão variável em torno de 2 km; seguida de uma escarpa abrupta com face livre vertical, levemente positiva ou levemente negativa, de altura média entre 0 e 150 metros; uma grande superfície de deposição detrítica e, consequentemente, de formação de solo no sopé da escarpa, que inicia com inclinação média de 45º, tornando-se mais leve à medida que afasta da escarpa, atingindo até 300 metros de

[65] A *cuesta* representa uma "(...) forma de relevo assimétrico, muito comum em seqüências de camadas sedimentares com mergulho fraco intercalando níveis mais resistentes à erosão do que outros e que controlam, assim, o desenvolvimento geomorfológico com uma topografia plana e de gradiente suave segundo o sentido do mergulho das camadas, contraposta por escarpas de cuesta no sentido contrário" (WINGE et al., 2001).

[66] As vertentes constituem modelos descritivos da morfologia de relevos inclinados. Antônio Christofoletti (2009 [1980], p. 39-62) apresenta diversos modelos de como se descrever uma vertente, cujo objetivo final é compreender os processos erosivos que acometem setores da paisagem com topografias distintas, de oposição (alto e baixo).

altitude e 3 km de extensão em alguns pontos; e finalizando seu desenvolvimento na superfície de aplainamento (LESTER KING apud CHRISTOFOLETTI, 2009 [1980], p. 40).

IMAGEM 21: Modelo de desenvolvimento das vertentes de Lester King. Fonte: CHRISTOFOLETTI, 2009 [1980], p. 40.

IMAGEM 22: Perfil da escarpa da Serra do Tombador observado a partir da área de São Judas Tadeu. Foto: Autor, fevereiro de 2009.

Como demonstramos através da descrição da orogênese deste setor, as camadas geológicas da Serra do Tombador são todas de base sedimentar. Contudo, a composição, rigidez e textura das rochas são diferentes em decorrência dos processos ambientais e climáticos que proporcionaram as suas formações, bem como do seu processo de consolidação. Estes fatores serão notados, também, no processo de erosão diferencial das rochas que possibilitará a formação dos locais propícios à identificação dos sítios rupestres. Neste aspecto, no relevo da Serra do Tombador, dois setores configuram-se como de extrema importância arqueológica, por deterem locais propícios à instalação de sítios rupestres: o setor de convexidade, que se encontra no limite da borda da escarpa; e a base da escarpa, no limite entre a escarpa e a área de deposição detrítica, identificada como sopé da serra.

O setor descrito como de convexidade corresponde ao local das rochas geologicamente mais jovens; está no alto, situado na borda da escarpa, e representa a área da chapada em estágio inicial de erosão. Nele ocorre uma série de processos erosivos associados, responsáveis pela desagregação e/ou quebra das rochas e que, por seu turno, possibilita uma arquitetura natural de locais que viriam a ser utilizados como sítios rupestres. Um destes processos está relacionado ao desgaste natural das rochas pelas ações pluvial, eólica, térmica, biológica e química, e é mais intensificado nas rochas de menor resistência, portanto mais friáveis. Neste caso, quando as rochas menos compactas estão sob as mais rígidas, tende a haver a desagregação daquela inferior pela sua intemperização, formando reentrâncias e deixando em suspensão as rochas mais duras. Aliado a isto, outro processo ocorre, relacionado, sobretudo,

às ações mecânica (gravidade) e térmica. As rochas que ficam em suspensão após a erosão daquelas dos planos inferiores passam a sofrer uma forte pressão mecânica do seu próprio peso, que em conjunção com as precipitações térmicas e a falta de plasticidade destas rochas farão com que elas trabalhem (expandindo e regredindo), quebrem e desabem.

Estes fatores atuam sobre a estrutura das rochas e fazem com que elas fraturem em seções regulares na horizontal (nas zonas de contato entre as camadas geológicas, que detêm resistência diferencial) e na vertical (geralmente na linha de resistência mecânica das rochas, próximo aos setores apoiados por rochas residuais da camada inferior), proporcionando paredes e tetos. Portanto, trata-se de um modelamento de dessecação diferencial, controlado pela estrutura das rochas – que promove relevos escarpados, com vertentes abruptas e/ou escalonadas, com rochas desnudas ou parcialmente recobertas por acumulações detríticas – e pelos fatores intempéricos.

Assim, resultante do processo de degeneração da rocha por desgaste ou quebra, ou mesmo pela associação dos dois fatores, são estes agentes relacionados à composição das rochas que modelarão naturalmente a paisagem e criarão locais como paredes, abrigos (com altura máxima de 4 metros), lapas e locas, passíveis da instalação de sítios rupestres. Tais locais estão situados acompanhando pequenos degraus da formação geológica das camadas do topo da escarpa ou mesmo isolados, em porções residuais das camadas geológicas, nos blocos testemunhos.

Nesta área de convexidade, a cobertura sedimentar é descontínua, onde o solo é composto, basicamente, por superfícies rochosas com trechos de pouca profundidade de “litossolos e de areias quartzosas”. O padrão de escoamento das águas é generalizado com pouca força, em função da baixa declividade do relevo (EMBRAPA, 2006; SAMPAIO et al., 2001, p. 6).

Por sua vez, no sopé da escarpa, encontram-se rochas sedimentares de idades intermediárias na formação geológica da Serra do Tombador e refere-se, no processo erosivo, àquele identificado em estágio mais avançado. Além de todos os fatores erosivos citados (pluvial, eólico, térmico, biológico, químico e mecânico), que proporcionarão, aqui, os mesmos fenômenos assistidos na parte alta da vertente, encontraremos também uma acentuada umidade promovida por infiltração descendente (águas acumuladas no alto da chapada) e ascendente (águas acumuladas na superfície de deposição detrítica e/ou derivadas de lençóis

freáticos) na rocha, que atua removendo as partículas agregadoras do corpo rochoso, tornando-o friável.

Acentuando este cenário, existe no sopé da escarpa uma densa vegetação que promove a manutenção constante da umidade e dá possibilidade de crescimento mais rápido da vegetação e dos liquens sobre as rochas, opondo este ambiente ao do seu entorno, que detém vegetação rala e clima árido. Logo, nestes setores se cria um microclima diferenciado e constante, acelerando o desgaste e/ou quebra das rochas. Derivados destes processos, serão encontrados na área de sopé grandes paredes, abrigos de diferentes alturas (desde muito baixos até aqueles que acompanham a altura do paredão) e locas na própria estrutura da escarpa e que, por isto, acompanham o seu alinhamento. Para além destes fatores, pelas diferenças de altitude do sopé da escarpa, que varia de 0 a 150 metros, os sítios nestes setores serão encontrados em diferentes camadas geológicas, desde as camadas de conglomerados de seixos até aquelas de composição mais fina e selecionada.

Na área do sopé da escarpa da Serra do Tombador, o solo detém, de modo geral, uma cobertura sedimentar contínua, composto basicamente por sedimentos arenosos mal selecionados e pedregosos (derivados da deposição detrítica da decomposição da escarpa), com bastante profundidade e pouquíssimas superfícies rochosas aparentes. Em algumas áreas protegidas (abrigadas) do sopé, é possível se identificar um sedimento arenoso mais bem selecionado, resultado da ação diferencial de deposição nestes setores, derivado de carreamento por água das chuvas, geralmente com baixa competência, ou por ação eólica. O padrão de escoamento das águas é descontínuo, uma vez que a composição arenosa e pedregosa do solo possibilita uma rápida infiltração.

A terceira e última feição do relevo identificada no domínio da unidade morfológica Chapada Diamantina, na área de recorte da pesquisa, refere-se à chapada sobre a Serra do Tombador, que se encontra, seguindo de leste para oeste, na continuidade do relevo de convexidade. Trata-se de um relevo extenso que avança praticamente plano cerca de 20 km sobre a Serra do Tombador para, daí, começar a ganhar gradualmente uma leve inclinação do sentido oeste, até encontrar a depressão que conforma a bacia do rio Salitre. No recorte da área de pesquisa, nesta área se encontram as localidades de Caatinga do Moura, Boa Vista, Roçado, Lages do Batata, Olhos D’água, Assentamento Alagoinha, Assentamento Quixabeira, Genipapo dos Olhos D’água, Tambari e Pau Ferro no município de Jacobina, e o distrito de Taquarandi em Mirangaba.

Tendo em vista a feição do relevo, quase não foram identificados sítios nesta região. Aqueles identificados estão em afloramentos rochosos, no domínio calcário, nas proximidades do leito de um rio e num serrote. Trata-se de uma pequena loca e um sítio na entrada de cavernas. A cobertura sedimentar é bastante homogênea, com alguns afloramentos rochosos, onde os solos predominantes são os cambissolos, nas zonas calcárias, e os litossolos, argissolos e as areias quartzosas no alto da chapada (EMBRAPA, 2006; SAMPAIO et al., 2001, p. 6; SILVA et al., 2004, 59).

A segunda unidade morfológica do relevo baiano onde se encontra a área de pesquisa é a **Depressão Sertaneja**. Dentre todas as unidades, trata-se daquela de maior dimensão, estendendo-se pelo interior do estado, especialmente na região conhecida como Semiárido. Refere-se a uma superfície de erosão desenvolvida sobre o bloco cristalino, constituída por relevos planos e suaves ondulados com morros isolados. Os rios da Depressão Sertaneja têm vales geralmente largos, pouco profundos e fundos planos. As cotas de altitude variam de 400 a 600 metros acima do nível do mar. Os solos são pouco ou muito profundos, com textura e composição variáveis, podendo ocorrer solos arenosos, argilosos, pedregosos (solos litólicos) ou afloramentos rochosos; especificamente, destacam-se neste domínio da paisagem os latossolos, planossolos, cambissolos, argissolos (podzólicos) e os neossolos quartzarênicos (areias quarzosas) (EMBRAPA, 2006; SILVA et al., 2004, p. 60).

No caso específico, no domínio da área da Depressão Sertaneja se encontra a superfície de aplainamento entre a Serra do Tombador e a Serra de Jacobina, uma faixa descoberta orientada no sentido norte a sul, onde é identificado o embasamento rochoso composto por “granitos, gnaisses, xistos e eruptivas antigas”. Em alguns pontos o relevo plano, com baixa declividade, dá lugar a morros baixos, suaves e arredondados, formados por essas rochas mais velhas (PEDREIRA & DOURADO, 2002, p. 182; SAMPAIO et al., 2001, p. 12).

A cobertura sedimentar nesta área é de coluvião, com sedimentos oriundos dos altos das serras, e de decomposição das rochas do embasamento. Assim, são identificados solos de texturas areno-argilosas, argilo-arenosas e argilosas (latossolos e solos podzolicos) que variam de espessura, localmente descontínuas, com trechos de lajes à mostra (EMBRAPA, 2006). O escoamento das águas é superficial e em forma de enxurradas, muitas vezes intensas, com carreamento de detritos e formação de sulcos e ravinas (SAMPAIO et al., 2001, p. 6). Em alguns trechos de rios, que são, de modo geral, rasos e largos, podem ser encontrados grandes matacões graníticos. Num destes matacões foi identificado um sítio.

IMAGEM 23: Vista panorâmica em 180º, a partir da Serra do Tombador – no trecho chamado por locais de Serra do Cílio –, da superfície de aplainamento que caracteriza a Depressão Sertaneja na área de pesquisa. Ao fundo, em último plano, vê-se a sequência da Serra de Jacobina. Foto: Autor, setembro de 2009.

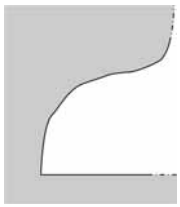
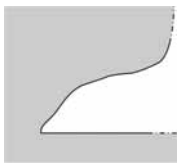
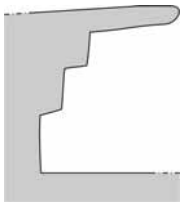
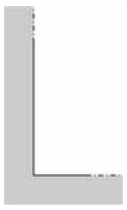
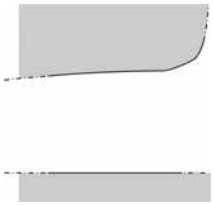
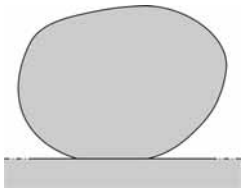
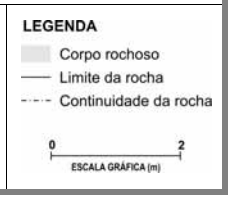
São estas, portanto, as feições de relevo constantes na área de pesquisa. Como pode se perceber, assim como as características litológicas desta região e as diretamente relacionadas a elas, ocorre também uma grande diversidade de relevos que proporciona locais para a instalação de sítios rupestres. Na Serra de Jacobina, onde o domínio litológico é quartzito com baixo grau metamórfico e a feição do relevo é de uma cadeia de montanhas com vales profundos e íngremes, iremos encontrar nos leitos dos rios e dos riachos, nos fundos dos vales, paredes susceptíveis à instalação de sítios. Na Serra do Tombador a composição litológica é basicamente sedimentar, especificamente dominando o cenário os arenitos, e a feição do relevo é de uma *cuesta* recortada e em franco processo erosivo, que cria feições propícias à instalação de sítios rupestres, tais como paredões, lapas, locas, abrigos e grutas. Nas áreas de chapada serão encontrados sítios em rochas calcárias, em pequenas locas e cavernas. Por fim, na superfície de aplainamento, nos leitos dos rios, onde a maior parte das rochas é granítica, são encontrados os matacões, também utilizados como suporte para pinturas rupestres. Uma síntese desta situação pode ser vista na tabela a seguir:

TABELA 1: Geomorfologia, litologia, relevo e arqueologia

Unidade geomorfológica	Litologia	Relevo	Unidade arqueológica
Serra de Jacobina	Quartzito	Cadeia de montanhas com vales profundos e íngremes	Paredes
Serra do Tombador	Arenito	Cuesta com um relevo recortado e em processo erosivo	Paredões, abrigos, grutas, lapas e locas
Chapada	Calcário	Chapada, serrote e dolina	Locas e cavernas
Depressão sertaneja	Granito	Superfície de aplainamento	Matacões e lajes

No que tange aos aspectos metodológicos desta pesquisa, cada uma das "unidades geomorfológicas/arqueológicas" – isto é, as feições naturalmente modeladas na paisagem utilizadas como parte constituinte dos sítios arqueológicos de representações rupestres – se encontra definida na tabela 2. Na sequência, apresentamos o recorte da carta Relevo SRTM da Embrapa, que sintetiza as feições do relevo discutidas neste subcapítulo.

TABELA 2: Unidades geomorfológicas/arqueológicas

Perfil do relevo	Definição
	Abrigo é o espaço coberto, cuja relação de tamanho e profundidade permite comportar um homem de pé, naturalmente escavado nos corpos rochosos, são mais arredondados em decorrência da dissolução do bloco rochoso por ação eólica, fluvial ou infiltração na rocha. Na área pesquisada eles foram identificados nos contextos areníticos.
	Gruta refere-se a uma modalidade de abrigo, só que baixo e profundo identificado nas áreas areníticas.
	Lapa trata-se de uma modalidade de abrigo, formado por lajes e situados exclusivamente no alto, na borda da chapada, são mais recortadas e escalonados por serem formados basicamente em decorrência da fratura dos corpos rochosos. São encontrados nas áreas areníticas.
	Loca refere-se a uma pequena re-entrância na rocha, cuja relação de altura e profundidade não permite comportar um homem de pé, mas conformam espaços utilizados para abrigar pinturas rupestres. São encontradas nos contextos calcários e areníticos.
	Paredes ou paredões são superfícies rochosas verticais, levemente negativa ou levemente positiva, sem cobertura natural. Os sítios identificados na área de pesquisa nestas localidades foram em rochas quatzíticas e areníticas.
	Caverna é uma cavidades rochosa na qual a abertura tem uma relação de proporção menor que a profundidade, com desenvolvimento horizontal ou vertical da cavidade em forma de galerias e salões que podem atingir quilômetros, e geralmente ocorrem nos ambientes cársticos, mas também encontradas em arenito na área de pesquisa.
	Matacão é um grande bloco arredondado, produzido por uma associação de intemperismos e rolamento, identificado nas áreas dos leitos dos rios onde houve ação de correntes fluviais. Na área de pesquisa ela está associada à área granítica.
	Lajedo são as superfícies rochosas horizontais ou levemente inclinadas identificadas em todos os domínios litológicos. Não foram localizados sítios rupestres nestes contextos. 

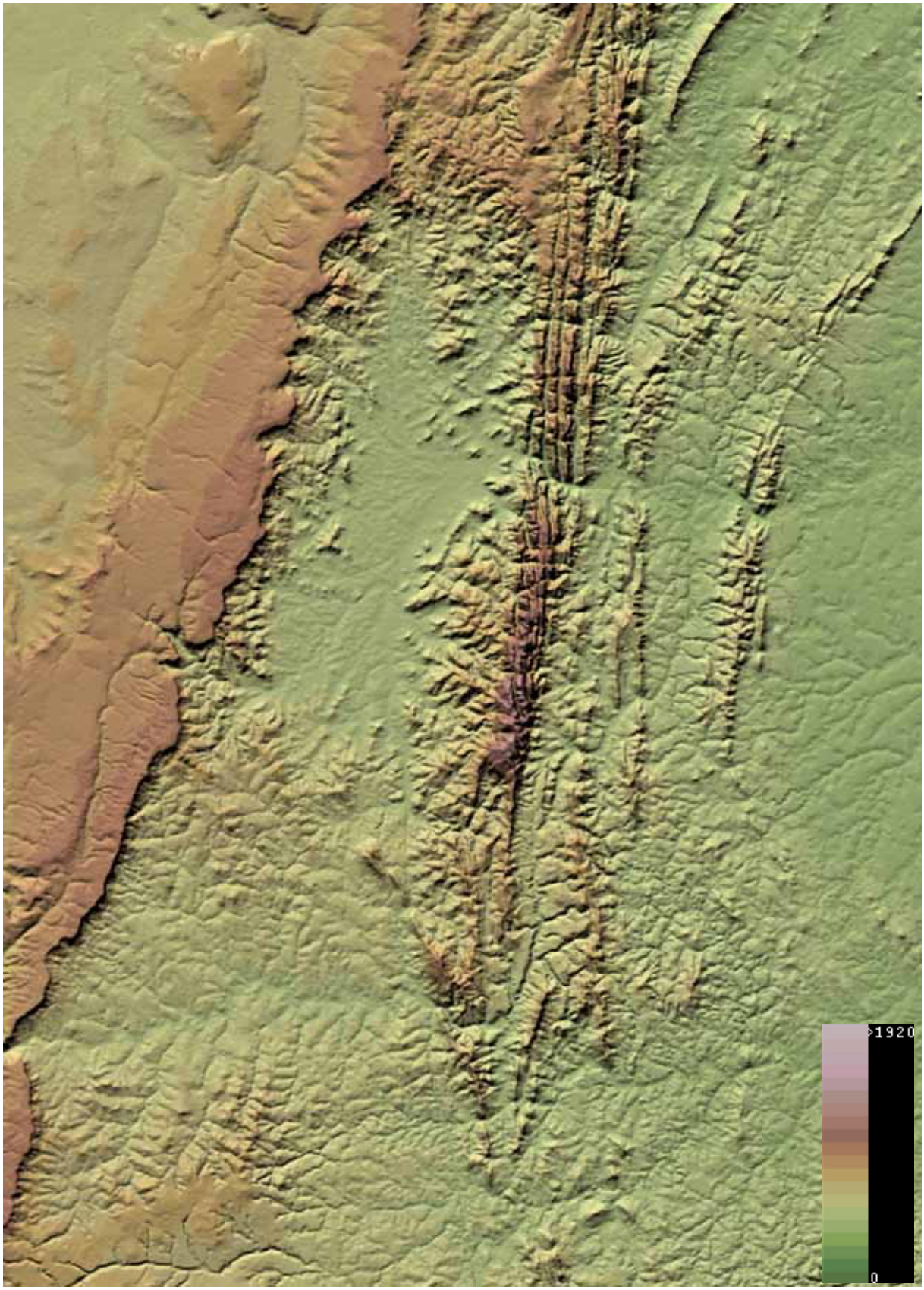


IMAGEM 24: Recorte da carta Relevo SRTM da Embrapa. A *cuesta* orientada SSW–NNE na porção esquerda da imagem é a Serra do Tombador. Ainda à esquerda, sobre a Serra do Tombador, está a chapada. A cadeia de montanhas orientada N-S na porção centro-direita da imagem é a Serra de Jacobina. No entorno da Serra de Jacobina está a Depressão Sertaneja. Fonte: <http://www.relevobr.cnpm.embrapa.br>, consultado em janeiro de 2011.

2.4. ASPECTOS HIDROGRÁFICOS E CLIMÁTICOS

Os dados até então discutidos permitem perceber que a área de Jacobina tem uma expressiva diversidade litológica, gerada em função da intensidade de eventos geológicos ocorridos. Tais eventos são, juntamente com os agentes erosivos, condicionantes do modelamento da paisagem, que igualmente é diversificada. Por sua vez, na conformação deste modelamento têm especial importância as bacias hidrográficas, cada uma delas constituída como um conjunto de terras drenado por um rio principal e pelos seus afluentes[67]. O regime fluvial das diferentes bacias hidrográficas estará regido por uma complexa rede de fatores, e nesse regime terá uma grande parcela de participação a localização da bacia, o clima e a vegetação, além do relevo, da geologia e do solo, entre tantas outras razões naturais e antrópicas.

Ademais, o estudo das bacias hidrográficas nas investigações sobre a ocupação pré-colonial cumpre um importante papel, uma vez que possibilita o reconhecimento de meios de obtenção de recursos para subsistência associados aos rios (água, vegetação ciliar, fauna aquática e terrestre), bem como potencializa a compreensão de possíveis rotas migratórias que davam acesso aos diferentes ambientes. Para a abordagem deste assunto, seguiremos traçando o perfil das diferentes bacias hidrográficas nas quais se inserem a área de recorte da pesquisa, relacionando a formação de cada uma delas com as questões de relevo e clima, buscando evidenciar este perfil associado à realidade na qual se inserem os sítios arqueológicos aqui estudados.

A Bahia detém em seu território 13 bacias hidrográficas de diferentes dimensões: 1) rio São Francisco; 2) rio Vaza-Barris; 3) rio Itapicuru; 4) rio Real; 5) rio Paraguaçu; 6) rio Inhambupe; 7) bacia do Recôncavo Norte; 8) bacia do Recôncavo Sul; 9) rio de Contas; 10) rio Pardo; 11) bacia do Leste; 12) rio Jequitinhonha; e 13) bacia do Extremo Sul. Todos os rios principais destas bacias nascem no interior do estado da Bahia ou em Minas Gerais e deságuam no Oceano Atlântico. Algumas delas têm afluentes nos estados do Espírito Santo, Goiás, Tocantins, Piauí, Pernambuco, Alagoas e Sergipe (MIRANDA et al. 2010; SILVA et al., 2004, p. 48). No caso específico da área de estudo, situada no Piemonte da Chapada Diamantina, existe a influência de três bacias hidrográficas: bacia do rio São Francisco; bacia do rio Itapicuru; e bacia do rio Paraguaçu.

[67] Uma bacia hidrográfica pode ser compreendida como "(...) uma área da superfície terrestre de captação natural de água, definida topograficamente e drenada por um sistema interconectado de canais fluviais desde as nascentes até o ponto de saída da bacia (exutório)" (GOMES & LOBÃO, 2009, p. 3841-3842).

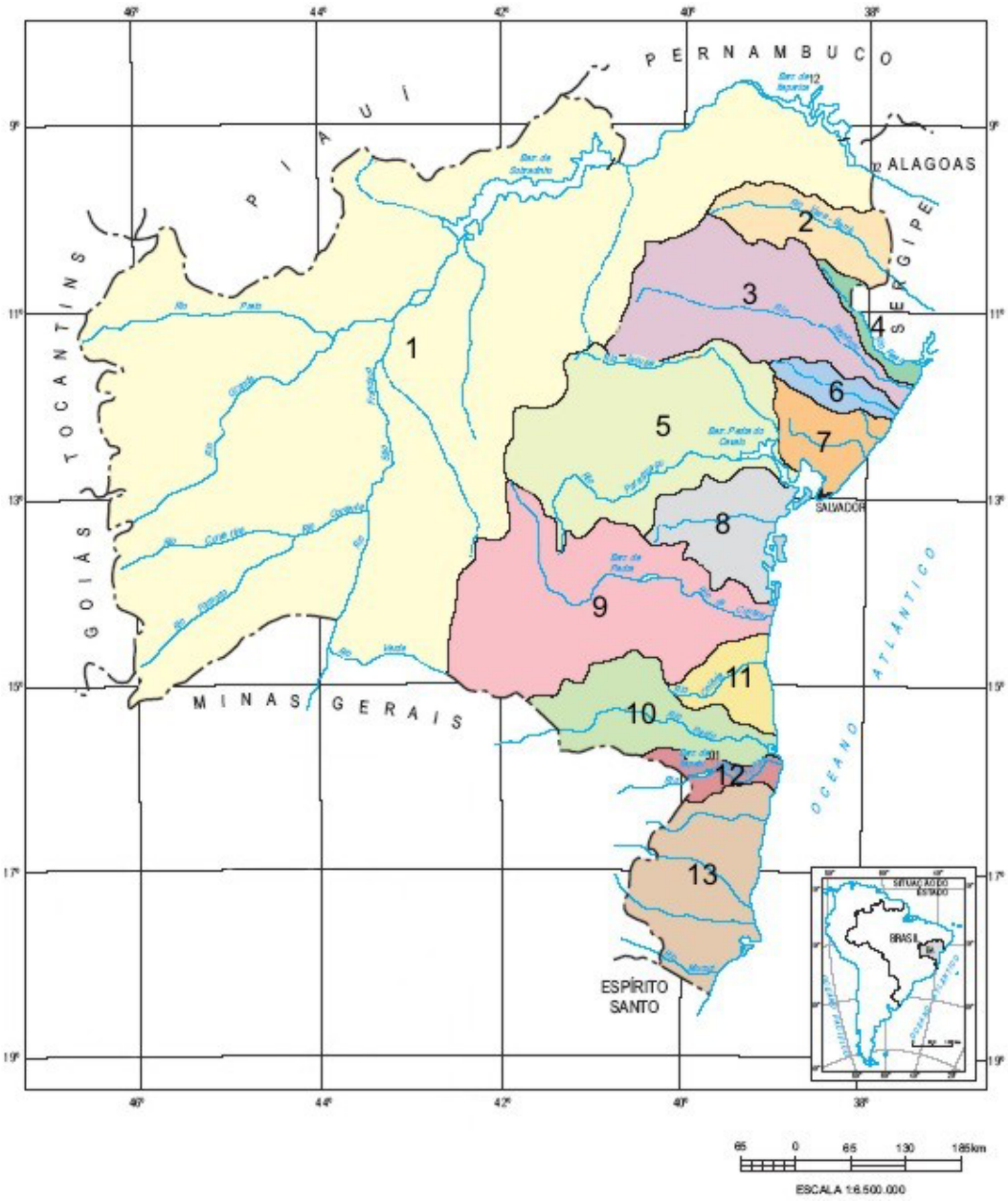


IMAGEM 25: Bacias hidrográficas da Bahia. Fonte: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia – SEI, 2007, consultado em <www.sei.gov.ba.br> em janeiro de 2011.

A **bacia do rio São Francisco** – cujo rio principal é comumente conhecido como velho Chico – é a maior dentre aquelas que cortam o estado da Bahia, ocupando pouco mais que 304 mil km² do território. Entretanto, essa bacia não se limita à Bahia, uma vez que a nascente do rio São Francisco se encontra na Serra da Canastra, em Minas Gerais (onde os índices pluviométricos são mais altos). O rio segue seu curso até passar pela região oeste baiana, seguindo para o norte (onde fará divisa com Pernambuco, Alagoas e Sergipe) e finalizando seu curso no Oceano Atlântico. O maior volume d'água é registrado entre janeiro e março e a menor vazão nos meses de agosto a outubro, de acordo com os regimes pluviométricos e com

os climas que se apresentam nos diferentes trechos do rio: tropical chuvoso com estação seca e vegetação de cerrado; e semiárido de vegetação de caatinga (SILVA et al., 2004, p. 50).

Entre os principais afluentes, estão os rios Carinhanha, Correntina/Corrente e Grande, todos com vazão permanente, situados na margem esquerda; e os rios Santo Onofre, Paramirim, Verde, Jacaré e Salitre, com vazão intermitente, na margem direita (SILVA et al., 2004, p. 51). A razão desta diferença na vazão dos afluentes em função da margem do rio em que se eles se encontram – que faz com que num lado os rios sejam perenes e no outro, temporários – está na formação geológica da região e no fato de que o conjunto de rios da margem direita está situado numa região cujos índices pluviométricos são baixos, numa zona conhecida como polígono das secas.

É neste contexto de menor índice pluviométrico que se encontra o rio Salitre, afluente do rio São Francisco. O rio Salitre está localizado na porção norte do estado, orientado NNE-SSW[68], com pouco mais de 333 km de extensão, ocupando 14.136 km². O seu curso passa pelos municípios de Campo Formoso, Juazeiro, Morro do Chapéu, Ourolândia, Umburanas e Várzea Nova, além dos municípios de Jacobina, Miguel Calmon e Mirangaba (SRHSH, 1993b, p. 14), inseridos na área de pesquisa.

Para ter-se uma visão geral acerca desta bacia e do seu regime hídrico, cabe retornar aos aspectos geológicos que moldam a sua fisionomia. Como discutimos, no alto da chapada existe a formação Caboclo composta de argilitos, que são rochas com baixo grau de impermeabilidade. Entre esta formação e o cristalino se encontra a formação Tombador, basicamente composta por arenitos que, em contraponto aos argilitos, têm alta permeabilidade, com boa capacidade física de circulação de água. Contudo, em face da impermeabilidade da formação Caboclo, que cobre a formação Tombador – criando uma espécie de forro e diminuindo, significativamente, a infiltração nas camadas inferiores –, para uma discussão de aspectos relevantes dos regimes hídricos da região, teremos de entender as formações que estão acima da formação Caboclo. Desta maneira, encontraremos a formação Morro de Chapéu, de arenitos, e a formação Salitre, de calcários, cobertas por formações detríticas de arenitos e calcários mais jovens, derivadas do processo de deterioração das rochas mais antigas (NEVES et al., 2008, p. 12-24). Ou seja, todas as formações acima da formação Caboclo são de rochas com alto grau de permeabilidade, o que possibilita, em

[68] Entre as latitudes 9°27’ e 11°30’ Sul e entre as longitudes 40°22’ e 41°30’ Oeste.

condições favoráveis, que o reservatório do lençol freático supra o rio Salitre em sua nascente, que está sob o domínio calcário.

Entretanto, como no alto e médio Salitre (cerca de 70% do curso do rio) as camadas geológicas com maior possibilidade de concentração, manutenção e disposição de água estão depositadas em níveis mais altos na formação estratigráfica, resultará desta condição um escoamento superficial e, consequentemente, a intermitência do rio. À medida que nos deslocamos para o norte, já no baixo Salitre, quando o relevo diminui de altitude e as camadas de arenito da formação Morro do Chapéu são mais expostas, o rio também passa a receber maior quantidade de águas do subsolo, aumentando a vazão de seu leito e tornando-se perene; além de, neste trecho, já ter recebido a contribuição da maior parte de seus afluentes. Ou seja, em decorrência das águas superficiais que correm no alto e médio Salitre, portanto na maior parte da microbacia, este rio passa a ser compreendido como um "sistema de baixa potencialidade de oferta d'água" (SRHSH, 1993b, p. 14).

Neste aspecto, dois outros fatores a serem considerados são o relevo e a extensão da bacia do rio Salitre, determinantes da maior ou menor quantidade de água que ela poderá captar. O fato de a maior parte das sub-bacias ser alongada, com baixa declividade, diminui a velocidade de escoamento, não possibilita a inundação e aumenta a perda por infiltração e por evaporação, o que produz um déficit de escoamento superficial (CHRISTOFOLETTI, 2009 [1980], p. 119-120), sobretudo nos afluentes do sul, nordeste e sudeste. Isto é, nos afluentes da cabeceira e da margem direita do rio, onde se encontra a área de pesquisa.

No que diz respeito aos referidos afluentes, eles podem ser divididos de duas categorias: aqueles que estão junto às nascentes, com sistema de drenagem denso, ajustados à topografia e à tectônica do terreno; em contraponto aos afluentes da região central da bacia, que correm no domínio calcário, com relevo plano e baixa densidade de drenagem, sendo que alguns destes detêm sumidouros, o que diminui a sua contribuição hídrica. Entre os afluentes do rio Salitre estão: riacho do Escurial, rio Laje, rio Pacuí, riacho das Piabas, rio Jacarezinho, vereda da Cachoeira, vereda da Caatinga do Moura, vereda do Saquinho, Conceição, Conquista, Baixa dos Sagrados, rio Canavieira, riacho do Morrim, riacho da Pedra Branca, Riachão, riacho do Ouro Branco, riacho Paranazinho, riacho Santo Antônio, riacho do Orlando, riacho Olhos D'água e rio Preto (BEVENUTI et al. 2005; NOVAIS, 2010; SRHSH, 1993b). Estes dois últimos (riacho Olhos D'água e rio Preto), em especial, estão diretamente relacionados à área de pesquisa, visto que alguns dos sítios se encontram às suas margens.

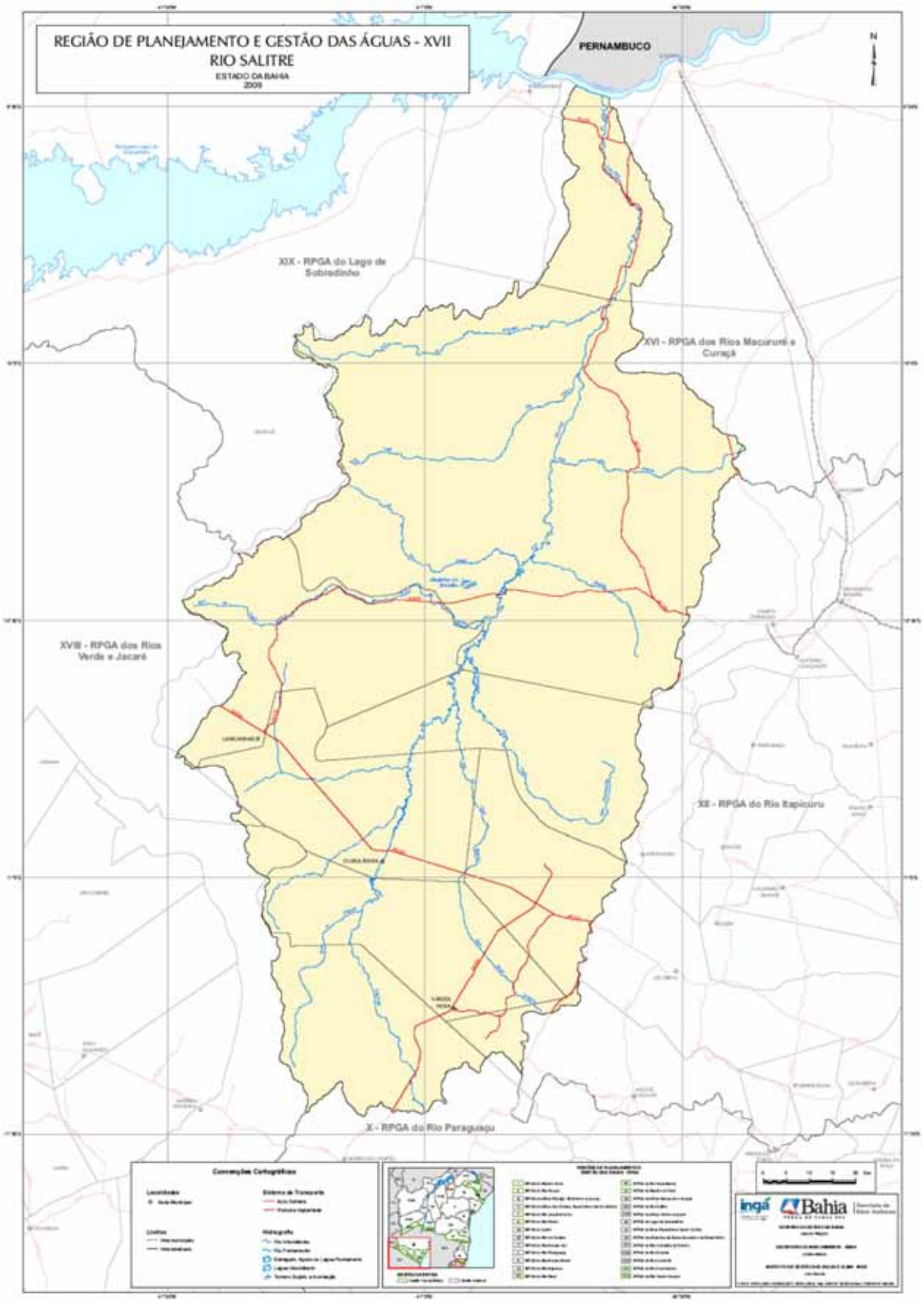


IMAGEM 26: Microbacia do rio Salitre. Fonte: Secretaria do Meio Ambiente do Estado da Bahia – SEMA / Instituto de Gestão das Águas e Clima – INGÁ, 2009, consultado em <www.inga.ba.gov.br> em janeiro de 2011.

A relação entre precipitação das chuvas, clima e relevo mostra-se muito presente nesta área. Na Chapada Diamantina, onde as altitudes são mais elevadas, ocorre uma maior retenção de umidade na porção central, enquanto que na porção leste, na microbacia do rio Salitre e em boa parte da bacia do rio São Francisco, assume características de clima semiárido. No que tange aos índices pluviométricos, a distribuição das chuvas na microbacia do rio Salitre é bastante irregular, com precipitação na ordem de 400 a 500 mm por ano na região do médio e baixo Salitre, concentrados em quatro meses (novembro a março), sendo o restante do ano seco. Já no alto Salitre, próximo a Jacobina e recebendo influência da chapada central, a precipitação pluviométrica pode atingir até 900 mm por ano, sendo a média, contudo, de 600 mm. O clima médio é de 23º e evapotranspiração de 1.850 mm por ano (SRHSH, 1993b, p. 22). Diante dos fatores apresentados, poderíamos dizer que predominam dois climas na região da microbacia do rio Salitre: um árido, na porção média e baixa, e outro semiárido, na porção alta.

A **bacia do rio Itapicuru** é a quarta maior bacia do estado da Bahia, com 350 km de extensão e 130 km de largura, ocupando 38.664 km², situada na região nordeste, orientada no sentido NWW-SEE[69]. Ao norte, limita-se com as bacias dos rios Real e Vaza Barris, além dos rios Curaçá e Poção, afluentes do São Francisco; a oeste, encontra-se o rio Salitre; ao sul, a bacia do rio Inhambupe e a microbacia do rio Jacuípe, afluente do rio Paraguaçu; e, finalizando seu curso, desemboca no Oceano Atlântico, nas proximidades da cidade de Conde[70] (SILVA et al. 2004, p. 52; SILVA, 2009, p. 173; SRHSH, 1995, p. 11). Entre os municípios drenados pela bacia do rio Itapicuru, na sua cabeceira, e situados na área abrangida por este trabalho, estão Caém, Jacobina, Miguel Calmon, Mirangaba e Saúde.

Do ponto de vista geológico, a bacia do rio Itapicuru é considerada complexa, na medida em que passa por diferentes domínios litológicos, que vão de períodos Arqueano ao Quaternário recente. De oeste para leste, serão ser encontrados: o complexo metamórfico de Jacobina (discutido neste trabalho), que aflora no alto e médio Itapicuru; o complexo vulcano sedimentar Uauá-Serrinha de rochas metamórficas dúcteis e rúpteis, que dão aspecto amorfo à

[69] Entre as latitudes 10°00’ e 12°00’ Sul e entre as longitudes 37°30 e 40°45’ Oeste.

[70] No território de abrangência, a bacia do rio Itapicuru atinge 55 municípios baianos: Acajutiba, Andorinha, Antônio Gonçalves, Aporá, Araci, Banzaê, Barrocas, Esplanada, Biritinga, Caém, Campo Formoso, Cansanção, Capim Grosso, Cícero Dantas, Cipó, Conceição do Coité, Crisópolis, Euclides da Cunha, Filadélfia, Heliópolis, Inhambupe, Itapicuru, Jacobina, Jaguarari, Jandaíra, Miguel Calmon, Mirangaba, Monte Santo, Morro do Chapéu, Nordestina Itiúba, Nova Soure, Conde, Novo Triunfo, Olindina, Pindobaçu, Ponto Novo, Queimadas, Quijingue, Quixabeira, Retirolândia, Ribeira do Amparo, Ribeira do Pombal, Rio Real, Santa Luz, São José do Jacuípe, Sátiro Dias, Saúde, Senhor do Bonfim, Serrolândia, Teofilândia, Tucano, Uauá, Valente e Várzea do Poço.

região; o grupo Chapada Diamantina, representado pela formação Tombador (discutida neste trabalho); a bacia sedimentar Tucano na porção média a baixa da bacia; e as coberturas recentes terciárias e quaternárias, formadas por um sedimento quartzoso, na desembocadura do rio (SAMPAIO et al., 2001; SRHSH, 1995, p. 11-15).

Bem como quanto aos aspectos geológicos, no que tange ao relevo, a bacia do rio Itapicuru também pode ser considerada complexa (SRHSH, 1995, p. 15-18). Na cabeceira da bacia, no seu limite oeste, está a *cuesta* da Serra do Tombador, que representa o principal divisor de águas entre a bacia do rio Itapicuru e a microbacia do rio Salitre. Como já apresentado, sua formação é basicamente de rochas sedimentares de baixa plasticidade (arenitos quartzosos, metarenitos, quartzitos e metaconglomerados), e esse fato associado aos diferentes fatores erosivos causam um dessecamento diferencial do relevo. A *cuesta* apresenta uma vertente forte, íngreme e escarpada, modelada com muitas reentrâncias e saliências, com acumulações detríticas no sopé. Alinhados às reentrâncias da *cuesta*, adaptados às falhas da estrutura, dispostos perpendicular ou transversal à orientação da escarpa – isto é, dispostos no sentido oeste-leste –, encontram-se riachos temporários descendo a vertente sobre um leito rochoso ou cascalhoso com declividade forte, que assume esta condição em decorrência da formação detrítica do sopé. Esta feição controla uma ampla rede de drenagem que alimenta o rio na cabeceira; porém, esta rede de drenagem é instável, pela própria composição do sopé, que é susceptível às mudanças e fornece rápidas respostas às alterações no meio.

Na sequência da bacia do rio Itapicuru, predominam os modelamentos de aplainamento e dessecação. No curso alto e em parte do médio Itapicuru, no setor entre a Serra do Tombador e a Serra de Jacobina e entre a Serra de Jacobina e a bacia sedimentar de Tucano, respectivamente, especificamente na Depressão Sertaneja, onde domínio litológico é o embasamento rochoso, a topografia é plana, levemente ondulada e rampeada em direção aos leitos dos rios e riachos. Neste caso, a rede de drenagem mostra-se bem adaptada ao terreno, com quase todos os afluentes orientados na direção norte-sul, ou próximo a isto, e o leito principal NWW-SEE. Os vales são rasos com fundo chato e leito arenoso formando terraços de larguras variadas, com talvegue de declividade média (2% a 10%). Neste primeiro trecho, entre o alto e o médio Itapicuru, a dinâmica do rio é de média a fraca, com escoamento superficial de difuso a enxurradas (SRHSH, 1995, p. 16).

Justamente no meio desta formação de aplainamento está a Serra de Jacobina que, como demonstramos, detém uma dinâmica muito instável e forte, composta de alinhamentos

paralelos de montanhas, com vertentes altas e íngremes e vales profundos. Nestes vales profundos correm rios intermitentes, na sua maioria, que deságuam diretamente no leito principal do rio, que passa numa das falhas que corta a serra. Não apenas o leito principal passa por uma falha da serra, mas também alguns de seus afluentes, a exemplo do Itapicuru Mirim e do Itapicuru Açu, que iniciam com vertentes altas, de 75 a 150 metros, e talvegues extremamente inclinados, com até 45°. Tais contribuições advindas da serra chegam ao leito principal do rio com muitos sedimentos arenosos e detritos, e dinâmica muito forte que, em oposição à dinâmica média a fraca do rio Itapicuru, faz com que o leito principal funcione como um grande depósito de materiais arenosos oriundos dos vales, promovendo a formação de terraços e aluviões (SRHSH, 1995, p. 16-17).

Na sequência, no médio e baixo Itapicuru, teremos três formações: os tabuleiros de Capim Grosso-Tijuaçu, os tabuleiros do Itapicuru e os tabuleiros Costeiros (SRHSH, 1995, p. 15-18). Os tabuleiros de Capim Grosso-Tijuaçu correspondem a uma depressão de 30 a 50 km, nas margens do rio, formadas por sedimentos detríticos tércio-quaternários arenosos e inconsolidados, onde as cotas de altitude ficam em torno de 400 a 500 metros acima do nível do mar. Neste trecho os vales são largos de fundo chato com terraços arenosos entalhados pelo rio. O leito do rio é arenoso/cascalhoso com baixa declividade ou mesmo exigem a formação do embasamento (SRHSH, 1995, p. 17).

Os tabuleiros do Itapicuru são representados pela formação Barreiras depositada sobre o embasamento cristalino, especificamente os sedimentos da bacia Tucano. Trata-se de uma área de relevo plano a ondulado, com cotas entre 250 e 600 metros acima do nível do mar, onde predominam as formações tabulares e escarpas erosivas que convergem para as drenagens. Em função do aplainamento dos terrenos e da composição arenosa, a taxa de infiltração é elevada, formando aquíferos no subsolo. Nas áreas escarpadas, onde o escoamento superficial é maior, a densidade de drenagem aumenta, tornando o rio mais caudaloso, fazendo com que seus vales se tornem largos e profundos, abertos em forma de U, de 40 a 100 metros de profundidade e inclinação de 6° a 24°, e largos terraços aluviais. Neste contexto, o leito do rio adquire um traçado meandrante (SRHSH, 1995, p. 17-18).

Por fim, os tabuleiros Costeiros encontram-se na última porção do rio e correspondem aos sedimentos arenosos e argilo-arenosos da formação Barreiras, depositados de maneira discordante sobre o embasamento cristalino. Nesta área as ondulações são mais acentuadas com colinas de topos abaulados, convexo-côncavas de 3° a 12° de inclinação, com caimento

suave em direção ao litoral. O rio detém vales largos de fundo chato com terraços aluvionares, aqui chamados de planícies aluviais do rio Itapicuru. Em função dos índices pluviométricos do litoral, são comuns nestas áreas os deslizamentos de encosta em direção aos leitos dos rios (SRHSH, 1995, p. 18).

Ao longo de seu curso, o rio Itapicuru recebe diversos afluentes, entre eles: rio Itapicuru Mirim, rio Itapicuru Açu, rio do Peixe, rio do Peixe de Baixo, rio Jacuriri, ribeirão do Monteiro, rio Cariacá, rio Quijingue, rio Maceté, rio Poço Grande, riacho do Saco, rio Quente, riacho Ribeira, riacho do Barro, rio Paiaiá, riacho Natuba, rio Piranji e riacho Pequara. Na cabeceira do rio Itapicuru, especificamente na área de pesquisa, são identificados o riacho do Meio e o riacho dos Forjos.

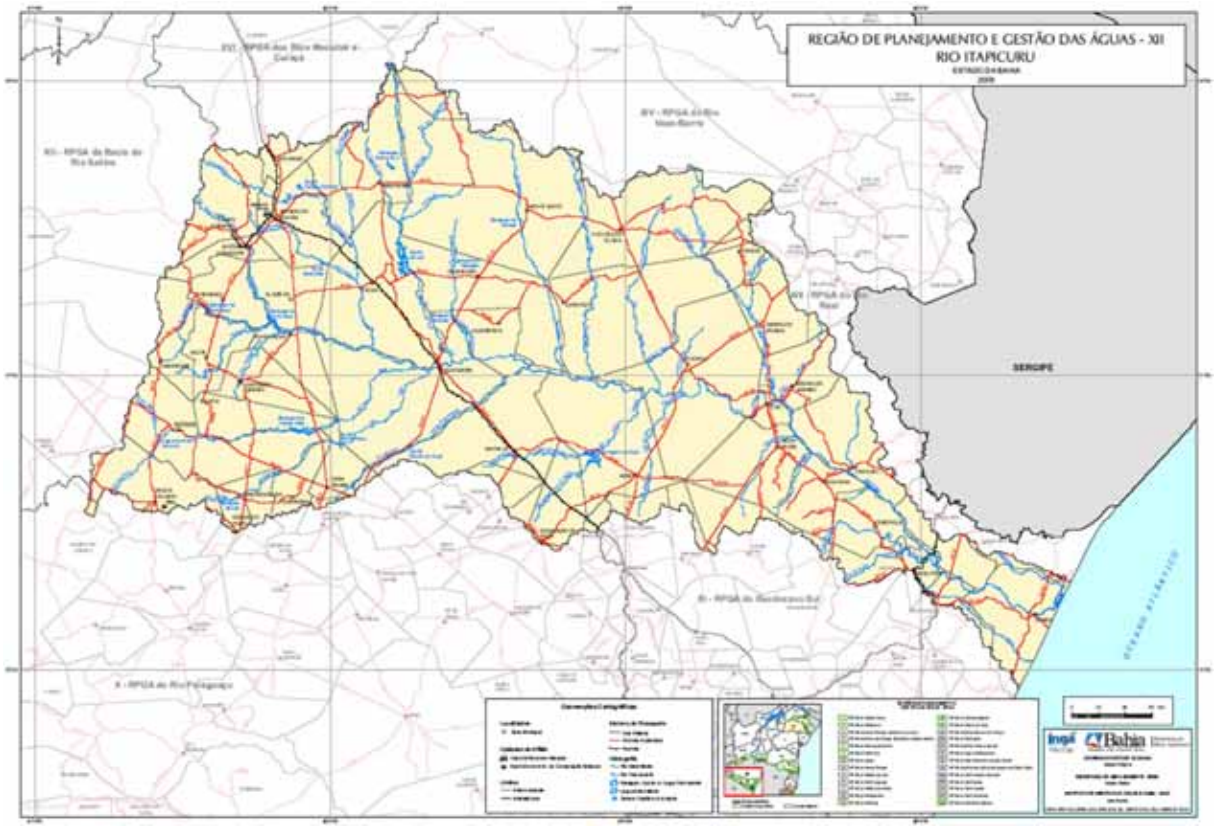


IMAGEM 27: Bacia do rio Itapicuru. Fonte: Secretaria do Meio Ambiente do Estado da Bahia – SEMA / Instituto de Gestão das Águas e Clima – INGÁ, 2009, consultado em <www.inga.ba.gov.br> em janeiro de 2011.

A maior parte do rio Itapicuru, pouco mais de 80% de sua área, encontra-se inserida no ambiente semiárido, com chuvas inferiores a 700 mm por ano. Bem como ocorre com o rio Salitre, na área da cabeceira, em direção à Chapada Diamantina central, os climas tornam-se

mais amenos, do tipo subúmido seco, com índices pluviométricos em torno de 900 mm. Já na região litorânea o clima é úmido a subúmido, com precipitações pluviométricas que chegam a 1.400 mm (SILVA et al., 2004, p. 52). Este padrão apresentado pelo rio Itapicuru reforça uma tendência verificada, de modo geral, no Nordeste brasileiro, onde as áreas baixas, próximas ao litoral, e as altas, em especial a Chapada Diamantina e a Serra da Borborema, apresentam índices pluviométricos mais elevados, enquanto que nas regiões intermediárias, especialmente na Depressão Sertaneja, os índices de chuvas são baixos.

No alto e médio Itapicuru, especificamente, as chuvas estão concentradas nos meses de janeiro a março, podendo se estender até abril, e períodos mais secos de agosto a setembro. No médio Itapicuru os índices pluviométricos variam de 400 a 700 mm por ano, sendo que em 70% dos meses os índices médios são de 60 mm, e no alto Itapicuru os índices pluviométricos ficam em torno de 400 e 1.100 mm, com 50% dos meses em torno de 60 mm e geralmente chove durante todo o ano (SRHSH, 1995, p. 30). Estes dados permitem dizer que, embora ambos os ambientes estejam na Depressão Sertaneja e sejam caracterizados como semiárido, um apresenta um padrão mais úmido que o outro. Este padrão ocorre por dois motivos. O primeiro deles é que a região do alto Itapicuru está situada próximo às elevações da Chapada Diamantina – onde os regimes climáticos são mais amenos – e tem seu clima influenciado pelo da Chapada, configurando-se, assim, como uma zona de transição. Segundo, a Depressão Sertaneja neste setor está encaixada entre duas grandes vertentes, a Serra do Tombador e a Serra de Jacobina, proporcionando uma retenção maior de umidade e diferenciando-a do entorno.

Quanto ao clima, apresenta temperatura em torno de 24° C durante o ano, observando-se nos meses mais frios temperatura em torno de 21° C e nos mais quentes, em torno de 26° C. A umidade mantém uma média de 70%, variando de 50% a 80%. A evapotranspiração da bacia é alta, por volta de 1.850 mm por ano, o que é um índice comum na área do semiárido (SRHSH, 1995, p. 29).

A **bacia do rio Paraguaçu** é a terceira maior do estado da Bahia; situada na porção centro-oeste, ela ocupa uma área de 54.877 km². Totalmente inserida no território baiano, faz divisa ao norte com a bacia do rio Itapicuru, ao nordeste com as bacias do rio Inhambupe e do Recôncavo Norte, ao oeste com a bacia do rio São Francisco, ao sul com a bacia do rio de Contas e ao sudeste com a bacia do Recôncavo Sul, finalizando seu curso na Baía de Todos os

Santos. Em toda a sua extensão abrange 86 municípios[71] e cerca de 10% do território do estado.

Em decorrência de sua grande dimensão, esta bacia abarca diferentes ambientes, na Chapada Diamantina, na Depressão Sertaneja e no Planalto Costeiro. Sua maior porção, aproximados 70%, encontra-se inserida no semiárido, com precipitações pluviométricas em torno de 700 mm por ano; seguido da Chapada Diamantina, onde o clima é mais ameno, do tipo úmido a subúmido ou subúmido a seco, com índices pluviométricos que podem atingir até 1.200 mm; e no último terço, próximo à desembocadura na Baía de Todos os Santos, predomina o clima úmido com pluviometria em torno de 1.400 mm por ano (SILVA et al. 2004, p. 52; SRHSH, 1993a, p. 27).

O curso do rio Paraguaçu é cheio de meandros e este corre, mais ou menos, no sentido oeste a leste. O leito do rio Paraguaçu na bacia situa-se na porção sul e conforma o sulco principal de drenagem. Esta posição faz com que a maioria dos afluentes que deságuam no rio esteja localizado na margem esquerda. Esta concentração na margem esquerda decorre de a declividade do terreno ser descendente do sentido noroeste a sudeste – isto é, da Chapada Diamantina à Baía de Todos os Santos – de forma que os afluentes, que também são cheios de meandros, seguem a inclinação e orientação do terreno e convergem no leito do rio Paraguaçu. Entre os afluentes da bacia do rio Paraguaçu se encontram: rio Alpercata, riacho da Baixa do Jacu, riacho Boa Sorte, riacho Grande, rio da Palma, riacho do Roncador, riacho Faustino, rio da Lapa, riacho da Baraúna, rio do Peixe, rio do Caldeirão, rio Paratigi, rio Curimata, ribeirão do Cavaco, rio Santo Antônio, rio Utinga, rio Cochó, rio Una, rio Capivari e rio Jacuípe. O rio Jacuípe é aquele que drena a parte norte da bacia, inserida na área de pesquisa, limitando-se com a rede de drenagem dos rios Salitre e Itapicuru.

O rio Jacuípe é o principal tributário da bacia do rio Paraguaçu. Ocupa 22% da área, 12.278 km², e localiza-se na porção central do estado, orientado no sentido NWW-SEE. Ao longo de seus aproximados 300 km, passa pelos municípios de Anguera, Conceição do Coité, Feira de

[71] A bacia do rio Paraguaçu abrange 86 municípios baianos: Andaraí, Anguera, Antônio Cardoso, Baixa Grande, Barra da Estiva, Barro Alto, Barrocas, Boa Vista do Tupim, Boninal, Bonito, Cabaceiras do Paraguaçu, Cachoeira, Candeal, Capela do Alto Alegre, Castro Alves, Conceição da Feira, Conceição do Coité, Cruz das Almas, Feira de Santana, Gavião, Governador Mangabeira, Iaçu, Ibicoara, Ibiquera, Ichu, Ipecaetá, Ipirá, Iramaia, Iraquara, Itaberaba, Itaetê, Itatim, Jaguaripe, Lamarão, Lençóis, Macajuba, Mairi, Maracás, Marcionílio Souza, Miguel Calmon, Milagres, Morro do Chapéu, Mucugê, Mulungu do Morro, Mundo Novo, Muritiba, Nazaré, Nova Fátima, Nova Itarana, Nova Redenção, Maragogipe, Palmeiras, Pé de Serra, Piatã, Pintadas, Piritiba, Planaltino, Quixabeira, Rafael Jambeiro, Retirolândia, Riachão do Jacuípe, Ruy Barbosa, Salinas da Margarida, Santa Bárbara, Santa Luz, Santa Terezinha, Santo Estevão, São Domingos, São Félix, São Gonçalo dos Campos, São José do Jacuípe, Sapeaçu, Saubara, Seabra, Serra Preta, Serrinha, Serrolândia, Souto Soares, Tanquinho, Tapiramutá, Utinga, Valente, Várzea da Roça, Várzea do Poço e Wagner.

Santana, Mairi, Miguel Calmon, Morro do Chapéu, Mundo Novo, Piritiba, Quixabeira, Santa Bárbara, São José do Jacuípe, Serrinha, Serrolândia, Tapiramutá, Valente, Várzea do Poço e Várzea da Roça. A nascente do rio Jacuípe fica na Chapada Diamantina, no município de Morro do Chapéu, a pouco mais de 1.000 metros de altitude. Toda a extensão deste rio, que se mantém com certo grau de perenidade em seu curso, está inserida nos domínios ecológicos, hidrológicos e morfoclimáticos da região semiárida (GENZ, 2006, p. 27-29; GOMES & LOBÃO, 2009, p. 3842-3843; PEREIRA, 2008, p. 129-130).

Em termos de inserção no relevo, a microbacia do rio Jacuípe mantém o mesmo padrão verificado nas áreas do alto e médio Itapicuru, em decorrência de estar inserida na mesma paisagem, isto é, domínio litológico do embasamento rochoso entre a Serra do Tombador e a Serra de Jacobina, onde a topografia é plana, levemente ondulada e rampeada em direção aos leitos dos rios e riachos, com rede de drenagem adaptada ao terreno e talvegues pouco inclinados de vales rasos com fundo chato e leito arenoso. Bem como ocorre na cabeceira do Itapicuru, o rio Jacuípe também recebe a contribuição de pequenos riachos que descem a vertente da Serra do Tombador. No entanto, diferencia-se por sua nascente estar no alto da chapada, no domínio arenítico, num clima de altitude. O clima, semiárido, e a pluviometria, em torno de 700 mm por ano, nas áreas baixas da Depressão Sertaneja se mantêm, da mesma forma que na sua nascente, inseridos na Chapada Diamantina, o clima é úmido a subúmido com pluviometria em torno de 1.200 mm.

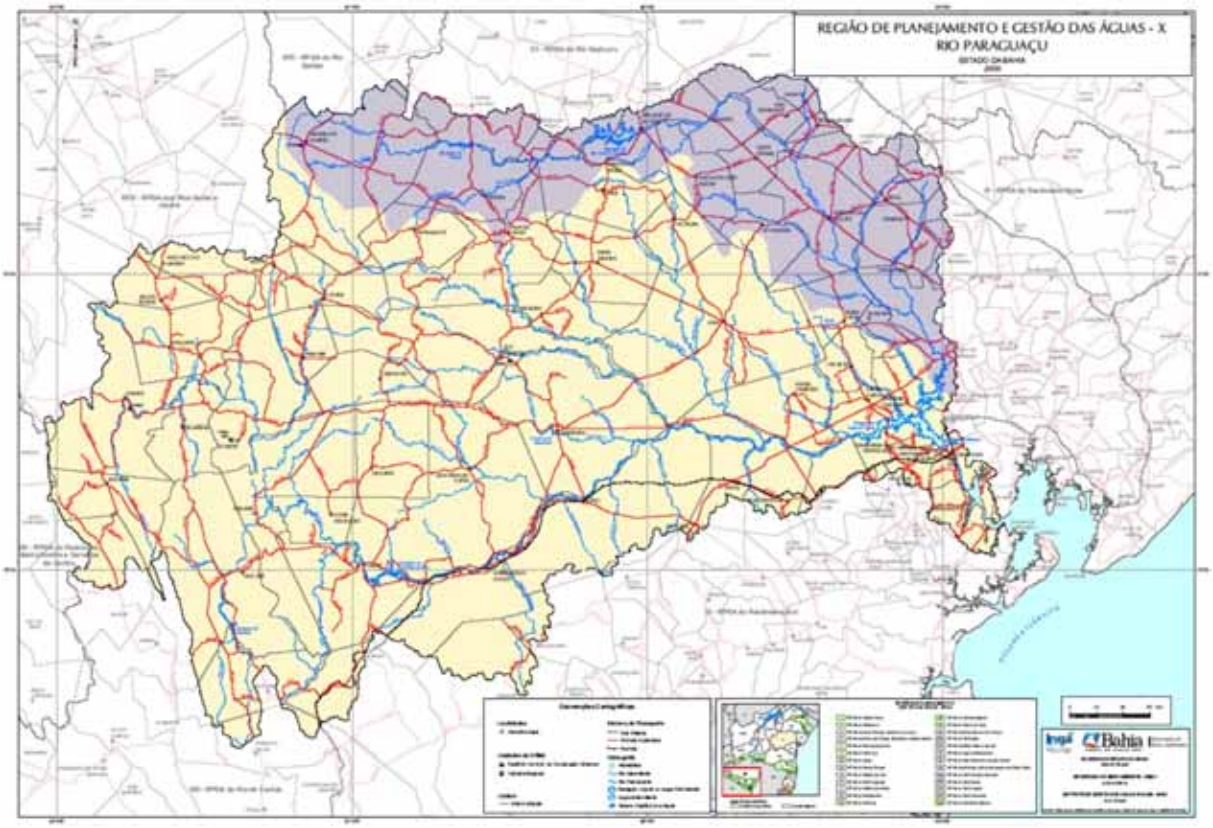


IMAGEM 28: Bacia do rio Paraguaçu, com destaque do autor para a microbacia do rio Jacuípe, ao norte. Fonte: Secretaria do Meio Ambiente do Estado da Bahia – SEMA / Instituto de Gestão das Águas e Clima – INGÁ, 2009, consultado em <www.inga.ba.gov.br> em janeiro de 2011.

Por fim, embora tenhamos traçado um perfil natural das bacias hidrográficas, vale destacar alguns fatores importantes relacionados à ação humana recente sobre estes ambientes. Todas as bacias hidrográficas se encontram comprometidas, em seu potencial, pelo uso desordenado das águas para fins industrial, agrícola, mineral e doméstico, acentuado pelo irregular escoamento sanitário no leito dos rios (esgotos, descarga de dejetos industriais e de mineração) e pela supressão das coberturas vegetais para criação de animais ou agricultura que promove o assoreamento dos rios. Estes são alguns dos fatores que tornam a situação das bacias hidrográficas desta região crítica no que tange à quantidade e à qualidade das águas (MIRANDA et al., 2010).

Acerca desta discussão, vale o destaque para a barragem utilizada pela Empresa Baiana de Saneamento e Abastecimento (Embasa) para o fornecimento d'água à população de Jacobina (município epicentro desta pesquisa). Esta barragem encontra-se à meia encosta da Serra de Jacobina; acima dela estão duas outras barragens, usadas para deposição dos rejeitos da exploração mineral das minas Morro Velho e João Belo, realizada pela empresa nacional Jacobina Mineração e Comércio Ltda. e pela multinacional Yamana Gold. Considerando que

a mineração de ouro utiliza substâncias extremamente tóxicas ao homem (especialmente o cianeto), que saem concentradas no rejeito industrial, e também o fato de as barragens de resíduos estarem acima da barragem de abastecimento de água à população, os riscos de acidentes com impactos negativos são altos (seja por infiltração, vazamento ou transbordo das barragens), de forma que o uso destes espaços para descarte tem sido alvo de monitoramento do Conselho Regional de Engenharia, Agronomia e Arquitetura (Crea), do Instituto do Meio Ambiente da Bahia (IMA), do Ministério Público Estadual (MP-BA), da Secretaria de Meio Ambiente do Estado, dos municípios envolvidos, de organizações não governamentais e da sociedade civil organizada.

Enfim, como pudemos ver, a área na qual se concentra a pesquisa está sob a influência de três rios: rio Salitre, afluente do rio São Francisco; rio Itapicuru; e rio Jacuípe, afluente do rio Paraguaçu. As bacias hidrográficas que abrangem estes rios estão entre as principais que drenam o estado da Bahia. É sabido que as bacias hidrográficas constituem contextos essenciais num ambiente, na medida em que regulam o regime hídrico dos diferentes espaços, interceptam a energia cinética da precipitação pluviométrica e do escoamento superficial, são responsáveis pelo aumento de infiltração nas áreas de descarga dos aquíferos subterrâneos e nas áreas de ressurgência, regulam o modelamento das paisagens e fornecem materiais energéticos (SRHSH, 1993b, p. 26).

Ademais, no que tange aos estudos arqueológicos, as bacias hidrográficas atuam como rotas naturais privilegiadas, uma vez que possibilitam acesso a diferentes ambientes e, consequentemente, diferentes recursos. Além disso, potencializam o acesso a áreas ambientalmente distintas, no caso específico, tornam o Piemonte da Chapada Diamantina um setor de convergência de domínios hidrográficos, fazendo com que esta região funcione como catalisadora de ocupações humanas, isto é, uma área de atração.

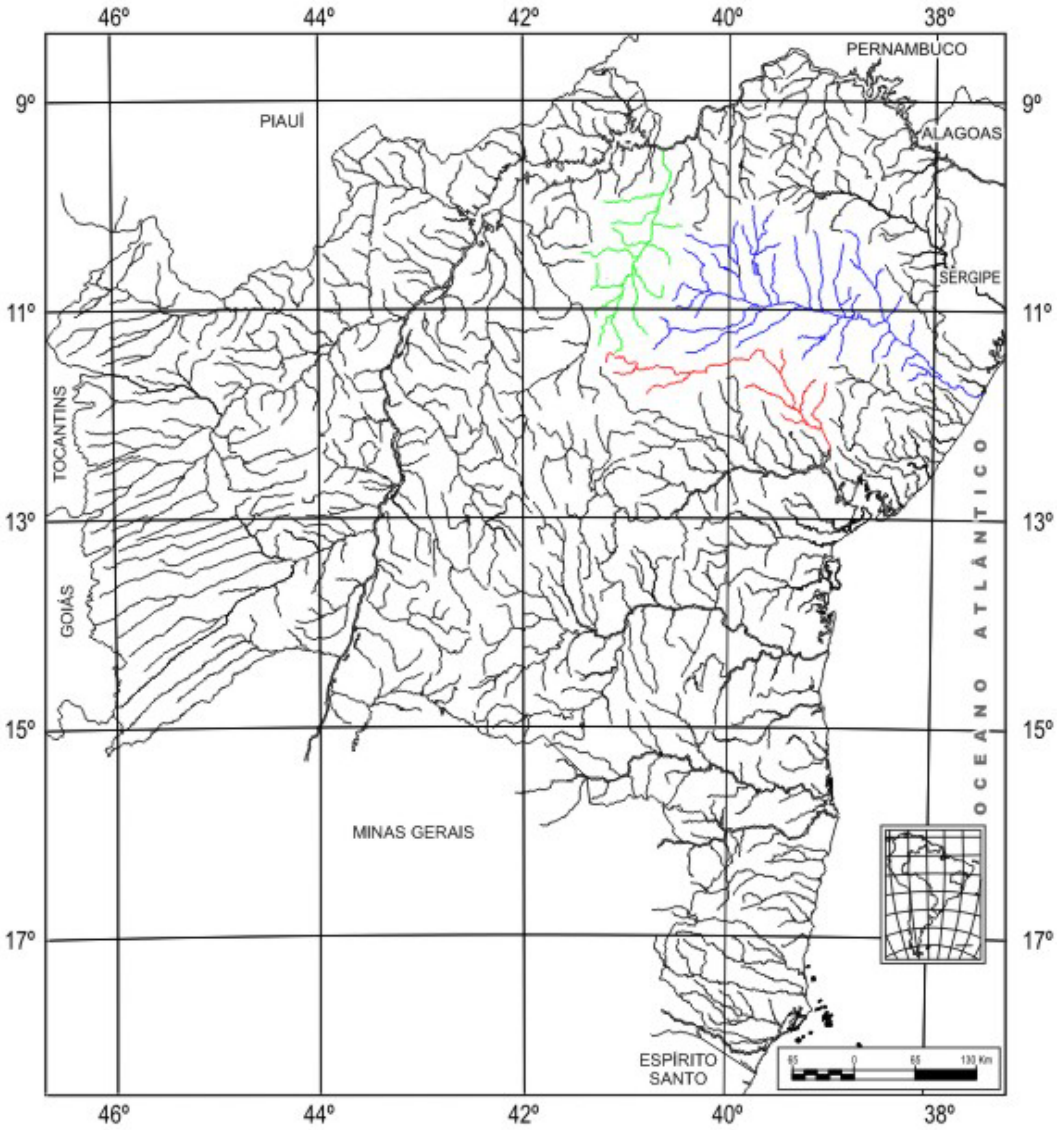
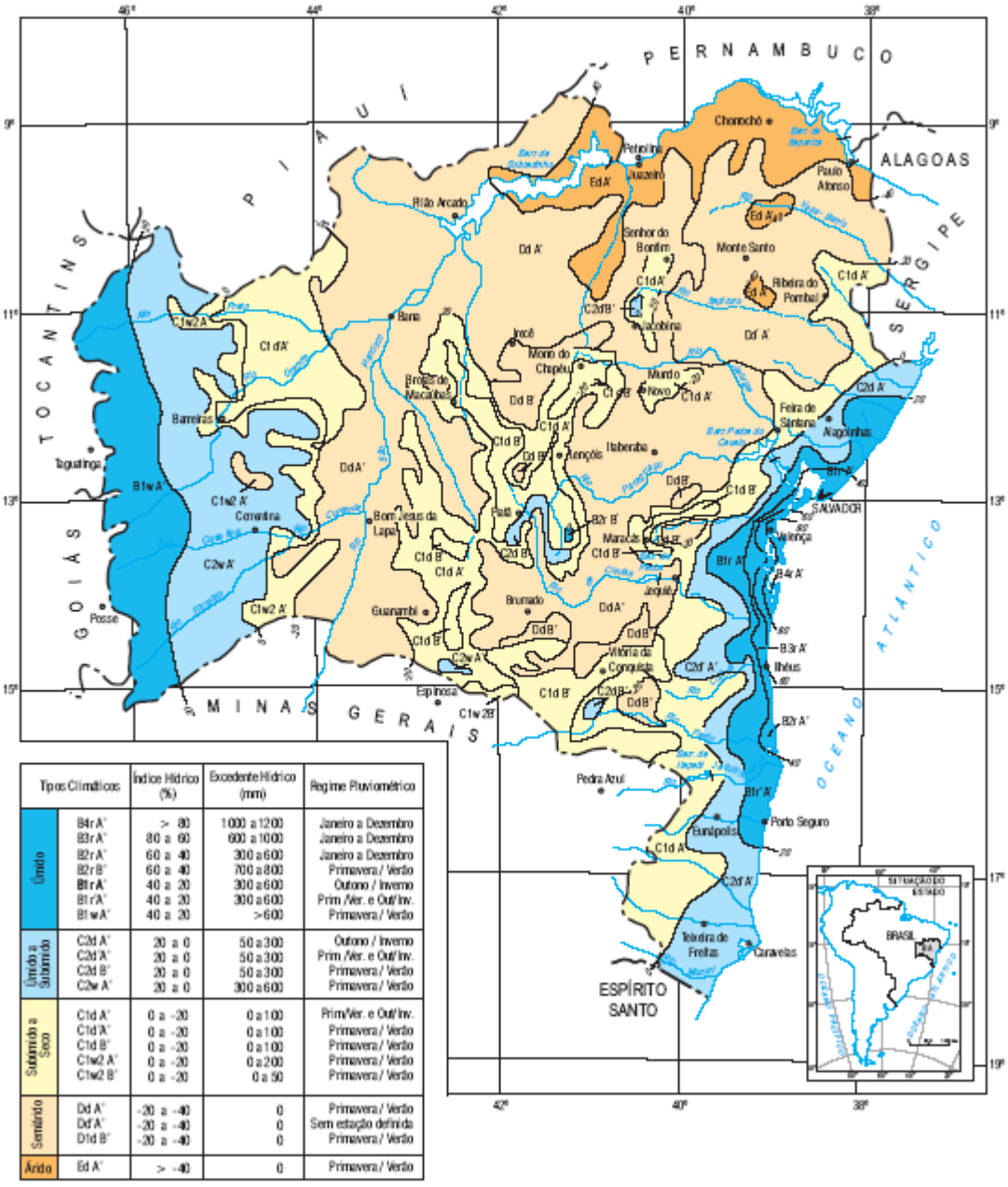


IMAGEM 29: Rede de drenagem do estado da Bahia onde se evidencia a convergência espacial dos rios Salitre (em verde), Itapicuru (em azul) e Jacuípe (em vermelho). Desenho: Autor, baseado no mapa rodoviário do Departamento Nacional de Infra-Estrutura de Transporte (DNIT), 2002.

No que tange às questões climáticas, os dados disponibilizados permitem perceber que o clima não é, necessariamente, um fator determinante de distinção entre as áreas, pois praticamente se mantém igual nos diferentes ambientes – do alto da chapada sobre a Serra do Tombador e das áreas da Depressão Sertaneja – com médias anuais de 23° a 24° C, e clima semiárido a semiárido/seco; excluem-se desta discussão os relevos situados ao sudoeste, da porção central da Chapada Diamantina, que mantêm temperaturas mais baixas. O determinante, contudo, parecem ser os regimes pluviométricos, que são distintos e variam entre 500 mm em parte da bacia do rio Salitre e 900 mm na Depressão Sertaneja, entre a Serra do Tombador e a Serra de Jacobina. A carta a seguir, da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), apresenta uma súmula dos diferentes climas existentes

no estado, possibilitando a compreensão ampla do regime pluviométrico e climático que descrevemos.



Tipos Climáticos		Índice Hídrico (%)	Excedente Hídrico (mm)	Regime Pluviométrico
Úmido	B4r A'	> 80	1000 a 1200	Janeiro a Dezembro
	B3r A'	80 a 60	600 a 1000	Janeiro a Dezembro
	B2r A'	60 a 40	300 a 600	Janeiro a Dezembro
	B2r B'	60 a 40	700 a 800	Primavera / Verão
	B1r A'	40 a 20	300 a 600	Outono / Inverno
	B1r A'	40 a 20	300 a 600	Prim /Ver. e Out/Inv.
	B1w A'	40 a 20	>600	Primavera / Verão
Úmido a Subúmido	C2d A'	20 a 0	50 a 300	Outono / Inverno
	C2d A'	20 a 0	50 a 300	Prim /Ver. e Out/Inv.
	C2d B'	20 a 0	50 a 300	Primavera / Verão
	C2w A'	20 a 0	300 a 600	Primavera / Verão
Subúmido a Seco	C1d A'	0 a -20	0 a 100	Prim/Ver. e Out/Inv.
	C1d A'	0 a -20	0 a 100	Primavera / Verão
	C1d B'	0 a -20	0 a 100	Primavera / Verão
	C1w2 A'	0 a -20	0 a 200	Primavera / Verão
	C1w2 B'	0 a -20	0 a 50	Primavera / Verão
Semiárido	Dd A'	-20 a -40	0	Primavera / Verão
	Dd A'	-20 a -40	0	Sem estação definida
	D1d B'	-20 a -40	0	Primavera / Verão
Árido	Ed A'	> -40	0	Primavera / Verão

IMAGEM 30: Tipologias climáticas da Bahia. Fonte: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia – SEI, 2007, consultado em <www.sei.gov.ba.br> em janeiro de 2011.

2.5. ASPECTOS DA COBERTURA VEGETAL

Como pode se perceber até aqui, além da diversidade litológica e de relevos, agrega também a região do Piemonte da Chapada Diamantina uma ampla rede de drenagem que em conjunto com os demais fatores determinam o clima. Solo, relevo e clima, portanto, são considerados

os principais fatores condicionantes da expressão que terá a vegetação identificada nos diferentes ambientes. A associação destas condições será imperativa para a determinação do tipo de cobertura vegetal, que pode variar de uma vegetação densa e exuberante com árvores de grande porte e grossos troncos, a uma vegetação de árvores raquíticas com espinhos. Acerca disto, em função dos regimes climáticos e dos relevos existentes, podemos dizer que na Bahia ocorrem, basicamente, cinco tipos de vegetação: a mata atlântica na faixa litorânea; a caatinga na depressão periférica e interplanáltica; o cerrado nas chapadas oeste e Diamantina; as florestas caducifólia e subcaducifólia paralelas à faixa de mata atlântica e na margem esquerda do trecho do rio São Francisco que corre no oeste do estado; e a floresta de várzea nos aluviões das margens dos rios, sobretudo em trecho da região oeste do rio São Francisco; além de vegetações de transição entre os ambientes (SILVA et al. 2004, p. 66-72).

Como já apresentado, no Piemonte da Chapada Diamantina se verificam as unidades morfológicas Chapada Diamantina e Depressão Sertaneja (Depressões Periféricas e Interplanálticas), solos arenosos a areno-argilosos, clima semiárido com índices pluviométricos entre 500 mm e 900 mm. Com estas condições, no que diz respeito à vegetação, são encontradas a caatinga nas áreas baixas, especialmente na Depressão Sertaneja, e a vegetação de cerrado nas áreas altas, no planalto sobre a Serra do Tombador, além de pequenos trechos de uma vegetação de transição entre o cerrado e a caatinga, nas áreas de encostas do Piemonte da Chapada Diamantina.

IMAGEM 31: Cobertura vegetal da Bahia. Fonte: Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia – SEI, 2007, consultado em <www.sei.gov.ba.br> em janeiro de 2011.

A **caatinga** corresponde a uma vegetação típica do semiárido, adaptada aos baixos índices pluviométricos. Trata-se de uma vegetação baixa, que chega aos 2 metros de altura, com expressão arbórea densa ou arbórea aberta. Em decorrência da aridez à qual está submetida e como proteção evolutivo-natural que promoveu a sua adaptação aos climas quentes e secos, esta vegetação apresenta como características principais a presença de muitas espécies com espinhos ou acúleos, além de espécies com tubérculos (MANUAL..., 1991, p. 27-29; SILVA et al. 2004, p. 69-71).

Assim, são identificadas as cactáceas – Mandacaru (*Cereus jamacaru*), Xique-Xique (*Pilosocereus gounellei*), Cabeça de Frade (*Melocactus zehntneri*), Palma (*Opuntia cochenillifera*) etc. – e diversas outras árvores e arbustos típicos deste clima, como: Baraúna (*Schinopsis brasiliensis*), Catingueiro (*Caesalpinia pyramidalis Tui.*), Caraibeiras (*Tabebuia caraiba*), Gameleira (*Ficus doliaria*), Ingá (*Inga edulis Mart.*), Angico (*Albizia polycephala*), Aroeira (*Astronium Fraxinifolium*), Facheiro (*Pilosocereus pachycladus*), Macambira (*Bromelia laciniosa*), Mimosa (*Mimosa bimucronata*), Pau-de-Rato (*Caesalpinia pyramidalis*), Jurema (*Balizia pedicellaria*), Flor de São João (*Pyrostegia venusta*), Quixabeira (*Bumelia obtusifolia*), Imburana (*Bursera leptophloeos*), Umbu (*Spondias tuberosa*), Faveleira (*Cnidoscolus phyllacanthus*), Licuri ou Ouricuri (*Syagrus coronata*), Juazeiro (*Ziziphus* joazeiro) e Carnaúba (*Copernicia prunifera*) (CORREIA, 1978).

Uma outra característica da vegetação de caatinga é a diferença da paisagem nos períodos secos e chuvosos. Nos períodos prolongados de estiagem, as árvores e arbustos perdem as folhas, os troncos ficam sem casca e desidratados e as gramíneas desaparecem, deixando à mostra o solo ressecado. A impressão que se tem ao ver esta paisagem é que toda a vegetação está morta. Esta peculiaridade faz com que a caatinga seja comumente chamada de vegetação cinza. Com a chegada das primeiras chuvas, rapidamente, as gramíneas reaparecem, as folhas e frutos rebrotam e o cenário fica verde.

Por sua vez, o **cerrado**, também chamado de gerais ou tabuleiros, refere-se à vegetação característica dos chapadões. São predominantes no oeste baiano e, em menor proporção, na parte central e nos tabuleiros da Chapada Diamantina. Esta vegetação pode se expressar de três formas: a graminoide (os campos rupestres), a arbustiva e a arbórea. Porém, a sua composição típica é constituída de árvores e arbustos tortuosos com casca grossa e rugosa, espaçados no terreno e entremeados por uma grama densa e lenhosa; isto é, vegetação de estepe arbórea densa e aberta. As folhas dos arbustos e árvores são duras, como folíolos medianos a grandes, superfícies lisas ou ásperas, e a superfície das gramíneas é áspera e dura. A coloração das folhas varia de tons verde-claros a acinzentados (MANUAL..., 1991, p. 26-27; SILVA et al. 2004, p. 71).

Entre as plantas encontradas no cerrado estão: Cajueiro (*Anacardium occidentale*), Pequi (*Caryocar brasiliense Camb.*), Pau de Tucano (*Vochysia tucanorum*), Azeitona do Mato (*Rapanea ferruginea*), Jacarandá (*Cybistax antisyphilitica*), Mangabeira (*Hancornia speciosa*), Mucuri (*Rheedia brasiliensis*), Pau D'arco Roxo (*Tabebuia avellanedae*), Sucupira

(*Pterodon emarginatus*), Araçá (*Psidium cattleianum*), Cambuí (*Myrciaria tenella*), Jatobá (*Hymanea courbaril*), Caroba (*Jacaranda micrantha*), Barbatimão (*Stryphnodendron adstringens*) e Batiputá (*Ouratea hexasperma*) (CORREIA, 1978).

Por fim, na área de pesquisa encontramos, também, uma **vegetação de transição**, situada no sopé da escarpa da Serra do Tombador. Trata-se de uma cobertura vegetal que guarda características de caatinga e de cerrado, mas com maior dimensão (médio porte), fechada e com presença de um maior número de árvores, em especial palmáceas. Esta situação ocorre em decorrência de este setor ter um solo mais solto e profundo e deter maior umidade. Além da retenção de umidade, ocorre também nestes setores uma manutenção de um clima ameno e constante, possibilitando a proliferação de fungos, mofos e liquens.

Toda esta descrição realizada corresponde à conformação nativa da região. No entanto, atualmente a maior parte da área pesquisada tem a vegetação extremamente antropizada, em decorrência do uso agropecuário indiscriminado do solo para plantações[72] e pastagem para criação de animais[73]. Este uso tem influenciado a alteração do ambiente, sobretudo para o enfraquecimento do solo auxiliando no processo de assoreamento dos leitos d'água. Como é de se prever, a retirada da vegetação nativa, que por muitas vezes atuava como agente de preservação dos sítios, altera significativamente o ambiente e constitui fator de degradação dos sítios, aumentando a ação eólica, pluviométrica e a insolação sobre as jazidas e, assim, deteriorando-as mais rapidamente. Resultado disto é que sítios que se mantiveram preservados por milênios, hoje, têm seu processo de desaparecimento acelerado pela ação humana.

Enfim, como apresentamos, no que tange à cobertura vegetal, impera na região leste da Chapada Diamantina um cenário árido, com uma vegetação crespa típica do polígono das secas – isto é, a caatinga na Depressão Sertaneja e na Serra de Jacobina; o cerrado sobre a Serra do Tombador; e uma vegetação de transição na meia encosta entre o planalto e a planície. É neste cenário que, hoje, se encontram os sítios arqueológicos pesquisados no Piemonte da Chapada Diamantina.

[72] De acordo com dados da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI) obtidos no ano de 2009, na região do Piemonte são cultivados o sisal ou agave (fibra), feijão (em grão), milho (em grão), mandioca, mamona (baga), banana, fumo (em folha), cebola, café (em coco), cana-de-açúcar, laranja, manga, melancia, coco-da-baía, alho, goiaba, batata-doce, limão tangerina e tomate.

[73] Segundo informações da SEI (2009), trata-se de criação de bovinos, asininos, aves, ovinos, suínos, caprinos, equinos e muares.

2.6. ASPECTOS DA PALEOPAISAGEM

Reconhecida a paisagem na qual se encontram os sítios rupestres, façamos uma breve retrospectiva de suas mudanças até se tornar aquilo que encontramos na atualidade, baseando nossas observações, agora, em informações paleontológicas. Embora o potencial paleontológico do estado da Bahia seja grande e reconhecido pela comunidade científica, existem poucos trabalhos (sejam arqueológicos ou paleontológicos) que permitam uma visão panorâmica sobre como eram os diferentes ambientes deste território. Os conteúdos existentes são pontuais, de estudos específicos e pouco abrangentes, de maneira que a redação de uma síntese fica, de certa forma, comprometida. Apesar desta limitação, foi possível conseguir alguns poucos dados, majoritariamente concentrados no Pleistoceno inferior e no Holoceno. Assim, de forma cronológica, partindo do passado para o presente, apresentamos as principais características das mudanças ambientais ocorridas na Bahia.

Se, por um lado, os dados concentram-se nos últimos momentos da formação geológica; por outro, este período coincide com aquele de ocupação humana ocorrido na América do Sul, que de acordo com Maria Beltrão se deu por volta de 300 mil anos AP (BELTRÃO et al., 1988), segundo Niède Guidon deve ter se iniciado entre 150 e 110 mil anos AP (GUIDON, 2007, p. 382), mas para a maioria dos autores teria ocorrido depois dos 35 mil anos AP (BARBOSA, 2002; DILLEHAY, 1989; FONTUGNE et al., 2005, p. 103-105; NEVES & PILÓ, 2008, p. 83; PROUS, 1992, p. 119; ROOSEVELT et al., 2002; VILHENA VIALOU, 2003, p. 23-25).

Ao longo do tempo, a superfície terrestre passou por sucessivos períodos de resfriamento e aquecimento – as glaciações – que condicionaram o clima e, consequentemente, a paisagem circundante. Entre eles, os últimos 110 mil anos têm sido marcados pelos efeitos da glaciação Würn ou Winconsin (como é conhecida na América[74]), que chegou ao pico de seu resfriamento entre 70 e 50 mil anos AP, reaquecendo entre 50 e 30 mil anos AP, resfriando entre 21 e 17 mil anos AP. Nos últimos 18 mil anos, no entanto, "(...) ocorreram flutuações climáticas drásticas que conduziram a variações significativas: no volume de gelo; no nível do mar; nas temperaturas; na umidade; na concentração de CO_2 atmosférico; e nos padrões de circulação oceânicas e atmosféricas", de forma que "tais flutuações influenciaram as regiões

[74] Este episódio glaciar tem diversos nomes, geralmente conferidos em decorrência das regiões nas quais foi estudado: Würm (Alpes), Wisconsin (América), Weichsel (Escandinávia), Devensiana (Ilhas Britânicas) e Midlandiana (Irlanda).

de baixas latitudes onde os extremos climáticos determinaram a distribuição geográfica de animais e plantas continentais" (VIANA et al., 2007, p. 798).

Tais mudanças teriam efeitos diretos sobre os animais de grande porte, uma vez que suas estruturas não permitiam tolerar grandes períodos de escassez de água e comida, de maneira que migravam constantemente de uma área para outra em busca de melhores condições de sobrevivência, em climas mais apropriados. Apesar de estes animais terem adotado a migração para ambientes com mais recursos como estratégia de sobrevivência, o aumento significativo das temperaturas do planeta no final do último processo glaciar, há 10 mil anos, teria sido o promotor de uma aceleração do processo de extinção da megafauna, iniciado nos 15 mil anos AP e se estendendo até os 6 mil anos AP.

Na Bahia, em especial, existem notícias científicas de megafauna em, pelo menos, 25 municípios[75]. Entre os animais aqui encontrados estão: *Xenarthara* (famílias *Megatheriidae*, *Mylodontidae*, *Glyptodontidae* e *Pampatheridae*), a exemplo dos tatus-gigantes, preguiças-gigantes e tamanduás; *Notungulata* ou *Meridiungulata* (*Toxo-dontidae*), que incluem animais semelhantes aos hipopótamos; *Proboscídea* (*Gomphotheriidae*), animais da família dos elefantes, da qual teríamos o mastodonte e o mamute; *Litopterna* (*Macraucheniidae*), a exemplo de cavalos e camelos; etc. (VIANA et al., 2007, p. 798). Em Jacobina, especificamente, há notícia de esqueletos da preguiça-gigante (*Eremotherium*) (ABRANCHES, 2003; BARBOSA, 2011b) e do tigre dente de sabre (*Smilodon*) (SILVA FILHO, 2010, p. 171).

Em decorrência da existência desta megafauna – que ultrapassava os 50 kg, podendo um grupo de 15 animais ultrapassar uma tonelada – supõe-se que entre 18 e 12 mil atrás imperava na área do território baiano uma vegetação de savana e cerrado, com árvores espaçadas e campos abertos, quando o nível do mar se encontrava 130 metros abaixo do nível atual (GUERRA, 1999; SILVA FILHO, 2010, p. 167-168). Este modelo tem sido questionado, uma vez que se acredita numa distribuição generalizada dos megamamíferos, como ocorre com os mamíferos atuais do Brasil, de maneira que a suposição de uma homogeneidade ambiental seria equivocada (KIPNIS & SCHEEL-YBERT, 2005, p. 347). Por seu turno, Aziz Ab'Saber, baseado em estudos da fauna e flora atuais, indica que durante o Pleistoceno final a América

[75] Campo Formoso, Castro Alves, Central, Conceição do Coité, Curaçá, Iraquara, Jacobina, Jeremoabo, João Dourado, Monte Santo, Morro do Chapéu, Mulungu do Morro, Nordestina, Nova Redenção, Ourolândia, Rio de Contas, Santa Brígida, Santaluz, Santa Luzia, São Gabriel, Palmas de Monte Alto, Paulo Afonso, Paripiranga, Poções e Xique-Xique (VIANA et al., 2007, p. 801).

do Sul deve ter sido caracterizada por um clima seco, com a expansão da caatinga nas regiões de cerrado e a expansão do cerrado em regiões de floresta, com raros refúgios de floresta (AB'SABER, 1977; AB'SABER, 1989).

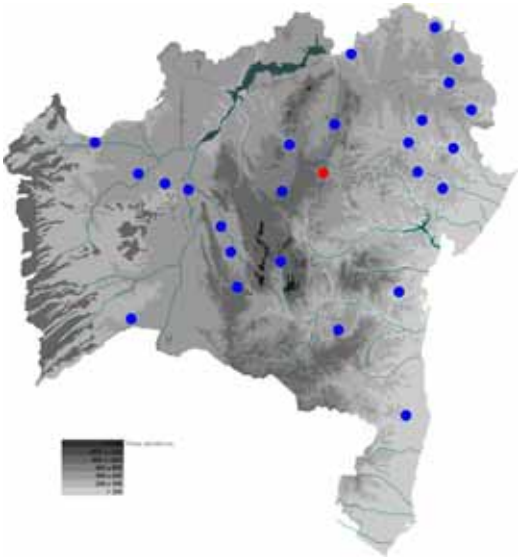


IMAGEM 32: Mapa do relevo do estado da Bahia com a distribuição dos fósseis de megafauna. Em vermelho a cidade de Jacobina, em azul as demais cidades. Fonte: mapa gerado pelo Autor baseado em informações de VIANA et al., 2007, p. 802.

IMAGEM 33: Esqueleto de preguiça gigante (*Eremotherium*) do município de Jacobina, em exposição no Museu Nacional, no Rio de Janeiro. Abaixo, à esquerda, um esqueleto de tigre dente de sabre (*Smilodon*). Fonte: SILVA, 2010, p. 171.

Muito provavelmente do final deste período são dois crânios coletados pela equipe de Maria Beltrão na Gruta das Onças, em Jacobina, estudados por Marília Carvalho Alvim. Os crânios dolicocéfalos foram descritos como semelhantes ao do homem de Lagoa Santa. Referem-se ao crânio de uma mulher jovem e ao de uma criança de 9 anos de idade aproximadamente, que embora não tenham sido datados, porque foram arrastados pelas águas que penetraram na gruta, estavam associados a ossos da fauna extinta – principalmente preguiça gigante –, além de apresentarem características arcaicas (MARTÍN, 1999, p. 74).

Com o fim do Pleistoceno por volta de 10 mil anos AP – quando ocorre a elevação significativa do nível do mar, da temperatura terrestre e da umidade –, começa a se formar sobre o território brasileiro uma densa floresta tropical, com árvores frondosas de grande porte e troncos grossos. Este cenário, por sua vez, coincide com aquele registrado na Bahia na região da Serra do Estreito (hoje dominada por vegetação de caatinga), uma vez que os registros paleontológicos apresentam um quadro de expressivo aumento de umidade e

diminuição das temperaturas em relação aos dias atuais, o que teria favorecido a expansão da floresta tropical úmida, com alta biodiversidade no período de 10.990 a 10.540 anos AP. Tal característica teria persistido nesta região até 8.910 anos AP (SUGUIO, 2010, p. 174-176).

Pouco mais tarde, porém, ocorreria uma nova mudança no meio, no período de 8 mil anos AP até a atualidade, quando há a transformação da paisagem com a abertura da floresta pluvial[76], criando um novo domínio ambiental com clima seco, quente e árido. Neste interstício temporal, esta abertura é intensificada em dois intervalos: entre 7 e 4 mil anos AP e entre 2,7 e 1,5 mil anos AP, quando nos registros sedimentológicos "(...) verifica-se a ausência de táxons de savana, freqüência anormalmente alta de grãos de pólen de *Piper* (vegetação pioneira) e, além disso, pela presença de sílica amorfa de espículas de esponja e abundantes microfragmentos de carvão vegetal" (SUGUIO, 2010, p. 176). Na Bahia, mais uma vez, este fenômeno foi verificado na Serra do Estreito, onde se percebeu que há 4 mil anos as condições climáticas eram semelhantes às das regiões Centro-Oeste e Sudeste. Contudo, a distinção dos ambientes viria a ocorrer após essa época, quando houve expansão dos elementos de caatinga e do cerrado no interior da Bahia, enquanto que nas regiões Centro-Oeste e Sudeste prevaleceu a tendência ao aumento da umidade até os dias atuais (SUGUIO, 2010, p. 176).

Embora se reconheça que este processo foi iniciado há 6 mil anos, esta distinção entre ambientes só viria a se fazer inequívoca após os 4 mil anos AP em função da intensificação da abertura (separação) da floresta tropical úmida, colocando a noroeste do território brasileiro a Floresta Amazônica e a leste a Mata Atlântica. Nas regiões abertas se formariam vegetações de climas áridos, semiáridos e secos, a exemplo do cerrado e da caatinga, conduzindo à ordenação ambiental do território como se encontra na atualidade.

Em síntese, as mudanças ambientais ocorridas no final do Pleistoceno e no Holoceno derivam da condição de constante mudança no ambiente, com sucessivas ondas de resfriamento e esquentamento do ambiente, refletindo seus efeitos na formação de geleiras, clima, fauna, flora e nível dos oceanos. Ao que tudo indica, tais efeitos se fizeram sentir de maneira mais intensa nas áreas das terras baixas, como se configura o território brasileiro, promovendo

[76] Parte deste período está compreendido na "Idade Hipsitérmica", também conhecida como "Ótimo Climático", que é o intervalo de tempo do Holoceno médio, entre cerca de 9 e 2,5 mil anos AP, no qual a temperatura média global subiu entre 1º e 2º superior à atual, que é de 15º C (SUGUIO, 2010, p. 122). Existem diferenças no paleoclima das diferentes regiões do mundo; entretanto, alguns eventos são comuns e verificados em distintos espaços, tais como a Idade Hipsitérmica, a Neoglaciação (cerca de 2,5 a 1 mil anos AP) e a Pequena Idade do Gelo (aproximadamente de 500 a 700 anos AP) (SUGUIO, 2010, p. 176).

constante migração dos animais de grande porte. A partir de 18 mil anos AP, o clima começa a esquentar de maneira contínua, fazendo com que houvesse um processo gradual de extinção da megafauna, que viria a se intensificar em 10 mil anos AP com o final do período glacial.

Neste momento final do Pleistoceno, caracterizava o ambiente uma vegetação de savana e cerrado com clima seco. Contudo, logo no início do Holoceno, em 10 mil anos AP, registra-se um ambiente de Floresta Tropical úmida em todo o território brasileiro, que permaneceria por aproximadamente 3,5 mil anos. Por volta dos 6 mil anos AP, registra-se o início do processo de abertura da floresta tropical úmida, dando lugar à formação de ambientes áridos, com vegetação de caatinga e de cerrado, e proporcionando os primeiros registros daquilo que encontramos hoje no território brasileiro, em especial na maior parte do território baiano.

2.7. ASPECTOS DA PAISAGEM ATUAL

A maior parte deste capítulo esteve orientada a abordar as características físicas naturais do Piemonte da Chapada Diamantina. Como discutimos, a paisagem que nos chega na atualidade é resultado de uma sucessão de situações naturais e antrópicas sobre o espaço, de forma que, além dos fatores naturais merecem atenção também as mudanças contemporâneas causadas pelo homem no meio, bem como os usos dados aos espaços. Neste sentido, além de ser uma demanda lógica da própria abordagem, falar das alterações recentes cumpre papel metodológico nesta pesquisa, haja vista que tais mudanças irão influenciar na preservação dos sítios, justificando situações que limitam as nossas observações em campo.

Não obstante os aspectos abordados, cabe enfatizar que apresentaremos, também, aspectos sociais atuais que envolvem a conformação da paisagem. Primeiro, pela compreensão que temos da arqueologia como ciência social, fruto das necessidades contemporâneas do homem e, portanto, essencial para as discussões passadas e presentes acerca das diferentes sociedades (LUMBRERAS, 1974); segundo, pelas situações de risco social que presenciamos em campo, que nos colocam diante da responsabilidade de apresentar dados que, longe de fugir do escopo desta pesquisa, venham complementá-la e pôr a arqueologia como vetor do desenvolvimento da região em foco.

Em diferentes momentos deste capítulo esboçamos ações conduzidas pelo homem, que interferem de maneira direta sobre o ambiente natural e indireta sobre a preservação dos sítios

rupestres. Entre elas: a alteração do relevo pelas grandes mineradoras; o assoreamento dos rios pelo uso indiscriminado das águas; a supressão da cobertura vegetal para uso agropecuário etc. Agora, centraremos atenção nas mudanças que têm efeitos diretos sobre a preservação dos sítios, conduzidas deliberadamente para promover a destruição destes remanescentes, bem como nos usos conferidos aos espaços que impossibilitam acesso a alguns setores da região em foco.

Durante as atividades de campo, quando estivemos percorrendo as diferentes áreas do Piemonte da Chapada Diamantina em busca de sítios arqueológicos com representações rupestres, percebemos que muitos setores já se encontram com vias carroçáveis utilizadas para trânsito de caminhões, malfeitas e abertas tortuosamente desviando de árvores e de blocos rochosos. Estas vias são flagradas, sobretudo, na área anteriormente descrita como de convexidade, sobre a Serra do Tombador. Como demonstramos, a área de convexidade fica no alto, à beira da escarpa, no setor onde a cobertura sedimentar é descontínua, com solo composto por superfícies rochosas e trechos de sedimentos arenosos com pouca profundidade. Além disto, as rochas destes setores são sedimentares (areníticas), com muita homogeneidade na composição, na granulometria e na coloração. Estas três condições (acesso à área, rochas na superfície e matéria-prima de qualidade) aliadas tornam estes setores de convexidade potencialmente interessantes para a fácil exploração mineral – quase exclusivamente feita de forma mecânica, manual – de placas rochosas destinadas à pavimentação, a exemplo de paralelepípedos, pedras de pisos, pedras de meio-fio etc.

IMAGEM 34: Em Miguel Calmon retirada de pedras de meio-fio. Foto: Autor, fevereiro de 2009.

IMAGEM 35: Três Coqueiros, extração de pedras de piso para pavimentação. Foto: Autor, setembro de 2009.

Embora se reconheçam as potencialidades desta área, o fato é que a exploração mineral nelas é ilegal. Primeiro, porque a faixa mínima de 100 metros que acompanha a borda da escarpa da Serra do Tombador é de propriedade pública e compreendida como de preservação permanente[77], o que, teoricamente, tornaria estes setores improváveis para a mineração; apesar disto, a extração de rochas ocorre livremente. Segundo, nenhum dos agentes que promove a mineração nestes espaços tem licença de quaisquer órgãos ambientais ou patrimoniais para proceder à exploração. Em desacordo com as questões legais, ambientais e patrimoniais, esta exploração ocorre sem nenhum tipo de cuidado com o meio ambiente ou com o patrimônio, retirando do meio as rochas de mais fácil acesso, onde também existem os sítios rupestres.

Uma extração feita com cuidado com o meio implicaria a realização de um planejamento com as devidas licenças ambientais[78] e patrimoniais[79], quando se adequaria o empreendimento à necessidade de atendimento das questões técnicas, ambientais, econômicas, históricas, patrimoniais e sociais. Encontraríamos nestes empreendimentos espaços como canteiros de obras, bota-fora, empréstimo, planos de requalificação do meio ambiente, previsão de medidas mitigadoras/compensatórias aos danos causados antes, durante e depois de procedida à extração das rochas etc. Ou seja, da maneira que ocorre atualmente o objetivo exclusivo é de se retirar do meio ambiente as rochas que serão úteis para o mercado. Assim, os resíduos remanescentes do processo de extração – vegetação suprimida, cobertura sedimentar, rochas impuras e refugo de produção, que conformam a maior parte do que é retirado – são descartados de qualquer forma, despejados na vertente da Serra do Tombador ou abandonados aleatoriamente no próprio local de produção. O intuito é apenas tirar da frente o que não interessa e usurpar do território aquilo que dará ganhos imediatos.

---

[77] No plano federal a Lei nº 4.771, de 15 de dezembro de 1965, alterada pela Lei nº 7.803, de 18 de julho de 1989, em Art. 2º alínea 'g', preconiza que são consideradas áreas de preservação permanente as "(...) bordas dos tabuleiros ou chapadas, a partir da linha de ruptura do relevo, em faixa nunca inferior a 100 (cem) metros em projeções horizontais". Na Bahia, a proteção ambiental é garantida pela Lei nº 7.799, de 07 de fevereiro de 2001 (regulamentada pelo Decreto nº 7.967, de 05 de junho de 2001), que institui a Política Estadual de Administração de Recursos Ambientais.

[78] No Brasil, para se executar empreendimentos potencialmente lesivos ao meio ambiente faz-se necessário solicitar licenças para o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), que, por seu turno, repassa a responsabilidade de analisar os pedidos aos órgãos ambientais dos estados; no caso da Bahia o pedido é feito para o Instituto do Meio Ambiente (IMA). Os planejamentos para a exploração do meio ambiente são feitos através de Estudos de Impacto Ambiental e Relatórios de Impacto Ambiental (EIA/Rima), regidos pela Resolução CONAMA nº 1, de 23 de janeiro de 1986, e pela Resolução CONAMA nº 6, de 16 de setembro de 1987.

[79] Associada às licenças ambientais, há também que solicitar a licença para diagnóstico, levantamento e resgate arqueológico ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). O patrimônio arqueológico é protegido e administrado através da Constituição da República Federativa do Brasil, de 05 de outubro de 1988; da Lei Federal nº 3.924, de 26 de julho de 1961; da Portaria IPHAN 07, de 01 de dezembro de 1988; da Portaria IPHAN 230, de 17 de dezembro de 2002; e da Portaria IPHAN 28, de 31 de dezembro de 2003 (ETCHEVARNE et al., 2011a, p. 18-22).

Associada à mineração ilegal, há uma série de equipamentos feitos precariamente com o objetivo de atender a demandas paralelas à extração das rochas. Referimo-nos, especificamente, às oficinas de produção de ferramentas, às carvoeiras e aos acampamentos dos mineradores. No que diz respeito às oficinas, trata-se de fornos feitos com rochas residuais da extração com um fole adaptado, um recipiente de água (um pneu ou um galão cortados), uma bigorna e uma marreta. Tais equipamentos são instalados, geralmente, debaixo de abrigos naturais e têm função de produzir ponteiras destinadas ao fatiamento de blocos rochosos. Como fruto do uso dos espaços como oficinas de forjaria, há uma grande quantidade de abrigos atingidos pela fuligem, impregnada nas paredes rochosas, impossibilitando a identificação de possíveis sítios rupestres.

IMAGEM 36: Fole em funcionamento num abrigo na área de São Judas Tadeu, sobre a Serra do Tombador. Na sequência de imagens, da esquerda para a direita, percebem-se: visão geral do funcionamento da oficina; homem manobrando o fole; homem malhando uma ponteira sobre uma bigorna; ponteiras esfriando sobre uma rocha, ao lado de um galão de água. Fotos: Autor, fevereiro de 2009.

IMAGEM 37: Fazenda Caldeirão IV unidade 1, onde se veem um fole em desuso no canto inferior esquerdo, e as paredes do abrigo atingidas pela fuligem. Foto: Autor, setembro de 2009.

IMAGEM 38: Complexo Tombador unidade 5, onde se percebem um fole em desuso, no canto inferior esquerdo, e as paredes do abrigo totalmente impregnadas por fuligem. Foto: Maria da Conceição Lopes, janeiro de 2010.

Junto às oficinas de forjaria e aos acampamentos dos mineradores, são feitas as chamadas carvoeiras destinadas a produzir carvão para abastecer os foles e os fogões, utilizados, respectivamente, para a confecção das ferramentas e para a preparação de alimentos. As carvoeiras são buracos cavados no terreno, com média de 2 metros de diâmetro, onde são sistematicamente empilhados troncos (previamente retirados da vegetação local e secos a céu aberto), que são postos à queima durante 24 horas no buraco e sob um amontoado de areia[80]. Como, na maioria das vezes, a quantidade de carvão é maior que a necessária para os foles e fogões, a produção excedente é ensacada e vendida nas áreas urbanas. Mas, além da produção de carvão destinada ao abastecimento da produção mineral, há também a produção feita por encomenda para o comércio regional, que conforma um dos elementos da economia local (PMJ-BA, 2007, p. 3).

Por fim, o terceiro equipamento são os acampamentos dos mineradores. Trata-se, objetivamente, de instalações precárias que utilizam a formação natural dos abrigos com um ou dois lados fechados com rochas residuais da produção mineral ou com lonas plásticas. Outro exemplo são pequenos acampamentos, nunca maiores que 3m² e 1,5m de altura, construídos com rochas residuais da produção mineral, cobertas com uma armação de caibros e palhas, telhas cerâmicas ou placas rochosas. Uma última situação é o uso de casas abandonadas ou em ruínas. Em qualquer um dos acampamentos o mobiliário é composto por, apenas, uma cama feita com caibros, coberta com papelão e um cobertor sintético ou uma espuma fina, bem como um fogão à lenha feito com placas areníticas. Pela própria precariedade das instalações, todo o serviço de higiene pessoal e descarte de lixos é feito no entorno dos acampamentos. Desta maneira, serão encontrados associados a estes ambientes: panos, cordas, arames, sacos plásticos, garrafas, latas, panelas e vasilhas cerâmicas, além de um sem-número de pequenos objetos de uso cotidiano, descartados de qualquer forma.

[80] A areia sobre a madeira torna a queima mais lenta, impossibilita a alta oxigenação da madeira e a criação de labaredas, deixando como produto o carvão.

IMAGEM 39: Barragem do Cantinho, acampamento improvisado com parede de alvenaria num abrigo com pinturas rupestres. Foto: Autor, setembro de 2009.

IMAGEM 40: Três Coqueiros I, acampamento improvisado com paredes e teto feitos com placas rochosas. Foto: Autor, setembro de 2009.

IMAGEM 41: Serra do Cílio III, acampamento improvisado com lona plástica num abrigo com pinturas rupestres. Foto: Autor, setembro de 2009.

IMAGEM 42: Fazenda Caldeirão I unidade 1, acampamento improvisado com lona plástica num abrigo com pinturas rupestres. Foto: Autor, setembro de 2009.

Entretanto, não podemos considerar os impactos negativos sobre a paisagem como culpa dos mineradores. Isto porque existe o tráfico de influências que permite o escoamento da produção mineral, e estes mineradores conformam a parte explorada do sistema. Os que comandam a exploração são, na maioria das vezes, agentes locais inseridos nas redes de poder – de modo geral, políticos municipais (vereadores, secretários municipais, assessores, prefeitos), fazendeiros e comerciantes, com maior poder aquisitivo, inseridos nas teias de informação e com possibilidade de circulação comercial das mercadorias ilegais – que se apropriam ilicitamente das áreas públicas e criam “feudos” de exploração. Para isto, utilizam a força de trabalho dos mineradores, que são moradores locais pobres, sem profissão, analfabetos ou semialfabetizados, sem posses, desempregados e sem perspectiva de sobrevivência na região por absoluta falta de trabalho. Referimo-nos a indivíduos que

trabalham diariamente 12 a 14 horas durante 6 dias da semana, permanecem acampados precariamente no local de trabalho e extraem as rochas para ganhar quantias ínfimas, sempre calculadas pela produtividade e cujos proventos são divididos de maneira desigual com os seus exploradores, que ficam com a maior parte dos ganhos.

Para se ter ideia desta situação, basta citar que, de acordo com dados da Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Econômico da Prefeitura Municipal de Jacobina, em 2007 no trecho de Jacobina da Serra do Tombador foram identificadas cerca de 1 mil famílias em situação de risco trabalhando na extração ilegal de rochas (PMJ-BA, 2007, p. 3). Isto equivale a cerca de 3 a 5 mil pessoas que dependem desta atividade para a sobrevivência, o que corresponde a pouco mais de 5% da população de Jacobina (ver tabela a seguir). Agrava este quadro o fato de a extração ilegal de rochas destinada a abastecer a microrregião de Jacobina ser a principal atividade econômica desenvolvida na localidade (PMJ-BA, 2007, p. 3).

TABELA 3: População e densidade demográfica na área de pesquisa

Cidade	População	Área da unidade territorial (km²)	Densidade demográfica (hab./km²)
Caém	10.368	548,147	18,91
Caldeirão Grande	12.491	455,172	27,44
Jacobina	79.247	2.359,965	33,58
Miguel Calmon	26.475	1.568,220	16,88
Mirangaba	16.279	1.697,691	9,59
Saúde	11.845	504,312	23,49
TOTAL / MÉDIA	**156.705**	**7.133,507**	**21,648**

Fonte: IBGE, 2010

Junto ao escoamento regional desta “indústria”, um dado que chama a atenção neste sistema é que os maiores compradores destes produtos são as prefeituras municipais das cidades vizinhas. Como a fabricação de placas rochosas é destinada, basicamente, à pavimentação de ruas, a exemplo das pedras de meio fio e paralelepípedos, os maiores demandantes e interessados por esta produção são as cidades que a compram, sobretudo, em períodos eleitorais. Isto porque nestes períodos há a necessidade de aumentar a quantidade de obras com o fim de chamar a atenção para o suposto empreendedorismo de certos administradores públicos e, com isto, converter as obras em votos. Pudemos presenciar esta situação em 2010 por ocasião das eleições estaduais para deputados e governadores, e nacionais para deputados, senadores e presidente da república. Quando estivemos no Piemonte da Chapada no mês de agosto, ao percorrer a Serra do Tombador, percebemos que havia um barulho ensurdecedor de

pancadas de marretas sobre as ponteiras, em decorrência da grande quantidade de pessoas trabalhando na extração de pedras. Quando questionamos a razão deste aumento, fomos informados que a demanda por pedras sempre aumenta nos anos em que ocorrem eleições, em razão da encomenda feita diretamente por candidatos a cargos políticos.

Evidentemente, os ditos exploradores e aqueles que demandam os seus serviços estão cientes da ilegalidade da extração das rochas, mas, ainda assim, continuam retirando-as ou incentivando a sua retirada do ambiente. Isto porque a impunidade às suas ações "paira no ar", já que há um cenário favorável, na medida em que existe a conivência dos agentes públicos locais, que muitas vezes participam da rede de influência dos exploradores, bem como há um mercado que absorve a produção. Além disto, também há o subdimensionamento dos órgãos ambientais e patrimoniais – com demandas de grandes territórios e, em contraponto, poucos recursos, pessoal e infraestrutura –, que, por isto, são ineficientes para fiscalizar estas situações.

Não bastasse o que até aqui foi apresentado, potencializa esta situação a promoção deliberada de destruição dos sítios rupestres. Como existe entre os que tiram proveito deste espaço a compreensão de que os sítios arqueológicos limitam as áreas de extração mineral, eles disseminam entre os indivíduos subjugados a ideia de que se os sítios forem encontrados ocorrerá a proibição da retirada das rochas; o que, objetivamente, não poderia ocorrer com ou sem sítios arqueológicos – como demonstramos nas notas 77, 78 e 79 – , haja vista se tratar de área de proteção ambiental. Desta maneira, os exploradores incentivam ou ordenam a destruição das pinturas, que são depredadas pela queima, picoteamento, esfoliação ou mesmo a quebra dos painéis e abrigos. O fato de os sítios estarem expostos e serem facilmente reconhecidos aumenta a probabilidade de destruição.

IMAGEM 43: Montagem fotográfica. Rio Preto III, abrigo com pinturas demolido e em processo de fatiamento para confecção de placas rochosas destinadas à pavimentação. Fotos: Autor, janeiro de 2010.

IMAGEM 44: Barragem do Cantinho, pinturas depredadas através de queima do painel. Foto: Autor, setembro de 2009.

IMAGEM 45: Fazenda Caldeirão 4 unidade 2, pintura na entrada do abrigo depredada por picoteamento. Foto: Autor, janeiro de 2010.

Para se ter uma ideia do potencial destrutivo desta ação sobre a paisagem, numa faixa de 40 km da Serra do Tombador coberta por esta pesquisa (entre a divisa de Miguel Calmon e Jacobina até Mirangaba), apenas um trecho de 2 km se encontra pouco explorado pelos mineradores. A área menos explorada refere-se a uma fazenda de propriedade de um médico que atua em Jacobina, possivelmente com consciência ambiental, que não permite a entrada para exploração lesiva ao meio ambiente; ainda assim, volta e meia tem de combater invasões à sua propriedade, que se torna atrativa por estar relativamente preservada. Com exceção desta área, todas as demais se encontram com os abrigos depredados, impedindo a identificação dos sítios e, por seu turno, diminuindo as possibilidades de pesquisa.

Esta situação pode ser vislumbrada na sequência de panorâmicas tiradas de diferentes trechos do alto da Serra do Tombador, no sentido Miguel Calmon a Mirangaba (sentido sul-norte), cobrindo, portanto, toda a área da pesquisa neste setor:

MONTAGENS FOTOGRÁFICAS DE DIFERENTES SETORES DA SERRA DO TOMBADOR

IMAGEM 46: Montagem fotográfica. Vista panorâmica em 180º do alto da escarpa da Serra do Tombador, na divisa entre Jacobina e Miguel Calmon, onde se percebe a destruição do ambiente pela mineração ilegal. Fotos: Autor, fevereiro de 2009.

IMAGEM 47: Montagem fotográfica. Vista panorâmica em 360º do alto da escarpa da Serra do Tombador, na área de São Judas Tadeu, onde se percebe a destruição do ambiente pela mineração ilegal. Fotos: Autor, fevereiro de 2009.

IMAGEM 48: Montagem fotográfica. Vista panorâmica em 360º do alto da escarpa da Serra do Tombador, na área de Três Coqueiros, onde se percebe a destruição do ambiente pela mineração ilegal. Fotos: Autor, setembro de 2009.

IMAGEM 49: Montagem fotográfica. Vista panorâmica em 180º do alto da escarpa da Serra do Tombador, próximo à divisa entre à Jacobina e Mirangaba, onde se percebe a destruição do ambiente pela mineração ilegal, defronte do sítio Fazenda Caldeirão II; o setor destruído contrasta com a área preservada da Fazenda do Dr. Flávio, em segundo plano. Fotos: Autor, setembro de 2009.

IMAGEM 50: Montagem fotográfica. Vista panorâmica em 270º do alto da escarpa da Serra do Tombador, na divisa entre Jacobina e Mirangaba, onde se percebe a destruição do ambiente pela mineração ilegal defronte do sítio Rio Preto I. Fotos: Autor, janeiro de 2010.

IMAGEM 51: Montagem fotográfica. Vista panorâmica em 360º do alto da escarpa da Serra do Tombador, em Mirangaba, onde se percebe a destruição do ambiente pela mineração ilegal. Fotos: Autor, janeiro de 2010.

Neste contexto de destruição, os sítios que persistiram no alto da escarpa da Serra do Tombador correspondem àqueles identificados em abrigos baixos e profundos não localizados pelos mineradores, onde a visualização através de luz natural é possível apenas em um momento do dia; isto é, a aparente invisibilidade foi que promoveu a manutenção parcial destes remanescentes da ocupação humana passada. Ou, de outra forma, estão em locais cujo acesso de caminhões para transporte das rochas é difícil, desinteressantes, portanto, para a mineração.

O que chama a atenção neste contexto é que estamos nos referindo a uma atividade exploratória de alto impacto social, de alto impacto ambiental, de perdas patrimoniais irreversíveis – sobretudo no que tange ao patrimônio arqueológico, que é finito e não renovável – mas com baixos ganhos monetários, cujo maior percentual é concentrado nas mãos de poucos indivíduos. Desta maneira, o retorno social em relação ao impacto ambiental proporcionado é nulo. Por outro lado, temos os exploradores que tiram proveito da situação de risco e da ignorância dos mineradores, indivíduos sem perspectiva de vida e desinformados que, por sua vez, com medo de perder a única alternativa de aferir ganhos, se submetem aos mandos e desmandos de seus algozes. Contraditoriamente, o poder público municipal atualmente se faz omisso a este quadro. Em se tratando de uma atividade econômica ilícita, mas que é reconhecida como um dos principais vetores econômicos da região, poderíamos considerar que a mineração nesta área coloca os indivíduos em situação de risco oficialmente na condição de trabalho semiescravo.

Este cenário de exploração desenfreada observado no alto da Serra do Tombador motivou a equipe da Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Econômico da Prefeitura Municipal de Jacobina a sugerir à gestão municipal do mandato 2004-2008 a regulação das atividades naquela área, a qual veio a ser normatizada através do Decreto nº 118, de 14 de março de 2007. A função desta normativa legal foi estabelecer medidas de proteção das áreas de preservação ambiental e dos sítios arqueológicos localizados na Serra do Tombador e no seu entorno. Entretanto, embora tivesse sido forte a motivação daquela gestão para resolver este problema, depois de sua saída da administração municipal nada mais foi realizado.

Este descaso tem levado, desde 2009, o Ministério Público do Estado da Bahia (MP-BA), a Secretaria Estadual de Meio Ambiente (Sema), o Instituto do Meio Ambiente da Bahia (IMA), o Conselho Regional de Engenharia, Agronomia e Arquitetura (Crea), a Companhia de Ações Especiais do Semi-Árido (Caesa) da Polícia Militar e a Companhia de Polícia de

Proteção Ambiental (Coppa), também da Polícia Militar, a realizarem esforços conjuntos de fiscalização, tanto na área de Serra do Tombador, quanto nas áreas de extração de mármore bege Bahia e cal na mesorregião de Jacobina. Tais esforços têm sido conduzidos com o intuito de coibir a mineração ilegal, regularizar a extração e realizar ações de educação ambiental. Contudo, embora a motivação seja pertinente e louvável, a ação dos órgãos envolvidos sempre é muito demorada e descontínua e, contrariamente a isto, a maleabilidade e capacidade de se reorganizar rapidamente dos mineradores é maior que a capacidade desses órgãos de fiscalizar.

Na Serra de Jacobina, por sua vez, a paisagem dispõe de outros condicionantes. Como demonstramos, esta feição do relevo é caracterizada por um alinhamento de seis cadeias de montanhas com 8 km de largura e 200 km de extensão, com escarpas abruptas, dinâmica muito instável e forte, e declividade entre 30º e 45º, com até paredões verticais. Trata-se de um relevo com muitas dificuldades de acesso, pela própria morfologia e instabilidade da estrutura natural. As propaladas dificuldades naturais têm feito com que este contexto se mantenha mais preservado que a Serra do Tombador. Durante nossas investidas na Serra de Jacobina nos esbarramos com, basicamente, três fatores impeditivos da continuidade da pesquisa na área: as dificuldades impostas pelo ambiente; o domínio do território por propriedades privadas; e o uso da Serra de Jacobina como rota de fuga e esconderijo de assaltantes e traficantes de entorpecentes.

No que diz respeito às dificuldades impostas pelo ambiente, durante as atividades de campo percebemos que os acessos na Serra de Jacobina, quando existiam, sempre eram muito longos e tortuosos. Tem-se de percorrer grandes distâncias a pé entre as escarpas, sem possibilidade de acesso para veículos automotores, em setores não habitados, sem possibilidade de comunicação e distantes de infraestrutura que permitisse um eventual socorro, caso fosse necessário. Isto, associado à pouca estabilidade das encostas, fez com que estes setores se apresentassem como pouco seguros às atividades de pesquisa, sobretudo porque não foram poucas as vezes que a equipe, em campo, passou por situações de risco ao tentar percorrer ou escalar a serra. Além disso, os recursos disponíveis para as investigações eram limitados para esta investida, naquele momento.

Apesar destas dificuldades, não foi este, objetivamente, o principal fator limitador das pesquisas. Isto nos conduz ao segundo condicionante, que diz respeito às propriedades privadas na serra. Referimo-nos, especificamente, ao trecho da Serra de Jacobina situado ao

sul da rodovia BR-324[81], cujas terras são de propriedade da Jacobina Mineração e Comércio Ltda. e da Yamana Gold. Trata-se de empresas que extraem ouro na Serra de Jacobina e que, por este interesse, adquiriam trechos da serra com o fim de ampliar a segurança da área de extração e criar reservas para futuras explorações minerais, embora o setor utilizado, atualmente, seja bem menor que aquele cujo acesso é encerrado pelas mineradoras. O impacto causado ao meio pela mineração de ouro não é pequeno, haja vista que há grande áreas desbastadas pela extração, além de trechos da serra utilizados para indústria de beneficiamento do ouro, canteiros de obras, vias de acesso, bota-fora e barragens de descarte de rejeitos industriais. Apesar disto, ao que tudo indica, trata-se de uma exploração legal, já que, em teoria, cumpre as exigências ambientais exaradas pelos órgãos ambientais.

IMAGEM 52: Passivo de mineração a céu aberto na área de Yamana Gold, na Serra de Jacobina. Foto: Almacks Luiz, junho de 2009, disponível em <http://almacks1.fotoblog.uol.com.br>, acessado em junho de 2011.

IMAGEM 53: Área destinada à segunda barragem de rejeitos da produção mineral da Yamana Gold. Foto: Jeanne Dias, dezembro de 2008.

IMAGEM 54: Indústria que a Yamana Gold utiliza para beneficiamento do ouro. Foto: Greciane Nascimento, dezembro de 2008.

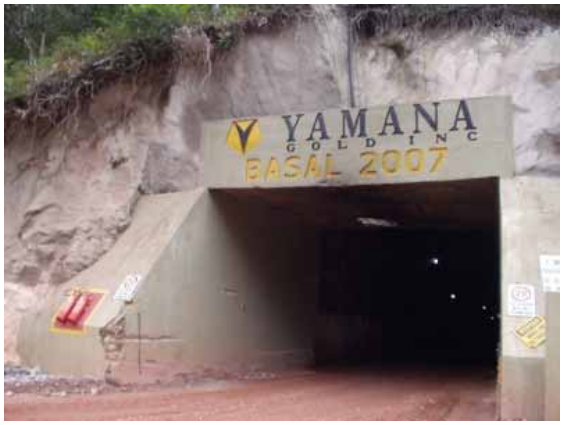


IMAGEM 55: Entrada de uma das áreas de mineração subterrânea da Yamana Gold. Foto: Fabiana Comerlato, dezembro de 2008.

[81] Em toda a extensão da Serra de Jacobina, o único acesso que a atravessa perpendicularmente é a BR-324, que, por sua vez, aproveita o vale do rio Itapicuru e segue paralelamente ao seu leito.

Entretanto, a maior dificuldade de pesquisa não diz respeito à destruição do meio causada pela exploração mineral, mas à restrição de acesso às grandes áreas de propriedade das mineradoras. O fato de a mineração nestes setores ser destinada a extração de ouro, com alto valor econômico, faz com que a Yamana Gold mantenha amplos espaços cercados e com forte esquema de vigilância; o acesso só é permitido se o trabalho a ser realizado for de interesse direto da empresa. Para que tenhamos noção da rigidez do esquema de segurança, em dias de transporte da produção de ouro, todo o trabalho na indústria é suspenso, os empregados são afastados de suas atividades, permanecendo exclusivamente os funcionários destinados à segurança; neste ínterim, um helicóptero pousa num setor determinado, quando é abastecido com a produção e, rapidamente, decola; depois de cumpridos diversos protocolos de segurança, há o retorno das atividades de extração.

Passemos agora para um cenário diferente, mas com limitações de acesso à Serra de Jacobina, desta vez no trecho situado ao norte da rodovia BR-324. Há alguns anos, as cidades do interior do estado da Bahia têm passado por problemas sérios de segurança pública. Tais problemas são evidenciados pela ação de quadrilhas especializadas, fortemente armadas, que se aproveitam do quadro de menor segurança pública existente nestas localidades para realizar sistematicamente assaltos a agências bancárias, carros fortes, caminhões de cargas, ônibus de transporte intermunicipal, além do tráfico de entorpecentes e plantio de maconha (*Cannabis sativa*).

Apenas para situar acerca de alguns dos fatores que potencializam esta situação, de acordo com dados do ano de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e da Secretaria da Segurança Pública do Estado da Bahia (SSP-BA), quatro razões podem ser inferidas como agravantes deste problema: 1º) o estado da Bahia tem uma área territorial de 564.830,859 km²; 2º) em 2010 a população baiana era de 14.016.906 habitantes; 3º) o contingente policial destinado à segurança pública do estado (Polícia Civil e Polícia Militar) é de pouco mais de 41.000 indivíduos, revezando-se em três turnos de trabalho, ou seja, o efetivo médio é de 1 policial para mais de 1.025 habitantes; 4º) à medida que se afasta do litoral, a densidade demográfica das cidades diminui, de maneira que há grandes áreas desocupadas no interior com núcleos urbanos concentrados pontualmente no território. Acerca deste quarto e último aspecto, basta dizer que a população de Salvador é de 2.675.656 habitantes para um território de 693,292 km², o que equivale a uma densidade demográfica de 3.859,35 habitantes por km²; por seu turno, a densidade demográfica da área de pesquisa,

conforme apresentamos, é de 21,648 habitantes por km², isto é, quase 1.800% menor que a da capital.

Assim, estas razões sucintamente apresentadas favorecem um quadro em que quadrilhas fortemente armadas de assaltantes e/ou traficantes de entorpecentes atuem impunemente nas cidades do interior do estado (no caso aqui apresentado, na mesorregião de Jacobina[82]), em face da baixa segurança pública. Contudo, quando há ações de perseguição policial com o objetivo de capturar os infratores – o que tem sido comum em decorrência da recorrência de roubos e do tráfico de drogas que assola as comunidades rurais –, há uma fuga coordenada para a Serra de Jacobina, onde existem espaços preparados para recebê-los. O fato é que as mesmas dificuldades que limitam o acesso à serra têm favorecido a utilização desta área como refúgio, esconderijo, estocagem de produtos derivados de assaltos, de armas e de entorpecentes.

Neste contexto, os infratores fogem ou, por que não dizer, retornam para estas áreas onde ficam entocados durantes dias, semanas e até mesmo meses. Nos locais mais inacessíveis da serra, existem acampamentos preparados em abrigos rochosos e cavernas, mobiliados com cadeiras e camas, além de entradas fechadas com portas; tal fato leva a supor que os assaltantes e traficantes conheçam as melhores vias de acesso na serra, bem como rotas alternativas caso seja necessária uma fuga emergencial. Isto é, trata-se de uma ação extremamente organizada na região. Justamente a institucionalização e a recorrência deste cenário ilícito motivaram a Polícia Militar da Bahia à criação, em 2004, de uma unidade especializada em ações no semiárido, conhecida como Companhia de Ações Especiais do Semi-Árido (Caesa), que dispõe de um batalhão em Jacobina[83].

Estes fatores fazem com que o setor ao norte da BR-324 da Serra de Jacobina seja perigoso para a pesquisa. Por algumas vezes, ao subirmos a serra para atividades de levantamento de sítios, fomos chamados à atenção por moradores locais sobre o perigo de estar percorrendo a região desacompanhados, diga-se, sem segurança policial. Cabe dizer que durante as andanças por este espaço identificamos, no alto da serra, em um setor entre Jacobina e Caém, um dos refúgios situado numa caverna utilizada pelos assaltantes/traficantes. Em outra ocasião, em

[82] A mesorregião de Jacobina abrange os municípios de Caém, Caldeirão Grande, Capim Grosso, Jacobina, Miguel Calmon, Mirangaba, Morro do Chapéu, Ourolândia, Piritiba, Ponto Novo, Quixabeira, São José do Jacuípe, Saúde, Serrolândia, Várzea do Poço e Várzea Nova.

[83] A Caesa destina-se a intensificar o combate ao crime no interior, notadamente aqueles relacionados a roubos a agências bancárias, tráfico de armas e drogas, roubos a passageiros de ônibus intermunicipais e interestaduais, entre outras modalidades (informação disponível em <http://www.pm.ba.gov.br> consultado em junho de 2011).

agosto de 2009, quando a equipe de pesquisa percorria a serra, desafortunadamente, esteve no meio de uma perseguição policial a assaltantes de uma agência bancária situada em Mirangaba, tendo cruzado com fugitivos armados. Felizmente, saímos ilesos desta situação. Apenas a título de conclusão da informação, depois de dias de busca pela Polícia Militar, as operações foram suspensas sem captura dos assaltantes, o que reflete o potencial da serra como refúgio.

Fizemos, até aqui, uma abordagem das situações causadas pelo homem atual que limitam a pesquisa no Piemonte da Chapada Diamantina. Ressaltamos, contudo, que temos consciência de que além dos fatores antrópicos ocorre também a destruição dos sítios pela ação natural (biológica, química e física), a exemplo da ação dos liquens, musgos, térmitas (cupins, vespas e abelhas), ventos, chuvas, insolação, umidade etc. Além disto, a quebra dos abrigos por mudança térmica causada por queimadas naturais e intencionais é comum na Chapada Diamantina durante o verão, quando o ambiente está mais seco. São registrados, também, altos índices de amplitude térmica nesta região, que chegam a diferenças iguais ou superiores a 20º entre o dia e a noite, fator que, igualmente, contribui para a degradação dos sítios. Entretanto, embora os fatores naturais atuem no processo de degradação dos sítios, seus efeitos, quando comparados àqueles fruto da depredação pela ação humana, demonstram que, efetivamente, a ação da natureza nos sítios é contínua e lenta e, às vezes, seus efeitos são parcialmente reversíveis; enquanto isto, a ação humana é rápida e, na maioria das vezes, de efeitos irreversíveis.

Enfim, o que quisemos demonstrar com estes dados é que estamos diante de duas situações distintas de relação do homem com a paisagem que, em última instância, limitam as possibilidades de pesquisa. Na Serra do Tombador, ocorre a mutilação do ambiente pela ação de mineradores ilegais, que extraem as rochas, destroem os jazigos arqueológicos por quebra, picoteamento ou queima, tendo como consequência o desaparecimento irreversível dos sítios com pinturas rupestres. Por sua vez, na Serra de Jacobina, embora ocorra em menor escala a mutilação dos espaços pela extração mineral, há de forma premente o controle dos espaços naturais pela ação legal de mineradoras de ouro e há, também, o controle dos espaços naturais pela ação ilegal de assaltantes e de traficantes; isto é, indiferentemente da motivação, ocorre o domínio da paisagem.

* * * * *

Ao longo deste capítulo, discutimos a noção de paisagem que orienta a nossa pesquisa, e concluímos que a paisagem arqueológica reflete uma sucessão de situações naturais e humanas sobre o espaço, de maneira que têm peso na nossa abordagem tanto as questões naturais quanto as antrópicas. Assim, iniciamos nossas observações fazendo um apanhado da geodinâmica do Piemonte da Chapada Diamantina, demonstrando que o espaço que nos chega na atualidade é fruto de uma série de eventos associados: tectônicos na Serra de Jacobina; sedimentares na Serra do Tombador; e de dessecação na Depressão Sertaneja.

Por sua vez, abordamos como estes eventos influenciam, de maneira direta, na formação litológica e no relevo regional, fazendo com que sejam encontrados, basicamente, os arenitos e calcários na Serra do Tombador, os quartzitos na Serra de Jacobina e os granitos do fundo do vale que separa a Serra do Tombador da Serra de Jacobina. Estas condições litológicas propiciarão uma série de expressões do relevo, que darão ao espaço um aspecto próprio e proporcionarão o entendimento do processo de formação de uma arquitetura natural, um modelamento da paisagem, que dará lugar a locais favoráveis para à instalação de sítios rupestres, a exemplo: dos abrigos, das locas e dos paredões na Serra do Tombador; das paredes na Serra de Jacobina; e do matacão na Depressão Sertaneja. Isto é, diferentes feições do relevo, mas com usos sociais comuns.

Não obstante a apresentação de um cenário apropriado à instalação dos sítios, discutimos também aspectos relacionados à hidrografia, quando reconhecemos o potencial da região em decorrência da convergência espacial entre os rios Salitre, Itapicuru e Jacuípe, que favorecem rotas naturais a diferentes ambientes e, por seu turno, tornam o Piemonte uma zona de atração. Discutimos também o clima, demonstrando, então, a relativa estabilidade climática e pluviométrica que conforma o semiárido. Na sequência, quando falamos da cobertura vegetal apresentamos os dois principais domínios da vegetação: a caatinga na Depressão Sertaneja e na Serra de Jacobina; e o cerrado sobre a Serra do Tombador; além de uma vegetação de transição entre os diferentes ambientes. Assim, o intuito foi informar como os recursos do meio se apresentam favoráveis à instalação e subsistência de grupos humanos, mantendo particularidades em relação aos demais domínios geográficos, mas sem perder o diálogo natural com outros espaços, com possibilidades de circulação de pessoas.

Complementarmente, embora sejam rarefeitas as informações, foram dignas de atenção as mudanças ocorridas no meio durante o Pleistoceno final e o Holoceno, quando o ambiente passou gradualmente de uma vegetação de savana aberta para uma floresta tropical úmida e, posteriormente, para um clima semiárido quente e seco. Num polo oposto, discutimos o cenário atual da ocupação do Piemonte da Chapada Diamantina, de forma que apresentamos os fatores que conduzem à mutilação dos espaços no alto da Serra do Tombador e os fatores de domínio dos espaços existentes na Serra de Jacobina, centrando a atenção nas razões socioeconômicas que favorecem esta conformação da paisagem e, por consequência, limitam metodologicamente as investigações arqueológicas promovidas nestes setores.

Assim, acreditamos que temos as bases necessárias para as discussões posteriores de nossas investigações. O que segue, no próximo capítulo, são os aspectos arqueológicos desta abordagem, portanto discutiremos o produto da ação humana passada sobre os espaços naturais.

CAPÍTULO III

SÍTIOS RUPESTRES DO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA

Este capítulo destina-se a apresentar os sítios arqueológicos trabalhados nesta tese de doutoramento, com o propósito de estabelecer as discussões até aqui desenvolvidas. Para tanto, iniciar-se-á discutindo os pressupostos que orientam a observação dos sítios, quais são as compreensões que antecedem a sua observação e os conceitos norteadores das atividades. Em seguida narrará as atividades de campo, sendo então esclarecidos os procedimentos técnicos específicos adotados, bem como as atividades de análise em gabinete dos contextos em apreço. Finalizar-se-á procedendo à interpretação dos sítios de acordo com os dados compulsados.

3.1. DIRETRIZES PARA A OBSERVAÇÃO DOS SÍTIOS RUPESTRES

Esclarecer a maneira pela qual percebemos os sítios de representações rupestres configura-se como ação essencial da pesquisa. Isto porque este momento permitirá dispor das bases que norteiam a nossa observação desta categoria da cultura material e, por consequência, deste entendimento partirão as justificativas para os procedimentos de campo e de gabinete. Estes últimos, por seu turno, servirão para angariar dados empíricos que subsidiarão as nossas observações, criando os elementos para a produção de resultados que sejam coerentes com o problema de pesquisa, com a hipótese de trabalho e com o arcabouço conceitual apresentado.

As representações rupestres têm sido objeto de estudo de diferentes campos do conhecimento, através de distintas perspectivas. Como nos esclarece María Isabel Hernández Llosas, pesquisadora da Universidade de Buenos Aires, as representações rupestres podem ser abordadas de diferentes óticas: 1) a partir das artes plásticas, campo que proporciona a análise das características estéticas das representações, observando as técnicas de aplicação dos pigmentos, bem como as formas e características dos desenhos; 2) da perspectiva da história da arte, que questiona as formas de desenvolvimento das manifestações plásticas através do tempo, levando em conta as técnicas aplicadas e produtos gerados, aliados às variações na confecção e valorização estética ao longo dos tempos; 3) partindo de uma ótica antropológica, que se interessará pelas mudanças e análises das diferentes manifestações culturais que originaram as manifestações artísticas, tentando observar o sentido estético que cada uma detenha, de acordo com a noção de beleza imposta pelos distintos contextos sociais; e, por fim, 4) do ponto de vista da arqueologia, que se orienta pelo viés semelhante ao antropológico, por buscar as informações e características dos grupos humanos que produziram as representações, mas pautando-se fundamentalmente na discussão da materialidade da produção humana (LLOSAS, 2010).

Pela própria natureza dos estudos aqui apresentados, nossa observação das representações rupestres se orienta pela ótica arqueológica. Nessa perspectiva, uma das grandes indagações, senão a maior, que permeiam esta discussão do ponto de vista arqueológico é sobre a possibilidade de interpretação dos significados das representações rupestres (AZEVEDO NETTO, 1996, 2009; COMERLATO, 2005a; CONSENS & SEDA; ETCHEVARNE, 2007; GUIDON, 1991, 1983; ISNARDIS, 2004; KESTERING, 2007, 2001; LUSO, 2005a; MARTÍN, 1999; PESSIS, 2003; PROUS, 1992; RIBEIRO, 2008, 2006; SILVA, 2008; VALLE, 2003). Esta é, sem dúvida, a questão que mais movimenta as discussões nos estudos de representações rupestres, sobretudo porque, de modo geral, a comunidade não especializada exige do investigador explicações para este universo da cultura material que, diante da natureza dos remanescentes arqueológicos, ele quase nunca conseguirá oferecer, dando as respostas desejadas. Assim, enquanto o arqueólogo consegue responder onde e como foram feitas as representações, as exigências da comunidade elevam a discussão para as seguintes questões: como, quando, o que, para que, por que e por quem foram feitas. Isto é, estamos aquém daquilo que esperam de nós. A saída mais justa é, portanto, explicar a situação e negar a possibilidade de interpretação pela inexistência daqueles que atribuíram significado às representações.

Além disso, entendemos que esta indagação traz uma discussão de fundo que não pode ser justificada exclusivamente pelo interesse da comunidade leiga e pela impossibilidade de resposta do arqueólogo, senão por aquilo que está implícito na compreensão da comunidade arqueológica acerca do que são as representações rupestres. E é justamente esta indagação que servirá para "descortinar" a nossa discussão. Questionamos o que está subjacente, implícito, nesta explicação arqueológica acerca da impossibilidade de interpretação. Do nosso ponto de vista, se a comunidade arqueológica reconhece a impossibilidade de interpretação de significados, é porque parte do pressuposto de que as representações tiveram significados no passado. Isto é, não saber o significado, hoje, não é o mais importante, mas, sim, reconhecer na sua origem a existência de significados e aceitar que havia ideias veiculadas pelas representações. É neste ponto que iremos nos apegar, neste momento, para exprimir os princípios que orientam o nosso olhar.

Um dos objetivos básicos do trabalho arqueológico é a necessidade de compreender os grupos culturais a partir da sua produção material. Se interessa ao arqueólogo a compreensão das culturas e, por outro lado, se nos estudos das representações rupestres é subjacente a existência de significados – ainda que não saibamos quais eles eram –, fica claro que as representações rupestres tiveram significados para os grupos culturais que as confeccionaram. Logo, estaríamos falando de signos com significados específicos que poderiam ser feitos, compreendidos, transmitidos e partilhados por diferentes indivíduos participantes de um ou vários grupos culturais. Estaríamos falando de sistemas específicos de comunicação que expressam a capacidade de materialização da experiência sensorial humana, que extrapola o universo mental[84]. Ou seja, trata-se da demonstração da consciência do homem sobre o mundo que o cerca. Em relação a esta discussão, Carlos Etchevarne considera que:

> (...) a arte rupestre constitui uma forma muito particular de compreender o ambiente, tanto o natural quanto o social, posto que ela aponta diretamente para um aspecto essencial das representações mentais das populações pretéritas: a simbolização. De fato, na base de toda a pintura ou gravura rupestre encontra-se o ato de simbolizar, ou seja, representar, externamente ao indivíduo, aquilo que é pensado, armazenado ou constituído de

[84] Num raciocínio correlato àquele que desenvolvemos, Gabriela Martín expressaria: "Aliás, se aceitamos os registros rupestres como uma forma de comunicação independente de sua conotação plástica e estética, temos o mesmo problema com a imensa maioria das representações parietais do Nordeste, sejam elas pinturas ou gravuras, à exceção das cenas explícitas da vida cotidiana retratadas na arte figurativa do Nordeste" (MARTÍN, 1999, p. 302). Com uma discussão semelhante, Carlos Xavier de Azevedo Netto explica que "(...) parece começar a surgir um consenso de que estas manifestações estão imbuídas de uma intenção, e esta intenção é de comunicação. Então a arte rupestre é uma manifestação comunicativa" (AZEVEDO NETTO, 1996, p. 66).

> experiência, individual ou coletiva, e pela reflexão sobre a mesma. Dessa forma admite-se que, subjacente a toda a produção de imagem materializada – como a dos grafismos rupestres –, existiria uma seqüência de processos mentais que consistem na observação, identificação, seleção, classificação, valorização e significação do espaço natural e do grupo. Tais processos, por sua vez, estariam condicionados pela experiência cultural de quem utiliza esse sistema de codificações (ETCHEVARNE, 2007, p. 19).

Essa consideração nos faz entender que estaríamos diante de um segmento da cultura material que nos possibilitaria, de forma privilegiada, discutir aspectos associados ao plano das ideias dos grupos que confeccionaram os registros. Ora, mas de que ideias estaríamos falando? Ainda que não saibamos os significados, é possível, de fato, apontar a existência de significados? Essa discussão é razoável e aproxima-se de nossa realidade quando partimos para a observação de elementos reconhecíveis no nosso universo cognitivo, isto é, os elementos figurativos. Mas, quando a possibilidade de compreensão é nula ou distante de nossa realidade, haja vista a impossibilidade de associação de ideias aos grafismos, a exemplo dos elementos geométricos, essas considerações tornam-se questionáveis e difíceis de apreender.

Para que fique claro a que estamos nos referindo, para efeito desta pesquisa estamos considerando como elementos geométricos as figuras traçadas em espaço bidimensional, com uso ou associação de linhas, pontos e planos (JANUÁRIO, 2000), que têm como princípio a busca da simetria do signo representado. Relaciona-se a esta definição a impossibilidade, por parte do pesquisador, de associação do elemento representado com o universo físico vivido, haja vista que a representação sugere, a princípio, uma abstração da realidade. Ou seja, trata-se de representações como linhas, círculos, pontos e planos que não evocam de imediato os elementos físicos conhecidos no universo cognitivo do pesquisador. Opõe-se a este conceito o de figurativo, que alude imediatamente aos elementos conhecidos no universo físico do pesquisador, a exemplo da representação de figuras de animais, homens, plantas e objetos. Anne Marie Pessis explica este fenômeno de maneira análoga:

> Nesses conjuntos de figuras distribuídas nas paredes, formando áreas de maior ou menor densidade pictural, o observador procura um fio condutor que permita introduzir uma ordem, localizá-los em épocas diferentes e assimilá-los a distintos grupos culturais. O primeiro olhar logra apenas se deter sobre os conjuntos de formas que são reconhecíveis

> descontextualizadas das figuras existentes no entorno imediato. São identidades recuperadas de maneira isolada e desconexa do seu entorno gráfico. São apenas segregáveis as figuras reconhecíveis, as cenas representando ações com temática identificável, nas quais as figuras são identificadas, mas a temática da ação não pode ser reconhecida; e, finalmente, existem grafismos com uma morfologia que não permite nenhum reconhecimento. A dominante do conjunto de figuras rupestres é a total fragmentação do sentido (PESSIS, 2003, p. 81-82).

Esta impossibilidade de reconhecimento verificada nos signos geométricos configura uma grande limitação aos estudos das representações rupestres, que nos leva a refletir sobre a necessidade de abordar este documento arqueológico testando ferramentas teórico-metodológicas que permitam resultados que expressem, pelo menos, a condição de símbolo das representações rupestres. Diante desta consideração, aqui, mais uma vez, cabem esclarecimentos de acepções que têm sido corriqueiras neste trabalho, mas ainda não tratadas. Tal como nos ensina Lúcia Santaella – professora titular da Universidade de São Paulo, eminente especialista em Semiótica –, consideramos signo[85] uma marca, um sinal indicativo de qualquer unidade significativa da linguagem, que resulta da união solidária de ícone[86] e índice[87]. Por sua vez, a noção de símbolo[88] deriva da apreensão de uma realidade concreta ou imaginária que um signo, de fato, parece ter (ícone) com um sentido, um conceito, atribuído

[85] Lúcia Santaella, baseada em Sanders Pierce, diria: "um signo intenta representar, em parte pelo menos, um objeto que é, portanto, num certo sentido, a causa ou determinante do signo, mesmo se o signo representar seu objeto falsamente. Mas dizer que ele representa seu objeto implica que ele afete uma mente, de tal modo que, de certa maneira, determine naquela mente algo que é mediatamente devido ao objeto. Essa determinação da qual a causa imediata ou determinante é o signo, e da qual a causa mediata é o objeto, pode ser chamada de interpretante" (SANTAELLA, 1983, p. 62). Por sua vez, Isaac Epstein define signo como: "(...) referendo a uma função que articula duas ou três variáveis ou funtivos. O signo não é, pois, um objeto com determinadas propriedades, mas uma relação ou função. Classificar os signos equivale, então, a classificar esta relação que é a função sígnica" (EPSTEIN, 1997, p. 48).

[86] O ícone, de acordo com Isaac Epstein, "(...) é aquele signo que, na relação signo-objeto, indica uma qualidade ou propriedade de um objeto possuir certos traços (pelo menos um) em comum com o referido objeto. (...) Os ícones comunicam de forma imediata porque são imediatamente percebidos" (EPSTEIN, 1997, p. 49). Santaella complementa esta ideia afirmando que "(...) os ícones têm um alto poder de sugestão" (SANTAELLA, 1983, p. 64).

[87] Para Lúcia Santaella "(...) qualquer produto do fazer humano é um índice mais explícito ou menos explícito do modo como foi produzido. Uma obra arquitetônica como produto de um fazer, por exemplo, é um índice dos meios materiais, técnicos, construtivos do seu espaço tempo, ou melhor, da sua história e do tipo de força produtiva empregada na sua construção" (SANTAELLA, 1983, p. 66). Já para Isaac Epstein "os índices são aqueles signos nos quais a relação signo-objeto S(O) é uma relação direta, causal e real com seu objeto" (EPSTEIN, 1992, p. 50).

[88] Partindo das categorias do fenômeno semiótico de Sanders Pierce (primeiridade, secundidade e terceiridade), Lúcia Santaella define símbolo: "Quanto às tríades ao nível de terceiridade, elas comparecem quando, em si mesmo, o signo é de lei (legi-signo). Sendo uma lei, em relação ao seu objeto o signo é um símbolo. Isto porque ele não representa seu objeto em virtude do caráter de sua qualidade (hipoícone), nem por manter em relação ao seu objeto uma conexão de fato (índice), mas extrai seu poder de representação porque é portador de uma lei que, por convenção ou pacto coletivo, determina que aquele signo represente seu objeto" (SANTAELLA, 1983, p. 67).

(índice)[89] (SANTAELLA, 1983, 2004). Sendo assim, converter um signo à condição de símbolo equivale a dizer que ele detenha algum significado para alguém.

Desta maneira, nossa atividade reside em constatar se os signos rupestres correspondem a unidades significativas de linguagem, a símbolos. Foi partindo destas perspectivas que adotamos a noção de gramática sugerida por Marcel Otte, professor da Universidade Católica de Liège, que busca estudar as representações rupestres considerando os seus conteúdos formais, levantando os elementos que possibilitem entender os códigos organizacionais das representações e não, necessariamente, as intenções por trás destas (OTTE, 1997, 2006, 2007). De acordo com Otte, as representações rupestres solicitam do investigador a leitura de diversas variáveis adequadas aos estudos, que devem pautar-se em aspectos distintos da realidade abordada, que vão desde a observação do contexto e forma (a relação existente entre a imagem e o espaço de representação), do arranjo (como esses elementos estão associados internamente no sítio), da combinação (quais são as recorrências existentes nos arranjos), da transferência (quando combinações podem sugerir novas expressões gráficas e, portanto, novas leituras dos contextos), da textura (que observa as características texturais dos pigmentos, como granulometrias, densidade, relevo, materiais), da apresentação (como os grafismos estão dispostos), até as cores (observando semelhanças, concordâncias, dissonâncias, efeitos etc.).

Desta maneira, a partir da associação destes elementos teríamos a possibilidade de falar na existência de uma gramática. Portanto, constitui a gramática de um sítio de representações rupestres a combinação de uma série de variáveis extraídas dos contextos arqueológicos, que lidas conjuntamente compõem perfis gráficos[90] significativos, relacionados às populações que fizeram as pinturas. Transpondo este princípio para a leitura dos contextos culturais, uma

[89] As discussões acerca dos signos e símbolos têm suas raízes já no século XVII, mas foram extremamente difundidas na semiótica e linguística a partir do final do século XIX, com base nos estudos realizados por ícones destas áreas como Charles Sanders Pierce, Ferdinand de Saussure (considerado pai da semiologia) e, mais recentemente, Louis Hjelmslev, Humberto Eco, Roman Jakobson e Morris e Greimas. Para uma visão geral acerca deste tema sugerimos a leitura de "A teoria geral dos signos", de Lúcia Santaella (São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004).

[90] Discussão com princípios semelhantes, mas com um repertório vocabular distinto, estabelece Anne Marie Pessis. Segundo esta autora, o perfil gráfico de um sítio é constituído pelos aspectos tecnológicos, temáticos e cenográficos (PESSIS, 1993, p. 12). Aliado ao conceito de perfil gráfico, Pessis propõe o de identidades gráficas, que são "(...) constituídas por um conjunto de características que permitem atribuir um conjunto de grafismos a uma determinada autoria social" (PESSIS, 1993, p. 12); Pessis complementa a ideia ao afirmar que as "(...) identidades gráficas (...) poderão ser estabelecidas a partir de um conjunto de sítios nos que se dispõe de perfis gráficos (...)" (PESSIS, 1993, p. 11). Por sua vez, de acordo com Raoni Valle, "O perfil gráfico expressa juntamente com as características das formas (morfologias) as disposições espaciais destas formas (características cenográficas), as propriedades visíveis das técnicas de execução do gravado, a reconstituição das cadeias operacionais de confecção, matéria-prima do suporte e reconstituições hipotéticas gestuais e instrumentais. O conjunto de padrões gráficos assinalados no perfil de uma determinada área arqueológica caracteriza a identidade gráfica do acervo rupestre respectivo" (VALLE, 2003, p. 7).

gramática sugeriria uma realidade social vivida por trás das representações gráficas, sem entrar nas intenções que estariam subjacentes a elas (OTTE, 1997, p. 20-21).

Um dos princípios que regem a ideia de gramática é o de que a recorrência de ícones idênticos, associados com outros ícones e dispostos de maneira semelhante em diferentes espaços, representa ideias iguais. Ou seja, estamos tratando as representações rupestres como códigos de linguagem, intencionalmente elaborados e com princípios rígidos de confecção, culturalmente determinados, a ponto de serem identificáveis por distintos indivíduos que detinham os mecanismos de leitura e compreensão das representações. Assim, a sugestão do uso da noção de gramática nasce da nossa compreensão de que as representações rupestres sugiram códigos gráficos específicos, dos quais jamais saberemos os significados, mas que nos possibilitarão, numa perspectiva regional, reconhecer as normas explícitas na confecção dos sítios rupestres e caracterizar territórios particulares de uso de determinadas populações que tinham como elo comum as representações rupestres. Ademais, tais representações entendidas como gramática, no plano dos significados, permitem três outras considerações que podem ser atribuídas aos indivíduos que confeccionaram os signos: 1) que eles tinham a possibilidade de cifrar ideias a partir de códigos gráficos; 2) que a representação por códigos gráficos possibilitava a transmissão de ideias para outros indivíduos; 3) e que estas ideias estariam materializadas e propagadas para além da permanência física do indivíduo no espaço.

Assim, partindo do pressuposto da existência de significados subjacentes aos sítios de representação rupestre, através da noção de gramática, interessa-nos compreender quais unidades significativas de linguagem compõem o conjunto de sítios estudados. Para tanto, nos estudos aqui levados a cabo, tomamos como parâmetros para a leitura arqueológica da gramática os espaços de inserção dos sítios, as litologias dos suportes rochosos, os modelamentos naturais da paisagem (as unidades geomorfológicas/arqueológicas), as formas gráficas dos signos, as técnicas de representação, as cores utilizadas para representação e as superposições e sobreposições entre signos e painéis pictóricos. Estas variáveis foram observadas de maneira conjunta para compreender se, efetivamente, dispomos de gramáticas específicas, portanto, unidades simbólicas associadas aos signos representados por populações humanas que viveram no Piemonte da Chapada Diamantina. Entendemos que as condições específicas (as variáveis) observadas nos sítios rupestres podem indicar a intencionalidade de escolha de locais específicos no suporte rochoso para a confecção de certos motivos,

representados em situações igualmente específicas e que, por estas características, levavam consigo significados particulares.

Cabe dizer ainda que, na nossa percepção, este olhar aplicado às representações permite superar o problema identificado, no primeiro capítulo deste trabalho, sobre a canalização de energia do pesquisador para a observação dos sítios com pinturas reconhecíveis no nosso plano cognitivo, com motivos figurativos, em oposição aos sítios com pinturas geométricas negligenciados nos estudos, na medida em que paira no meio científico um entendimento de que as representações geométricas são universais e, desta forma, seriam demasiadamente genéricas para a construção de contextos arqueológicos. O pressuposto da existência de significados associado à nossa experiência no estudo de representações rupestres com padrões geométricos no Piemonte da Chapada Diamantina têm sugerido que, apesar de geométricos, a maneira com que os motivos estão dispostos e associados nos sítios dão possibilidade de perceber particularidades para a interpretação arqueológica, que indicariam repertórios gráficos significativos relacionados às sociedades que se apropriaram da região.

Em síntese, os signos geométricos compreendidos pelas suas normas próprias de confecção e disposição nos sítios, a dita gramática, passam a ser vistos como importantes elementos para as interpretações arqueológicas de contextos regionais. Saímos, portanto, da impossibilidade para um cenário mais profícuo.

3.2. OS TRABALHOS E OS PROCEDIMENTOS DE CAMPO E LABORATÓRIO

Uma vez apresentada a maneira pela qual percebemos os sítios de representações rupestres, passemos a compreender as atividades executadas para o levantamento dos sítios e dos dados deste trabalho de pesquisa, em campo e em laboratório.

No que tange as **atividades de campo**, a primeira incursão na área de pesquisa teve duração de 5 dias e foi realizada no mês de outubro de 2007[91], quando percorremos a região conhecendo fisicamente o universo no qual iríamos investir no mapeamento, de forma a possibilitar mensurar os recursos que seriam necessários para as pesquisas arqueológicas que

[91] Estiveram nesta visita o Prof. Dr. Carlos Etchevarne, a Profa. Dra. Maria Rosário Gonçalves de Carvalho, ambos da Universidade Federal da Bahia, e Júlio César Mello de Oliveira, estudante do mestrado em arqueologia da Universidade de Coimbra. Para além da visita a sítios arqueológicos e reconhecimento da região, motivava esta visita ao município auxiliar a criar meios para a preservação de sítios arqueológicos, que estavam sendo impactados pela mineração ilegal, além de apoiar a criação de um museu municipal de arqueologia em Jacobina.

pretendíamos desenvolver. O efetivo mapeamento de sítios ocorreu posteriormente, de maneira ininterrupta, durante 18 meses, entre fevereiro de 2009 e agosto de 2010. Uma vez localizados os sítios é que se passava para as atividades particulares, executadas em etapas programadas pontualmente. Assim, além das atividades de mapeamento, ao longo deste período de 18 meses foram realizadas quatro campanhas de campo específicas, com a finalidade de estudar sistematicamente as representações rupestres: 10 dias em fevereiro de 2009; 10 dias em setembro de 2009; 15 dias em janeiro de 2010; e 5 dias em agosto de 2010, totalizando 40 dias de atividades. Para a realização dessas etapas de campo, seja de mapeamento ou de estudo dos sítios, contamos com uma equipe de, basicamente, três pessoas: o Autor, um guia local[92] e um estudante de graduação em museologia que realizava estágio em arqueologia junto ao projeto de doutoramento[93]. Exceção se faz à campanha de janeiro de 2010, na qual contamos com a participação dos orientadores de doutoramento[94], de um estudante de graduação em arqueologia[95] e de um cientista social com atuação técnica em arqueologia[96].

Antes de nossas atividades no Piemonte da Chapada Diamantina, os únicos dados arqueológicos conhecidos resumiam-se ao registro de 3 sítios realizado em 2007 pela equipe coordenada por Carlos Etchevarne: Morro Santo Antônio (Bananeira) e Toca do Fole (Tombador Alto) em Jacobina; e Jenipapo em Saúde (ETCHEVARNE, 2007, p. 255-256). Desta maneira, praticamente inexistiam dados arqueológicos que nos possibilitassem parâmetros para a observação desta área. Justamente por isto, para o planejamento das atividades de campo, contamos com o conhecimento prévio que obtivemos durante a visita de outubro de 2007, além de compulsarmos a cartografia disponível – fotos aéreas, cartas de vegetação, relevos, hidrologia, solos, geologia e, também, dados administrativos (toponímias, por exemplo) e sociais da região. Valemo-nos, ainda, dos conhecimentos que o nosso guia tinha da localidade, sobretudo para seguir as melhores rotas e, dessa forma, ter acesso às áreas mais difíceis das serras.

---

[92] Pedro dos Santos, cidadão de Jacobina, conhecedor de toda a região, figura fundamental nas atividades de campo.

[93] Gilcimar Costa Barbosa, na ocasião estudante de museologia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, hoje já formado, que realizava sob a orientação do Autor uma bolsa de Iniciação Científica financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado Bahia (Fapesb).

[94] Profa. Dra. Maria da Conceição Lopes, da Universidade de Coimbra, e Prof. Dr. Carlos Alberto Etchevarne, da Universidade Federal da Bahia.

[95] Murilo Muritiba Araújo, estudante da graduação em arqueologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco e cidadão de Jacobina.

[96] Leandro Max Peixoto, na ocasião associado ao Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia.

Mantivemos como base das atividades o município de Jacobina, epicentro da área de pesquisa. Para chegar aos setores previamente selecionados no planejamento dos trabalhos de campo, dispúnhamos de um automóvel, que foi exclusivamente utilizado para conduzir-nos às zonas mais próximas daquelas que seriam mapeadas. Como, de modo geral, tais setores não dispõem de vias adequadas para veículos automotores, visto que elas são de acesso limitado, impôs-se a nós, membros da equipe da investigação, realizar grandes caminhadas para chegar aos destinos desejados, de forma que não raro dormíamos em campo em alguns dias, senão semanas inteiras.

Uma vez localizados os sítios, era executado um breve registro, com tomada das coordenadas geográficas em UTM[97], que serviu para auxiliar o retorno para as atividades mais detalhadas. Como informamos, em função de a área ser praticamente desconhecida do ponto de vista arqueológico, e justamente pela ausência de parâmetros que nos permitissem determinar setores potencialmente mais propícios ao mapeamento, optamos por não excluir áreas para observação, de forma que procedemos ao caminhamento sistemático em todas as localidades, exceto aquelas em que nos foi impossibilitado o acesso ou que colocava em risco, por questões de segurança, os membros da equipe. Este procedimento levou-nos a mapear de maneira total um trecho de 40 km da Serra do Tombador e de maneira amostral a Serra de Jacobina e a Depressão Sertaneja. Assim, conseguimos levantar um conjunto de 49 sítios de pintura em 86 unidades geomorfológicas/arqueológicas (delimitações que serão mais bem esclarecidas à frente), conforme se vê na tabela a seguir:

TABELA 4: Sítios rupestres localizados no Piemonte da Chapada Diamantina (Bahia, Brasil)

Nº	Sítio	Zona	UTM E	UTM N	Altitude	Data
1	As Moitas – unidade 1 – início	24L	0319068	8783712	800 m	22/1/2010
	As Moitas – unidade 2	--	---	---	---	22/1/2010
	As Moitas – unidade 3	--	---	---	---	22/1/2010
	As Moitas – unidade 4	--	---	---	---	22/1/2010
	As Moitas – unidade 5 – final	24L	0319113	8783674	807 m	22/1/2010
2	Bananeira ou Morro do Santo Antônio	24L	0335993	8763181	507 m	9/9/2009
3	Barragem do Cantinho	24L	0317554	8777324	837 m	4/9/2009
4	Cambaitira I ou Bomba – unidade 1	24L	0320153	8776106	926 m	21/2/2009
	Cambaitira I ou Bomba – unidade 2	24L	0320149	8776150	886 m	21/2/2009
5	Cambaitira II ou Morro do João Pombinho I – unidade 1	24L	0320579	8774893	776 m	2/9/2009
	Cambaitira II ou Morro do João Pombinho I – unidade 2	24L	0320579	8774893	776 m	2/9/2009
6	Cambaitira III ou Morro do João Pombinho II – unidade 1	24L	0320611	8774785	879 m	2/9/2009
	Cambaitira III ou Morro do João Pombinho II – unidade 2	24L	0320593	8774765	882 m	2/9/2009

[97] *Universal Transverse Mercator* (Projeção Universal Transversal de Mercator). Para a tomada das coordenadas utilizamos um aparelho receptor GPS da marca e modelo Garmin Etrex Vista HCx, configurado com o Datum *South American 69*.

Nº	Sítio	Zona	UTM E	UTM N	Altitude	Data
	Cambaitira III ou Morro do João Pombinho II – unidade 3	24L	0320593	8774765	882 m	2/9/2009
	Cambaitira III ou Morro do João Pombinho II – unidade 4	24L	0320593	8774765	882 m	2/9/2009
	Cambaitira III ou Morro do João Pombinho II – unidade 5	24L	0320593	8774765	882 m	2/9/2009
7	Da Lua	24L	0336809	8760230	516 m	8/1/2010
8	Fazenda Caldeirão I – unidade 1	24L	0317984	8781832	739 m	5/9/2009
	Fazenda Caldeirão I – unidade 2	24L	0317926	8781886	786 m	5/9/2009
9	Fazenda Caldeirão II	24L	0318567	8781190	849 m	5/9/2009
10	Fazenda Caldeirão III	24L	0318134	8781953	801 m	5/9/2009
11	Fazenda Caldeirão IV – unidade 1	24L	0318200	8781853	794 m	5/9/2009
	Fazenda Caldeirão IV – unidade 2	24L	0318162	8781872	786 m	5/9/2009
12	Gogó da Gata – unidade 1	24L	0316398	8763274	873 m	10/1/2010
	Gogó da Gata – unidade 2	24L	0316398	8763274	873 m	10/1/2010
	Gogó da Gata – unidade 3	24L	0316398	8763274	873 m	10/1/2010
13	Igrejinha da Borda da Serra (Taquarandi) – unidade 1	24L	0311200	8796512	643 m	22/2/2009
	Igrejinha da Borda da Serra (Taquarandi) – unidade 2	24L	0311200	8796512	643 m	22/2/2009
14	Jenipapo (Saúde)	24L	0350833	8781825	615 m	10/9/2009
15	Macaqueira	24L	0335771	8766042	498 m	8/1/2010
16	Morro do Cruzeiro I	24L	0319358	8777628	923 m	4/9/2009
17	Morro do Cruzeiro II – unidade 1	24L	0319805	8778813	907 m	4/9/2009
	Morro do Cruzeiro II – unidade 2	24L	0319805	8778813	907 m	4/9/2009
18	Olho D'água I – unidade 1	24L	0317429	8782568	775 m	17/1/2010
	Olho D'água I – unidade 2	24L	0317429	8782568	775 m	17/1/2010
	Olho D'água I – unidade 3	24L	0317429	8782568	775 m	17/1/2010
	Olho D'água I – unidade 4	24L	0317429	8782568	775 m	17/1/2010
19	Olho D'água II	24L	0318013	8784098	673 m	6/8/2010
20	Olho D'água III	24L	0318472	8783845	702 m	6/8/2010
21	Olho D'água IV	24L	0319148	8783683	806 m	6/8/2010
22	Pé de Serra	24L	0323797	8783882	906 m	13/2/2009
23	Pedra Pintada (início) Pedra Pintada (meio) Pedra Pintada (final)	24L 24L 24L	0269050 0268977 0268914	8819546 8819552 8819492	649 m 676 m 693 m	23/2/2009 23/2/2009 23/2/2009
24	Pilões ou Barriguda	24L	0330293	8776094	524 m	20/2/2009
25	Rio dos Alves	24L	0336288	8773516	579 m	6/8/2010
26	Rio Preto I	24L	0318598	8785924	718 m	16/1/2010
27	Rio Preto II	24L	0318982	8785634	734 m	16/1/2010
28	Rio Preto III	24L	0320067	8785910	761 m	16/1/2010
29	Rio Preto IV	24L	0319780	8786296	767 m	16/1/2010
30	São Judas Tadeu I	24L	0315266	8762970	920 m	17/2/2009
31	São Judas Tadeu II	24L	0314637	8764392	906 m	17/2/2009
32	São Judas Tadeu III	24L	0314733	8764510	895 m	18/2/2009
33	São Judas Tadeu IV – unidade 1	24L	0314725	8764560	904 m	18/2/2009
	São Judas Tadeu IV – unidade 2	24L	0314725	8764560	904 m	18/2/2009
	São Judas Tadeu IV – unidade 3	24L	0314725	8764560	904 m	18/2/2009
34	São Judas Tadeu V – unidade 1	24L	0316105	8763086	920 m	3/9/2009
	São Judas Tadeu V – unidade 2	24L	0316091	8763086	920 m	3/9/2009
	São Judas Tadeu V – unidade 3	24L	0316163	8763102	922 m	3/9/2009
35	São Judas Tadeu VI	24L	0316432	8763432	908 m	3/9/2009
36	São Judas Tadeu VII	24L	0316321	8763273	920 m	3/9/2009
37	Seixos	24L	0327881	8786636	837 m	9/1/2010
38	Serra do Cílio I	24L	0314047	8755286	955 m	7/9/2009
39	Serra do Cílio II – unidade 1	24L	0314277	8756480	965 m	8/9/2009

Nº	Sítio	Zona	UTM E	UTM N	Altitude	Data
	Serra do Cílio II – unidade 2	24L	0314273	8756491	990 m	8/9/2009
40	Serra do Cílio III – unidade 1	24L	0314282	8756317	994 m	8/9/2009
	Serra do Cílio III – unidade 2	24L	0314282	8756317	994 m	8/9/2009
	Serra do Cílio III – unidade 3	24L	0314282	8756317	994 m	8/9/2009
	Serra do Cílio III – unidade 4	24L	0314282	8756317	994 m	8/9/2009
41	Serra do Tamanco – unidade 1	24L	0313287	8753838	897 m	7/9/2009
	Serra do Tamanco – unidade 2	24L	0313295	8753901	923 m	7/9/2009
42	Tombador Alto ou Fole – unidade 1	24L	0317029	8766648	954 m	15/2/2009
	Tombador Alto ou Fole – unidade 2	24L	0317025	8766686	952 m	15/2/2009
	Tombador Alto ou Fole – unidade 3	24L	0317023	8766716	957 m	15/2/2009
	Tombador Alto ou Fole – unidade 4	24L	0317063	8766742	956 m	15/2/2009
	Tombador Alto ou Fole – unidade 5	24L	0317100	8766786	952 m	15/2/2009
	Tombador Alto ou Fole – unidade 6	24L	0317073	8766770	950 m	15/2/2009
	Tombador Alto ou Fole – unidade 7	24L	0317066	8766764	949 m	15/2/2009
	Tombador Alto ou Fole – unidade 8	24L	0317057	8766796	947 m	15/2/2009
	Tombador Alto ou Fole – unidade 9	24L	0317122	8766832	951 m	15/2/2009
43	Tombador de Cima I ou Encruzilhada	24L	0316793	8770860	827 m	16/2/2009
44	Tombador de Cima II	24L	0316242	8768574	895 m	16/2/2009
45	Tombador de Cima III	24L	0316203	8768282	872 m	16/2/2009
46	Três Coqueiros I - unidade 1	24L	0317839	8772466	893 m	3/9/2009
	Três Coqueiros I - unidade 2	24L	0317856	8772479	901 m	3/9/2009
47	Três Coqueiros II	24L	0317736	8772029	908 m	3/9/2009
48	Três Coqueiros III	24L	0317469	8773922	778 m	9/9/2009
49	Várzea Nova I ou Conceição	24L	0290089	8768125	642 m	9/9/2009

Uma vez localizados, a visita de retorno era realizada com o intuito de proceder ao estudo específico dos sítios. Para tanto, adotamos um protocolo padrão com quatro etapas a serem executadas invariavelmente em cada sítio, com a finalidade de levantar dados coerentes entre si, que pudessem ser comparáveis do ponto de vista quantitativo (estatístico) e qualitativo (descritivo), além de, também, auxiliar para que não fossem esquecidas informações mínimas a serem levantadas na pesquisa. Constituiu o protocolo de procedimentos:

1. Registro descritivo em ficha pré-definida;
2. Protocolo de registro fotográfico;
3. Croqui das unidades geomorfológicas/arqueológicas;
4. Anotações livres no caderno de campo.

A ficha pré-definida utilizada para o registro dos sítios foi elaborada e adotada, anteriormente, por Carlos Etchevarne para os estudos que coordenou em sítios rupestres na Bahia, entre os anos de 2006 e 2007. Para a nossa pesquisa foram realizadas pequenas mudanças, com vistas a adequá-la à realidade à qual as fichas estavam sendo aplicadas. Com o intuito de evitar inconsistências, distorções ou divergências nas informações prestadas, os campos da ficha

seguem com respostas pré-definidas, de modo que o preenchimento apenas consiste na marcação da opção adequada ao local em apreço. Para situações imprevistas existem também campos abertos para registros livres.

Intitulada “Ficha de registro de sítios com representações rupestres”, tal instrumento de trabalho é formalmente dividido em sete campos, com orientações informativas correlatas, mas distintas, que apreendem: a identificação do sítio; as características ambientais nas quais o sítio se insere; as características de inserção do sítio na paisagem; os tipos de locais utilizados como sítio; o estado de conservação; a descrição dos grafismos; e a análise do conjunto gráfico; além de observações, que é um campo de livre descrição. Como se pode perceber, à medida que se vai aprofundado no conhecimento físico do sítio, vão sendo agregadas informações de natureza analítica, de maneira a permitir uma leitura inicial do espaço abordado. Assim é a ficha:

REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA, BAHIA, BRASIL
FICHA DE REGISTRO DE SÍTIOS COM REPRESENTAÇÕES RUPESTRES

IDENTIFICAÇÃO DO SÍTIO												
NOME DO SÍTIO						Nº REGISTRO		DATA REGISTRO				
CADASTRO IPHAN	SIM		NÃO			Nº CADASTRO		ANO CADASTRO				
PESQUISADOR												
ESTADO			MUNICÍPIO				REGIÃO					
LOCALIDADE												
COORDENADAS GEOGRÁFICAS	ZONA		E			N		ALT. (m)				
PROPRIEDADE	MUNICIPAL		ESTADUAL			FEDERAL		PARTICULAR				
INFORMANTE DA ÁREA												
ENDEREÇO INFORMANTE												
TEL. INFORMANTE												
NOME DA PROPRIEDADE												
NOME PROPRIETÁRIO												
TEL. PROPRIETÁRIO												

CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ÁREA												
CLIMA										ALT. (m)		
RELEVO	DOLINA		FUNDO DE VALE		CUME		MEIA ENCOSTA		MARGEM DE RIO			
OUTROS												
VEGETAÇÃO	PRIMÁRIA						SECUNDÁRIA					
	CAATINGA		CERRADO				OUTRA					
HIDROGRAFIA	RIO		RIACHO		CÓRREGO				LAGOA			
	NASCENTE		MINADOURO		OLHO D'ÁGUA				BREJO			

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO				
	DESDE O SÍTIO		PARA O SÍTIO	
	EXCELENTE		EXCELENTE	
	BOA		BOA	
	REGULAR		REGULAR	

	ESCASSA		ESCASSA		
	NULA		NULA		

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO COM PAINÉIS						
CLASSIFICAÇÃO DO SUPORTE ROCHOSO	ABRIGO		CAVERNA		PAREDÃO	
	LAPA		MATACÃO		LAJEDO	
	GRUTA		LOCA		OUTROS	
IDENTIFICAÇÃO GEOLÓGICA DO SUPORTE ROCHOSO	ARENITO		ARENITO SILICIFICADO		CALCÁRIO	
	GRANITO		QUARTZO		QUARTZITO	
	OUTROS					
IDENTIFICAÇÃO DO SOLO	ARENOSO		ARENO / ARGILOSO		HUMÍFERO	
	ROCHOSO		TERRA ROXA		OUTROS	

PRESERVAÇÃO						
GRAU DE PRESERVAÇÃO	ÓTIMO		BOM		RUIM	
EXPOSIÇÃO AGENTES NATURAIS	INSOLAÇÃO		CHUVA		VENTO	
DETERIORAÇAO ANTRÓPICA	QUEIMADAS		MINERAÇÃO		PICHAÇÕES	
	QUEBRA INTENCIONAL		FOGUEIRA		OUTROS	

CARACTERÍSTICAS DAS REPRESENTAÇÕES														
QTD PAINÉIS		TIPO DE REPRESENTAÇÃO		PINTURA		GRAVURA								
ORIENTAÇÃO (PONTOS CARDEAIS)														
N		NE		E		SE		S		SO		O		NO
TÉCNICA APLICADA														
DESENHO		PINTURA		RASPAGEM		PICOTAGEM								
INSTRUMENTOS UTILIZADOS														
GRAVETO		GIZ		CARVÃO		PERCUTOR								
PINCEL FINO		PINCEL GROSSO		DEDO		OUTRO								
DIMENSÕES DO SUPORTE				DIMENSÕES DOS PAINÉIS										
VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS														
COMPLETA		PARCIAL		ESCASSA		NULA								
PIGMENTOS														
MONOCROMÁTICO		BICROMÁTICO		POLICROMÁTICO										
MOTIVOS														
ANTROPOMORFO		ZOOMORFO		FITOMORFO		GEOMÉTRICO		BORRÃO						
ANTROPOMORFO		ZOOMORFO		FITOMORFO		GEOMÉTRICO								
POSICIONAMENTO DOS GRAFISMOS NO ABRIGO														
TETO		LAJEDO		PAREDE										
DIREÇAO DO GESTO NA AÇÃO DE PINTAR														
DA ESQUERDA PARA A DIREITA		DA DIREITA PARA A ESQUERDA												
DE CIMA PARA BAIXO		DE BAIXO PARA CIMA												

PROPORÇÕES EM UM MESMO PAINEL E ENTRE PAINÉIS DIFERENTES														
ORDEM TEMPORAL														
ANTIGO		MÉDIO		RECENTE										
PREDOMINÂNCIA														
ANTROPOMORFO		ZOOMORFO		FITOMORFO		GEOMÉTRICO		BORRÃO						
ANTROPOMORFO		ZOOMORFO		FITOMORFO		GEOMÉTRICO								
TIPOS DE REGISTRO DO SÍTIO														
FOTOGRAFIA		CADERNO DE CAMPO		DESENHO		FICHA								

POSSIBILIDADE DE ESCAVAÇÃO	SIM		NÃO	
RESPONSÁVEL PELO REGISTRO	EQUIPE PRESENTE EM CAMPO			
OBSERVAÇÕES				

Ainda que os campos da ficha privilegiassem informações pré-definidas, de modo a reduzir imensamente o risco de distorções de informações, como medida de prevenção, com o propósito de evitar que o preenchimento do formulário fosse feito de maneira distinta entre os membros da equipe, foi adotado um nomenclator que define cada campo da ficha, o qual está apresentado no início do apêndice 1 deste trabalho. Além do mais, havia membros da equipe habilitados a preenchê-la, que, por sua vez, estavam em constante contato entre si, de forma a evitar registros destoantes.

Em gabinete todas as fichas foram revisadas e digitalizadas. Ao todo foram preenchidas 49 fichas, correspondentes aos sítios pesquisados, que se encontram no apêndice 1. São os dados registrados nestes documentos, portanto, que constituirão a base inicial para as análises estatísticas e qualitativas da região abordada.

O segundo procedimento, o protocolo de registro fotográfico, consiste numa série de instruções sobre as tomadas que deveriam ser consideradas para o levantamento imagético do sítio, de modo que as fotografias resultantes possibilitassem a apreensão dos dados preenchidos na ficha. Ou seja, trata-se de um procedimento distinto, mas complementar ao primeiro, uma vez que tem a função de apresentar dados correlatos, senão os mesmos, a partir de outro suporte de informação. Isto, por um lado, possibilita o registro diversificado do sítio, passível de retorno a quem tiver interesse nestas informações e, por outro, permite a revisão dos dados levantados sobre o sítio em gabinete. Assim, existiam tomadas fotográficas destinadas a apreender o ambiente circundante ao sítio, à unidade geomorfológica/arqueológica, ao painel e aos signos.

No que concerne ao registro do ambiente circundante, partindo do sítio se fazia uma sequência fotográfica das condições de visualização. Ou seja, buscava-se registrar como se vê o ambiente a partir do sítio, sempre iniciando a sequência fotográfica da esquerda para a

direita. As fotografias eram enquadradas de tal maneira que existisse uma justaposição na imagem que coincidisse com parte da imagem consecutiva, de modo a ser possível a realização de montagens. A primeira e a última fotografia apreendiam os limites extremos do suporte rochoso utilizado como sítio. A tomada fotográfica do ambiente circundante dependerá necessariamente da condição de visualização, de modo que ela registrará aquilo que pode ser enxergado a partir do sítio. Disto depreende-se a constatação de que em alguns contextos esta tomada será possível totalmente, parcialmente ou não será realizada pela própria impossibilidade de apreender o ambiente circundante em função da existência de obstáculos na paisagem.

IMAGEM 56: Exemplo da tomada fotográfica do ambiente circundante a partir do sítio Igrejinha. O conjunto de imagens acima apresenta como elas são geradas em campo; abaixo uma panorâmica de 180º a partir da fotomontagem. Notar que os limites da área de visualização são os próprios limites do suporte rochoso. Fotos e montagem: Autor, fevereiro de 2009.

Com relação às tomadas fotográficas destinadas a apreender a unidade geomorfológica/arqueológica, elas foram feitas com o intuito de demonstrar qual era o local do modelamento da paisagem no qual os sítios estavam instalados: abrigo, gruta, lapa, loca, parede ou paredão, caverna, matacão e lajedo. Assim, as imagens buscavam registrar o local a partir de, pelo menos, três perspectivas: frontal, a partir da direita para a esquerda e a partir da esquerda para a direita. Exceção se fez aos sítios cujo ambiente não favorece a tomada fotográfica nos sentidos preestabelecidos, uma vez que sua forma impõe ao investigador a necessidade de registros complementares, que permitam a compreensão da unidade analisada, a exemplo dos matacões, lajedos, cavernas e algumas lapas. Ou, de outra maneira, quando o local de inserção do sítio dispõe de obstáculos, notadamente a vegetação e/ou rochas, que impossibilitam alguma das tomadas fotográficas pré-definidas, senão todas.

IMAGEM 57: Exemplo da tomada fotográfica da unidade geomorfológica/arqueológica do sítio Morro do Cruzeiro I. Na primeira imagem, tomada da esquerda para a direita; na segunda imagem, tomada frontal; e na terceira imagem, tomada da direita para a esquerda. Fotos: Autor, setembro de 2009.

Além destas, foram realizadas tomadas fotográficas com o intuito de registrar os painéis e os signos. Com relação ao registro dos painéis, as fotos foram executadas de modo a registrar o posicionamento no relevo no qual as pinturas estavam aplicadas – teto, parede ou lajedo – e os seus limites do suporte ou da área pintada. Assim, eram registradas as relações formais entre a área pintada e a forma da unidade geomorfológica/arqueológica, bem como as relações formais internas dos painéis, percebendo-se a associação de signos entre si que porventura fosse identificada.

Com relação aos registros fotográficos específicos dos signos, eles eram feitos depois de mapeada a sua distribuição na unidade geomorfológica/arqueológica. De posse da informação de quais os signos existentes e onde eles estavam, procedia-se às tomadas fotográficas, de painel a painel, de signo a signo, respeitando a orientação da esquerda para a direita e de baixo para cima nas tomadas. Cada signo teve, no mínimo, duas fotografias, uma com escala e outra sem escala.

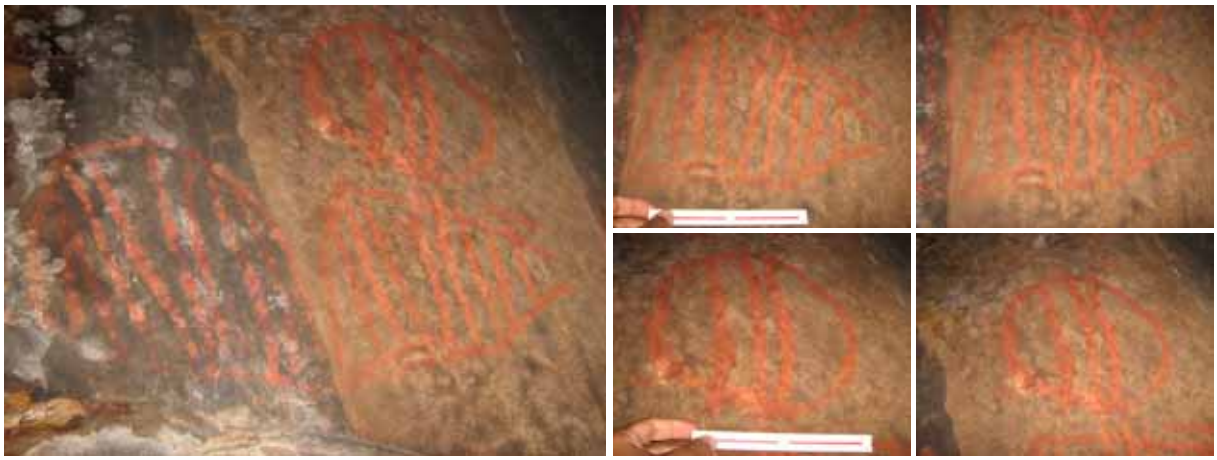


IMAGEM 58: Exemplo da tomada fotográfica de um painel e de signos no mesmo painel no sítio Fazenda Caldeirão I unidade 1. Foto: Autor, setembro de 2009.

Além das imagens anteriormente descritas, foram feitos registros fotográficos gerais do ambiente, com o intuito de demonstrar como se encontra a paisagem na qual estão os sítios, a exemplo daquelas apresentadas no capítulo 2. Todos os procedimentos adotados nos possibilitaram um montante de 4.770 fotografias, que registram os signos, os painéis, os sítios e as paisagens, bem como situações gerais de campo. As imagens encontram-se organizadas com o nome do sítio, separadas por unidade geomorfológica/arqueológica e disponíveis num CD apensado à tese de doutoramento, identificado como apêndice 8.

Outro procedimento destinado à documentação dos contextos analisados foi a execução de croquis dos espaços utilizados como sítios, naturalmente modelados na paisagem, as unidades geomorfológicas/arqueológicas. Nestes croquis foram apresentadas as topografias dos espaços a partir de esboços de plantas, perfis, cortes e/ou frontais, registrando-se as medidas métricas dos locais, acompanhados, ainda, de uma escala gráfica, áreas escolhidas para a disposição dos painéis pictóricos e a orientação dos sítios. Todos os croquis estão apresentados com as mesmas convenções para as áreas abrigadas, os limites das rochas, a extensão dos corpos rochosos e áreas pintadas, que estão explicados em legendas que acompanham as imagens. Em gabinete, os croquis foram refeitos em suporte digital e encontram-se associados a cada uma das fichas de registro de sítios com representações rupestres, disponível no apêndice 1. Disto se deduz que, assim como as fotografias, os croquis constituem registros complementares, feitos com orientações informativas distintas das anteriores.

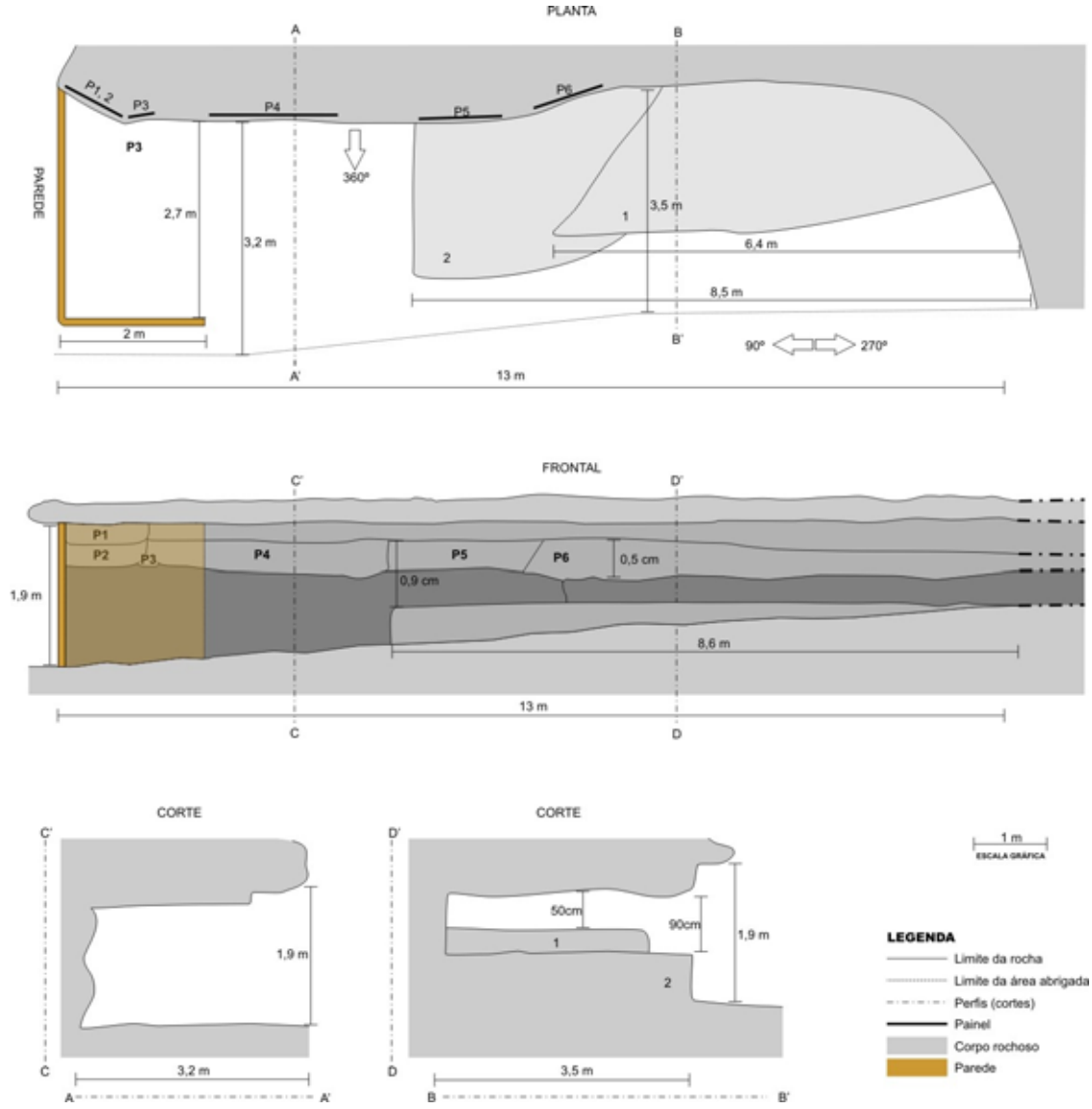


IMAGEM 59: Exemplo de croqui do sítio Barragem do Cantinho. Croqui: Autor. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.

Com exceção do sítio Rio Preto III, que entre a localização e a visita de registro teve o abrigo destruído pela mineração ilegal, por isto impossível de registro dos espaços naturalmente modelados, todos os sítios com suas respectivas unidades geomorfológicas/arqueológicas tiveram seus espaços esboçados em croquis.

Finalmente, o último procedimento adotado foram as anotações livres em caderno de atividades, que tinham basicamente duas finalidades. A primeira, de realizar registros complementares àqueles disponíveis nas fichas, fotografias e croquis, quando houvesse a necessidade de informações que possibilitassem o relacionamento dos diferentes suportes informativos. A segunda refere-se a registros gerais não contemplados nos suportes

informativos pré-definidos, de modo a possibilitar a apreensão de impressões, considerações, constatações, diálogos com moradores locais, verificações a serem realizadas, análises, revisões, dúvidas etc. Ou seja, trata-se de um registro livre acerca de diferentes situações de campo e gabinete, que poderiam ou não ser consideradas na pesquisa. Muitas destas impressões já estão apresentadas de maneira textual ao longo da tese de doutoramento, ou mesmo conduziram procedimentos analíticos apresentados à frente.

Enfim, podemos considerar que as atividades de campo até aqui apresentadas nos possibilitaram as informações básicas que compõem o "núcleo duro" de dados arqueológicos que serão considerados para as análises da região do Piemonte da Chapada Diamantina.

Por sua vez, no que diz respeito às **atividades laboratoriais** dos sítios, em gabinete, cabe dizer que elas foram divididas, basicamente, em dois momentos. O primeiro, relacionado à compreensão da inserção dos sítios no contexto ambiental; e o segundo, associado à análise dos conteúdos gráficos identificados nos sítios.

Para o primeiro momento analítico foram selecionados dados levantados em campo a partir das "Fichas de registro de sítios com representações rupestres" e dos croquis dos sítios (apêndice 1), de modo a possibilitar uma leitura abrangente da inserção dos sítios na paisagem e dos locais escolhidos para sítios rupestres. Para sistematizar esta análise, tais dados foram selecionados e organizados na "Tabela de síntese dos dados levantados nos sítios do Piemonte da Chapada Diamantina, Bahia", disponível no apêndice 2. Nas colunas estão dispostas as variáveis que caracterizam os sítios – nº, nome do sítio, coordenadas geográficas (zona, UTM E, UTM N e Alt.), relevo, hidrografia, visualização, visibilidade, morfologia do sítio, suporte rochoso, solo, preservação, deterioração por agentes naturais, deterioração antrópica, técnica de aplicação do pigmento, orientação, visualização dos painéis, cor dos pigmentos, signos representados e local de representação – e nas linhas as 86 unidades geomorfológicas/arqueológicas associadas aos 49 sítios identificados.

Aqui, por razões metodológicas, cabe retomar duas definições relacionadas, de natureza prática, para o ordenamento desta pesquisa. A primeira, discutida no segundo capítulo, a unidade geomorfológica/arqueológica, que corresponde às feições naturalmente modeladas na paisagem, utilizadas como parte constituinte dos sítios arqueológicos de representações rupestres. Referimo-nos, especificamente, aos espaços dos abrigos, grutas, lapas, locas,

paredes, paredões, cavernas, matacões e lajedos que foram identificados, escolhidos e, por razões culturais diversas, utilizados como suporte para as pinturas e gravuras rupestres.

Associado a esta definição está o sítio arqueológico de representações rupestres. Embora esta discussão pareça elementar do ponto de vista arqueológico, entendemos que ela se faz relevante em razão de percebermos que não existe consenso entre os investigadores das representações rupestres acerca de sua delimitação. Aliás, deve-se dizer que nem sequer identificamos esta discussão entre os autores, senão o uso direto e atribuição da ideia de sítio aos espaços distintos com representações rupestres. Ou seja, o que percebemos é que existem aplicações distintas da ideia de sítio em decorrência do entendimento que cada pesquisador tem dos espaços utilizados como tal.

A maior parte dos autores utilizados neste trabalho – entre os quais Andrei Isnardis, André Prous, Anne Marie Pessis, Celito Kestering, Daniele Luso, Gabriela Martín, Niède Guidon, Loredana Ribeiro – considera o sítio como o ponto específico utilizado como suporte para as pinturas e/ou gravuras rupestres. Seria o sítio, portanto, o espaço equivalente àquilo que chamamos de unidade geomorfológica/arqueológica. Sendo assim, a distância entre os espaços utilizados e as relações formais existentes entre as diferentes unidades geomorfológicas/arqueológicas parecem ser desconsideradas no momento de definir a área de ocupação. Esta opção leva a entender que dois abrigos com pinturas que se encontram distantes poucos metros um do outro, por constituírem unidades geomorfológicas/arqueológicas separadas, são considerados como sítios diferentes. Ou seja, despreza-se a inquestionável relação espacial existente entre as unidades. Outra situação são as unidades geomorfológicas/arqueológicas que, por questões do seu modelamento natural, detêm setores com formas distintas que permitem que parte do espaço seja definido como uma loca e outra parte como um abrigo, como o exemplo dos sítios Fazenda Caldeirão I, Rio Preto II e as unidades 3, 4, 5 e 7 do sítio Tombador Alto, que têm duas e até três formas de relevo associadas. Nesse sentido, deveríamos considerar cada espaço como um sítio?

Outro conjunto menor de autores – entre os quais Carlos Etchevarne, Fabiana Comerlato e o Autor destas linhas – entende a delimitação de um sítio rupestre de forma mais ampla. Primeiro, considera a existência da relação de reciprocidade entre espaços naturais e usos culturais conferidos aos espaços, de maneira que as relações formais das unidades geomorfológicas/arqueológicas com seu entorno e com os espaços pintados e/ou gravados deverão ser consideradas na delimitação do sítio. Assim, para a delimitação de um sítio de

representações rupestres, é preciso considerar unidades geomorfológicas/arqueológicas com relações formais do ponto de vista do testemunho geológico no qual se encontram inseridos os testemunhos antrópicos, as distâncias entre os espaços culturalmente utilizados, correlação dos relevos e da paisagem de inserção. Ou seja, buscam-se as relações formais do ponto de vista da paisagem na qual as unidades geomorfológicas/arqueológicas estarão inseridas. Sendo assim, poderá constituir um sítio uma ou mais unidades geomorfológicas/arqueológicas, dependendo das relações passíveis de ser identificadas no *lócus* de inserção. Foram estes princípios que nos levaram a identificar, para esta pesquisa, 86 unidades geomorfológicas/arqueológicas associadas a 49 sítios.

Feito este esclarecimento e retomando os parâmetros de análise, partindo da "Tabela de síntese dos dados levantados nos sítios do Piemonte da Chapada Diamantina, Bahia" (apêndice 2), realizamos análises quantitativa, percentual e gráfica individuais de cada indicador disponível, com o propósito de angariar dados seguros que favorecessem interpretações acerca da realidade analisada, de maneira a permitir a construção de parâmetros para leituras qualitativas do universo estudado. Esses são os dados levantados para a análise da inserção e relação dos sítios na paisagem, disponíveis no apêndice 3.

No segundo momento, aquele relacionado à análise da gramática, partindo dos registros fotográficos e do caderno de campo arrolamos os signos representados, levando em consideração, a princípio, as formas gráficas representadas, com o intuito de observar quais dos signos eram recorrentes e quais não eram recorrentes. Para efeito metodológico, foram considerados recorrentes os signos que aparecem em 2 ou mais sítios. Isso quer dizer que não é a quantidade de signos que determinará a sua recorrência, mas sim o seu aparecimento em diferentes sítios. Sendo assim, recorrência diferencia-se de ocorrência, pois este segundo princípio considera a quantidade de vezes que um signo aparece indiferentemente da quantidade de sítios[98]. Ou seja, a recorrência reflete a quantidade de sítios em que um mesmo signo aparece. Por seu turno, a ocorrência reflete a quantidade de vezes que um signo é registrado nos diferentes sítios.

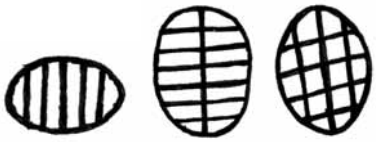
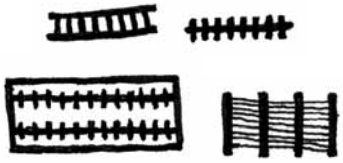
Uma vez identificadas as recorrências e as ocorrências, foram realizados desenhos e descritos os signos, de maneira a permitir identificar cada um dos elementos gráficos considerados.

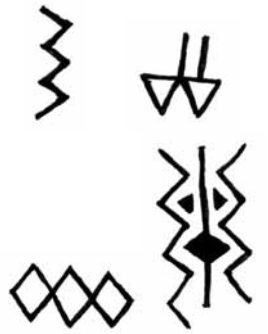
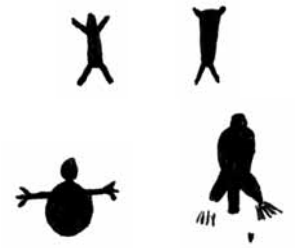
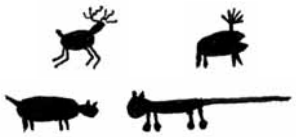
[98] Para exemplificar e deixar clara a diferença entre estes princípios, apresentamos o seguinte exemplo: um signo que aparece 10 vezes num mesmo sítio e não aparece em mais nenhum outro sítio não é considerado recorrente, senão uma manifestação gráfica isolada, ou seja, uma ocorrência. Entretanto, um signo que aparece apenas 2 vezes, mas representado em 2 sítios distintos, será considerado como recorrente.

Com o intuito de facilitar a apreensão dos signos identificados, para cada um foi atribuído um número, que será seu identificador durante todas as análises empenhadas, evitando-se que haja a necessidade de se valer de longas e desnecessárias descrições. Sendo assim, constituem os signos identificados:

TABELA 5: Tabela de classificação dos signos

Nº	Signo	Descrição
1		Signo recorrente. Dois bastonetes dispostos de forma paralela.
2		Signo recorrente. Três ou mais linhas paralelas com comprimentos regulares e distantes uniformemente uma das outras.
3		Signo recorrente. Três conjuntos do signo 2, alinhados horizontalmente e separados entre si com espaçamento regular.
4		Signo recorrente. Três ou mais linhas paralelas com comprimentos regulares e distantes uniformemente uma das outras, unidas na parte superior por uma linha horizontal.
5		Signo recorrente. Retângulo com cantos com aresta ou arredondado, dividido internamente por linhas, com espaços regulares.
6		Signo recorrente. Sequência de bastonetes separados entre si com espaçamentos regulares, formando um alinhamento disposto na horizontal.
7		Signo recorrente. Duas sequências de linhas paralelas separadas em intervalos semelhantes e regulares, dispostas uma sobre a outra, sendo uma na horizontal e outra na vertical, formando uma espécie de gradeado.
8		Signo recorrente. Linha horizontal com uma linha perpendicular saindo do centro para cima, formando um “T” invertido. Mais ou menos da altura do segundo terço da linha vertical partem duas linhas oblíquas, uma para cada lado, sendo a da direita em ângulo de 120º e a da esquerda 240º. Este signo pode se dar isoladamente, ou unido com outros motivos iguais, formando uma sequência vertical.
9		Signo recorrente. Duas linhas de tamanho igual, uma na vertical e outra na horizontal, dispostas uma cruzando a outra, formando o desenho de um sinal de “+”.
10		Signo recorrente. Tridígito com uma haste na parte inferior.
11		Signo recorrente. Tridígito.

Nº	Signo	Descrição
12		Signo recorrente. Linhas onduladas dispostas isoladamente, ou paralelas entre si, distribuídas com espaços regulares.
13		Signo recorrente. Superfície elíptica, dividida internamente por linhas com espaços regulares, por linhas com espaços regulares e entrecruzadas centralmente por outra linha, ou por grade.
14		Signo recorrente. Círculo raiado, cujos raios partem de outro círculo menor ou do centro do círculo.
15		Signo recorrente. Círculos concêntricos.
16		Signo recorrente. Raios distribuídos uniformemente formando um círculo, sem a delimitação externa de uma circunferência. Tal signo assemelha-se a um sinal de “*”.
17		Signo recorrente. Raios distribuídos uniformemente partindo de um pequeno círculo, formando um círculo, sem a delimitação externa de uma circunferência. Tal signo assemelha-se ao desenho elementar de um “sol”.
18		Signo recorrente. Raios distribuídos uniformemente partindo de um pequeno círculo imaginário, formando um círculo, sem a delimitação externa de uma circunferência. Ele pode ser isolado, ou disposto de maneira concêntrica.
19		Signo recorrente. Raios distribuídos uniformemente partindo de um pequeno círculo imaginário, formando um círculo, sem a delimitação externa de uma circunferência, com um ponto central.
20		Signo recorrente. Semicírculos concêntricos.
21		Signo recorrente. Alinhamentos de pontos dispostos de maneira paralela, separados um do outro em intervalos regulares.
22		Signo recorrente. Pontos concentrados numa determinada superfície e distribuídos de maneira irregular.
23		Signos não recorrentes. Trata-se de motivos isolados, ocorrências, reunidos como um conjunto por terem mais ou menos o mesmo princípio de confecção, que são linhas entrecruzadas, dispostas em ângulos de 90º.

Nº	Signo	Descrição
24		Signos não recorrentes. Trata-se de motivos isolados, ocorrências, que se encontram reunidos neste conjunto por terem como elemento comum desenhos feitos com linhas em ziguezague.
25		Signo recorrente. Mãos espalmadas.
26		Signos não recorrentes. Trata-se de motivos isolados, ocorrências, diferentes na forma de representação, mas reunidos neste conjunto por terem o mesmo princípio, que é a representação da forma humana com seus elementos essenciais: cabeça, tronco e membros.
27		Signos não recorrentes. Trata-se de motivos isolados, ocorrências, diferentes na forma de representação, mas reunidos neste conjunto por terem o mesmo princípio, que é a representação de quadrúpedes, alguns portando chifres imponentes e rabos, sugerindo representações de cervos, mas, na maioria dos casos, sem possibilidade de identificação do animal representado.
28		Signos não recorrentes. Trata-se de motivos isolados, ocorrências, diferentes na forma de representação, mas reunidos neste conjunto por sugerirem representar lagartos.
29		Signos não recorrentes. Trata-se de motivos isolados, ocorrências, que parecem representar esquematicamente emas.
30		Signos não recorrentes. Trata-se de motivos isolados, ocorrências, que parecem representar sapos.
31		Signos não recorrentes. Trata-se de manchas, pigmentos distribuídos amorfamente sobre a superfície rochosa.
32	**INDEFINIDO**	Signos sem possibilidade de identificação, porque,

Nº	Signo	Descrição
		embora sejam passíveis de definição de se tratar de pigmento intencionalmente aplicado, já não é possível a identificação do elemento representado em razão de estarem com a visualização prejudicada.

Como se depreende da tabela apresentada, os signos numerados de 1 a 24 correspondem àqueles que representam formas geométricas. Os numerados de 25 a 30 são figurativos. Aqueles agrupados no 31 são os borrões. Os numerados como 32 são os motivos indefinidos, que não possibilitam identificação. Deste conjunto, os signos identificados de 1 a 22 e o 25 são os recorrentes. Os demais são ocorrências, borrões e/ou não identificados.

Embora, a princípio, a identificação de uma gramática pareça configurar atividade meramente descritiva e classificatória da realidade arqueológica, entendemos que ela serve como fundamento para a compreensão das unidades significativas que porventura possam ser verificadas na área abordada, portanto possibilita discutir aspectos relacionados à simbolização dos grupos culturais que confeccionaram as representações rupestres. Andrei Isnardis e Vanessa Linke estabelecem uma discussão esclarecedora sobre a realização das classificações nos estudos de representações rupestres e seus alcances:

> (...) trabalho que muitas vezes parece ter fim na descrição por si mesma – possibilita ainda o entendimento de processos culturais, como mudanças, inovações e permanências (...), que se expressam na maneira como grafar. Neste sentido é possível, através da percepção de mudanças em certas características dos conjuntos gráficos (...) cogitar alterações e/ou inserção de novos elementos nos repertórios culturais dos grupos autores dos grafismos. As unidades classificatórias usadas passam, desse modo, de classes herméticas a conjuntos que se conectam uns aos outros, estabelecendo uma cadeia de interações nos suportes e na região em análise. Talvez desta forma o estudo dos registros gráficos ultrapasse a taxonomia, aproximando-se de discussões que hoje se fazem a respeito de outras dimensões do registro arqueológico, como, por exemplo, a indústria cerâmica, cujas Fases e Tradições são vistas (...) como uma variabilidade que pode expressar dinâmicas sociais internas a uma mesma sociedade, interações entre sociedades (...) e mudanças culturais dentro de um escopo geral de continuidade (LINKE & ISNARDIS, 2008, p. 34).

Trabalhar com o reconhecimento de uma gramática para a área de estudo equivale a treinar o olhar à observação de fenômenos que não se expressam de imediato no estudo das representações, e demanda do investigar a apreensão sistemática das pinturas e gravuras, com vista a tentar a compreensão das dinâmicas culturais que possam ser reconhecidas no universo analisado.

Uma vez reconhecidos e segregados os signos, foram elaboradas tabelas com o intuito de verificar como eles se comportam individualmente. Nas “Tabelas individuais de análises dos signos”, apresentadas no apêndice 4, foram dispostas nas colunas a análise dos locais onde se encontram os signos (teto ou parede), as técnicas de aplicação do pigmento (talisca [graveto], giz, pincel e dedo) e as cores utilizadas na representação (vermelho, amarelo, preto e branco). Adicionalmente, existem duas colunas destinadas à quantidade absoluta dos signos levantados e ao percentual de cada signo. Nas linhas estão dispostas unidades geomorfológicas/arqueológicas dos sítios, sendo a última linha destinada a uma síntese quantitativa do signo abordado.

Das análises individuais dos signos decorreu a elaboração de três tabelas com o objetivo de analisar e sumarizar as ocorrências e as recorrências verificadas. Trata-se da “Tabela de ocorrência dos signos por unidade geomorfológica/arqueológica”, da “Tabela de ocorrência dos signos por sítio” e da “Tabela de recorrência dos signos por sítio”, apresentadas no apêndice 5. As três tabelas têm exatamente o mesmo princípio de disposição da informação. Nas colunas estão os signos e nas linhas, as unidades geomorfológicas/arqueológicas e os sítios. Acréscimo se faz às duas primeiras tabelas, que, adicionalmente, dispõem de colunas e linhas destinadas a apresentar uma síntese quantitativa e percentual do universo analisado. Como os títulos indicam, a primeira tabela destina-se a sintetizar a ocorrência de cada um dos signos por unidade geomorfológica/arqueológica, cabendo à tabela seguinte a síntese destes dados por sítio. Ambas as tabelas, por analisarem a ocorrência dos signos, trazem as quantidades absolutas destes no universo analisado. A última tabela, por seu turno, destina-se à análise da recorrência, e, pela sua natureza, apenas se prestará a indicar em quais sítios existe ou não o signo observado, por isso quantidades absolutas e percentuais não foram consideradas.

O apêndice 6 desta pesquisa abrange um conjunto de tabelas destinadas às “Análises quantitativa, percentual e gráfica dos dados sistematizados no apêndice 4”. Assim, para cada signo foram elaboradas três pequenas tabelas, versando sobre os locais de representação, as

técnicas de representação e cores de representação, nas quais os dados estão disponibilizados quantitativamente e percentualmente. De forma adicional, estas informações foram apresentadas de maneira gráfica, com o propósito de se ter uma leitura visual do aspecto abordado.

Para a leitura dos resultados, os dados quantificados nas tabelas e gráficos apresentados nos apêndices deste trabalho serão confrontados com informações qualitativas dos contextos de inserção dos sítios. Isto porque verificamos que estas informações numéricas, gráficas e percentuais, se lidas de maneira absoluta, mascaram aspectos relacionados à realidade arqueológica que não correspondem, de forma direta, àquilo que os números dizem. O que queremos dizer com isto é que os contextos nos quais se desenvolveram as pesquisas arqueológicas, conforme discutimos no segundo capítulo deste trabalho, apresentam condicionantes que afetam de maneira direta os resultados apresentados.

3.3. OS RESULTADOS

Uma vez apresentados os princípios que norteiam a nossa observação das representações rupestres e os procedimentos de levantamento dos sítios e análise dos dados, temos as bases para construir e discutir os resultados. Como dissertamos no primeiro capítulo deste trabalho, motiva a nossa observação a possibilidade de leitura dos contextos arqueológicos dos sítios rupestres a partir dos signos geométricos, haja vista entendermos que eles podem configurar-se como importantes elementos para a construção de panoramas arqueológicos regionais. Assim, este é o momento apropriado para construir este panorama com base nos dados levantados.

Passemos, então, a entender a inserção dos sítios na área de pesquisa. Dos 49 sítios levantados, 40 se encontram na Serra do Tombador, 5 na Serra de Jacobina, 2 no Planalto sobre a Serra do Tombador, 1 na Depressão Sertaneja e 1 fora da área de pesquisa.

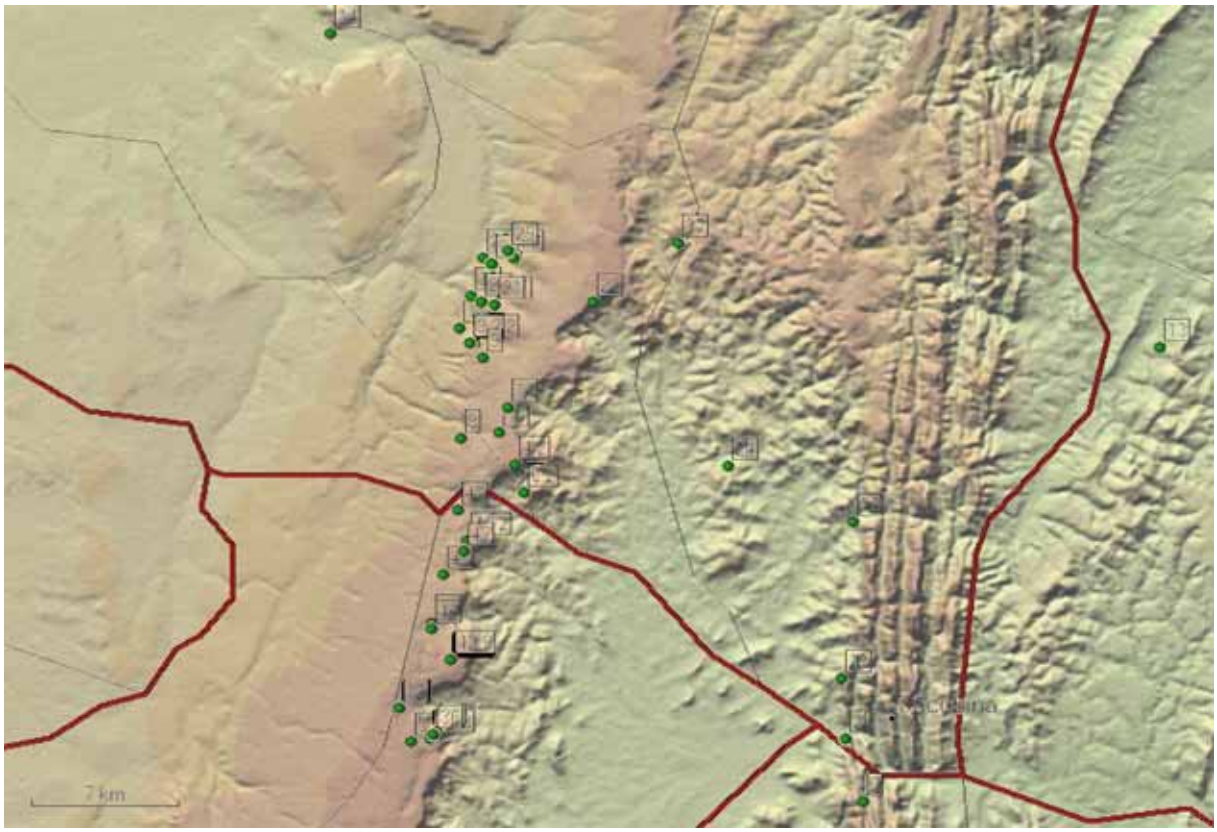


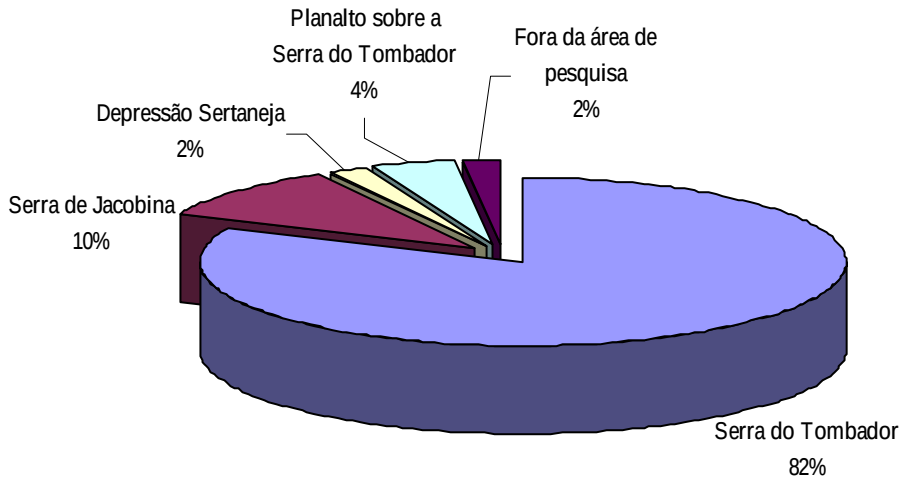
IMAGEM 60: Distribuição dos sítios levantados na área de pesquisa. O conjunto de sítios alinhado à esquerda está sobre a Serra do Tombador. Os demais estão distribuídos na Serra de Jacobina (feição do relevo na porção direita da imagem), no Planalto sobre a Serra do Tombador e na Depressão Sertaneja (espaço entre a Serra do Tombador e a Serra de Jacobina). Um mapa mais detalhado da distribuição dos sítios encontra-se no apêndice 8 deste trabalho.

Como se depreende da amostra, 82% dos sítios estão concentrados na área da Serra do Tombador, o que, a princípio, poderia dar a entender existir uma preferência por esta localidade. De modo geral, nossas observações sugerem a possibilidade de ter sido assim, o que, num primeiro momento, nos leva a considerar que este resultado seja coerente. O nosso reconhecimento da Serra de Jacobina indica que a sua composição litológica basicamente quartzítica e geomorfologia íngreme pouco favorecem o estabelecimento de espaços naturalmente modelados que pudessem configurar-se como unidades geomorfológicas/arqueológicas propícias à instalação de sítios, uma vez que se identifica nestes setores o uso pontual de paredes rochosas para as pinturas, de forma que a localização de vestígios arqueológicos rupestres seria mais difícil, por isto se justificariam os 10% de sítios nesta área. Esta situação seria semelhante à das áreas da Depressão Sertaneja e do Planalto sobre a Serra do Tombador. Na primeira, a formação rochosa é basicamente granítica com espaços de lajedos e alguns poucos matacões, onde foram identificados 2% dos sítios; na segunda, a maior parte do relevo é planáltico com formação calcária com algumas poucas

feições íngremes sobre rios, além de serrotes, onde se encontram 4% dos sítios. Ou seja, nestes setores os relevos não propiciam uma grande quantidade de modelamentos naturais (unidades geomorfológicas/arqueológicas) apropriados à instalação de sítios rupestres.

Situação oposta, no entanto, verifica-se na Serra do Tombador, onde a composição arenítica das rochas associada ao dessecamento diferencial do relevo favorecem uma diversificada quantidade de modelamentos naturais – a exemplo de abrigos, grutas, lapas, locas, paredes, paredões, cavernas e lajedos –, possibilitando, por isto, o percentual de 82% da amostra.

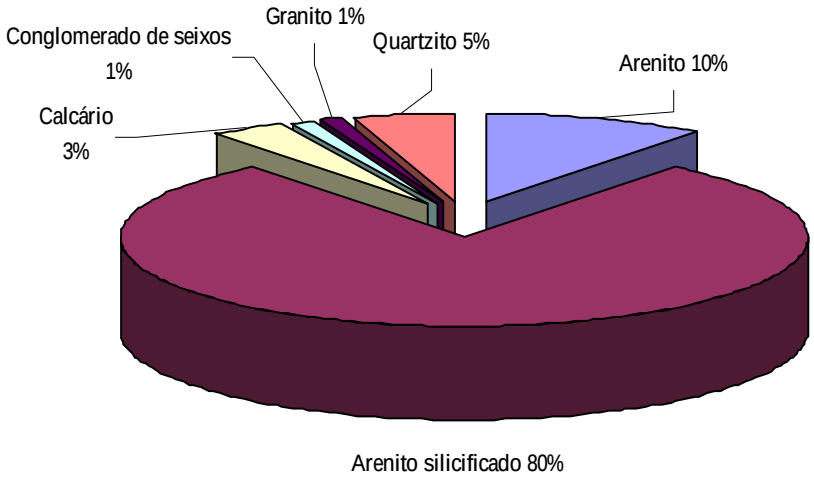
GRÁFICO 2: DISTRIBUIÇÃO DOS SÍTIOS NAS DIFERENTES FEIÇÕES GEOMORFOLÓGICAS DO RELEVO


Planalto sobre a Serra do Tombador 4%
Fora da área de pesquisa 2%
Depressão Sertaneja 2%
Serra de Jacobina 10%
Serra do Tombador 82%

Estes resultados, se comparados com os da Serra do Tombador, são bastante confiáveis e podem ser lidos com certa precisão para as áreas da Depressão Sertaneja e do Planalto sobre a Serra do Tombador. Porém, não podem ser, ainda, precisos para a Serra de Jacobina. Embora os nossos dados quantitativos corroborem os qualitativos, não podemos afirmar de maneira categórica que eles representem escolhas culturais ou mesmo impossibilidade de uso dos espaços em função da própria natureza geomorfológica das áreas, uma vez que o levantamento na Serra de Jacobina não teve a mesma intensidade que aqueles realizados nas demais feições do relevo, pelas razões discutidas no segundo capítulo. Dessa forma, apesar de os dados quantitativos e qualitativos sugerirem que seja assim, a ausência de parâmetros comparativos análogos põe em suspensão os resultados relacionados à densidade de sítios rupestres na Serra de Jacobina.

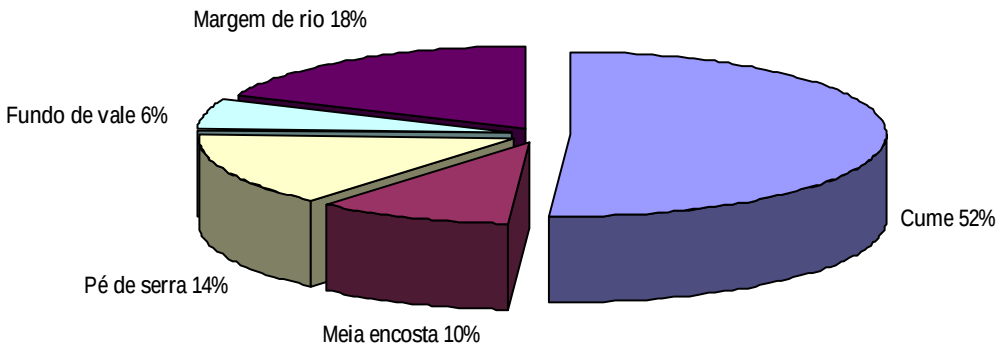
Justamente em decorrência das feições de relevo onde foram identificados os sítios, teremos um cenário equivalente no que concerne à natureza pétrea das unidades geomorfológicas/arqueológicas, haja vista guardarem relação direta com os resultados anteriormente apresentados. Neste aspecto, cabe apenas dizer que verificamos que 90% dos sítios estão sobre suporte de arenito ou arenito silicificado, 5% em quartzito, 3% em calcário, 1% em granito e 1% em conglomerado de seixos (que tem base arenítica).

GRÁFICO 3: SUPORTE ROCHOSO



No que diz respeito à localização dos sítios nas diferentes topografias, foi observado que 52% se encontram nas áreas de cume, 18% nas margens de rios, 14% nos pés de serra, 10% em meia encosta e 6% no fundo dos vales. Esses percentuais não podem ser lidos de maneira direta, como se refletissem preferências culturais por locais para a confecção de sítios de pintura, mas parecem estar relacionados aos locais onde existem espaços propícios para a instalação dos sítios. Por exemplo, os sítios localizados nas áreas de cume, pé de serra e margem de rio – 82% do conjunto – estão na área da Serra do Tombador. Sendo assim, tendo em vista o fato de as áreas disponíveis na Serra de Jacobina para a inserção de sítios estarem no fundo dos vales e, em contraponto, os levantamentos arqueológicos nessas áreas terem sido limitados, não podemos dizer se os resultados exprimem preferências, usos específicos ou mesmo ausência de locais para a disposição das pinturas.

GRÁFICO 4: TOPOGRAFIA



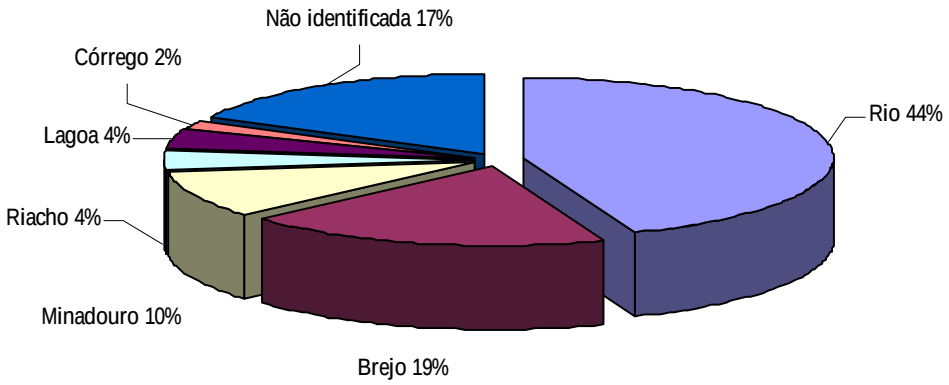
Apesar da rigidez dos dados, um deles, aliado com nossas observações, sugere uma leitura com possibilidade de significados. Nas áreas de pé de serra, correspondentes ao sopé da *cuesta* da Serra do Tombador, percebemos que existem vários espaços em que não se encontram vestígios de cultura material (pinturas ou gravuras rupestres), mas, diante da sua conformação, poderiam corresponder a unidades geomorfológicas/arqueológicas. Os setores do pé de serra, como já descritos, são extremamente úmidos, compostos por arenito friável com fácil desagregação do suporte rochoso, superfícies rochosas intensamente atacadas por musgos e liquens, além de uma densa vegetação circundante aos sítios. Considerando este quadro, ficamos neste momento com duas possibilidades interpretativas: primeira, dentre os espaços existentes no pé de serra, alguns eram escolhidos para as pinturas e outros não eram utilizados; ou segunda, os espaços nos quais não foram localizadas pinturas no pé de serra provavelmente foram utilizados, mas se degradaram naturalmente ao longo do tempo, de maneira a não se encontrar sítios na atualidade.

Diante das duas possibilidades, inclinamo-nos preliminarmente pela primeira, que rege o uso destas localidades no sopé da *cuesta* para sítios com certa excepcionalidade. A razão que nos faz optar por esta consideração é o fato de os sítios mais significativos do conjunto estudado estarem nas áreas de pé de serra, tais como os sítios Pé de Serra, Cambaitira I e Jenipapo, que são os mais expressivos do conjunto estudado do ponto de vista da dimensão e monumentalidade natural dos abrigos, uso dos espaços pictóricos e diversidade gráfica. Sendo assim, esses sítios parecem sugerir a existência de intencionalidade significativa na escolha do local de ocupação, pautada em parâmetros previamente definidos, que levou em consideração singularidades de espaços naturais do sopé da serra para serem pintados. Por outro lado, ainda

que tivessem existido outros sítios nas áreas não ocupadas, resulta estranho não existir qualquer vestígio que permita o reconhecimento do uso desses espaços. Ainda assim, esta consideração deve ser encarada, neste momento, como uma sugestão interpretativa, em decorrência da atual impossibilidade de afirmação de uma resposta precisa.

A proximidade dos sítios de pinturas rupestres com as áreas com recursos hídricos é uma constante, na medida em que, dos 49 sítios, apenas em 9 (cerca de 17%) não foi possível identificar um recurso hidrográfico associado. Há casos de sítios com mais de um recurso hídrico, a exemplo dos sítios denominados Jenipapo (rio e brejo), Morro do Cruzeiro I (minadouro e brejo) e Tombador Alto (córrego e lagoa). Para esta relação entre as áreas com sítios de representação rupestre e a presença de recursos hídricos, vislumbramos duas possibilidades interpretativas: 1) a proximidade de um recurso hídrico pode ser entendida como parâmetro fundamental para a escolha das áreas nas quais seriam instalados os sítios rupestres, haja vista que elas guardam relação com ocupação humana; ou, de outra forma, 2) é naturalmente comum aos sítios rupestres a existência de recursos hídricos por questões relacionadas à própria orogênese dos espaços. Efetivamente, parece-nos que ambas as respostas têm sentido e são aplicáveis ao contexto em estudo.

GRÁFICO 5: HIDROGRAFIA

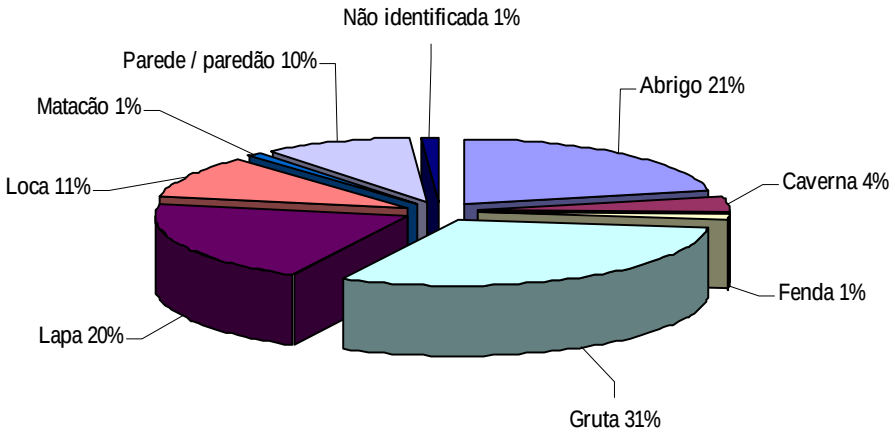


Cabe ainda lembrar que a associação dos sítios com locais com recursos hídricos é extremamente relevante para a compreensão da mutualidade entre ocupação humana e paisagem. Como demonstramos, a área de pesquisa está num setor de encontro de três bacias hidrográficas – rio São Francisco, rio Itapicuru e rio Paraguaçu –, fato que permite, naturalmente, acesso a diferentes setores do território, com recursos distintos, ao passo que,

ante a dinâmica e diversidade ambiental da própria localidade, funciona como catalisador de ocupações humanas no Piemonte da Chapada Diamantina.

No que diz respeito às unidades geomorfológicas/arqueológicas, cabe um pequeno esclarecimento antes da apresentação dos dados. Como o parâmetro a ser analisado aqui são unidades geomorfológicas/arqueológicas e, como esclarecemos, os sítios contêm uma ou mais unidades, dependendo das relações paisagísticas/espaciais verificadas *in loco*, depreende-se a necessidade de analisar a complexidade apresentada, ou seja, as 86 unidades. Acresce a este dado a existência de 3 sítios que detêm unidades com 2 ou 3 formas de modelamento associadas[99], o que torna esta realidade ainda mais complexa, em face da necessidade de se considerar os diferentes locais pintados, o que amplia o nosso universo de análise para 94 espaços. Justamente por isto, para não sermos omissos a estes dados, tomaremos os 94 modelamentos identificados, todos apresentados nos apêndices 1 e 2, para discutir esta variável. Sendo assim, entre as unidades geomorfológicas/arqueológicas identificadas, constituem áreas preferenciais para as pinturas: as grutas (31%), os abrigos (21%) e as lapas (20%), que conjuntamente conformam 72% das áreas ocupadas, seguidas das locas (11%), paredes e paredões (10%), cavernas (4%), fenda (1%) e matacão (1%), sendo que uma das áreas, a do sítio Rio Preto III, não foi identificada, pois o sítio foi destruído antes da pesquisa.

GRÁFICO 6: UNIDADES GEOMORFOLÓGICAS/ARQUEOLÓGICAS



[99] A unidade 1 do sítio Fazenda Caldeirão detém 3 formas associadas, 1 caverna e 2 grutas; o sítio Rio Preto II tem 3 formas associadas, sendo 3 abrigos; a unidade 3, a unidade 4, a unidade 5 e a unidade 7 do sítio Tombador Alto, cada uma delas tem 2 formas associadas.

As áreas ditas preferenciais para as pinturas correspondem àquelas cujos espaços são abrigados e profundos. No caso dos abrigos e das lapas, pelas suas descrições, comportam indivíduos de pé; nas grutas, é possível se manter indivíduos abrigados, no entanto em posição agachada ou deitada. Qualquer uma das situações chama a atenção por se tratar dos únicos espaços dentro da amostra que permitem abrigos naturais, o que nos põe diante da possibilidade de corresponderem a áreas com algum tipo de ocupação com permanência humana, muito provavelmente temporária, o que, por seu turno, coloca estes setores como importantes espaços para o desenvolvimento de escavações arqueológicas. Embora não tivessem sido espaços preferenciais na amostra, assim também podem ser entendidas, por exemplo, as cavernas, que permitem abrigo e permanência.

Já em relação às locas, paredes e paredões, fenda e matacão, pelas suas próprias conformações, não é sugestiva a ideia de ocupação com permanência no espaço. No caso dos sítios em paredes e paredões, fenda e matacão, é importante ressaltar que sua disposição se encontra em locais que conformam rotas naturais. Os sítios em paredes e paredões identificados estão, sempre, situados na base dos taludes no fundo de vale fechado na Serra de Jacobina (Bananeira, Da Lua e Riacho dos Alves), acompanhando o sopé da *cuesta* da Serra do Tombador (Gogó da Gata, Serra do Tamanco unidade 2 e Três Coqueiros III) ou acompanhando o degrau de um extrato geológico no alto da Serra do Tombador (Tombador de Cima III). Em todos os casos, é possível se perceber a mesma condição natural, que é serem os caminhos mais fáceis que permitem o acesso a diferentes ambientes em condições menos tortuosas, de maneira que é sugestiva a referência a eles como áreas de uso esporádico para pinturas, áreas de passagem. Assim também é o caso da fenda (Serra do Cílio III unidade 2), que se refere ao espaço que possibilita a passagem mais fácil dentro da paisagem onde se situa, e do matacão (Pilões), que está no meio do leito de um rio seco, no fundo de um vale fechado. A condição esporádica dessa amostra, por sua vez, pode ser verificada pela densidade de pinturas nestes espaços, que é baixa e sugere apenas um momento pictórico.

Já as locas com pinturas – As Moitas unidade 4, Cambaitira III unidade 1, Fazenda Caldeirão I unidade 2, Fazenda Caldeirão II, Tombador Alto unidades 4 e 6, Três Coqueiros I e Várzea Nova I[100] – pelas suas dimensões não possibilitam ocupação com permanência. Mas, por outro lado, é digno de destaque o fato de aparecerem sempre associadas aos sítios com

[100] Próximo ao sítio Várzea Nova I, foi identificado um sítio lítico de grandes proporções, batizado como Várzea Nova II – nas coordenadas 24L, UTM E 0289975 / UTM N 8768691, Alt. 624m –, que acompanha o leito de um rio, hoje seco.

possibilidade de ocupação com permanência, o que impõe a observação destes espaços como unidades significativas associadas a possíveis áreas de ocupação.

IMAGEM 61: Fenda da unidade 2 do sítio Serra do Cílio III. Foto: Autor, setembro de 2009.

IMAGEM 62: Parede do sítio Bananeira. Foto: Autor, setembro de 2009.

IMAGEM 63: Abrigo do sítio Pé de Serra. Foto: Autor, fevereiro de 2009.

IMAGEM 64: Lapa do sítio As Moitas unidade 2: Foto: Autor, janeiro de 2010.

IMAGEM 65: Gruta do sítio São Judas Tadeu I. Foto: Autor, fevereiro de 2009.

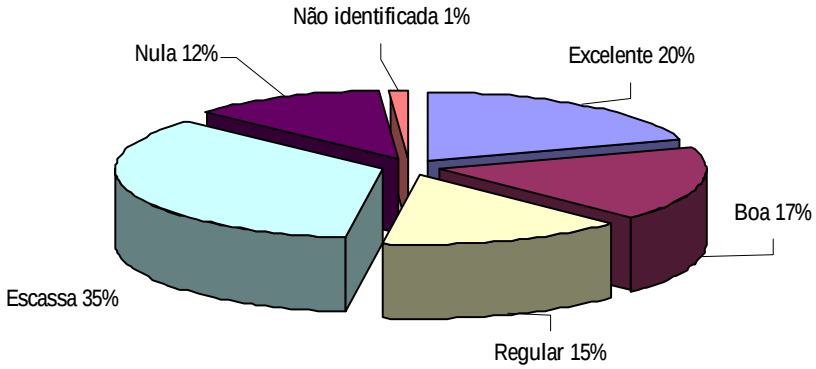
IMAGEM 66: Loca da unidade 5 do sítio Tombador Alto. Foto: Autor, fevereiro de 2009.

IMAGEM 67: Caverna da unidade 2 do sítio Igrejinha. Foto: Autor, fevereiro de 2009.

IMAGEM 68: Matacão do sítio Pilões. Foto: Autor, fevereiro de 2009.

Aliadas aos modelamentos naturais dos espaços utilizados como sítios, temos as condições de visualização (como se vê o entorno a partir do sítio) e de visibilidade (como o espaço do sítio é visto a partir do entorno). No que diz respeito à visualização, consideradas as 86 unidades geomorfológicas/arqueológicas, verifica-se que os sítios com visualização escassa (35%) e nula (12%) juntos conformam quase metade da amostra. Na condição regular de visualização, portanto em situação intermediária, estão 15% dos sítios. E aqueles de boa (17%) e de excelente (20%) condição de visualização, estão em menor quantidade. Um dos sítios do conjunto, o Rio Preto III, não possibilita esta observação por ter sido destruído.

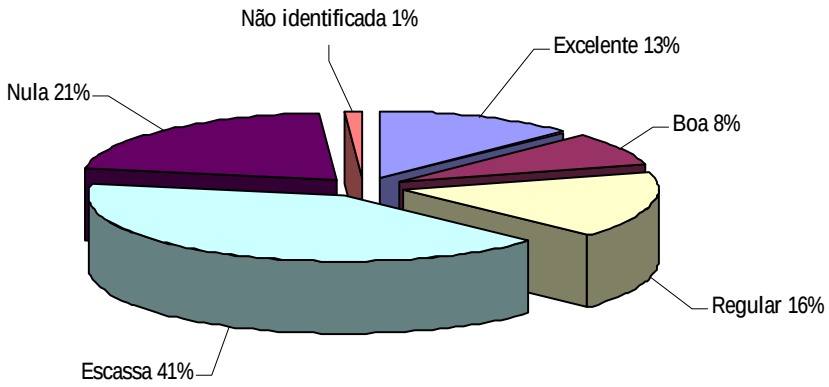
GRÁFICO 7: VISUALIZAÇÃO



Uma leitura preliminar sugere a preferência por locais com menor condição de visualização. No entanto, estes dados não podem ser interpretados de maneira objetiva, pois, como expressamos, existem atenuantes a serem considerados. A área na qual a maior parte dos sítios foi identificada, a Serra do Tombador, encontra-se extremamente degradada pela mineração ilegal, de forma que as rochas maiores, mais expostas e de fácil acesso foram destruídas, o que justifica que os sítios com menor possibilidade de percepção do ambiente circundante estejam mais preservados. Assim sendo, este fato nos leva a observar os dados apresentados com ressalvas.

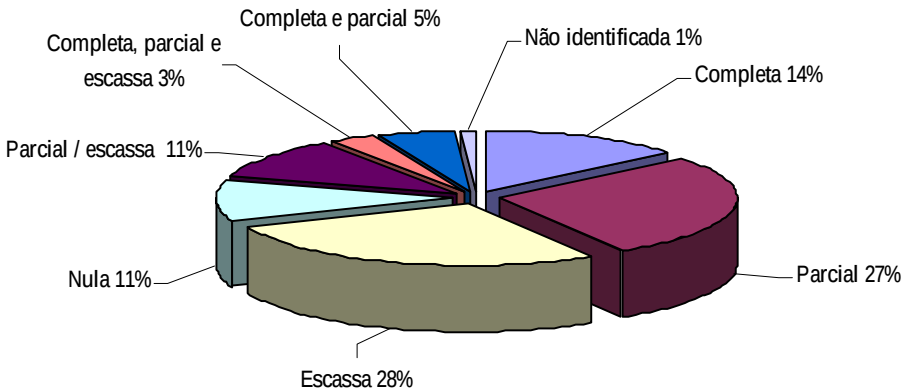
De forma complementar, encontra-se a leitura da condição de visibilidade dos sítios de representações rupestres. Como podemos observar no gráfico, 62% dos sítios têm condição de visibilidade escassa ou nula, 16% regulares e 21% boa ou excelente.

GRÁFICO 8: VISIBILIDADE



O fato de a visibilidade do ambiente a partir do entorno ser majoritariamente escassa não significa dizer que isto expresse uma preferência imposta pelos grupos que confeccionaram os sítios, uma vez que os espaços em que poderiam existir condições distintas, com instalação aproveitando a monumentalidade natural dos relevos, foram destruídos. É justamente esta situação que irá limitar, também, a leitura da visualização dos painéis, na qual se pode perceber que cerca de 75% dos sítios têm painéis com visualização escassa ou nula, 24% parcial e completa, e 1% sem possibilidade de identificação desta condição.

GRÁFICO 9: VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS



Como demonstramos, na área da Serra do Tombador, de onde provêm 82% dos sítios aqui estudados, ocorre o estímulo à destruição dos sítios de representações rupestres por queima,

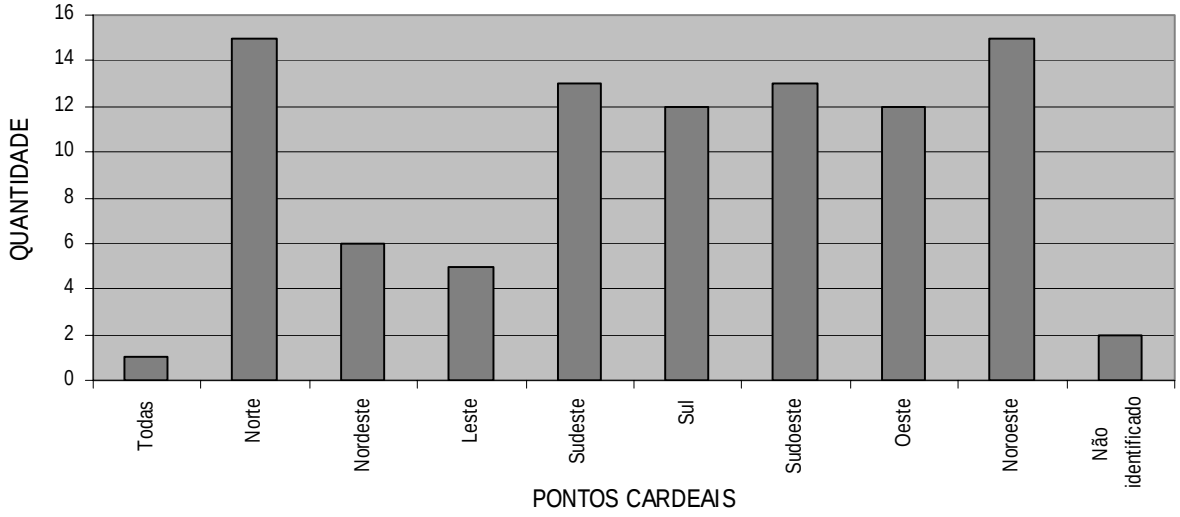
quebra, esfoliação e picoteamento. Desta maneira, o expressivo percentual de 75% de sítios com possibilidade de visualização escassa ou nula não pode ser entendido junto ao conjunto total como reflexo de uma preferência por áreas escondidas para a pintura, mas como representantes significativos de uma realidade específica que persistiu à destruição pela mineração ilegal.

Como pode se perceber, as leituras da visualização, visibilidade e visualização dos painéis ficam comprometidas em decorrência da destruição promovida pelo homem atual. Assim sendo, do ponto de vista da leitura do conjunto de sítios, os dados apresentados podem sugerir interpretações que não retratem a realidade pretérita, em decorrência de a amostra ser viciada, uma vez que a destruição da área se deu, justamente, num segmento específico e direcionado do espaço. Sendo assim, a interpretação possível é apenas indicativa da realidade atual e das situações particulares de visualização, visibilidade e visualização dos painéis de cada sítio.

Ainda assim, há uma possibilidade importante a ser explorada. Se, por um lado, esta situação coloca-se como condicionante para a leitura dos espaços, haja vista limitar a observação do investigador, por outro, possibilita um recorte bastante significativo à pesquisa, na medida em que os sítios que persistiram conformam uma unidade coerente de observação: sítios baixos com possibilidade de visualização escassa ou nula. Assim sendo, o mesmo fator que se impõe como limitador da leitura das questões paisagísticas apresenta-se como recorte significativo do ponto de vista arqueológico para a leitura das especificidades da gramática nos sítios.

Por fim, no que diz respeito às variáveis selecionadas para a leitura da inserção dos sítios na paisagem, cabe a discussão da orientação cardeal, considerados os 94 modelamentos do relevo existentes nas 86 unidades geomorfológicas/arqueológicas dos 49 sítios. Como os dados gráficos/percentuais expressam, com exceção de uma menor existência de sítios orientados para o nordeste e para o leste, não há uma orientação preferencial específica para os sítios, uma vez que eles estão, de modo geral, distribuídos uniformemente nas diferentes orientações. Da mesma forma, mesmo procedendo ao levantamento da relação entre os relevos e os sítios ou entre marcos da paisagem e os sítios, não foi possível identificar particularidades significativas relacionadas à variável orientação para as amostras estudadas, nem relacionadas à observação do conjunto, nem particularmente.

GRÁFICO 10: ORIENTAÇÃO

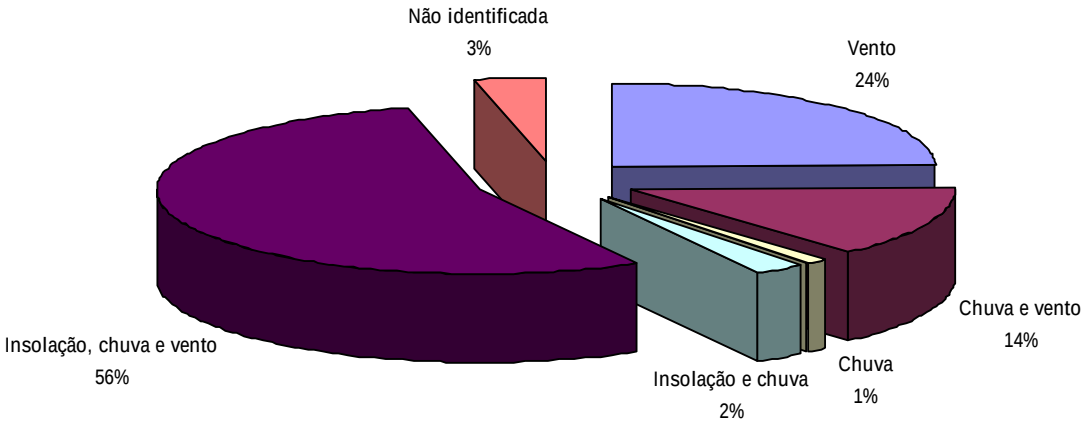


Passemos, agora, a entender os signos inseridos nestes espaços. Porém, bem como ocorre com a análise da paisagem, cabe esclarecer fatores relacionados à preservação dos sítios que se apresentam como limitantes à análise dos signos. No que diz respeito ao estado de preservação geral das unidades geomorfológicas/arqueológicas dos sítios, 84% se encontram em estado ruim, 14% bom e 2% ótimo[101]. Estes dados demonstram que os sítios, numa visão rápida e generalizante, se encontram em situação delicada, já que mais $^{4}/_{5}$ são apontados como em estado de preservação ruim. De maneira mais detalhada, podemos apontar os fatores que promovem tal condição.

Os agentes de deterioração podem ser divididos em duas grandes categorias: naturais e antrópicos. Com relação aos agentes naturais de deterioração, eles foram identificados em 93% das unidades, nas quais ocorre pelo menos um agente de deterioração. Na ordem decrescente de ocorrência, o agente que mais afeta os sítios é a ação eólica (o vento), verificada em 80 unidades geomorfológicas/arqueológicas das 86 existentes, seguida da chuva, que atinge 62, e da insolação, que afeta 49 unidades. As térmitas foram pouco percebidas nas unidades dos sítios, ainda que não tenham sido contabilizadas, e os musgos e liquens ocorrem em todas as unidades.

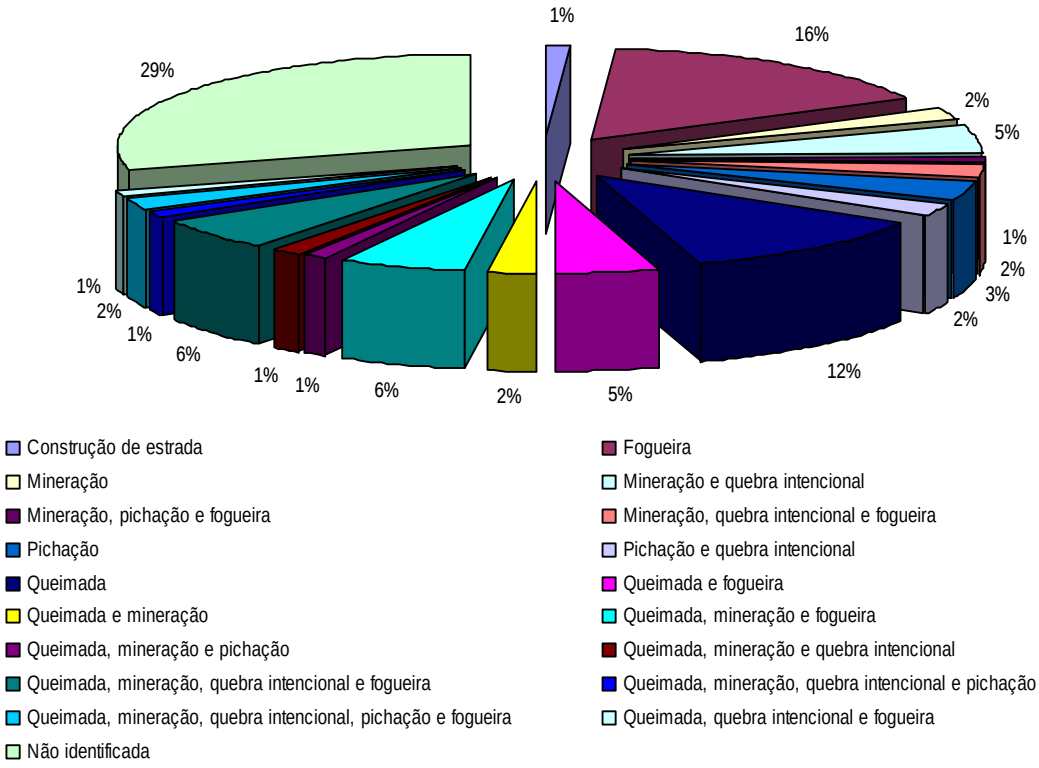
[101] De acordo com a delimitação destes parâmetros que apresentamos no nomenclator do apêndice 1, estamos considerando: "ótimo" quando as pinturas estiverem bem visíveis, sem escoriações ou descamados, sem ação preponderante de degradação de agentes naturais e antrópicos; "bom" quando, embora sejam visíveis as pinturas, se verificam esmaecimento, pequenas descamações e intrusões de térmitas, liquens e musgos; e "ruim" quando os painéis do sítio estão muito esmaecidos, recobertos por agentes naturais (liquens, musgos, sais, térmitas) e/ou intensamente degradados.

GRÁFICO 11: DETERIORAÇÃO POR AGENTES NATURAIS



Por sua vez, os agentes antrópicos de deterioração são um pouco menos frequentes que os anteriormente abordados, uma vez que atingem 71% das unidades dos sítios. Entretanto, seu potencial destrutivo é maior, bem como a sua quantidade, diversidade e efeitos. Foi verificado que 34 das 86 unidades geomorfológicas/arqueológicas estão afetadas por fuligem de fogueiras feitas por caçadores e/ou mineradores, 32 unidades estão afetadas por queimadas intencionais nos painéis, 26 foram atingidas pela ação da mineração ilegal, 18 por quebra intencional, 8 por pichação e 1 está em risco de desaparecimento em decorrência da construção de uma estrada. Em 25 unidades não foram verificadas ações antrópicas que acelerem a sua destruição.

GRÁFICO 12: DETERIORAÇÃO POR AÇÃO ANTRÓPICA



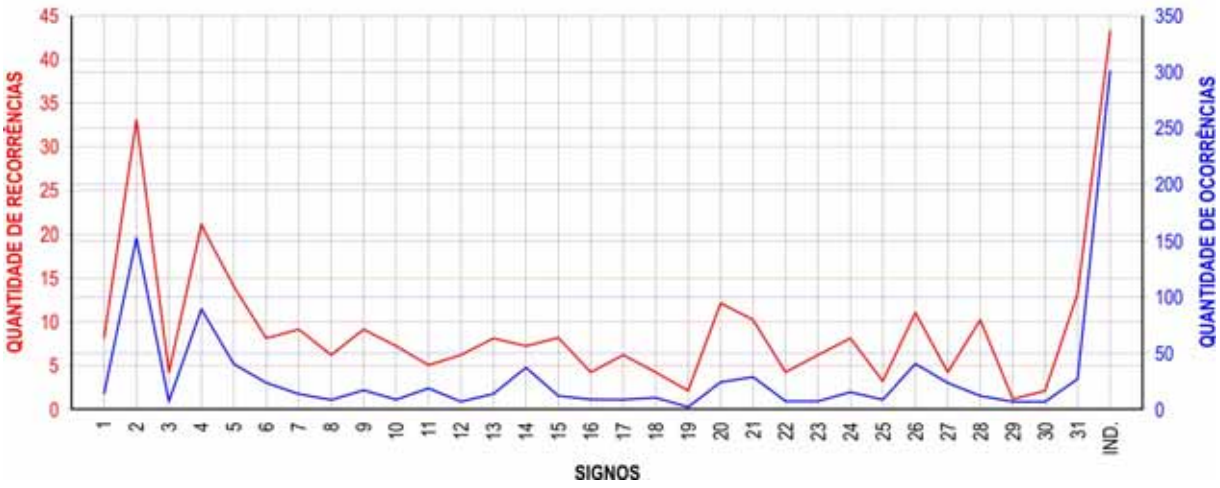
Uma leitura qualitativa destes dados indica que ambas as categorias de agentes de deterioração são decisivas no processo de degradação dos sítios. Contudo, quando este segundo cenário apresentado é comparado com o primeiro, percebe-se que a ação da natureza na deterioração dos sítios é contínua e lenta e, às vezes, seus efeitos são parcialmente reversíveis, enquanto a ação humana é rápida e de efeitos irreversíveis (COSTA, 2010b, p. 2604). Estas informações se fazem importantes, pois justificam o universo identificado no momento de nos debruçarmos sobre as análises.

Se, por um lado, temos um cenário de degradação do ambiente que leva a que os sítios conformem uma amostra parcial do que, de fato, possivelmente permaneceu, por outro, os sítios que persistiram à degradação encontram-se em situação de preservação ruim, de modo a dificultar a leitura e interpretação dos painéis e dos signos identificados. Para se ter uma amostra do que aqui é relatado e de como esta questão afeta de maneira direta a pesquisa, o estudo das associações dos signos tornou-se inviável, na medida em que painéis pictóricos completos são poucos na amostra, não fornecendo dados consistentes e com expressão estatística para uma análise desta condição. Como apresentamos, 93% das unidades dos sítios detêm algum tipo de deterioração natural e 71%, antrópica. Esta situação dos sítios é

verificada nos painéis e signos esmaecidos, cobertos por fuligem, queimados, picoteados e cobertos por liquens ou térmitas, limitando, portanto, a investigação.

Feitas estas observações, sigamos com a análise arqueológica do objeto de estudo. Como esclarecido nos procedimentos de análise dos signos, eles foram classificados em 32 categorias distintas, entre as quais 23 são de signos recorrentes (1 a 22 e 25), 8 são de ocorrências (23, 24 e 26 a 30), 1 é de borrões e 1 de signos não identificados. Como os borrões e os signos não identificados não possibilitam, para nós, a realização de análises, passemos a observar como se comportam os signos com relação aos parâmetros recorrência e ocorrência. Como se pode ver no gráfico de linhas empilhadas, que permite a comparação das recorrências com as ocorrências, as linhas mantêm padrões gráficos semelhantes, uma vez que as curvas-padrão das duas análises (linha vermelha recorrência e linha azul ocorrência) seguem o mesmo perfil:

GRÁFICO 13: RECORRÊNCIAS E OCORRÊNCIAS DOS SIGNOS NOS SÍTIOS



No entanto, existem diferenças a serem ressaltadas. Para se apreender a informação contida neste gráfico, relacionada à diferença para a qual chamamos a atenção, e compreender como interpretá-lo, basta observá-lo em duas seções distintas: a primeira do signo 1 ao 22 e a segunda do signo 23 ao 30. Quando observado o primeiro segmento, percebe-se que os desvios padrões seguem a mesma movimentação, com pequenas diferenças. Já no segundo momento o gráfico apresenta perfis diferentes, com distorções acentuadas dos desvios gráficos e, inclusive, contrárias em alguns momentos, que sugerem alteração do padrão. E, de fato, é isto que ocorre em função da própria classificação dos signos: entre os signos 1 e 22

estão apenas os casos recorrentes e do 23 em diante estão quase todos os signos não recorrentes (exceto o 25), o que explica os desvios gráficos verificados.

O que queremos chamar a atenção é que, em um mesmo gráfico no qual parâmetros distintos foram comparados conjuntamente, os resultados refletem a possibilidade de existência de correlação entre informações diferentes (recorrência x ocorrência). Se utilizarmos um procedimento diferente de apresentação destas informações, no qual os percentuais dos signos geométricos e figurativos sejam comparados graficamente aos percentuais dos signos recorrentes e ocorrentes, perceberemos que os dados se mantêm distribuídos de maneira equivalente. Acresce à informação anterior a de que os signos recorrentes são basicamente os geométricos, como também se confirma nos gráficos.

GRÁFICO 14: PROPORÇÃO DOS SIGNOS DE ACORDO COM A SUA MACROCLASSIFICAÇÃO

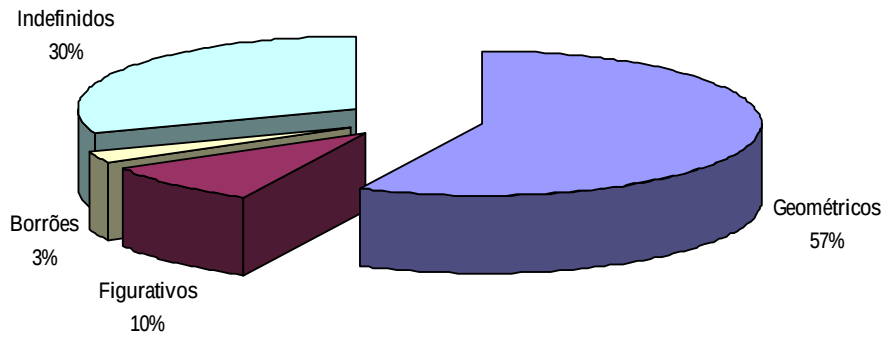
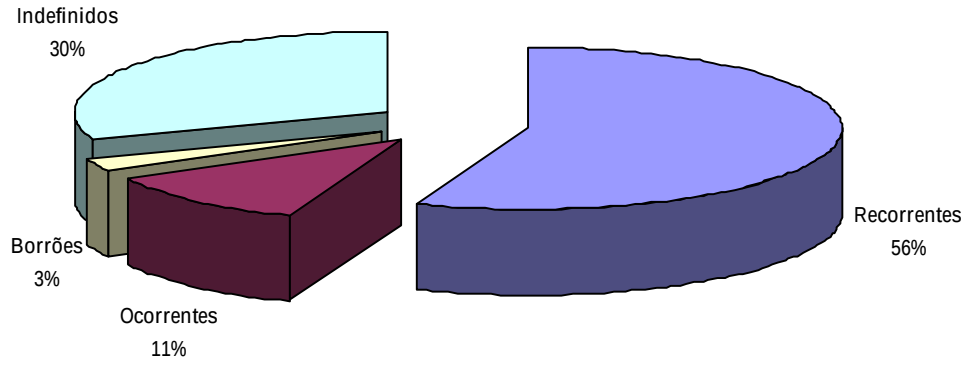


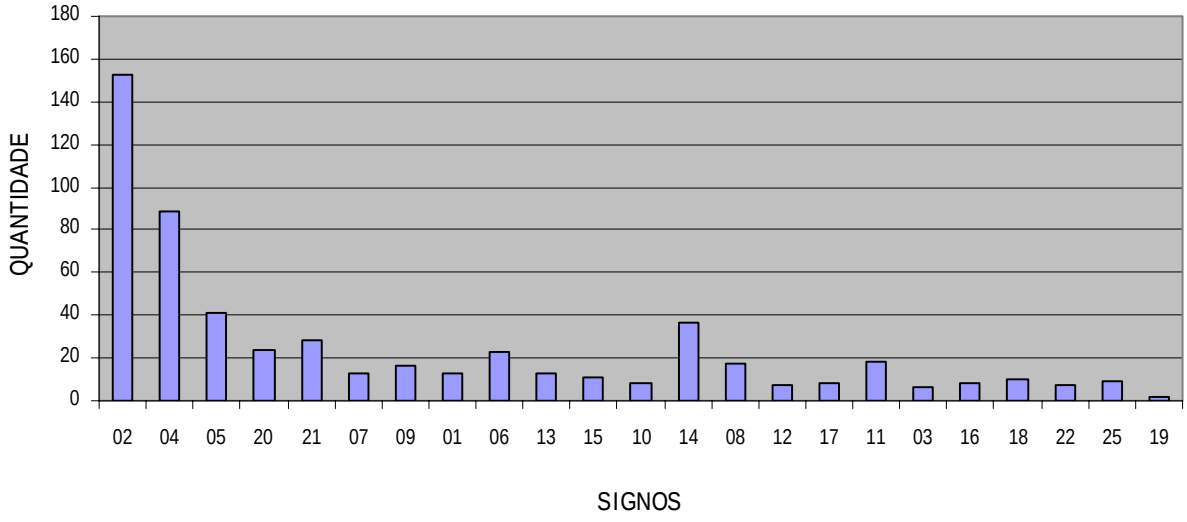
GRÁFICO 15: PROPORÇÃO DOS SIGNOS DE ACORDO COM O SEU APARECIMENTO



Efetivamente, esta informação era conhecida sem a necessidade do gráfico, na medida em que, durante a classificação dos elementos figurativos, não foi possível se identificar recorrências, com exceção do signo 25 (mão espalmada). Contudo, gerar esta informação de maneira gráfica se faz necessário com o intuito de comparar os resultados destes dois últimos gráficos com os daquele anteriormente apresentado (gráfico 13), de maneira a deixar claro que, apesar de equivalentes quantitativamente, não existem recorrências nos signos 23, 24 e 26 a 30. Ou seja, estaríamos falando da possibilidade de existência de uma norma subjacente associada às pinturas ordenadas de 1 a 22 e 25, que difere da norma relacionada às demais.

Esmiuçando um pouco mais esta relação, do conjunto de 987 signos estudados, 561 ocorrências referem-se a signos recorrentes, o que representa 56,84% do total. Mas, se do universo total de 987 subtrairmos os signos sem possibilidade de identificação (301) e os borrões (26), teremos 660 signos, de maneira que os recorrentes neste universo representam 85% do total. Como podemos ver no gráfico a seguir, o signo com maior frequência no conjunto é o número 2, que aparece em 35 sítios; seguido do 4, em 21 sítios; do 5, em 14 sítios; do 20, em 12 sítios e do 21, em 10 sítios. O signo menos recorrente é o 19, que está em 2 sítios.

GRÁFICO 16: OCORRÊNCIA DOS SIGNOS



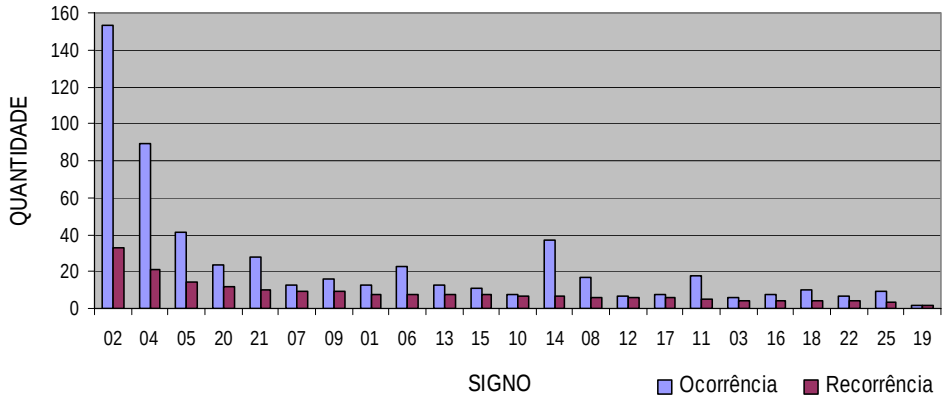
Agora observemos o mesmo dado sob o prisma da ocorrência. Como já havíamos adiantado, as ocorrências apresentam padrões gráficos semelhantes aos das recorrências, mas guardam pequenas diferenças, na medida em que existem signos com muito mais ocorrências que recorrência. Isto significa dizer que, quando os dados são proporcionalmente comparados,

alguns signos recorrentes apresentam-se mais ocorrentes que outros signos recorrentes. Para se ter uma visão geral desta premissa e um parâmetro comparativo, apresentamos um gráfico ordenado na mesma sequência do anterior, no qual as ocorrências são comparadas às recorrências, bem como apresentamos uma tabela que permite perceber a proporção percentual da verificação da condição de ocorrência em relação à recorrência.

TABELA 6: Tabela dos signos ocorrentes organizada segundo a sua recorrência

S	O	R	%
02	153	33	464%
04	89	21	424%
05	41	14	293%
20	24	12	200%
21	28	10	280%
07	13	9	144%
09	16	9	178%
01	13	8	163%
06	23	8	288%
13	13	8	163%
15	11	8	138%
10	8	7	114%
14	37	7	529%
08	17	6	283%
12	7	6	117%
17	8	6	133%
11	18	5	360%
03	6	4	150%
16	8	4	200%
18	10	4	250%
22	7	4	175%
25	9	3	300%
19	2	2	100%

GRÁFICO 17: COMPARAÇÃO ENTRE OCORRÊNCIA E RECORRÊNCIA



LEGENDA DA TABELA
S = signo
O = ocorrência
R = recorrência
% = proporção percentual entre ocorrências e recorrências

Um dos princípios explícitos em nossa análise é o de que a recorrência de signos seja um dos parâmetros para a observação de um discurso gráfico. Nesse sentido, o fato de haver recorrências no conjunto gráfico que se apresentam de maneiras semelhantes em diferentes sítios é sugestivo da existência de uma gramática relacionada aos sítios estudados. Assim sendo, verificar a existência de mais ocorrências que recorrências potencializa esta assertiva. Desta maneira, é possível dizer que os signos que apresentam mais ocorrência que recorrência sugerem conteúdos significativos comuns massificados nos sítios. Com exceção do signo 19, todos os signos aparecem mais de uma vez nos sítios, existindo casos de signos extremamente repetitivos, como os identificados como 2, 4 e 14.

Para se ter uma noção visual deste resultado, apresentamos uma tabela (ordenada na mesma sequência dos gráficos 16 e 17) que expressa os dados quantitativos e os percentuais específicos dos signos em relação aos 561 signos recorrentes:

TABELA 7: Tabela dos signos ocorrentes organizada segundo a sua recorrência

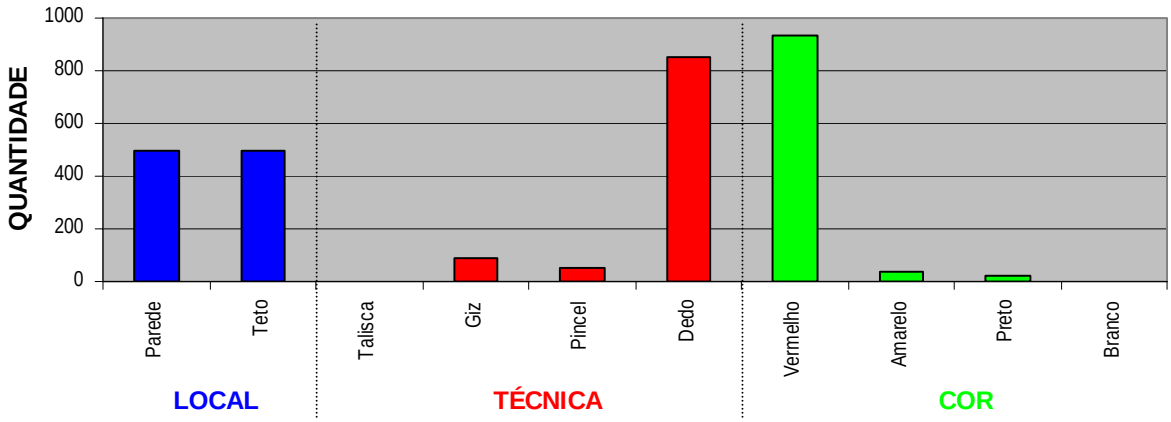
Nº	SIGNO	QTD / %	Nº	SIGNO	QTD / %	Nº	SIGNO	QTD / %
02		153 | 27,3%	06		23 | 4,1%	11		18 | 3,2%
04		89 | 15,9%	13		13 | 2,3%	03		6 | 1%
05		41 | 7,3%	15		11 | 2%	16		8 | 1,4%
20		24 | 4,3%	10		8 | 1,4%	18		10 | 1,8%
21		28 | 5%	14		37 | 6,6%	22		7 | 1,3%
07		13 | 2,3%	08		17 | 3%	25		9 | 1,6%
09		16 | 2,9%	12		7 | 1,3%	10		2 | 0,4%
01		13 | 2,3%	17		8 | 1,4%	TOTAL		561 | 100%

Apesar de toda a discussão estabelecida, a verificação das potencialidades das relações existentes entre ocorrência e recorrência, por si só, não é suficiente para afirmar a existência de uma gramática, de maneira que se faz necessária a análise dos signos classificados, para se ter uma ideia mais precisa deste quadro.

Como informamos, foram identificados 987 signos nos 49 sítios estudados. Desse conjunto, 327 signos – aqueles definidos como borrões e não identificados, que equivalem a 33,1% do universo apreendido – não têm possibilidade de estudos. Os 660 restantes (66,9%), embora sejam passíveis de identificação do motivo representado, nem sempre são de fácil percepção do conteúdo. No que concerne à observação desta condição arqueológica, os signos foram analisados de acordo com seus locais, suas técnicas e suas cores de representação. Numa leitura geral do conjunto, percebe-se que estes se encontram distribuídos de maneira

equilibrada nos diferentes locais dos painéis, sendo 49,9% nas paredes e 50,1% nos tetos, majoritariamente feitos com os dedos (86,3%) na cor vermelha (94,3%).

GRÁFICO 18: TOTAL GERAL DOS SIGNOS



Para uma análise particularizada deste quadro, seguiremos investigando a situação dos signos recorrentes, o que significa dizer que os signos ocorrentes não serão, a princípio, considerados. De qualquer forma, cabe lembrar que ainda que não estejam expressas no texto as análises dos signos ocorrentes, eles estão analisados individualmente no apêndice 6 com suas tabelas, percentuais e gráficos.

No que diz respeito aos locais de representação, foi verificado que entre os signos recorrentes existem aqueles que são apresentados preferencialmente nas áreas de teto, aqueles que são representados majoritariamente nas áreas de parede, e aqueles apresentados de maneira equivalente nos tetos e nas paredes. Entre os signos representados em maior quantidade nos tetos, estão o 5 (75,6%), o 7 (69,2%), o 8 (62,5%), o 9 (68,8%), o 11 (55,6%), o 12 (85,7%), o 13 (100%), o 14 (89,2%), o 15 (81,8%), o 20 (66,7%), o 21 (64,3%) e o 22 (85,7), ilustrados nas imagens que seguem:

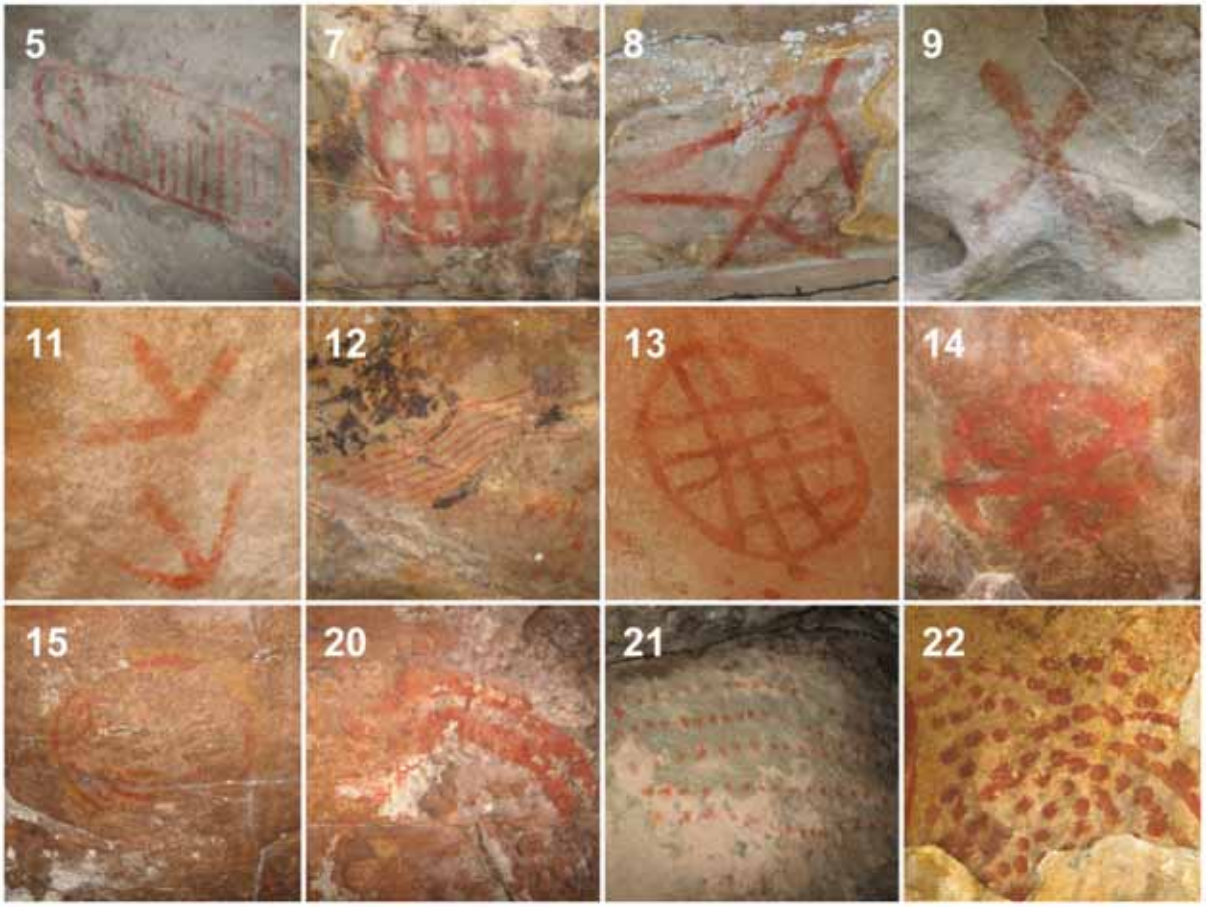


IMAGEM 69: Exemplares dos signos preferencialmente representados nos tetos: signo 5, Igrejinha unidade 2; signo 7, Macaqueiras; signo 8, As Moitas unidade 5; signo 9, Tombador Alto unidade 5; signo 11, Olhos D'água II; signo 12, Pé de Serra; signo 13, Olhos D'água I unidade 4; signo 14, Cambaitira I unidade 2; signo 15, Cambaitira I unidade 2; signo 20, Serra do Tamanco unidade 2; signo 21, Olhos D'água I unidade 4; signo 22, Rio Preto IV. Fotos: Autor.

Já os signos que estão representados em maior quantidade nas paredes são o 1 (61,5%), o 2 (54,3%), o 3 (66,7%), o 4 (55,1%), o 6 (87%), o 16 (75%), o 19 (100%) e o 14 (77,8%), conforme se pode ver nas imagens:

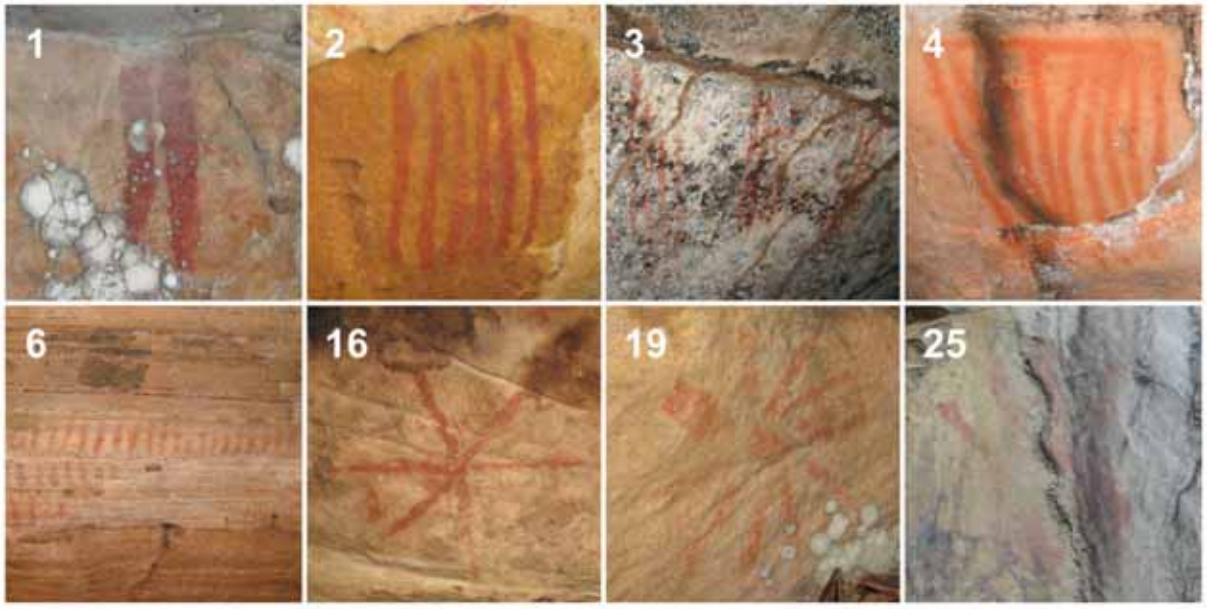


IMAGEM 70: Exemplares dos signos representados preferencialmente nas paredes: signo 1, Pé de Serra; signo 2, Rio Preto IV; signo 3, Tombador Alto unidade 2; signo 4, São Judas Tadeu IV unidade 2; signo 6, Igrejinha unidade 2; signo 16, Tombador Alto unidade 5; signo 19, Pé de Serra; signo 25, Bananeira. Fotos: Autor.

E os signos que estão tanto nos tetos quanto nas paredes são o 10 (50%), o 17 (50%) e o 8 (50%):

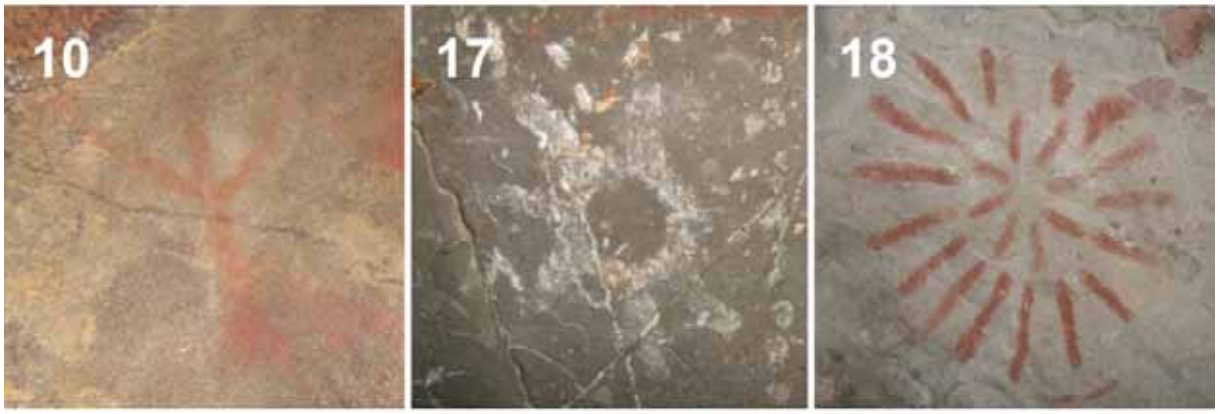


IMAGEM 71: Exemplares dos signos representados tanto em paredes quanto nos tetos: signo 10, Fazenda Caldeirão I unidade 2; signo 17, Igrejinha unidade 2; signo 18, Cambaitira I unidade 2. Fotos: Autor.

No conjunto de 987 signos analisados, os dados com relação às preferências por áreas para representar (teto e parede) sugerem, do ponto de vista quantitativo, coerência e expressão estatística. No entanto, se confrontados com a realidade na qual se encontra o território em que se inserem os sítios, não podemos afirmar que as preferências estatísticas verificadas reflitam opções preferenciais dos grupos humanos que produziram os sítios. Em face do

processo de destruição sistemática por que passou a região do Piemonte da Chapada Diamantina, a informação estatística pode não ter equivalência com a informação cultural.

Com relação à técnica de confecção das pinturas, foi identificado que 86,3% correspondem a pinturas feitas com o uso dos dedos, 8,7% feitas com o *crayon* e 5% com pigmentos aplicados com pincel fino. Como se pode perceber, a aplicação dos pigmentos com o uso dos dedos obteve a maior expressão quantitativa/percentual. E esta expressão estará refletida nos dados particulares relacionados aos signos, que também terão esta técnica como a mais utilizada. Exceção se faz a alguns signos que tiveram o pincel fino como a técnica mais utilizada, a exemplo daqueles identificados como os números 27 (56,5%), 29 (83,3%) e 30 (100%). As figuras feitas com *crayon* não tiveram expressão percentual significativa.

IMAGEM 72: Detalhes de pigmentos aplicados utilizando-se diferentes técnicas: a) pigmento aplicado com o uso dos dedos, sítio Cambaitira I unidade 1; b) pigmento aplicado com técnica crayon, pedra seca aplicada no suporte ao modo de um giz, sítio São Judas Tadeu I; c) pigmento aplicado com pincel fino, sítio Tombador Alto unidade 6. Fotos: Autor.

Estes resultados relativos aos signos 27, 29 e 30 evidenciam pinturas que, se tomarmos como referência a classificação dos signos, se referem a representações figurativas, diferenciando-se, portanto, do conjunto geral, que é quase todo composto por representações geométricas. Ora, tanto as representações figurativas quanto a técnica de aplicação com pincel são minoritárias no conjunto estudado. No entanto, aparecem associadas nas análises, o que sugere estarmos tratando de um perfil gráfico distinto daquele que se vem revelando corriqueiro.

No que diz respeito às cores utilizadas, o vermelho aparece como de uso predominante com 94,2%, seguido do amarelo com 3,5%, do preto com 2,1% e do branco com 0,2%. Tais cores podem ser utilizadas individualmente, em pouquíssimas situações aparecem em bicromias e em raras ocasiões em policromias.

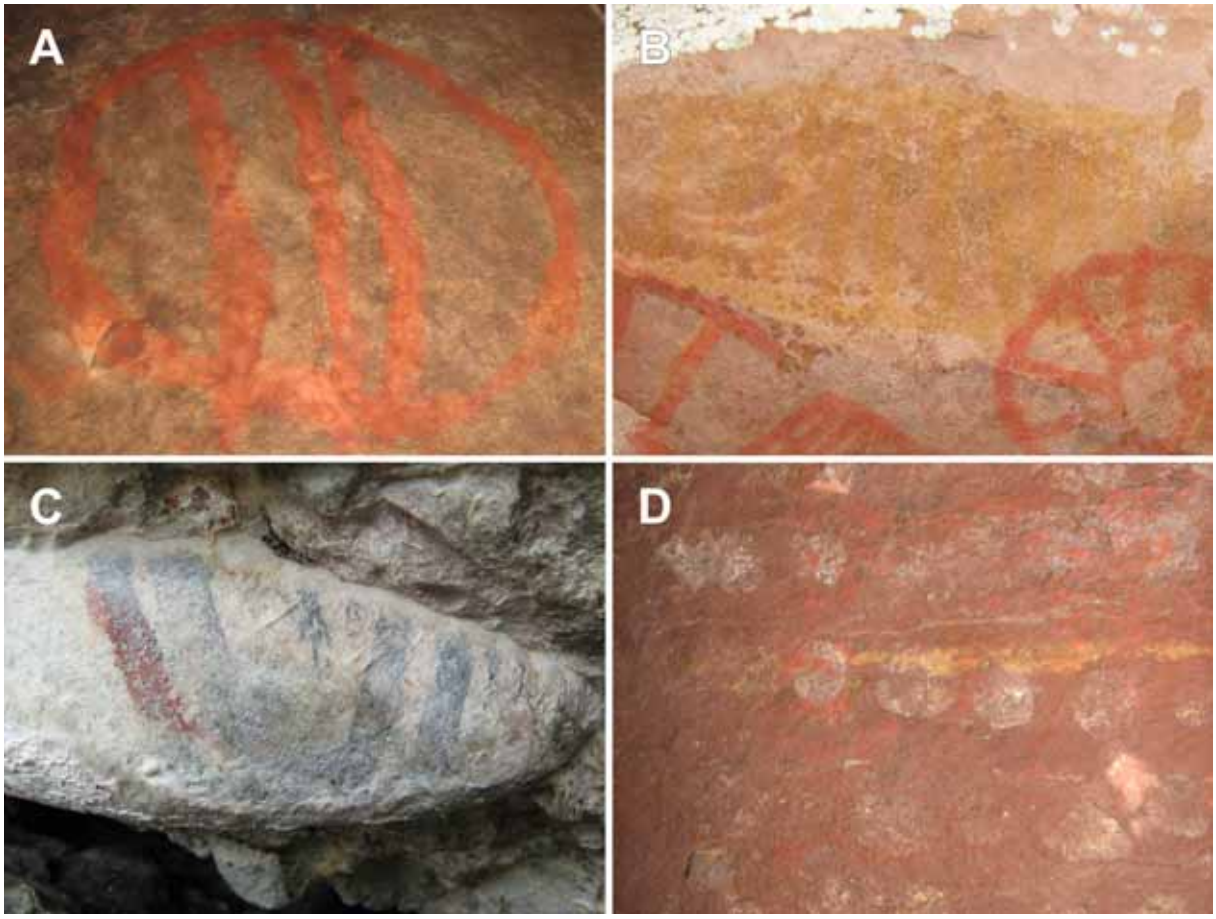


IMAGEM 73: Signos feitos nas diferentes cores identificadas: a) vermelho, sítio Fazenda Caldeirão I; b) amarelo, sítio Cambaitira I unidade 2; c) preto, sítio Seixos; d) branco, sítio Pé de Serra. Fotos: Autor.

Tendo em vista o fato de o vermelho se configurar como a cor majoritariamente utilizada no conjunto, passamos a observar as exceções – amarelo, preto e branco – com o intuito de perceber se havia particularidades significativas que merecessem menção, de maneira que identificamos um fenômeno singular. Nas representações geométricas aplicadas com os dedos, o uso de cores diferentes do vermelho – seja em monocromia, bicromia ou policromia – está restrito a dois conjuntos de signos que guardam particularidades na forma de representação: primeiro, aqueles que têm como princípio de representação a associação de linhas retas paralelas e/ou perpendiculares (signos 2, 3, 4, 5, 7 e 21); e segundo, aqueles que têm o círculo como base da representação (signos 13, 14, 15, 17 e 20).

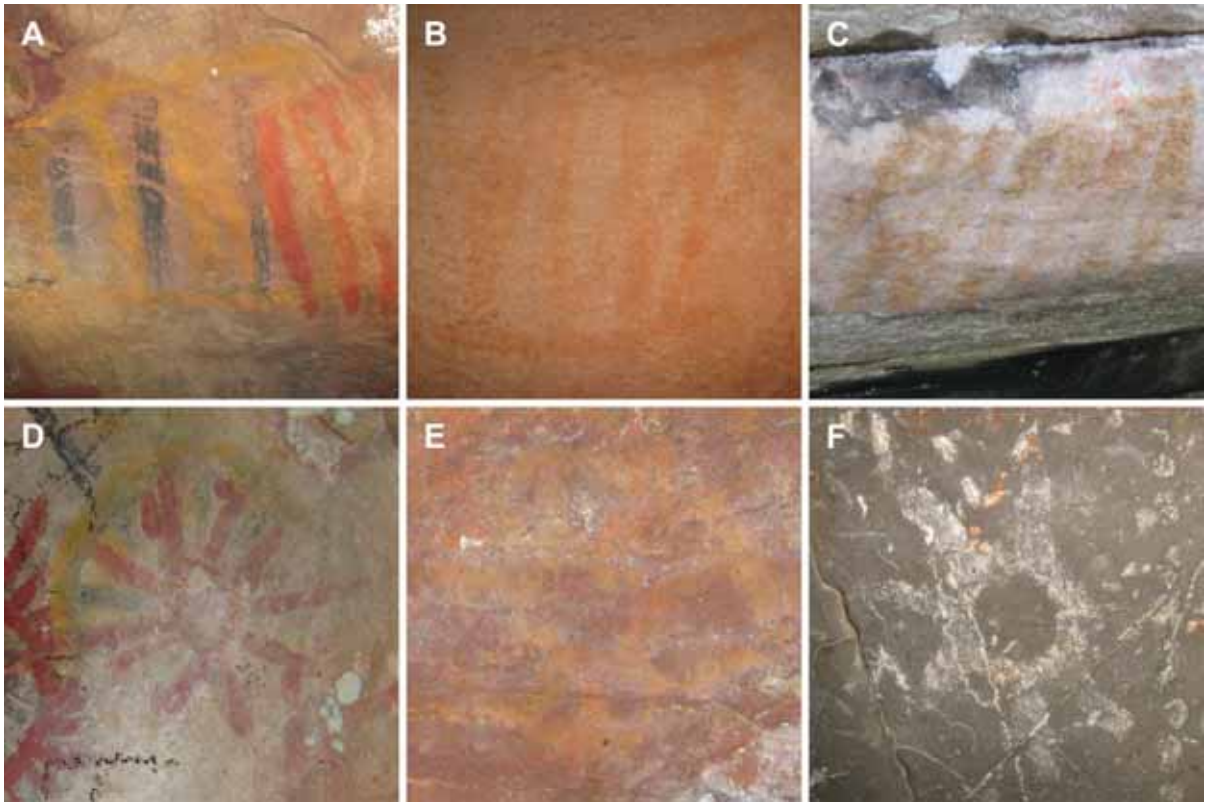


IMAGEM 74: Exemplares com o uso do amarelo, do preto e do branco na representação: A, B e C referem-se a representações com a associação de linhas retas, dos sítios Cambaitira I unidade 1, Serra do Cílio III unidade 2 e Tombador Alto unidade 3, respectivamente; C, D e E são representações tendo como base um círculo, identificadas nos sítios Pé de Serra, Cambaitira I unidade 1 e Igrejinha, respectivamente. Fotos: Autor.

Esse dado configura-se importante, pois nos põe diante de duas possibilidades interpretativas. Acreditamos que o fato de não se encontrar em maior quantidade figuras desenhadas com cores distintas do vermelho, em bicromia e/ou em policromia muito provavelmente se deve ao uso excepcional destas tonalidades, de maneira que não seria válida a ideia de que as pinturas nas cores amarela, preta e branca tivessem se degradado mais rapidamente, uma vez que não são encontradas em grande quantidade. Ou seja, não podemos dizer que o amarelo, o preto e o branco tenham sido utilizados em muitas pinturas, pois, diante da consistência estatística e qualitativa da informação obtida, o mais provável é que elas tivessem existido, de fato, em menor proporção. Se por um lado esta situação permite um encaminhamento de observação no plano técnico, por outro possibilita avançarmos na interpretação de reconhecimento de significados associados às pinturas. Estes resultados impõem aos signos em amarelo, preto e branco uma condição significativa muito particular no conjunto e, por sua vez, aos signos vermelhos restaria a interpretação de que sejam dotados de informações com significados mais corriqueiros.

Em face da singularidade apresentada, cabe resgatar duas outras informações que, associadas a estas, reforçam o argumento da excepcionalidade do contexto arqueológico. No início da apresentação dos resultados, quando discutíamos sobre os setores topográficos de instalação dos sítios, apresentamos a situação dos sítios do sopé da *cuesta* da Serra do Tombador, que se encontram em unidades geomorfológicas/arqueológicas notáveis, distinguindo-se de outros setores desta mesma área que, à guisa das nossas observações, poderiam ter sido utilizados para aplicação de pinturas, mas, como demonstramos, não o foram. É justamente em sítios no sopé da *cuesta* da Serra do Tombador – Pé de Serra e Cambaitira I – que se encontra a maioria da figuras da amostra que apresentam bicromia e policromia. Nestas áreas, embora extremamente esmaecidas, as pinturas representadas em bicromia e/ou policromia estão concentradas nos setores centrais dos sítios e com melhor visualização dos painéis. Nos demais sítios onde o uso de cores distintas do vermelho, bicromia ou policromias, foi identificado[102], as figuras encontram-se em boa condição de visualização no painel, sempre em situação de destaque. Em síntese, os grafismos em amarelo, em preto, em branco, em bicromia e em policromia, eram feitos em áreas específicas dos sítios para que fossem facilmente vistos e, muito provavelmente, eram portadores de significados com importância prevalente em relação aos demais grafismos, os vermelhos.

IMAGEM 75: Sítio Cambaitira I unidade 1. Na imagem da esquerda, indica-se a posição do painel principal do sítio. À direita, o painel. Fotos: Autor, fevereiro de 2009.

Outra possibilidade interpretativa a ser apresentada diz respeito aos signos 2 e 4, que são os mais recorrentes e os mais ocorrentes no conjunto estudado. O signo 2 está representado em

[102] As Moitas, Cambaitira II unidade 1, Olhos D'água I unidade 2, São Judas Tadeu IV unidade 1, Seixos, Serra do Cílio II unidade 1, Serra do Cílio III unidade 2 e Tombador Alto unidades 1, 3, 5, 6, 7 e 8.

33 sítios com 153 ocorrências; o signo 4 foi localizado em 21 sítios com 89 ocorrências. Em termos percentuais, o signo 2 está presente em 67,3% dos sítios e representa 27,3% das pinturas recorrentes; o signo 4 está em 42,9% dos sítios e perfaz 15,9% das pinturas recorrentes. Estes valores percentuais revelam a importância destes signos como símbolos portadores de mensagens específicas e, por que não, como emblemáticas na área de estudo. Para complementar esta informação, vale ressaltar a relevância de um sítio que se torna referencial para a compreensão da importância destas figuras: o Jenipapo. Tal e qual os sítios verificados no sopé da Serra do Tombador, este está numa área de sopé, numa formação rochosa quartzítica à margem da Serra de Jacobina, na sua face leste. Situado num abrigo alto de grandes dimensões, o sítio tem uma posição notável na paisagem, visível de qualquer ponto do território e com excelentes condições de visibilidade e de visualização dos painéis. Associado a isto, dos 45 signos identificados, 34, portanto 76%, são o signo 2 (16) e o 4 (18). Ou seja, a condição especial do sítio na paisagem relacionada à quantidade do conteúdo nele representado demonstram a importância destes signos como portadores de mensagens específicas, muito significativas, acessíveis àqueles que viveram nesta região no passado pré-colonial.

IMAGEM 76: Sítio Jenipapo. Na imagem da esquerda, uma visão geral do abrigo. Na direita um dos conjuntos pictóricos identificados no sítio. Fotos: Autor, setembro de 2009.

Existe ainda uma condição gráfica que apresenta uma importante particularidade no conjunto, mas que se tem mostrado incognoscível. Referimo-nos às figuras feitas com a técnica do *crayon*. Não é possível reconhecer um plano gráfico específico para estas figuras, pois às vezes parecem ser rabiscos feitos a esmo ou mesmo rasuras intencionalmente feitas sobre figuras, sem nenhum planejamento inicial e, em outras situações, repetem, em forma de cópia,

signos geométricos semelhantes aos feitos com o uso dos dedos, ou mesmo complementam figuras geométricas. Primeiro, dos 86 signos feitos com *crayon*, 48 não são identificáveis (55,8%), 1 é figurativo (1,2%) e 37 são geométricos (43%). Segundo, não conseguimos identificar padrões que sugerissem um planejamento do uso do espaço, aparecendo de qualquer forma e em qualquer lugar das unidades geomorfológicas/arqueológicas. Terceiro, a própria técnica de aplicação do pigmento, o *crayon*, tal como um giz, não demanda nenhuma preparação específica para a sua feitura, senão apenas a ação de sacar do ambiente uma pedra de hematita ou um taco de carvão e riscar o suporte, o que sugere a ligeireza do ato de rabiscar e a ausência de um plano específico para os desenhos. Apesar de não ser possível apontar uma gramática específica por trás destes signos em *crayon*, podemos indicar a existência da intenção de marcar espaço, na medida em que estes desenhos estão, em algumas situações, sobre pinturas preexistentes[103].

Com relação às figuras sem recorrência, sistematizadas nas classes 23, 24 e 26 a 30, foram reunidas em cada uma das categorias por terem mais ou menos o mesmo princípio de confecção, mas não por representarem signos necessariamente iguais. Dessa forma, temos classes destinadas a linhas gerais, zigue-zague, antropomorfos, quadrúpedes, lagartos, emas e sapos, que podem (e foram) ser agenciados pelos temas, mas não a partir de uma associação das formas (que têm significativas variações na maneira de representar), técnicas e cores. Apesar disso, é possível se perceber, basicamente, duas condutas técnicas para as suas feituras: o pincel fino (25,9%) e o uso dos dedos (71,3%)[104]. Aquelas feitas com o pincel fino, de modo geral, aparecem nos painéis associadas a outras figuras feitas com a mesma técnica, compondo conjuntos e/ou cenas. Neste sentido, tudo sugere que para este conjunto o princípio de análise não pode ser, rigidamente, a normatização da representação, pois a lógica que rege esta gramática parece ser associada a uma narrativa livre do que se vê. Ou seja, para um estudo pormenorizado desta gramática a forma das representações pode não revelar, efetivamente, especificidades subjacentes à sua confecção. No entanto, nossa amostra é insuficiente para avançarmos neste caminho metodológico.

[103] Carlos Etchevarne nos dá caminhos para o entendimento desta condição: "(...) as superposições representam mais do que indicadores de temporalidade. Manifestam atitudes dos grupos pintores, já que pintar uma figura sobre outra não constitui um gesto aleatório ou sem significado. No momento de pintar, o autor de um grafismo observou a existência de outro elemento gráfico e adaptou sua pintura a essa circunstância. De alguma maneira, quem pintou incorporou ao seu projeto a figura precedente, conformando assim uma nova estrutura gráfica, atualizando os conteúdos significativos ou, então, decididamente, negando-os" (ETCHEVARNE, 2007, p. 146).

[104] Das classes não recorrentes, foram identificadas 77 feitas com o uso dos dedos, 28 com o pincel fino e 3 com o *crayon*.

Por sua vez, acreditamos que as figuras em linhas gerais e zigue-zague devessem fazer parte de um repertório significativo associado à gramática dos signos geométricos feitos com o uso dos dedos, pois sempre aparecem associadas nos mesmos painéis. Entretanto, em nossa análise, não tiveram expressão estatística. Da mesma forma são os figurativos feitos com uso dos dedos, que geralmente são grandes, de 20 a 50 cm, e aparecem em pequena quantidade, mas, igualmente, associados nos painéis com representações geométricas.

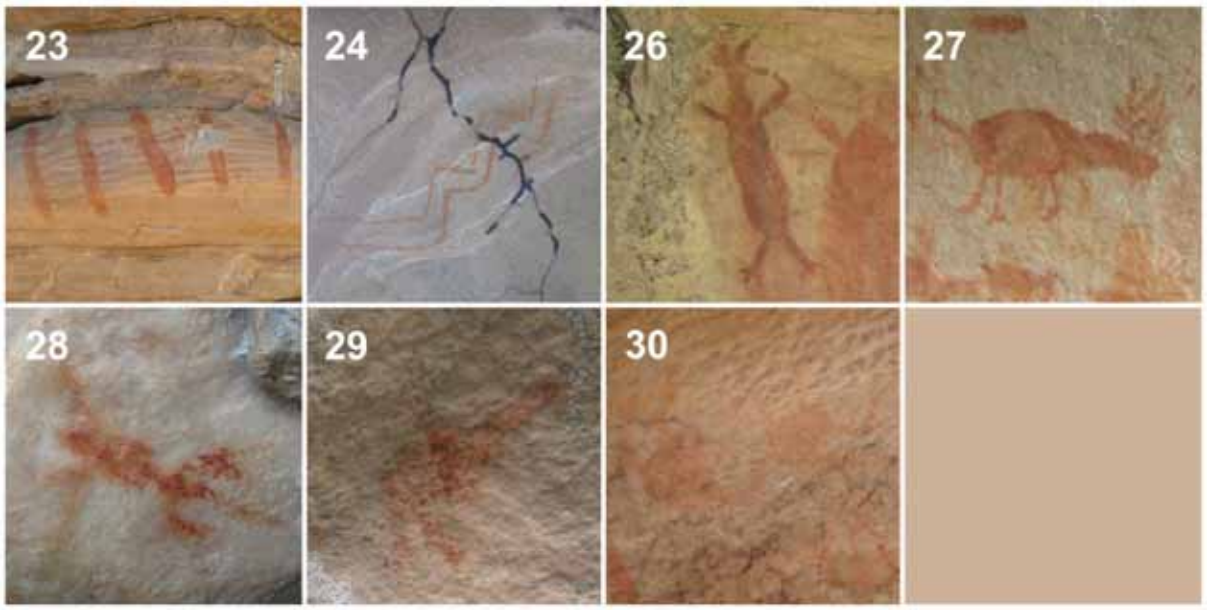


IMAGEM 77: Exemplares dos signos ocorrentes: signo 23, Cambaitira III unidade 2; signo 24, Tombador Alto unidade 3; signo 26, Rio Preto II; signo 27, Tombador Alto unidade 6; signo 28, Seixos; signo 29, Tombador Alto unidade 6; signo 30, Serra do Cílio III unidade 2. Fotos: Autor.

Enfim, fazendo um enlace de todos os resultados apresentados, reunindo, portanto, informações relacionadas aos locais, aos conteúdos gráficos, às técnicas de execução das pinturas e às cores de representação é possível se caracterizar três perfis técnico-gráficos para os signos levantados nos sítios do Piemonte da Chapada Diamantina:

- O primeiro e menor em quantidade corresponde a signos feitos com pincéis finos cautelosamente delineados, na cor vermelha ou, em bem menor quantidade, amarela, representando elementos figurativos com 5 a 20 cm de dimensão, às vezes apresentados isoladamente, em conjunto ou compondo cenas, representadas em raras ocasiões associadas com elementos geométricos.

- O segundo refere-se a signos feitos com o uso dos dedos, linhas grossas, representando majoritariamente signos geométricos, com pouquíssimos casos de

figurativos, delineados com certa negligência no traço, com dimensões entre 15 e 50 cm, utilizando preponderantemente a cor vermelha e em poucos casos amarela, branca e preta, ocorrendo também bicromia e policromia.

- E o terceiro e último conjunto, refere-se a desenhos feitos com *crayon* – pedra seca aplicada no suporte ao modo de um giz – sem conformarem signos específicos, sugerindo tratar-se de rabiscos feitos a esmo, sem nenhum padrão associado, majoritariamente na cor vermelha (pedras de hematita) e em poucos casos preta (carvão).

Cabe esclarecer que, na amostra estudada, os perfis identificados não são iguais e nem sugerem ter sido feitos no mesmo momento, a menos que consideremos que o(s) mesmo(s) indivíduo(s) ou grupo executou(aram) o painel com duas técnicas e conteúdos gráficos distintos. Contudo, esta não nos parece uma possibilidade viável. Isto se conclui porque, quando verificamos no mesmo sítio pinturas com perfis gráficos diferentes, é fácil se perceber – através do grau de preservação, da intensidade cromática das pinturas (esmaecimento), dos conteúdos representados e da técnica de representação – que se referem a momentos distintos de representação. Ademais, além dos casos em que as pinturas aparecem lado a lado nos painéis, há alguns poucos sítios com figuras superpostas e, mesmo, sobrepostas que evidenciam a condição temporal distinta dos perfis gráficos que compõem as gramáticas identificadas. Assim, a alternativa mais factível é que os perfis gráficos apresentados estejam relacionados, muito provavelmente, a momentos diferentes de ocupação.

Ao chamar a atenção para este aspecto, cabe também tratar da questão da temporalidade das pinturas. Como é largamente discutido pelos especialistas das representações rupestres, datações de pinturas e gravuras rupestres são muito difíceis de se realizar, uma vez que nem sempre se conseguem conteúdos datáveis nos materiais que constituem as pinturas, especificamente os pigmentos, que são feitos em sua maioria de minerais, com raras exceções datáveis como o carvão. Já as gravuras, por resultarem da subtração do suporte rochoso, não permitem datações. Disto se conclui que datações diretas das pinturas e gravuras dependem de condições muito específicas. Assim, as poucas datações existentes são feitas de forma indireta, através da associação de pinturas com escavações realizadas nos sítios rupestres. Nestas situações, quando há a sorte de o pesquisador encontrar pigmentos, instrumentos utilizados para fazer as pinturas e plaquetas descamadas dos painéis com pinturas nos contextos sedimentares dos sítios rupestres, passíveis de alguma relação com os extratos

arqueológicos, pode se conseguir um marco cronológico por associação. Neste sentido, as datações possíveis para as pinturas são relativas, observadas pela sequência pictórica dos painéis, de maneira a se estabelecer uma sucessão de eventos, sem, necessariamente, conseguir estabelecer marcos temporais para estes momentos.

No caso dos sítios aqui estudados, são pequenas as possibilidades de estabelecimento desta sucessão pictórica, haja vista que os painéis estão extremamente degradados e, além disso, os que aparecem com sobreposição de figuras são poucos. Ainda assim, os poucos existentes permitem estabelecer algumas diretrizes para um modelo sucessório para os perfis gráficos identificados. As sobreposições de desenhos feitos através da técnica do *crayon* são as mais recorrentes e, entre as sobreposições identificadas, as mais recentes, pois aparecem nos sítios sobre as demais pinturas. Exceção se faz a uma situação, identificada no sítio Cambaitira I unidade 1, na qual um desenho preto (provavelmente aplicado com carvão) feito pela técnica do *crayon* é coberto por uma pintura aplicada com o uso dos dedos. Sobre esta última, por sua vez, aparece outra figura preta, mais recente, feita com *crayon*.

O segundo momento pictórico e intermediário na sucessão é configurado pelas pinturas geométricas feitas com o uso dos dedos, verificadas nos sítios Cambaitira I, Pé de Serra e Tombador Alto unidade 6. Este conjunto pictórico reflete o momento de maior intensidade de representações gráficas. Esta intensidade vem acompanhada de sobreposições de pinturas geométricas feitas com o uso dos dedos sobre outras pinturas de igual natureza em, pelo menos, duas condições: em caráter de complemento aos grafismos precedentes; e como sobreposição a outros signos geométricos diferentes. Sobre o primeiro caso, é difícil dizer se estas sobreposições de acréscimos se refirem a momentos temporais diferentes ou à cadeia operatória na confecção da pintura. Cabe dizer que, também, existem nos sítios painéis que apresentam signos geométricos aplicados com o uso dos dedos, lado a lado no mesmo painel, que visivelmente expressam momentos diferentes, em face do estado de preservação e de algumas pequenas diferenças das silhuetas da gramática.

O terceiro momento é o das pinturas feitas com o uso de pincéis finos, as quais aparecem abaixo das figuras geométricas anteriormente descritas. Esta condição de sobreposição pôde ser identificada no sítio Tombador Alto unidade 6, onde inúmeras pinturas geométricas (em sucessão entre si, inclusive) aparecem sobrepostas a uma cena de uma pequena manada de veados. Acima dos geométricos se encontram rabiscos em *crayon*. Há situações, como aquela identificada no sítio Serra do Cílio III unidade 2, em que figuras geométricas feitas com o uso

dos dedos aparecem ao lado de conjuntos de representações figurativas feitas com o uso de pincel fino. Ainda que não estejam sobrepostas, a distinção da situação temporal é de fácil verificação, uma vez que os signos figurativos se encontram intensamente esmaecidos.

IMAGEM 78: Sítio Cambaitira I unidade 1. No detalhe é possível se perceber 5 momentos pictóricos, apresentados do mais antigo ao mais recente: uma linha vermelha esmaecida sob as imagens, seguida pelas figuras pretas, cobertas pelas representações em vermelho intenso, depois amarelo e, finalmente, linhas pretas aplicadas em *crayon*. Fotos: Autor, fevereiro de 2009.

IMAGEM 79: Sítio Cambaitira I unidade 1. No detalhe vemos, do mais antigo ao mais recente: uma linha horizontal vermelha esmaecida na porção direita da imagem; um pente desenhado em um vermelho alaranjado; pinturas em amarelo; uma grade preta aplicada em *crayon*; pinturas em vermelho intenso; por fim, crayon preto na porção direita da imagem. Fotos: Autor, fevereiro de 2009.

IMAGEM 80: Sítio Tombador Alto unidade 6. Rabiscos feitos em *crayon* sobre pinturas de representações humanas feitas com pincel fino. Foto: Autor, fevereiro de 2009.

IMAGEM 81: Sítio Jenipapo. Linhas em *crayon* complementam figura aplicada com o uso dos dedos. Foto: Autor, setembro de 2009.

IMAGEM 82: Sítio Cambaitira I unidade 1, exemplo em que pinturas geométricas diferentes se sobrepõem. No detalhe a imagem em preto é complementada pela em amarelo. Ambas se sobrepõem a um signo diferente aplicado em vermelho. Foto: Autor, setembro de 2009.

IMAGEM 83: Sítio Pé de Serra, exemplo em que um signo com linhas vermelhas se sobrepõe a uma sequência de pontos em branco. Foto: Autor, fevereiro de 2009.

IMAGEM 84: Sítio Tombador Alto unidade 6, onde é possível se ver o resultado final da sucessão de momentos pictóricos. Foto: Autor, fevereiro de 2009.

IMAGEM 85: Sítio Cambaitira I unidade 2. Painel com representações geométricas feitas com o uso dos dedos em situação de sobreposição. Foto: Autor, setembro de 2009.

IMAGEM 86: Sítio Serra do Cílio III unidade 2, em que um signo geométrico se encontra ao lado de um conjunto de figurativos esmaecidos na parte direita superior da imagem. Foto: Autor, setembro de 2009.

Esse modelo sucessório que apresentamos para as representações rupestres do Piemonte da Chapada Diamantina, baseado nos dados que dispomos, apresenta semelhança e coerência com um panorama descrito por Carlos Etchevarne relativo ao estado da Bahia. Esse contexto é assim apresentado pelo autor:

> As figuras de pequenas dimensões, em tinta vermelha escura ou arroxeada, correspondente à Tradição Nordeste, encontram-se sempre sob as outras, indicando terem sido as primeiras pintadas. Outros antropomorfos e zoomorfos pouco maiores de cores branca, creme e amarela encontram-se sobre as primeiras, o que significa um segundo momento de pintura. Os grafismos da Tradição Agreste, quando ocupam painéis com grafismos da Tradição Nordeste, às vezes se impõem, espaçosos, sobre grafismos anteriores. (...) Por último, são os geométricos, em geral motivos lineares pouco elaborados, que ficam sobre os demais grafismos, demonstrando serem o último momento pictórico (ETCHEVARNE, 2007, p. 145-146).

Se comparados os dados de Etchevarne com o modelo que apresentamos, a diferença reside na inexistência de figuras que se assemelhem aos grafismos da tradição Agreste e na existência de um momento adicional, relacionado aos rabiscos feitos pela técnica do *crayon*. Guardadas as diferenças, a sequência é exatamente a mesma.

Por fim, no que tange a esse modelo sucessório apresentado, cabe ainda uma consideração. Como vimos, a maior intensidade de pinturas nesta área está relacionada ao segundo momento pictórico, caracterizado por signos geométricos feitos com o uso dos dedos. Esse

momento, por sua vez, não se revelou único, na medida em que foram identificados acréscimos nas pinturas, sobreposições e superposições de signos que evidenciam o uso continuado da paisagem em diferentes momentos. Correndo o risco de nos equivocar, mas apoiados nos nossos dados e a título de hipótese, é sugestiva a ideia de que essa intensidade gráfica, marcada por uma gramática singular baseada em signos geométricos, esteja diretamente relacionada à existência de um contingente populacional expressivo, com identidades gráficas semelhantes, cujos códigos seriam conhecidos, partilhados e transmitidos por estas populações humanas que teriam vivido ou transitado na região do Piemonte da Chapada Diamantina num lapso de tempo específico.

Embora centremos nossas atenções sobre as representações rupestres, cabe explicitar que, em última análise, a nossa intenção ao abordar estes dados é interpretar culturas, na medida em que percebemos que a maneira de fazer (representar) os motivos gráficos, bem como o que eles formalmente apresentam, expressam escolhas sociais, determinadas por dinâmicas culturais específicas, sobre as quais detemos, unicamente, esta parcela da cultura material. Não temos dúvidas de que as representações rupestres do Piemonte da Chapada Diamantina revelam diferentes aspectos de identidades culturais, com certa maleabilidade (dinâmica) e certo grau de resistência, mas, sem dúvida, com normas próprias utilizadas nesta região. Assim sendo, as diferentes gramáticas apontam, possivelmente, para episódios de ocupação bem marcados, ocorridos, em alguns casos, em diferentes momentos temporais, ou mesmo paralelamente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Debater a problemática do conceito de “tradição” e o modo como ele interferiu no estudo das representações rupestres brasileiras, tendo em conta a multiplicidade de elementos plásticos, sustentou, fundamentalmente, a pesquisa relatada neste trabalho, que considera a real possibilidade de construção de panoramas arqueológicos a partir do estudo dos signos geométricos identificados nas pinturas e gravuras rupestres. Para esta questão formulamos como resposta hipotética a ideia de que, ainda que os signos geométricos sejam universais, o modo como são executados, a escolha dos locais onde são aplicados e a maneira como estão dispostos e associados nos sítios possibilitam perceber particularidades de interesse para a interpretação arqueológica, que podem vir a indicar repertórios gráficos significativos relacionados às sociedades que se apropriaram das diferentes regiões. Utilizamos como estudo de caso para testar esta formulação os sítios levantados no Piemonte da Chapada Diamantina. Resgatemos os dados apresentados, ao longo deste trabalho, que nos permitem reunir elementos para dar uma resposta e, assim, firmar uma posição teórica acerca do tema:

1- O estudo das particularidades da paisagem, sobremaneira os dados relacionados à geotectônica, geologia, geomorfologia, solos, hidrografia, clima e vegetação, demonstram que o Piemonte da Chapada Diamantina se constitui como uma área dinâmica do ponto de vista ambiental, com singularidades em termos de recursos.

2- A pesquisa contou com condicionantes do ponto de vista da paisagem de inserção e da preservação dos sítios, que criam barreiras para a observação de aspectos associados à instalação dos grupos humanos e à apropriação específica dos suportes rochosos para

disposição dos signos, impondo-se como limitadores da leitura dos dados arqueológicos.

3- Os sítios com pinturas rupestres encontram-se instalados nos diferentes setores deste território, demonstrando que a diversidade ambiental verificada não atuou como limitadora da ocupação humana, na medida em que os indivíduos que estiveram nesta região em períodos pré-coloniais se apropriaram dos diferentes recursos disponíveis, com altíssimo potencial de mobilidade e estabelecendo uma relação de reciprocidade entre ocupação humana e paisagem.

4- Há apropriações de determinadas paisagens, em especial do sopé das serras, que demonstram particularidades significativas na escolha dos locais de instalação dos sítios.

5- O estudo particularizado dos signos permite reconhecer, pelo menos, três gramáticas distintas relacionadas ao Piemonte da Chapada Diamantina, expressas por perfis gráficos que se apresentam em forma de: signos feitos com pincel fino representando elementos figurativos; signos feitos com o uso dos dedos representando elementos geométricos; signos feitos com o *crayon* representando rabiscos e elementos geométricos.

6- O perfil gráfico dos signos feitos com uso dos dedos representando elementos geométricos surge como o mais expressivo quantitativa/qualitativamente, apresentando particularidades significativas de representação que, igualmente, estão associadas ao uso dos espaços específicos da paisagem.

7- É possível apresentar um modelo sucessório de ocupação relacionado às diferentes gramáticas identificadas, de maneira a reconhecer que cada uma delas expressa lapsos de tempo distintos de ocupação do território.

8- Em decorrência da expressividade da ocupação associada ao perfil gráfico relacionado aos signos geométricos feitos com o uso dos dedos, sugerimos a possibilidade de que se refiram a ocupação de longa duração no território por grupos com identidades gráficas comuns.

Como demonstramos, as especificidades da paisagem do Piemonte da Chapada Diamantina impõem ao olhar arqueológico a necessidade de observação das relações de reciprocidade

entre recursos ambientais e populações humanas que, por si só, dão a tônica acerca das particularidades que deveriam conformar as ocupações humanas neste setor. Tomando como base os dados sumarizados, construídos ao longo deste trabalho, é possível afirmar que os signos geométricos são importantes elementos para a construção de panoramas arqueológicos regionais. No caso aqui investigado, eles se constituem como símbolos associados a uma gramática com particularidades significativas, com expressão nos sítios do Piemonte da Chapada Diamantina.

Por isso, longe de uma suposta universalidade, os dados arqueológicos demonstram que os símbolos geométricos devem ser considerados objeto de estudo privilegiado, pois permitem reconhecer especificidades na ocupação humana, assim como outros dados arqueológicos vistos como potencialmente mais informativos. Logo, em relação especificamente às representações rupestres, indiferentemente da forma que elas tenham – seja figurativa ou geométrica –, por princípio, deverão contar com uma observação arqueológica particularizada e local. Portanto, o problema da impossibilidade de pesquisa das representações rupestres geométricas não está nas representações em si, mas no olhar dos pesquisadores. Em face desta questão, ousamos dizer que estes dados podem ter repercussão para além da região à qual este conhecimento específico se aplica, servindo, agora, como parâmetro para a observação de fenômenos correlatos em outras áreas da Bahia e, por que não, do Nordeste brasileiro.

Ademais, os dados relacionados à paisagem do Piemonte da Chapada Diamantina demonstram que esta região representa um território dinâmico do ponto de vista ambiental, de maneira que a existência de repertórios gráficos comuns identificados nos diferentes setores deste território, com recursos igualmente distintos, reforça o distanciamento de uma perspectiva determinista ambiental na observação dos grupos humanos que ocuparam esta área e, por sua vez, ilustra a imensa mobilidade de grupos culturalmente relacionados, pelo menos a partir de uma gramática comum.

Mas, ao passo que os dados levantados e estudados respondem à hipótese de trabalho, por consequência lógica, também demandam encaminhamentos para a continuidade das pesquisas, com o fim de testar as formulações aqui apresentadas, entre as quais:

a- Realizar escavações em sítios específicos da amostra – em especial Cambaitira I, Pé de Serra e Jenipapo – com o intuito de relacionar os dados verificados nos painéis rupestres com a ocupação específica das unidades geomorfológicas/arqueológicas e,

complementarmente, conseguir marcos cronológicos absolutos com base em datações das pinturas, ou de contextos passíveis de relações contextuais com as pinturas.

b- Aplicar metodologias informatizadas, com alta tecnologia, para o levantamento dos painéis rupestres e para a análise da paisagem, com o objetivo de complementar os dados já compulsados com novas informações.

c- Dar continuidade ao levantamento e estudo de sítios de representações rupestres nos territórios correlatos àqueles cá apreendidos, com o propósito de aumentar a amostra e testar a validade das respostas aqui elaboradas em uma maior quantidade de sítios.

d- Levantar e estudar sítios pré-coloniais com outras categorias de cultura material, com o objetivo de correlacionar outros padrões de ocupação humana com aqueles verificados nos sítios rupestres do Piemonte da Chapada Diamantina.

e- Empreender esforços com o intuito de criar mecanismos de preservação dos sítios arqueológicos do Piemonte da Chapada Diamantina, seja realizando trabalhos específicos de conservação em sítios nos quais, porventura, haja reversibilidade do quadro de destruição em que se encontram, ou mesmo preservando aqueles que persistiram, mobilizando indivíduos, setores públicos, privados e comunidade organizada para esta ação.

Para além das questões relativas à construção das informações arqueológicas e possibilidades de continuidade da pesquisa, cabe dizer que todo este esforço de investigação e construção de conhecimento sobre esta área da Bahia não estaria sendo realizado se não houvesse por trás desta ação um fim preservacionista. Como já informado ao longo do texto, o Piemonte da Chapada Diamantina sofre um intenso processo de exploração desordenada das potencialidades minerais. Tendo em vista acreditarmos que a pesquisa se afigura como o melhor meio de potencializar a proteção deste legado cultural, entendemos que nossas práticas fomentarão, a médio e longo prazo, a conscientização sobre a importância deste patrimônio, no que concerne às questões históricas e identitárias, e, consequentemente, os meios para a salvaguarda destes bens.

É com este interesse preservacionista que temos mantido estreita relação com membros da comunidade organizada, com membros da administração pública municipal e com docentes e estudantes do Campus Jacobina da Universidade Estadual da Bahia, articulando com agentes

sociais que tenham vínculos de identidade com o território onde os sítios estão localizados, para auxiliar neste processo de preservação. Compreendemos que os processos de proteção e gestão do patrimônio perpassam, necessariamente, pelas questões de reconhecimento e valorização social, de forma que só ganharão sentido se vividos, compreendidos e compartilhados por aqueles que convivem com estes vestígios e, por isto, têm relações de identidade com os mesmos. Assim sendo, a própria pesquisa pode ser entendida como meio para se pensar a gestão deste legado patrimonial e atingir os objetivos preservacionistas almejados.

Ademais, não podemos esquecer que a preservação, por si só, representa uma ação atual, pautada no reconhecimento e na valorização do patrimônio, motivada por um sentimento de pertencimento que torna as representações rupestres como legítimos representantes de um processo de construção da herança social, iniciado no momento da inscrição na pedra e que continua até o presente. Sendo assim, em decorrência de sua natureza polissêmica do ponto de vista cultural, as pinturas rupestres são mais que representantes identitários de populações pré-coloniais. Se o objeto é compreendido como inanimado, o seu conteúdo, uma vez apropriado, não pode ser assim considerado; ele é necessariamente polissêmico. Isto porque as comunidades posteriores àquelas que confeccionaram as pinturas se apropriaram e mantiveram esta ideia da apropriação, de modo a se configurarem como agentes delineadores da importância do conteúdo das representações, em si, no presente. Portanto, a compreensão das representações rupestres como herança justifica bem essa diversidade de sentidos que pode ser verificada.

Aceitar placidamente a ideia de tradição nos põe a olhar e justificar o passado e, desta forma, negar o presente, na medida em que retira a possibilidade de observação desta dimensão polissêmica que as pinturas “carregam” consigo e, consequentemente, dos inúmeros sentidos atribuídos às representações. Assim sendo, quando foram feitas, por quem foram feitas, para que foram feitas são indagações que, entre tantas outras, justificam apenas um instante da sua existência e, do nosso ponto de vista, não são as questões mais importantes, senão algumas dentre as muitas que podem ser geradas na observação das representações rupestres.

Como podemos ver, a pesquisa de doutoramento tem seu encerramento nesta tese, mas os seus dados têm efeitos para além de sua finalização – visto que há indicações de trabalhos futuros evidenciando o enorme potencial que o Piemonte da Chapada Diamantina guarda – pois servirão, inequivocamente, como fonte para o entendimento de processos históricos

“arquivados” nesta região. Entre as diferentes fontes de pesquisa arqueológica relacionadas ao período pré-colonial, as representações rupestres constituem-se como documentos privilegiados de observação dos fenômenos históricos passados. Ademais, levam o pesquisador a observar os grupos humanos sob o prisma dos significados, alertando sobre a capacidade de manifestação simbólica dos indivíduos. Saímos da esfera material, tecnicista e econômica, portanto das questões tangíveis, e entramos no universo dos sentidos, do intangível.

Embora não possamos compreender o que as representações rupestres significaram, não temos dúvidas de que estamos diante de documentos que expressam o que os diferentes grupos humanos acharam, entenderem, sentiram e materializaram. Estamos diante de expressões acerca das suas emoções, dos conflitos, dos desejos, dos credos, dos medos. Das manifestações de coragem, de afirmação, de sublimação, de negação, de amor, de ódio, de indiferença, de complacência, do acaso. Enfim, passamos a compreender que a função do arqueólogo ao observar esta categoria da cultura material não é falar de objetos, mas de indivíduos, com toda a sua multiplicidade e complexidade. Nesta linha de raciocínio, os dados que apresentamos neste trabalho acrescentam informações relevantes ao conhecimento sobre as ocupações humanas do Piemonte da Chapada Diamantina e servem como um “pontapé” inicial para a observação dos homens que estiveram e estão nesta região.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIVROS, ARTIGOS, PAPERS, TESES, DISSERTAÇÕES, LAUDOS E RELATÓRIOS

AB'SABER, Aziz Nacib. Paleoclimas quaternários e pré-história da América tropical. In: Dédalo, publicações avulsas nº 1. São Paulo: USP, p. 9-25, 1989.

AB'SABER, Aziz Nacib. Espaços ocupados pela expansão dos climas secos na América do Sul, por ocasião dos períodos glaciais quaternários. In: Paleoclimas nº 3. São Paulo: IGEOG-USP, p.1-19, 1977.

ABRANCHES, Carla Terezinha Serio. Análise e interpretação da variabilidade intra-específica de uma população refletida no esqueleto apendicular de Eremotherium laurillardi (Xenarthra: Megatheriidae). Rio de Janeiro: PPGG/IG/UFRJ, 2003 (dissertação de mestrado).

ALMEIDA, Leila Maria Ribeiro. Resultados técnicos do cadastramento e estudo prévio, para fins de proteção dos sítios arqueológicos situados no distrito de Alagadiço / Seabra. Salvador: FA/UFBA, 1997 (texto digitado).

AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de; DUARTE, Patrícia; OLIVEIRA, Adriana Machado Pimentel de. A presença da tradição Nordeste na região do Cariri ocidental: questões classificatórias. In: FUMDHAMentos IX – Atas do Congresso Internacional de Arte Rupestre da IFRAO 2009 – Piauí / BRASIL. São Raimundo Nonato: Fumdham, p. 43-65, 2009.

AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. A questão da teoria semiótica na interpretação da arte rupestre. In: KERN, Arno Alvarez (Org.) Anais da VIII Reunião da Sociedade de

Arqueologia Brasileira – coleção arqueologia, vol. 2. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 65-76, 1996.

BARBERI, Maira. Pinturas rupestres no município de Morro do Chapéu, Bahia. In: A terra em revista, nº 4. Belo Horizonte: CPRM, p. 43-48, 1998.

BARBOSA, Ademário Dias. Pinturas rupestres da Serra do Tombador - Jacobina - Bahia. In: http://geografiadopiemonte.blogspot.com, acessado em maio de 2011a.

BARBOSA, Ademário Dias. A preguiça gigante de Jacobina - Bahia. In: http://geografiadopiemonte.blogspot.com, acessado em abril de 2011b.

BARBOSA, Ademário Dias; NOLASCO, Marjorie Csekö. Diagnóstico das áreas degradadas e de conflitos do trecho sul da Serra do Tombador com o uso de geotecnologias. In: Revista de Geografia, nº 2, vol. 27. Recife: UFPE-DCG/NAPA, p. 110-125, 2010.

BARBOSA, Altair Sales. Andarilhos da claridade. Goiânia: Editora da UCG, 2002.

BARBOSA, Elvis Pereira. A pintura rupestre da APA Gruta dos Brejões Vereda do Romão Gramacho Morro do Chapéu - Ba. In: Anais do II Encontro Regional de História ANPUH-BA. Feira de Santana: UEFS, p. 1-17, 2004.

BARBOSA, Elvis Pereira. A pintura rupestre em abrigos de rocha na APA Gruta dos Brejões Vereda do Romão Gramacho - Morro do Chapéu - BA. In: Anais do XXVII Congresso brasileiro de espeleologia. Januária: SBE, p. 93-98, 2003.

BARBOSA, Johildo; SABATÉ, Pierre. Colagem paleoproterozoica de placas arqueanas do cráton do São Francisco na Bahia. In: Revista Brasileira de Geociências, vol. 33, n. 1. São Paulo: Sociedade Brasileira de Geociências, p. 7-14, 2003.

BARBOSA, Johildo; SABATÉ, Pierre; MARINHO, Moacyr Moura. O cráton do São Francisco: uma síntese. In: Revista Brasileira de Geociências, vol. 33, n. 1. São Paulo: Sociedade Brasileira de Geociências, p. 3-6, 2003.

BARBOSA, Ricardo. 2007. As pinturas rupestres da área arqueológica vale do Catimbau – Buíque, Pernambuco: estudo das fronteiras gráficas de passagem. Recife: PPARQ/UFPE, 2007 (dissertação de mestrado).

BELTRÃO, Maria da Conceição de Moraes Coutinho; LOCKS, Martha; AMORIM, Jacqueline. Projeto Central: preservação de sítios arqueológicos com pintura rupestre. In: FUMDHAMentos I. São Raimundo Nonato: Fumdham, p. 243-254, 2002.

BELTRÃO, Maria da Conceição de Moraes Coutinho. Ensaio de arqueogeologia: uma abordagem transdisciplinar. Rio de Janeiro: Zit Gráfica e Editora, 2000.

BELTRÃO, Maria da Conceição de Moraes Coutinho; DANON, Jacques Abulafia; DORIA, Francisco Antonio de Moraes. Datação absoluta mais antiga para a presença humana na América. Rio de Janeiro: UFRJ, 1988.

BELTRÃO, Maria da Conceição de Moraes Coutinho; LIMA, Tânia de Andrade. Projeto Central, Bahia: os zoomorfos da Serra Azul e da Serra de Santo Inácio. In; Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, nº 21. Rio de Janeiro: SPHAN, p. 147-157, 1986.

BEVENUTI, Sara Maria Pinotti; BOMFIM, Luiz Fernando Costa; CAMPOS, José Cláudio Viégas; COUTO, Pedro Antonio de Almeida; MELO, Felicíssimo; LOPES, Hermínio Brasil Vilaverde; VIEIRA, Ângelo Trevia. Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea: diagnóstico no município de Jacobina. Salvador: Ministério de Minas e Energia, 2005.

BIZZI, Luiz Augusto; SCHOBBENHAUS, Carlos; VIDOTTI, Roberta Mary; GONÇALVES, João Henrique Gonçalves. Geologia, tectônica e recursos minerais do Brasil. Brasília: CPRM – Serviço Geológico do Brasil, 2003.

BOADO, Felipe Criado. Del terreno al espacio: planteamientos y perspectivas para la arqueología del paisaje. In: Capa 6 – Criterios y convenciones en arqueología del paisaje. Santiago de Compostela: USC, p. 1-33, 1997.

BOADO, Felipe Criado. Límites y posibilidades de la arqueología del paisaje. In: SPAL – Revista de prehistoria y arqueología n° 2. Sevilla: Secretariado de Publicaciones de la Universidad de Sevilla, p. 9-55, 1993.

BOADO, Felipe Criado. Construcción social del espacio y reconstrucción arqueológica del paisaje. In: Boletim de Antropología Americana n° 24. Cidade do México: Instituto Panamericano de Antropología e História, p. 5-30, 1991.

BRANNER, John Casper. O escarpamento do Tombador no estado da Bahia, Brasil. Tradução de Giovanni Toniatti. The Tombador Escaroment in the of Bahia, Brazil. In: American journal of science, vol. 179. New Haven: Yale University / Departament of Geology and Geophysics / HighWire Press, p. 335-343, 1910.

BRYAN, Alan; GRUHN, Ruth. Archaeological research at six cave or rockshelter sites in interior Bahia, Brazil. In: Brazilian studies. Corvallis: Oregon State University, p. 115-164, 1993.

CALDERÓN, Valentin. Investigação sobra a arte rupestre no planalto da Bahia: as pinturas da Chapada Diamantina. In: Estudos de Arqueologia e Etnologia. Salvador: UFBA, p. 25-35, 1983 [1971].

CALDERÓN, Valentin. Nota prévia sobre arqueologia das regiões central e sudoeste do estado da Bahia. In: Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas – publicações avulsas nº 10. Belém: MPEG, p.135-149, 1969.

CALDERÓN, Valentin. Nota prévia sobre três fases da arte rupestre no estado da Bahia. In: Estudos de Arqueologia e Etnologia. Salvador: UFBA, p. 5-23, 1983 [1967].

CALDERÓN, Valentin. O sambaqui da Pedra Oca: relatório de uma Pesquisa, 2. Universidade Federal da Bahia, Instituto de Ciências Sociais, 1964.

CALDERÓN, Valentin; ATAIDE, Yara; DÓREA, Ivan. Relatório das atividades de campo realizadas pelo “Projeto Sobradinho de salvamento arqueológico”. Bahia: CHESF, 1977.

CANIELLO, Márcio. O ethos sanjoanense: tradição e mudança em uma “cidade pequena”. In: Mana [online], vol.9, n.1. Rio de Janeiro: Museu Nacional / UFRJ, p. 31-56, 2003. Acessado em janeiro de 2011.

CAPONE, Stefania. A busca da África no candomblé: tradição e poder no Brasil. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria / Pallas, 2004.

CASTRO E SILVA, Martha Maria de. Os abrigos rupestres do abrigo do Posseidon: desordem e crono-estilística na arte rupestre do Alto-Médio São Francisco (MG). Campinas: PPGH/UNICAMP, 2002 (dissertação de mestrado).

CAVALVANTE, Luis Carlos Duarte; FONTES, Liane de Moura; LAGE, Maria Conceição Soares Meneses; ETCHEVARNE, Carlos. Análise química de pigmento vermelho do sítio de

arte rupestre Serra das Paridas I, Bahia, Brasil. In: Canindé – Revista do Museu de Arqueologia do Xingó, nº 11. Aracaju: MAX/UFS, p. 65-73, 2008.

CAVALCANTI, Alice Aguiar. Bibliografia sobre registros rupestres no nordeste do Brasil. In: Clio – Série arqueológica, nº 11. Recife: EDUFPE, p. 187-200, 1996.

CAVALCANTI, Alice Aguiar. Gravuras rupestres em Iati, Pernambuco. In: Clio – Série arqueológica, nº 5. Recife: EDUFPE, p. 115-118, 1989.

CAVALCANTI, Alice Aguiar. A tradição Agreste: análise de 20 sítios de arte rupestre em Pernambuco. Recife: PPGH/UFPE, 1986a (dissertação de mestrado).

CAVALCANTI, Alice Aguiar. A tradição Agreste: estudo sobre arte rupestre em Pernambuco. In: Clio – Série arqueológica, nº 8. Recife: EDUFPE, p. 07-99, 1986b.

CHILDE, Gordon. Piecing together the past. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1969 [1956].

CHMYZ, Igor (Org.). Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica - parte II: manuais de arqueologia. Curitiba: Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas, p. 1-8, 1969.

CHMYZ, Igor (Org.). Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica: manuais de arqueologia nº 1. Curitiba: Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas, p. 1-22, 1966.

CHMYZ, Igor; BROCHADO, José Proenza; DIAS JR., Odemar; EVANS, Clifford; PEROTA, Celso; PIAZZA, Walter Fernando; MARANCA, Silvia; MEGGERS, Betty Jane; MILLER, Eurico Theófilo; RAUTH, José Wilson. Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica, 2ª edição revista e ampliada. In: Cadernos de Arqueologia. Paranaguá: Museu de Arqueologia e Artes Populares, p. 119-148, 1976.

CHRISTOFOLETTI, Antonio. Geomorfologia, 2ª ed, 12ª reimpressão. São Paulo: Editora Blucher, 2009 [1980].

CLARKE, David. Spatial archaeology. Londres: Academic Press, 1977.

COLONELLI, Cristina Argenton; MAGALHÃES, Erasmo d'Almeida. Arte rupestre no Brasil: uma bibliografia anotada. In: Dédalo, nº 21-22. São Paulo: MAE/USP, p.117-133, 1975.

COMERLATO, Fabiana. Relatório do diagnóstico e levantamento arqueológicos nas áreas de RC-11 e RC-12 para lavra de calcário pela Cimento Nassau, Ituaçu, Bahia. Salvador: MAE/UFBA, 2011 (texto digitado).

COMERLATO, Fabiana. Relatório final do salvamento e monitoramento arqueológico e programa de educação patrimonial para a barragem de rejeitos II do empreendimento Jacobina Mineração e Comércio LTDA. Salvador: MAE/UFBA, 2010 (texto digitado).

COMERLATO, Fabiana. Relatório parcial do diagnóstico e levantamento arqueológicos das áreas de RC-06 e RC-13 para lavra de calcário pela Cimento Nassau, Ituaçu, Bahia. Salvador: MAE/UFBA, 2009 (texto digitado).

COMERLATO, Fabiana. Relatório final do diagnóstico e levantamento arqueológicos na área destinada a mineração na localidade de Brejinhos, distrito de Brejo da Mata, município de Sento Sé, Bahia. Salvador: MAE/UFBA, 2008a (texto digitado).

COMERLATO, Fabiana. Relatório final: salvamento e monitoramento arqueológicos no traçado da rodovia BA-148 (Rio de Contas - Jussiape), vol. 1. Salvador: MAE/UFBA, 2008b (texto digitado).

COMERLATO, Fabiana. Estudo metodológico em sítios de gravuras rupestres em lajedos, Bahia. Salvador: PPGCS/UFBA – CNPq, 2007a (monografia de pós-doutorado).

COMERLATO, Fabiana. Estudo metodológico em sítios de gravuras rupestres em lajedos, Bahia. In: Anais do I Congresso Internacional da SAB e XIV Congresso da SAB. Florianópolis: SAB, p. 1-15, 2007b.

COMERLATO, Fabiana. Representações rupestres do litoral de Santa Catarina. Porto Alegre: PPGH/PUCRS, 2005a (tese de doutorado).

COMERLATO, Fabiana. As representações rupestres do estado de Santa Catarina, Brasil. In: Revista OHUN, nº 2. Salvador: PPGAV/UFBA, p. 150-164, 2005b.

COMERLATO, Fabiana. Gravuras rupestres em Santa Catarina, como pensá-las na atualidade? In: Revista do CEPA nº 28. Santa Cruz: UNISC, p. 15-33, 2004.

COMERLATO, Fabiana; COSTA, Carlos Alberto Santos; ETCHEVARNE, Carlos Alberto. Conhecendo a arte rupestre. Salvador: MAE/UFBA, 2006.

CONCEIÇÃO FILHO, Valter Mônaco; MONTEIRO, Mário Dias; CARVALHO, Mário Pereira de; SOUZA, Walter Siqueira Tavares de; PEDREIRA, Augusto José. Geologia e potencialidades para mineralizações de cobre, chumbo, zinco e prata da borda norte da Chapada Diamantina, Bahia – Série arquivos abertos 1. Salvador: CBPM, 1993.

CONSENS, Mário; SEDA, Paulo. Fases, estilos, tradições na arte rupestre do Brasil: a incomunicabilidade científica. In: Revista do CEPA, nº 20, vol. 17 - Anais da V Reunião da SAB. Santa Cruz do Sul: UNISC, p. 33-58, 1990.

CORREIA, Manuel Pio. Dicionário das plantas úteis do Brasil e das exóticas cultivadas. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura/IBDF, 1978.

COSTA, Carlos Alberto Santos. Representações rupestres no Piemonte da Chapada Diamantina - região de Jacobina. In: Anais do XV Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira, vol. 2. Belém: SAB, p. 146-151, 2011.

COSTA, Carlos Alberto Santos. A noção de gramática nos estudos de representação rupestre. In: Sapiência - Informativo científico da FAPEPI (edição especial). Teresina: FAPEPI, p. 13, 2010a.

COSTA, Carlos Alberto Santos. Sítios de representação rupestre na região Piemonte da Chapada Diamantina, Bahia. In: Anais do 19º Encontro Nacional da ANPAP. Salvador: EDUFBA, p. 2602-2616, 2010b.

COSTA, Carlos Alberto Santos. Proposta de instrumento documental museológico complementar para as coleções arqueológicas do MAE/UFBA. In: Revista Eletrônica Jovem Museologia, nº 4. Rio de Janeiro: UNIRIO, p. 4-23, 2007a.

COSTA, Carlos Alberto Santos. Representações rupestres em Santa Brígida, Bahia: primeiras abordagens. In: Anais do I Congresso Internacional da SAB e XIV Congresso da SAB. Florianópolis: SAB, p. 1-15, 2007b.

COSTA, Carlos Alberto Santos. Representações rupestres do Nordeste baiano – região de Santa Brígida. Salvador: 2007c (projeto de doutoramento).

COSTA, Carlos Alberto Santos. Sítios de representação rupestre da Bahia (1950-1990): levantamento dos dados primários dos acervos iconográficos das coleções arqueológicas do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia (MAE/UFBA). In:

Canindé – Revista do Museu de Arqueologia do Xingó, nº 6. Aracaju: MAX/UFS, p. 139-157, 2005.

COSTA, Carlos Alberto Santos. Elaboração de instrumento documental para registro de sítios das coleções arqueológicas do MAE/UFBA. Salvador: FFCH/UFBA, 2002 (trabalho de final de curso de graduação).

CUNHA, Antônio Geraldo da. Dicionário etimológico Nova Fronteira de língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

CURTONI, Rafael Pedro. La percepción del paisaje y la reproducción de la identidad social en la región pampeana occidental (Argentina). In: GRACÍA, Camila Gianotti (Org.). In: TAPA - Traballos en arqueoloxía da paisaxe n° 19. Dossiê 'Paisajes culturales sudamericanos: de las prácticas sociales a las representaciones'. Santiago de Compostela: USC, p. 115-125, 2000.

DILLEHAY, Tom. Monte Verde: a late pleistocene settlement in Chile, vol. 1 - palaeoenvironment and site context. Washington: Smithsonian Institution Press, 1989.

EMBRAPA - CNPS. Sistema Brasileiro de Classificação de Solos. Brasília: Embrapa-SPI; Rio de Janeiro: Embrapa-Solos, 2006.

ENDERE, María Luz; CURTONI, Rafael Pedro. Patrimonio, arqueología y participación: acerca de la noción de paisaje arqueológico. In: ENDERE, Maria Luz; CURTONI, Rafael Pedro (Orgs.). Análisis, interpretación y gestión en la arqueologia da Sudamérica - Série Teoria, vol. 2. Olavarria: INCUAPA, p. 277-296, 2003.

EPSTEIN, Isaac. O signo, 5ª ed. São Paulo: Ática, 1997.

ETCHEVARNE, Carlos Alberto. Monumentos rupestres da bacia do São Francisco. In: FOLLADOR, Malu (Org.). Guardiães do Velho Chico: CBHSF - Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco. Salvador: Companhia da Comunicação, p. 134-143, 2011.

ETCHEVARNE, Carlos Alberto. Novas imagens sobre as particularidades das expressões gráficas rupestres da tradição Nordeste, em Morro do Chapéu, Bahia. In: FUMDHAMentos IX – Atas do Congresso Internacional de Arte Rupestre da IFRAO 2009 – Piauí / BRASIL. São Raimundo Notato: Fumdham, p. 19-32, 2009.

ETCHEVARNE, Carlos Alberto. Escrito na pedra: cor, forma e movimento nos grafismos rupestres da Bahia. Rio de Janeiro: Versal / Odebrecht, 2007.

ETCHEVARNE, Carlos Alberto (Org.). Memória do Seminário arte rupestre no Nordeste do Brasil: pesquisa, preservação e gestão de sítios arqueológicos de pinturas e gravuras rupestres. Salvador: Fast Design, 2006.

ETCHEVARNE, Carlos Alberto. Uma proposta de ação integrada para as áreas arqueológicas e pinturas rupestres, em Iraquara, BA. In: FUMDHAMentos II. São Raimundo Nonato: Fumdham, p. 219-229, 2002a.

ETCHEVARNE, Carlos Alberto. Ambiente e ocupação humana em uma região do sub-médio São Francisco, Bahia. In: Clio – Série arqueológica, nº 15. Recife: EDUFPE, p. 61-88, 2002b.

ETCHEVARNE, Carlos Alberto. Parecer técnico sítio Lajeado Bordado, município Morro do Chapéu, estado da Bahia. Salvador: UFBA, 2000a (texto digitado).

ETCHEVARNE, Carlos Alberto. A ocupação humana do nordeste brasileiro antes da colonização portuguesa. In: Revista USP. Dossiê antes de Cabral: arqueologia brasileira – I. São Paulo: EDUSP, p. 112-141, 2000b.

ETCHEVARNE, Carlos Alberto. As representações rupestres de Iraquara. In: Congresso Internacional de Arte Rupestre. Vila Real: s/e, 1998 (texto digitado).

ETCHEVARNE, Carlos Alberto. Parecer sobre sítios arqueológicos de arte rupestre na Serra do Mulato, Município de Juazeiro. Salvador: CBPM/UFBA 1997 (texto digitado).

ETCHEVARNE, Carlos Alberto. Étude de l'appropriation des ressources du milieu: les populations pré-coloniales sanfranciscaines, dans l'etat de Bahia (Brèsil). Paris: Museum National d'Histoire Naturelle / Institut de Paleontologie Humaine, 1995 (tese de doutorado).

ETCHEVARNE, Carlos Alberto. Sítios dunares do sub-médio São Francisco, Bahia, Brasil. In: Journal Société des Americanistes, LXXVIII-I. Paris: JSA, p.57-71, 1992.

ETCHEVARNE, Carlos Alberto; COSTA, Carlos Alberto Santos; FERNANDES, Henry Luydy Abraham. Patrimônio arqueológico: definições no campo jurídico brasileiro e sua aplicabilidade no âmbito da pesquisa acadêmica e da arqueologia de contrato. In: ETCHEVARNE, Carlos Alberto; PIMENTEL, Rita (Orgs.). Patrimônio arqueológico da Bahia - Série estudos e pesquisas nº 88. Salvador: SEI, p. 17-26, 2011a.

ETCHEVARNE, Carlos Alberto; COSTA, Carlos Alberto Santos; COMERLATO, Fabiana; BEZERRA, Alvandyr Dantas. Os monumentos arqueológicos de arte rupestre na Bahia. In: ETCHEVARNE, Carlos Alberto; PIMENTAL, Rita. (Org.). Patrimônio arqueológico da Bahia – série estudos e pesquisas nº 88. Salvador: SEI, p. 47-75, 2011b.

ETCHEVARNE, Carlos Alberto; COSTA, Carlos Alberto Santos; COMERLATO, Fabiana; BEZERRA, Alvandyr Dantas. Educação patrimonial: uma orientação para a preservação e a gestão de sítios arqueológicos da Bahia. In: ETCHEVARNE, Carlos Alberto; PIMENTAL, Rita. (Org.). Patrimônio arqueológico da Bahia – série estudos e pesquisas nº 88. Salvador: SEI, p. 123-139, 2011c.

EVANS, Clifford; MEGGERS, Betty Jane. Guia para a prospecção arqueológica no Brasil – série guias. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1965.

FALCÓN, Gustavo. Patrimônio mineral da Bahia – CBPM 35 anos. Salvador: Asa Foto / Secretaria da Indústria, Comércio e Mineração da Bahia, 2008.

FERNANDES, Luydy Abraham; CIVITELLA, Sofia Magali. Relatório do diagnóstico e prospecção arqueológica nas áreas 3 e 5 do Parque Eólico Sento Sé / Umburanas. Salvador: IJCMO, 2011 (texto digitado).

FLEMING, Andrew. Post-processual landscape archaeology: a critique. In: Cambridge Archaeological Journal nº 16:3. Cambridge: McDonald Institute for Archaeological Research, p. 267-280, 2006.

FONTUGNE, Michel; HATTÉ, Christine; NOURY, Claude. Quadro cronológico. In.: VIALOU. Águeda Vilhena (Org.). Pré-história do Mato Grosso – vol. 1 Santa Elina. São Paulo: EDUSP, p. 103-105, 2005.

FORD, James Alfred. In favor of simple typology. In: American Antiquity nº 1, vol. 27. Salt Lake City: Society for American Archaeology, p. 113-114, 1961.

FORD, James Alfred. On the concept of types. In: American anthropologist vol. 56. Menasha: American Anthropological Association, p. 42-57, 1954.

GASPAR, M. A arte rupestre no Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

GENZ, Fernando. Avaliação dos efeitos da Barragem Pedra do Cavalo sobre a circulação estuarina do Rio Paraguaçu e Baía do Iguape. Salvador: UFBA/PPGG, 2006 (tese de doutorado).

GOMES, Luiz César Corrêa; OLIVEIRA, Maria Alba Farias Tanner de; MOTTA, Antônio Carlos; CRUZ, Manoel Jerônimo Moreira. Província de diques máficos do estado da Bahia: mapas, estágio atual do conhecimento e evolução temporal. Salvador: SGM, 1996.

GOMES, Tatiane Sátiro Gomes; LOBÃO, Jocimara Souza Britto. Delimitação de sub-bacias a partir do uso de imagem SRTM/NASA: um estudo da Bacia do Rio Jacuípe-BA. In: Anais XIV Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto. Natal: INPE, p. 3841-3848, 2009.

GUERRA, Castor Cartelle. Pleistocene mammals of the cerrado and caatinga of Brazil. In: EISENBERG, John; REDFORD, Kent Hubbard (Orgs.). Mammals of the neotropics: the central neotropics, vol. 3. Chicago: University of Chicago Press, p. 27-46, 1999.

GUIDON, Niède. Pedra Furada: uma revisão. In: FUMDHAMentos VII. São Raimundo Nonato: Fumdham / Centro Cultural Sérgio Motta, p. 380-403, 2007.

GUIDON, Niède. Peintures préhistoriques du Brasil: l'art rupestre du Piauí. Paris: Editions Recherches sur les Civilisations, 1991.

GUIDON, Niède. Tradições rupestres da área arqueológica de São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil. In: Clio – Série arqueológica, nº 5. Recife: EDUFPE, p. 5-10, 1989.

GUIDON, Niède, L'art rupestre du Piauí dans le contexte sudamericain. Une premiere proposition concernant methodes et terminologies. Paris: Sorbone / Université de Paris, 1983 (tese de doutorado).

GUIDON, Niède; PESSIS, Anne Marie; MARTÍN, Gabriela. Linha de pesquisa: o povoamento pré-histórico do Nordeste do Brasil. In: Clio – Série arqueológica, nº 13. Recife: EDUFPE, p.123-125, 1990.

HOBSBAWM, Eric John Earnest; RANGER, Terence. A invenção das tradições. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

HODDER, Ian. Theory and practice in archaeology. Londres: Routledge, 1992.

HODDER, Ian. Interpretación en arqueología: corrientes actuales. Barcelona: Ed. Crítica, 1988.

HODDER, Ian. Symbols in action: ethnoarchaeological studies of material culture. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

HODDER, Ian; ORTON, Clive. Spatial analysis in archaeology. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

ISNARDIS, Andrei. Entre as pedras: as ocupações pré-históricas recentes e os grafismos rupestres de Diamantina, Minas Gerais. São Paulo: MAE/USP, 2009 (tese de doutorado).

ISNARDIS, Andrei. Lapa, parede, painel – distribuição das unidades estilísticas de grafismos rupestres do vale do rio Peruaçu e suas relações diacrônicas (Alto-Médio São Francisco, Minas Gerais). São Paulo: MAE/USP, 2004 (dissertação de mestrado).

JANUÁRIO, Antônio Jaime. Desenho geométrico. Florianópolis: UFSC, 2000.

JESUS, Emanuel Fernando Reis de; FALK, Florisvaldo Henrique; RIBEIRO, Lucedino Paixão; MARQUEZ, Telésforo Martinez. Caracterização geográfica e aspectos geológicos da Chapada Diamantina – Bahia. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1985.

JORGE, Marcos; PROUS, André; RIBEIRO, Loredana. Brasil rupestre: arte pré-histórica brasileira. Curitiba: Zencrane Livros, 2007.

JUSTAMAND, Michel. O Brasil desconhecido: as pinturas rupestres de São Raimundo Nonato – Piauí. São Paulo: PPGCS/PUCSP, 2007 (tese de doutorado).

KACHIMARECK, Cláudia Cunha; COIMBRA, Fernando; RODRÍGUEZ, Xozé Pedro; VIÑAS, Ramón. A arte rupestre do complexo de sítios arqueológicos do Rodrigão, Morro do Chapéu, Bahia, Brasil. In: Annali dell'Università di Ferrara - Museologia Scientifica e Naturalística, vol. 6. Ferrara: Università di Ferrara, p. 163-174, 2010.

KACHIMARECK, Cláudia Cunha. Distribuição de tradições e estilos de pinturas rupestres – uma análise preliminar comparativa entre os sítios do complexo da Chapada Diamantina e a Depressão Sertaneja Meridional do bioma caatinga. In: Sitientibus Série Ciências Biológicas, nº 1, vol. 7. Feira de Santana: UEFS, p. 128-137. 2007.

KACHIMARECK, Claudia Cunha. Nota prévia: descrição comparativa de três sítios de arte rupestre na região de Oliveira dos Brejinhos – Bahia – Brasil. In: Trabalhos de Antropologia e Etnologia, nº 42, vol. 2. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, p. 2002.

KEGEL, Wilhelm. A estrutura geológica da Serra de Jacobina (Bahia). In: Boletim nº 207. Rio de Janeiro: DNPM/DGM, 15 p., 1963.

KEGEL, Wilhelm; PONTES, Álvaro Renato. A situação geológica da Serra do Tombador, Bahia. Rio de Janeiro: DNPM/DGM, 1957.

KERN, Arno Alvarez. O papel das teorias como instrumento heurístico para a reconstrução do passado. In: Histórica – Revista da Associação dos Pós-Graduandos em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, vol. 1. Porto Alegre: Associação dos Pós-Graduandos em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, p. 7-22, 1996.

KESTERING, Celito. Identidade dos grupos pré-históricos de Sobradinho - BA. In: Clio – Série arqueológica, nº 23. Recife: EDUFPE, p. 1-20, 2008.

KESTERING, Celito. Identidade dos grupos pré-históricos de Sobradinho - BA. Recife: PPARQ/UFPE, 2007 (tese de doutorado).

KESTERING, Celito. Estratégias de conservação das pinturas rupestres do Boqueirão do Riacho de São Gonçalo, em Sobradinho, BA. In: Clio – Série arqueológica, nº 16. Recife: EDUFPE, 2003a, p.49-66.

KESTERING, Celito. Grafismos puros nos registros rupestres da área de Sobradinho, BA. In: FUMDHAMentos III. São Raimundo Nonato: Fumdham / PPARQ-UFPE, p.163-176, 2003b.

KESTERING, Celito. Registros rupestres da área arqueológica de Sobradinho, BA. In: Clio – Série arqueológica, nº 15. Recife: EDUFPE, p.131-156, 2002.

KESTERING, Celito. Registros rupestres na área arqueológica de Sobradinho. Recife: PPGH/UFPE, 2001 (dissertação de mestrado).

KIPNIS, Renato; SCHEEL-YBERT, Rita. Capítulo 16: Arqueologia e paleoambientes. In: SOUZA, Célia Regina de Gouveia Souza; SUGUIO, Kenitiro; OLIVEIRA, Antonio Manoel dos Santos; OLIVEIRA, Paulo Eduardo de (Orgs.). Quaternário do Brasil. Ribeirão Preto: Holos Editora, p. 343-362, 2005.

KOSIN, Marília; MELO, Roberto; SOUZA, João Dalton de; OLIVEIRA, Elson de; CARVALHO, Marcelo; LEITE, Carlson. Geologia do segmento Norte do orógeno Itabuna-Salvador-Curaçá e guia de excursão. In: Revista Brasileira de Geociências, vol. 33, n. 1. São Paulo: Sociedade Brasileira de Geociências, p. 15-26, 2003.

LAMING-EMPERAIRE. Annette. La signification de l'art rupestre paléolithique. Paris: Picard, 1962.

LANATA, José Luis. Los componentes del paisage arqueológico. In: Revista de Arqueología Americana nº 13. Cidade do México: Instituto Panamericano de Geografia e História, p. 151-165, 1997.

LEITE, Marinete Neves.A subtradição Seridó de pintura rupestre: um estudo da identidade humana. Recife: PPGH/UFPE, 2003 (dissertação de mestrado).

LEROI-GOURHAN, André. Simbolos, artes y creencias de la prehistoria. Madrid: Itsmo, 1984.

LEROI-GOURHAN, André. O gesto e a palavra: memória e ritmos. Lisboa: Edições 70, 1965.

LINKE, Vanessa; ISNARDIS, Andrei. Concepções estéticas dos conjuntos gráficos da tradição planalto, na região de diamantina (Brasil Central). In: Revista de Arqueologia, nº 21. Belém: SAB, p. 27-43, 2008.

LLOSAS, María Isabel Hernández. El arte rupestre en la arqueología Argentina: pasado, presente y futuro. Buenos Aires: Naya, consultado em http://www.rupestre.com.ar/articulos/rup01.htm em 21/04/2010.

LOPES, Maria da Conceição. Arte portuguesa da pré-história ao século XX: expressões artísticas anteriores à formação de Portugal. Lisboa: Fubu Editores, 2008.

LUMBRERAS, Luis Guillermo. La arqueología como ciencia social. Lima: Ediciones Histar, 1974.

LUSO, Daniele Lima. Registros rupestres na área arqueológica de Sobradinho, BA: estudo cenográfico do Boqueirão do Brejo de Dentro. Recife: PPARQ/UFPE, 2005a (dissertação de mestrado).

LUSO, Daniele Lima. Registros rupestres na área arqueológica de Sobradinho, BA: Estudo cenográfico do Boqueirão do Brejo de Dentro. In: Clio – Série arqueológica, nº 18. Recife: EDUFPE, p. 165-177, 2005b.

LUVIZOTTO, Caroline Kraus; POKER, Jose Geraldo Alberto Bertoncini. As tradições no contexto da modernidade: reflexividade e ludicidade - o caso das tradições gaúchas. In: Anais do II Simpósio de Pesquisa de Pós-graduandos em Sociologia da USP, UNICAMP, UFSCAR, UFRJ e UNESP. São Paulo: USP, p. 1-10, 2009.

MANUAL TÉCNICO DA VEGETAÇÃO BRASILEIRA – manuais técnicos em geociência nº 1. Rio de Janeiro: IBGE, 1991.

MARTÍN, Gabriela. Resenha do livro "Escrito na pedra: cor, forma e movimento nos registros rupestres da Bahia" de Carlos Etchevarne (Rio de Janeiro: Versal / Odebrecht, 2007)". In: Clio – Série arqueológica, nº 24. Recife: EDUFPE, p. 211-213, 2009.

MARTÍN, Gabriela. A arte rupestre da região do Seridó, na Paraíba e no Rio Grande do Norte. In: FUMDHAMentos V – I Seminário Internacional sobre Preservação da Arte Rupestre nos sítios do Patrimônio Mundial. São Raimundo Nonato: Fumdham, p. 7-36, 2007.

MARTÍN, Gabriela. Fronteiras estilísticas e culturais na arte rupestre da área arqueológica do Seridó (RN, PB). In: Clio – Série arqueológica, nº 16. Recife: EDUFPE, p.11-32, 2003.

MARTÍN, Gabriela. Pré-história do Nordeste do Brasil 3ª ed. Recife: UFPE, 1999.

MARTÍN, Gabriela; GUIDON, Niède. A onça e os orantes: uma revisão das classificações tradicionais dos registros rupestres no Nordeste do Brasil. In: Clio – Série arqueológica, nº 25. Recife: EDUFPE, p. 5-30, 2010.

MAUSS, Marcel. Esboço de uma teoria geral da magia. Lisboa: Edições 70, 2000.

MASCARENHAS, Juracy de Freitas; SILVA, Ernesto Fernando Alves da. Greenstone Belt de Mundo Novo: caracterização e implicações metalogenéticas e geotectônicas no Cráton do São Francisco – Série arquivos abertos 5. Salvador: CBPM, 1994.

MEGGERS, Betty Jane; EVANS, Clifford. Como interpretar a linguagem cerâmica: manual para arqueólogos. Washington: Smithsonian Institution, 1970.

MIRANDA, José Mário Guimarães; MIRANDA, Rosa Virgínia Maia Guimarães; SANTANA, Nilton Sousa. Balanço hídrico para a revisão do plano estadual de recursos hídricos da Bahia: relatório técnico. S/l: IICA, 2010.

MORALES JR, Reinaldo. The Nordeste Tradition: innovation and continuity in Brazilian Rock Art. Virginia: Virginia Commonwealth University, 2002 (tese de doutorado).

MORALES JR, Reinaldo; KACHIMARECK, Cláudia Cunha. Chapada Diamantina rock art: new evidence of Nordeste Tradition variations in Bahia, Brazil. In: O'CONNER Joseph (Org.). American Indian Rock Art, vol. 30. San Bernadino: ARARA, p.137-148, 2004.

NASCIMENTO, Greciane Neres do. Estudo das pinturas rupestres com pigmentos amarelos no sítio Lagoa da Velha, em Morro do Chapéu - Ba. Salvador: FFCH/UFBA, 2011 (trabalho de conclusão de curso).

NEVES, Benjamim Bley de Brito; SILVA, Augusto José de Cerqueira Lima Pedreira da Silva. Diamictitos e "Cap Dolomites" Sturtianos Sobre o Grupo Jacobina - Araras, Norte de Campo Formoso – Bahia. In: Geologia USP - Série Científica, vol. 8, n. 2. São Paulo: USP, p. 11-27, 2008.

NEVES, Walter Morais; PILÓ, Luís Beethoven. O povo de Luzia: em busca dos primeiros americanos. São Paulo: Globo, 2008.

NOLASCO, Marjorie Csekö; FRANÇA-ROCHA, Washington de Jesus Sant'anna da; TRINCHÃO, Gláucia Maria; MOURA, Ada Ravana Costa. Modelagem dos condicionantes ambientais para os sítios rupestres em Oliveira dos Brejinhos - Chapada Diamantina - BA. In: Anais do XII Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto. Goiânia: INPE, p. 2893-2900, 2005.

NOLASCO, Marjorie Csekö; CARVALHO, Hermilino Danilo Santana de; TRINCHÃO, Gláucia Maria; FRANÇA-ROCHA, Washington de Jesus Sant'anna da; MOURA, Ada Ravana Costa. Geotecnologias: uma possibilidade para a definição de caminhos pré-históricos em Oliveira dos Brejinhos. In: Anais IX Congresso Brasileiro da Associação Brasileira de Estudo do Quaternário e II Congresso do Quaternário de Países de Línguas Ibéricas. Recife: ABEQUA, p. 1-5, 2003a.

NOLASCO, Marjorie Csekö; MOURA, Ada Ravana Costa; TRINCHÃO, Gláucia Maria; CARVALHO, Hermilino Danilo Santana de; FRANÇA-ROCHA, Washington de Jesus

Sant'anna da. Sítios rupestres de Oliveira dos Brejinhos: notícia de 17 novas áreas. In: Anais IX Congresso Brasileiro da Associação Brasileira de Estudo do Quaternário e II Congresso do Quaternário de Países de Línguas Ibéricas. Recife: ABEQUA, p. 1-4, 2003b.

NOVAIS, Marcos Paulo Souza. Aspectos da apropriação e ocupação do espaço na microbacia Rio do Ouro, Jacobina – Bahia e suas repercussões socioambientais. In: Anais do XVI Encontro de Geógrafos Brasileiros. Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, 11 p., 2010.

OLIVEIRA, Elson Paiva; CARVALHO, Marcelo Juliano de; MCNAUGHTON, Neal. Evolução do Segmento Norte do Orógeno Itabuna-Salvador-Curaçá: Cronologia da Acresção de Arcos, Colisão Continental e Escape de Terrenos. In: Geologia USP - Série Científica, vol. 4, n. 1. São Paulo: USP, p. 41-53, 2004.

OREJAS, Almudena. Territorio, análisis territorial y arqueología del paisaje. In: Stvdia historica. Historia antigua n° 13-14. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, p. 61-68, 1995-6.

OTT, Carlos. Pré-história da Bahia. Salvador: Progresso editora, 1958.

OTT, Carlos. Vestígios de cultura indígena no sertão da Bahia. Publicações do Museu da Bahia, nº 05. Salvador: Secretaria de Educação e Saúde, 1945.

OTTE, Marcel. Arts prehistoriques. L'articulation du langage. Bruxelles: De Boeck, 2006.

OTTE, Marcel. Arts protohistoriques. L'aurore des dieux. Bruxelles: De Boeck, 2007.

OTTE, Marcel. Constitution d'une grammaire plastique préhistorique. In: L'Anthropologie, Tome 101, nº 1. Paris: Elsevier Masson SAS., p. 5-23, 1997.

PEDREIRA, Augusto José; ROCHA, Antônio José Dourado. Serra do Tombador, Chapada Diamantina, BA - registro de um deserto proterozoico. In: SCHOBBENHAUS, Carlos; CAMPOS, Diógenes de Almeida; QUEIROZ, Emanuel Teixeira de; WINGE, Manfredo; BERBERT-BORN, Mylène Luiza Cunha (Edits.). Sítios geológicos e paleontológicos do Brasil, 1ª ed, vol. 1. Brasília: DNPM/CPRM - Comissão Brasileira de Sítios Geológicos e Paleobiológicos (SIGEP), p. 181-186, 2002.

PEREIRA, Edithe da Silva. Arte rupestre na Amazônia - Pará. São Paulo: UNESP, 2003.

PEREIRA, Maria do Carmo Nunes. Composição do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Paraguaçu-BA: análise da origem geográfica e do setor econômico representado por seus membros como fatores intervenientes na gestão participativa de recursos hídricos. Brasília: CDS/UNB, 2008 (dissertação de mestrado).

PESSIS, Anne-Marie. Imagens da pré-história: Parque Nacional Serra da Capivara, 1ª ed. São Paulo: FUMDHAM/PETROBRÁS, 2003.

PESSIS, Anne Marie. Do estudo das gravuras rupestres pré-históricas no Nordeste do Brasil. In: Clio – Série arqueológica, nº 15. Recife: EDUFPE, p. 29-44, 2002.

PESSIS, Anne Marie. Registros rupestres, perfil gráfico e grupo social. In: Clio – Série arqueológica, nº 9. Recife: UFPE, p.7-19, 1993.

PESSIS, Anne-Marie. Identidade e classificação dos registros gráficos pré-históricos do Nordeste do Brasil. In: Clio – Série arqueológica, nº 1. Recife: EDUFPE, p. 35-68, 1992.

PESSIS, Anne-Marie. Apresentação gráfica e representação social na tradição Nordeste de pintura rupestre no Brasil. In: Clio – Série arqueológica, nº 5. Recife: EDUFPE, p. 11-18, 1989.

PESSIS, Anne-Marie; GUIDON, Niède. Arte indígena pré-histórica no Brasil. In: Clio – Série arqueológica nº 14. Recife: EDUFPE, Recife, p. 135-142, 2000.

PHILLIPS, Philip; WILLEY, Gordon. Method and theory in American archaeology: na operational basis for culture-historical integration. In: American Anthropologis, vol. 55, nº 5. Arlington: American Anthropological Association, p.615-633, 1953.

PMJ-BA – Relatório Preliminar do Sítio Arqueológico do Tombador. Jacobina: Prefeitura Municipal de Jacobina – Bahia / Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Econômico, 2007.

PROUS, André. L'art rupestre du Brésil. In: Bulletin de la Societé Préhistorique de l' Ariège, tome 49. Ariège: SPA, p. 77-144, 1994.

PROUS, André. Arqueologia brasileira. Brasília: UnB, 1992.

PROUS, André; PIAZZA, Walter Fernando. L'état de Santa Catarina: documents pour la préhistórie du Brèsil Meridional. In: Cahiers d'archéologie d'Amerique du Sud. Nº 4, Paris: s/e, 1977.

RIBEIRO, Loredana Marise Ricardo. Contexto arqueológico, técnicas corporais e comunicação: dialogando com a arte rupestre do Brasil Central (alto-médio São Francisco). In: Revista de arqueologia, nº 21. Belém: SAB, p. 51-72, 2008.

RIBEIRO, Loredana Marise Ricardo. Os significados da similaridade e do contraste entre os estilos de arte rupestre: um estudo regional das gravuras e pinturas do alto-médio rio São Francisco. São Paulo: MAE/USP, 2006 (tese de doutorado).

RIBEIRO, Loredana Marise Ricardo. As figurações de "corpos celestes" do norte de Minas Gerais: manifestação da tradição Astronômica? In: Arquivos do Museu de História Natural, vol 17/18. Belo Horizonte: UFMG, p. 495-523, 1996/97.

RIBEIRO, Loredana Marise Ricardo; ISNARDIS, Andrei. Os conjuntos gráficos do alto-médio São Francisco (Vale do Peruaçu e Montalvânia): caracterização e seqüências sucessórias. In: Arquivos do Museu de História Natural, vol. 17/18. Belo Horizonte: UFMG, p. 243-286, 1996/97.

ROOSEVELT, Anne; DOUGLAS, John; BROWN, Linda. The migrations and adaptations of the first americans: Clovis and Pre-Clovis viewed from South America. In: JABLONSKI, Nina (Org.). The first americans: the Pleistocene colonization of the New World. San Francisco: California Academy of Science, p.159-235, 2002.

SAMPAIO, Antônio Rabêlo; SANTOS, Reginaldo Alves dos Santos; ROCHA, Antonio José Dourado Rocha; GUIMARÃES, José Torres (Orgs.). Programa Levantamentos Geológicos Básicos do Brasil – PLGB. Jacobina – Folha SC.24-Y-C, Estado da Bahia. Escala 1:250.000. Brasília: CPRM/DIEDIG/DEPAT, 2001.

SAMPAIO, Theodoro. Inscrições lapidares indígenas no vale do Paraguassu. In: Anais do 5º Congresso Brasileiro de Geografia, vol. 2. Salvador: IHGB, p. 6-32, 1918.

SANCHIDRIÁN, José Luis. Manual de arte prehistórico. Barcelona: Ariel, 2001.

SANJUÁN, Leonardo García. Introducción al reconocimiento y análisis arqueológico del territorio. Barcelona: Ariel, 2005.

SANTAELLA, Lúcia. A teoria geral dos signos. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

SANTAELLA, Lúcia. O que é semiótica. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SANTANA, Cristiana de Cerqueira Silva; SILVA, Gilmar D'Oliveira; SANTANA, Hélio Augusto de; SILVA, Virgínia de Cerqueira. Diagnóstico Arqueológico não interventivo de empreendimento eólico da SOWITEC, em Campo Formoso - Bahia. Senhor do Bonfim: CONSULTARQ, 2011 (texto digitado).

SANTOS JÚNIOR, Valdeci dos. A dispersão espacial da tradição Nordeste na região agreste do Rio Grande do Norte. In: FUMDHAMentos IX – Atas do Congresso Internacional de Arte Rupestre da IFRAO 2009 – Piauí / BRASIL. São Raimundo Notato: Fumdham, p. 33-41, 2009.

SANTOS JÚNIOR, Valdeci dos. A dispersão espacial da tradição Nordeste na região agreste do Rio Grande do Norte. In: FUMDHAMentos VII. São Raimundo Notato: Fumdham, p. 515-528, 2008.

SCHIFFER, Michael B. Archaeological context and systemic context. American Antiquity, vol. 37, nº 2. Washington: Society for American Archaeology, p. 156-165, 1972.

SCHMITZ, Pedro Ignácio; BARBOSA, Mariza Oliveira; RIBEIRO, Maíra Barberi. As pinturas do Projeto Serra Geral, publicações avulsas nº 12. São Leopoldo: IAP/UNISINOS, 1997.

SCHMITZ, Pedro Ignácio; BARBOSA, Sales Altair; RIBEIRO, Maira Baberi; VERARDI, Ivone. Arte rupestre no centro do Brasil: pinturas e gravuras da pré-história de Goiás e oeste da Bahia. São Leopoldo: IAP/UNISINOS, 1984.

SCHMITZ, Pedro Ignácio; BARBOSA, Altair Sales; RIBEIRO, Maria Barberi. Anuário de divulgação científica, nº 8: arte rupestre. Goiânia: IGPA/UCG, 1980.

SEGURA, Javier Soler. Redefiniendo el registro material. Implicaciones recientes desde la arqueología del paisaje anglosajona. In: Trabajos de prehistoria, vol. 64, n° 1. Madrid: CSIC, p. 41-64, 2007.

SILVA, Adriana Fraga. Estratégias materiais e espacialidade: uma arqueologia da paisagem do tropeirismo nos campos de cima da Serra/RS. Porto Alegre: PUCRS, 2006 (dissertação de mestrado).

SILVA, Bárbara-Christine Nentwing; NASCIMENTO, Dária Maria Cardoso; PEREIRA, Gilberto Corso; SOUZA, Jaimeval Caetano de Souza; CUNHA, Maria da Conceição de Oliveira; SILVA, Sylvio Bandeira de Mello e. Atlas escolar Bahia: espaço geo-histórico e cultural, 2ª ed. João Pessoa: Grafset, 2004.

SILVA, Daniela Cisneiros. Similaridades e diferenças nas pinturas rupestres pré-históricas de contorno aberto no Parque Nacional Serra da Capivara - PI. Recife: PPARQ/UFPE, 2008 (tese de doutorado).

SILVA FILHO, Rubens Antônio da. História geológica da Bahia. Salvador: CBPM, 2010.

SILVA, Joaquim Perfeito da. Relatório das atividades de gestão e pesquisas arqueológicas para a criação do parque arqueológico e natural da Serra de Monte Alto – Bahia. Vitória da Conquista: PPGA/CNPq, 2010.

SILVA, Joaquim Perfeito da. A unidade de conservação arqueológica e natural da Serra de Monte Alto - Bahia. In: Anais do IV Encontro estadual de história - ANPUH-BA. Salvador: ANPUH-BA, 2008.

SILVA, Joaquim Perfeito da. Pinturas rupestres: estruturas e representação em Minas Gerais e Bahia. Rio de Janeiro: PPGCS/UERJ, 2004 (tese de doutorado).

SILVA, Joaquim Perfeito da. Cultura e sistemas simbólicos: ‘melting pot’ na arte rupestre da Bahia. Rio de Janeiro: PPGAV/UFRJ, 1998 (dissertação de mestrado).

SILVA, Joaquim Perfeito da; SANCHES, Andréia; SOARES FILHO, Álvaro. Levantamento e diagnóstico da Serra de Monte Alto: subsídios para a criação da unidade de conservação arqueológica e natural da Serra de Monte Alto - relatório de pesquisas. Vitória da Conquista: UESB, 2007.

SILVA, Onildo Araújo da. Recursos hídricos, ação do estado e reordenação territorial: o processo de implantação da barragem e do distrito de irrigação de Ponto Novo no Estado da Bahia – Brasil. Santiago de Compostela: USC, 2009 (tese de doutorado).

SIMÕES, Mário Ferreira. Índice das fases arqueológicas brasileiras 1950-1971. Publicações avulsas do Museu Goeldi nº 18. Belém: MPEG/MCT, 1972.

SRHSH – SECRETARIA DE RECURSOS HÍDRICOS SANEAMENTO E HABITAÇÃO / GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA. Plano diretor de recursos hídricos – Bacia do Rio Itapicuru: documento síntese. Salvador: SRHSH / Latin Consult, 1995.

SRHSH – SECRETARIA DE RECURSOS HÍDRICOS SANEAMENTO E HABITAÇÃO / GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA. Plano diretor de recursos hídricos – Bacia do Rio Paraguaçu: documento síntese. Salvador: SRHSH / Latin Consult, 1993a.

SRHSH – SECRETARIA DE RECURSOS HÍDRICOS SANEAMENTO E HABITAÇÃO / GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA. Plano diretor de recursos hídricos – Bacia do Rio Salitre: plano emergencial. Salvador: SRHSH, 1993b.

SUBSECRETARIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Inventário dos sítios arqueológicos, vol. 1 (Bahia) e vol. 2 (Goiás). Brasília: SPHAN – pró-memória, 1984.

SUGUIO, Kenitiro. Geologia do quaternário e mudanças ambientais. São Paulo: Oficina de textos, 2010.

TAVARES, Fernando Bonetti; BELTRÃO, Maria Beltrão. Astronomia na pré-história da Bahia. In: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, nº 442. Rio de Janeiro: IHGB, p. 141-161, 2009.

TELLO, Enric. La formación histórica de los paisajes agrarios mediterráneos: una aproximación coevolutiva. In: Historia agraria n° 19. Murcia: SEHA,· p. 195-212, 1999.

THURSTON, Tina. Landscapes of power, landscapes of conflict: state formation in the South Scandinavian Iron Age. New York: Kluwer Academic Publishers, 2002.

TRIGGER, Bruce. História do pensamento arqueológico. Tradução de Ordep Trindade Serra. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.

VALLE, Raoni Bernardo Maranhão. Petroglyphs in the lower Negro River basin, NW Brasilian Amazon – a preliminary view. In: FUMDHAMentos IX – Atas do Congresso Internacional de Arte Rupestre da IFRAO 2009 – Piauí / BRASIL. São Raimundo Notato: Fumdham, p. 91-122, 2009.

VALLE, Raoni Bernardo Maranhão. Gravuras pré-históricas da área arqueológica do Seridó potiguar/paraibano: um estudo técnico e cenográfico. Recife: PPGH/UFPE, 2003 (dissertação de mestrado).

VALLS, Marcela Pacini. Similaridade e diferenças indicativas de identidade e evolução cultural no estilo Serra Branca de pinturas rupestres do Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí – Brasil. Recife: PPARQ/UFPE, 2007 (dissertação de mestrado).

VERGNE, Maria Cleonice de Souza (Org.). Sítios de registros gráficos de Lagoa das Pedras, Malhada Grande e Mundo Novo. São Cristóvão: MAX/UFS, 2000.

VIALOU, Denis. Arte rupestre: métodos de pesquisa. In: VILHENA-VIALOU, Águeda (org.). Pré-história do Mato Grosso: Santa Elina. São Paulo: Edusp, p. 25-30, 2005.

VIALOU, Denis. L'art paléolihique. In: OTTE, Marcel. La Prehistoire. Paris/Bruxelles: De Boeck Université, p. 213-289, 1999.

VIALOU, Denis. L'art paléolithique, un message codé. In: La Fabuleuse aventure de la vie. Paris: Sélection du Reader's Digest, p. 198-203, 1987.

VIANA, Maria Somália Sales; XIMENES, Celso Lira; ROCHA, Larissa Amanda de Sales; CHAVES, Arquimedes Pompeu de Paula; OLIVEIRA, Paulo Victor de. Distribuição geográfica da megafauna pleistocênica no nordeste brasileiro. In: CARVALHO, Ismar de Souza; CASSAB, Rita de Cássia Tardin; SCHWANKE, Cibele; CARVALHO, Marcelo de Araújo; FERNANDES, Antônio Carlos Sequeira; RODRIGUES, Maria Antonieta da Conceição; CARVALHO, Marise Sardenberg Salgado de; ARAI, Mitsurv; OLIVEIRA, Maria Emília Queiroz (Edits.). Paleontologia: cenários de vida, vol. 2. Rio de Janeiro: Interciência, p. 796-809, 2007.

VIDAL, Irma Asón. Escolhas simbólicas na ocupação dos sítios com arte rupestre na área arqueológica do Seridó, RN, PB. In: FUMDHAMentos IX – Atas do Congresso Internacional de Arte Rupestre da IFRAO 2009 – Piauí / BRASIL. São Raimundo Notato: Fumdham, p. 77-81, 2009.

VILHENA VIALOU, Águeda. Pré-história de Mato Grosso, vol. 2 – Cidade de Pedras. São Paulo: EDUSP, 2006.

VILHENA VIALOU, Águeda. Pré-história do Mato Grosso, vol. 1 - Santa Elina. São Paulo: EDUSP, 2005.

VILHENA VIALOU, Águeda. Santa Elina rockshelter, Brazil: evidence of the coexistence of man and *glossotherium*. In: MIOTTI, Laura; SALEMME, Mônica; FLEGENHEIMER, Nora (Orgs.). Where the South Winds Blow: ancient evidence for Paleo South Americans. Texas: Texas A&M University Press, p. 21-28, 2003.

VILLAESCUSA, Ricardo González. Una disciplina denominada arqueología del paisaje. In: Apuntes de Ciencia y Tecnología n° 20. Madrid: AACTE, p. 28-36, 2006.

VILLAESCUSA, Ricardo González. Arqueología del paisaje e historia agraria: algunas cuestiones de método. In: Revista d'historia medieval nº 7. Valencia: Universitat de València / Departamento de Historia Medieval, p. 223-242, 1996.

WICHERS, Camila Azevedo de Moraes. Museus e antropofagia do patrimônio arqueológico: (des)caminhos da prática brasileira. Lisboa: ULHT, 2010 (tese de doutorado).

WILLEY, GORDON. Resenha de 'Ancient landscapes: studies in field archaeology' (Londres: G. Bell and Sons, Ltd., 1957). In: American Anthropologist nº 62. Arlington: American Anthropological Association, p. 176-178, 1960.

WINGE, Manfredo; ALVARENGA, Carlos de; ARAÚJO FILHO, José; BLUM, Marcelo; BOGGIANI, Paulo; BOTELHO, Nilson; Celso CARNEIRO; CRÓSTA, Alvaro; DANNI, José; D'AVILA, Roberto; DIAS-BRITO, Dimas; NEVES, Benjamim; PIMENTEL, Márcio; SANTOS, Márcio; SCHOBBENHAUS, Carlos; SILVA, José da. Glossário Geológico Ilustrado. Brasília: UNB, 2001. Disponível em http://www.unb.br/ig/glossario consultado em janeiro de 2011.

WRIGGLESWORTH, Melanie. Bronze age rock art and burials in West Norway. In: @rqueología y Territorio nº 4. Granada: UGR, p. 251-261, 2007.

ZANETTINI, Paulo Eduardo. Programa de prospecções arqueológicas - Parques Eólicos EPP: Complexo Capoeiras & Assuruá, Municípios de Xique-Xique e Gentio de Ouro; Complexo Boa Vista, Municípios de Tanque Novo, Livramento de Nossa Senhora e Caetité / estado da Bahia (relatório técnico de pesquisa). São Paulo: Zanettini Arqueologia, 2011a (texto digitado).

ZANETTINI, Paulo Eduardo. Programa de prospecções e resgate arqueológico - Parque Eólico Desenvix - município de Brotas de Macaúbas, estado da Bahia. (relatório técnico de pesquisa). São Paulo: Zanettini Arqueologia, 2011b (texto digitado).

ZANETTINI, Paulo Eduardo; CORRÊA, Ângelo Alves. Programa de prospecções e resgate arqueológico - Parque Eólico Renova Energia: municípios de Caetité, Igaporã e Guanambi / estado da Bahia. São Paulo: Zanettini Arqueologia, 2011 (texto digitado).

CARTOGRAFIA

Carta Bacia do rio Itapicuru do Instituto de Gestão das Águas e Clima (INGÁ) da Secretaria do Meio Ambiente do Estado da Bahia (SEMA), 2009.

Carta Bacia do rio Paraguaçu do Instituto de Gestão das Águas e Clima (INGÁ) da Secretaria do Meio Ambiente do Estado da Bahia (SEMA), 2009.

Carta Bacias Hidrográficas do Estado da Bahia da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), 2007.

Carta Cobertura vegetal da Bahia da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), 2007.

Carta geológica Jacobina na escala 1:250.000, folha SC.24-Y-C da Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM), 2001.

Carta Micro-bacia do rio Salitre do Instituto de Gestão das Águas e Clima (INGÁ) da Secretaria do Meio Ambiente do Estado da Bahia (SEMA), 2009.

Carta Relevo do Estado da Bahia da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), 2007.

Carta Relevo SRTM da Bahia da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA), 2006.

Carta Tipologias climáticas da Bahia da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), 2007.

Mapa Rodoviário Bahia do Departamento Nacional de Infra-Estrutura de Transporte (DNIT), 2002.

LEGISLAÇÃO

Constituição da República Federativa do Brasil, de 05 de outubro de 1988.

Decreto Estadual nº 7.967, de 05 de junho de 2001, que aprova o Regulamento da Lei nº 7.799, de 07 de fevereiro e 2001, que institui a Política Estadual de Administração de Recursos Ambientais e dá outras providências.

Decreto Municipal nº 118, de 14 de março de 2007, que estabelece medidas de proteção das áreas de preservação ambiental e dos sítios arqueológicos localizados na Serra do Tombador e seu entorno, no município de Jacobina e dá outras providências.

Lei Estadual nº 7.799, de 07 de fevereiro e 2001, que institui a Política Estadual de Administração de Recursos Ambientais e dá outras providências.

Lei Federal nº 3.924, de 26 de julho de 1961. Dispõe sobre os monumentos arqueológicos e pré-históricos.

Lei Federal nº 4.771, de 15 de dezembro de 1965, que institui o novo Código Florestal.

Lei Federal nº 7.803, de 18 de julho de 1989, que altera a redação da Lei nº 4.771, de 15 de setembro de 1965, e revoga as Leis nº 6.535, de 15 de junho de 1978, e nº 7.511, de 7 de julho de 1986.

Portaria Minc/IPHAN 07, de 01 de dezembro de 1988. Estabelece os procedimentos necessários à comunicação prévia, às permissões e às autorizações de pesquisas e escavações em sítios arqueológicos previstas na Lei n nº 3.924, de 26 de julho de 1961.

Portaria Minc/IPHAN 230, de 17 de dezembro de 2002. Compatibiliza as fases de obtenção de licenças ambientais com os estudos preventivos de arqueologia.

Portaria Minc/IPHAN 28, de 31 de dezembro de 2003. Determina a necessidade de prever a execução de projetos de levantamento, prospecção, resgate e salvamento arqueológico nos pedidos de renovação da licença ambiental de operação para áreas situadas na faixa de

depleção dos reservatórios de empreendimentos hidroelétricos de qualquer tamanho ou dimensão no território nacional.

Resolução CONAMA nº 006, de 16 de setembro de 1987. Edita regras gerais para o licenciamento ambiental de obras de grande porte, especialmente aquelas nas quais a União tenha interesse relevante como a geração de energia elétrica, no intuito de harmonizar conceitos e linguagem entre os diversos intervenientes no processo.

Resolução CONAMA nº 001, de 23 de janeiro de 1986. Determina o que é impacto ambiental, caracteriza os empreendimentos que causam mudanças no meio ambiente e determina a necessidade de EIA/Rima nos licenciamentos de atividades modificadoras do meio ambiente.

SITES OFICIAIS

Brasil em Relevo – Embrapa monitoramento por satélite: http://www.relevobr.cnpm.embrapa.br

Centro Brasileiro de Arqueologia: http://www.cbarqueol.org.br

Companhia Baiana de Pesquisa Mineral: http://www.cbpm.com.br

Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais: http://www.cprm.gov.br

Fundação Museu do Homem Americano: http://www.fumdham.org.br

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística: http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm

Instituto de Gestão das Águas e Clima: http://www.inga.ba.gov.br

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: http://www.iphan.gov.br

Polícia Militar da Bahia: http://www.pm.ba.gov.br/

Secretaria da Segurança Pública do estado da Bahia: http://www.ssp.ba.gov.br/

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia: http://www.sei.gov.br

Universidade de Brasília: http://vsites.unb.br/ig/glossario/indez.html

NOMENCLATOR

FICHA DE REGISTRO DE SÍTIOS COM REPRESENTAÇÕES RUPESTRES

1. <u>Identificação do sítio</u> – conjunto de campos destinados a reunir as informações mínimas de registro do sítio.

1.1. Nome do sítio – nome conferido ao sítio, respeitando os topônimos locais de identificação do espaço.

1.1.1. Nº Registro – seqüência numérica adota para controle das informações nesta pesquisa, iniciando de 1 a infinito.

1.1.2. Data registro – dia, mês e ano do registro do sítio nesta pesquisa.

1.2. Cadastro no IPHAN – Marcar com um X se existe (sim) ou inexiste (não) cadastro da área visitada no IPHAN.

1.2.1. Nº Cadastro – caso o item 1.2. seja assinalado com "sim", deverá ser informada a numeração adotada pelo IPHAN para controle do registro do sítio.

1.2.2. Ano cadastro – caso o item 1.2. seja assinalado com "sim", deverá ser informado o ano do registro do sítio junto ao IPHAN.

1.2. Pesquisador – informar o nome do pesquisador que conduziu os trabalhos de registro do sítio nesta ficha. No caso desta tese de doutoramento, invariavelmente será informado Carlos Costa.

1.3. Estado – o estado da federação brasileira no qual o sítio está localizado. Como a pesquisa não avançou para outros estados, será informado invariavelmente "Bahia".

1.3.1. Município – a unidade administrativa na qual está localizado o sítio registrado.

1.3.2. Região – refere-se à região do estado no qual o município está inserido. No caso deste trabalho será invariavelmente informado "Piemonte da Chapada Diamantina".

1.4. Localidade – a unidade geomorfológica na qual se insere o sítio e, se possível, o distrito, a exemplo "Serra do Tombador / Conceição". Neste caso, Serra do Tombador é a unidade geomorfológica e Conceição um dos distritos de Jacobina na qual se insere o trecho da serra.

1.5. Coordenadas geográficas – os campos deverão ser preenchidos utilizando as coordenadas no sistema UTM (*Universal Transverse Mercator*) obtidas com o receptor GPS de navegação, que deverá estar configurado, na área de pesquisa do Piemonte da Chapada Diamantina, com o Datum *South American 69*.

1.5.1. Zona – registrar o número e a letra indicada na coordenada.

1.5.2. E – registrar as coordenadas oeste-leste com seis dígitos numéricos.

1.5.3. N – registrar as coordenadas sul-norte com sete dígitos numéricos.

1.5.4. Alt. (m) – registra em metros a altitude fornecida junto à coordenada.

1.6. Propriedade – Deverá ser assinalada uma das quatro alternativas acerca da natureza da propriedade da área:

1.6.1. Municipal – assinalar este campo quando a área fora de propriedade do município;

1.6.2. Estadual – assinalar este campo quando a área for de propriedade do estado;

1.6.3. Federal – assinalar este campo quando a área for de propriedade do governo federal;

1.6.4. Particular – assinalar este campo quando a área for de propriedade privada.

1.7. Informante da área – caso haja, indicar o nome do indivíduo que deu informação sobre o local registrado.

1.8. Endereço do informante – caso o item 1.7. tenha sido preenchido, na medida do possível buscar obter o endereço de quem forneceu a informação, da melhor forma.

1.9. Tel. informante – caso o item 1.7. tenha sido preenchido, na medida do possível buscar obter o número do telefone com código identificador de área do informante sobre o sítio.

1.10. Nome da propriedade – se possível, indicar o nome do proprietário da área no caso do item 1.6. ter sido indicado como particular.

1.11. Nome do proprietário – caso o item 1.10. tenha sido preenchido, na medida do possível buscar obter o endereço do proprietário, da melhor forma.

1.12. Tel. proprietário – caso o item 1.10. tenha sido preenchido, na medida do possível buscar obter o número do telefone com código identificador de área

2. <u>Características ambientais da área</u> – conjunto de campos destinados a apontar o contexto ambiental no qual o sítio está inserido.

2.1. Clima – descrever sumariamente o clima predominante na região, como: árido ou semi-árido.

2.1.1. Alt. (m) – registrar em metros a altitude fornecida junto à coordenada. Trata-se da mesma informação concedida no item 1.5.4.

2.2. Relevo – Deverá ser assinalada uma das seis opções indicadas para a morfologia do relevo.

2.2.1. Dolina – assinalar este campo quando o sítio estiver neste ambiente, caracterizado como uma depressão do solo, comum nos terrenos cársticos, provocada pela dissolução química do solo abaixo da superfície.

2.2.2. Fundo de vale – assinalar este campo quando o sítio estiver na área mais baixa da formação dos vales.

2.2.3. Cume – assinalar este campo quando o sítio estiver no ponto da superfície mais elevado.

2.2.4. Meia encosta – assinalar este campo quando o sítio estiver localizado no sopé da serra ou intervalo entre o cume e o fundo do vale.

2.2.5. Beira de rio – assinalar este campo quando o sítio estiver situado à margem de um rio.

2.2.6. Outros – preencher este campo com a localização do sítio, quando nenhuma das informações precedentes satisfizer a descrição da área.

2.3. Vegetação – deverá ser assinalado dois dos campos abaixo indicados, da seguinte forma: 2.3.1 ou 2.3.2; e 2.3.3, 2.3.4 ou 2.3.5.

2.3.1. Primária – assinalar este campo quando a vegetação apresenta a máxima expressão local, com grande diversidade biológica, sendo os efeitos das ações antrópicas mínimas ou inexistentes.

2.3.2. Secundária – assinalar este campo quando a vegetação apresenta alteração, com sinais de ter sido modificada pelo homem.

2.3.3. Caatinga – assinalar este campo quando o sítio se encontrar em área de vegetação de caatinga, conforme definido no capítulo 2.

2.3.4. Cerrado – assinalar este campo quando o sítio se encontrar em área de vegetação de cerrado, conforme definido no capítulo 2.

2.3.5 Outra – preencher este campo com o tipo de vegetação verificada, quando nenhuma das informações precedentes satisfizer a descrição da área.

2.4. Hidrografia – deverá ser assinalado um, ou mais de um, se for o caso, campos abaixo indicados, que melhor defina os recursos hídricos disponíveis nas proximidades do sítio.

2.4.1. Rio – assinalar este campo quando se referir a um curso natural d'água perene, que corre em direção e deságua em outra fonte d'água (lagoa, rio, oceano).

2.4.2. Riacho – assinalar este campo quando se referir a um curso natural d'água temporário que corre em direção e deságua em outra fonte d'água (lagoa, rio, oceano).

2.4.3. Córrego – assinalar este campo quando se referir a um curso natural d'água, de pequeno porte e com expressão apenas nas ocasiões de chuva, que corre e deságua em outra fonte d'água.

2.4.4. Lagoa – assinalar este campo quando se tratar de um corpo d'água de grande dimensão empossada, geralmente estagnado ou com pouco fluxo de corrente, com formação natural.

2.4.5. Nascente – assinalar este campo quando o sítio estiver próximo ao local onde se inicia um curso d'água.

2.4.6. Minadouro – assinalar este campo quando nas proximidades do sítio existir uma fonte natural de água que mina de paredes rochosas.

2.4.7. Olho d'água – assinalar este campo quando se verificar áreas onde as águas brotam do chão em topografias planas.

2.4.8. Brejo – assinalar este campo quando os sítios estiverem próximos a áreas planas com uma fina lente d'água empossada.

3. <u>Características do sítio</u> – conjunto de campos destinados a reunir informações acerca das condições de inserção do sítio na paisagem.

3.1. Visibilidade do sítio – campo destinado a descrever as condições de visualização e de visibilidade do sítio.

3.1.1. Desde o sítio – assinalar um dos campos abaixo destinados a descrever a condição de visualização do ambiente circundante a partir do sítio.

3.1.1.1. Excelente – assinalar este campo quando é possível a observação do ambiente a partir do sítio for num ângulo igual ou superior a 180º.

3.1.1.2. Boa – assinalar este campo quando é possível a observação do ambiente a partir do sítio for num ângulo entre 110º e 180º.

3.1.1.3. Regular – assinalar este campo quando é possível a observação do ambiente a partir do sítio for num ângulo entre 40º e 110º.

3.1.1.4. Escassa – assinalar este campo quando é possível a observação do ambiente a partir do sítio for num ângulo inferior a 40º.

3.1.1.5. Nula – assinalar este campo quando não houver possibilidade de observação do ambiente a partir do sítio.

3.1.2. Para o sítio – de maneira oposta ao item 3.1.1, assinalar um dos campos abaixo destinado a descrever a condição de visibilidade do sítio a partir do ambiente circundante, em diferentes distâncias e ângulos.

3.1.2.1. Excelente – assinalar este item quando for possível se ver o sítio a partir de qualquer ponto do ambiente circundante.

3.1.2.2. Boa – assinalar este item quando for possível ver o sítio de quase todos os pontos do ambiente circundante.

3.1.2.3. Regular – assinalar este item quando for possível ver o sítio a partir de alguns ângulos pontuais do ambiente circundante.

3.1.2.4. Escassa – assinalar este item quando for possível se perceber o sítio apenas de um ponto específico do ambiente circundante.

3.1.2.5. Nula – assinalar este item quando não for possível se ver o sítio a partir do ambiente circundante.

4. <u>Característica do sítio com painéis</u> – conjunto de campos destinados a descrever o setor da paisagem escolhido para sítio arqueológico, conforme descrito no capítulo 2.

4.1. Classificação do suporte rochoso – assinalar um dos campos abaixo que descreve a forma da área utilizada para o sítio rupestre.

4.1.1. Abrigo – assinalar este item quando se tratar de um espaço coberto naturalmente escavado nos corpos rochosos, cuja relação de tamanho e profundidade permite comportar um homem de pé.

4.1.2. Caverna – assinalar este item quando se tratar de uma cavidade rochosa na qual a abertura tem uma relação de proporção menor que a profundidade, com desenvolvimento horizontal ou vertical da cavidade em forma de galerias e salões.

4.1.3. Parede e paredão – assinalar este item quando se tratar de uma superfície rochosa vertical, levemente negativa ou levemente positiva, sem cobertura natural.

4.1.4. Lapa – assinalar este item quando tratar-se de um abrigo formado por lajes e situados exclusivamente no alto e na borda da chapada.

4.1.5. Matacão – assinalar este item quando se tratar de um grande bloco arredondado, produzido por uma associação de intemperismos e rolamento, identificado nas áreas dos leitos dos rios onde houve ação de correntes fluviais.

4.1.6. Lajedo – assinalar este item quando os registros rupestres estiverem em superfícies rochosas horizontais ou levemente inclinadas identificadas.

4.1.7. Gruta – assinalar este item quando forem localizados abrigos baixos, que não permite uma pessoa de pé, e profundos.

4.1.8. Loca – assinalar este campo quando se refere a uma pequena reentrância na rocha, cuja relação de altura e profundidade não permite comportar um homem de pé.

4.1.9. Outros – preencher este campo quando o tipo de rocha verificada não corresponde a nenhuma das supracitadas.

4.2. Identificação geológica do suporte rochoso – assinalar um dos campos abaixo que descreve o tipo rochoso da rocha suporte.

4.2.1. Arenito – assinalar este campo quando se referir a rocha sedimentar constituída de grãos de areia e sílica.

4.2.2. Arenito silicificado – assinalar este campo quando se referir a rocha sedimentar constituída por grãos de areia e sílica em processo metamórfico, com grande dureza.

4.2.3. Calcário – assinalar este campo quando se refira a rocha sedimentar rica em cálcio.

4.2.4. Granito – assinalar este campo quando se referir a rocha magmática granular, de profundidade, caracterizada essencialmente por quartzo e por um feldspato alcalino.

4.2.5. Quartzo – assinalar este campo quando se referir ao mineral trigonal, óxido de silício, duro e transparente.

4.2.6. Quartzito – assinalar este campo quando se referir a rocha metamórfica composta essencialmente de quartzo, ou seja, arenito metamorfizado em que o cimento silicoso se recristalizou.

4.2.7. Outros – preencher este campo quando o tipo de rocha verificada não corresponde a nenhuma das supracitadas.

4.3. Identificação do solo – assinalar um dos campos abaixo que descreve o tipo de solo identificado no sítio.

4.3.1. Arenoso – assinalar este campo quando o solo for composto de areia.

4.3.2. Areno / argiloso – assinalar este item quando o solo for composto sedimento com areia e argila.

4.3.3. Humífero – assinalar este item quando o sedimento que recobre o sítio for rico em húmus.

4.3.4. Rochoso – assinalar este campo quando o solo for rocha, sem sedimento.

4.3.5. Terra roxa – assinalar este campo quando o terreno for vermelho, resultante da decomposição de rochas basálticas.

4.3.6. Outros – preencher este campo quando o tipo de solo não estiver contemplado nas categorias supracitadas.

5. <u>Preservação</u> – conjunto de campos destinados a abordar os aspectos relacionados à preservação do sítio.

5.1. Grau de preservação – assinalar um dos campos abaixo que melhor defina o estado geral de conservação dos sítios.

5.1.1. Ótimo – assinalar este campo quando as pinturas estiverem bem visíveis, sem escoriações ou descamados, sem ação preponderante de degradação de agentes naturais e antrópicos.

5.1.2. Bom – assinalar este item quando, embora sejam visíveis as pinturas, se verifica esmaecimento, pequenas descamações e intrusões de térmitas, liquens e musgos.

5.1.3. Ruim – assinalar este item quando os painéis do sítio estão muito esmaecidos, recobertos por agentes naturais (liquens, musgos, sais, térmitas) e/ou intensamente degradados.

5.2. Exposição aos agentes naturais – assinalar os campos abaixo que descreverem as situações de degradação natural identificadas no sítio.

5.2.1. Insolação – assinalar este item quando se perceber nos painéis processos intempéricos derivados da luz solar.

5.2.2. Chuva – assinalar este item quando se perceber degradação do sítio por ação pluviométrica.

5.2.3. Vento – assinalar este item quando o sítio estiver intemperizado por ação eólica.

5.3. Deterioração antrópica – assinalar os campos abaixo que descrevem as situações de degradação do sítio promovidas por ação direta do homem.

5.3.1. Queimadas – assinalar este item quando as áreas de entorno do sítio ou os painéis estiverem atacados por queimadas intencionais.

5.3.2. Mineração – assinalar este item quando o sítio estiver sendo depredado por extração de rochas.

5.3.3. Pichações – assinalar este item quando os painéis do sítio tiverem rabiscos e inscrições recentes, realizados com tintas, giz ou qualquer veículo.

5.3.4. Quebra intencional – assinalar este item quando o sítio foi depredado por quebra intencional dos abrigos, painéis, motivos pictóricos e mesmo por picoteamento.

5.3.5. Fogueira – assinalar este item quando os painéis estiverem impregnados de fuligem derivados de fogueiras feitas nas proximidades ou no sítio.

5.3.6. Outros – preencher este campo quando a ação de depredação humana verificada não se enquadrar em nenhuma das descritas acima.

6. <u>Características das representações</u> – conjunto de campos destinados a descrever os painéis rupestres identificados no sítio.

6.1. Qtd painéis – indicar em números a quantidade de sessões planas com pinturas ou gravuras rupestres identificadas no sítio.

6.2. Tipo de representação – campo destinado a descrever a técnica de aplicação dos grafismos rupestres.

6.2.1. Pintura – assinalar este campo quando o grafismo for executado a partir de técnicas aditivas, com aplicação de pigmentos ou giz.

6.2.2. Gravura – assinar este item quando o grafismo for executado a partir de técnicas subtrativas, a partir do ferimento do corpo rochoso.

6.3. Orientação (pontos cardeais) – campo destinado a descrever a orientação cardeal dos sítios rupestres, a partir duma bússola orientada pelo norte magnético. Neste caso toma-se a direção perpendicular ao segmento de reta da face da unidade geomorfológica/arqueológica. Trata-se do lado em que a face do sítio está voltada.

6.3.1. N – preencher este campo com a orientação precisa em graus, quando a direção da face do sítio estiver entre 337,6º a 22,5º.

6.3.2. NE – preencher este campo com a orientação precisa em graus, quando a direção da face do sítio estiver entre 22,6º a 67,5º.

6.3.3. E – preencher este campo com a orientação precisa em graus, quando a direção da face do sítio estiver entre 67,6º a 112,5º.

6.3.4. SE – preencher este campo com a orientação precisa em graus, quando a direção da face do sítio estiver entre 112,6º a 157,5º.

6.3.5. S – preencher este campo com a orientação precisa em graus, quando a direção da face do sítio estiver entre 157,6º a 202,5º.

6.3.6. SO – preencher este campo com a orientação precisa em graus, quando a direção da face do sítio estiver entre 202,6º a 247,5º.

6.3.7. O – preencher este campo com a orientação precisa em graus, quando a direção da face do sítio estiver entre 247,6º a 292,5º.

6.3.8. NO – preencher este campo com a orientação precisa em graus, quando a direção da face do sítio estiver entre 292,6º a 337,5º.

6.4. Técnica aplicada – assinalar os campos que descrevem a técnica de aplicação dos signos rupestres.

6.4.1. Desenho – assinalar este campo quando forem identificados grafismos aplicados com um suporte seco (como um giz), a exemplo de uma rocha ou uma hematita, diretamente sobre o suporte.

6.4.2. Pintura – assinalar este campo quando os grafismos forem aplicados com pigmentos diluídos num veículo líquido.

6.4.3. Raspagem – assinalar este campo quando forem identificados grafismos gravados, feitos a partir da abrasão de um percutor sobre a superfície rochosa.

6.4.4. Picotagem – assinalar este campo quando forem identificados grafismos gravados, feitos a partir do picoteamento de um percutor sobre a superfície rochosa.

6.5. Instrumentos utilizados – assinalar os campos abaixo que descrevem os instrumentos utilizados para a aplicação do grafismo.

6.5.1. Graveto – assinalar este item quando for preenchido o campo 6.4.2, e for possível definir se a aplicação do grafismo foi feito com o uso de taliscas de madeira.

6.5.2. Giz – assinalar este campo quando for preenchido o item 6.4.1.

6.5.3. Carvão – assinalar este item quando for preenchido o item 6.4.1, se o desenho realizado tiver sido aplicado com o uso de carvão.

6.5.4. Percutor – assinalar este campo quando for preenchido os itens 6.4.3 e 6.4.4.

6.5.5. Pincel fino – assinalar este item quando for preenchido o campo 6.4.2, e for possível definir se a aplicação do grafismo foi feito com o uso de pincéis estreitos.

6.5.6. Pincel grosso – assinalar este item quando for preenchido o campo 6.4.2, e for possível definir se a aplicação do grafismo foi feito com o uso de pincéis largos.

6.5.7. Dedo – assinalar este item quando for preenchido o campo 6.4.2, e for possível definir se a aplicação do grafismo foi feito com o uso dos dedos das mãos.

6.5.8. Outro – preencher este campo quando se verificar que o instrumento de aplicação do grafismo não corresponde a nenhum dos apresentados acima.

6.5.9. Dimensões do suporte – preencher este campo informando a altura e largura máximas do painel, cujos limites são definidos pela extensão da superfície plana na qual se aplica a pintura ou gravura. Nas dobras naturais ou na finalização do suporte estão os limites do painel.

6.5.10. Dimensões dos painéis – preencher este campo informando altura e largura máximas da área pintada no painel.

6.6. Visualização dos painéis – este campo distingue-se do item 3.1. nele deverão ser assinaladas as condições de visualização das pinturas no próprio sítio.

6.6.1. Completa – assinalar este campo quando o painel puder ser visto de qualquer lugar do sítio, quando está em grande exposição.

6.6.2. Parcial – assinalar este campo quando existirem setores do sítio que impedem a visualização do painel pictórico, mas em certas posições a visibilidade é possível sem maiores sacrifícios.

6.6.3. Escassa – assinalar este item quando há dificuldade de visualização do painel, haja vista ter sido feito escondido, mas, ainda assim há condições de perceber-se os grafismos de pé no sítio.

6.6.4. Nula – assinalar este item quando há dificuldade de visualização do painel, haja vista ter sido feito escondido, em local que a sua visualização depende de situações especiais de posicionamento do espectador ou de luminosidade.

6.7. Pigmentos – campo destinado a descrever a quantidade de cores utilizadas para a execução do painel pictórico, utilizável apenas quando forem preenchidos os itens 6.4.1 e 6.4.2.

6.7.1. Monocromático – preencher este item quando for verificado o uso de apenas uma cor nos painéis pictóricos. Escrever a letra ‘V’ quando identificar a cor vermelha, a letra ‘A’ quando for a cor amarela, a letra ‘P’ quando a cor identificada for a preta e a letra ‘B’ quando for branca.

6.7.2. Bicromático – preencher este item quando for verificado o uso de duas cores nos painéis pictóricos. Escrever a letra ‘V’ quando identificar a cor vermelha, a letra ‘A’ quando for a cor amarela, a letra ‘P’ quando a cor identificada for a preta e a letra ‘B’ quando for branca.

6.7.3. Policromático – preencher este item quando for verificado o uso de três ou mais cores nos painéis pictóricos. Escrever a letra ‘V’ quando identificar a cor vermelha, a letra ‘A’ quando for a cor amarela, a letra ‘P’ quando a cor identificada for a preta e a letra ‘B’ quando for branca.

6.8. Motivos – campo destinado a descrever os signos que aparecem representados no painel pictórico.

6.8.1. Antropomorfo – assinalar este item quando puder ser identificada a representação humana nos painéis pictóricos.

6.8.2. Zoomorfo – assinalar este item quando puder ser identificada a representação de animais nos painéis pictóricos.

6.8.3. Fitomorfo – assinalar este item quando puder ser identificada a representação de plantas nos painéis pictóricos.

6.8.4. Geométrico – assinalar este item quando puder ser identificada a representação de signos geométricos nos painéis pictóricos.

6.8.5. Borrão – assinalar este item quando não tiver forma definida o grafismo, forem manchas ou sem identificação nas categorias acima apresentadas.

6.9. Posicionamento dos grafismos no abrigo – assinalar os itens abaixo que descrevam o posicionamento do suporte utilizado para os grafismos.

6.9.1. Teto – assinalar este item quando existirem grafismos nos suporte horizontais posicionados como cobertura, teto.

6.9.2. Lajedo – assinalar este item quando existirem grafismos nos suportes horizontais utilizados como chão rochoso.

6.9.3. Parede – assinalar este item quando existirem grafismos feitos nos suportes verticais.

6.10. Direção do gesto na ação de pintar – assinalar os campos abaixo que expressem a ação do gesto de pintar no sítio observado.

6.10.1. Da esquerda para a direita – assinalar este campo quando for possível perceber a direção do gesto de pintar iniciando do lado esquerdo e finalizando no lado direito.

6.10.2. Da direita para a esquerda – assinalar este campo quando for possível perceber a direção do gesto de pintar iniciando do lado direito e finalizando no lado esquerdo.

6.10.3. De cima para baixo – assinalar este campo quando for possível perceber a direção do gesto de pintar iniciando da parte alta e finalizando na parte baixa.

6.10.4. De baixo para cima – assinalar este campo quando for possível perceber a direção do gesto de pintar iniciando da parte baixa e finalizando na parte alta.

7. <u>Proporções em um mesmo painel e entre painéis diferentes</u> – campo destinado a fazer uma leitura analítica geral do sítio rupestre, tratando de sobreposições, predominâncias, registros realizados e possibilidade de intervenções mais detalhadas com escavações.

7.1. Ordem temporal – assinalar o campo abaixo que indique com maior precisão a quantidade de sobreposições percebidas no sítio.

7.1.1. Antigo – preencher este item quando for percebido dois ou mais níveis de sobreposição pictórica nos painéis, indicando quantos níveis forem percebidos.

7.1.2. Médio – assinalar este item quando for percebido um nível de sobreposição pictórica nos painéis.

7.1.3. Recente – assinalar este item quando não houver sobreposição pictórica nos painéis.

7.2. Predominância – assinalar o item abaixo que indique a maior predominância de motivos grafados.

7.2.1. Antropomorfo – assinalar este item quando a predominância for de figuras humanas, incluindo-se aqui representação de mãos.

7.2.2. Zoomorfo – assinalar este item quando a predominância for de figuras de animais.

7.2.3. Fitomorfo – assinalar este item quando a predominância for de figuras de plantas.

7.2.4. Geométrico – assinalar este item quando a predominância for de figuras geométricas.

7.2.5. Borrão – assinalar este item quando a predominância for de borrões, sem qualquer possibilidade de classificação nas categorias precedentes.

7.3. Tipos de registro do sítio – assinalar os itens abaixo que correspondam aos tipos de registros efetuados em campo.

7.3.1. Fotografia – assinalar este item quando forem executados registros fotográficos no sítio.

7.3.2. Caderno de campo – assinalar este item quando foram realizados registros em caderno de campo sobre o sítio.

7.3.3. Desenho – assinalar este item quando forem realizados desenhos, croquis ou esboços do sítio.

7.3.4. Ficha – assinalar este item se foi preenchida a ficha de registro de sítios do IPHAN.

7.4. Possibilidade de escavação – assinar um dos itens abaixo, indicando a possibilidade de escavação na área pesquisada.

7.4.1. Sim – assinalar este item se no sítio houver sedimentos passíveis de escavações arqueológicas.

7.4.2. Não – assinalar este item se no sítio não houver sedimentos passíveis de escavações arqueológicas.

7.5. Responsável pelo registro – escrever neste campo os nomes dos responsáveis pelo preenchimento da ficha.

7.6. Equipe presente no campo – escrever neste campo os nomes das pessoas que estavam em campo no dia do preenchimento desta ficha.

7.7. Observações – preencher este campo com informações outras sobre o sítio que não foram apreendidas nos campos anteriores.

Observação: quando não for possível se obter informações para a alimentação de qualquer campo da ficha, os espaços vazios deverão ser preenchidos com um pequeno traço, sinalizando que o mesmo foi observado, mas a informação era inexistente, ou mesmo em afirmação as respostas fornecidas no campo.

REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA (BAHIA, BRASIL)
FICHA DE REGISTRO DE SÍTIOS COM REPRESENTAÇÕES RUPESTRES

IDENTIFICAÇÃO DO SÍTIO

NOME DO SÍTIO	AS MOITAS					Nº REGISTRO	001	DATA REGISTRO	22/01/2010		
CADASTRO IPHAN	SIM	---	NÃO	X		Nº CADASTRO	---	ANO CADASTRO	---		
PESQUISADOR	CARLOS COSTA										
ESTADO	BA		MUNICÍPIO	JACOBINA		REGIÃO	PIEMONTE CD				
LOCALIDADE	PEDRO DOS SANTOS										
COORDENADAS GEOGRÁFICAS	ZONA	24L 24L	E	U1: 0319068 U5: 0319113	N	U1: 8783712 U2: 8783674	ALT. (m)	U1: 800 U2: 807			
PROPRIEDADE	MUNICIPAL	---	ESTADUAL	---	FEDERAL	---	PARTICULAR	X			
INFORMANTE DA ÁREA	PEDRO DOS SANTOS										
ENDEREÇO INFORMANTE	---										
TEL. INFORMANTE	---										
NOME DA PROPRIEDADE	---										
NOME PROPRIETÁRIO	---										
TEL. PROPRIETÁRIO	---										

CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ÁREA

CLIMA	ÚMIDO								ALT. (m)	800	
RELEVO	DOLINA	--	FUNDO DE VALE	--	CUME	X	MEIA ENCOSTA	---	MARGEM DE RIO	--	
OUTROS	---										
VEGETAÇÃO				PRIMÁRIA	X			SECUNDÁRIA	---		
	CAATINGA	---	CERRADO	X	OUTRA	---					
HIDROGRAFIA	RIO	DAS MOITAS	RIACHO	---	CÓRREGO	---	LAGOA	---			
	NASCENTE	---	MINADOURO	---	OLHO D'ÁGUA	---	BREJO	---			

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO

VISIBILIDADE DO SÍTIO	DESDE O SÍTIO		PARA O SÍTIO	
	EXCELENTE	---	EXCELENTE	---
	BOA	---	BOA	---
	REGULAR	---	REGULAR	---
	ESCASSA	X	ESCASSA	X
	NULA	---	NULA	---

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO COM PAINÉIS

CLASSIFICAÇÃO DO SUPORTE ROCHOSO	ABRIGO	---	CAVERNA	---	PAREDE OU PAREDÃO	---
	LAPA	X	MATACÃO	---	LAJEDO	---
	GRUTA	X	LOCA	X	OUTROS	---
IDENTIFICAÇÃO GEOLÓGICA DO SUPORTE ROCHOSO	ARENITO	---	ARENITO SILICIFICADO	X	CALCÁRIO	---
	GRANITO	---	QUARTZO	---	QUARTZITO	---
	OUTROS	---				
IDENTIFICAÇÃO DO SOLO	ARENOSO	X	ARENO / ARGILOSO	---	HUMÍFERO	---
	ROCHOSO	---	TERRA ROXA	---	OUTROS	---

PRESERVAÇÃO

GRAU DE PRESERVAÇÃO	ÓTIMO	---	BOM	---	RUIM	X
EXPOSIÇÃO AGENTES NATURAIS	INSOLAÇÃO	X	CHUVA	X	VENTO	X
	QUEIMADAS	---	MINERAÇÃO	---	PICHAÇÕES	---

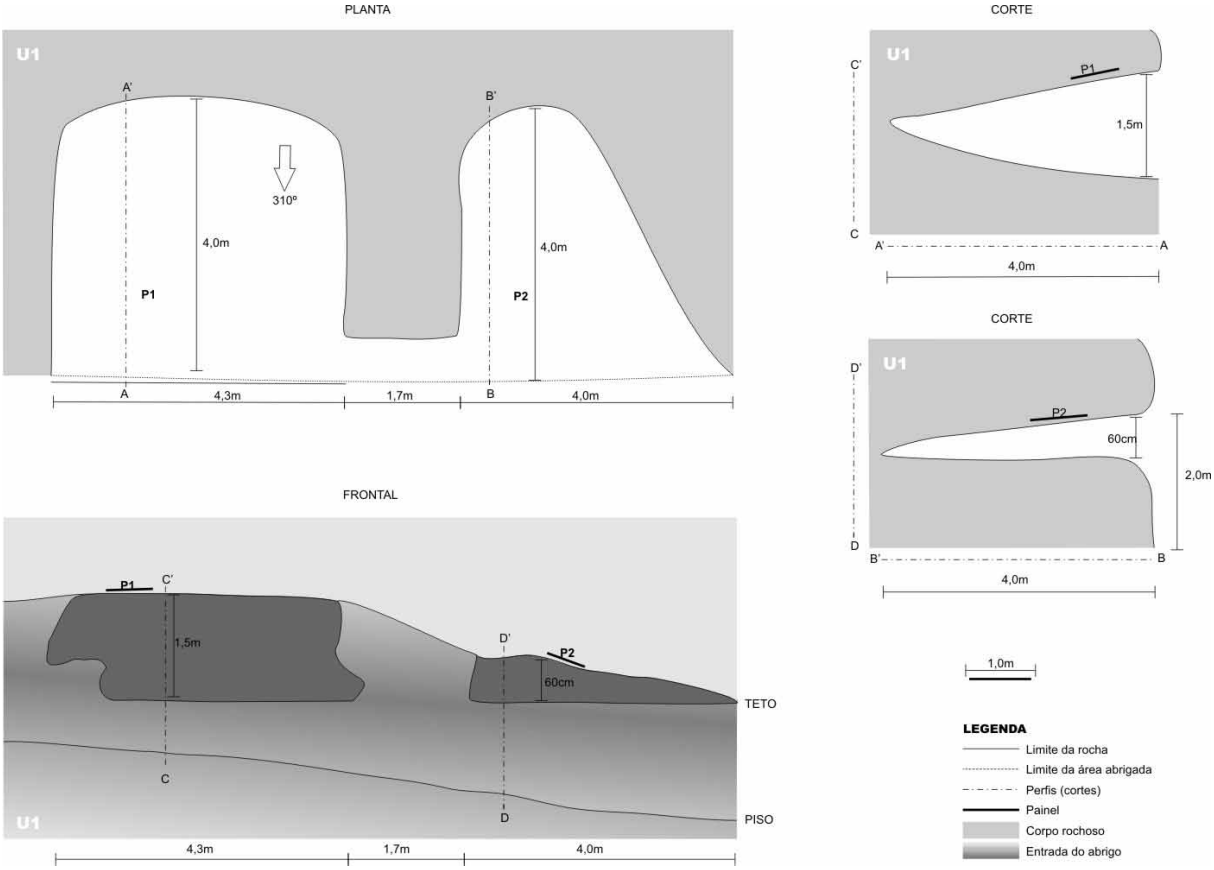
	QUEBRA INTENCIONAL	---	FOGUEIRA	---	OUTROS	---	

CARACTERÍSTICAS DAS REPRESENTAÇÕES															
QTD PAINÉIS	4			TIPO DE REPRESENTAÇÃO		PINTURA	X			GRAVURA	---		
ORIENTAÇÃO (PONTOS CARDEAIS)															
N	----	NE	---	E	---	SE	---	S	----	SO	---	O	X?	NO	310º
TÉCNICA APLICADA															
DESENHO	X		PINTURA	X		RASPAGEM	---			PICOTAGEM	---				
INSTRUMENTOS UTILIZADOS															
GRAVETO	---		GIZ	X		CARVÃO	---			PERCUTOR	---				
PINCEL FINO	X		PINCEL GROSSO	X		DEDO	X			OUTRO	---				
DIMENSÕES DO SUPORTE	VER CROQUIS					DIMENSÕES DOS PAINÉIS	---								
VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS															
COMPLETA	---		PARCIAL	X		ESCASSA	X			NULA	---				
PIGMENTOS															
MONOCROMÁTICO	---		BICROMÁTICO	V A		POLICROMÁTICO	---								
MOTIVOS															
ANTROPOMORFO	X		ZOOMORFO	X		FITOMORFO	---			GEOMÉTRICO	X			BORRÃO	X
POSICIONAMENTO DOS GRAFISMOS NO ABRIGO															
TETO	X		LAJEDO	---		PAREDE	X								
DIREÇAO DO GESTO NA AÇÃO DE PINTAR															
DA ESQUERDA PARA A DIREITA	---					DA DIREITA PARA A ESQUERDA	---								
DE CIMA PARA BAIXO	---					DE BAIXO PARA CIMA	---								

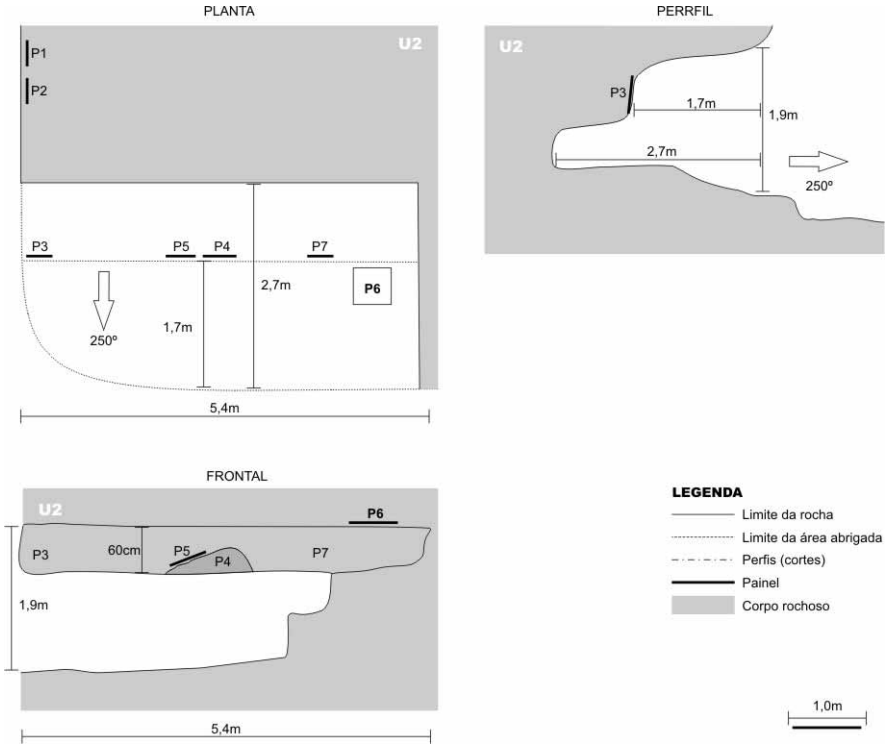
PROPORÇÕES EM UM MESMO PAINEL E ENTRE PAINÉIS DIFERENTES															
ORDEM TEMPORAL															
ANTIGO	---		MÉDIO	---		RECENTE	X								
PREDOMINÂNCIA															
ANTROPOMORFO	---		ZOOMORFO	---		FITOMORFO	---			GEOMÉTRICO	X			BORRÃO	---
TIPOS DE REGISTRO DO SÍTIO															
FOTOGRAFIA	X		CADERNO DE CAMPO	X		DESENHO	X			FICHA	X				
POSSIBILIDADE DE ESCAVAÇÃO						SIM	X			NÃO					

RESPONSÁVEL PELO REGISTRO	EQUIPE PRESENTE EM CAMPO
CARLOS COSTA	CARLOS COSTA, LEANDRO MAX E PEDRO DOS SANTOS

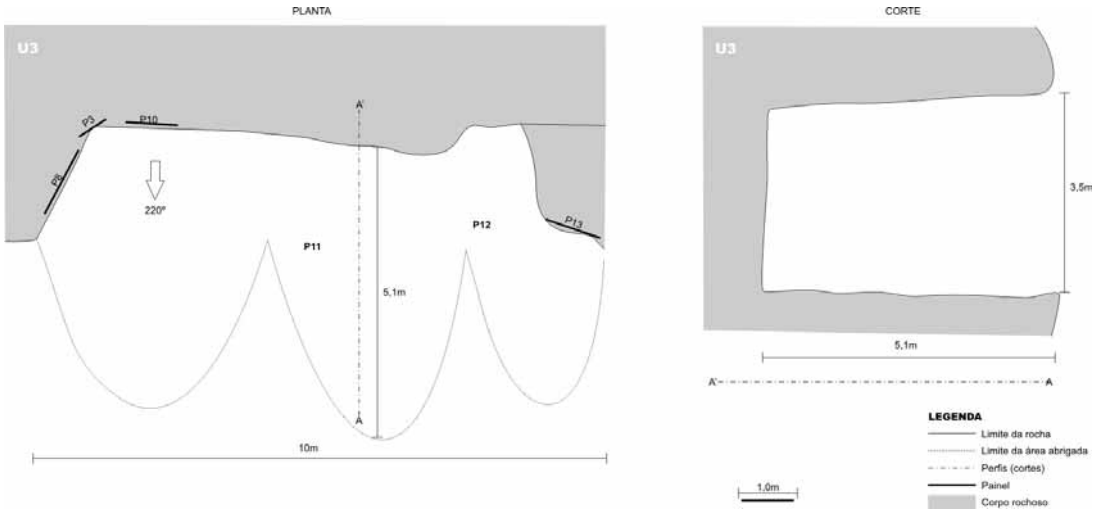
OBSERVAÇÕES



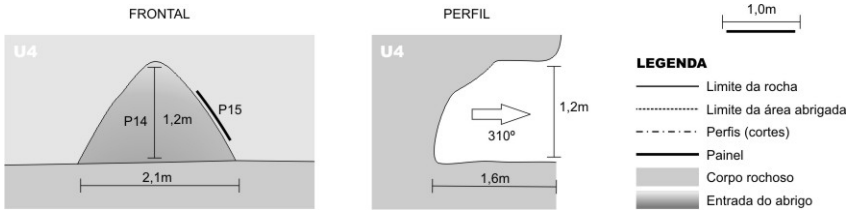
CROQUI 1: Sítio As Moitas, unidade 1. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.



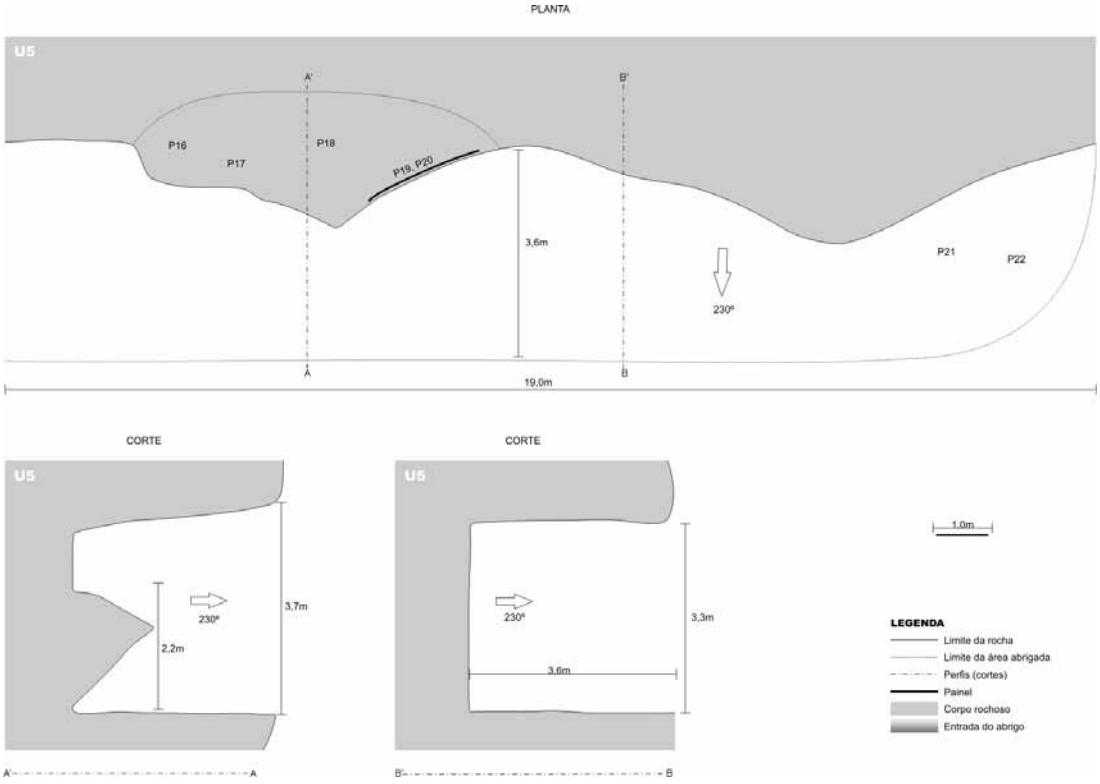
CROQUI 2: Sítio As Moitas, unidade 2. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.



CROQUI 3: Sítio As Moitas, unidade 3. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.



CROQUI 4: Sítio As Moitas, unidade 4. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.



CROQUI 5: Sítio As Moitas, unidade 5. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.

REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA (BAHIA, BRASIL)
FICHA DE REGISTRO DE SÍTIOS COM REPRESENTAÇÕES RUPESTRES

IDENTIFICAÇÃO DO SÍTIO											
NOME DO SÍTIO	BANANEIRA OU MORRO SANTO ANTÔNIO				Nº REGISTRO	002		DATA REGISTRO	09/09/2009		
CADASTRO IPHAN	SIM	X	NÃO	---	Nº CADASTRO	BA00612		ANO CADASTRO	2007		
PESQUISADOR	CARLOS CASTA										
ESTADO	BA		MUNICÍPIO	JACOBINA			REGIÃO	PIEMONTE CD			
LOCALIDADE	---										
COORDENADAS GEOGRÁFICAS	ZONA	24L	E	0335993		N	8763181		ALT. (m)	507	
PROPRIEDADE	MUNICIPAL		ESTADUAL		FEDERAL		PARTICULAR	X			
INFORMANTE DA ÁREA	PEDRO DOS SANTOS										
ENDEREÇO INFORMANTE	---										
TEL. INFORMANTE	---										
NOME DA PROPRIEDADE	---										
NOME PROPRIETÁRIO	---										
TEL. PROPRIETÁRIO	---										

CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ÁREA												
CLIMA	SECO								ALT. (m)	507		
RELEVO	DOLINA	--	FUNDO DE VALE	---	CUME	---	MEIA ENCOSTA	X	MARGEM DE RIO	--		
OUTROS	---											
VEGETAÇÃO	PRIMÁRIA	---			SECUNDÁRIA	X						
	CAATINGA	---	CERRADO	---	OUTRA	TRANSIÇÃO CERRADO / CAATINGA						
HIDROGRAFIA	RIO	X	RIACHO	---	CÓRREGO	---	LAGOA	--				
	NASCENTE	---	MINADOURO	---	OLHO D'ÁGUA	---	BREJO	---				

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO				
VISIBILIDADE DO SÍTIO	DESDE O SÍTIO		PARA O SÍTIO	
	EXCELENTE	X	EXCELENTE	X
	BOA	---	BOA	---
	REGULAR	---	REGULAR	---
	ESCASSA	---	ESCASSA	---
	NULA	---	NULA	---

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO COM PAINÉIS						
CLASSIFICAÇÃO DO SUPORTE ROCHOSO	ABRIGO	---	CAVERNA	---	PAREDE OU PAREDÃO	X
	LAPA	---	MATACÃO	---	LAJEDO	---
	GRUTA	---	LOCA	---	OUTROS	---
IDENTIFICAÇÃO GEOLÓGICA DO SUPORTE ROCHOSO	ARENITO	X	ARENITO SILICIFICADO	---	CALCÁRIO	---
	GRANITO	---	QUARTZO	---	QUARTZITO	---
	OUTROS	---				
IDENTIFICAÇÃO DO SOLO	ARENOSO	---	ARENO / ARGILOSO	---	HUMÍFERO	---
	ROCHOSO	X	TERRA ROXA	---	OUTROS	---

PRESERVAÇÃO						
GRAU DE PRESERVAÇÃO	ÓTIMO	---	BOM	X	RUIM	---
EXPOSIÇÃO AGENTES NATURAIS	INSOLAÇÃO	X	CHUVA	X	VENTO	X
	QUEIMADAS	---	MINERAÇÃO	---	PICHAÇÕES	---

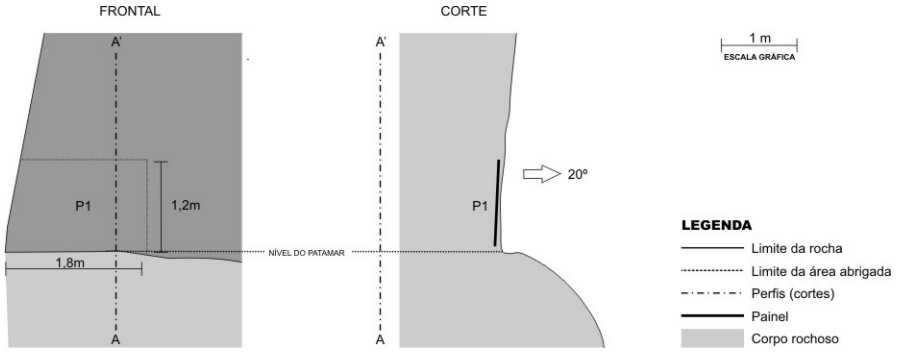
	QUEBRA INTENCIONAL	---	FOGUEIRA		OUTROS	CONSTRUÇÃO DE ESTRADA

CARACTERÍSTICAS DAS REPRESENTAÇÕES															
QTD PAINÉIS	1	TIPO DE REPRESENTAÇÃO		PINTURA	X	GRAVURA	---								
ORIENTAÇÃO (PONTOS CARDEAIS)															
N	20º	NE	---	E	---	SE	---	S	---	SO	---	O	---	NO	---
TÉCNICA APLICADA															
DESENHO	---	PINTURA	X	RASPAGEM	----	PICOTAGEM	---								
INSTRUMENTOS UTILIZADOS															
GRAVETO	---	GIZ	---	CARVÃO	---	PERCUTOR	---								
PINCEL FINO	---	PINCEL GROSSO	---	DEDO	X	OUTRO	MÃO								
DIMENSÕES DO SUPORTE	VER CROQUIS	DIMENSÕES DOS PAINÉIS	---												
VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS															
COMPLETA	X	PARCIAL	---	ESCASSA	---	NULA	---								
PIGMENTOS															
MONOCROMÁTICO	V	BICROMÁTICO	---	POLICROMÁTICO	---										
MOTIVOS															
ANTROPOMORFO	X	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---						
POSICIONAMENTO DOS GRAFISMOS NO ABRIGO															
TETO	---	LAJEDO	---	PAREDE	X										
DIREÇAO DO GESTO NA AÇÃO DE PINTAR															
DA ESQUERDA PARA A DIREITA	---	DA DIREITA PARA A ESQUERDA	---												
DE CIMA PARA BAIXO	---	DE BAIXO PARA CIMA	---												

PROPORÇÕES EM UM MESMO PAINEL E ENTRE PAINÉIS DIFERENTES															
ORDEM TEMPORAL															
ANTIGO	X	MÉDIO	---	RECENTE	---										
PREDOMINÂNCIA															
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---						
TIPOS DE REGISTRO DO SÍTIO															
FOTOGRAFIA	X	CADERNO DE CAMPO	X	DESENHO	X	FICHA	X								
POSSIBILIDADE DE ESCAVAÇÃO				SIM	---	NÃO	X								

RESPONSÁVEL PELO REGISTRO	EQUIPE PRESENTE EM CAMPO
CARLOS COSTA E GILCIMAR BARBOSA	CARLOS COSTA, GILCIMAR BARBOSA E PEDRO DOS SANTOS

OBSERVAÇÕES
RIO ITAPICURU.



CROQUI 6: Sítio Bananeira. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.

REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA (BAHIA, BRASIL)
FICHA DE REGISTRO DE SÍTIOS COM REPRESENTAÇÕES RUPESTRES

IDENTIFICAÇÃO DO SÍTIO

NOME DO SÍTIO	BARRAGEM DO CANTINHO				Nº REGISTRO	003		DATA REGISTRO	04/092009		
CADASTRO IPHAN	SIM	---	NÃO	X	Nº CADASTRO	---		ANO CADASTRO	---		
PESQUISADOR	CARLOS COSTA										
ESTADO	BA		MUNICÍPIO		JACOBINA		REGIÃO		PIEMONTE CD		
LOCALIDADE	---										
COORDENADAS GEOGRÁFICAS	ZONA	24L	E	0317554		N	8777324		ALT. (m)	837	
PROPRIEDADE	MUNICIPAL	---	ESTADUAL	---		FEDERAL	---		PARTICULAR	X	
INFORMANTE DA ÁREA	PEDRO DOS SANTOS										
ENDEREÇO INFORMANTE	---										
TEL. INFORMANTE	---										
NOME DA PROPRIEDADE	---										
NOME PROPRIETÁRIO	---										
TEL. PROPRIETÁRIO	---										

CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ÁREA

CLIMA	SECO								ALT. (m)	837	
RELEVO	DOLINA	--	FUNDO DE VALE	--	CUME	--	MEIA ENCOSTA	--	MARGEM DE RIO	X	
OUTROS	RIO DO CANTINHO										

VEGETAÇÃO	PRIMÁRIA	X	SECUNDÁRIA	---		
	CAATINGA	---	CERRADO	X	OUTRA	---

HIDROGRAFIA	RIO	CANTINHO	RIACHO	---	CÓRREGO	---	LAGOA	---
	NASCENTE	---	MINADOURO	---	OLHO D'ÁGUA	---	BREJO	---

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO

	DESDE O SÍTIO		PARA O SÍTIO	
VISIBILIDADE DO SÍTIO	EXCELENTE	---	EXCELENTE	---
	BOA	---	BOA	---
	REGULAR	X	REGULAR	X
	ESCASSA	---	ESCASSA	---
	NULA	---	NULA	---

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO COM PAINÉIS

CLASSIFICAÇÃO DO SUPORTE ROCHOSO	ABRIGO	---	CAVERNA	---	PAREDE OU PAREDE OU PAREDÃO	---
	LAPA	X	MATACÃO	---	LAJEDO	---
	GRUTA	---	LOCA	---	OUTROS	---
IDENTIFICAÇÃO GEOLÓGICA DO SUPORTE ROCHOSO	ARENITO	---	ARENITO SILICIFICADO	X	CALCÁRIO	---
	GRANITO	---	QUARTZO	---	QUARTZITO	---
	OUTROS	---				
IDENTIFICAÇÃO DO SOLO	ARENOSO	X	ARENO / ARGILOSO	---	HUMÍFERO	---
	ROCHOSO	---	TERRA ROXA	---	OUTROS	---

PRESERVAÇÃO

GRAU DE PRESERVAÇÃO	ÓTIMO	---	BOM	---	RUIM	X
EXPOSIÇÃO AGENTES NATURAIS	INSOLAÇÃO	---	CHUVA	X	VENTO	X
	QUEIMADAS	---	MINERAÇÃO	X	PICHAÇÕES	---

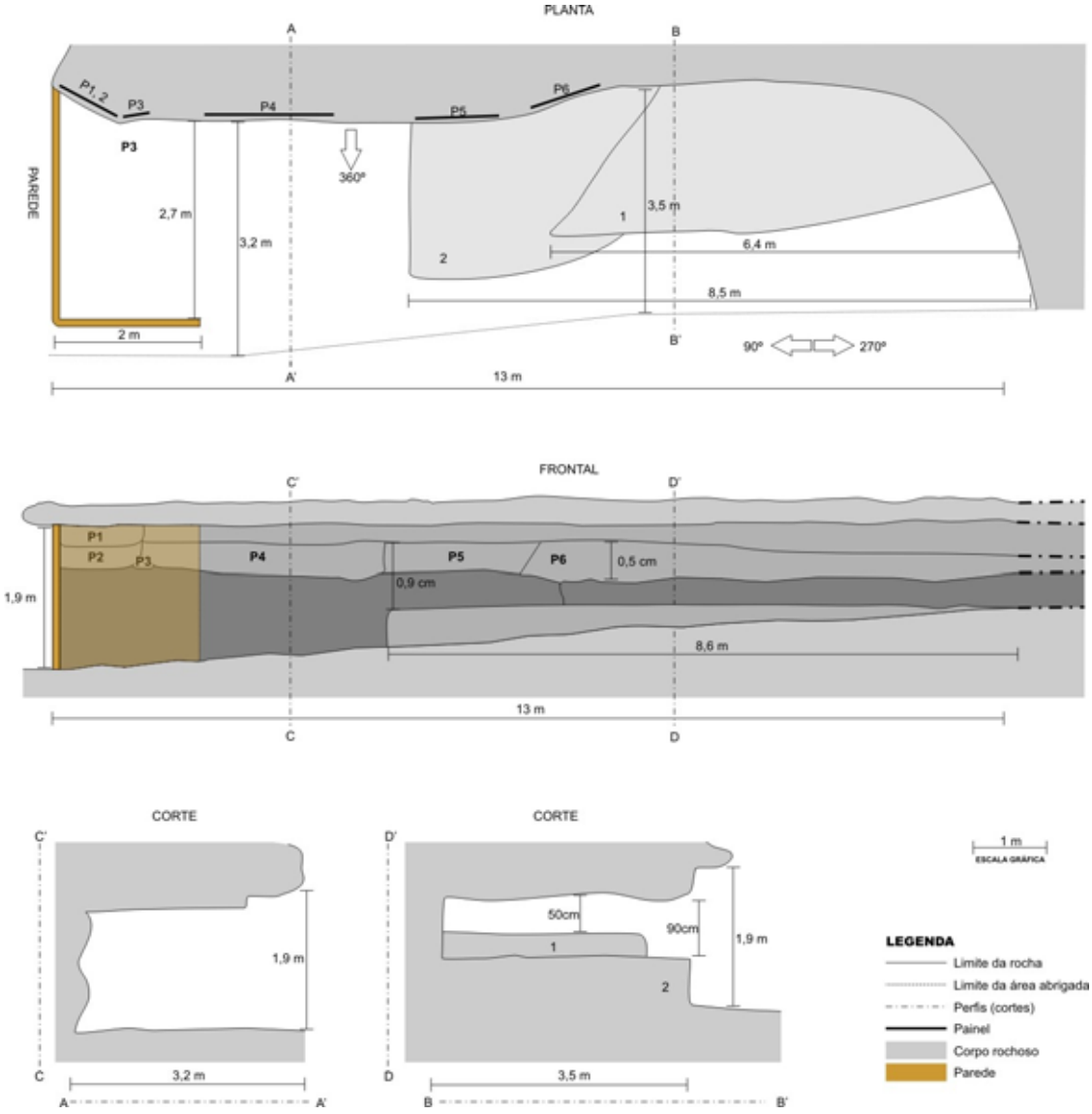
	QUEBRA INTENCIONAL	X	FOGUEIRA	X	OUTROS	---	

CARACTERÍSTICAS DAS REPRESENTAÇÕES																			
QTD PAINÉIS	6	TIPO DE REPRESENTAÇÃO		PINTURA	X	GRAVURA	---												
ORIENTAÇÃO (PONTOS CARDEAIS)																			
N	360º	NE	---	E	---	SE	---	S	---	SO	---	O	---	NO	---				
TÉCNICA APLICADA																			
DESENHO	---	PINTURA	X	RASPAGEM	---	PICOTAGEM	---												
INSTRUMENTOS UTILIZADOS																			
GRAVETO	---	GIZ	---	CARVÃO	---	PERCUTOR	---												
PINCEL FINO	---	PINCEL GROSSO	---	DEDO	X	OUTRO	---												
DIMENSÕES DO SUPORTE	VER CROQUIS			DIMENSÕES DOS PAINÉIS	---														
VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS																			
COMPLETA	---	PARCIAL	---	ESCASSA	X	NULA	---												
PIGMENTOS																			
MONOCROMÁTICO	V	BICROMÁTICO	---	POLICROMÁTICO	---														
MOTIVOS																			
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---										
POSICIONAMENTO DOS GRAFISMOS NO ABRIGO																			
TETO	---	LAJEDO	---	PAREDE	X														
DIREÇAO DO GESTO NA AÇÃO DE PINTAR																			
DA ESQUERDA PARA A DIREITA	---	DA DIREITA PARA A ESQUERDA	---																
DE CIMA PARA BAIXO	---	DE BAIXO PARA CIMA	---																

PROPORÇÕES EM UM MESMO PAINEL E ENTRE PAINÉIS DIFERENTES																			
ORDEM TEMPORAL																			
ANTIGO	X	MÉDIO	---	RECENTE	---														
PREDOMINÂNCIA																			
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---										
TIPOS DE REGISTRO DO SÍTIO																			
FOTOGRAFIA	X	CADERNO DE CAMPO	X	DESENHO	X	FICHA	X												
POSSIBILIDADE DE ESCAVAÇÃO				SIM	X	NÃO	---												

RESPONSÁVEL PELO REGISTRO	EQUIPE PRESENTE EM CAMPO
CARLOS COSTA E GILCIMAR BARBOSA	CARLOS COSTA, GILCIMAR BARBOSA E PEDRO DOS SANTOS

OBSERVAÇÕES
O SÍTIO TEM 13M DE COMPRIMENTO, 3,5M DE PROFUNDIDADE E 1,9M DE ALTURA E DISPÕE DE 6 PAINÉIS.



CROQUI 7: Sítio Barragem do Cantinho. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.

REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA (BAHIA, BRASIL)
FICHA DE REGISTRO DE SÍTIOS COM REPRESENTAÇÕES RUPESTRES

IDENTIFICAÇÃO DO SÍTIO

NOME DO SÍTIO	CAMBAITIRA I OU BOMBA					Nº REGISTRO	004	DATA REGISTRO	21/02/2009		
CADASTRO IPHAN	SIM	---	NÃO	X		Nº CADASTRO	---	ANO CADASTRO	---		
PESQUISADOR	CARLOS COSTA										
ESTADO	BA		MUNICÍPIO		JACOBINA		REGIÃO		PIEMONTE CD		
LOCALIDADE	---										
COORDENADAS GEOGRÁFICAS	ZONA	24L	E	320149		N	8776150	ALT. (m)	886		
PROPRIEDADE	MUNICIPAL	---	ESTADUAL	---		FEDERAL	---	PARTICULAR	X		
INFORMANTE DA ÁREA	ADEMÁRIO E ADROALDO										
ENDEREÇO INFORMANTE	---										
TEL. INFORMANTE	---										
NOME DA PROPRIEDADE	CAMBAITIRA										
NOME PROPRIETÁRIO	FLAVINHO (MÉDICO)										
TEL. PROPRIETÁRIO	---										

CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ÁREA

CLIMA	SECO									ALT. (m)	886
RELEVO	DOLINA	--	FUNDO DE VALE	--	CUME	--	MEIA ENCOSTA	---	MARGEM DE RIO	--	
OUTROS	PÉ DE SERRA										

VEGETAÇÃO	PRIMÁRIA	---			SECUNDÁRIA	X
	CAATINGA	---	CERRADO	---	OUTRA	TRANSIÇÃO CERRADO / CAATINGA

HIDROGRAFIA	RIO	---	RIACHO	---	CÓRREGO	---	LAGOA	X
	NASCENTE	---	MINADOURO	---	OLHO D'ÁGUA	---	BREJO	---

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO

	DESDE O SÍTIO		PARA O SÍTIO	
VISIBILIDADE DO SÍTIO	EXCELENTE	---	EXCELENTE	---
	BOA	X	BOA	---
	REGULAR	---	REGULAR	X
	ESCASSA	---	ESCASSA	---
	NULA	---	NULA	---

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO COM PAINÉIS

CLASSIFICAÇÃO DO SUPORTE ROCHOSO	ABRIGO	X	CAVERNA	---	PAREDE OU PAREDÃO	---
	LAPA	---	MATACÃO	---	LAJEDO	---
	GRUTA	---	LOCA	---	OUTROS	---
IDENTIFICAÇÃO GEOLÓGICA DO SUPORTE ROCHOSO	ARENITO	X	ARENITO SILICIFICADO	---	CALCÁRIO	---
	GRANITO	---	QUARTZO	---	QUARTZITO	---
	OUTROS	---				
IDENTIFICAÇÃO DO SOLO	ARENOSO	X	ARENO / ARGILOSO	---	HUMÍFERO	---
	ROCHOSO	---	TERRA ROXA	---	OUTROS	---

PRESERVAÇÃO

GRAU DE PRESERVAÇÃO	ÓTIMO	---	BOM	---	RUIM	X
EXPOSIÇÃO AGENTES NATURAIS	INSOLAÇÃO	X	CHUVA	X	VENTO	X
	QUEIMADAS	---	MINERAÇÃO	---	PICHAÇÕES	X

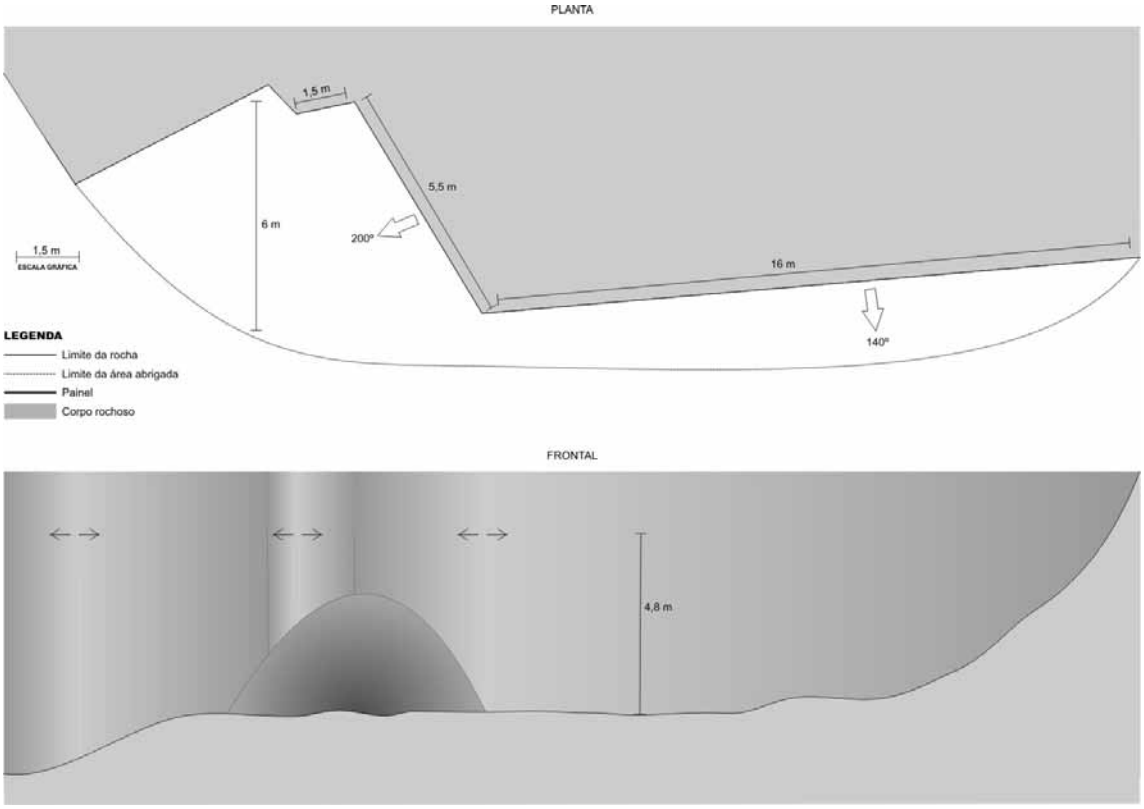
	QUEBRA INTENCIONAL	---	FOGUEIRA	---	OUTROS	---

CARACTERÍSTICAS DAS REPRESENTAÇÕES																				
QTD PAINÉIS	28					TIPO DE REPRESENTAÇÃO		PINTURA	X			GRAVURA	---							
ORIENTAÇÃO (PONTOS CARDEAIS)																				
N	---	NE	---	E	---	SE	X	S	---	SO	X	O	---	NO	---					
TÉCNICA APLICADA																				
DESENHO	X			PINTURA	X			RASPAGEM	---			PICOTAGEM	---							
INSTRUMENTOS UTILIZADOS																				
GRAVETO	---			GIZ	X			CARVÃO	X			PERCUTOR	---							
PINCEL FINO	---			PINCEL GROSSO	---			DEDO	X			OUTRO	---							
DIMENSÕES DO SUPORTE	VER CROQUIS							DIMENSÕES DOS PAINÉIS	---											
VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS																				
COMPLETA	X			PARCIAL	X			ESCASSA	X			NULA	---							
PIGMENTOS																				
MONOCROMÁTICO	---			BICROMÁTICO	---			POLICROMÁTICO	V A P B											
MOTIVOS																				
ANTROPOMORFO	X			ZOOMORFO	---			FITOMORFO	---			GEOMÉTRICO	X			BORRÃO	---		
POSICIONAMENTO DOS GRAFISMOS NO ABRIGO																				
TETO	X			LAJEDO	---			PAREDE	X											
DIREÇAO DO GESTO NA AÇÃO DE PINTAR																				
DA ESQUERDA PARA A DIREITA	---			DA DIREITA PARA A ESQUERDA	---															
DE CIMA PARA BAIXO	---			DE BAIXO PARA CIMA	---															

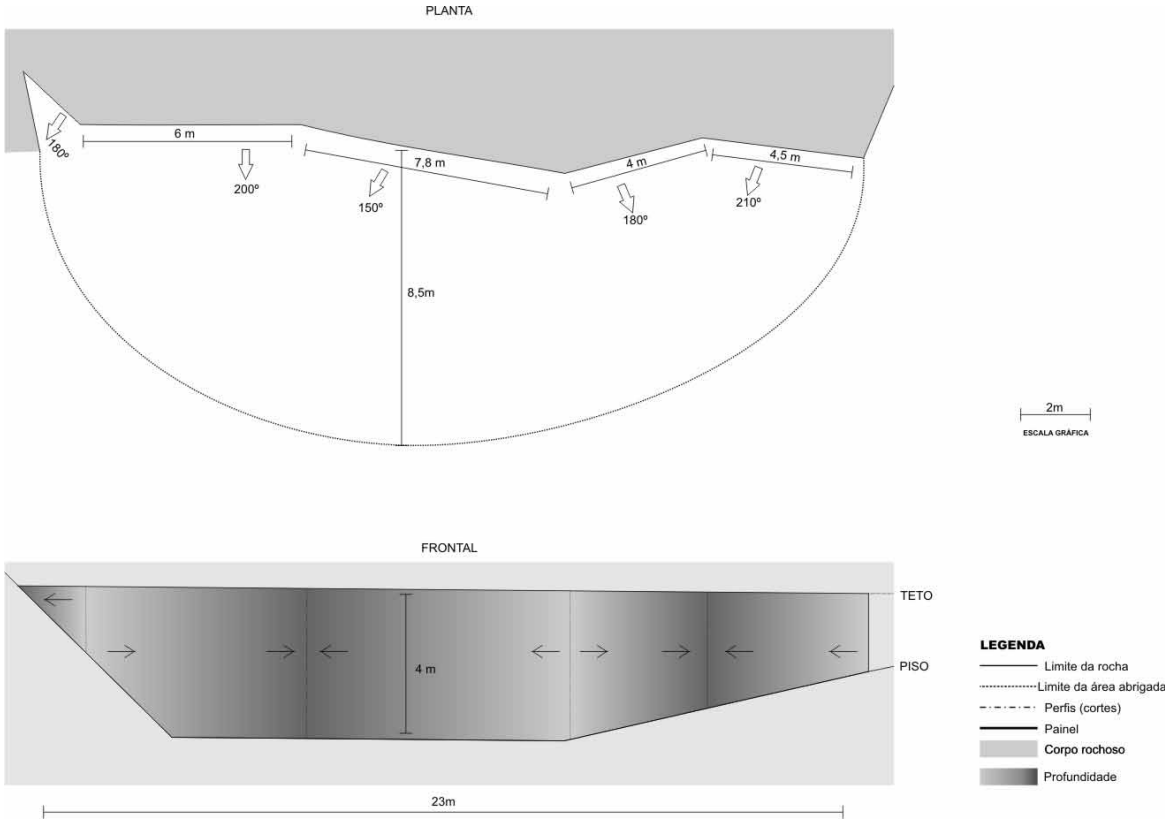
PROPORÇÕES EM UM MESMO PAINEL E ENTRE PAINÉIS DIFERENTES																				
ORDEM TEMPORAL																				
ANTIGO	X			MÉDIO	X			RECENTE	---											
PREDOMINÂNCIA																				
ANTROPOMORFO	---			ZOOMORFO	---			FITOMORFO	---			GEOMÉTRICO	X			BORRÃO	---		
TIPOS DE REGISTRO DO SÍTIO																				
FOTOGRAFIA	X			CADERNO DE CAMPO	X			DESENHO	X			FICHA	X							
POSSIBILIDADE DE ESCAVAÇÃO								SIM	X			NÃO								

RESPONSÁVEL PELO REGISTRO	EQUIPE PRESENTE EM CAMPO
CARLOS COSTA E GILCIMAR BARBOSA	CARLOS COSTA, GILCIMAR BARBOSA E PEDRO DOS SANTOS

OBSERVAÇÕES
O SÍTIO TEM 2 UNIDADES GEOMORFOLÓGICAS/ARQUEOLÓGICAS. A PRIMEIRA TEM 23M DE COMPRIMENTO, 6M DE PROFUNDIDADE E 4,8 M DE ALTURA E DISPÕE DE 28 PAINÉIS, LOCALIZADOS ENTRE TETO E PAREDE. A SEGUNDA TEM 22 M DE COMPRIMENTO, 8 M DE PROFUNDIDADE E 4 M DE ALTURA E POSSUI 31 PAINÉIS.



CROQUI 8: Sítio Cambaitira I, unidade 1. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.



CROQUI 9: Sítio Cambaitira I, unidade 2. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.

REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA (BAHIA, BRASIL)
FICHA DE REGISTRO DE SÍTIOS COM REPRESENTAÇÕES RUPESTRES

IDENTIFICAÇÃO DO SÍTIO											
NOME DO SÍTIO	CAMBAITIRA II OU MORRO DO JOÃO POMBINHO I				Nº REGISTRO	005		DATA REGISTRO	02/09/2009		
CADASTRO IPHAN	SIM	---	NÃO	X	Nº CADASTRO	---		ANO CADASTRO	---		
PESQUISADOR	CARLOS COSTA										
ESTADO	BA		MUNICÍPIO	JACOBINA			REGIÃO	PIEMONTE CD			
LOCALIDADE	---										
COORDENADAS GEOGRÁFICAS	ZONA	24L	E	0320579		N	8774893		ALT. (m)	776	
PROPRIEDADE	MUNICIPAL	---	ESTADUAL	---		FEDERAL	---		PARTICULAR	---	
INFORMANTE DA ÁREA	PEDRO DOS SANTOS										
ENDEREÇO INFORMANTE	---										
TEL. INFORMANTE	---										
NOME DA PROPRIEDADE	---										
NOME PROPRIETÁRIO	---										
TEL. PROPRIETÁRIO	---										

CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ÁREA												
CLIMA	SECO									ALT. (m)	776	
RELEVO	DOLINA	--	FUNDO DE VALE	---	CUME	X	MEIA ENCOSTA	---	MARGEM DE RIO	--		
OUTROS	---											
VEGETAÇÃO				PRIMÁRIA	X			SECUNDÁRIA	---			
	CAATINGA	---	CERRADO	X	OUTRA	---						
HIDROGRAFIA	RIO	X	RIACHO	---	CÓRREGO	---		LAGOA	---			
	NASCENTE	---	MINADOURO	---	OLHO D'ÁGUA	---		BREJO	---			

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO				
VISIBILIDADE DO SÍTIO	DESDE O SÍTIO		PARA O SÍTIO	
	EXCELENTE	---	EXCELENTE	---
	BOA	---	BOA	---
	REGULAR	---	REGULAR	---
	ESCASSA	---	ESCASSA	---
	NULA	X	NULA	X

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO COM PAINÉIS						
CLASSIFICAÇÃO DO SUPORTE ROCHOSO	ABRIGO	X	CAVERNA	---	PAREDE OU PAREDÃO	---
	LAPA	---	MATACÃO	---	LAJEDO	---
	GRUTA	---	LOCA	---	OUTROS	---
IDENTIFICAÇÃO GEOLÓGICA DO SUPORTE ROCHOSO	ARENITO	X	ARENITO SILICIFICADO	---	CALCÁRIO	---
	GRANITO	---	QUARTZO	---	QUARTZITO	---
	OUTROS	---				
IDENTIFICAÇÃO DO SOLO	ARENOSO	X	ARENO / ARGILOSO	---	HUMÍFERO	---
	ROCHOSO	---	TERRA ROXA	--	OUTROS	---

PRESERVAÇÃO						
GRAU DE PRESERVAÇÃO	ÓTIMO	---	BOM	---	RUIM	X
EXPOSIÇÃO AGENTES NATURAIS	INSOLAÇÃO	---	CHUVA	X	VENTO	X
	QUEIMADAS	---	MINERAÇÃO	---	PICHAÇÕES	---

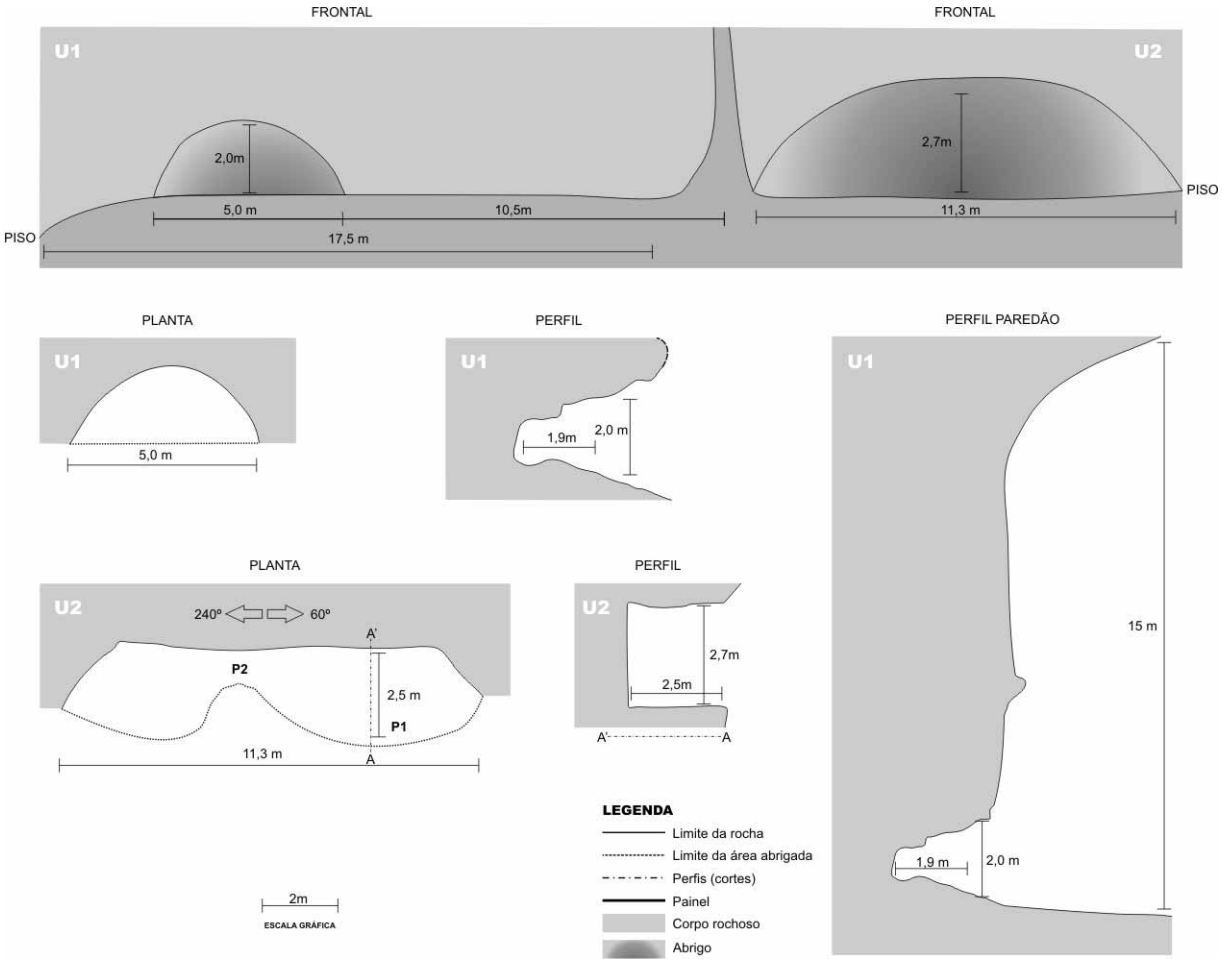
	QUEBRA INTENCIONAL	---	FOGUEIRA	---	OUTROS	---	

CARACTERÍSTICAS DAS REPRESENTAÇÕES															
QTD PAINÉIS	3	TIPO DE REPRESENTAÇÃO		PINTURA	X	GRAVURA	---								
ORIENTAÇÃO (PONTOS CARDEAIS)															
N	---	NE	---	E	---	SE	150º	S	---	SO	---	O	---	NO	
TÉCNICA APLICADA															
DESENHO	---	PINTURA	X	RASPAGEM	---	PICOTAGEM	---								
INSTRUMENTOS UTILIZADOS															
GRAVETO	---	GIZ	---	CARVÃO	---	PERCUTOR	---								
PINCEL FINO	---	PINCEL GROSSO	---	DEDO	X	OUTRO	---								
DIMENSÕES DO SUPORTE	VER CROQUIS	DIMENSÕES DOS PAINÉIS	---												
VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS															
COMPLETA	X	PARCIAL	X	ESCASSA	X	NULA	---								
PIGMENTOS															
MONOCROMÁTICO	---	BICROMÁTICO	V A	POLICROMÁTICO	---										
MOTIVOS															
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---						
POSICIONAMENTO DOS GRAFISMOS NO ABRIGO															
TETO	X	LAJEDO	---	PAREDE	X										
DIREÇAO DO GESTO NA AÇÃO DE PINTAR															
DA ESQUERDA PARA A DIREITA	---	DA DIREITA PARA A ESQUERDA	---												
DE CIMA PARA BAIXO	---	DE BAIXO PARA CIMA	---												

PROPORÇÕES EM UM MESMO PAINEL E ENTRE PAINÉIS DIFERENTES															
ORDEM TEMPORAL															
ANTIGO	X	MÉDIO	---	RECENTE	---										
PREDOMINÂNCIA															
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---						
TIPOS DE REGISTRO DO SÍTIO															
FOTOGRAFIA	X	CADERNO DE CAMPO	X	DESENHO	X	FICHA	X								
POSSIBILIDADE DE ESCAVAÇÃO				SIM	X	NÃO									

RESPONSÁVEL PELO REGISTRO	EQUIPE PRESENTE EM CAMPO
CARLOS COSTA E GILCIMAR BARBOSA	CARLOS COSTA, GILCIMAR BARBOSA E PEDRO DOS SANTOS

OBSERVAÇÕES
O SÍTIO TEM DUAS UNIDADES GEOMORFOLÓGICAS/ARQUEOLÓGICAS. A PRIMEIRA TEM 5 M DE COMPRIMENTO, 1,9 M DE PROFUNDIDADE E15 M DE ALTURA. A SEGUNDA TEM 11,3 M DE COMPRIMENTO, 2,5 M DE PROFUNDIDADE E 2,7 M DE ALTURA.



CROQUI 10: Sítio Cambaitira II. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.

REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA (BAHIA, BRASIL)
FICHA DE REGISTRO DE SÍTIOS COM REPRESENTAÇÕES RUPESTRES

IDENTIFICAÇÃO DO SÍTIO											
NOME DO SÍTIO	CAMBAITIRA III OU MORRO DO POMBINHO II				Nº REGISTRO	006		DATA REGISTRO	02/09/2009		
CADASTRO IPHAN	SIM	---	NÃO	X	Nº CADASTRO	---		ANO CADASTRO	---		
PESQUISADOR	CARLOS COSTA										
ESTADO	BA		MUNICÍPIO	JACOBINA		REGIÃO	PIEMONTE CD				
LOCALIDADE	CAMBAITIRA										
COORDENADAS GEOGRÁFICAS	ZONA	24L	E	0320593	N	8774765	ALT. (m)	882			
PROPRIEDADE	MUNICIPAL	X	ESTADUAL		FEDERAL		PARTICULAR				
INFORMANTE DA ÁREA	---										
ENDEREÇO INFORMANTE	---										
TEL. INFORMANTE	---										
NOME DA PROPRIEDADE	---										
NOME PROPRIETÁRIO	---										
TEL. PROPRIETÁRIO	---										

CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ÁREA												
CLIMA	SECO								ALT. (m)	882		
RELEVO	DOLINA	--	FUNDO DE VALE	X	CUME	---	MEIA ENCOSTA	--	MARGEM DE RIO	--		
OUTROS	PÉ DE SERRA											
VEGETAÇÃO	PRIMÁRIA	X					SECUNDÁRIA	---				
	CAATINGA	---	CERRADO	---	OUTRA	TRANSIÇÃO CERRADO / CAATINGA						
HIDROGRAFIA	RIO	X	RIACHO	---	CÓRREGO	---	LAGOA	---				
	NASCENTE	---	MINADOURO	---	OLHO D'ÁGUA	---	BREJO	---				

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO				
VISIBILIDADE DO SÍTIO	DESDE O SÍTIO		PARA O SÍTIO	
	EXCELENTE	X	EXCELENTE	X
	BOA	---	BOA	---
	REGULAR	---	REGULAR	---
	ESCASSA	---	ESCASSA	---
	NULA	---	NULA	---

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO COM PAINÉIS						
CLASSIFICAÇÃO DO SUPORTE ROCHOSO	ABRIGO	X	CAVERNA	---	PAREDE OU PAREDÃO	---
	LAPA	X	MATACÃO	---	LAJEDO	---
	GRUTA	---	LOCA	X	OUTROS	---
IDENTIFICAÇÃO GEOLÓGICA DO SUPORTE ROCHOSO	ARENITO	---	ARENITO SILICIFICADO	X	CALCÁRIO	---
	GRANITO	---	QUARTZO	---	QUARTZITO	---
	OUTROS	---				
IDENTIFICAÇÃO DO SOLO	ARENOSO	---	ARENO / ARGILOSO	X	HUMÍFERO	---
	ROCHOSO	---	TERRA ROXA	---	OUTROS	---

PRESERVAÇÃO						
GRAU DE PRESERVAÇÃO	ÓTIMO	---	BOM	---	RUIM	X
EXPOSIÇÃO AGENTES NATURAIS	INSOLAÇÃO	X	CHUVA	X	VENTO	X
	QUEIMADAS	X	MINERAÇÃO	---	PICHAÇÕES	---

	QUEBRA INTENCIONAL	---	FOGUEIRA	---	OUTROS	---	

CARACTERÍSTICAS DAS REPRESENTAÇÕES							
QTD PAINÉIS	6	TIPO DE REPRESENTAÇÃO	PINTURA	X	GRAVURA	---	

ORIENTAÇÃO (PONTOS CARDEAIS)															
N	----	NE	---	E	---	SE	----	S	---	SO	---	O	---	NO	---

TÉCNICA APLICADA							
DESENHO	X	PINTURA	X	RASPAGEM	--	PICOTAGEM	---

INSTRUMENTOS UTILIZADOS							
GRAVETO	---	GIZ	X	CARVÃO	---	PERCUTOR	---
PINCEL FINO	X	PINCEL GROSSO	---	DEDO	X	OUTRO	---
DIMENSÕES DO SUPORTE	VER CROQUIS			DIMENSÕES DOS PAINÉIS			

VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS							
COMPLETA	X	PARCIAL	X	ESCASSA	---	NULA	---

PIGMENTOS					
MONOCROMÁTICO	V	BICROMÁTICO	---	POLICROMÁTICO	---

MOTIVOS									
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	X	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	X

POSICIONAMENTO DOS GRAFISMOS NO ABRIGO					
TETO	X	LAJEDO	---	PAREDE	X

DIREÇAO DO GESTO NA AÇÃO DE PINTAR			
DA ESQUERDA PARA A DIREITA	---	DA DIREITA PARA A ESQUERDA	---
DE CIMA PARA BAIXO	---	DE BAIXO PARA CIMA	---

PROPORÇÕES EM UM MESMO PAINEL E ENTRE PAINÉIS DIFERENTES					
ANTIGO	X	MÉDIO	---	RECENTE	CRAYON

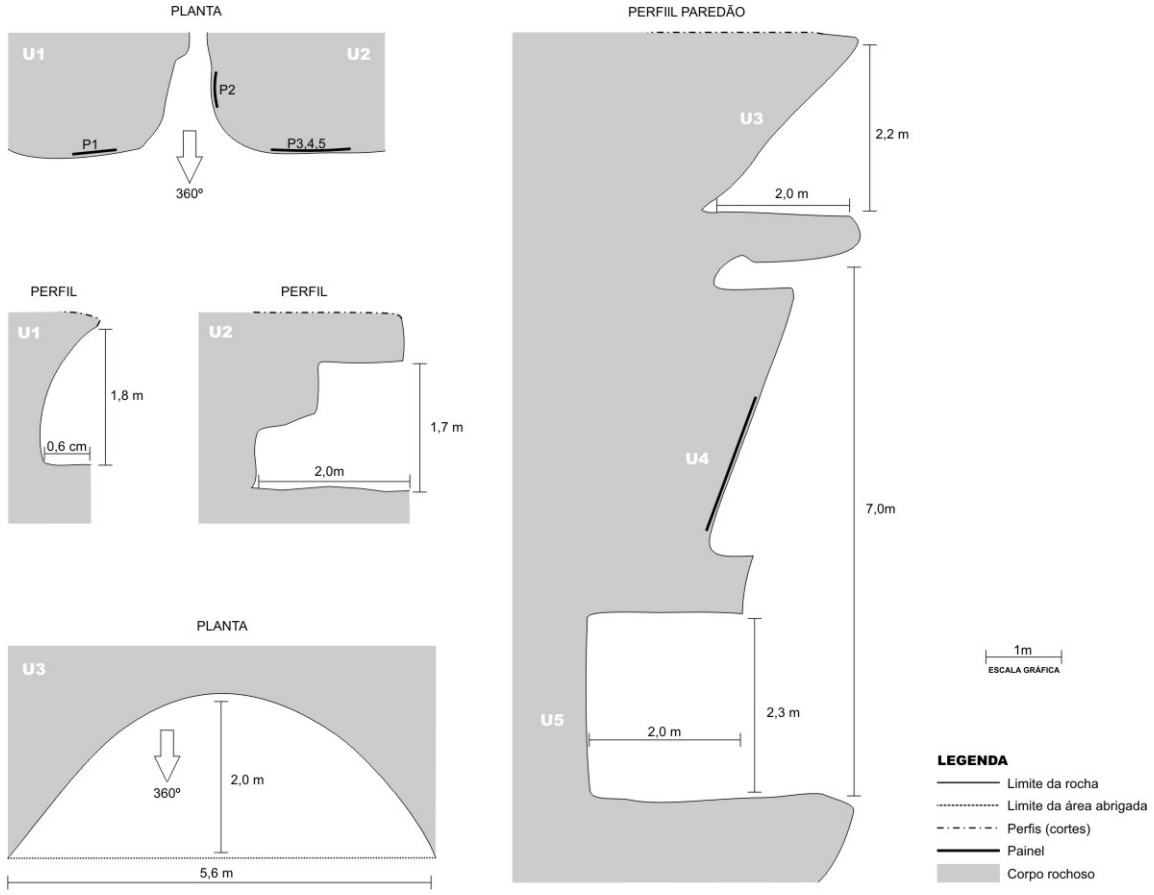
PREDOMINÂNCIA									
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---

TIPOS DE REGISTRO DO SÍTIO							
FOTOGRAFIA	X	CADERNO DE CAMPO	X	DESENHO	X	FICHA	X

POSSIBILIDADE DE ESCAVAÇÃO		SIM	X	NÃO	

RESPONSÁVEL PELO REGISTRO	EQUIPE PRESENTE EM CAMPO
CARLOS COSTA E GILCIMAR BARBOSA	CARLOS COSTA, GILCIMAR BARBOSA E PEDRO DOS SANTOS

OBSERVAÇÕES
TEM 5 UNIDADES GEOMORFOLÓGICAS/ARQUEOLÓGICAS. A PRIMEIRA TEM 1,8 M DE ALTURA, 3,5M DE COMPRIMENTO E 0,6 CM DE PROFUNDIDADE. A SEGUNDA TEM 2M DE PROFUNDIDADE, 3,7M DE COMRPIMENTO E 1,7 M DE ALTURA. A TERCEIRA TEM 2 M DE PROFUNDIDADE E 2,2 M D ALTURA. A QUARTA NÃO FOI POSSÍVEL MENSURAR. A QUINTA TEM 6,6 M DE COMPRIMENTO, 2 M DE PROFUNDIDADE E 2,3 M DE ALTURA.



CROQUI 11: Sítio Cambaitira III. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.

REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA (BAHIA, BRASIL)
FICHA DE REGISTRO DE SÍTIOS COM REPRESENTAÇÕES RUPESTRES

IDENTIFICAÇÃO DO SÍTIO

NOME DO SÍTIO	DA LUA				Nº REGISTRO	007		DATA REGISTRO	08/01/2010		
CADASTRO IPHAN	SIM	---	NÃO	X	Nº CADASTRO	---		ANO CADASTRO	---		
PESQUISADOR	CARLOS COSTA										
ESTADO	BA		MUNICÍPIO	JACOBINA			REGIÃO	PIEMONTE CD			
LOCALIDADE	---										
COORDENADAS GEOGRÁFICAS	ZONA	24L	E	0336809		N	8760230		ALT. (m)	516	
PROPRIEDADE	MUNICIPAL		ESTADUAL		FEDERAL		PARTICULAR	X			
INFORMANTE DA ÁREA	PEDRO DOS SANTOS										
ENDEREÇO INFORMANTE	---										
TEL. INFORMANTE	---										
NOME DA PROPRIEDADE	---										
NOME PROPRIETÁRIO	---										
TEL. PROPRIETÁRIO	---										

CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ÁREA

CLIMA	ÚMIDO									ALT. (m)	516	
RELEVO	DOLINA	--	FUNDO DE VALE	---	CUME	---	MEIA ENCOSTA	X	MARGEM DE RIO	--		
OUTROS	---											
VEGETAÇÃO	PRIMÁRIA	---					SECUNDÁRIA	X				
	CAATINGA	---	CERRADO	---	OUTRA	TRANSIÇÃO CERRADO / CAATINGA						
HIDROGRAFIA	RIO	---	RIACHO	---	CÓRREGO	---	LAGOA	---				
	NASCENTE	---	MINADOURO	---	OLHO D'ÁGUA	---	BREJO	X				

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO

	DESDE O SÍTIO		PARA O SÍTIO	
VISIBILIDADE DO SÍTIO	EXCELENTE	---	EXCELENTE	---
	BOA	---	BOA	---
	REGULAR	---	REGULAR	---
	ESCASSA	X	ESCASSA	X
	NULA	---	NULA	---

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO COM PAINÉIS

CLASSIFICAÇÃO DO SUPORTE ROCHOSO	ABRIGO	---	CAVERNA	---	PAREDE OU PAREDÃO	X
	LAPA	---	MATACÃO	---	LAJEDO	---
	GRUTA	---	LOCA	---	OUTROS	---
IDENTIFICAÇÃO GEOLÓGICA DO SUPORTE ROCHOSO	ARENITO	---	ARENITO SILICIFICADO	---	CALCÁRIO	---
	GRANITO	---	QUARTZO	---	QUARTZITO	X
	OUTROS	---				
IDENTIFICAÇÃO DO SOLO	ARENOSO	X	ARENO / ARGILOSO	---	HUMÍFERO	---
	ROCHOSO	---	TERRA ROXA	---	OUTROS	---

PRESERVAÇÃO

GRAU DE PRESERVAÇÃO	ÓTIMO	---	BOM	---	RUIM	X
EXPOSIÇÃO AGENTES NATURAIS	INSOLAÇÃO	X	CHUVA	X	VENTO	---
	QUEIMADAS	X	MINERAÇÃO	X	PICHAÇÕES	X

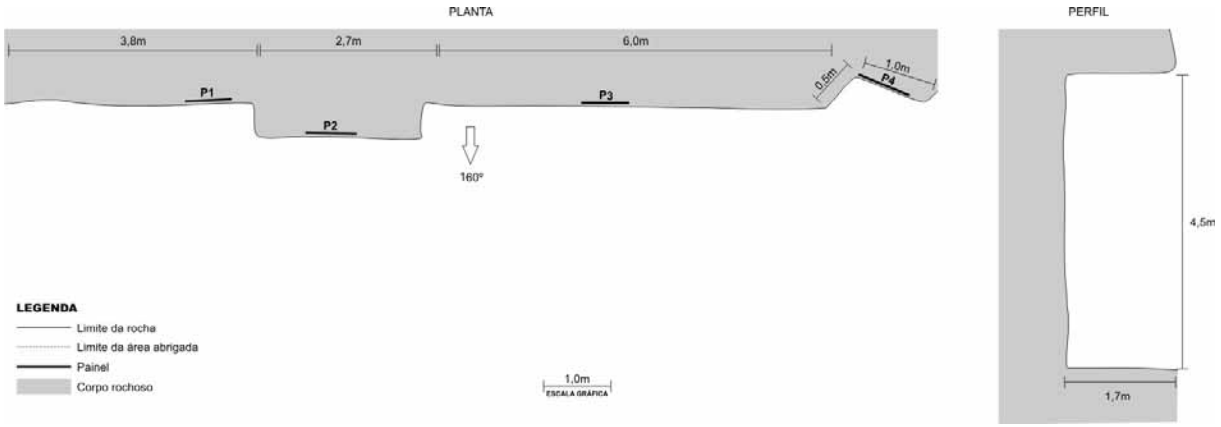
	QUEBRA INTENCIONAL	X	FOGUEIRA	---	OUTROS	---

CARACTERÍSTICAS DAS REPRESENTAÇÕES																			
QTD PAINÉIS	4					TIPO DE REPRESENTAÇÃO		PINTURA	X			GRAVURA	---						
ORIENTAÇÃO (PONTOS CARDEAIS)																			
N	---	NE	---	E	---	SE	---	S	160º	SO	---	O	---	NO	---				
TÉCNICA APLICADA																			
DESENHO	X			PINTURA	X			RASPAGEM	---			PICOTAGEM	---						
INSTRUMENTOS UTILIZADOS																			
GRAVETO	---			GIZ	X			CARVÃO	---			PERCUTOR	---						
PINCEL FINO	X			PINCEL GROSSO	---			DEDO	X			OUTRO	---						
DIMENSÕES DO SUPORTE	VER CROQUIS							DIMENSÕES DOS PAINÉIS	---										
VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS																			
COMPLETA	---			PARCIAL	---			ESCASSA	X			NULA	---						
PIGMENTOS																			
MONOCROMÁTICO	V					BICROMÁTICO	----					POLICROMÁTICO	---						
MOTIVOS																			
ANTROPOMORFO	---			ZOOMORFO	---			FITOMORFO	---			GEOMÉTRICO	X			BORRÃO	---		
POSICIONAMENTO DOS GRAFISMOS NO ABRIGO																			
TETO	---					LAJEDO	---					PAREDE	X						
DIREÇAO DO GESTO NA AÇÃO DE PINTAR																			
DA ESQUERDA PARA A DIREITA	---							DA DIREITA PARA A ESQUERDA	---										
DE CIMA PARA BAIXO	---							DE BAIXO PARA CIMA	---										

PROPORÇÕES EM UM MESMO PAINEL E ENTRE PAINÉIS DIFERENTES																			
ORDEM TEMPORAL																			
ANTIGO	---					MÉDIO	---					RECENTE	X						
PREDOMINÂNCIA																			
ANTROPOMORFO	---			ZOOMORFO	---			FITOMORFO	---			GEOMÉTRICO	X			BORRÃO	---		
TIPOS DE REGISTRO DO SÍTIO																			
FOTOGRAFIA	X			CADERNO DE CAMPO	X			DESENHO	X			FICHA	X						
POSSIBILIDADE DE ESCAVAÇÃO								SIM	X			NÃO	---						

RESPONSÁVEL PELO REGISTRO	EQUIPE PRESENTE EM CAMPO
CARLOS COSTA	CARLOS COSTA, LEANDRO MAX E PEDRO DOS SANTOS

OBSERVAÇÕES
O SÍTIO TEM 12,5M DE COMPRIMENTO E FOI MUITO AFETADO PELAS QUEIMADAS.



CROQUI 12: Sítio Da Lua. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.

REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA (BAHIA, BRASIL)
FICHA DE REGISTRO DE SÍTIOS COM REPRESENTAÇÕES RUPESTRES

IDENTIFICAÇÃO DO SÍTIO												
NOME DO SÍTIO	FAZENDA CALDEIRÃO I				Nº REGISTRO	008		DATA REGISTRO	05/09/2009			
CADASTRO IPHAN	SIM	---	NÃO	X	Nº CADASTRO	---		ANO CADASTRO	---			
PESQUISADOR	CARLOS COSTA											
ESTADO	BA		MUNICÍPIO		JACOBINA			REGIÃO	PIEMONTE CD			
LOCALIDADE	---											
COORDENADAS GEOGRÁFICAS	ZONA	24L 24L	E	U1: 0317984 U2: 0317926	N	U1: 8781832 U2: 8781886		ALT. (m)	U1: 779 U2: 786			
PROPRIEDADE	MUNICIPAL	X	ESTADUAL	---		FEDERAL	---		PARTICULAR	---		
INFORMANTE DA ÁREA	PEDRO DOS SANTOS											
ENDEREÇO INFORMANTE	---											
TEL. INFORMANTE	---											
NOME DA PROPRIEDADE	---											
NOME PROPRIETÁRIO	---											
TEL. PROPRIETÁRIO	---											

CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ÁREA												
CLIMA	SECO								ALT. (m)	779		
RELEVO	DOLINA	--	FUNDO DE VALE	---	CUME	---	MEIA ENCOSTA	--	MARGEM DE RIO	X		
OUTROS	RIO DOS ÁLHOS D'ÁGUA											
VEGETAÇÃO				PRIMÁRIA	---				SECUNDÁRIA	X		
	CAATINGA	---	CERRADO	X	OUTRA	---						
HIDROGRAFIA	RIO	X	RIACHO	---	CÓRREGO	---			LAGOA	---		
	NASCENTE	---	MINADOURO	---	OLHO D'ÁGUA	---			BREJO	---		

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO				
VISIBILIDADE DO SÍTIO	DESDE O SÍTIO		PARA O SÍTIO	
	EXCELENTE	---	EXCELENTE	---
	BOA	---	BOA	---
	REGULAR	---	REGULAR	---
	ESCASSA	X	ESCASSA	X
	NULA	---	NULA	---

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO COM PAINÉIS						
CLASSIFICAÇÃO DO SUPORTE ROCHOSO	ABRIGO	---	CAVERNA	X	PAREDE OU PAREDÃO	---
	LAPA	---	MATACÃO	---	LAJEDO	---
	GRUTA	X	LOCA	X	OUTROS	---
IDENTIFICAÇÃO GEOLÓGICA DO SUPORTE ROCHOSO	ARENITO	---	ARENITO SILICIFICADO	X	CALCÁRIO	---
	GRANITO	---	QUARTZO	---	QUARTZITO	---
	OUTROS	---				
IDENTIFICAÇÃO DO SOLO	ARENOSO	X	ARENO / ARGILOSO	---	HUMÍFERO	---
	ROCHOSO	---	TERRA ROXA	---	OUTROS	---

PRESERVAÇÃO						
GRAU DE PRESERVAÇÃO	ÓTIMO	X	BOM	---	RUIM	---
EXPOSIÇÃO AGENTES NATURAIS	INSOLAÇÃO	---	CHUVA	---	VENTO	X
	QUEIMADAS	---	MINERAÇÃO	X	PICHAÇÕES	---

	QUEBRA INTENCIONAL	---	FOGUEIRA	---	OUTROS	---	

CARACTERÍSTICAS DAS REPRESENTAÇÕES							
QTD PAINÉIS	7 PAINÉIS	TIPO DE REPRESENTAÇÃO	PINTURA	X	GRAVURA	---	

ORIENTAÇÃO (PONTOS CARDEAIS)															
N	U1c 360º	NE	---	E	U2 90º	SE	U1b 140º	S	---	SO	---	O	---	NO	U1a 320º

TÉCNICA APLICADA							
DESENHO	---	PINTURA	X	RASPAGEM	---	PICOTAGEM	X

INSTRUMENTOS UTILIZADOS							
GRAVETO	---	GIZ	---	CARVÃO	---	PERCUTOR	---
PINCEL FINO	---	PINCEL GROSSO	---	DEDO	X	OUTRO	---
DIMENSÕES DO SUPORTE	VER CROQUIS			DIMENSÕES DOS PAINÉIS			

VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS							
COMPLETA	---	PARCIAL	---	ESCASSA	X	NULA	X

PIGMENTOS					
MONOCROMÁTICO	V	BICROMÁTICO	---	POLICROMÁTICO	---

MOTIVOS									
ANTROPOMORFO	X	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---

POSICIONAMENTO DOS GRAFISMOS NO ABRIGO					
TETO	X	LAJEDO	---	PAREDE	X

DIREÇAO DO GESTO NA AÇÃO DE PINTAR			
DA ESQUERDA PARA A DIREITA	---	DA DIREITA PARA A ESQUERDA	---
DE CIMA PARA BAIXO	---	DE BAIXO PARA CIMA	---

PROPORÇÕES EM UM MESMO PAINEL E ENTRE PAINÉIS DIFERENTES					
ANTIGO	X	MÉDIO	---	RECENTE	---

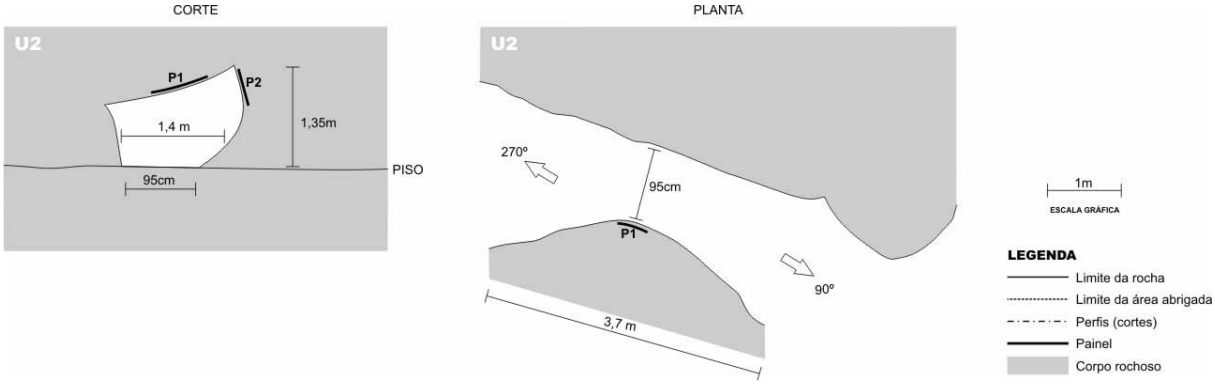
PREDOMINÂNCIA									
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---

TIPOS DE REGISTRO DO SÍTIO							
FOTOGRAFIA	X	CADERNO DE CAMPO	X	DESENHO	X	FICHA	X

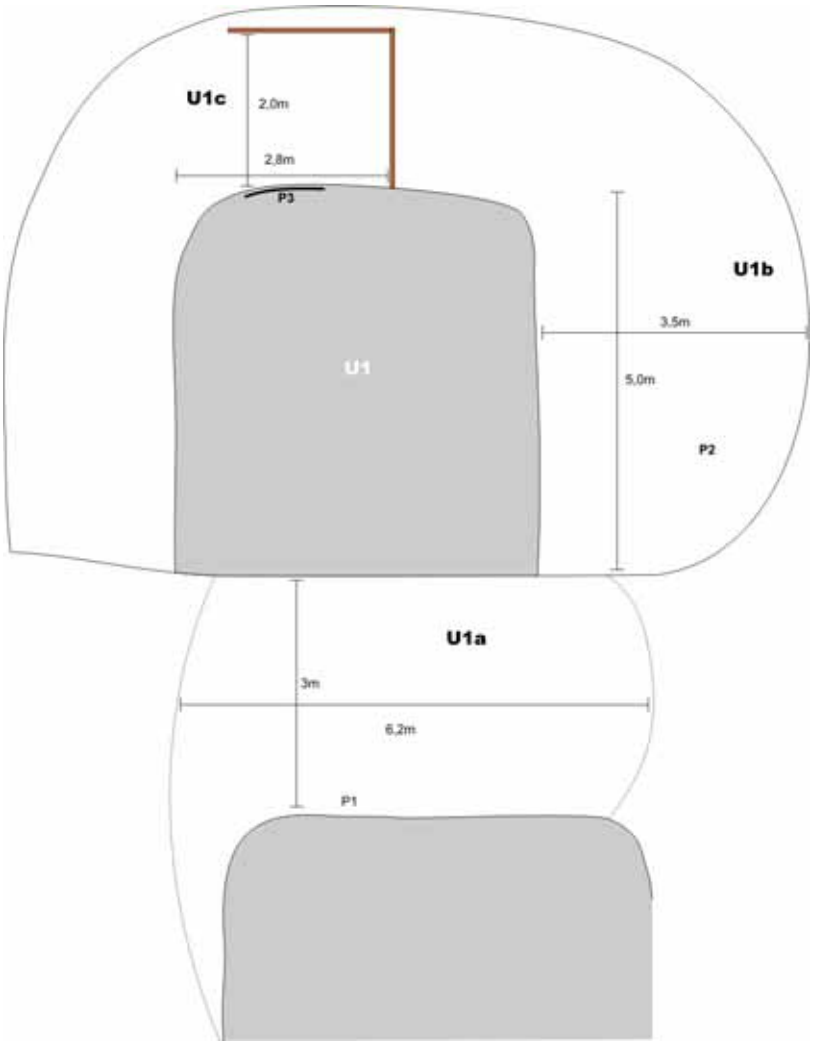
POSSIBILIDADE DE ESCAVAÇÃO	SIM	X	NÃO	

RESPONSÁVEL PELO REGISTRO	EQUIPE PRESENTE EM CAMPO
CARLOS COSTA E GILCIMAR BARBOSA	CARLOS COSTA, GILCIMAR BARBOSA E PEDRO DOS SANTOS

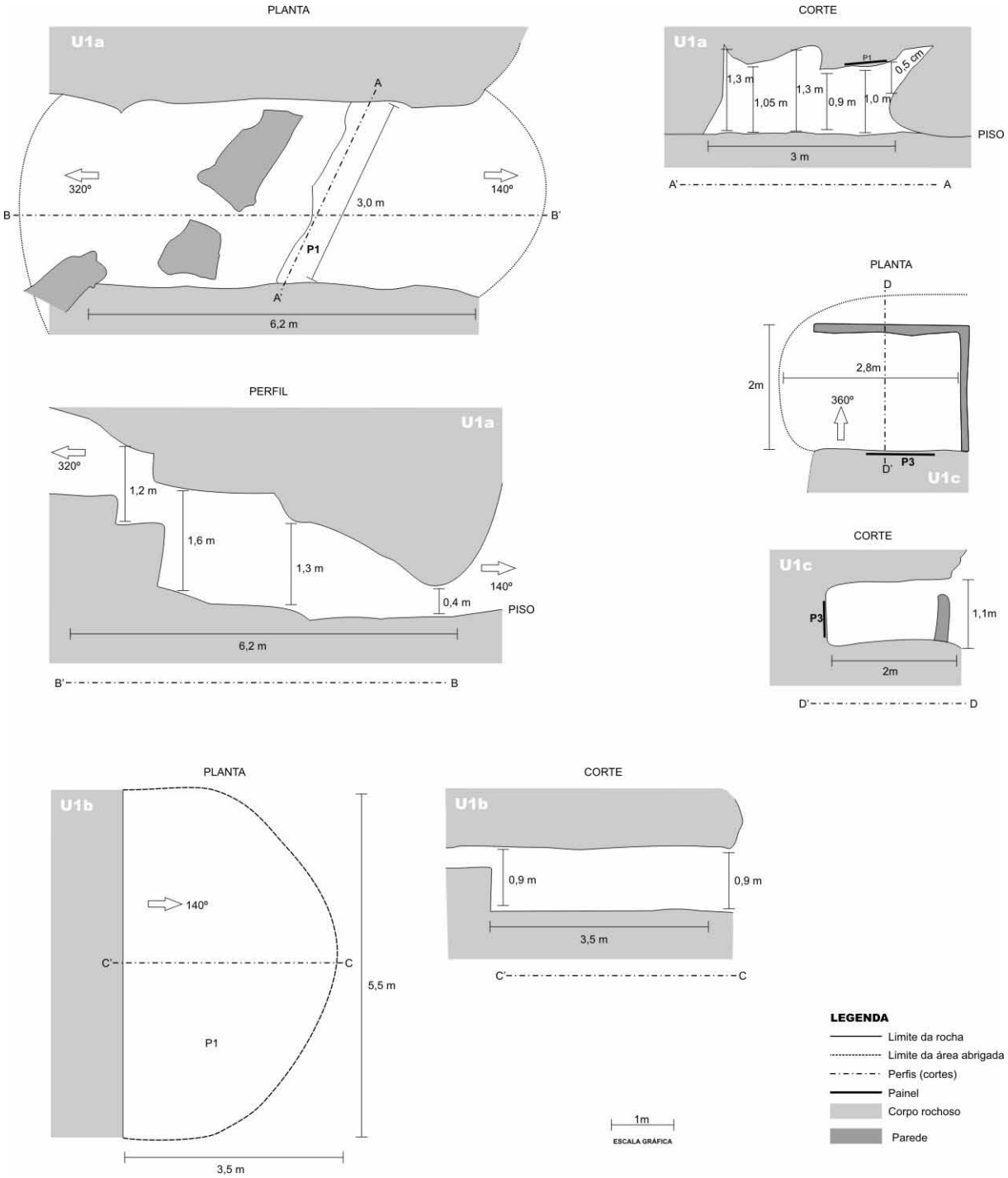
OBSERVAÇÕES
O SÍTIO POSSUI DUAS UNIDADES ARQUEOLÓGICAS/GEOMORFOLÓGICAS. A PRIMEIRA TEM 6,2M DE COMPRIMENTO, 2,8M DE PROFUNDIDADE E 2M DE ALTURA E DISPÕE DE 3 PAINÉIS. A SEGUNDA TEM 1,3 M DE ALTURA E 3,7M DE COMPRIMENTO. AS DUAS UNIDADES ESTÃO MUITO DEGRADADAS, RESSALTANDO QUE UMA DESTAS É UTILIZADA COMO MORADIA. A SEGUNDA UNIDADE ESTA IMTEMPERIZADA POR LIQUENS.



CROQUI 13: Sítio Fazenda Caldeirão I, unidade 2. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.



CROQUI 14: Sítio Fazenda Caldeirão I, visão geral da unidade 1. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.



CROQUI 15: Sítio Fazenda Caldeirão I, unidade 1. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.

REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA (BAHIA, BRASIL)
FICHA DE REGISTRO DE SÍTIOS COM REPRESENTAÇÕES RUPESTRES

IDENTIFICAÇÃO DO SÍTIO

NOME DO SÍTIO	FAZENDA CALDEIRÃO II					Nº REGISTRO	009	DATA REGISTRO	05//09/2009		
CADASTRO IPHAN	SIM	---	NÃO	X		Nº CADASTRO	---	ANO CADASTRO	---		
PESQUISADOR	CARLOS COSTA										
ESTADO	BA		MUNICÍPIO	JACOBINA			REGIÃO	PIEMONTE CD			
LOCALIDADE	---										
COORDENADAS GEOGRÁFICAS	ZONA	24L	E	0318567		N	8781190	ALT. (m)	849		
PROPRIEDADE	MUNICIPAL	X	ESTADUAL	---		FEDERAL	---	PARTICULAR	---		
INFORMANTE DA ÁREA	PEDRO DOS SANTOS										
ENDEREÇO INFORMANTE	---										
TEL. INFORMANTE	---										
NOME DA PROPRIEDADE	---										
NOME PROPRIETÁRIO	---										
TEL. PROPRIETÁRIO	---										

CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ÁREA

CLIMA	SECO									ALT. (m)	849
RELEVO	DOLINA	--	FUNDO DE VALE	---	CUME	---	MEIA ENCOSTA	---	MARGEM DE RIO	X	
OUTROS	RIO OLHOS D'ÁGUA										
VEGETAÇÃO				PRIMÁRIA	X			SECUNDÁRIA	---		
	CAATINGA	---	CERRADO	X	OUTRA	---					
HIDROGRAFIA	RIO	X	RIACHO	---	CÓRREGO	---		LAGOA	---		
	NASCENTE	---	MINADOURO	---	OLHO D'ÁGUA	---		BREJO	---		

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO

	DESDE O SÍTIO		PARA O SÍTIO	
VISIBILIDADE DO SÍTIO	EXCELENTE	---	EXCELENTE	---
	BOA	X	BOA	---
	REGULAR	---	REGULAR	---
	ESCASSA	---	ESCASSA	X
	NULA	---	NULA	---

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO COM PAINÉIS

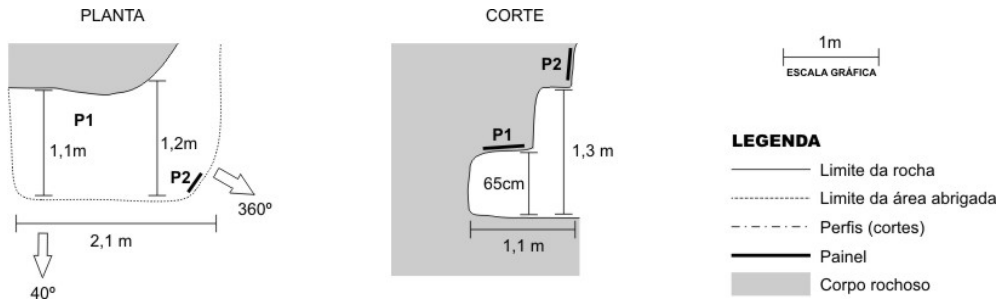
CLASSIFICAÇÃO DO SUPORTE ROCHOSO	ABRIGO	---	CAVERNA	---	PAREDE OU PAREDÃO	---
	LAPA	---	MATACÃO	---	LAJEDO	---
	GRUTA	---	LOCA	X	OUTROS	---
IDENTIFICAÇÃO GEOLÓGICA DO SUPORTE ROCHOSO	ARENITO	---	ARENITO SILICIFICADO	X	CALCÁRIO	---
	GRANITO	---	QUARTZO	---	QUARTZITO	---
	OUTROS	---				
IDENTIFICAÇÃO DO SOLO	ARENOSO	X	ARENO / ARGILOSO	---	HUMÍFERO	---
	ROCHOSO	---	TERRA ROXA	---	OUTROS	---

PRESERVAÇÃO

GRAU DE PRESERVAÇÃO	ÓTIMO	---	BOM	---	RUIM	X
EXPOSIÇÃO AGENTES NATURAIS	INSOLAÇÃO	---	CHUVA	---	VENTO	X
DETERIORAÇAO ANTRÓPICA	QUEIMADAS	---	MINERAÇÃO	---	PICHAÇÕES	X
	QUEBRA INTENCIONAL	---	FOGUEIRA	X	OUTROS	---

CARACTERÍSTICAS DAS REPRESENTAÇÕES																							
QTD PAINÉIS	2 PINTURAS ISOLADAS					TIPO DE REPRESENTAÇÃO				PINTURA	X			GRAVURA	---								
ORIENTAÇÃO (PONTOS CARDEAIS)																							
N	360º	NE	---	E	---	SE	---	S	---	SO	---	O	---	NO	---								
TÉCNICA APLICADA																							
DESENHO	---			PINTURA	X			RASPAGEM	---			PICOTAGEM	---										
INSTRUMENTOS UTILIZADOS																							
GRAVETO	---			GIZ	---			CARVÃO	---			PERCUTOR	---										
PINCEL FINO	---			PINCEL GROSSO	---			DEDO	X			OUTRO	---										
DIMENSÕES DO SUPORTE	VER CROQUIS							DIMENSÕES DOS PAINÉIS	---														
VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS																							
COMPLETA	---			PARCIAL	---			ESCASSA	X			NULA	---										
PIGMENTOS																							
MONOCROMÁTICO	V			BICROMÁTICO	---			POLICROMÁTICO	---														
MOTIVOS																							
ANTROPOMORFO	---			ZOOMORFO	X			FITOMORFO	---			GEOMÉTRICO	---			BORRÃO	---						
POSICIONAMENTO DOS GRAFISMOS NO ABRIGO																							
TETO	X			LAJEDO	---			PAREDE	---														
DIREÇAO DO GESTO NA AÇÃO DE PINTAR																							
DA ESQUERDA PARA A DIREITA	---							DA DIREITA PARA A ESQUERDA	---														
DE CIMA PARA BAIXO	---							DE BAIXO PARA CIMA	---														

PROPORÇÕES EM UM MESMO PAINEL E ENTRE PAINÉIS DIFERENTES																							
ORDEM TEMPORAL																							
ANTIGO	X			MÉDIO	---			RECENTE	---														
PREDOMINÂNCIA																							
ANTROPOMORFO	---			ZOOMORFO	---			FITOMORFO	---			GEOMÉTRICO	---			BORRÃO	---						
FOTOGRAFIA	X			CADERNO DE CAMPO	X			DESENHO	X			FICHA	X										
POSSIBILIDADE DE ESCAVAÇÃO								SIM	X			NÃO											
RESPONSÁVEL PELO REGISTRO								EQUIPE PRESENTE EM CAMPO															
CARLOS COSTA E GILCIMAR BARBOSA								CARLOS COSTA, GILCIMAR BARBOSA E PEDRO DOS SANTOS															
OBSERVAÇÕES																							
O SÍTIO TEM 2,1 M DE COMPRIMENTO, 1,3M DE ALTURA E 1,8M DE PROFUNDIDADE. ESTE DISPÕE DE 2 PAINÉIS.																							



CROQUI 16: Sítio Fazenda Caldeirão II. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.

REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA (BAHIA, BRASIL)
FICHA DE REGISTRO DE SÍTIOS COM REPRESENTAÇÕES RUPESTRES

IDENTIFICAÇÃO DO SÍTIO

NOME DO SÍTIO	FAZENDA CALDEIRÃO III					Nº REGISTRO	010	DATA REGISTRO	05/09/2009		
CADASTRO IPHAN	SIM	---	NÃO	X		Nº CADASTRO	---	ANO CADASTRO	---		
PESQUISADOR	CARLOS COSTA										
ESTADO	BA		MUNICÍPIO	JACOBINA			REGIÃO	PIEMONTE CD			
LOCALIDADE	---										
COORDENADAS GEOGRÁFICAS	ZONA	24L	E	0318134		N	8781953	ALT. (m)	801		
PROPRIEDADE	MUNICIPAL	X	ESTADUAL	---		FEDERAL	---	PARTICULAR	---		
INFORMANTE DA ÁREA	PREDRO DOS SANTOS										
ENDEREÇO INFORMANTE	---										
TEL. INFORMANTE	---										
NOME DA PROPRIEDADE	---										
NOME PROPRIETÁRIO	---										
TEL. PROPRIETÁRIO	---										

CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ÁREA

CLIMA	SECO								ALT. (m)	801	
RELEVO	DOLINA	--	FUNDO DE VALE	---	CUME	--	MEIA ENCOSTA	--	MARGEM DE RIO	X	
OUTROS	RIO OLHOS D'ÁGUA										
VEGETAÇÃO					PRIMÁRIA	---			SECUNDÁRIA	X	
	CAATINGA	---	CERRADO	X	OUTRA	---					
HIDROGRAFIA	RIO	X	RIACHO	---	CÓRREGO	---			LAGOA	---	
	NASCENTE	---	MINADOURO	---	OLHO D'ÁGUA	---			BREJO	---	

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO

	DESDE O SÍTIO		PARA O SÍTIO	
VISIBILIDADE DO SÍTIO	EXCELENTE	---	EXCELENTE	---
	BOA	---	BOA	---
	REGULAR	---	REGULAR	---
	ESCASSA	X	ESCASSA	X
	NULA	---	NULA	---

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO COM PAINÉIS

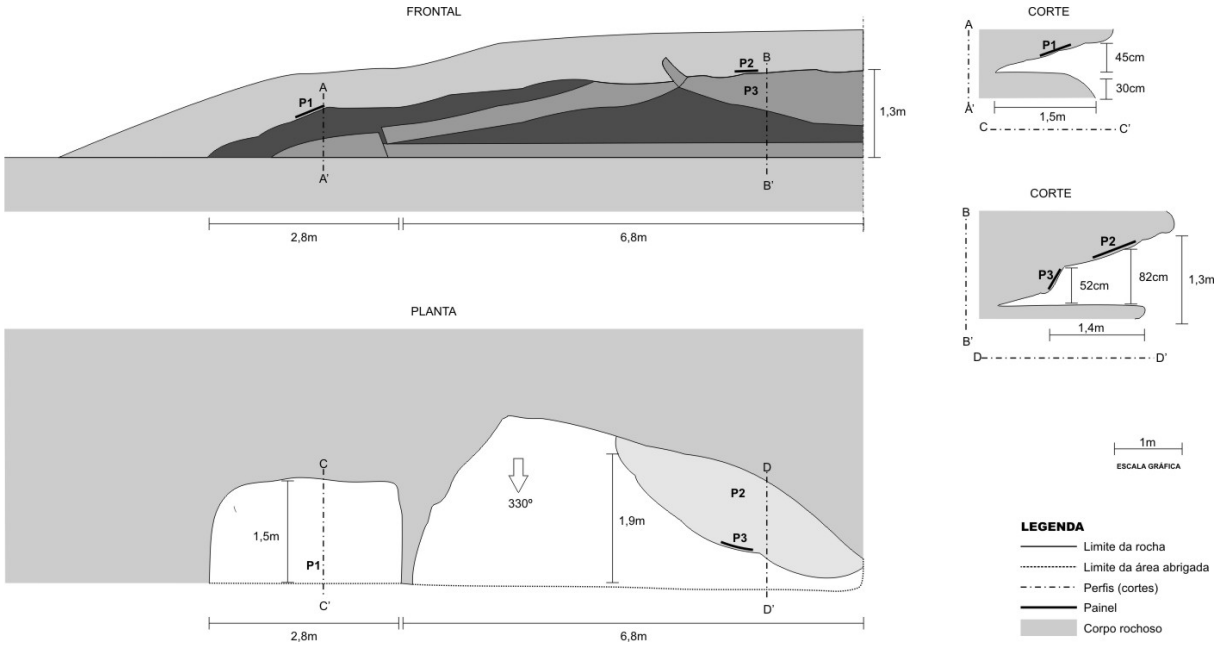
CLASSIFICAÇÃO DO SUPORTE ROCHOSO	ABRIGO	---	CAVERNA	---	PAREDE OU PAREDÃO	---
	LAPA	---	MATACÃO	---	LAJEDO	---
	GRUTA	X	LOCA	---	OUTROS	---
IDENTIFICAÇÃO GEOLÓGICA DO SUPORTE ROCHOSO	ARENITO	---	ARENITO SILICIFICADO	X	CALCÁRIO	---
	GRANITO	---	QUARTZO	---	QUARTZITO	---
	OUTROS	---				
IDENTIFICAÇÃO DO SOLO	ARENOSO	X	ARENO / ARGILOSO	---	HUMÍFERO	---
	ROCHOSO	---	TERRA ROXA	---	OUTROS	---

PRESERVAÇÃO

GRAU DE PRESERVAÇÃO	ÓTIMO	---	BOM	---	RUIM	X
EXPOSIÇÃO AGENTES NATURAIS	INSOLAÇÃO	---	CHUVA	X	VENTO	X
DETERIORAÇAO ANTRÓPICA	QUEIMADAS	---	MINERAÇÃO	---	PICHAÇÕES	---
	QUEBRA INTENCIONAL	---	FOGUEIRA	X	OUTROS	---

CARACTERÍSTICAS DAS REPRESENTAÇÕES																				
QTD PAINÉIS	3					TIPO DE REPRESENTAÇÃO		PINTURA	X			GRAVURA	---							
ORIENTAÇÃO (PONTOS CARDEAIS)																				
N	---	NE	---	E	---	SE	---	S	---	SO	---	O	---	NO	300º					
TÉCNICA APLICADA																				
DESENHO	---			PINTURA	X			RASPAGEM	---					PICOTAGEM	---					
INSTRUMENTOS UTILIZADOS																				
GRAVETO	---			GIZ	---			CARVÃO	---					PERCUTOR	---					
PINCEL FINO	---			PINCEL GROSSO	---			DEDO	X			OUTRO	---							
DIMENSÕES DO SUPORTE				VER CROQUIS				DIMENSÕES DOS PAINÉIS				---								
VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS																				
COMPLETA	---			PARCIAL	P1			ESCASSA	P2 / P3					NULA	---					
PIGMENTOS																				
MONOCROMÁTICO	V			BICROMÁTICO	---			POLICROMÁTICO	---											
MOTIVOS																				
ANTROPOMORFO	---			ZOOMORFO	---			FITOMORFO	---			GEOMÉTRICO	X			BORRÃO	---		
POSICIONAMENTO DOS GRAFISMOS NO ABRIGO																				
TETO	X			LAJEDO	---			PAREDE	---											
DIREÇAO DO GESTO NA AÇÃO DE PINTAR																				
DA ESQUERDA PARA A DIREITA	---							DA DIREITA PARA A ESQUERDA	---											
DE CIMA PARA BAIXO	---							DE BAIXO PARA CIMA	---											

PROPORÇÕES EM UM MESMO PAINEL E ENTRE PAINÉIS DIFERENTES																				
ORDEM TEMPORAL																				
ANTIGO	X			MÉDIO	---			RECENTE	---											
PREDOMINÂNCIA																				
ANTROPOMORFO	---			ZOOMORFO	---			FITOMORFO	---			GEOMÉTRICO	X			BORRÃO	---		
TIPOS DE REGISTRO DO SÍTIO																				
FOTOGRAFIA	X			CADERNO DE CAMPO	X			DESENHO	X					FICHA	X					
POSSIBILIDADE DE ESCAVAÇÃO								SIM	X					NÃO						
RESPONSÁVEL PELO REGISTRO								EQUIPE PRESENTE EM CAMPO												
CARLOS COSTA E GILCIMAR BARBOSA								CARLOS COSTA, GILCIMAR BARBOSA E PEDRO DOS SANTOS												
OBSERVAÇÕES																				
A GRUTA POSSUI DOIS SETORES (AMBOS POSSUEM A MESMA ORIENTAÇÃO). O PRIMEIRO SETOR TEM 2,8M DE COMPRIMENTO, 1,5M DE PROFUNDIDADE E 75 CM DE ALTURA. O SEGUNDO SETOR TEM 6,8M DE COMPRIMENTO, 1,3 M DE ALTURA E 1,4 M DE PROFUNDIDADE.																				



CROQUI 17: Sítio Fazenda Caldeirão III. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.

REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA (BAHIA, BRASIL)
FICHA DE REGISTRO DE SÍTIOS COM REPRESENTAÇÕES RUPESTRES

IDENTIFICAÇÃO DO SÍTIO

NOME DO SÍTIO	FAZENDA CALDEIRÃO IV					Nº REGISTRO	011	DATA REGISTRO	05/09/2009		
CADASTRO IPHAN	SIM	---	NÃO	X		Nº CADASTRO	---	ANO CADASTRO	---		
PESQUISADOR	CARLOS COSTA										
ESTADO	BA		MUNICÍPIO		JACOBINA		REGIÃO	PIEMONTE CD			
LOCALIDADE	---										
COORDENADAS GEOGRÁFICAS	ZONA	24L	E	U1: 0318200 U2: 0318162	N	U1: 8781853 U2: 8781872	ALT. (m)	U1: 794 U2: 786			
PROPRIEDADE	MUNICIPAL	X	ESTADUAL	---	FEDERAL	---	PARTICULAR	---			
INFORMANTE DA ÁREA	PEDRO DOS SANTOS										
ENDEREÇO INFORMANTE	---										
TEL. INFORMANTE	---										
NOME DA PROPRIEDADE	---										
NOME PROPRIETÁRIO	---										
TEL. PROPRIETÁRIO	---										

CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ÁREA

CLIMA	SECO								ALT. (m)	795	
RELEVO	DOLINA	--	FUNDO DE VALE	--	CUME	--	MEIA ENCOSTA	--	MARGEM DE RIO	X	
OUTROS	RIO DOS ÓLHOS D'ÁGUA										

VEGETAÇÃO	PRIMÁRIA	---			SECUNDÁRIA	X		
	CAATINGA	---	CERRADO	X	OUTRA	---		
HIDROGRAFIA	RIO	X	RIACHO	---	CÓRREGO	---	LAGOA	---
	NASCENTE	---	MINADOURO	---	OLHO D'ÁGUA	---	BREJO	---

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO

	DESDE O SÍTIO		PARA O SÍTIO	
VISIBILIDADE DO SÍTIO	EXCELENTE	---	EXCELENTE	---
	BOA	---	BOA	---
	REGULAR	---	REGULAR	---
	ESCASSA	X	ESCASSA	X
	NULA	---	NULA	---

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO COM PAINÉIS

CLASSIFICAÇÃO DO SUPORTE ROCHOSO	ABRIGO	---	CAVERNA	---	PAREDE OU PAREDÃO	---
	LAPA	---	MATACÃO	---	LAJEDO	---
	GRUTA	X	LOCA	---	OUTROS	---
IDENTIFICAÇÃO GEOLÓGICA DO SUPORTE ROCHOSO	ARENITO	---	ARENITO SILICIFICADO	X	CALCÁRIO	--
	GRANITO	---	QUARTZO	---	QUARTZITO	---
	OUTROS	---				
IDENTIFICAÇÃO DO SOLO	ARENOSO	X	ARENO / ARGILOSO	---	HUMÍFERO	---
	ROCHOSO	---	TERRA ROXA	---	OUTROS	---

PRESERVAÇÃO

GRAU DE PRESERVAÇÃO	ÓTIMO	---	BOM	---	RUIM	X
EXPOSIÇÃO AGENTES NATURAIS	INSOLAÇÃO	---	CHUVA	---	VENTO	X
	QUEIMADAS	---	MINERAÇÃO	---	PICHAÇÕES	---

	QUEBRA INTENCIONAL	---	FOGUEIRA	X	OUTROS	---

CARACTERÍSTICAS DAS REPRESENTAÇÕES							
QTD PAINÉIS	3	TIPO DE REPRESENTAÇÃO	PINTURA	X	GRAVURA	---	

ORIENTAÇÃO (PONTOS CARDEAIS)															
N	---	NE	---	E	---	SE	U1 120º	S	---	SO	---	O	---	NO	U2 300º

TÉCNICA APLICADA							
DESENHO	---	PINTURA	X	RASPAGEM	---	PICOTAGEM	---

INSTRUMENTOS UTILIZADOS							
GRAVETO	---	GIZ	---	CARVÃO	---	PERCUTOR	---
PINCEL FINO	---	PINCEL GROSSO	---	DEDO	X	OUTRO	---
DIMENSÕES DO SUPORTE	VER CROQUIS			DIMENSÕES DOS PAINÉIS	---		

VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS							
COMPLETA	---	PARCIAL	---	ESCASSA	---	NULA	X

PIGMENTOS					
MONOCROMÁTICO	V	BICROMÁTICO	---	POLICROMÁTICO	---

MOTIVOS									
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---

POSICIONAMENTO DOS GRAFISMOS NO ABRIGO					
TETO	X	LAJEDO	---	PAREDE	---

DIREÇAO DO GESTO NA AÇÃO DE PINTAR			
DA ESQUERDA PARA A DIREITA	---	DA DIREITA PARA A ESQUERDA	---
DE CIMA PARA BAIXO	---	DE BAIXO PARA CIMA	---

PROPORÇÕES EM UM MESMO PAINEL E ENTRE PAINÉIS DIFERENTES					
ORDEM TEMPORAL					
ANTIGO	X	MÉDIO	---	RECENTE	---

PREDOMINÂNCIA									
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---

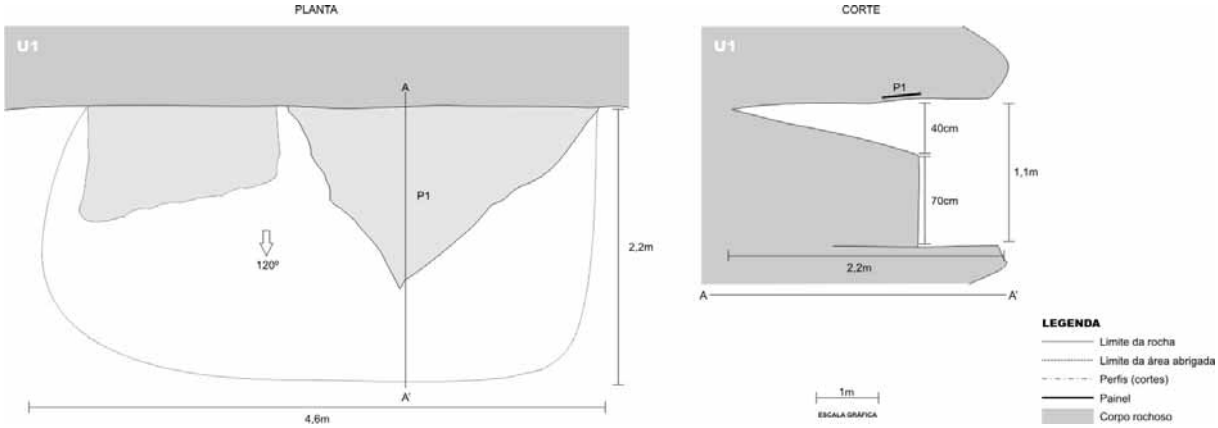
TIPOS DE REGISTRO DO SÍTIO							
FOTOGRAFIA	X	CADERNO DE CAMPO	X	DESENHO	X	FICHA	X

POSSIBILIDADE DE ESCAVAÇÃO	SIM	X	NÃO	

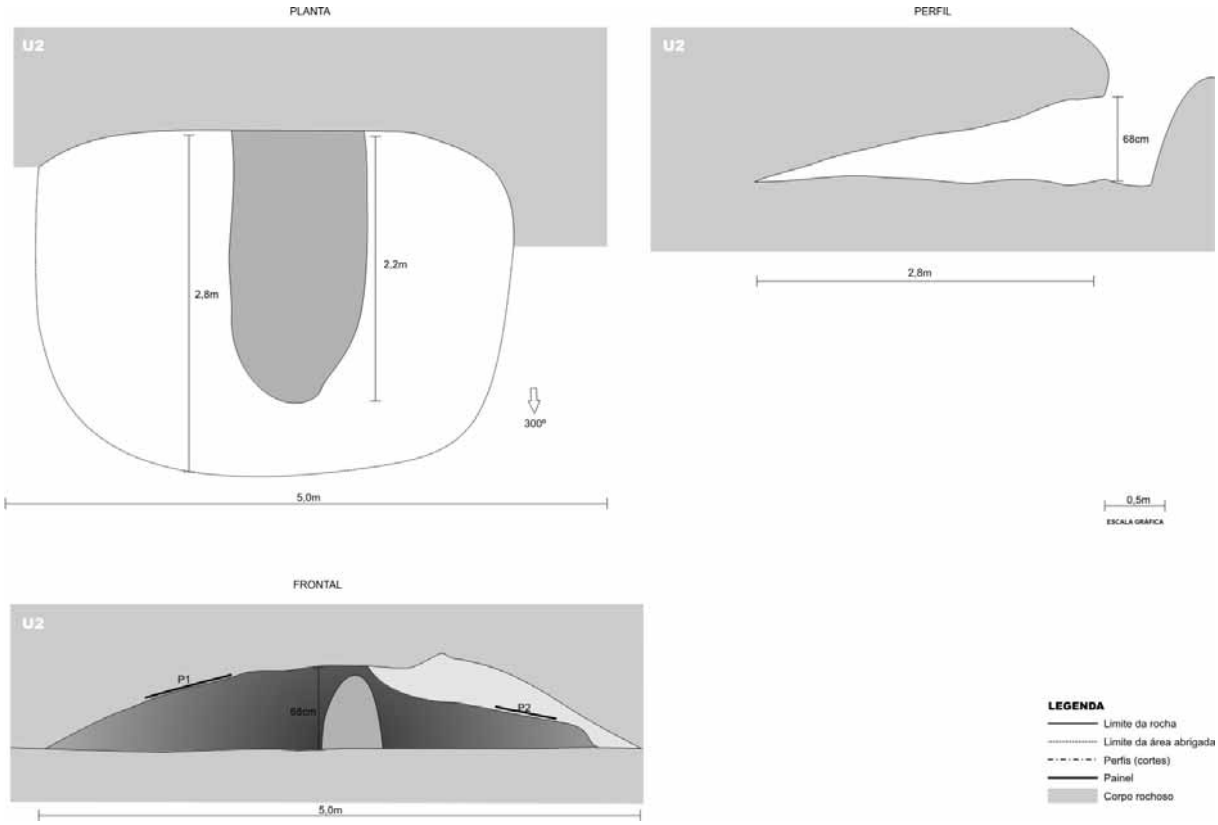
RESPONSÁVEL PELO REGISTRO	EQUIPE PRESENTE EM CAMPO
CARLOS COSTA E GILCIMAR BARBOSA	CARLOS COSTA, GILCIMAR BARBOSA E PEDRO DOS SANTOS

OBSERVAÇÕES

O SÍTIO DISPÕE DE DUAS UNIDADES GEOMORFOLÓGICAS/ARQUEOLÓGICAS, DISTANTES ENTRE SI CERCA DE 30M. A PRIMEIRA TEM 2,2M DE PROFUNDIDADE, 4,6M DE COMPRIMENTO E 1,1M DE ALTURA. A SEGUNDA UNIDADE TEM 5M DE COMPRIMENTO, 2,8M DE PROFUNDIDADE E 68 CM DE ALTURA.
O SÍTIO É UTILIZADO POR MINERADORES DA REGIÃO QUE TRABALHAM NA PEDREIRA. NO REFERIDO LOCAL NOTA-SE A EXISTÊNCIA DE UM FOLE E DE UMA ESPÉCIE DE FORNO DESTINADOS A PRODUZIR INSTRUMENTOS OU FERRAMENTAS PARA EXTRAÇÃO DAS ROCHAS.



CROQUI 18: Sítio Fazenda Caldeirão IV, unidade 1. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.



CROQUI 19: Sítio Fazenda Caldeirão IV, unidade 2. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.

REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA (BAHIA, BRASIL)
FICHA DE REGISTRO DE SÍTIOS COM REPRESENTAÇÕES RUPESTRES

IDENTIFICAÇÃO DO SÍTIO

NOME DO SÍTIO	GOGÓ DA GATA				Nº REGISTRO	012		DATA REGISTRO	10/01/2010		
CADASTRO IPHAN	SIM	---	NÃO	X	Nº CADASTRO	---		ANO CADASTRO	---		
PESQUISADOR	CARLOS COSTA										
ESTADO	BA		MUNICÍPIO		JACOBINA		REGIÃO		PIEMONTE		
LOCALIDADE	---										
COORDENADAS GEOGRÁFICAS	ZONA	24L	E	0316398		N	8763278		ALT. (m)	873	
PROPRIEDADE	MUNICIPAL	X	ESTADUAL	---		FEDERAL	---		PARTICULAR	---	
INFORMANTE DA ÁREA	PEDRO DOS SANTOS										
ENDEREÇO INFORMANTE	---										
TEL. INFORMANTE	---										
NOME DA PROPRIEDADE	---										
NOME PROPRIETÁRIO	---										
TEL. PROPRIETÁRIO	---										

CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ÁREA

CLIMA	ÚMIDO								ALT. (m)	873	
RELEVO	DOLINA	--	FUNDO DE VALE	---	CUME	---	MEIA ENCOSTA	---	MARGEM DE RIO	--	
OUTROS	PÉ DE SERRA										

VEGETAÇÃO	PRIMÁRIA	---			SECUNDÁRIA	X
	CAATINGA	---	CERRADO	---	OUTRA	TRANSIÇÃO CERRADO / CAATINGA

HIDROGRAFIA	RIO	----	RIACHO	---	CÓRREGO	---	LAGOA	----
	NASCENTE	---	MINADOURO	---	OLHO D'ÁGUA	---	BREJO	---

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO

	DESDE O SÍTIO		PARA O SÍTIO	
VISIBILIDADE DO SÍTIO	EXCELENTE	X	EXCELENTE	---
	BOA	---	BOA	---
	REGULAR	---	REGULAR	---
	ESCASSA	---	ESCASSA	X
	NULA	---	NULA	---

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO COM PAINÉIS

CLASSIFICAÇÃO DO SUPORTE ROCHOSO	ABRIGO	---	CAVERNA	---	PAREDE OU PAREDÃO	X
	LAPA	---	MATACÃO	---	LAJEDO	---
	GRUTA	X	LOCA	---	OUTROS	---
IDENTIFICAÇÃO GEOLÓGICA DO SUPORTE ROCHOSO	ARENITO	---	ARENITO SILICIFICADO	X	CALCÁRIO	---
	GRANITO	---	QUARTZO	---	QUARTZITO	---
	OUTROS	X				
IDENTIFICAÇÃO DO SOLO	ARENOSO	X	ARENO / ARGILOSO	---	HUMÍFERO	---
	ROCHOSO	---	TERRA ROXA	---	OUTROS	---

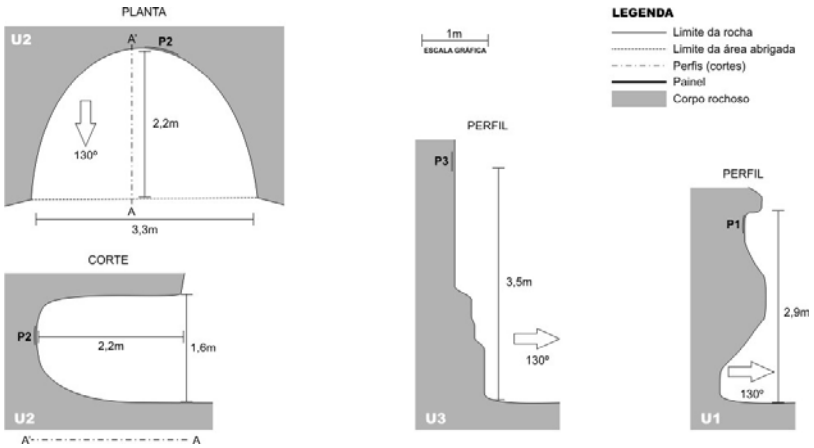
PRESERVAÇÃO

GRAU DE PRESERVAÇÃO	ÓTIMO	---	BOM	---	RUIM	X
EXPOSIÇÃO AGENTES NATURAIS	INSOLAÇÃO	X	CHUVA	X	VENTO	X
	QUEIMADAS	X	MINERAÇÃO	---	PICHAÇÕES	---

	QUEBRA INTENCIONAL	---	FOGUEIRA	---	OUTROS	---	

CARACTERÍSTICAS DAS REPRESENTAÇÕES															
QTD PAINÉIS	3	TIPO DE REPRESENTAÇÃO		PINTURA	X	GRAVURA	---								
ORIENTAÇÃO (PONTOS CARDEAIS)															
N	---	NE	---	E	---	SE	130º	S	---	SO	---	O	---	NO	---
TÉCNICA APLICADA															
DESENHO	---	PINTURA	X	RASPAGEM	---	PICOTAGEM	---								
INSTRUMENTOS UTILIZADOS															
GRAVETO	---	GIZ	---	CARVÃO	---	PERCUTOR	---								
PINCEL FINO	X	PINCEL GROSSO	---	DEDO	X	OUTRO	---								
DIMENSÕES DO SUPORTE	VER CROQUIS			DIMENSÕES DOS PAINÉIS	---										
VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS															
COMPLETA	---	PARCIAL	---	ESCASSA	X	NULA	---								
PIGMENTOS															
MONOCROMÁTICO	V	BICROMÁTICO	---	POLICROMÁTICO	---										
MOTIVOS															
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	---	BORRÃO	---						
POSICIONAMENTO DOS GRAFISMOS NO ABRIGO															
TETO	----	LAJEDO	---	PAREDE	X										
DIREÇAO DO GESTO NA AÇÃO DE PINTAR															
DA ESQUERDA PARA A DIREITA	---	DA DIREITA PARA A ESQUERDA	---												
DE CIMA PARA BAIXO	---	DE BAIXO PARA CIMA	---												

PROPORÇÕES EM UM MESMO PAINEL E ENTRE PAINÉIS DIFERENTES															
ORDEM TEMPORAL															
ANTIGO	---	MÉDIO	---	RECENTE	---										
PREDOMINÂNCIA															
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---						
TIPOS DE REGISTRO DO SÍTIO															
FOTOGRAFIA	X	CADERNO DE CAMPO	X	DESENHO	X	FICHA	X								
POSSIBILIDADE DE ESCAVAÇÃO				SIM	X	NÃO	---								
RESPONSÁVEL PELO REGISTRO				EQUIPE PRESENTE EM CAMPO											
CARLOS COSTA				CARLOS COSTA, LEANDRO MAX E PEDRO DOS SANTOS											
OBSERVAÇÕES															



CROQUI 20: Sítio Gogó da Gata. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.

REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA (BAHIA, BRASIL)
FICHA DE REGISTRO DE SÍTIOS COM REPRESENTAÇÕES RUPESTRES

IDENTIFICAÇÃO DO SÍTIO											
NOME DO SÍTIO	IGREJINHA DA BORDA DA SERRA (TAQUARANDI)				Nº REGISTRO	013		DATA REGISTRO	22/02/2009		
CADASTRO IPHAN	SIM	---	NÃO	X	Nº CADASTRO	---		ANO CADASTRO	---		
PESQUISADOR	CARLOS COSTA										
ESTADO	BA		MUNICÍPIO		JACOBINA		REGIÃO		PIEMONTE CD		
LOCALIDADE	---										
COORDENADAS GEOGRÁFICAS	ZONA	24L	E	0311200		N	8796512		ALT. (m)	643	
PROPRIEDADE	MUNICIPAL	X	ESTADUAL	---		FEDERAL	---		PARTICULAR	---	
INFORMANTE DA ÁREA	---										
ENDEREÇO INFORMANTE	---										
TEL. INFORMANTE	---										
NOME DA PROPRIEDADE	---										
NOME PROPRIETÁRIO	---										
TEL. PROPRIETÁRIO	---										

CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ÁREA												
CLIMA	SECO									ALT. (m)	643	
RELEVO	DOLINA	--	FUNDO DE VALE	---	CUME	--	MEIA ENCOSTA	X	MARGEM DE RIO	--		
OUTROS	---											
VEGETAÇÃO			PRIMÁRIA	---			SECUNDÁRIA	X				
	CAATINGA	X	CERRADO	---	OUTRA	---						
HIDROGRAFIA	RIO	---	RIACHO	---	CÓRREGO	---	LAGOA	---				
	NASCENTE	---	MINADOURO	---	OLHO D'ÁGUA	---	BREJO	---				

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO				
VISIBILIDADE DO SÍTIO	DESDE O SÍTIO		PARA O SÍTIO	
	EXCELENTE	X	EXCELENTE	X
	BOA	---	BOA	---
	REGULAR	---	REGULAR	---
	ESCASSA	---	ESCASSA	---
	NULA	---	NULA	---

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO COM PAINÉIS						
CLASSIFICAÇÃO DO SUPORTE ROCHOSO	ABRIGO	---	CAVERNA	X	PAREDE OU PAREDÃO	---
	LAPA	---	MATACÃO	---	LAJEDO	---
	GRUTA	---	LOCA	---	OUTROS	---
IDENTIFICAÇÃO GEOLÓGICA DO SUPORTE ROCHOSO	ARENITO	---	ARENITO SILICIFICADO	---	CALCÁRIO	X
	GRANITO	---	QUARTZO	---	QUARTZITO	---
	OUTROS	---				
IDENTIFICAÇÃO DO SOLO	ARENOSO	X	ARENO / ARGILOSO	---	HUMÍFERO	---
	ROCHOSO	X	TERRA ROXA	---	OUTROS	---

PRESERVAÇÃO						
GRAU DE PRESERVAÇÃO	ÓTIMO	---	BOM	X	RUIM	---
EXPOSIÇÃO AGENTES NATURAIS	INSOLAÇÃO	---	CHUVA	X	VENTO	X
	QUEIMADAS	---	MINERAÇÃO	---	PICHAÇÕES	X

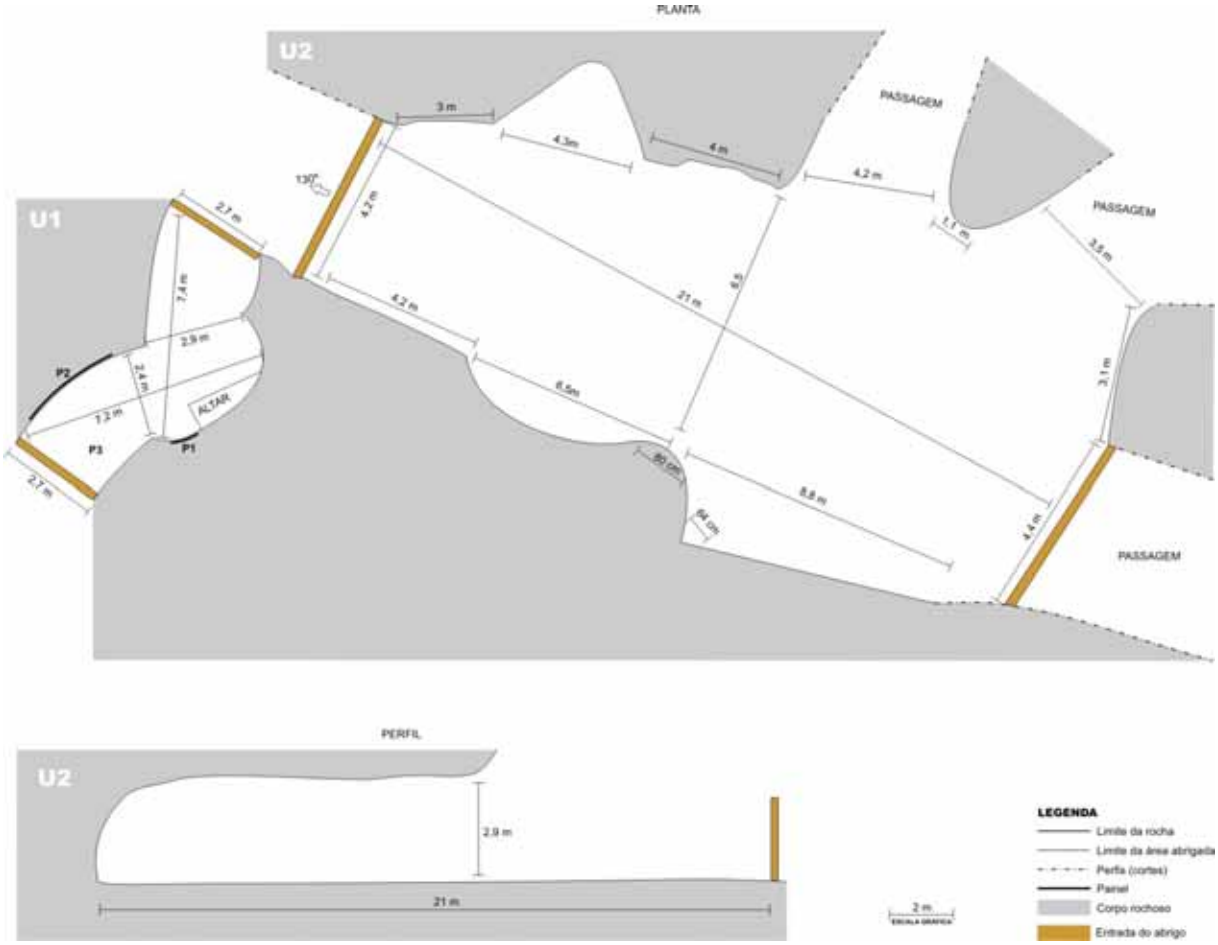
	QUEBRA INTENCIONAL	X	FOGUEIRA	---	OUTROS	---

CARACTERÍSTICAS DAS REPRESENTAÇÕES																			
QTD PAINÉIS	13					TIPO DE REPRESENTAÇÃO		PINTURA	X			GRAVURA	---						
ORIENTAÇÃO (PONTOS CARDEAIS)																			
N	---	NE	---	E	---	SE	130º	S	---	SO	---	O	---	NO	---				
TÉCNICA APLICADA																			
DESENHO	---			PINTURA	X			RASPAGEM	---					PICOTAGEM	---				
INSTRUMENTOS UTILIZADOS																			
GRAVETO	---			GIZ	---			CARVÃO	---					PERCUTOR	---				
PINCEL FINO	---			PINCEL GROSSO	---			DEDO	X			OUTRO	---						
DIMENSÕES DO SUPORTE	VER CROQUIS							DIMENSÕES DOS PAINÉIS	---										
VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS																			
COMPLETA	X			PARCIAL	---			ESCASSA	---					NULA	---				
PIGMENTOS																			
MONOCROMÁTICO	V					BICROMÁTICO	---					POLICROMÁTICO	---						
MOTIVOS																			
ANTROPOMORFO	X			ZOOMORFO	---			FITOMORFO	---			GEOMÉTRICO	X			BORRÃO	---		
POSICIONAMENTO DOS GRAFISMOS NO ABRIGO																			
TETO	X					LAJEDO	---					PAREDE	X						
DIREÇAO DO GESTO NA AÇÃO DE PINTAR																			
DA ESQUERDA PARA A DIREITA	---							DA DIREITA PARA A ESQUERDA	---										
DE CIMA PARA BAIXO	---							DE BAIXO PARA CIMA	---										

PROPORÇÕES EM UM MESMO PAINEL E ENTRE PAINÉIS DIFERENTES																			
ORDEM TEMPORAL																			
ANTIGO	---					MÉDIO	---					RECENTE	---						
PREDOMINÂNCIA																			
ANTROPOMORFO	---			ZOOMORFO	---			FITOMORFO	---			GEOMÉTRICO	X			BORRÃO	---		
TIPOS DE REGISTRO DO SÍTIO																			
FOTOGRAFIA	X			CADERNO DE CAMPO	X			DESENHO	X					FICHA	X				
POSSIBILIDADE DE ESCAVAÇÃO								SIM	---					NÃO	X				

RESPONSÁVEL PELO REGISTRO	EQUIPE PRESENTE EM CAMPO
CARLOS COSTA E GILCIMAR BARBOSA	CARLOS COSTA, GILCIMAR BARBOSA E PEDRO DOS SANTOS

OBSERVAÇÕES
TEM 21 M DE COMPRIMENTO E 2, 9 M DE ALTURA.TRATA-SE DE UMA CAVERNA CALCÁRIA ATUALMENTE UTILIZADA COM FUNÇÃO RELIGIOSA, COMO UM SANTUÁRIO CATÓLICO.



CROQUI 21: Sítio Igrejinha. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.

REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA (BAHIA, BRASIL)
FICHA DE REGISTRO DE SÍTIOS COM REPRESENTAÇÕES RUPESTRES

IDENTIFICAÇÃO DO SÍTIO

NOME DO SÍTIO	JENIPAPO OU SERRA DA SANTA CRUZ				Nº REGISTRO	014		DATA REGISTRO	10/09/2009		
CADASTRO IPHAN	SIM	X	NÃO	---	Nº CADASTRO	BA00641		ANO CADASTRO	2007		
PESQUISADOR	CARLOS COSTA										
ESTADO	BA		MUNICÍPIO		SAÚDE			REGIÃO	PIEMONTE CD		
LOCALIDADE	---										
COORDENADAS GEOGRÁFICAS	ZONA	24L	E	0350837		N	8781824		ALT. (m)	615	
PROPRIEDADE	MUNICIPAL	---	ESTADUAL	---		FEDERAL	---		PARTICULAR	X	
INFORMANTE DA ÁREA	ADROALDO										
ENDEREÇO INFORMANTE	---										
TEL. INFORMANTE	---										
NOME DA PROPRIEDADE	---										
NOME PROPRIETÁRIO	CARLITO										
TEL. PROPRIETÁRIO	---										

CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ÁREA

CLIMA	SECO									ALT. (m)	615	
RELEVO	DOLINA	--	FUNDO DE VALE	---	CUME	---	MEIA ENCOSTA	--	MARGEM DE RIO	--		
OUTROS	PÉ DE SERRA											
VEGETAÇÃO	PRIMÁRIA	---					SECUNDÁRIA	X				
	CAATINGA	---	CERRADO	---	OUTRA	TRANSIÇÃO CERRADO / CAATINGA						
HIDROGRAFIA	RIO	X	RIACHO	---	CÓRREGO	---	LAGOA	---				
	NASCENTE	---	MINADOURO	---	OLHO D'ÁGUA	---	BREJO	X				

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO

	DESDE O SÍTIO		PARA O SÍTIO	
VISIBILIDADE DO SÍTIO	EXCELENTE	---	EXCELENTE	---
	BOA	X	BOA	X
	REGULAR	---	REGULAR	---
	ESCASSA	---	ESCASSA	---
	NULA	---	NULA	---

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO COM PAINÉIS

CLASSIFICAÇÃO DO SUPORTE ROCHOSO	ABRIGO	X	CAVERNA	---	PAREDE OU PAREDÃO	---
	LAPA	---	MATACÃO	---	LAJEDO	---
	GRUTA	---	LOCA	---	OUTROS	---
IDENTIFICAÇÃO GEOLÓGICA DO SUPORTE ROCHOSO	ARENITO	---	ARENITO SILICIFICADO	---	CALCÁRIO	---
	GRANITO	---	QUARTZO	---	QUARTZITO	X
	OUTROS	---				
IDENTIFICAÇÃO DO SOLO	ARENOSO	X	ARENO / ARGILOSO	---	HUMÍFERO	---
	ROCHOSO	---	TERRA ROXA	---	OUTROS	---

PRESERVAÇÃO

GRAU DE PRESERVAÇÃO	ÓTIMO	---	BOM	X	RUIM	---
EXPOSIÇÃO AGENTES NATURAIS	INSOLAÇÃO	X	CHUVA	X	VENTO	X
	QUEIMADAS	---	MINERAÇÃO	---	PICHAÇÕES	CARVÃO / TINTA

	QUEBRA INTENCIONAL	---	FOGUEIRA	---	OUTROS	---	

CARACTERÍSTICAS DAS REPRESENTAÇÕES							
QTD PAINÉIS	1P= 44 PINTURAS	TIPO DE REPRESENTAÇÃO	PINTURA	X	GRAVURA	---	

ORIENTAÇÃO (PONTOS CARDEAIS)															
N	---	NE	---	E	---	SE	---	S	---	SO	---	O	---	NO	310º

TÉCNICA APLICADA							
DESENHO	X	PINTURA	X	RASPAGEM	---	PICOTAGEM	---

INSTRUMENTOS UTILIZADOS							
GRAVETO	---	GIZ	X	CARVÃO	---	PERCUTOR	---
PINCEL FINO	---	PINCEL GROSSO	---	DEDO	X	OUTRO	---
DIMENSÕES DO SUPORTE	VER CROQUIS			DIMENSÕES DOS PAINÉIS	---		

VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS							
COMPLETA	X	PARCIAL	---	ESCASSA	---	NULA	---

PIGMENTOS					
MONOCROMÁTICO	V	BICROMÁTICO	---	POLICROMÁTICO	---

MOTIVOS									
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---

POSICIONAMENTO DOS GRAFISMOS NO ABRIGO					
TETO	---	LAJEDO	---	PAREDE	X

DIREÇAO DO GESTO NA AÇÃO DE PINTAR			
DA ESQUERDA PARA A DIREITA	---	DA DIREITA PARA A ESQUERDA	---
DE CIMA PARA BAIXO	---	DE BAIXO PARA CIMA	---

PROPORÇÕES EM UM MESMO PAINEL E ENTRE PAINÉIS DIFERENTES					
ORDEM TEMPORAL					
ANTIGO	X	MÉDIO	---	RECENTE	X

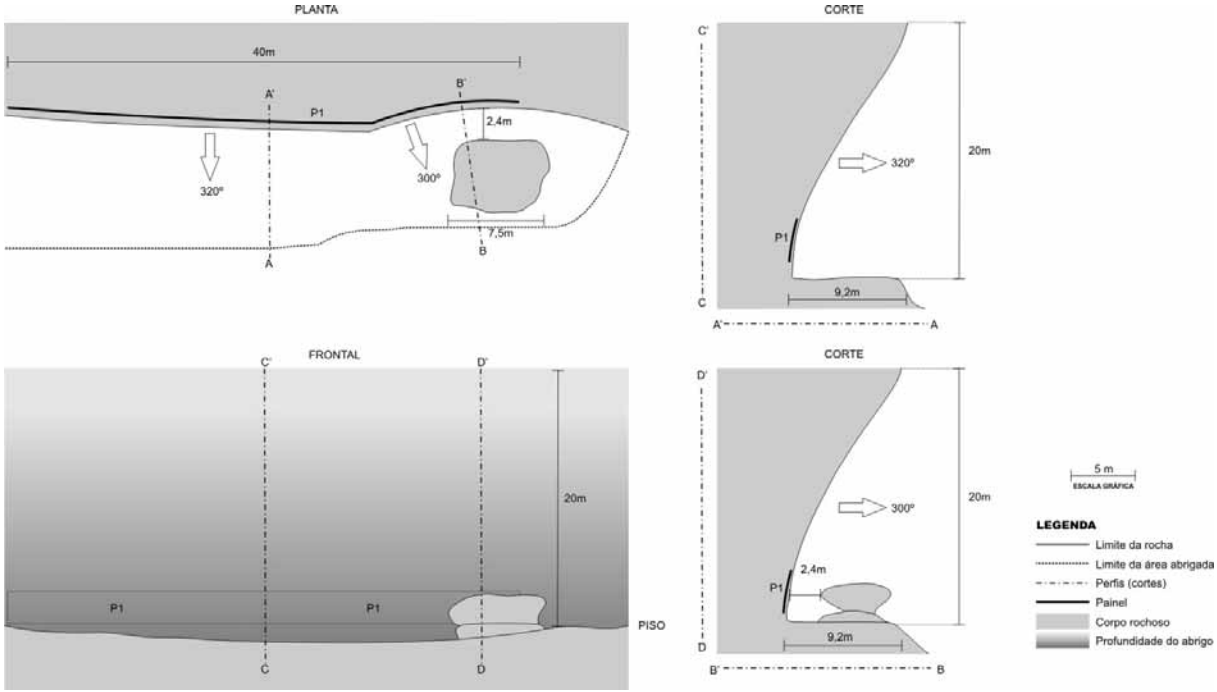
PREDOMINÂNCIA									
ANTROPOMORFO	X	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---

TIPOS DE REGISTRO DO SÍTIO							
FOTOGRAFIA	X	CADERNO DE CAMPO	X	DESENHO	X	FICHA	X

POSSIBILIDADE DE ESCAVAÇÃO	SIM	X	NÃO	

RESPONSÁVEL PELO REGISTRO	EQUIPE PRESENTE EM CAMPO
CARLOS COSTA E GILCIMAR BARBOSA	CARLOS COSTA, GILCIMAR BARBOSA E PEDRO DOS SANTOS

OBSERVAÇÕES
O SÍTIO POSSUI FRAGMENTOS CERÂMICOS EM SUPERFÍCIE.



CROQUI 22: Sítio Jenipapo. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.

REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA (BAHIA, BRASIL)
FICHA DE REGISTRO DE SÍTIOS COM REPRESENTAÇÕES RUPESTRES

IDENTIFICAÇÃO DO SÍTIO

NOME DO SÍTIO	MACAQUEIRA				Nº REGISTRO	015		DATA REGISTRO	08/01/2010		
CADASTRO IPHAN	SIM	---	NÃO	X	Nº CADASTRO	---		ANO CADASTRO	---		
PESQUISADOR	CARLOS COSTA										
ESTADO	BA		MUNICÍPIO		JACOBINA			REGIÃO	PIEMONTE CD		
LOCALIDADE	---										
COORDENADAS GEOGRÁFICAS	ZONA	24L	E	0335771		N	8766042		ALT. (m)	498	
PROPRIEDADE	MUNICIPAL	X	ESTADUAL			FEDERAL			PARTICULAR		
INFORMANTE DA ÁREA	PEDRO DOS SANTOS										
ENDEREÇO INFORMANTE	---										
TEL. INFORMANTE	---										
NOME DA PROPRIEDADE	---										
NOME PROPRIETÁRIO	---										
TEL. PROPRIETÁRIO	---										

CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ÁREA

CLIMA	SECO									ALT. (m)	498
RELEVO	DOLINA	--	FUNDO DE VALE	X	CUME	---	MEIA ENCOSTA	--	MARGEM DE RIO	--	
OUTROS	---										

VEGETAÇÃO	PRIMÁRIA	---			SECUNDÁRIA	X
	CAATINGA	---	CERRADO	---	OUTRA	TRANSIÇÃO CERRADO / CAATINGA

HIDROGRAFIA	RIO	DO OURO	RIACHO	---	CÓRREGO	---	LAGOA	---
	NASCENTE	---	MINADOURO	---	OLHO D'ÁGUA	---	BREJO	---

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO

VISIBILIDADE DO SÍTIO	DESDE O SÍTIO		PARA O SÍTIO	
	EXCELENTE	---	EXCELENTE	---
	BOA	---	BOA	---
	REGULAR	---	REGULAR	---
	ESCASSA	X	ESCASSA	X
	NULA	---	NULA	---

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO COM PAINÉIS

CLASSIFICAÇÃO DO SUPORTE ROCHOSO	ABRIGO	X	CAVERNA	---	PAREDE OU PAREDÃO	---
	LAPA	---	MATACÃO	---	LAJEDO	---
	GRUTA	---	LOCA	---	OUTROS	---

IDENTIFICAÇÃO GEOLÓGICA DO SUPORTE ROCHOSO	ARENITO	---	ARENITO SILICIFICADO	---	CALCÁRIO	---
	GRANITO	---	QUARTZO	---	QUARTZITO	X
	OUTROS	---				

IDENTIFICAÇÃO DO SOLO	ARENOSO	X	ARENO / ARGILOSO	--	HUMÍFERO	---
	ROCHOSO	---	TERRA ROXA	---	OUTROS	---

PRESERVAÇÃO

GRAU DE PRESERVAÇÃO	ÓTIMO	---	BOM	X	RUIM	---
EXPOSIÇÃO AGENTES NATURAIS	INSOLAÇÃO	X	CHUVA	X	VENTO	---
	QUEIMADAS	X	MINERAÇÃO	X	PICHAÇÕES	---

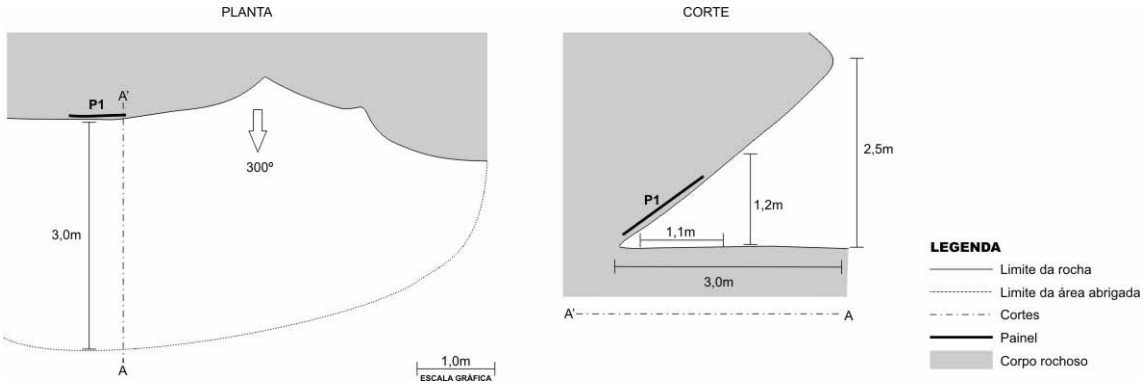
	QUEBRA INTENCIONAL	---	FOGUEIRA	---	OUTROS	---	

CARACTERÍSTICAS DAS REPRESENTAÇÕES															
QTD PAINÉIS	1	TIPO DE REPRESENTAÇÃO		PINTURA	X	GRAVURA	---								
ORIENTAÇÃO (PONTOS CARDEAIS)															
N	---	NE	---	E	---	SE	---	S	---	SO	---	O	---	NO	300º
TÉCNICA APLICADA															
DESENHO	---	PINTURA	X	RASPAGEM	---	PICOTAGEM	---								
INSTRUMENTOS UTILIZADOS															
GRAVETO	---	GIZ	---	CARVÃO	---	PERCUTOR	---								
PINCEL FINO	---	PINCEL GROSSO	---	DEDO	X	OUTRO	---								
DIMENSÕES DO SUPORTE	VER CROQUIS	DIMENSÕES DOS PAINÉIS	---												
VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS															
COMPLETA	X	PARCIAL	---	ESCASSA	---	NULA	---								
PIGMENTOS															
MONOCROMÁTICO	V	BICROMÁTICO	---	POLICROMÁTICO	---										
MOTIVOS															
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	X	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---						
POSICIONAMENTO DOS GRAFISMOS NO ABRIGO															
TETO	---	LAJEDO	---	PAREDE	X										
DIREÇAO DO GESTO NA AÇÃO DE PINTAR															
DA ESQUERDA PARA A DIREITA	---	DA DIREITA PARA A ESQUERDA	---												
DE CIMA PARA BAIXO	---	DE BAIXO PARA CIMA	---												

PROPORÇÕES EM UM MESMO PAINEL E ENTRE PAINÉIS DIFERENTES															
ORDEM TEMPORAL															
ANTIGO	---	MÉDIO	---	RECENTE	X										
PREDOMINÂNCIA															
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---						
TIPOS DE REGISTRO DO SÍTIO															
FOTOGRAFIA	X	CADERNO DE CAMPO	X	DESENHO	X	FICHA	X								
POSSIBILIDADE DE ESCAVAÇÃO				SIM	X	NÃO									

RESPONSÁVEL PELO REGISTRO	EQUIPE PRESENTE EM CAMPO
CARLOS COSTA	CARLOS COSTA, LEANDRO MÁX E PEDRO DOS SANTOS

OBSERVAÇÕES
O SÍTIO LOCALIZA-SE NA SERRA DE JACOBINA, MAIS ESPECIFICAMENTE NA REGIÃO DE MACAQUEIRA. A LOCAL SOFREU UMA RECENTE QUEIMADA. ESTE SÍTIO TEM 2,5M DE ALTURA E 3M DE PROFUNDIDADE. NELE É POSSÍVEL SE IDENTIFICAR O GESTO DE PINTAR: VERTICAL: DE CIMA PARA BAIXO; HORIZONTAL: DA ESQUERDA PARA A DIREITA.



CROQUI 23: Sítio Macaqueira. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.

REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA (BAHIA, BRASIL)
FICHA DE REGISTRO DE SÍTIOS COM REPRESENTAÇÕES RUPESTRES

IDENTIFICAÇÃO DO SÍTIO

NOME DO SÍTIO	MORRO DO CRUZEIRO I				Nº REGISTRO	016		DATA REGISTRO	04/09/2009		
CADASTRO IPHAN	SIM	---	NÃO	X	Nº CADASTRO	---		ANO CADASTRO	---		
PESQUISADOR	CARLOS COSTA										
ESTADO	BA		MUNICÍPIO	JACOBINA		REGIÃO	PIEMONTE CD				
LOCALIDADE	---										
COORDENADAS GEOGRÁFICAS	ZONA	24L	E	0319358	N	8777628	ALT. (m)	923			
PROPRIEDADE	MUNICIPAL	X	ESTADUAL	---	FEDERAL	---	PARTICULAR	---			
INFORMANTE DA ÁREA	PEDRO DOS SANTOS										
ENDEREÇO INFORMANTE	---										
TEL. INFORMANTE	---										
NOME DA PROPRIEDADE	---										
NOME PROPRIETÁRIO	---										
TEL. PROPRIETÁRIO	---										

CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ÁREA

CLIMA	SECO									ALT. (m)	923	
RELEVO	DOLINA	--	FUNDO DE VALE	---	CUME	X	MEIA ENCOSTA	--	MARGEM DE RIO	--		
OUTROS	---											
VEGETAÇÃO					PRIMÁRIA	X			SECUNDÁRIA	---		
	CAATINGA	---	CERRADO	X	OUTRA	---						
HIDROGRAFIA	RIO	---	RIACHO	---	CÓRREGO	---			LAGOA	---		
	NASCENTE	---	MINADOURO	X	OLHO D'ÁGUA	---			BREJO	X		

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO

	DESDE O SÍTIO		PARA O SÍTIO	
VISIBILIDADE DO SÍTIO	EXCELENTE	X	EXCELENTE	X
	BOA	---	BOA	---
	REGULAR	---	REGULAR	---
	ESCASSA	---	ESCASSA	---
	NULA	---	NULA	---

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO COM PAINÉIS

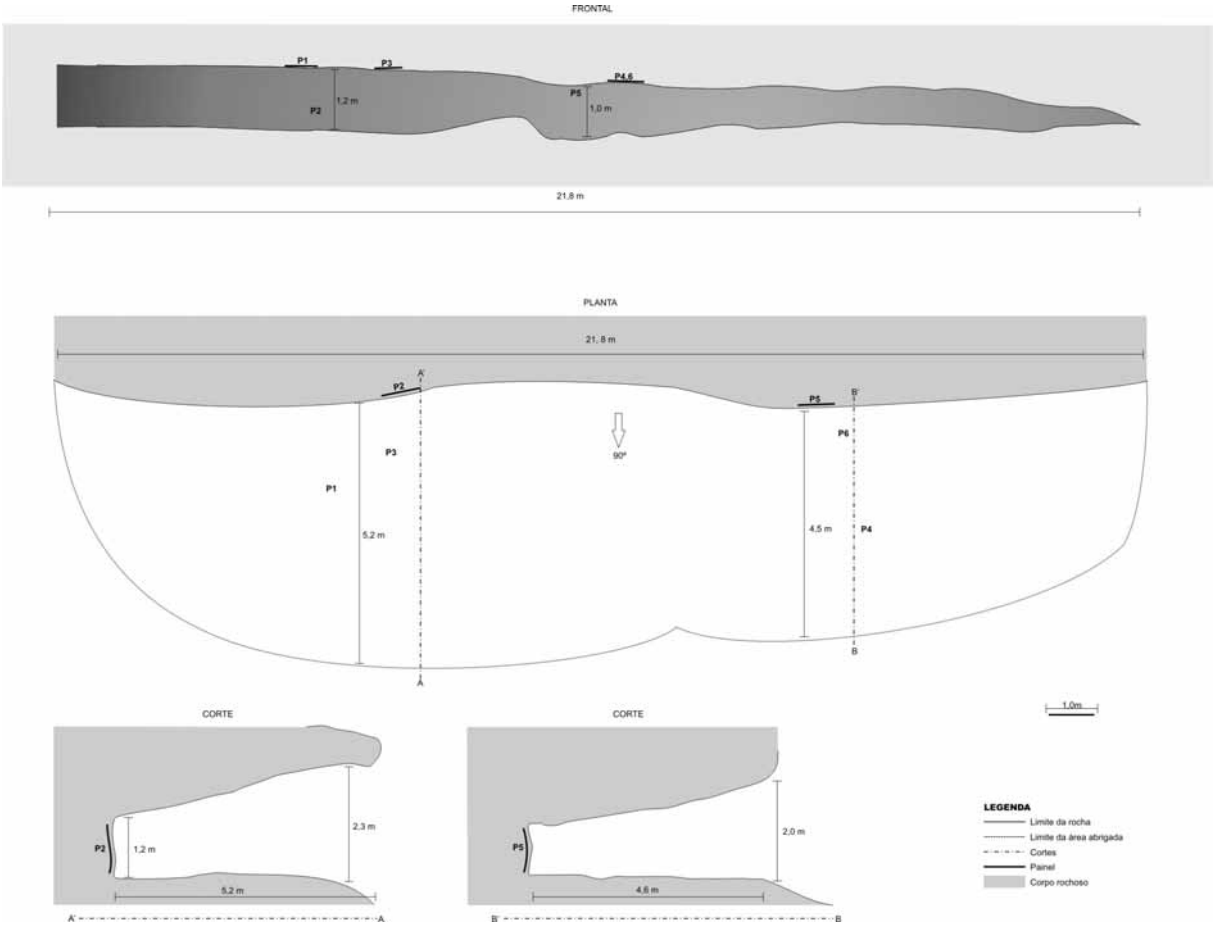
CLASSIFICAÇÃO DO SUPORTE ROCHOSO	ABRIGO	---	CAVERNA	---	PAREDE OU PAREDÃO	---
	LAPA	X	MATACÃO	---	LAJEDO	---
	GRUTA	---	LOCA	---	OUTROS	---
IDENTIFICAÇÃO GEOLÓGICA DO SUPORTE ROCHOSO	ARENITO	---	ARENITO SILICIFICADO	X	CALCÁRIO	---
	GRANITO	---	QUARTZO	---	QUARTZITO	
	OUTROS	---				
IDENTIFICAÇÃO DO SOLO	ARENOSO	X	ARENO / ARGILOSO	---	HUMÍFERO	---
	ROCHOSO	---	TERRA ROXA	---	OUTROS	---

PRESERVAÇÃO

GRAU DE PRESERVAÇÃO	ÓTIMO	---	BOM	---	RUIM	X
EXPOSIÇÃO AGENTES NATURAIS	INSOLAÇÃO	--	CHUVA	X	VENTO	X
DETERIORAÇAO ANTRÓPICA	QUEIMADAS	---	MINERAÇÃO	X	PICHAÇÕES	---
	QUEBRA INTENCIONAL	X	FOGUEIRA	X	OUTROS	---

CARACTERÍSTICAS DAS REPRESENTAÇÕES																					
QTD PAINÉIS	5					TIPO DE REPRESENTAÇÃO		PINTURA	X			GRAVURA	---								
ORIENTAÇÃO (PONTOS CARDEAIS)																					
N	---	NE	---	E	90º	SE	---	S	---	SO	---	O	---	NO	---						
TÉCNICA APLICADA																					
DESENHO	---			PINTURA	X			RASPAGEM	---			PICOTAGEM	---								
INSTRUMENTOS UTILIZADOS																					
GRAVETO	---			GIZ	---			CARVÃO	---			PERCUTOR	---								
PINCEL FINO	---			PINCEL GROSSO	---			DEDO	X			OUTRO	---								
DIMENSÕES DO SUPORTE	VER CROQUIS							DIMENSÕES DOS PAINÉIS	---												
VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS																					
COMPLETA	---			PARCIAL	X			ESCASSA	---			NULA	---								
PIGMENTOS																					
MONOCROMÁTICO	V			BICROMÁTICO	---			POLICROMÁTICO	---												
MOTIVOS																					
ANTROPOMORFO	---			ZOOMORFO	---			FITOMORFO	---			GEOMÉTRICO	X			BORRÃO	---		
POSICIONAMENTO DOS GRAFISMOS NO ABRIGO																					
TETO	X			LAJEDO	---			PAREDE	X												
DIREÇAO DO GESTO NA AÇÃO DE PINTAR																					
DA ESQUERDA PARA A DIREITA	---							DA DIREITA PARA A ESQUERDA	---												
DE CIMA PARA BAIXO	---							DE BAIXO PARA CIMA	---												

PROPORÇÕES EM UM MESMO PAINEL E ENTRE PAINÉIS DIFERENTES																					
ORDEM TEMPORAL																					
ANTIGO	X			MÉDIO	---			RECENTE	---												
PREDOMINÂNCIA																					
ANTROPOMORFO	---			ZOOMORFO	---			FITOMORFO	---			GEOMÉTRICO	X			BORRÃO	---		
TIPOS DE REGISTRO DO SÍTIO																					
FOTOGRAFIA	X			CADERNO DE CAMPO	X			DESENHO	X			FICHA	X								
POSSIBILIDADE DE ESCAVAÇÃO								SIM	X			NÃO	---								
RESPONSÁVEL PELO REGISTRO								EQUIPE PRESENTE EM CAMPO													
CARLOS COSTA E GILCIMAR BARBOSA								CARLOS COSTA, GILCIMAR BARBOSA E PEDRO DOS SANTOS													
OBSERVAÇÕES																					
O SÍTIO TEM 21,8 M DE COMPRIMENTO, 5,2 M DE PROFUNDIDADE E 2,3M DE ALTURA. DISPÕE DE 5 PAINÉIS.																					



CROQUI 24: Sítio Morro do Cruzeiro I. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.

REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA (BAHIA, BRASIL)
FICHA DE REGISTRO DE SÍTIOS COM REPRESENTAÇÕES RUPESTRES

IDENTIFICAÇÃO DO SÍTIO

NOME DO SÍTIO	MORRO DO CRUZEIRO II				Nº REGISTRO	017	DATA REGISTRO	04/09/2009	
CADASTRO IPHAN	SIM	---	NÃO	X	Nº CADASTRO	---	ANO CADASTRO	---	
PESQUISADOR	CARLOS COSTA								
ESTADO	BA		MUNICÍPIO	JACOBINA			REGIÃO	PIEMONTE CD	
LOCALIDADE	---								
COORDENADAS GEOGRÁFICAS	ZONA	24L 24L	E	U1: 0319805 U2: 0319782	N	U1: 8778813 U2: 8778833	ALT. (m)	U1: 907 U2: 906	
PROPRIEDADE	MUNICIPAL	X	ESTADUAL	---	FEDERAL	---	PARTICULAR	---	
INFORMANTE DA ÁREA	PEDRO DOS SANTOS								
ENDEREÇO INFORMANTE	---								
TEL. INFORMANTE	---								
NOME DA PROPRIEDADE	---								
NOME PROPRIETÁRIO	---								
TEL. PROPRIETÁRIO	---								

CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ÁREA

CLIMA	SECO									ALT. (m)	U1: 907 U2: 906	
RELEVO	DOLINA	--	FUNDO DE VALE	---	CUME	X	MEIA ENCOSTA	--	MARGEM DE RIO	--		
OUTROS	---											
VEGETAÇÃO	PRIMÁRIA	X	SECUNDÁRIA	---								
	CAATINGA	---	CERRADO	X	OUTRA	---						
HIDROGRAFIA	RIO	---	RIACHO	---	CÓRREGO	---	LAGOA	---				
	NASCENTE	---	MINADOURO	---	OLHO D'ÁGUA	---	BREJO	CRUZEIRO				

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO

	DESDE O SÍTIO		PARA O SÍTIO	
VISIBILIDADE DO SÍTIO	EXCELENTE	---	EXCELENTE	---
	BOA	---	BOA	---
	REGULAR	X	REGULAR	X
	ESCASSA	---	ESCASSA	---
	NULA	---	NULA	---

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO COM PAINÉIS

CLASSIFICAÇÃO DO SUPORTE ROCHOSO	ABRIGO	---	CAVERNA	---	PAREDE OU PAREDÃO	---
	LAPA	U1	MATACÃO	---	LAJEDO	---
	GRUTA	U2	LOCA	---	OUTROS	---
IDENTIFICAÇÃO GEOLÓGICA DO SUPORTE ROCHOSO	ARENITO	---	ARENITO SILICIFICADO	X	CALCÁRIO	---
	GRANITO	---	QUARTZO	---	QUARTZITO	---
	OUTROS	---				
IDENTIFICAÇÃO DO SOLO	ARENOSO	X	ARENO / ARGILOSO	---	HUMÍFERO	---
	ROCHOSO	---	TERRA ROXA	---	OUTROS	---

PRESERVAÇÃO

GRAU DE PRESERVAÇÃO	ÓTIMO	---	BOM	---	RUIM	X
EXPOSIÇÃO AGENTES NATURAIS	INSOLAÇÃO	---	CHUVA	---	VENTO	X

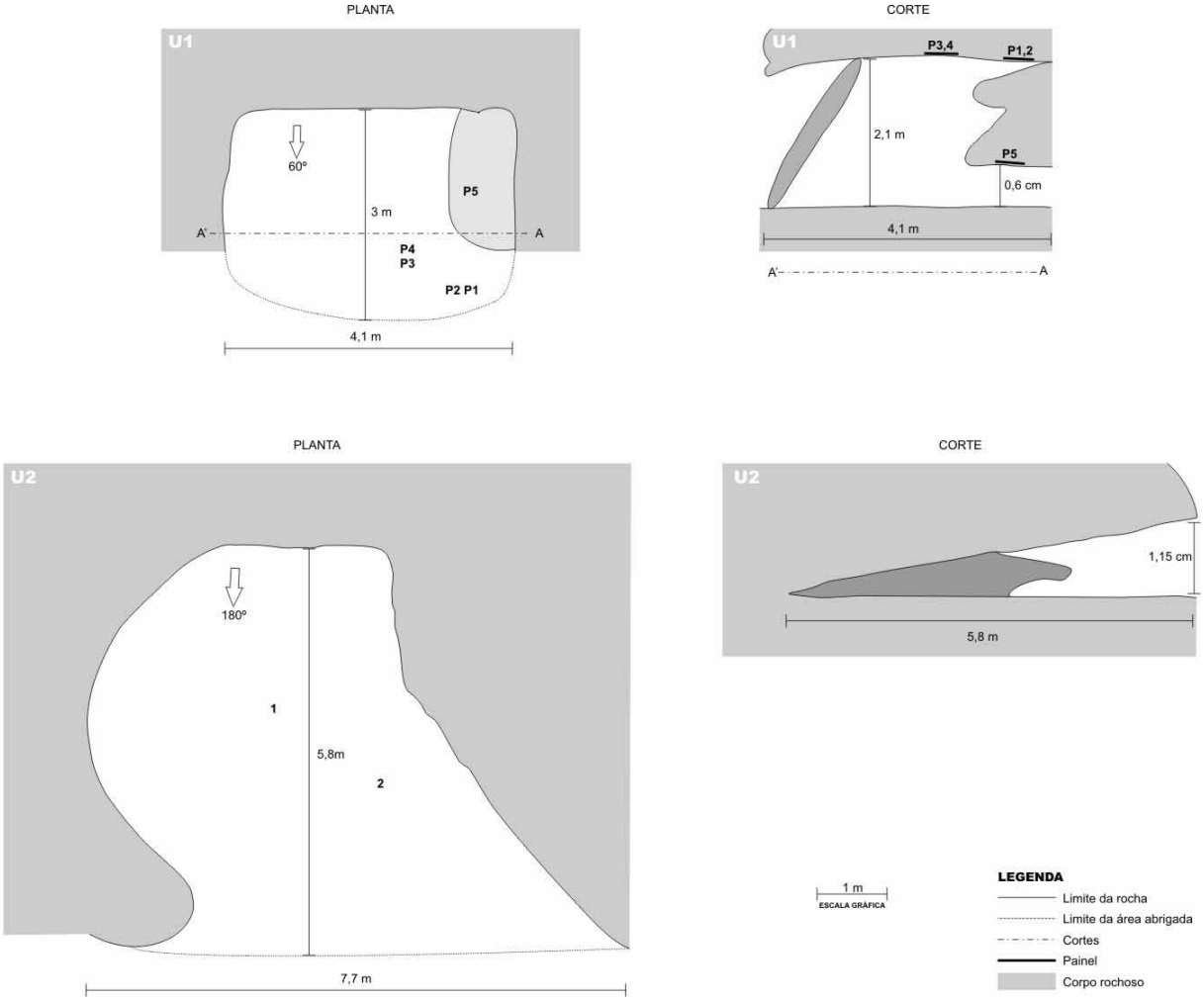
DETERIORAÇAO ANTRÓPICA	QUEIMADAS	---	MINERAÇÃO	---	PICHAÇÕES	---	
	QUEBRA INTENCIONAL	---	FOGUEIRA	X	OUTROS	---	

CARACTERÍSTICAS DAS REPRESENTAÇÕES																
QTD PAINÉIS	5 FIG. ISOLADAS			TIPO DE REPRESENTAÇÃO		PINTURA	X	GRAVURA	---							
ORIENTAÇÃO (PONTOS CARDEAIS)																
N	---	NE	U1 60º	E	---	SE	---	S	U2 180º	SO	---	O	---	NO	---	
TÉCNICA APLICADA																
DESENHO	---	PINTURA	X	RASPAGEM	---	PICOTAGEM	---									
INSTRUMENTOS UTILIZADOS																
GRAVETO	---	GIZ	---	CARVÃO	---	PERCUTOR	---									
PINCEL FINO	---	PINCEL GROSSO	---	DEDO	X	OUTRO	---									
DIMENSÕES DO SUPORTE	VER CROQUIS			DIMENSÕES DOS PAINÉIS	---											
VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS																
COMPLETA	---	PARCIAL	X	ESCASSA	---	NULA	---									
PIGMENTOS																
MONOCROMÁTICO	V	BICROMÁTICO	---	POLICROMÁTICO	---											
MOTIVOS																
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---							
POSICIONAMENTO DOS GRAFISMOS NO ABRIGO																
TETO	X	LAJEDO	---	PAREDE	---											
DIREÇAO DO GESTO NA AÇÃO DE PINTAR																
DA ESQUERDA PARA A DIREITA	---	DA DIREITA PARA A ESQUERDA	---													
DE CIMA PARA BAIXO	---	DE BAIXO PARA CIMA	---													

PROPORÇÕES EM UM MESMO PAINEL E ENTRE PAINÉIS DIFERENTES																
ORDEM TEMPORAL																
ANTIGO	X	MÉDIO	---	RECENTE	---											
PREDOMINÂNCIA																
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---							
TIPOS DE REGISTRO DO SÍTIO																
FOTOGRAFIA	X	CADERNO DE CAMPO	X	DESENHO	X	FICHA	X									
POSSIBILIDADE DE ESCAVAÇÃO				SIM	X	NÃO	---									

RESPONSÁVEL PELO REGISTRO	EQUIPE PRESENTE EM CAMPO
CARLOS COSTA E GILCIMAR BARBOSA	CARLOS COSTA, GILCIMAR BARBOSA E PEDRO DOS SANTOS

OBSERVAÇÕES
O SÍTIO POSSUI DUAS UNIDADES GEOMORFOLÓGICAS/ARQUEOLÓGICAS, UMA DE FRENTE PARA A OUTRA. A UNIDADE 1 TEM 4,1M DE COMPRIMENTO, 3M DE PROFUNDIDADE E 2,1M DE ALTURA. A UNIDADE 2 TEM 7,7M DE COMPRIMENTO, 5,8 M DE PROFUNDIDADE E 1,15 M DE ALTURA.



CROQUI 25: Sítio Morro do Cruzeiro II. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.

REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA (BAHIA, BRASIL)
FICHA DE REGISTRO DE SÍTIOS COM REPRESENTAÇÕES RUPESTRES

IDENTIFICAÇÃO DO SÍTIO

NOME DO SÍTIO	OLHO D'ÁGUA I					Nº REGISTRO	018	DATA REGISTRO	17/01/2010		
CADASTRO IPHAN	SIM	---	NÃO	X		Nº CADASTRO	---	ANO CADASTRO	---		
PESQUISADOR	CARLOS COSTA										
ESTADO	BA		MUNICÍPIO	JACOBINA			REGIÃO	PIEMONTE CD			
LOCALIDADE	---										
COORDENADAS GEOGRÁFICAS	ZONA	24L	E	0317429		N	8782568	ALT. (m)	775		
PROPRIEDADE	MUNICIPAL	---	ESTADUAL	---		FEDERAL	---	PARTICULAR	X		
INFORMANTE DA ÁREA	PEDRO DOS SANTOS										
ENDEREÇO INFORMANTE	---										
TEL. INFORMANTE	---										
NOME DA PROPRIEDADE	----										
NOME PROPRIETÁRIO	---										
TEL. PROPRIETÁRIO	---										

CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ÁREA

CLIMA	SECO								ALT. (m)	775	
RELEVO	DOLINA	--	FUNDO DE VALE	--	CUME	X	MEIA ENCOSTA	--	MARGEM DE RIO	--	
OUTROS	---										

VEGETAÇÃO	PRIMÁRIA	X	SECUNDÁRIA	---		
	CAATINGA	---	CERRADO	X	OUTRA	---

HIDROGRAFIA	RIO	OLHOS D'ÁGUA	RIACHO	---	CÓRREGO	---	LAGOA	---
	NASCENTE	---	MINADOURO	---	OLHO D'ÁGUA	---	BREJO	----

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO

	DESDE O SÍTIO		PARA O SÍTIO	
VISIBILIDADE DO SÍTIO	EXCELENTE	---	EXCELENTE	---
	BOA	---	BOA	---
	REGULAR	---	REGULAR	---
	ESCASSA	X	ESCASSA	X
	NULA	---	NULA	---

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO COM PAINÉIS

CLASSIFICAÇÃO DO SUPORTE ROCHOSO	ABRIGO	X	CAVERNA	---	PAREDE OU PAREDÃO	---
	LAPA	---	MATACÃO	---	LAJEDO	---
	GRUTA	X	LOCA	---	OUTROS	---
IDENTIFICAÇÃO GEOLÓGICA DO SUPORTE ROCHOSO	ARENITO	---	ARENITO SILICIFICADO	X	CALCÁRIO	----
	GRANITO	---	QUARTZO	---	QUARTZITO	---
	OUTROS	---				
IDENTIFICAÇÃO DO SOLO	ARENOSO	X	ARENO / ARGILOSO	---	HUMÍFERO	---
	ROCHOSO	---	TERRA ROXA	---	OUTROS	---

PRESERVAÇÃO

GRAU DE PRESERVAÇÃO	ÓTIMO	---	BOM	X	RUIM	---
EXPOSIÇÃO AGENTES NATURAIS	INSOLAÇÃO	X	CHUVA	X	VENTO	X
	QUEIMADAS	X	MINERAÇÃO	X	PICHAÇÕES	---

	QUEBRA INTENCIONAL	---	FOGUEIRA	X	OUTROS	---	

CARACTERÍSTICAS DAS REPRESENTAÇÕES							
QTD PAINÉIS	19	TIPO DE REPRESENTAÇÃO	PINTURA	X	GRAVURA		

ORIENTAÇÃO (PONTOS CARDEAIS)															
N	---	NE	---	E	---	SE	---	S	U3 160º	SO	---	O	U1 290º	NO	U2 300º U4 320º

TÉCNICA APLICADA							
DESENHO	---	PINTURA	X	RASPAGEM	---	PICOTAGEM	---

INSTRUMENTOS UTILIZADOS							
GRAVETO	---	GIZ	---	CARVÃO	---	PERCUTOR	---
PINCEL FINO	X	PINCEL GROSSO	---	DEDO	X	OUTRO	---
DIMENSÕES DO SUPORTE	VER CROQUIS			DIMENSÕES DOS PAINÉIS	---		

VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS							
COMPLETA	---	PARCIAL	X	ESCASSA	X	NULA	---

PIGMENTOS					
MONOCROMÁTICO	---	BICROMÁTICO	V A	POLICROMÁTICO	---

MOTIVOS									
ANTROPOMORFO	X	ZOOMORFO	X	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---

POSICIONAMENTO DOS GRAFISMOS NO ABRIGO					
TETO	X	LAJEDO	---	PAREDE	X

DIREÇAO DO GESTO NA AÇÃO DE PINTAR			
DA ESQUERDA PARA A DIREITA	---	DA DIREITA PARA A ESQUERDA	---
DE CIMA PARA BAIXO	---	DE BAIXO PARA CIMA	---

PROPORÇÕES EM UM MESMO PAINEL E ENTRE PAINÉIS DIFERENTES					
ANTIGO	---	MÉDIO	---	RECENTE	X

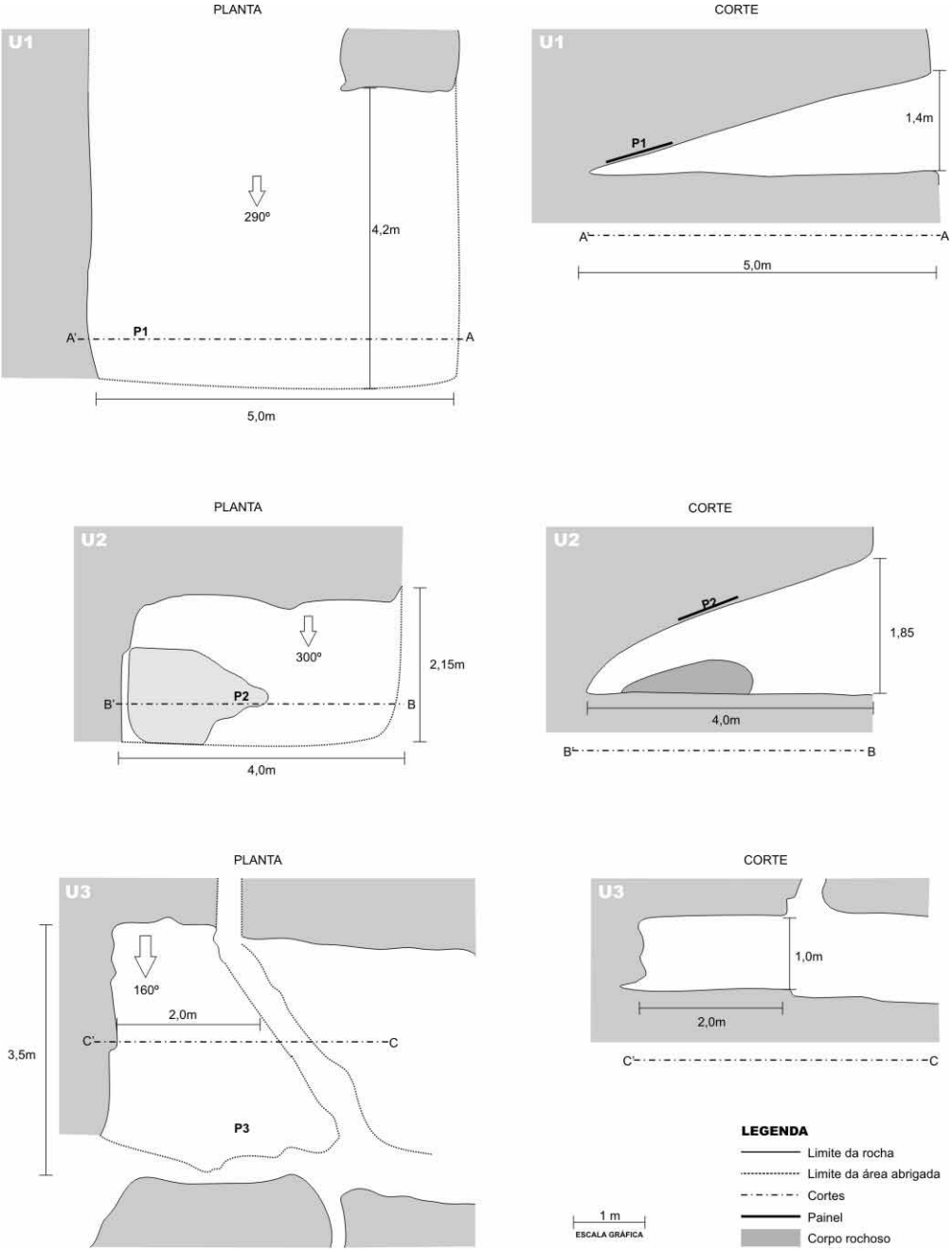
PREDOMINÂNCIA									
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---

TIPOS DE REGISTRO DO SÍTIO							
FOTOGRAFIA	X	CADERNO DE CAMPO	X	DESENHO	X	FICHA	X

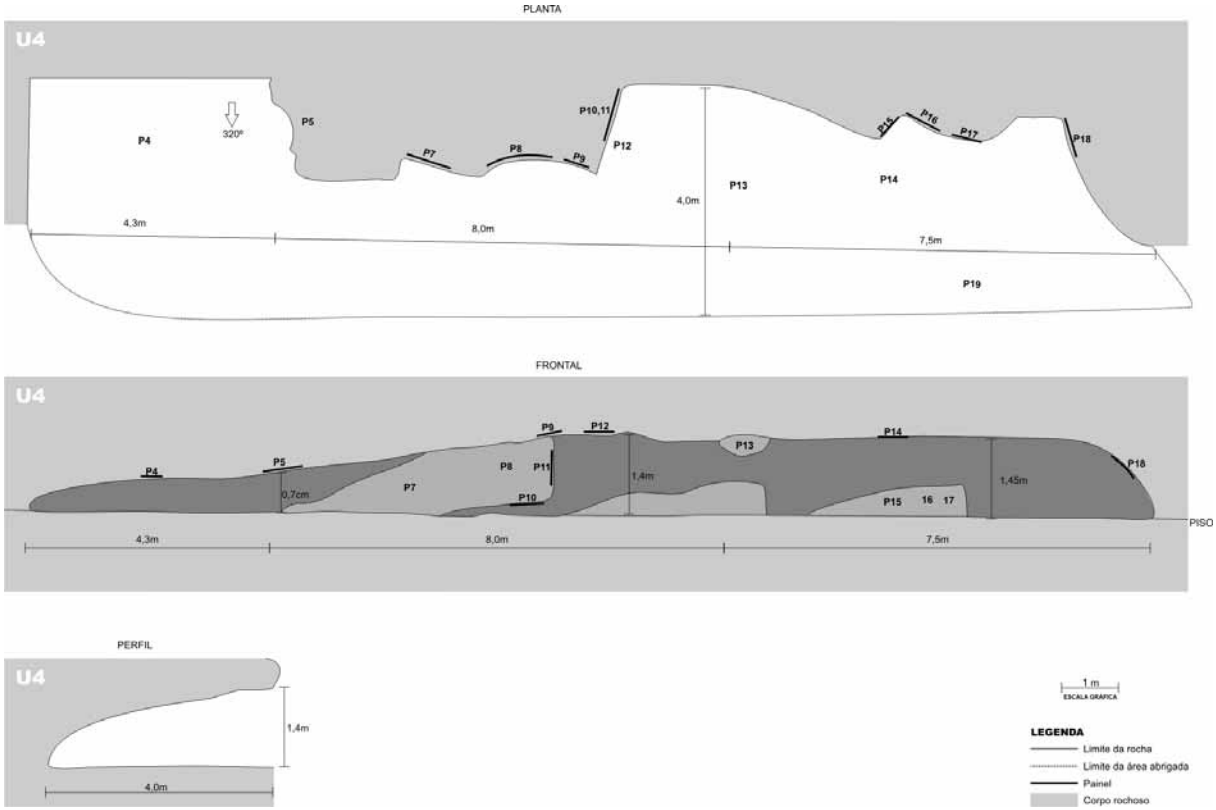
POSSIBILIDADE DE ESCAVAÇÃO	SIM	X	NÃO	

RESPONSÁVEL PELO REGISTRO	EQUIPE PRESENTE EM CAMPO
CARLOS COSTA	CARLOS COSTA, MURILO ARAÚJO, LEANDRO MAX E PEDRO DOS SANTOS

OBSERVAÇÕES
O SÍTIO TEM 20M DE COMPRIMENTO, 1,4M DE ALTURA E 4M DE PROFUNDIDADE. DISPÕE DE 18 PAINÉIS.



CROQUI 26: Sítio Olhos D'água I, unidades 1, 2 e 3. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.



CROQUI 27: Sítio Olhos D'água I, unidade 4. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.

REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA (BAHIA, BRASIL)
FICHA DE REGISTRO DE SÍTIOS COM REPRESENTAÇÕES RUPESTRES

IDENTIFICAÇÃO DO SÍTIO

NOME DO SÍTIO	OLHOS D'ÁGUA II				Nº REGISTRO	019		DATA REGISTRO	06/08/2010		
CADASTRO IPHAN	SIM	---	NÃO	X	Nº CADASTRO	---		ANO CADASTRO	---		
PESQUISADOR	CARLOS COSTA										
ESTADO	BA		MUNICÍPIO	JACOBINA		REGIÃO	PIEMONTE CD				
LOCALIDADE	---										
COORDENADAS GEOGRÁFICAS	ZONA	24L	E	0318013	N	8784098	ALT. (m)	673			
PROPRIEDADE	MUNICIPAL		ESTADUAL		FEDERAL		PARTICULAR	X			
INFORMANTE DA ÁREA	FLÁVIO MESQUITA PASSOS (MÉDICO EM JACOBINA)										
ENDEREÇO INFORMANTE	---										
TEL. INFORMANTE	---										
NOME DA PROPRIEDADE	FAZENDA OLHOS D'ÁGUA										
NOME PROPRIETÁRIO	---										
TEL. PROPRIETÁRIO	---										

CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ÁREA

CLIMA	SECO								ALT. (m)	673	
RELEVO	DOLINA	--	FUNDO DE VALE	--	CUME	--	MEIA ENCOSTA	--	MARGEM DE RIO	X	
OUTROS	---										
VEGETAÇÃO				PRIMÁRIA	--			SECUNDÁRIA	X		
	CAATINGA	---	CERRADO	X	OUTRA	---					
HIDROGRAFIA	RIO	X	RIACHO	---	CÓRREGO	---	LAGOA	---			
	NASCENTE	---	MINADOURO	---	OLHO D'ÁGUA	X	BREJO	---			

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO

	DESDE O SÍTIO		PARA O SÍTIO	
VISIBILIDADE DO SÍTIO	EXCELENTE	---	EXCELENTE	---
	BOA	---	BOA	---
	REGULAR	---	REGULAR	---
	ESCASSA	---	ESCASSA	---
	NULA	X	NULA	X

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO COM PAINÉIS

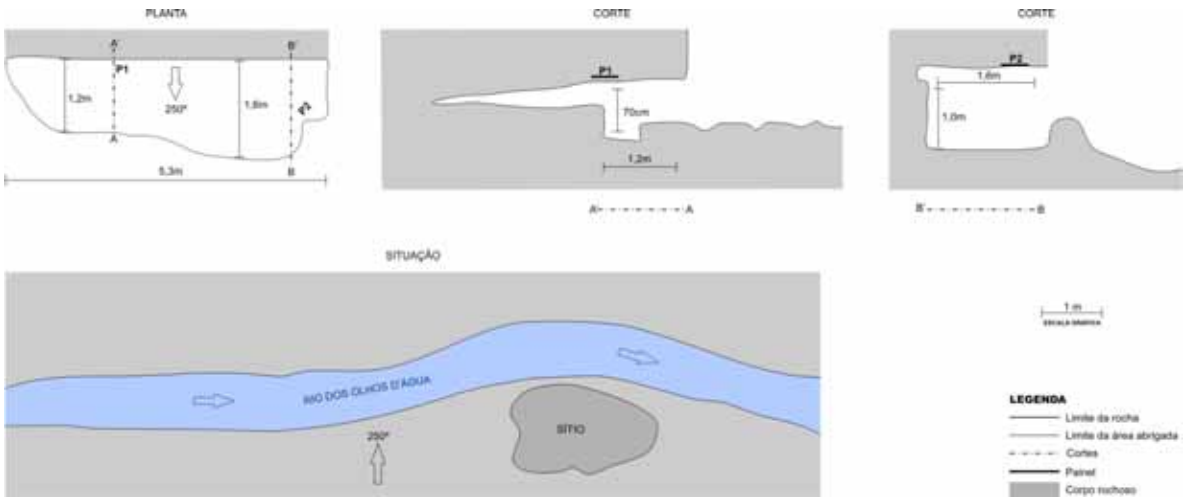
CLASSIFICAÇÃO DO SUPORTE ROCHOSO	ABRIGO	---	CAVERNA	---	PAREDE OU PAREDÃO	---
	LAPA	---	MATACÃO	---	LAJEDO	---
	GRUTA	X	LOCA	---	OUTROS	---
IDENTIFICAÇÃO GEOLÓGICA DO SUPORTE ROCHOSO	ARENITO	X	ARENITO SILICIFICADO	---	CALCÁRIO	---
	GRANITO	---	QUARTZO	---	QUARTZITO	---
	OUTROS	---				
IDENTIFICAÇÃO DO SOLO	ARENOSO	X	ARENO / ARGILOSO	---	HUMÍFERO	---
	ROCHOSO	X	TERRA ROXA	---	OUTROS	---

PRESERVAÇÃO

GRAU DE PRESERVAÇÃO	ÓTIMO	---	BOM	---	RUIM	X
EXPOSIÇÃO AGENTES NATURAIS	INSOLAÇÃO	---	CHUVA	---	VENTO	X
DETERIORAÇAO ANTRÓPICA	QUEIMADAS	---	MINERAÇÃO	---	PICHAÇÕES	---
	QUEBRA INTENCIONAL	--	FOGUEIRA	---	OUTROS	---

CARACTERÍSTICAS DAS REPRESENTAÇÕES																					
QTD PAINÉIS	2					TIPO DE REPRESENTAÇÃO		PINTURA	X			GRAVURA	---								
ORIENTAÇÃO (PONTOS CARDEAIS)																					
N	---	NE	---	E	---	SE	---	S	---	SO	---	O	250º	NO	---						
TÉCNICA APLICADA																					
DESENHO	---			PINTURA	X			RASPAGEM	---					PICOTAGEM	---						
INSTRUMENTOS UTILIZADOS																					
GRAVETO	---			GIZ	---			CARVÃO	---					PERCUTOR	---						
PINCEL FINO	---			PINCEL GROSSO	---			DEDO	X			OUTRO	---								
DIMENSÕES DO SUPORTE		VER CROQUIS						DIMENSÕES DOS PAINÉIS		---											
VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS																					
COMPLETA	---			PARCIAL	---			ESCASSA	---					NULA	X						
PIGMENTOS																					
MONOCROMÁTICO	V					BICROMÁTICO	----					POLICROMÁTICO	---								
MOTIVOS																					
ANTROPOMORFO	---			ZOOMORFO	---			FITOMORFO	---			GEOMÉTRICO	X			BORRÃO	---		
POSICIONAMENTO DOS GRAFISMOS NO ABRIGO																					
TETO	X					LAJEDO	---					PAREDE	---								
DIREÇAO DO GESTO NA AÇÃO DE PINTAR																					
DA ESQUERDA PARA A DIREITA	---					DA DIREITA PARA A ESQUERDA	---														
DE CIMA PARA BAIXO	---					DE BAIXO PARA CIMA	---														

PROPORÇÕES EM UM MESMO PAINEL E ENTRE PAINÉIS DIFERENTES																					
ORDEM TEMPORAL																					
ANTIGO	---					MÉDIO	---					RECENTE	X								
PREDOMINÂNCIA																					
ANTROPOMORFO	---			ZOOMORFO	---			FITOMORFO	---			GEOMÉTRICO	X			BORRÃO	---		
TIPOS DE REGISTRO DO SÍTIO																					
FOTOGRAFIA	X			CADERNO DE CAMPO	X			DESENHO	X					FICHA	X						
POSSIBILIDADE DE ESCAVAÇÃO								SIM	---					NÃO	X						
RESPONSÁVEL PELO REGISTRO								EQUIPE PRESENTE EM CAMPO													
CARLOS COSTA								CARLOS COSTA, GILCIMAR BARBOSA E PEDRO DOS SANTOS													
OBSERVAÇÕES																					
O SITIO TEM 5,3M DE COMPRIMENTO, 1,6M DE PROFUNDIDADE E 1M DE ALTURA.																					



CROQUI 28: Sítio Olhos D'água II. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.

REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA (BAHIA, BRASIL)
FICHA DE REGISTRO DE SÍTIOS COM REPRESENTAÇÕES RUPESTRES

IDENTIFICAÇÃO DO SÍTIO												
NOME DO SÍTIO	OLHOS D'ÁGUA III					Nº REGISTRO	020		DATA REGISTRO	06/08/2010		
CADASTRO IPHAN	SIM	---	NÃO	X		Nº CADASTRO	---		ANO CADASTRO	---		
PESQUISADOR	CARLOS COSTA											
ESTADO	BA		MUNICÍPIO	JACOBINA			REGIÃO	PIEMONTE CD				
LOCALIDADE	---											
COORDENADAS GEOGRÁFICAS	ZONA	24L	E	0318472		N	8783845		ALT. (m)	702		
PROPRIEDADE	MUNICIPAL		ESTADUAL		FEDERAL		PARTICULAR	X				
INFORMANTE DA ÁREA	PEDRO DOS SANTOS											
ENDEREÇO INFORMANTE	---											
TEL. INFORMANTE	---											
NOME DA PROPRIEDADE	FAZENDA OLHOS D'ÁGUA											
NOME PROPRIETÁRIO	---											
TEL. PROPRIETÁRIO	---											

CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ÁREA												
CLIMA	SECO										ALT. (m)	702
RELEVO	DOLINA	--	FUNDO DE VALE	---	CUME	---	MEIA ENCOSTA	---	MARGEM DE RIO	X		
OUTROS	--											
VEGETAÇÃO	PRIMÁRIA	X	SECUNDÁRIA	---								
	CAATINGA	---	CERRADO	X	OUTRA	---						
HIDROGRAFIA	RIO	OLHOS D'ÁGUA	RIACHO	---	CÓRREGO	---	LAGOA	---				
	NASCENTE	---	MINADOURO	---	OLHO D'ÁGUA	---	BREJO	---				

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO				
VISIBILIDADE DO SÍTIO	DESDE O SÍTIO		PARA O SÍTIO	
	EXCELENTE	---	EXCELENTE	---
	BOA	---	BOA	---
	REGULAR	---	REGULAR	---
	ESCASSA	X	ESCASSA	X
	NULA	---	NULA	---

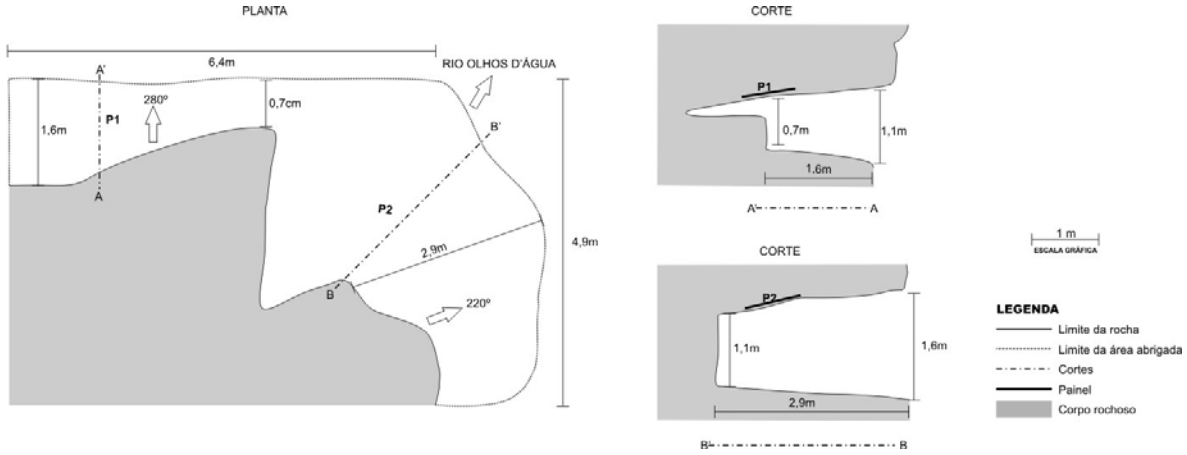
CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO COM PAINÉIS						
CLASSIFICAÇÃO DO SUPORTE ROCHOSO	ABRIGO	---	CAVERNA	---	PAREDE OU PAREDÃO	---
	LAPA	---	MATACÃO	---	LAJEDO	---
	GRUTA	X	LOCA	---	OUTROS	---
IDENTIFICAÇÃO GEOLÓGICA DO SUPORTE ROCHOSO	ARENITO	---	ARENITO SILICIFICADO	X	CALCÁRIO	---
	GRANITO	---	QUARTZO	---	QUARTZITO	---
	OUTROS	---				
IDENTIFICAÇÃO DO SOLO	ARENOSO	X	ARENO / ARGILOSO	---	HUMÍFERO	---
	ROCHOSO	---	TERRA ROXA	---	OUTROS	---

PRESERVAÇÃO						
GRAU DE PRESERVAÇÃO	ÓTIMO	---	BOM	---	RUIM	X
EXPOSIÇÃO AGENTES NATURAIS	INSOLAÇÃO	---	CHUVA	---	VENTO	---
	QUEIMADAS	---	MINERAÇÃO	---	PICHAÇÕES	---

	QUEBRA INTENCIONAL	---	FOGUEIRA	X	OUTROS	MUSGO, LIMO E UMIDADE

CARACTERÍSTICAS DAS REPRESENTAÇÕES														
QTD PAINÉIS	2	TIPO DE REPRESENTAÇÃO		PINTURA	X	GRAVURA	---							
ORIENTAÇÃO (PONTOS CARDEAIS)														
N	---	NE	---	E	---	SE	---	S	---	SO	250º	O	---	NO	---
TÉCNICA APLICADA														
DESENHO	---	PINTURA	X	RASPAGEM	---	PICOTAGEM	---							
INSTRUMENTOS UTILIZADOS														
GRAVETO	---	GIZ	---	CARVÃO	---	PERCUTOR	---							
PINCEL FINO	---	PINCEL GROSSO	---	DEDO	X	OUTRO	---							
DIMENSÕES DO SUPORTE	VER CROQUIS	DIMENSÕES DOS PAINÉIS	---											
VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS														
COMPLETA	--	PARCIAL	---	ESCASSA	X	NULA	---							
PIGMENTOS														
MONOCROMÁTICO	V	BICROMÁTICO	---	POLICROMÁTICO	--									
MOTIVOS														
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	X	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---					
POSICIONAMENTO DOS GRAFISMOS NO ABRIGO														
TETO	X	LAJEDO	---	PAREDE	---									
DIREÇAO DO GESTO NA AÇÃO DE PINTAR														
DA ESQUERDA PARA A DIREITA	---	DA DIREITA PARA A ESQUERDA	---											
DE CIMA PARA BAIXO	---	DE BAIXO PARA CIMA	---											

PROPORÇÕES EM UM MESMO PAINEL E ENTRE PAINÉIS DIFERENTES									
ORDEM TEMPORAL									
ANTIGO	---	MÉDIO	---	RECENTE	X				
PREDOMINÂNCIA									
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---
TIPOS DE REGISTRO DO SÍTIO									
FOTOGRAFIA	X	CADERNO DE CAMPO	X	DESENHO	X	FICHA	X		
POSSIBILIDADE DE ESCAVAÇÃO				SIM	X	NÃO			
RESPONSÁVEL PELO REGISTRO				EQUIPE PRESENTE EM CAMPO					
CARLOS COSTA				CARLOS COSTA, GILCIMAR BARBOSA E PEDRO DOS SANTOS					
OBSERVAÇÕES									
O SÍTIO TEM 11M DE COMPRIMENTO, 2,9M DE PROFUNDIDADE E 1,6M DE ALTURA.									



CROQUI 29: Sítio Olhos D'água III. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.

REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA (BAHIA, BRASIL)
FICHA DE REGISTRO DE SÍTIOS COM REPRESENTAÇÕES RUPESTRES

IDENTIFICAÇÃO DO SÍTIO												
NOME DO SÍTIO	OLHOS D'ÁGUA IV					Nº REGISTRO	021		DATA REGISTRO	06/08/2010		
CADASTRO IPHAN	SIM	---	NÃO	X		Nº CADASTRO	---		ANO CADASTRO	---		
PESQUISADOR	CARLOS COSTA											
ESTADO	BA		MUNICÍPIO	JACOBINA			REGIÃO	PIEMONTE CD				
LOCALIDADE	---											
COORDENADAS GEOGRÁFICAS	ZONA	24L	E	0319148		N	8783683		ALT. (m)	806		
PROPRIEDADE	MUNICIPAL		ESTADUAL			FEDERAL			PARTICULAR	X		
INFORMANTE DA ÁREA	PEDRO DOS SANTOS											
ENDEREÇO INFORMANTE	---											
TEL. INFORMANTE	---											
NOME DA PROPRIEDADE	FAZENDA OLHOS D'ÁGUA											
NOME PROPRIETÁRIO	---											
TEL. PROPRIETÁRIO	---											

CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ÁREA												
CLIMA	SECO										ALT. (m)	806
RELEVO	DOLINA	--	FUNDO DE VALE	---	CUME	---	MEIA ENCOSTA	X	MARGEM DE RIO	--		
OUTROS	--											
VEGETAÇÃO				PRIMÁRIA	X				SECUNDÁRIA	--		
	CAATINGA	---	CERRADO	X	OUTRA	---						
HIDROGRAFIA	RIO	OLHOS D'ÁGUA	RIACHO	---	CÓRREGO	---	LAGOA	--				
	NASCENTE	---	MINADOURO	---	OLHO D'ÁGUA	---	BREJO	--				

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO				
VISIBILIDADE DO SÍTIO	DESDE O SÍTIO		PARA O SÍTIO	
	EXCELENTE	---	EXCELENTE	---
	BOA	---	BOA	---
	REGULAR	X	REGULAR	X
	ESCASSA	---	ESCASSA	---
	NULA	---	NULA	---

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO COM PAINÉIS						
CLASSIFICAÇÃO DO SUPORTE ROCHOSO	ABRIGO	---	CAVERNA	---	PAREDE OU PAREDÃO	---
	LAPA	X	MATACÃO	---	LAJEDO	---
	GRUTA	---	LOCA	---	OUTROS	---
IDENTIFICAÇÃO GEOLÓGICA DO SUPORTE ROCHOSO	ARENITO	---	ARENITO SILICIFICADO	X	CALCÁRIO	----
	GRANITO	---	QUARTZO	--	QUARTZITO	----
	OUTROS	---				
IDENTIFICAÇÃO DO SOLO	ARENOSO	X	ARENO / ARGILOSO	---	HUMÍFERO	---
	ROCHOSO	--	TERRA ROXA	---	OUTROS	----

PRESERVAÇÃO						
GRAU DE PRESERVAÇÃO	ÓTIMO	---	BOM	---	RUIM	X
EXPOSIÇÃO AGENTES NATURAIS	INSOLAÇÃO	---	CHUVA	---	VENTO	---
	QUEIMADAS	---	MINERAÇÃO	---	PICHAÇÕES	---

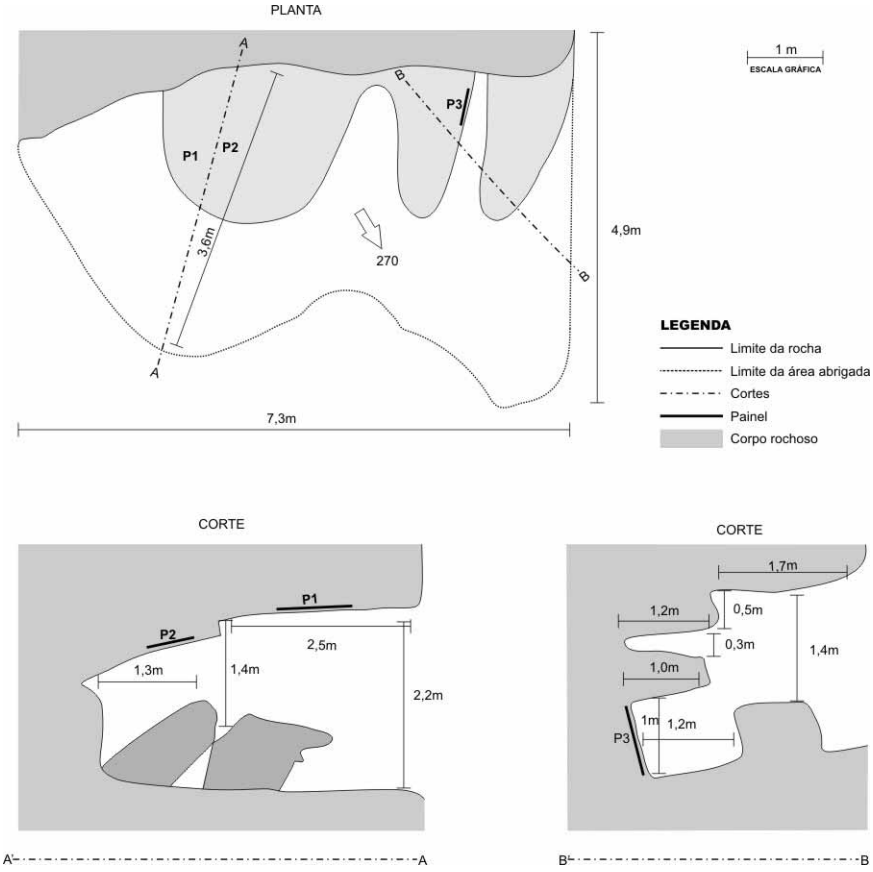
	QUEBRA INTENCIONAL	---	FOGUEIRA	---	OUTROS	UMIDADE

CARACTERÍSTICAS DAS REPRESENTAÇÕES																				
QTD PAINÉIS	3	TIPO DE REPRESENTAÇÃO		PINTURA	X	GRAVURA	---													
ORIENTAÇÃO (PONTOS CARDEAIS)																				
N	---	NE	---	E	---	SE	---	S	---	SO	---	O	270º	NO	---					
TÉCNICA APLICADA																				
DESENHO	---	PINTURA	X	RASPAGEM	---	PICOTAGEM	---													
INSTRUMENTOS UTILIZADOS																				
GRAVETO	---	GIZ	---	CARVÃO	---	PERCUTOR	---													
PINCEL FINO	---	PINCEL GROSSO	---	DEDO	X	OUTRO	---													
DIMENSÕES DO SUPORTE	VER CROQUIS			DIMENSÕES DOS PAINÉIS	---															
VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS																				
COMPLETA	---	PARCIAL	X	ESCASSA	---	NULA	---													
PIGMENTOS																				
MONOCROMÁTICO	V	BICROMÁTICO	---	POLICROMÁTICO	---															
MOTIVOS																				
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	X	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---											
POSICIONAMENTO DOS GRAFISMOS NO ABRIGO																				
TETO	X	LAJEDO	-	PAREDE	X															
DIREÇAO DO GESTO NA AÇÃO DE PINTAR																				
DA ESQUERDA PARA A DIREITA	---	DA DIREITA PARA A ESQUERDA	---																	
DE CIMA PARA BAIXO	---	DE BAIXO PARA CIMA	---																	

PROPORÇÕES EM UM MESMO PAINEL E ENTRE PAINÉIS DIFERENTES																				
ORDEM TEMPORAL																				
ANTIGO	---	MÉDIO	---	RECENTE	X															
PREDOMINÂNCIA																				
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---											
TIPOS DE REGISTRO DO SÍTIO																				
FOTOGRAFIA	X	CADERNO DE CAMPO	X	DESENHO	X	FICHA	X													
POSSIBILIDADE DE ESCAVAÇÃO				SIM	---	NÃO	X													

RESPONSÁVEL PELO REGISTRO	EQUIPE PRESENTE EM CAMPO
CARLOS COSTA	CARLOS COSTA, GILCIMAR BARBOSA E PEDRO DOS SANTOS

OBSERVAÇÕES
O SÍTIO TEM 7,3M DE COMPRIMENTO, 2M DE ALTURA E 4,9M DE PROFUNDIDADE.



CROQUI 30: Sítio Olhos D'água IV. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.

REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA (BAHIA, BRASIL)
FICHA DE REGISTRO DE SÍTIOS COM REPRESENTAÇÕES RUPESTRES

IDENTIFICAÇÃO DO SÍTIO

NOME DO SÍTIO	PÉ DE SERRA				Nº REGISTRO	022		DATA REGISTRO	13/02/2009		
CADASTRO IPHAN	SIM	---	NÃO	X	Nº CADASTRO	---		ANO CADASTRO	2009		
PESQUISADOR	CARLOS COSTA										
ESTADO	BA		MUNICÍPIO		JACOBINA		REGIÃO		PIEMONTE DA CD		
LOCALIDADE	---										
COORDENADAS GEOGRÁFICAS	ZONA	24L	E	323797		N	8783882		ALT. (m)	906	
PROPRIEDADE	MUNICIPAL	---	ESTADUAL	---		FEDERAL	---		PARTICULAR	X	
INFORMANTE DA ÁREA	PAULO AUGUSTO DE JESUS										
ENDEREÇO INFORMANTE	PÉ DE SERRA										
TEL. INFORMANTE	---										
NOME DA PROPRIEDADE	---										
NOME PROPRIETÁRIO	ANTÔNIO SIFRÔNIO										
TEL. PROPRIETÁRIO	---										

CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ÁREA

CLIMA	SECO									ALT. (m)	906	
RELEVO	DOLINA	---	FUNDO DE VALE	---	CUME	---	MEIA ENCOSTA	---	MARGEM DE RIO	---		
OUTROS	PÉ DE SERRA											

VEGETAÇÃO	PRIMÁRIA				SECUNDÁRIA	X
	CAATINGA	---	CERRADO	---	OUTRA	TRANSIÇÃO CERRADO / CAATINGA

HIDROGRAFIA	RIO	---	RIACHO	X	CÓRREGO	---	LAGOA	---
	NASCENTE	---	MINADOURO	---	OLHO D'ÁGUA	---	BREJO	---

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO

	DESDE O SÍTIO		PARA O SÍTIO	
VISIBILIDADE DO SÍTIO	EXCELENTE	---	EXCELENTE	---
	BOA	---	BOA	---
	REGULAR	---	REGULAR	---
	ESCASSA	X	ESCASSA	X
	NULA	---	NULA	---

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO COM PAINÉIS

CLASSIFICAÇÃO DO SUPORTE ROCHOSO	ABRIGO	X	CAVERNA	---	PAREDE OU PAREDÃO	---
	LAPA	---	MATACÃO	---	LAJEDO	---
	GRUTA	---	LOCA	---	OUTROS	---
IDENTIFICAÇÃO GEOLÓGICA DO SUPORTE ROCHOSO	ARENITO	X	ARENITO SILICIFICADO	---	CALCÁRIO	---
	GRANITO	---	QUARTZO	---	QUARTZITO	---
	OUTROS	---				
IDENTIFICAÇÃO DO SOLO	ARENOSO	X	ARENO / ARGILOSO	---	HUMÍFERO	---
	ROCHOSO	---	TERRA ROXA	---	OUTROS	---

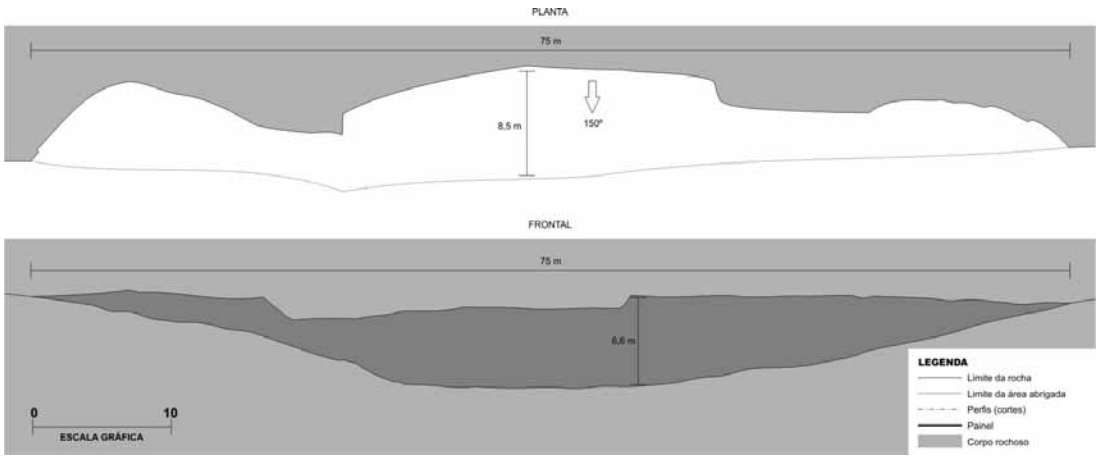
PRESERVAÇÃO

GRAU DE PRESERVAÇÃO	ÓTIMO	---	BOM	---	RUIM	X
EXPOSIÇÃO AGENTES NATURAIS	INSOLAÇÃO	---	CHUVA	---	VENTO	X
	QUEIMADAS	---	MINERAÇÃO	---	PICHAÇÕES	---

	QUEBRA INTENCIONAL	---	FOGUEIRA	---	OUTROS	LIQUENS E LIXO	

CARACTERÍSTICAS DAS REPRESENTAÇÕES															
QTD PAINÉIS	57			TIPO DE REPRESENTAÇÃO		PINTURA	X	GRAVURA	---						
ORIENTAÇÃO (PONTOS CARDEAIS)															
N	---	NE	---	E	---	SE	150º	S	---	SO	---	O	---	NO	---
TÉCNICA APLICADA															
DESENHO	X	PINTURA	X	RASPAGEM	---	PICOTAGEM	---								
INSTRUMENTOS UTILIZADOS															
GRAVETO	---	GIZ	X	CARVÃO	X	PERCUTOR	---								
PINCEL FINO	X	PINCEL GROSSO	---	DEDO	X	OUTRO	---								
DIMENSÕES DO SUPORTE	VER CROQUIS			DIMENSÕES DOS PAINÉIS	---										
VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS															
COMPLETA	---	PARCIAL	---	ESCASSA	X	NULA	---								
PIGMENTOS															
MONOCROMÁTICO	---	BICROMÁTICO	---	POLICROMÁTICO	V A P B										
MOTIVOS															
ANTROPOMORFO	X	ZOOMORFO	X	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	X						
POSICIONAMENTO DOS GRAFISMOS NO ABRIGO															
TETO	X	LAJEDO	---	PAREDE	X										
DIREÇAO DO GESTO NA AÇÃO DE PINTAR															
DA ESQUERDA PARA A DIREITA	---	DA DIREITA PARA A ESQUERDA	---												
DE CIMA PARA BAIXO	---	DE BAIXO PARA CIMA	---												

PROPORÇÕES EM UM MESMO PAINEL E ENTRE PAINÉIS DIFERENTES									
ORDEM TEMPORAL									
ANTIGO	---	MÉDIO	---	RECENTE	---				
PREDOMINÂNCIA									
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---
TIPOS DE REGISTRO DO SÍTIO									
FOTOGRAFIA	X	CADERNO DE CAMPO	X	DESENHO	X	FICHA	X		
POSSIBILIDADE DE ESCAVAÇÃO				SIM	X	NÃO	---		
RESPONSÁVEL PELO REGISTRO				EQUIPE PRESENTE EM CAMPO					
CARLOS COSTA				CARLOS COSTA, GILCIMAR BARBOSA E PEDRO DOS SANTOS					
OBSERVAÇÕES									
TRATA-SE DE UM ABRIGO COM 75 M DE COMPRIMENTOS, 6,6 M DE ALTURA.									



CROQUI 31: Sítio Pé de Serra. Croqui e reprodução digital Carlos Costa.

REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA (BAHIA, BRASIL)
FICHA DE REGISTRO DE SÍTIOS COM REPRESENTAÇÕES RUPESTRES

IDENTIFICAÇÃO DO SÍTIO												
NOME DO SÍTIO	PEDRA PINTADA				Nº REGISTRO	023		DATA REGISTRO	23/02/2009			
CADASTRO IPHAN	SIM	---	NÃO	X	Nº CADASTRO	---		ANO CADASTRO	---			
PESQUISADOR	CARLOS COSTA											
ESTADO	BA		MUNICÍPIO		JACOBINA			REGIÃO	PIEMONTE CD			
LOCALIDADE	---											
COORDENADAS GEOGRÁFICAS	ZONA	24L	E	INÍCIO: 0269050 MEIO: 0268977 FIM: 268914	N	INÍCIO: 8819546 MEIO: 8819552 FIM 8819492		ALT. (m)	I: 649 M: 676 F: 693			
PROPRIEDADE	MUNICIPAL	---	ESTADUAL	---	FEDERAL	---	PARTICULAR	X				
INFORMANTE DA ÁREA	---											
ENDEREÇO INFORMANTE	---											
TEL. INFORMANTE	---											
NOME DA PROPRIEDADE	---											
NOME PROPRIETÁRIO	---											
TEL. PROPRIETÁRIO	---											

CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ÁREA												
CLIMA	SECO								ALT. (m)	I: 649 M: 676 F: 693		
RELEVO	DOLINA	--	FUNDO DE VALE	X	CUME	---	MEIA ENCOSTA	--	MARGEM DE RIO	--		
OUTROS	BREJO											
VEGETAÇÃO	PRIMÁRIA	---	SECUNDÁRIA	X								
	CAATINGA	X	CERRADO	---	OUTRA	---						
HIDROGRAFIA	RIO	---	RIACHO	---	CÓRREGO	---	LAGOA	---				
	NASCENTE	---	MINADOURO	---	OLHO D'ÁGUA	---	BREJO	---				

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO				
VISIBILIDADE DO SÍTIO	DESDE O SÍTIO		PARA O SÍTIO	
	EXCELENTE	---	EXCELENTE	---
	BOA	---	BOA	X
	REGULAR	---	REGULAR	---
	ESCASSA	X	ESCASSA	---
	NULA	---	NULA	---

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO COM PAINÉIS						
CLASSIFICAÇÃO DO SUPORTE ROCHOSO	ABRIGO	---	CAVERNA	---	PAREDE OU PAREDÃO	X
	LAPA	---	MATACÃO	---	LAJEDO	---
	GRUTA	---	LOCA	---	OUTROS	BOQUEIRÃO
IDENTIFICAÇÃO GEOLÓGICA DO SUPORTE ROCHOSO	ARENITO	---	ARENITO SILICIFICADO	X	CALCÁRIO	---
	GRANITO	---	QUARTZO	---	QUARTZITO	---
	OUTROS	---				
IDENTIFICAÇÃO DO SOLO	ARENOSO	---	ARENO / ARGILOSO	X	HUMÍFERO	---
	ROCHOSO	---	TERRA ROXA	---	OUTROS	---

‘’

PRESERVAÇÃO						
GRAU DE PRESERVAÇÃO	ÓTIMO	---	BOM	X	RUIM	---

EXPOSIÇÃO AGENTES NATURAIS	INSOLAÇÃO	X	CHUVA	X	VENTO	X	
DETERIORAÇAO ANTRÓPICA	QUEIMADAS	X	MINERAÇÃO	X	PICHAÇÕES	X	
	QUEBRA INTENCIONAL	X	FOGUEIRA	X	OUTROS	X	

CARACTERÍSTICAS DAS REPRESENTAÇÕES

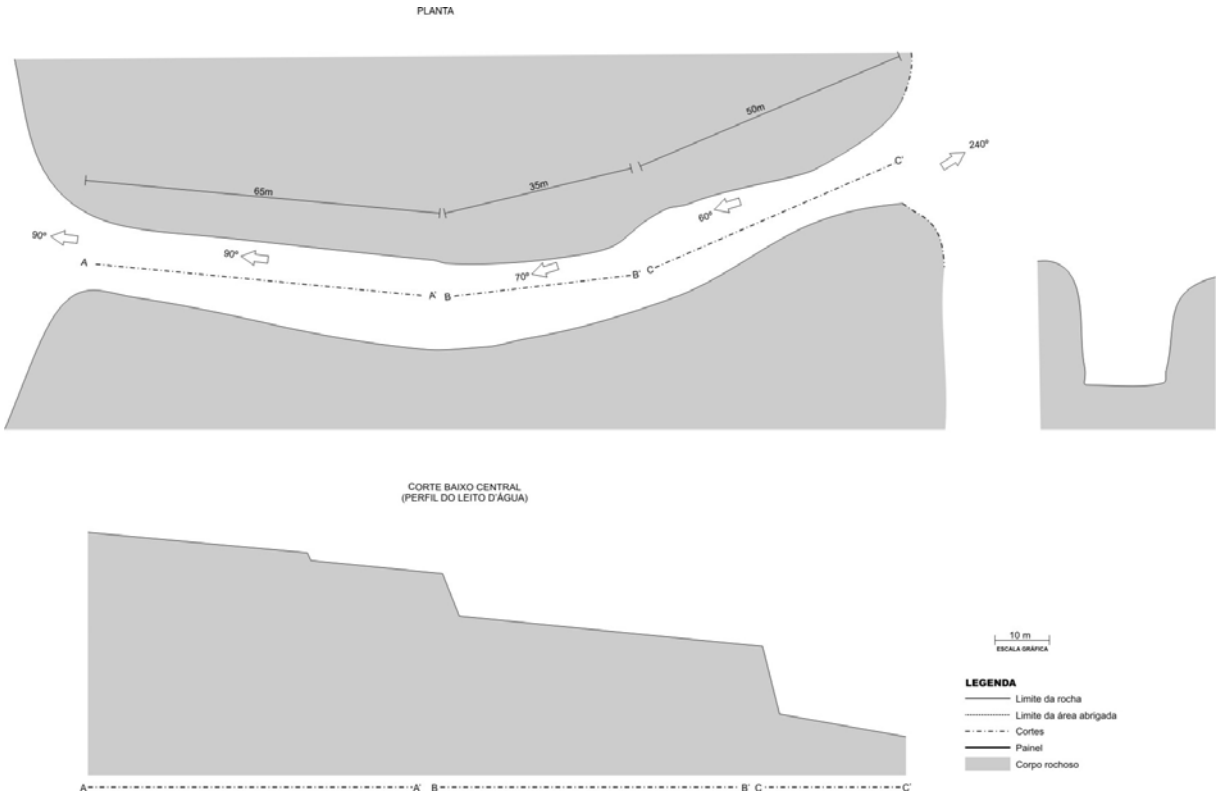
QTD PAINÉIS	---	TIPO DE REPRESENTAÇÃO		PINTURA	X	GRAVURA	---								
ORIENTAÇÃO (PONTOS CARDEAIS)															
N	---	NE	---	E	I 90º	SE	---	S	---	SO	---	O	F 240º	NO	---
TÉCNICA APLICADA															
DESENHO	X	PINTURA	X	RASPAGEM	---	PICOTAGEM	---								
INSTRUMENTOS UTILIZADOS															
GRAVETO	---	GIZ	X	CARVÃO	---	PERCUTOR	---								
PINCEL FINO	---	PINCEL GROSSO	---	DEDO	X	OUTRO	MÃO								
DIMENSÕES DO SUPORTE	VER CROQUIS			DIMENSÕES DOS PAINÉIS	---										
VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS															
COMPLETA	X	PARCIAL	X	ESCASSA	X	NULA	---								
PIGMENTOS															
MONOCROMÁTICO	---	BICROMÁTICO	V A	POLICROMÁTICO	---										
MOTIVOS															
ANTROPOMORFO	X	ZOOMORFO	X	FITOMORFO	X	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	X						
POSICIONAMENTO DOS GRAFISMOS NO ABRIGO															
TETO	X	LAJEDO	---	PAREDE	X										
DIREÇAO DO GESTO NA AÇÃO DE PINTAR															
DA ESQUERDA PARA A DIREITA	---	DA DIREITA PARA A ESQUERDA	---												
DE CIMA PARA BAIXO	---	DE BAIXO PARA CIMA	---												

PROPORÇÕES EM UM MESMO PAINEL E ENTRE PAINÉIS DIFERENTES

ORDEM TEMPORAL															
ANTIGO	---	MÉDIO	---	RECENTE	---										
PREDOMINÂNCIA															
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---						
TIPOS DE REGISTRO DO SÍTIO															
FOTOGRAFIA	X	CADERNO DE CAMPO	X	DESENHO	X	FICHA	X								
POSSIBILIDADE DE ESCAVAÇÃO				SIM		NÃO	X								

RESPONSÁVEL PELO REGISTRO	EQUIPE PRESENTE EM CAMPO
CARLOS COSTA E GILCIMAR BARBOSA	CARLOS COSTA, GILCIMAR BARBOSA, PEDR4O DOS SANTOS E KLEBER

OBSERVAÇÕES
O BOQUEIRÃO TE 150M DE COMPRIMENTO E SEU TRECHO MAIS LARGO TEM 16M.



CROQUI 32: Sítio Pedra Pintada. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.

REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA (BAHIA, BRASIL)
FICHA DE REGISTRO DE SÍTIOS COM REPRESENTAÇÕES RUPESTRES

IDENTIFICAÇÃO DO SÍTIO											
NOME DO SÍTIO	PILÕES OU BARRIGUDA				Nº REGISTRO	024		DATA REGISTRO	20/02/2009		
CADASTRO IPHAN	SIM	---	NÃO	X	Nº CADASTRO	---		ANO CADASTRO	---		
PESQUISADOR	CARLOS CORTA										
ESTADO	BA		MUNICÍPIO	JACOBINA			REGIÃO	PIEMONTE CD			
LOCALIDADE	---										
COORDENADAS GEOGRÁFICAS	ZONA	24L	E	0330293		N	8776094		ALT. (m)	524	
PROPRIEDADE	MUNICIPAL	---	ESTADUAL	---	FEDERAL	---	PARTICULAR	X			
INFORMANTE DA ÁREA	---										
ENDEREÇO INFORMANTE	---										
TEL. INFORMANTE	---										
NOME DA PROPRIEDADE	---										
NOME PROPRIETÁRIO	---										
TEL. PROPRIETÁRIO	---										

CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ÁREA												
CLIMA	SECO									ALT. (m)	524	
RELEVO	DOLINA	--	FUNDO DE VALE	X	CUME	---	MEIA ENCOSTA	---	MARGEM DE RIO	--		
OUTROS	MEIO DO RIO DA FRAÍS											
VEGETAÇÃO	PRIMÁRIA	---					SECUNDÁRIA	X				
	CAATINGA	---	CERRADO	---	OUTRA	TRANSIÇÃO CERRADO / CAATINGA						
HIDROGRAFIA	RIO	X	RIACHO	---	CÓRREGO	---	LAGOA	---				
	NASCENTE	----	MINADOURO	----	OLHO D'ÁGUA	----	BREJO	----				

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO				
VISIBILIDADE DO SÍTIO	DESDE O SÍTIO		PARA O SÍTIO	
	EXCELENTE	---	EXCELENTE	---
	BOA	X	BOA	X
	REGULAR	---	REGULAR	---
	ESCASSA	---	ESCASSA	---
	NULA	---	NULA	---

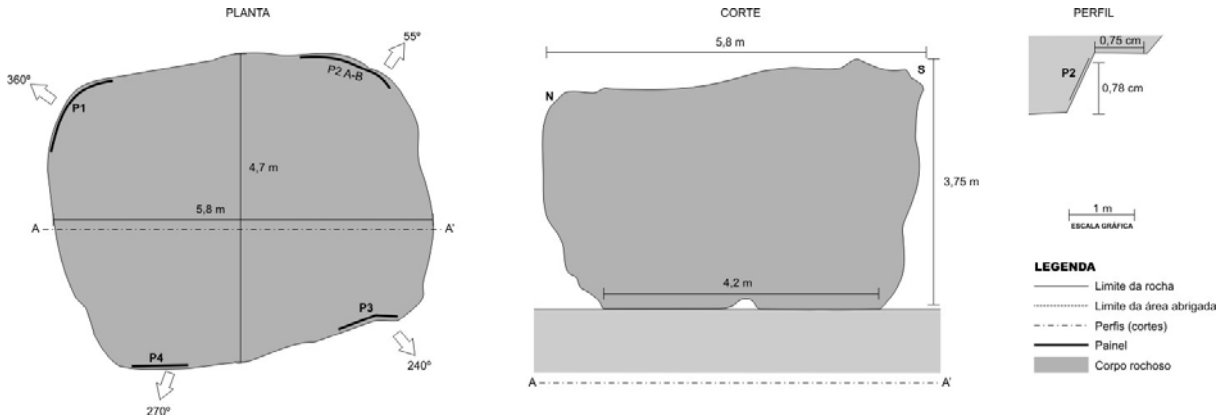
CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO COM PAINÉIS						
CLASSIFICAÇÃO DO SUPORTE ROCHOSO	ABRIGO	---	CAVERNA	---	PAREDE OU PAREDÃO	---
	LAPA	---	MATACÃO	X	LAJEDO	---
	GRUTA	---	LOCA	---	OUTROS	---
IDENTIFICAÇÃO GEOLÓGICA DO SUPORTE ROCHOSO	ARENITO	---	ARENITO SILICIFICADO	---	CALCÁRIO	---
	GRANITO	X	QUARTZO	---	QUARTZITO	---
	OUTROS	---				
IDENTIFICAÇÃO DO SOLO	ARENOSO	---	ARENO / ARGILOSO	---	HUMÍFERO	---
	ROCHOSO	X	TERRA ROXA	---	OUTROS	---

PRESERVAÇÃO						
GRAU DE PRESERVAÇÃO	ÓTIMO	---	BOM	---	RUIM	X
EXPOSIÇÃO AGENTES NATURAIS	INSOLAÇÃO	X	CHUVA	X	VENTO	X
	QUEIMADAS	---	MINERAÇÃO	---	PICHAÇÕES	---

	QUEBRA INTENCIONAL	---	FOGUEIRA	---	OUTROS	---	

CARACTERÍSTICAS DAS REPRESENTAÇÕES															
QTD PAINÉIS	4	TIPO DE REPRESENTAÇÃO		PINTURA	X	GRAVURA	---								
ORIENTAÇÃO (PONTOS CARDEAIS)															
N	360º	NE	55º	E	---	SE	---	S	---	SO	240º	O	270º	NO	---
TÉCNICA APLICADA															
DESENHO	---	PINTURA	X	RASPAGEM	---	PICOTAGEM	---								
INSTRUMENTOS UTILIZADOS															
GRAVETO	---	GIZ	---	CARVÃO	---	PERCUTOR	---								
PINCEL FINO	---	PINCEL GROSSO	---	DEDO	X	OUTRO	---								
DIMENSÕES DO SUPORTE	VER CROQUIS	DIMENSÕES DOS PAINÉIS	---												
VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS															
COMPLETA	X	PARCIAL	---	ESCASSA	---	NULA	---								
PIGMENTOS															
MONOCROMÁTICO	V	BICROMÁTICO	---	POLICROMÁTICO	---										
MOTIVOS															
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	X						
POSICIONAMENTO DOS GRAFISMOS NO ABRIGO															
TETO	---	LAJEDO	---	PAREDE	X										
DIREÇAO DO GESTO NA AÇÃO DE PINTAR															
DA ESQUERDA PARA A DIREITA	---	DA DIREITA PARA A ESQUERDA	---												
DE CIMA PARA BAIXO	---	DE BAIXO PARA CIMA	---												

PROPORÇÕES EM UM MESMO PAINEL E ENTRE PAINÉIS DIFERENTES															
ORDEM TEMPORAL															
ANTIGO	---	MÉDIO	---	RECENTE	---										
PREDOMINÂNCIA															
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---						
TIPOS DE REGISTRO DO SÍTIO															
FOTOGRAFIA	X	CADERNO DE CAMPO	X	DESENHO	X	FICHA	X								
POSSIBILIDADE DE ESCAVAÇÃO				SIM	---	NÃO	X								
RESPONSÁVEL PELO REGISTRO				EQUIPE PRESENTE EM CAMPO											
CARLOS COSTA E GILCIMAR BARBOSA				CARLOS COSTA, GILCIMAR BARBOSA E PEDRO DOS SANTOS											
OBSERVAÇÕES															
NO SENTIDO NORTE – SUL O MATACÃO MEDE 5,8M. NO SENTIDO LESTE – OESTE MEDE 4,7M. SUA ALTURA É DE 3,7 M. ESTE DISPÕE DE 4 PAINÉIS: 1º 1,30M X 70 CM; 2º 1,80M X 78 CM; 3º 2,70 M X 2,20 CM; E 4º 1,80 M X 1,50 CM.															



CROQUI 33: Sítio Pilões. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.

REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA (BAHIA, BRASIL)
FICHA DE REGISTRO DE SÍTIOS COM REPRESENTAÇÕES RUPESTRES

IDENTIFICAÇÃO DO SÍTIO

NOME DO SÍTIO	RIO DOS ALVES				Nº REGISTRO	025		DATA REGISTRO	06/08/2010		
CADASTRO IPHAN	SIM	---	NÃO	X	Nº CADASTRO	---		ANO CADASTRO	---		
PESQUISADOR	CARLOS COSTA										
ESTADO	BA		MUNICÍPIO	JACOBINA			REGIÃO	PEIEMONTE CD			
LOCALIDADE	---										
COORDENADAS GEOGRÁFICAS	ZONA	24L	E	0336288		N	8773516		ALT. (m)	579	
PROPRIEDADE	MUNICIPAL	X	ESTADUAL	---		FEDERAL	---		PARTICULAR	---	
INFORMANTE DA ÁREA	---										
ENDEREÇO INFORMANTE	---										
TEL. INFORMANTE	---										
NOME DA PROPRIEDADE	RIACHO DOS ALVES										
NOME PROPRIETÁRIO	---										
TEL. PROPRIETÁRIO	---										

CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ÁREA

CLIMA	SECO									ALT. (m)	579	
RELEVO	DOLINA	--	FUNDO DE VALE	--	CUME	--	MEIA ENCOSTA	--	MARGEM DE RIO	X		
OUTROS	---											
VEGETAÇÃO	PRIMÁRIA	X			SECUNDÁRIA	---						
	CAATINGA	---	CERRADO	---	OUTRA	TRANSIÇÃO CERRADO / CAATINGA						
HIDROGRAFIA	RIO	---	RIACHO	X	CÓRREGO	---	LAGOA	---				
	NASCENTE	---	MINADOURO	---	OLHO D'ÁGUA	---	BREJO	---				

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO

	DESDE O SÍTIO		PARA O SÍTIO	
VISIBILIDADE DO SÍTIO	EXCELENTE	---	EXCELENTE	---
	BOA	---	BOA	---
	REGULAR	---	REGULAR	X
	ESCASSA	X	ESCASSA	---
	NULA	---	NULA	---

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO COM PAINÉIS

CLASSIFICAÇÃO DO SUPORTE ROCHOSO	ABRIGO	---	CAVERNA	---	PAREDE OU PAREDÃO	X
	LAPA	---	MATACÃO	---	LAJEDO	---
	GRUTA	---	LOCA	---	OUTROS	---
IDENTIFICAÇÃO GEOLÓGICA DO SUPORTE ROCHOSO	ARENITO	---	ARENITO SILICIFICADO	---	CALCÁRIO	---
	GRANITO	---	QUARTZO	---	QUARTZITO	X
	OUTROS	---				
IDENTIFICAÇÃO DO SOLO	ARENOSO	X	ARENO / ARGILOSO	---	HUMÍFERO	---
	ROCHOSO	---	TERRA ROXA	---	OUTROS	---

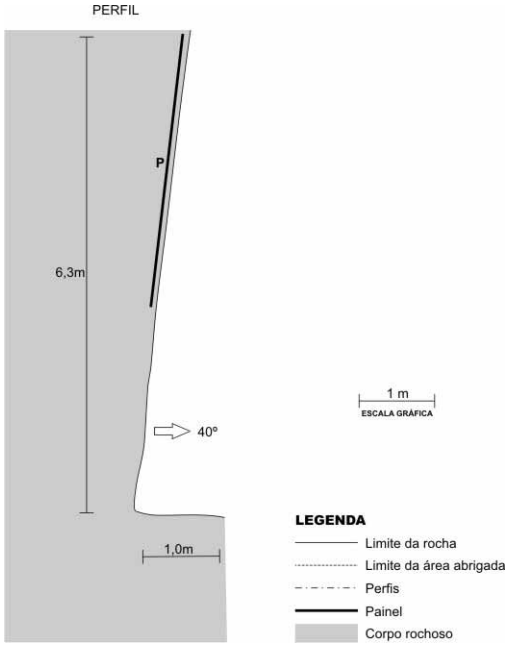
PRESERVAÇÃO

GRAU DE PRESERVAÇÃO	ÓTIMO	---	BOM	---	RUIM	X
EXPOSIÇÃO AGENTES NATURAIS	INSOLAÇÃO	X	CHUVA	X	VENTO	X
	QUEIMADAS	---	MINERAÇÃO	---	PICHAÇÕES	---

	QUEBRA INTENCIONAL	---	FOGUEIRA	---	OUTROS	---

CARACTERÍSTICAS DAS REPRESENTAÇÕES																				
QTD PAINÉIS	1	TIPO DE REPRESENTAÇÃO		PINTURA	X	GRAVURA	---													
ORIENTAÇÃO (PONTOS CARDEAIS)																				
N	---	NE	40º	E	---	SE	---	S	---	SO	---	O	---	NO	---					
TÉCNICA APLICADA																				
DESENHO	---	PINTURA	X	RASPAGEM	---	PICOTAGEM	---													
INSTRUMENTOS UTILIZADOS																				
GRAVETO	---	GIZ	---	CARVÃO	---	PERCUTOR	---													
PINCEL FINO	X	PINCEL GROSSO	---	DEDO	X	OUTRO	---													
DIMENSÕES DO SUPORTE	VER CROQUIS			DIMENSÕES DOS PAINÉIS	---															
VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS																				
COMPLETA	---	PARCIAL	X	ESCASSA	---	NULA	---													
PIGMENTOS																				
MONOCROMÁTICO	V	BICROMÁTICO	---	POLICROMÁTICO	---															
MOTIVOS																				
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	X	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---											
POSICIONAMENTO DOS GRAFISMOS NO ABRIGO																				
TETO	---	LAJEDO	---	PAREDE	X															
DIREÇAO DO GESTO NA AÇÃO DE PINTAR																				
DA ESQUERDA PARA A DIREITA	---	DA DIREITA PARA A ESQUERDA	---																	
DE CIMA PARA BAIXO	---	DE BAIXO PARA CIMA	---																	

PROPORÇÕES EM UM MESMO PAINEL E ENTRE PAINÉIS DIFERENTES																				
ORDEM TEMPORAL																				
ANTIGO	---	MÉDIO	---	RECENTE	X															
PREDOMINÂNCIA																				
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---											
TIPOS DE REGISTRO DO SÍTIO																				
FOTOGRAFIA	X	CADERNO DE CAMPO	X	DESENHO	X	FICHA	X													
POSSIBILIDADE DE ESCAVAÇÃO				SIM	---	NÃO	---													
RESPONSÁVEL PELO REGISTRO				EQUIPE PRESENTE EM CAMPO																
CARLOS COSTA				CARLOS COSTA, GILCIMAR BARBOSA E PEDRO DOS SANTOS																
OBSERVAÇÕES																				
TRATA-SE DE UMA PAREDE OU PAREDÃO COM 6,3M DE COMPRIMENTO E 3,8M DE ALTURA.																				



CROQUI 34: Sítio Rio Alves. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.

REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA (BAHIA, BRASIL)
FICHA DE REGISTRO DE SÍTIOS COM REPRESENTAÇÕES RUPESTRES

IDENTIFICAÇÃO DO SÍTIO												
NOME DO SÍTIO	RIO PRETO I				Nº REGISTRO	026		DATA REGISTRO	16/01/2010			
CADASTRO IPHAN	SIM	---	NÃO	X	Nº CADASTRO	---		ANO CADASTRO	---			
PESQUISADOR	CARLOS COSTA											
ESTADO	BA		MUNICÍPIO		JACOBINA			REGIÃO	PIEMONTE CD			
LOCALIDADE	SERRA DO TOMBADOR (CONCEIÇÃO)											
COORDENADAS GEOGRÁFICAS	ZONA	24L	E	0318598		N	8785924		ALT. (m)	718		
PROPRIEDADE	MUNICIPAL	---	ESTADUAL	---		FEDERAL	---		PARTICULAR	X		
INFORMANTE DA ÁREA	PEDRO DOS SANTOS											
ENDEREÇO INFORMANTE	---											
TEL. INFORMANTE	---											
NOME DA PROPRIEDADE	---											
NOME PROPRIETÁRIO	---											
TEL. PROPRIETÁRIO	---											

CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ÁREA												
CLIMA	SECO									ALT. (m)	718	
RELEVO	DOLINA	--	FUNDO DE VALE	---	CUME	X	MEIA ENCOSTA	---	MARGEM DE RIO	--		
OUTROS	---											
VEGETAÇÃO	PRIMÁRIA	---	SECUNDÁRIA	X								
	CAATINGA	---	CERRADO	X	OUTRA	---						
HIDROGRAFIA	RIO	PRETO	RIACHO	---	CÓRREGO	---	LAGOA	---				
	NASCENTE	---	MINADOURO	---	OLHO D'ÁGUA	---	BREJO	---				

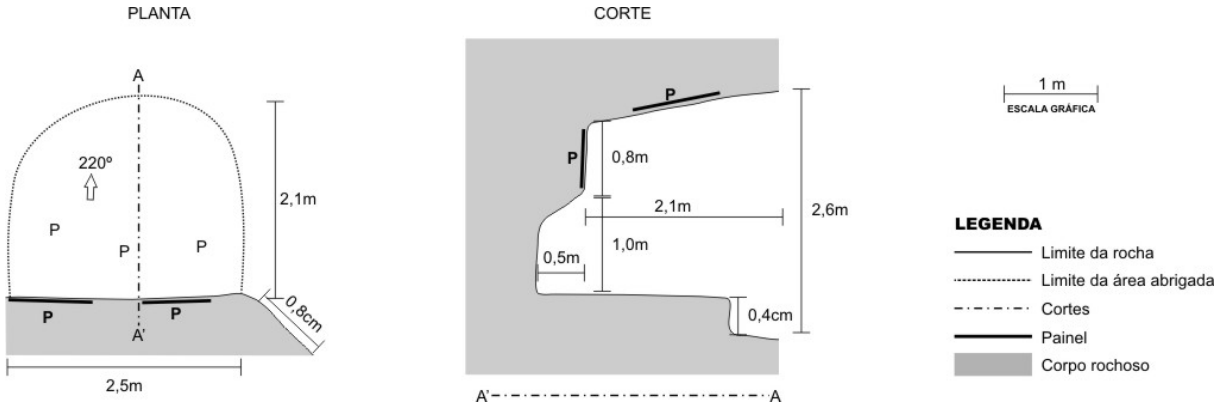
CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO				
VISIBILIDADE DO SÍTIO	DESDE O SÍTIO		PARA O SÍTIO	
	EXCELENTE	---	EXCELENTE	---
	BOA	---	BOA	---
	REGULAR	---	REGULAR	---
	ESCASSA	X	ESCASSA	---
	NULA	---	NULA	X

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO COM PAINÉIS						
CLASSIFICAÇÃO DO SUPORTE ROCHOSO	ABRIGO	---	CAVERNA	---	PAREDE OU PAREDÃO	---
	LAPA	X	MATACÃO	---	LAJEDO	---
	GRUTA	---	LOCA	---	OUTROS	---
IDENTIFICAÇÃO GEOLÓGICA DO SUPORTE ROCHOSO	ARENITO	---	ARENITO SILICIFICADO	X	CALCÁRIO	---
	GRANITO	---	QUARTZO	---	QUARTZITO	---
	OUTROS	---				
IDENTIFICAÇÃO DO SOLO	ARENOSO	---	ARENO / ARGILOSO	---	HUMÍFERO	---
	ROCHOSO	X	TERRA ROXA	---	OUTROS	---

PRESERVAÇÃO						
GRAU DE PRESERVAÇÃO	ÓTIMO	---	BOM	---	RUIM	X
EXPOSIÇÃO AGENTES NATURAIS	INSOLAÇÃO	X	CHUVA	X	VENTO	X
DETERIORAÇAO ANTRÓPICA	QUEIMADAS	X	MINERAÇÃO	X	PICHAÇÕES	---
	QUEBRA INTENCIONAL	---	FOGUEIRA	---	OUTROS	---

CARACTERÍSTICAS DAS REPRESENTAÇÕES																
QTD PAINÉIS	3			TIPO DE REPRESENTAÇÃO		PINTURA	X	GRAVURA	---							
ORIENTAÇÃO (PONTOS CARDEAIS)																
N	---	NE	---	E	---	SE	---	S	---	SO	220º	O	---	NO	---	
TÉCNICA APLICADA																
DESENHO	---	PINTURA	X	RASPAGEM	---	PICOTAGEM	---									
INSTRUMENTOS UTILIZADOS																
GRAVETO	---	GIZ	---	CARVÃO	---	PERCUTOR	---									
PINCEL FINO	---	PINCEL GROSSO	---	DEDO	X	OUTRO	---									
DIMENSÕES DO SUPORTE	VER CROQUIS			DIMENSÕES DOS PAINÉIS	---											
VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS																
COMPLETA	X	PARCIAL	---	ESCASSA	---	NULA	---									
PIGMENTOS																
MONOCROMÁTICO	V	BICROMÁTICO	---	POLICROMÁTICO	---											
MOTIVOS																
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	X	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	X							
POSICIONAMENTO DOS GRAFISMOS NO ABRIGO																
TETO	X	LAJEDO	---	PAREDE	X											
DIREÇAO DO GESTO NA AÇÃO DE PINTAR																
DA ESQUERDA PARA A DIREITA	---	DA DIREITA PARA A ESQUERDA	---													
DE CIMA PARA BAIXO	---	DE BAIXO PARA CIMA	---													

PROPORÇÕES EM UM MESMO PAINEL E ENTRE PAINÉIS DIFERENTES									
ORDEM TEMPORAL									
ANTIGO	---	MÉDIO	---	RECENTE	X				
PREDOMINÂNCIA									
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---
TIPOS DE REGISTRO DO SÍTIO									
FOTOGRAFIA	X	CADERNO DE CAMPO	X	DESENHO	X	FICHA	X		
POSSIBILIDADE DE ESCAVAÇÃO				SIM	---	NÃO	X		
RESPONSÁVEL PELO REGISTRO				EQUIPE PRESENTE EM CAMPO					
CARLOS COSTA				CARLOS COSTA, MURILO ARAÚJO, LEANDRO MAX E PEDRO DOS SANTOS					
OBSERVAÇÕES									
O SÍTIO TEM 2,5M DE COMPRIMENTO, 2,1M DE PROFUNDIDADE E 2,6M DE ALTURA. O SITIO FOI MUITO ARRASADO PELA MINERAÇÃO.									



CROQUI 35: Sítio Rio Preto I. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.

REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA (BAHIA, BRASIL)
FICHA DE REGISTRO DE SÍTIOS COM REPRESENTAÇÕES RUPESTRES

IDENTIFICAÇÃO DO SÍTIO												
NOME DO SÍTIO	RIO PRETO II				Nº REGISTRO	027		DATA REGISTRO	16/01/2010			
CADASTRO IPHAN	SIM	---	NÃO	X	Nº CADASTRO	---		ANO CADASTRO	---			
PESQUISADOR	CARLOS COSTA											
ESTADO	BA		MUNICÍPIO		JACOBINA			REGIÃO	PIEMONTE CD			
LOCALIDADE	SERRA DO TOMBADOR (CONCEIÇÃO)											
COORDENADAS GEOGRÁFICAS	ZONA	24L	E	0318982		N	8785634		ALT. (m)	734		
PROPRIEDADE	MUNICIPAL	---	ESTADUAL	---		FEDERAL	---		PARTICULAR	X		
INFORMANTE DA ÁREA	PEDRO DOS SANTOS											
ENDEREÇO INFORMANTE	---											
TEL. INFORMANTE	---											
NOME DA PROPRIEDADE	---											
NOME PROPRIETÁRIO	---											
TEL. PROPRIETÁRIO	---											

CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ÁREA												
CLIMA	SECO									ALT. (m)	734	
RELEVO	DOLINA	--	FUNDO DE VALE	---	CUME	X	MEIA ENCOSTA	--	MARGEM DE RIO	--		
OUTROS	---											
VEGETAÇÃO				PRIMÁRIA				SECUNDÁRIA	X			
	CAATINGA	---	CERRADO	X	OUTRA	---						
HIDROGRAFIA	RIO	PRETO	RIACHO	---	CÓRREGO	---		LAGOA	---			
	NASCENTE	---	MINADOURO	---	OLHO D'ÁGUA	---		BREJO	---			

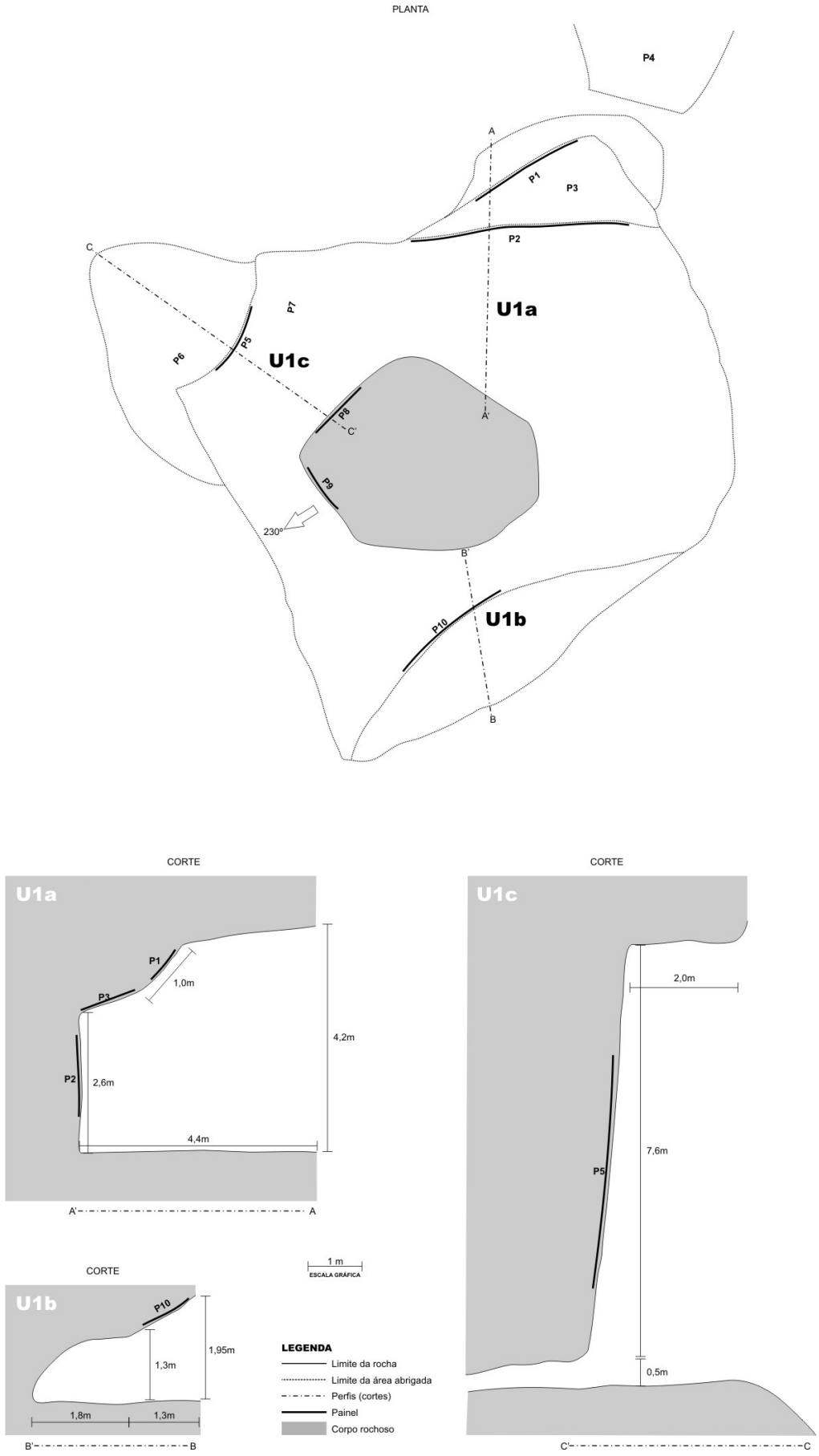
CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO				
VISIBILIDADE DO SÍTIO	DESDE O SÍTIO		PARA O SÍTIO	
	EXCELENTE	---	EXCELENTE	---
	BOA	---	BOA	---
	REGULAR	---	REGULAR	---
	ESCASSA	X	ESCASSA	X
	NULA	---	NULA	---

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO COM PAINÉIS						
CLASSIFICAÇÃO DO SUPORTE ROCHOSO	ABRIGO	X	CAVERNA	---	PAREDE OU PAREDÃO	---
	LAPA	---	MATACÃO	---	LAJEDO	---
	GRUTA	---	LOCA	---	OUTROS	---
IDENTIFICAÇÃO GEOLÓGICA DO SUPORTE ROCHOSO	ARENITO	---	ARENITO SILICIFICADO	X	CALCÁRIO	--
	GRANITO	---	QUARTZO	---	QUARTZITO	---
	OUTROS	----				
IDENTIFICAÇÃO DO SOLO	ARENOSO	X	ARENO / ARGILOSO	---	HUMÍFERO	---
	ROCHOSO	---	TERRA ROXA	---	OUTROS	---

PRESERVAÇÃO						
GRAU DE PRESERVAÇÃO	ÓTIMO	---	BOM	X	RUIM	---
EXPOSIÇÃO AGENTES NATURAIS	INSOLAÇÃO	X	CHUVA	X	VENTO	X
DETERIORAÇAO ANTRÓPICA	QUEIMADAS	X	MINERAÇÃO	X	PICHAÇÕES	---
	QUEBRA INTENCIONAL	---	FOGUEIRA	X	OUTROS	---

CARACTERÍSTICAS DAS REPRESENTAÇÕES																
QTD PAINÉIS	10					TIPO DE REPRESENTAÇÃO		PINTURA	X			GRAVURA	---			
ORIENTAÇÃO (PONTOS CARDEAIS)																
N	---	NE	C 40º	E	---	SE	---	S	B 170º	SO	---	O	---	NO	A 310º	
TÉCNICA APLICADA																
DESENHO	---			PINTURA	X			RASPAGEM	---			PICOTAGEM	---			
INSTRUMENTOS UTILIZADOS																
GRAVETO	---			GIZ	---			CARVÃO	---			PERCUTOR	---			
PINCEL FINO	---			PINCEL GROSSO	---			DEDO	X			OUTRO	---			
DIMENSÕES DO SUPORTE	VER CROQUIS							DIMENSÕES DOS PAINÉIS	---							
VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS																
COMPLETA	---			PARCIAL	X			ESCASSA	---			NULA	---			
PIGMENTOS																
MONOCROMÁTICO	V			BICROMÁTICO	----			POLICROMÁTICO	---							
MOTIVOS																
ANTROPOMORFO	X	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	X							
POSICIONAMENTO DOS GRAFISMOS NO ABRIGO																
TETO	X			LAJEDO	---			PAREDE	X							
DIREÇAO DO GESTO NA AÇÃO DE PINTAR																
DA ESQUERDA PARA A DIREITA	---			DA DIREITA PARA A ESQUERDA	---											
DE CIMA PARA BAIXO	---			DE BAIXO PARA CIMA	---											

PROPORÇÕES EM UM MESMO PAINEL E ENTRE PAINÉIS DIFERENTES																
ORDEM TEMPORAL																
ANTIGO	---			MÉDIO	---			RECENTE	X							
PREDOMINÂNCIA																
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---							
TIPOS DE REGISTRO DO SÍTIO																
FOTOGRAFIA	X	CADERNO DE CAMPO	X	DESENHO	X			FICHA	X							
POSSIBILIDADE DE ESCAVAÇÃO						SIM	---	NÃO	X							
RESPONSÁVEL PELO REGISTRO						EQUIPE PRESENTE EM CAMPO										
CARLOS COSTA						CARLOS COSTA, MURILO ARAÚJO, LEANDRO MAX E PEDRO DOS SANTOS										
OBSERVAÇÕES																
O SÍTIO TEM 7,6M DE ALTURA E 4,4M DE PROFUNDIDADE E DISPÕE DE 10 PAINÉIS.																



CROQUI 36: Sítio Rio Preto II. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.

REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA (BAHIA, BRASIL)
FICHA DE REGISTRO DE SÍTIOS COM REPRESENTAÇÕES RUPESTRES

IDENTIFICAÇÃO DO SÍTIO												
NOME DO SÍTIO	RIO PRETO III				Nº REGISTRO	029		DATA REGISTRO	16/01/2010			
CADASTRO IPHAN	SIM	---	NÃO	X	Nº CADASTRO	----		ANO CADASTRO	---			
PESQUISADOR	CARLOS COSTA											
ESTADO	BA		MUNICÍPIO		JACOBINA			REGIÃO	PIEMONTE CD			
LOCALIDADE	SERRA DO TOMBADOR (CONCEIÇÃO)											
COORDENADAS GEOGRÁFICAS	ZONA	24L	E	0320067		N	8785910		ALT. (m)	761		
PROPRIEDADE	MUNICIPAL	---	ESTADUAL	---		FEDERAL	---		PARTICULAR	X		
INFORMANTE DA ÁREA	PEDRO DOS SANTOS											
ENDEREÇO INFORMANTE	---											
TEL. INFORMANTE	---											
NOME DA PROPRIEDADE	---											
NOME PROPRIETÁRIO	---											
TEL. PROPRIETÁRIO	---											

CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ÁREA												
CLIMA	SECO									ALT. (m)	761	
RELEVO	DOLINA	--	FUNDO DE VALE	---	CUME	X	MEIA ENCOSTA	---	MARGEM DE RIO	--		
OUTROS	---											
VEGETAÇÃO	PRIMÁRIA	---	SECUNDÁRIA	X								
	CAATINGA	---	CERRADO	X	OUTRA	---						
HIDROGRAFIA	RIO	Preto	RIACHO	---	CÓRREGO	---	LAGOA	---				
	NASCENTE	---	MINADOURO	---	OLHO D'ÁGUA	---	BREJO	---				

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO				
VISIBILIDADE DO SÍTIO	DESDE O SÍTIO		PARA O SÍTIO	
	EXCELENTE	---	EXCELENTE	---
	BOA	---	BOA	---
	REGULAR	---	REGULAR	---
	ESCASSA	---	ESCASSA	---
	NULA	---	NULA	---

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO COM PAINÉIS						
CLASSIFICAÇÃO DO SUPORTE ROCHOSO	ABRIGO	---	CAVERNA	---	PAREDE OU PAREDÃO	---
	LAPA	---	MATACÃO	---	LAJEDO	--
	GRUTA	---	LOCA	---	OUTROS	---
IDENTIFICAÇÃO GEOLÓGICA DO SUPORTE ROCHOSO	ARENITO	---	ARENITO SILICIFICADO	X	CALCÁRIO	---
	GRANITO	--	QUARTZO	----	QUARTZITO	---
	OUTROS	---				
IDENTIFICAÇÃO DO SOLO	ARENOSO	X	ARENO / ARGILOSO	---	HUMÍFERO	---
	ROCHOSO	---	TERRA ROXA	---	OUTROS	---

PRESERVAÇÃO						
GRAU DE PRESERVAÇÃO	ÓTIMO	---	BOM	---	RUIM	X
EXPOSIÇÃO AGENTES NATURAIS	INSOLAÇÃO	---	CHUVA	---	VENTO	---
DETERIORAÇAO ANTRÓPICA	QUEIMADAS	---	MINERAÇÃO	X	PICHAÇÕES	---
	QUEBRA INTENCIONAL	X	FOGUEIRA	X	OUTROS	---

CARACTERÍSTICAS DAS REPRESENTAÇÕES																				
QTD PAINÉIS	6					TIPO DE REPRESENTAÇÃO		PINTURA	X			GRAVURA	---							
ORIENTAÇÃO (PONTOS CARDEAIS)																				
N	---	NE	---	E	---	SE	---	S	---	SO	200º (ABRIGO)	O	---	NO	---					
TÉCNICA APLICADA																				
DESENHO	---			PINTURA	X			RASPAGEM	---					PICOTAGEM	---					
INSTRUMENTOS UTILIZADOS																				
GRAVETO	---			GIZ	---			CARVÃO	---					PERCUTOR	---					
PINCEL FINO	X			PINCEL GROSSO	---			DEDO	X					OUTRO	---					
DIMENSÕES DO SUPORTE	---							DIMENSÕES DOS PAINÉIS	---											
VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS																				
COMPLETA	---			PARCIAL	X			ESCASSA	---					NULA	---					
PIGMENTOS																				
MONOCROMÁTICO	V			BICROMÁTICO	---			POLICROMÁTICO	---											
MOTIVOS																				
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---											
POSICIONAMENTO DOS GRAFISMOS NO ABRIGO																				
TETO	---			LAJEDO	---			PAREDE	---											
DIREÇAO DO GESTO NA AÇÃO DE PINTAR																				
DA ESQUERDA PARA A DIREITA	---							DA DIREITA PARA A ESQUERDA	---											
DE CIMA PARA BAIXO	---							DE BAIXO PARA CIMA	---											

PROPORÇÕES EM UM MESMO PAINEL E ENTRE PAINÉIS DIFERENTES																				
ORDEM TEMPORAL																				
ANTIGO	---			MÉDIO	---			RECENTE	---											
PREDOMINÂNCIA																				
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---											
TIPOS DE REGISTRO DO SÍTIO																				
FOTOGRAFIA	X	CADERNO DE CAMPO	X	DESENHO	---			FICHA	X											
POSSIBILIDADE DE ESCAVAÇÃO						SIM	---	NÃO	---											
RESPONSÁVEL PELO REGISTRO						EQUIPE PRESENTE EM CAMPO														
CARLOS COSTA						CARLOS COSTA, MURILO ARAÚJO, LEANDRO MAX E PEDRO DOS SANTOS														
OBSERVAÇÕES																				
SÍTIO DESTRUÍDO PELA MINERAÇÃO ILEGAL.																				

SEM CROQUI.

REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA (BAHIA, BRASIL)
FICHA DE REGISTRO DE SÍTIOS COM REPRESENTAÇÕES RUPESTRES

IDENTIFICAÇÃO DO SÍTIO

NOME DO SÍTIO	RIO PRETO IV				Nº REGISTRO	029		DATA REGISTRO	16/01/2010		
CADASTRO IPHAN	SIM	---	NÃO	X	Nº CADASTRO	----		ANO CADASTRO	---		
PESQUISADOR	CARLOS COSTA										
ESTADO	BA		MUNICÍPIO		JACOBINA		REGIÃO		PIEMONTE CD		
LOCALIDADE	SERRA DO TOMBADOR (CONCEIÇÃO)										
COORDENADAS GEOGRÁFICAS	ZONA	24L	E	0319780		N	8786296		ALT. (m)	767	
PROPRIEDADE	MUNICIPAL	---	ESTADUAL	---		FEDERAL	---		PARTICULAR	X	
INFORMANTE DA ÁREA	PEDRO DOS SANTOS										
ENDEREÇO INFORMANTE	---										
TEL. INFORMANTE	---										
NOME DA PROPRIEDADE	---										
NOME PROPRIETÁRIO	---										
TEL. PROPRIETÁRIO	---										

CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ÁREA

CLIMA	SECO									ALT. (m)	767	
RELEVO	DOLINA	--	FUNDO DE VALE	---	CUME	X	MEIA ENCOSTA	---	MARGEM DE RIO	--		
OUTROS	---											
VEGETAÇÃO				PRIMÁRIA	---			SECUNDÁRIA	X			
	CAATINGA	---	CERRADO	X	OUTRA	---						
HIDROGRAFIA	RIO	PRETO	RIACHO	---	CÓRREGO	---		LAGOA	---			
	NASCENTE	---	MINADOURO	---	OLHO D'ÁGUA	---		BREJO	---			

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO

	DESDE O SÍTIO		PARA O SÍTIO	
VISIBILIDADE DO SÍTIO	EXCELENTE	X	EXCELENTE	X
	BOA	---	BOA	---
	REGULAR	---	REGULAR	---
	ESCASSA	---	ESCASSA	---
	NULA	---	NULA	---

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO COM PAINÉIS

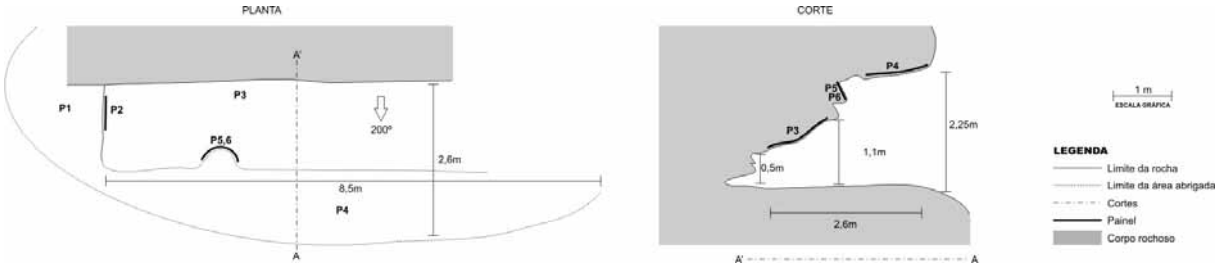
CLASSIFICAÇÃO DO SUPORTE ROCHOSO	ABRIGO	---	CAVERNA	---	PAREDE OU PAREDÃO	---
	LAPA	X	MATACÃO	---	LAJEDO	--
	GRUTA	---	LOCA	---	OUTROS	---
IDENTIFICAÇÃO GEOLÓGICA DO SUPORTE ROCHOSO	ARENITO	---	ARENITO SILICIFICADO	X	CALCÁRIO	---
	GRANITO	---	QUARTZO	----	QUARTZITO	---
	OUTROS	---				
IDENTIFICAÇÃO DO SOLO	ARENOSO	X	ARENO / ARGILOSO	---	HUMÍFERO	---
	ROCHOSO	---	TERRA ROXA	---	OUTROS	---

PRESERVAÇÃO

GRAU DE PRESERVAÇÃO	ÓTIMO	---	BOM	---	RUIM	X
EXPOSIÇÃO AGENTES NATURAIS	INSOLAÇÃO	X	CHUVA	X	VENTO	X
DETERIORAÇAO ANTRÓPICA	QUEIMADAS	X	MINERAÇÃO	X	PICHAÇÕES	X
	QUEBRA INTENCIONAL	X	FOGUEIRA	X	OUTROS	---

CARACTERÍSTICAS DAS REPRESENTAÇÕES																
QTD PAINÉIS	6			TIPO DE REPRESENTAÇÃO		PINTURA	X		GRAVURA	---						
ORIENTAÇÃO (PONTOS CARDEAIS)																
N	---	NE	---	E	---	SE	---	S	200º	SO	---	O	---	NO	---	
TÉCNICA APLICADA																
DESENHO	---			PINTURA	X			RASPAGEM	---			PICOTAGEM	---			
INSTRUMENTOS UTILIZADOS																
GRAVETO	---			GIZ	---			CARVÃO	---			PERCUTOR	---			
PINCEL FINO	X			PINCEL GROSSO	---			DEDO	X			OUTRO	---			
DIMENSÕES DO SUPORTE	VER CROQUIS							DIMENSÕES DOS PAINÉIS	---							
VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS																
COMPLETA	---			PARCIAL	X			ESCASSA	---			NULA	---			
PIGMENTOS																
MONOCROMÁTICO	V			BICROMÁTICO	---			POLICROMÁTICO	---							
MOTIVOS																
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	X							
POSICIONAMENTO DOS GRAFISMOS NO ABRIGO																
TETO	X			LAJEDO	---			PAREDE	X							
DIREÇAO DO GESTO NA AÇÃO DE PINTAR																
DA ESQUERDA PARA A DIREITA	---			DA DIREITA PARA A ESQUERDA	---											
DE CIMA PARA BAIXO	---			DE BAIXO PARA CIMA	---											

PROPORÇÕES EM UM MESMO PAINEL E ENTRE PAINÉIS DIFERENTES									
ORDEM TEMPORAL									
ANTIGO	---	MÉDIO	---	RECENTE	X				
PREDOMINÂNCIA									
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---
TIPOS DE REGISTRO DO SÍTIO									
FOTOGRAFIA	X	CADERNO DE CAMPO	X	DESENHO	X	FICHA	X		
POSSIBILIDADE DE ESCAVAÇÃO				SIM	POUCA	NÃO			
RESPONSÁVEL PELO REGISTRO				EQUIPE PRESENTE EM CAMPO					
CARLOS COSTA				CARLOS COSTA, MURILO ARAÚJO, LEANDRO MAX E PEDRO DOS SANTOS					
OBSERVAÇÕES									
O SÍTIO TEM 8,5M DE COMPRIMENTO, 2,25M DE ALTURA E 2,6M DE PROFUNDIDADE. O SÍTIO APRESENTA CÚPULAS NATURAIS PINTADAS.									



CROQUI 37: Sítio Rio Preto IV. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.

REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA (BAHIA, BRASIL)
FICHA DE REGISTRO DE SÍTIOS COM REPRESENTAÇÕES RUPESTRES

IDENTIFICAÇÃO DO SÍTIO

NOME DO SÍTIO	SÃO JUDAS TADEU I				Nº REGISTRO	030		DATA REGISTRO	17/02/2009		
CADASTRO IPHAN	SIM	---	NÃO	X	Nº CADASTRO	---		ANO CADASTRO	---		
PESQUISADOR	CARLOS COSTA										
ESTADO	BA		MUNICÍPIO		JACOBINA		REGIÃO		PIEMONTE CD		
LOCALIDADE	SERRA DO TOMBADOR										
COORDENADAS GEOGRÁFICAS	ZONA	24L	E	0315266		N	8762970		ALT. (m)	920	
PROPRIEDADE	MUNICIPAL	---	ESTADUAL	---		FEDERAL	---		PARTICULAR	X	
INFORMANTE DA ÁREA	---										
ENDEREÇO INFORMANTE	---										
TEL. INFORMANTE	---										
NOME DA PROPRIEDADE	---										
NOME PROPRIETÁRIO	---										
TEL. PROPRIETÁRIO	---										

CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ÁREA

CLIMA	SECO									ALT. (m)	920	
RELEVO	DOLINA	--	FUNDO DE VALE	--	CUME	X	MEIA ENCOSTA	--	MARGEM DE RIO	--		
OUTROS	---											
VEGETAÇÃO				PRIMÁRIA	---				SECUNDÁRIA	X		
	CAATINGA	---	CERRADO	X	OUTRA	---						
HIDROGRAFIA	RIO	---	RIACHO	---	CÓRREGO	---			LAGOA	---		
	NASCENTE	---	MINADOURO	---	OLHO D'ÁGUA	---			BREJO	---		

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO

	DESDE O SÍTIO		PARA O SÍTIO	
VISIBILIDADE DO SÍTIO	EXCELENTE	X	EXCELENTE	---
	BOA	---	BOA	X
	REGULAR	---	REGULAR	---
	ESCASSA	---	ESCASSA	---
	NULA	---	NULA	---

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO COM PAINÉIS

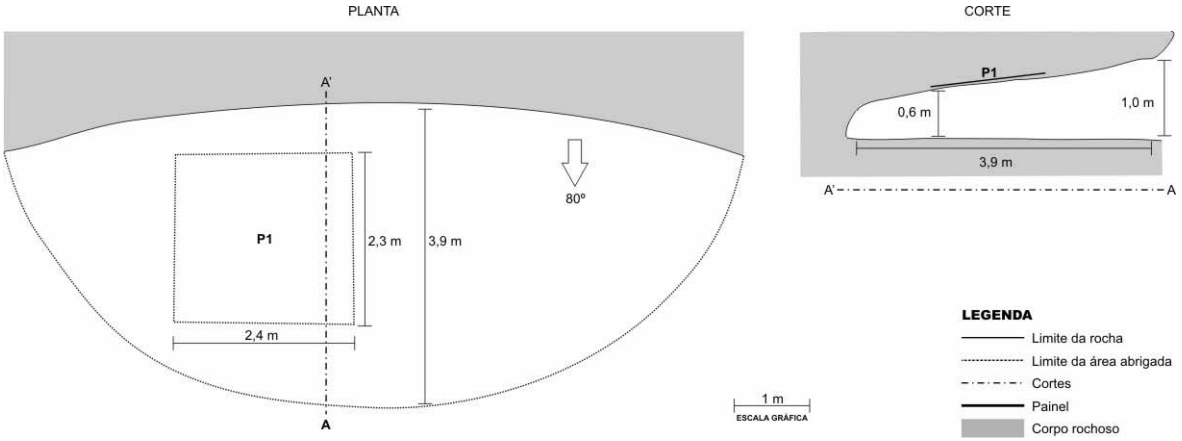
CLASSIFICAÇÃO DO SUPORTE ROCHOSO	ABRIGO	---	CAVERNA	---	PAREDE OU PAREDÃO	---
	LAPA	---	MATACÃO	---	LAJEDO	---
	GRUTA	X	LOCA	---	OUTROS	---
IDENTIFICAÇÃO GEOLÓGICA DO SUPORTE ROCHOSO	ARENITO	---	ARENITO SILICIFICADO	X	CALCÁRIO	---
	GRANITO	---	QUARTZO	---	QUARTZITO	---
	OUTROS	---				
IDENTIFICAÇÃO DO SOLO	ARENOSO	X	ARENO / ARGILOSO	---	HUMÍFERO	---
	ROCHOSO	---	TERRA ROXA	---	OUTROS	---

PRESERVAÇÃO

GRAU DE PRESERVAÇÃO	ÓTIMO	---	BOM	---	RUIM	X
EXPOSIÇÃO AGENTES NATURAIS	INSOLAÇÃO	---	CHUVA	---	VENTO	X
DETERIORAÇAO ANTRÓPICA	QUEIMADAS	X	MINERAÇÃO	X	PICHAÇÕES	---
	QUEBRA INTENCIONAL	X	FOGUEIRA	X	OUTROS	---

CARACTERÍSTICAS DAS REPRESENTAÇÕES																				
QTD PAINÉIS	1					TIPO DE REPRESENTAÇÃO		PINTURA	X			GRAVURA	---							
ORIENTAÇÃO (PONTOS CARDEAIS)																				
N	---	NE	---	E	80º	SE	---	S	---	SO	---	O	---	NO	---					
TÉCNICA APLICADA																				
DESENHO	X			PINTURA	X			RASPAGEM	---			PICOTAGEM	---							
INSTRUMENTOS UTILIZADOS																				
GRAVETO	---			GIZ	X			CARVÃO	---			PERCUTOR	---							
PINCEL FINO	---			PINCEL GROSSO	---			DEDO	X			OUTRO	---							
DIMENSÕES DO SUPORTE	VER CROQUIS							DIMENSÕES DOS PAINÉIS	---											
VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS																				
COMPLETA	---			PARCIAL	---			ESCASSA	---			NULA	X							
PIGMENTOS																				
MONOCROMÁTICO	V			BICROMÁTICO	---			POLICROMÁTICO	---											
MOTIVOS																				
ANTROPOMORFO	---			ZOOMORFO	---			FITOMORFO	---			GEOMÉTRICO	X			BORRÃO	X		
POSICIONAMENTO DOS GRAFISMOS NO ABRIGO																				
TETO	X			LAJEDO	---			PAREDE	---											
DIREÇAO DO GESTO NA AÇÃO DE PINTAR																				
DA ESQUERDA PARA A DIREITA	---			DA DIREITA PARA A ESQUERDA	---															
DE CIMA PARA BAIXO	---			DE BAIXO PARA CIMA	---															

PROPORÇÕES EM UM MESMO PAINEL E ENTRE PAINÉIS DIFERENTES																				
ORDEM TEMPORAL																				
ANTIGO	---			MÉDIO	---			RECENTE	---											
PREDOMINÂNCIA																				
ANTROPOMORFO	---			ZOOMORFO	---			FITOMORFO	---			GEOMÉTRICO	X			BORRÃO	---		
TIPOS DE REGISTRO DO SÍTIO																				
FOTOGRAFIA	X			CADERNO DE CAMPO	X			DESENHO	X			FICHA	X							
POSSIBILIDADE DE ESCAVAÇÃO								SIM	X			NÃO	---							
RESPONSÁVEL PELO REGISTRO								EQUIPE PRESENTE EM CAMPO												
CARLOS COSTA E GILCIMAR BARBOSA								CARLOS COSTA, GILCIMAR BARBOSA E PEDRO DOS SANTOS												
OBSERVAÇÕES																				
O SÍTIO POSSUI 1M ALTURA, 3,9 M DE PROFUNDIDADE E 9,8 M DE LARGURA.																				



CROQUI 38: Sítio São Judas Tadeu I. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.

REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA (BAHIA, BRASIL)
FICHA DE REGISTRO DE SÍTIOS COM REPRESENTAÇÕES RUPESTRES

IDENTIFICAÇÃO DO SÍTIO

NOME DO SÍTIO	SÃO JUDAS TADEU II				Nº REGISTRO	031		DATA REGISTRO	17/02/2009		
CADASTRO IPHAN	SIM	---	NÃO	X	Nº CADASTRO	---		ANO CADASTRO	---		
PESQUISADOR	CARLOS COSTA										
ESTADO	BA		MUNICÍPIO		JACOBINA		REGIÃO		PIEMONTE CD		
LOCALIDADE	SERRA DO TOMBADOR										
COORDENADAS GEOGRÁFICAS	ZONA	24L	E	0314637		N	8764392		ALT. (m)	906	
PROPRIEDADE	MUNICIPAL	---	ESTADUAL	---		FEDERAL	---		PARTICULAR	X	
INFORMANTE DA ÁREA	---										
ENDEREÇO INFORMANTE	---										
TEL. INFORMANTE	---										
NOME DA PROPRIEDADE	---										
NOME PROPRIETÁRIO	---										
TEL. PROPRIETÁRIO	---										

CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ÁREA

CLIMA	SECO								ALT. (m)	906	
RELEVO	DOLINA	--	FUNDO DE VALE	---	CUME	X	MEIA ENCOSTA	--	MARGEM DE RIO	--	
OUTROS	---										
VEGETAÇÃO				PRIMÁRIA	---			SECUNDÁRIA	X		
	CAATINGA	---	CERRADO	X	OUTRA	---					
HIDROGRAFIA	RIO	---	RIACHO	---	CÓRREGO	---		LAGOA	---		
	NASCENTE	---	MINADOURO	---	OLHO D'ÁGUA	---		BREJO	---		

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO

	DESDE O SÍTIO		PARA O SÍTIO	
VISIBILIDADE DO SÍTIO	EXCELENTE	---	EXCELENTE	---
	BOA	X	BOA	---
	REGULAR	---	REGULAR	X
	ESCASSA	---	ESCASSA	---
	NULA	---	NULA	---

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO COM PAINÉIS

CLASSIFICAÇÃO DO SUPORTE ROCHOSO	ABRIGO	---	CAVERNA	---	PAREDE OU PAREDÃO	---
	LAPA	---	MATACÃO	---	LAJEDO	---
	GRUTA	X	LOCA	---	OUTROS	---
IDENTIFICAÇÃO GEOLÓGICA DO SUPORTE ROCHOSO	ARENITO	---	ARENITO SILICIFICADO	X	CALCÁRIO	---
	GRANITO	---	QUARTZO	---	QUARTZITO	---
	OUTROS	---				
IDENTIFICAÇÃO DO SOLO	ARENOSO	X	ARENO / ARGILOSO	---	HUMÍFERO	---
	ROCHOSO	---	TERRA ROXA	---	OUTROS	---

PRESERVAÇÃO

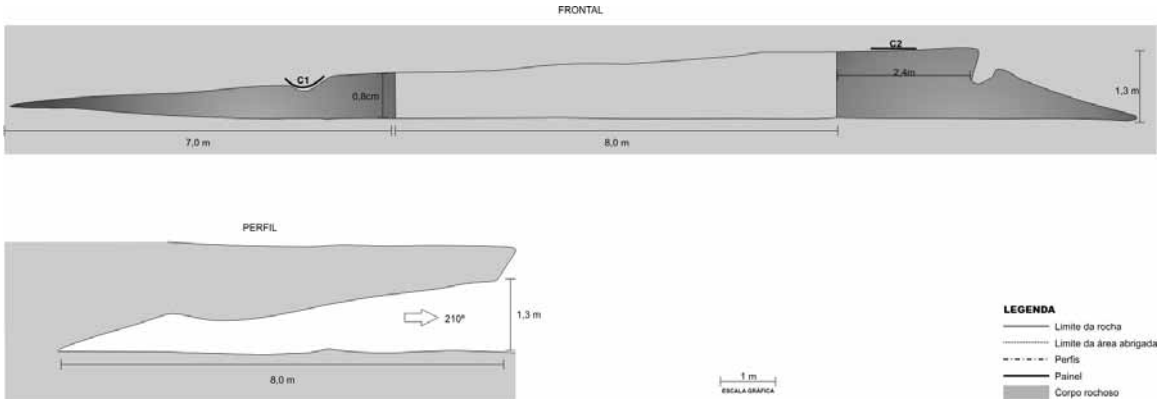
GRAU DE PRESERVAÇÃO	ÓTIMO	---	BOM	---	RUIM	X
EXPOSIÇÃO AGENTES NATURAIS	INSOLAÇÃO	---	CHUVA	---	VENTO	X
DETERIORAÇAO ANTRÓPICA	QUEIMADAS	X	MINERAÇÃO	---	PICHAÇÕES	---
	QUEBRA INTENCIONAL	---	FOGUEIRA	X	OUTROS	---

CARACTERÍSTICAS DAS REPRESENTAÇÕES															
QTD PAINÉIS	2	TIPO DE REPRESENTAÇÃO		PINTURA	X	GRAVURA	---								
ORIENTAÇÃO (PONTOS CARDEAIS)															
N	---	NE	---	E	---	SE	---	S	---	SO	210º	O	---	NO	---
TÉCNICA APLICADA															
DESENHO	---	PINTURA	X	RASPAGEM	---	PICOTAGEM	---								
INSTRUMENTOS UTILIZADOS															
GRAVETO	---	GIZ	X	CARVÃO	---	PERCUTOR	---								
PINCEL FINO	---	PINCEL GROSSO	---	DEDO	X	OUTRO	---								
DIMENSÕES DO SUPORTE	VER CROQUIS	DIMENSÕES DOS PAINÉIS	---												
VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS															
COMPLETA	---	PARCIAL	---	ESCASSA	---	NULA	X								
PIGMENTOS															
MONOCROMÁTICO	---	BICROMÁTICO	V A	POLICROMÁTICO	---										
MOTIVOS															
ANTROPOMORFO	X	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---						
POSICIONAMENTO DOS GRAFISMOS NO ABRIGO															
TETO	X	LAJEDO	---	PAREDE	---										
DIREÇAO DO GESTO NA AÇÃO DE PINTAR															
DA ESQUERDA PARA A DIREITA	---	DA DIREITA PARA A ESQUERDA	---												
DE CIMA PARA BAIXO	---	DE BAIXO PARA CIMA	---												

PROPORÇÕES EM UM MESMO PAINEL E ENTRE PAINÉIS DIFERENTES															
ORDEM TEMPORAL															
ANTIGO	---	MÉDIO	---	RECENTE	---										
PREDOMINÂNCIA															
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---						
TIPOS DE REGISTRO DO SÍTIO															
FOTOGRAFIA	X	CADERNO DE CAMPO	X	DESENHO	X	FICHA	X								
POSSIBILIDADE DE ESCAVAÇÃO				SIM	X	NÃO									

RESPONSÁVEL PELO REGISTRO	EQUIPE PRESENTE EM CAMPO
CARLOS COSTA E GILCIMAR BARBOSA	CARLOS COSTA, GILCIMAR BARBOSA E PEDRO DOS SANTOS

OBSERVAÇÕES
O SÍTIO TEM 17,4 M DE LARGURA, 1,3 M DE ALTURA E 8 M DE PROFUNDIDADE. É DIVIDIDO EM DUAS SEÇÕES SEPARADAS POR UMA COLUNA NATURAL. A PRIMEIRA TEM 0,8 M DE ALTURA, 8M DE PROFUNDIDADE E 4M LARGURA. A SEGUNDA SEÇÃO TEM 2,4 M DE LARGURA, 1,3 M DE ALTURA E 8M DE PROFUNDIDADE. POSSUI DUAS ENTRADAS E DOIS PAINÉIS NO TETO.



CROQUI 39: Sítio São Judas Tadeu II. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.

REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA (BAHIA, BRASIL)
FICHA DE REGISTRO DE SÍTIOS COM REPRESENTAÇÕES RUPESTRES

IDENTIFICAÇÃO DO SÍTIO

NOME DO SÍTIO	SÃO JUDAS TADEU III				Nº REGISTRO	032		DATA REGISTRO	18/02/2009		
CADASTRO IPHAN	SIM	---	NÃO	X	Nº CADASTRO	---		ANO CADASTRO	---		
PESQUISADOR	CARLOS COSTA										
ESTADO	BA		MUNICÍPIO		JACOBINA		REGIÃO		PIEMONTE CD		
LOCALIDADE	SERRA DO TOMBADOR										
COORDENADAS GEOGRÁFICAS	ZONA	24L	E	0314733		N	8764510		ALT. (m)	895	
PROPRIEDADE	MUNICIPAL	---	ESTADUAL	---		FEDERAL	---		PARTICULAR	X	
INFORMANTE DA ÁREA	---										
ENDEREÇO INFORMANTE	---										
TEL. INFORMANTE	---										
NOME DA PROPRIEDADE	---										
NOME PROPRIETÁRIO	---										
TEL. PROPRIETÁRIO	---										

CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ÁREA

CLIMA	SECO									ALT. (m)	895	
RELEVO	DOLINA	--	FUNDO DE VALE	--	CUME	X	MEIA ENCOSTA	--	MARGEM DE RIO	--		
OUTROS	---											
VEGETAÇÃO				PRIMÁRIA	---				SECUNDÁRIA	X		
	CAATINGA	---	CERRADO	X	OUTRA	---						
HIDROGRAFIA	RIO	---	RIACHO	---	CÓRREGO	---			LAGOA	---		
	NASCENTE	---	MINADOURO	---	OLHO D'ÁGUA	---			BREJO	---		

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO

	DESDE O SÍTIO		PARA O SÍTIO	
VISIBILIDADE DO SÍTIO	EXCELENTE	---	EXCELENTE	---
	BOA	---	BOA	---
	REGULAR	---	REGULAR	---
	ESCASSA	X	ESCASSA	X
	NULA	---	NULA	---

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO COM PAINÉIS

CLASSIFICAÇÃO DO SUPORTE ROCHOSO	ABRIGO	---	CAVERNA	---	PAREDE OU PAREDÃO	---
	LAPA	---	MATACÃO	---	LAJEDO	---
	GRUTA	X	LOCA	---	OUTROS	---
IDENTIFICAÇÃO GEOLÓGICA DO SUPORTE ROCHOSO	ARENITO	---	ARENITO SILICIFICADO	X	CALCÁRIO	---
	GRANITO	---	QUARTZO	---	QUARTZITO	---
	OUTROS	---				
IDENTIFICAÇÃO DO SOLO	ARENOSO	X	ARENO / ARGILOSO	---	HUMÍFERO	---
	ROCHOSO	---	TERRA ROXA	---	OUTROS	---

PRESERVAÇÃO

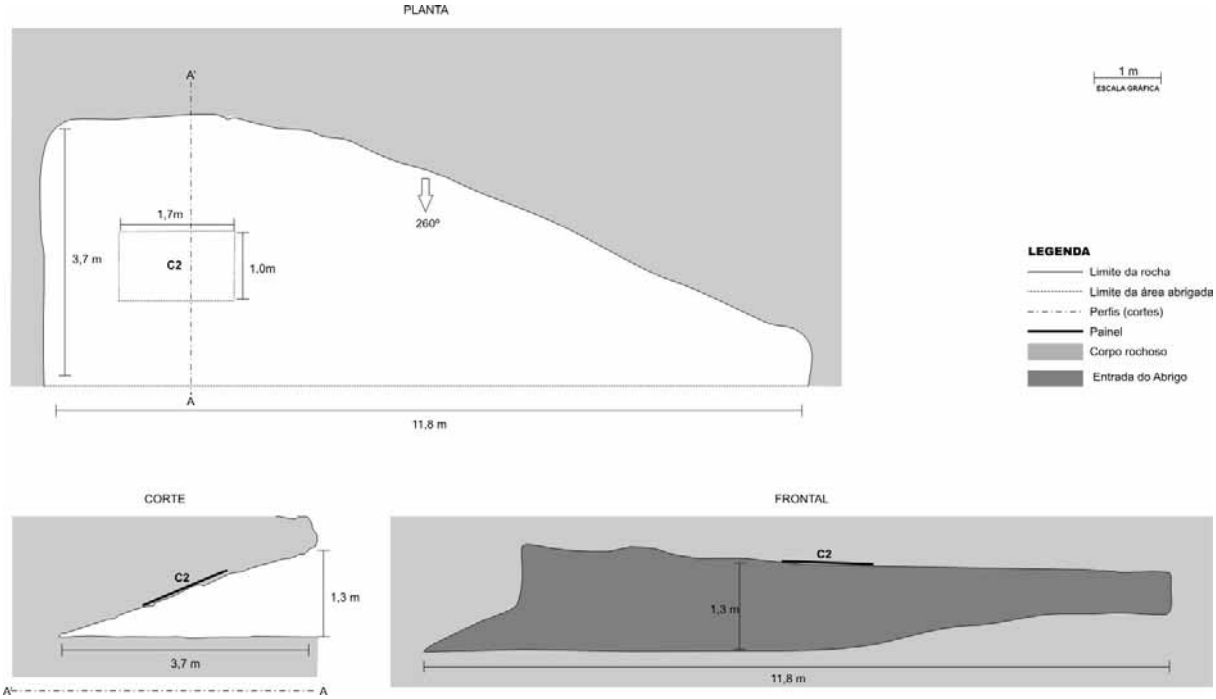
GRAU DE PRESERVAÇÃO	ÓTIMO	---	BOM	---	RUIM	X
EXPOSIÇÃO AGENTES NATURAIS	INSOLAÇÃO	---	CHUVA	---	VENTO	X
DETERIORAÇAO ANTRÓPICA	QUEIMADAS	X	MINERAÇÃO	---	PICHAÇÕES	---
	QUEBRA INTENCIONAL	X	FOGUEIRA	X	OUTROS	---

CARACTERÍSTICAS DAS REPRESENTAÇÕES																								
QTD PAINÉIS	2					TIPO DE REPRESENTAÇÃO			PINTURA	X			GRAVURA	---										
ORIENTAÇÃO (PONTOS CARDEAIS)																								
N	---	NE	---	E	---	SE	---	S	---	SO	---	O	260º	NO	---									
TÉCNICA APLICADA																								
DESENHO	---			PINTURA	X			RASPAGEM	---					PICOTAGEM	---									
INSTRUMENTOS UTILIZADOS																								
GRAVETO	---			GIZ	---			CARVÃO	---					PERCUTOR	---									
PINCEL FINO	---			PINCEL GROSSO	---			DEDO	X					OUTRO	---									
DIMENSÕES DO SUPORTE	VER CROQUIS							DIMENSÕES DOS PAINÉIS	---															
VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS																								
COMPLETA	---			PARCIAL	---			ESCASSA	X					NULA	---									
PIGMENTOS																								
MONOCROMÁTICO	V					BICROMÁTICO	---							POLICROMÁTICO	---									
MOTIVOS																								
ANTROPOMORFO	X			ZOOMORFO	---			FITOMORFO	---			GEOMÉTRICO	X			BORRÃO	---					
POSICIONAMENTO DOS GRAFISMOS NO ABRIGO																								
TETO	X					LAJEDO	---							PAREDE	---									
DIREÇAO DO GESTO NA AÇÃO DE PINTAR																								
DA ESQUERDA PARA A DIREITA	---							DA DIREITA PARA A ESQUERDA	---															
DE CIMA PARA BAIXO	---							DE BAIXO PARA CIMA	---															

PROPORÇÕES EM UM MESMO PAINEL E ENTRE PAINÉIS DIFERENTES																								
ORDEM TEMPORAL																								
ANTIGO	---					MÉDIO	---							RECENTE	---									
PREDOMINÂNCIA																								
ANTROPOMORFO	---			ZOOMORFO	---			FITOMORFO	---			GEOMÉTRICO	X			BORRÃO	---					
TIPOS DE REGISTRO DO SÍTIO																								
FOTOGRAFIA	X			CADERNO DE CAMPO	X			DESENHO	X					FICHA	X									
POSSIBILIDADE DE ESCAVAÇÃO									SIM	X				NÃO										

RESPONSÁVEL PELO REGISTRO	EQUIPE PRESENTE EM CAMPO
CARLOS COSTA E GILCIMAR BARBOSA	CARLOS COSTA, GILCIMAR BARBOSA E PEDRO DOS SANTOS

OBSERVAÇÕES
O SÍTIO TEM 11,8 M DE LARGURA, 1,3 M DE ALTURA E 3,7 M DE PROFUNDIDADE.



CROQUI 40: Sítio São Judas Tadeu III. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.

REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA (BAHIA, BRASIL)
FICHA DE REGISTRO DE SÍTIOS COM REPRESENTAÇÕES RUPESTRES

IDENTIFICAÇÃO DO SÍTIO

NOME DO SÍTIO	SÃO JUDAS TADEU IV				Nº REGISTRO	033	DATA REGISTRO	18/02/2009	
CADASTRO IPHAN	SIM	---	NÃO	X	Nº CADASTRO	---	ANO CADASTRO	---	
PESQUISADOR	CARLOS COSTA								
ESTADO	BA		MUNICÍPIO	JACOBINA			REGIÃO	PIEMONTE CD	
LOCALIDADE	SERRA DO TOMBADOR								
COORDENADAS GEOGRÁFICAS	ZONA	24L	E	0314725	N	8764560	ALT. (m)	904	
PROPRIEDADE	MUNICIPAL		ESTADUAL		FEDERAL		PARTICULAR	X	
INFORMANTE DA ÁREA	---								
ENDEREÇO INFORMANTE	---								
TEL. INFORMANTE	---								
NOME DA PROPRIEDADE	---								
NOME PROPRIETÁRIO	---								
TEL. PROPRIETÁRIO	---								

CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ÁREA

CLIMA	SECO									ALT. (m)	904	
RELEVO	DOLINA	--	FUNDO DE VALE	---	CUME	X	MEIA ENCOSTA	---	MARGEM DE RIO	--		
OUTROS	---											
VEGETAÇÃO				PRIMÁRIA	---				SECUNDÁRIA	X		
	CAATINGA	---	CERRADO	X	OUTRA	ARBUSTIVA						
HIDROGRAFIA	RIO	---	RIACHO	---	CÓRREGO	---	LAGOA	---				
	NASCENTE	---	MINADOURO	---	OLHO D'ÁGUA	---	BREJO	---				

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO

	DESDE O SÍTIO		PARA O SÍTIO	
VISIBILIDADE DO SÍTIO	EXCELENTE	---	EXCELENTE	---
	BOA	X	BOA	X
	REGULAR	---	REGULAR	---
	ESCASSA	---	ESCASSA	---
	NULA	---	NULA	---

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO COM PAINÉIS

CLASSIFICAÇÃO DO SUPORTE ROCHOSO	ABRIGO	---	CAVERNA	---	PAREDE OU PAREDÃO	---
	LAPA	X	MATACÃO	---	LAJEDO	---
	GRUTA	X	LOCA	---	OUTROS	---
IDENTIFICAÇÃO GEOLÓGICA DO SUPORTE ROCHOSO	ARENITO	---	ARENITO SILICIFICADO	X	CALCÁRIO	---
	GRANITO	---	QUARTZO	---	QUARTZITO	---
	OUTROS	---				
IDENTIFICAÇÃO DO SOLO	ARENOSO	X	ARENO / ARGILOSO	---	HUMÍFERO	---
	ROCHOSO	---	TERRA ROXA	---	OUTROS	---

PRESERVAÇÃO

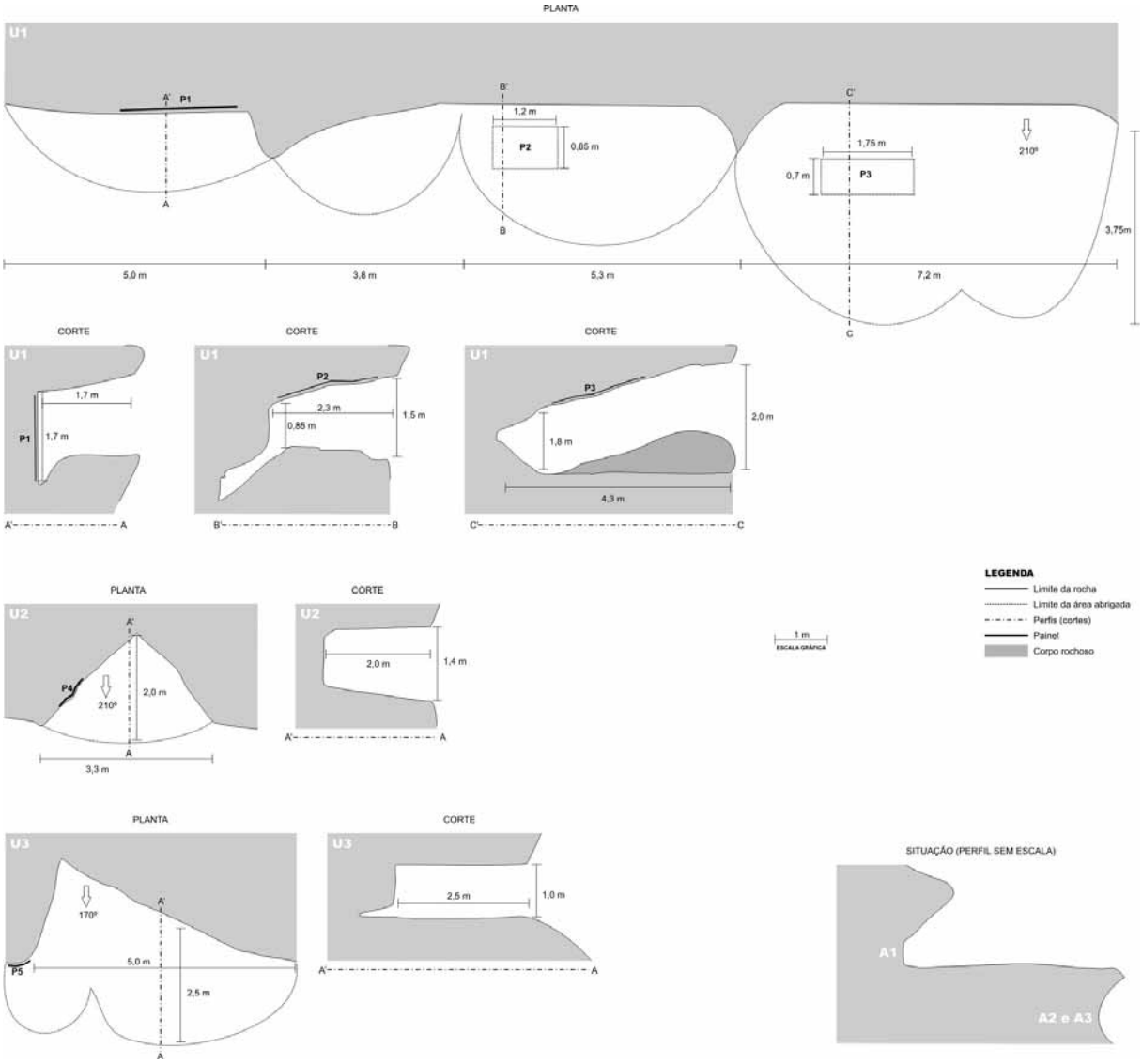
GRAU DE PRESERVAÇÃO	ÓTIMO	---	BOM	---	RUIM	X
EXPOSIÇÃO AGENTES NATURAIS	INSOLAÇÃO	X	CHUVA	X	VENTO	X
DETERIORAÇAO ANTRÓPICA	QUEIMADAS	X	MINERAÇÃO	---	PICHAÇÕES	---
	QUEBRA INTENCIONAL	---	FOGUEIRA	X	OUTROS	---

CARACTERÍSTICAS DAS REPRESENTAÇÕES																
QTD PAINÉIS	5					TIPO DE REPRESENTAÇÃO		PINTURA	X			GRAVURA	---			
ORIENTAÇÃO (PONTOS CARDEAIS)																
N	---	NE	---	E	---	SE	---	S	---	SO	210º	O	---	NO	---	
TÉCNICA APLICADA																
DESENHO	X			PINTURA	X			RASPAGEM	---			PICOTAGEM	---			
INSTRUMENTOS UTILIZADOS																
GRAVETO	---			GIZ	X			CARVÃO	---			PERCUTOR	---			
PINCEL FINO	---			PINCEL GROSSO	---			DEDO	X			OUTRO	---			
DIMENSÕES DO SUPORTE	VER CROQUIS							DIMENSÕES DOS PAINÉIS								
VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS																
COMPLETA	---			PARCIAL	---			ESCASSA	X			NULA	---			
PIGMENTOS																
MONOCROMÁTICO	---			BICROMÁTICO	V A			POLICROMÁTICO	---							
MOTIVOS																
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	X							
POSICIONAMENTO DOS GRAFISMOS NO ABRIGO																
TETO	X			LAJEDO	---			PAREDE	X							
DIREÇAO DO GESTO NA AÇÃO DE PINTAR																
DA ESQUERDA PARA A DIREITA	---			DA DIREITA PARA A ESQUERDA	---											
DE CIMA PARA BAIXO	---			DE BAIXO PARA CIMA	---											

PROPORÇÕES EM UM MESMO PAINEL E ENTRE PAINÉIS DIFERENTES																
ORDEM TEMPORAL																
ANTIGO	---			MÉDIO	---			RECENTE	---							
PREDOMINÂNCIA																
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---							
TIPOS DE REGISTRO DO SÍTIO																
FOTOGRAFIA	X	CADERNO DE CAMPO	X	DESENHO	X			FICHA	X							
POSSIBILIDADE DE ESCAVAÇÃO						SIM	X	NÃO	---							

RESPONSÁVEL PELO REGISTRO	EQUIPE PRESENTE EM CAMPO
CARLOS COSTA E GILCIMAR BARBOSA	CARLOS COSTA, GILCIMAR BARBOSA E PEDRO DOS SANTOS

OBSERVAÇÕES
O SÍTIO POSSUI DOIS PATAMARES, UM SUPERIOR E UM INFERIOR. NO SUPERIOR TEMOS 3 PAINÉIS, 2 NO TETO E 1 NA PAREDE. NO INFERIOR TEMOS MAIS 2 PAINÉIS, AMBOS NA PAREDE. O SÍTIO MEDE 29,5M DE COMPRIMENTO. A MAIOR PROFUNDIDADE DO SÍTIO É DE 4,3 M. QUANTO A ALTURA, ELA CHEGA A ATINGIR 2M.TEM AINDA UMA FIGURA ISOLADA LOCALIZADA NO PATAMAR INFERIOR.



CROQUI 41: Sítio São Judas Tadeu IV. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.

REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA (BAHIA, BRASIL)
FICHA DE REGISTRO DE SÍTIOS COM REPRESENTAÇÕES RUPESTRES

IDENTIFICAÇÃO DO SÍTIO

NOME DO SÍTIO	SÃO JUDAS TADEU V				Nº REGISTRO	034		DATA REGISTRO	03/09/2009		
CADASTRO IPHAN	SIM	---	NÃO	X	Nº CADASTRO	---		ANO CADASTRO	---		
PESQUISADOR	CARLOS COSTA										
ESTADO	BA		MUNICÍPIO		JACOBINA		REGIÃO		PIEMONTE CD		
LOCALIDADE	SERRA DO TOMBADOR										
COORDENADAS GEOGRÁFICAS	ZONA	24L	E	0316105		N	8763086		ALT. (m)	920	
PROPRIEDADE	MUNICIPAL	X	ESTADUAL	---		FEDERAL	---		PARTICULAR	---	
INFORMANTE DA ÁREA	---										
ENDEREÇO INFORMANTE	---										
TEL. INFORMANTE	---										
NOME DA PROPRIEDADE	---										
NOME PROPRIETÁRIO	---										
TEL. PROPRIETÁRIO	---										

CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ÁREA

CLIMA	SECO								ALT. (m)	920	
RELEVO	DOLINA	--	FUNDO DE VALE	--	CUME	X	MEIA ENCOSTA	--	MARGEM DE RIO	--	
OUTROS	---										

VEGETAÇÃO	PRIMÁRIA	X	SECUNDÁRIA	---		
	CAATINGA	---	CERRADO	X	OUTRA	---

HIDROGRAFIA	RIO	---	RIACHO	---	CÓRREGO	---	LAGOA	---
	NASCENTE	---	MINADOURO	SÃO JUDAS TADEU	OLHO D'ÁGUA	---	BREJO	---

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO

	DESDE O SÍTIO		PARA O SÍTIO	
VISIBILIDADE DO SÍTIO	EXCELENTE	---	EXCELENTE	---
	BOA	---	BOA	---
	REGULAR	---	REGULAR	---
	ESCASSA	---	ESCASSA	---
	NULA	X	NULA	X

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO COM PAINÉIS

CLASSIFICAÇÃO DO SUPORTE ROCHOSO	ABRIGO	---	CAVERNA	---	PAREDE OU PAREDÃO	---
	LAPA	X	MATACÃO	---	LAJEDO	---
	GRUTA	X	LOCA	---	OUTROS	---
IDENTIFICAÇÃO GEOLÓGICA DO SUPORTE ROCHOSO	ARENITO	---	ARENITO SILICIFICADO	X	CALCÁRIO	---
	GRANITO	---	QUARTZO	---	QUARTZITO	---
	OUTROS	---				
IDENTIFICAÇÃO DO SOLO	ARENOSO	X	ARENO / ARGILOSO	---	HUMÍFERO	---
	ROCHOSO	---	TERRA ROXA	---	OUTROS	---

PRESERVAÇÃO

GRAU DE PRESERVAÇÃO	ÓTIMO	---	BOM	---	RUIM	X
EXPOSIÇÃO AGENTES NATURAIS	INSOLAÇÃO	---	CHUVA	---	VENTO	X
	QUEIMADAS	X	MINERAÇÃO	X	PICHAÇÕES	---

	QUEBRA INTENCIONAL	X	FOGUEIRA	X	OUTROS	---	

CARACTERÍSTICAS DAS REPRESENTAÇÕES							
QTD PAINÉIS	1	TIPO DE REPRESENTAÇÃO	PINTURA	X	GRAVURA	---	

ORIENTAÇÃO (PONTOS CARDEAIS)															
N	U2 20º	NE	---	E	---	SE	---	S	---	SO	---	O	---	NO	U1 300º

TÉCNICA APLICADA							
DESENHO	X	PINTURA	X	RASPAGEM	---	PICOTAGEM	---

INSTRUMENTOS UTILIZADOS							
GRAVETO	---	GIZ	X	CARVÃO	---	PERCUTOR	---
PINCEL FINO	---	PINCEL GROSSO	---	DEDO	X	OUTRO	---
DIMENSÕES DO SUPORTE	VER CROQUIS			DIMENSÕES DOS PAINÉIS	---		

VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS							
COMPLETA	X	PARCIAL	---	ESCASSA	---	NULA	---

PIGMENTOS					
MONOCROMÁTICO	---	BICROMÁTICO	V A	POLICROMÁTICO	---

MOTIVOS									
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	X

POSICIONAMENTO DOS GRAFISMOS NO ABRIGO					
TETO	X	LAJEDO	---	PAREDE	X

DIREÇAO DO GESTO NA AÇÃO DE PINTAR			
DA ESQUERDA PARA A DIREITA	---	DA DIREITA PARA A ESQUERDA	---
DE CIMA PARA BAIXO	---	DE BAIXO PARA CIMA	---

PROPORÇÕES EM UM MESMO PAINEL E ENTRE PAINÉIS DIFERENTES					
ORDEM TEMPORAL					
ANTIGO	X	MÉDIO	---	RECENTE	---

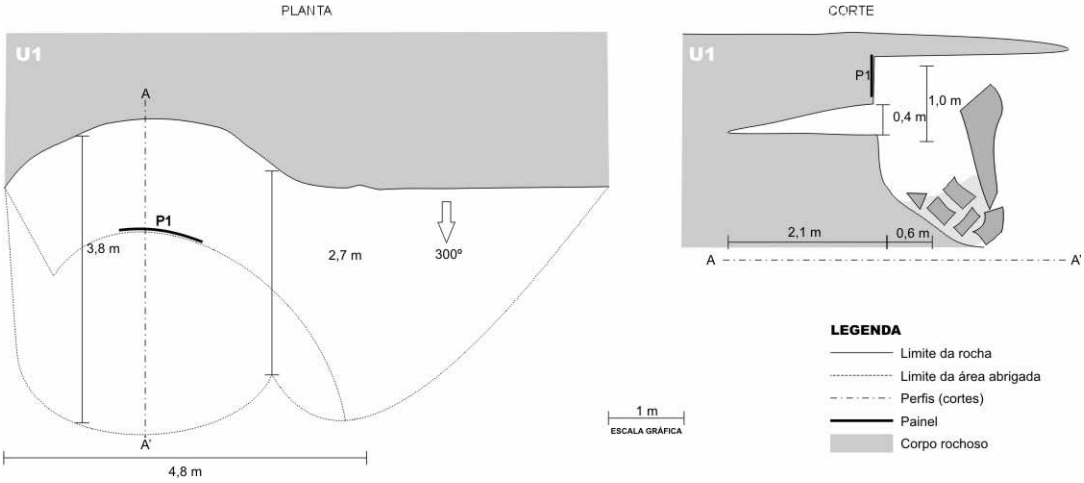
PREDOMINÂNCIA									
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---

TIPOS DE REGISTRO DO SÍTIO							
FOTOGRAFIA	X	CADERNO DE CAMPO	X	DESENHO	X	FICHA	X

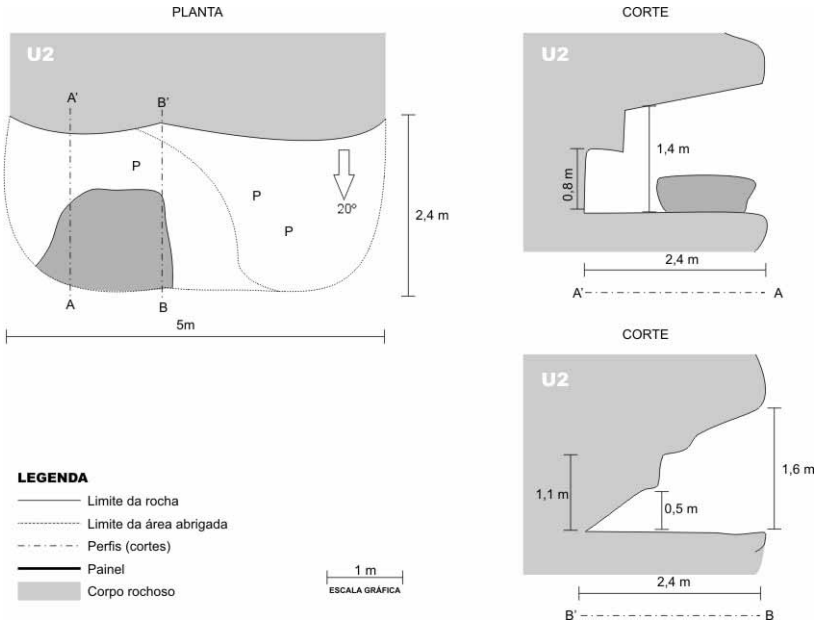
POSSIBILIDADE DE ESCAVAÇÃO	SIM	X	NÃO	

RESPONSÁVEL PELO REGISTRO	EQUIPE PRESENTE EM CAMPO
CARLOS COSTA E GILCIMAR BARBOSA	CARLOS COSTA, GILCIMAR BARBOSA E PEDRO DOS SANTOS

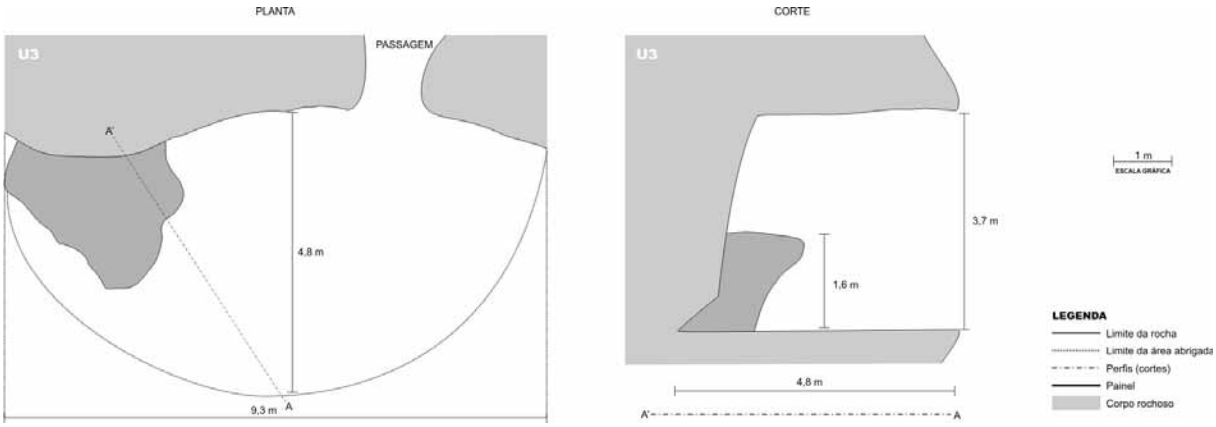
OBSERVAÇÕES
TÊM TRÊS UNIDADES GEOMORFOLÓGICAS/ARQUEOLÓGICAS. A PRIMEIRA POSSUI 4,8 M DE COMPRIMENTO, 1M DE ALTURA E 3,8 M DE PROFUNDIDADE. A SEGUNDA TEM 5M DE COMPRIMENTO, 2,4 M DE PROFUNDIDADE E 1,6M DE ALTURA. A TERCEIRA TEM 9,8 M DE COMPRIMENTO, 4,8 M DE PROFUNDIDADE E 3,7 DE ALTURA.



CROQUI 42: Sítio São Judas Tadeu V, unidade 1. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.



CROQUI 43: Sítio São Judas Tadeu V, unidade 2. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.



CROQUI 44: Sítio São Judas Tadeu V, unidade 3. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.

REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA (BAHIA, BRASIL)
FICHA DE REGISTRO DE SÍTIOS COM REPRESENTAÇÕES RUPESTRES

IDENTIFICAÇÃO DO SÍTIO

NOME DO SÍTIO	SÃO JUDAS TADEU VI				Nº REGISTRO	035		DATA REGISTRO	03/09/2009		
CADASTRO IPHAN	SIM	---	NÃO	X	Nº CADASTRO	---		ANO CADASTRO	---		
PESQUISADOR	CARLOS COSTA										
ESTADO	BA		MUNICÍPIO		JACOBINA		REGIÃO		PIEMONTE		
LOCALIDADE	SERRA DO TOMBADOR										
COORDENADAS GEOGRÁFICAS	ZONA	24L	E	0316432		N	8763432		ALT. (m)	908	
PROPRIEDADE	MUNICIPAL	X	ESTADUAL	---		FEDERAL	---		PARTICULAR	---	
INFORMANTE DA ÁREA	PEDRO DOS SANTOS										
ENDEREÇO INFORMANTE	---										
TEL. INFORMANTE	---										
NOME DA PROPRIEDADE	---										
NOME PROPRIETÁRIO	---										
TEL. PROPRIETÁRIO	---										

CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ÁREA

CLIMA	SECO									ALT. (m)	908	
RELEVO	DOLINA	--	FUNDO DE VALE	--	CUME	X	MEIA ENCOSTA	---	MARGEM DE RIO	--		
OUTROS	---											
VEGETAÇÃO				PRIMÁRIA	X			SECUNDÁRIA				
	CAATINGA	---	CERRADO	X	OUTRA	---						
HIDROGRAFIA	RIO	---	RIACHO	---	CÓRREGO	---	LAGOA	---				
	NASCENTE	---	MINADOURO	SÃO JUDAS TADEU	OLHO D'ÁGUA	---	BREJO	---				

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO

VISIBILIDADE DO SÍTIO	DESDE O SÍTIO		PARA O SÍTIO	
	EXCELENTE	ATRÁS DO ABRIGO	EXCELENTE	---
	BOA	---	BOA	
	REGULAR	---	REGULAR	X
	ESCASSA	ÁREA DA PINTURA	ESCASSA	
	NULA	---	NULA	---

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO COM PAINÉIS

CLASSIFICAÇÃO DO SUPORTE ROCHOSO	ABRIGO	---	CAVERNA	---	PAREDE OU PAREDÃO	---
	LAPA	X	MATACÃO	---	LAJEDO	---
	GRUTA	---	LOCA	---	OUTROS	---
IDENTIFICAÇÃO GEOLÓGICA DO SUPORTE ROCHOSO	ARENITO	---	ARENITO SILICIFICADO	X	CALCÁRIO	---
	GRANITO	---	QUARTZO	---	QUARTZITO	----
	OUTROS	---				
IDENTIFICAÇÃO DO SOLO	ARENOSO	X	ARENO / ARGILOSO	---	HUMÍFERO	---
	ROCHOSO	---	TERRA ROXA	---	OUTROS	---

PRESERVAÇÃO

GRAU DE PRESERVAÇÃO	ÓTIMO	---	BOM	---	RUIM	X
EXPOSIÇÃO AGENTES NATURAIS	INSOLAÇÃO	X	CHUVA	X	VENTO	X
	QUEIMADAS	---	MINERAÇÃO	X	PICHAÇÕES	---

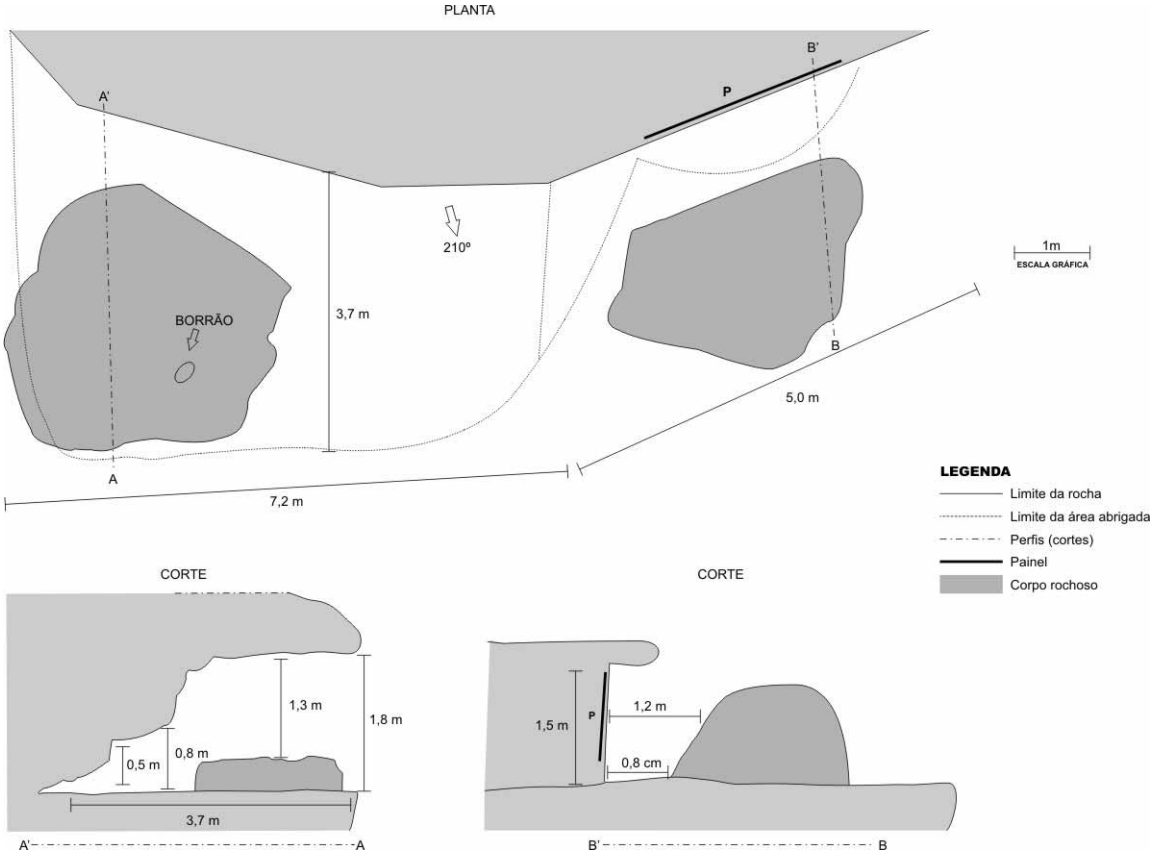
	QUEBRA INTENCIONAL	X	FOGUEIRA	---	OUTROS	---

CARACTERÍSTICAS DAS REPRESENTAÇÕES																			
QTD PAINÉIS	2	TIPO DE REPRESENTAÇÃO		PINTURA	X	GRAVURA	---												
ORIENTAÇÃO (PONTOS CARDEAIS)																			
N	---	NE	---	E	---	SE	---	S	---	SO	210º	O	---	NO	---				
TÉCNICA APLICADA																			
DESENHO	---	PINTURA	X	RASPAGEM	---	PICOTAGEM	---												
INSTRUMENTOS UTILIZADOS																			
GRAVETO	---	GIZ	---	CARVÃO	---	PERCUTOR	---												
PINCEL FINO	---	PINCEL GROSSO	---	DEDO	X	OUTRO	---												
DIMENSÕES DO SUPORTE	VER CROQUIS			DIMENSÕES DOS PAINÉIS	---														
VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS																			
COMPLETA	---	PARCIAL	X	ESCASSA	---	NULA	---												
PIGMENTOS																			
MONOCROMÁTICO	V	BICROMÁTICO	---	POLICROMÁTICO	---														
MOTIVOS																			
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	X										
POSICIONAMENTO DOS GRAFISMOS NO ABRIGO																			
TETO	X	LAJEDO	---	PAREDE	X														
DIREÇAO DO GESTO NA AÇÃO DE PINTAR																			
DA ESQUERDA PARA A DIREITA	---	DA DIREITA PARA A ESQUERDA	---																
DE CIMA PARA BAIXO	---	DE BAIXO PARA CIMA	---																

PROPORÇÕES EM UM MESMO PAINEL E ENTRE PAINÉIS DIFERENTES																			
ORDEM TEMPORAL																			
ANTIGO	X	MÉDIO	---	RECENTE	---														
PREDOMINÂNCIA																			
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---										
TIPOS DE REGISTRO DO SÍTIO																			
FOTOGRAFIA	X	CADERNO DE CAMPO	X	DESENHO	X	FICHA	X												
POSSIBILIDADE DE ESCAVAÇÃO				SIM	X	NÃO													

RESPONSÁVEL PELO REGISTRO	EQUIPE PRESENTE EM CAMPO
CARLOS COSTA E GILCIMAR BARBOSA	CARLOS COSTA, GILCIMAR BARBOSA E PEDRO DOS SANTOS

OBSERVAÇÕES
O SÍTIO TEM 12M DE COMPRIMENTO, 3,7 M DE PROFUNDIDADE E 1,8M DE ALTURA.



CROQUI 45: Sítio São Judas Tadeu VI. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.

REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA (BAHIA, BRASIL)
FICHA DE REGISTRO DE SÍTIOS COM REPRESENTAÇÕES RUPESTRES

IDENTIFICAÇÃO DO SÍTIO

NOME DO SÍTIO	SÃO JUDAS TADEU VII				Nº REGISTRO	036		DATA REGISTRO	04/09/2009		
CADASTRO IPHAN	SIM	---	NÃO	X	Nº CADASTRO	---		ANO CADASTRO	---		
PESQUISADOR	CARLOS COSTA										
ESTADO	BA		MUNICÍPIO		JACOBINA		REGIÃO		PIEMONTE CD		
LOCALIDADE	SERRA DO TOMBADOR										
COORDENADAS GEOGRÁFICAS	ZONA	24L	E	0316321		N	8763273		ALT. (m)	920	
PROPRIEDADE	MUNICIPAL	X	ESTADUAL	---		FEDERAL	---		PARTICULAR	---	
INFORMANTE DA ÁREA	---										
ENDEREÇO INFORMANTE	---										
TEL. INFORMANTE	---										
NOME DA PROPRIEDADE	---										
NOME PROPRIETÁRIO	---										
TEL. PROPRIETÁRIO	---										

CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ÁREA

CLIMA	SECO								ALT. (m)	920	
RELEVO	DOLINA	--	FUNDO DE VALE	---	CUME	X	MEIA ENCOSTA	--	MARGEM DE RIO	--	
OUTROS	---										

VEGETAÇÃO	PRIMÁRIA	X	SECUNDÁRIA	---		
	CAATINGA	---	CERRADO	X	OUTRA	---

HIDROGRAFIA	RIO	---	RIACHO	---	CÓRREGO	---	LAGOA	---
	NASCENTE	---	MINADOURO	SÃO JUDAS TADEU	OLHO D'ÁGUA	---	BREJO	---

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO

	DESDE O SÍTIO		PARA O SÍTIO	
VISIBILIDADE DO SÍTIO	EXCELENTE	---	EXCELENTE	---
	BOA	---	BOA	---
	REGULAR	---	REGULAR	---
	ESCASSA	---	ESCASSA	---
	NULA	X	NULA	X

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO COM PAINÉIS

CLASSIFICAÇÃO DO SUPORTE ROCHOSO	ABRIGO	---	CAVERNA	---	PAREDE OU PAREDÃO	---
	LAPA	---	MATACÃO	---	LAJEDO	---
	GRUTA	X	LOCA	---	OUTROS	---
IDENTIFICAÇÃO GEOLÓGICA DO SUPORTE ROCHOSO	ARENITO	---	ARENITO SILICIFICADO	X	CALCÁRIO	---
	GRANITO	---	QUARTZO	---	QUARTZITO	---
	OUTROS	---				
IDENTIFICAÇÃO DO SOLO	ARENOSO	X	ARENO / ARGILOSO	---	HUMÍFERO	---
	ROCHOSO	---	TERRA ROXA	---	OUTROS	---

PRESERVAÇÃO

GRAU DE PRESERVAÇÃO	ÓTIMO	---	BOM	---	RUIM	X
EXPOSIÇÃO AGENTES NATURAIS	INSOLAÇÃO	X	CHUVA	X	VENTO	X
	QUEIMADAS	X	MINERAÇÃO	---	PICHAÇÕES	---

	QUEBRA INTENCIONAL	---	FOGUEIRA	---	OUTROS	---	

CARACTERÍSTICAS DAS REPRESENTAÇÕES							
QTD PAINÉIS	2 FIGURAS ISOLADAS	TIPO DE REPRESENTAÇÃO	PINTURA	X	GRAVURA	---	

ORIENTAÇÃO (PONTOS CARDEAIS)															
N	---	NE	---	E	---	SE	---	S	---	SO	240º	O	---	NO	---

TÉCNICA APLICADA							
DESENHO	---	PINTURA	X	RASPAGEM	---	PICOTAGEM	---

INSTRUMENTOS UTILIZADOS							
GRAVETO	---	GIZ	---	CARVÃO	---	PERCUTOR	---
PINCEL FINO	---	PINCEL GROSSO	---	DEDO	X	OUTRO	---
DIMENSÕES DO SUPORTE	VER CROQUIS			DIMENSÕES DOS PAINÉIS	----		

VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS							
COMPLETA	---	PARCIAL	---	ESCASSA	---	NULA	X

PIGMENTOS					
MONOCROMÁTICO	V	BICROMÁTICO	---	POLICROMÁTICO	---

MOTIVOS									
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---

POSICIONAMENTO DOS GRAFISMOS NO ABRIGO					
TETO	X	LAJEDO	---	PAREDE	---

DIREÇAO DO GESTO NA AÇÃO DE PINTAR			
DA ESQUERDA PARA A DIREITA	---	DA DIREITA PARA A ESQUERDA	---
DE CIMA PARA BAIXO	---	DE BAIXO PARA CIMA	---

PROPORÇÕES EM UM MESMO PAINEL E ENTRE PAINÉIS DIFERENTES					
ORDEM TEMPORAL					
ANTIGO	X	MÉDIO	---	RECENTE	---

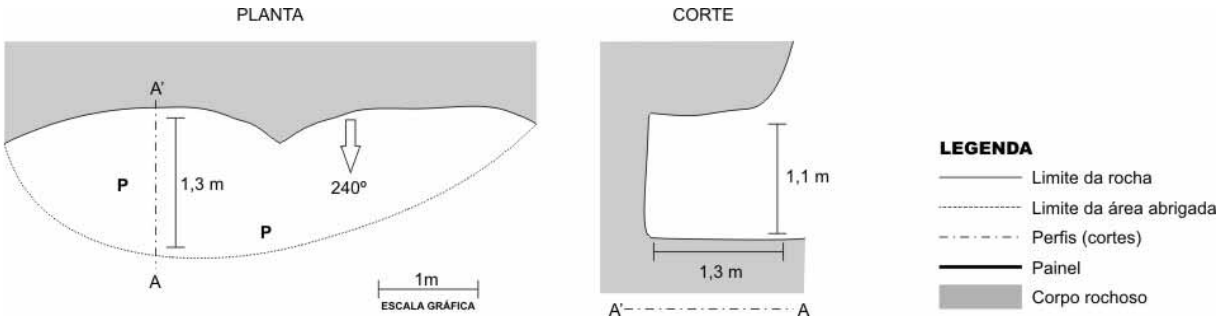
PREDOMINÂNCIA									
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---

TIPOS DE REGISTRO DO SÍTIO							
FOTOGRAFIA	X	CADERNO DE CAMPO	X	DESENHO	X	FICHA	X

POSSIBILIDADE DE ESCAVAÇÃO				
	SIM		NÃO	X

RESPONSÁVEL PELO REGISTRO	EQUIPE PRESENTE EM CAMPO
CARLOS COSTA E GILCIMAR BARBOSA	CARLOS COSTA, GILCIMAR BARBOSA E PEDRO DOS SANTOS

OBSERVAÇÕES
O SÍTIO TEM 1,9 M DE COMPRIMENTO, 1,3 M DE PROFUNDIDADE E 1,1 M DE ALTURA.



CROQUI 46: Sítio São Judas Tadeu VII. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.

REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA (BAHIA, BRASIL)
FICHA DE REGISTRO DE SÍTIOS COM REPRESENTAÇÕES RUPESTRES

IDENTIFICAÇÃO DO SÍTIO

NOME DO SÍTIO	SEIXOS				Nº REGISTRO	037	DATA REGISTRO	09/01/2010	
CADASTRO IPHAN	SIM	---	NÃO	X	Nº CADASTRO	---	ANO CADASTRO	---	
PESQUISADOR	CARLOS COSTA								
ESTADO	BA		MUNICÍPIO	JACOBINA			REGIÃO	PIEMONTE CD	
LOCALIDADE	SERRA DO TOMBADOR								
COORDENADAS GEOGRÁFICAS	ZONA	24L	E	0327881	N	8786636	ALT. (m)	837	
PROPRIEDADE	MUNICIPAL	---	ESTADUAL	---	FEDERAL	---	PARTICULAR	X	
INFORMANTE DA ÁREA	PEDRO DOS SANTOS								
ENDEREÇO INFORMANTE	---								
TEL. INFORMANTE	---								
NOME DA PROPRIEDADE	---								
NOME PROPRIETÁRIO	---								
TEL. PROPRIETÁRIO	---								

CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ÁREA

CLIMA	ÚMIDO									ALT. (m)	837	
RELEVO	DOLINA	--	FUNDO DE VALE	--	CUME	X	MEIA ENCOSTA	--	MARGEM DE RIO	--		
OUTROS	--											
VEGETAÇÃO				PRIMÁRIA				SECUNDÁRIA	X			
	CAATINGA	---	CERRADO	X	OUTRA	---						
HIDROGRAFIA	RIO	---	RIACHO	---	CÓRREGO	---	LAGOA	---				
	NASCENTE	---	MINADOURO	X	OLHO D'ÁGUA	---	BREJO	---				

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO

	DESDE O SÍTIO		PARA O SÍTIO	
VISIBILIDADE DO SÍTIO	EXCELENTE	X	EXCELENTE	X
	BOA	---	BOA	---
	REGULAR	---	REGULAR	---
	ESCASSA	---	ESCASSA	---
	NULA	---	NULA	---

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO COM PAINÉIS

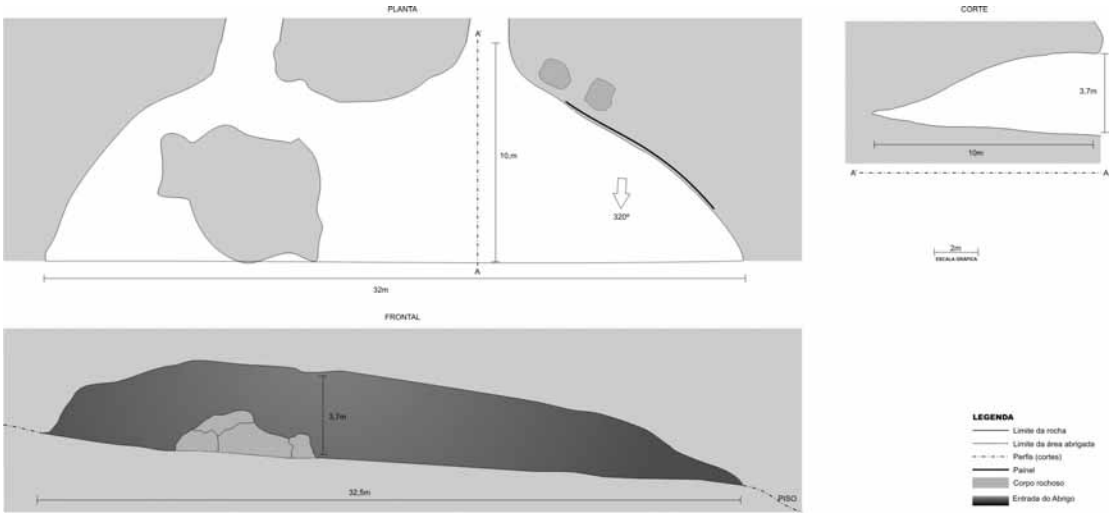
CLASSIFICAÇÃO DO SUPORTE ROCHOSO	ABRIGO	X	CAVERNA	---	PAREDE OU PAREDÃO	---
	LAPA	---	MATACÃO	---	LAJEDO	---
	GRUTA	---	LOCA	---	OUTROS	--
IDENTIFICAÇÃO GEOLÓGICA DO SUPORTE ROCHOSO	ARENITO	---	ARENITO SILICIFICADO	---	CALCÁRIO	---
	GRANITO	---	QUARTZO	---	QUARTZITO	---
	OUTROS	CONGLOMERADO DE SEIXOS				
IDENTIFICAÇÃO DO SOLO	ARENOSO	X	ARENO / ARGILOSO	---	HUMÍFERO	---
	ROCHOSO	---	TERRA ROXA	---	OUTROS	---

PRESERVAÇÃO

GRAU DE PRESERVAÇÃO	ÓTIMO	---	BOM	---	RUIM	X
EXPOSIÇÃO AGENTES NATURAIS	INSOLAÇÃO	X	CHUVA	X	VENTO	X
DETERIORAÇAO ANTRÓPICA	QUEIMADAS	X	MINERAÇÃO	X	PICHAÇÕES	---
	QUEBRA INTENCIONAL	X	FOGUEIRA	---	OUTROS	---

CARACTERÍSTICAS DAS REPRESENTAÇÕES																
QTD PAINÉIS	---			TIPO DE REPRESENTAÇÃO		PINTURA	X	GRAVURA	---							
ORIENTAÇÃO (PONTOS CARDEAIS)																
N	---	NE	---	E	---	SE	---	S	---	SO	---	O	---	NO	340º	
TÉCNICA APLICADA																
DESENHO	X	PINTURA	X	RASPAGEM	---	PICOTAGEM	---									
INSTRUMENTOS UTILIZADOS																
GRAVETO	---	GIZ	X	CARVÃO	X	PERCUTOR	---									
PINCEL FINO	X	PINCEL GROSSO	---	DEDO	X	OUTRO	---									
DIMENSÕES DO SUPORTE	VER CROQUIS			DIMENSÕES DOS PAINÉIS	---											
VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS																
COMPLETA	---	PARCIAL	X	ESCASSA	---	NULA	---									
PIGMENTOS																
MONOCROMÁTICO	---	BICROMÁTICO	V P	POLICROMÁTICO	---											
MOTIVOS																
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	X	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	X							
POSICIONAMENTO DOS GRAFISMOS NO ABRIGO																
TETO	X	LAJEDO	---	PAREDE	X											
DIREÇAO DO GESTO NA AÇÃO DE PINTAR																
DA ESQUERDA PARA A DIREITA	---	DA DIREITA PARA A ESQUERDA	---													
DE CIMA PARA BAIXO	---	DE BAIXO PARA CIMA	---													

PROPORÇÕES EM UM MESMO PAINEL E ENTRE PAINÉIS DIFERENTES																
ORDEM TEMPORAL																
ANTIGO	---	MÉDIO	X	RECENTE	X											
PREDOMINÂNCIA																
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---							
TIPOS DE REGISTRO DO SÍTIO																
FOTOGRAFIA	X	CADERNO DE CAMPO	X	DESENHO	X	FICHA	X									
POSSIBILIDADE DE ESCAVAÇÃO				SIM	X	NÃO	---									
RESPONSÁVEL PELO REGISTRO				EQUIPE PRESENTE EM CAMPO												
CARLOS COSTA				CARLOS COSTA, LENDRO MAX E PEDRO DOS SANTOS												
OBSERVAÇÕES																
O SÍTIO TEM 32M DE COMPRIMENTO, 10M DE PROFUNDIDADE E 3,7M DE ALTURA.																



CROQUI 47: Sítio Seixos. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.

REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA (BAHIA, BRASIL)
FICHA DE REGISTRO DE SÍTIOS COM REPRESENTAÇÕES RUPESTRES

IDENTIFICAÇÃO DO SÍTIO

NOME DO SÍTIO	SERRA DO CÍLIO I				Nº REGISTRO	038		DATA REGISTRO	07/09/2009		
CADASTRO IPHAN	SIM	---	NÃO	X	Nº CADASTRO	---		ANO CADASTRO	---		
PESQUISADOR	CARLOS COSTA										
ESTADO	BA		MUNICÍPIO		JACOBINA		REGIÃO		PIEMONTE CD		
LOCALIDADE	SERRA DO TOMBADOR										
COORDENADAS GEOGRÁFICAS	ZONA	24L	N	0314047		S	8755286		ALT. (m)	955	
PROPRIEDADE	MUNICIPAL	---	ESTADUAL	---		FEDERAL	---		PARTICULAR	X	
INFORMANTE DA ÁREA	PEDRO DOS SANTOS										
ENDEREÇO INFORMANTE	---										
TEL. INFORMANTE	---										
NOME DA PROPRIEDADE	---										
NOME PROPRIETÁRIO	---										
TEL. PROPRIETÁRIO	---										

CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ÁREA

CLIMA	SECO								ALT. (m)	955	
RELEVO	DOLINA	--	FUNDO DE VALE	--	CUME	--	MEIA ENCOSTA	--	MARGEM DE RIO	--	
OUTROS	BASE DA SERRA										

VEGETAÇÃO	PRIMÁRIA	X	SECUNDÁRIA			
	CAATINGA	---	CERRADO	---	OUTRA	TRANSIÇÃO CERRADO / CAATINGA

HIDROGRAFIA	RIO	---	RIACHO	---	CÓRREGO	---	LAGOA	---
	NASCENTE	---	MINADOURO	---	OLHO D'ÁGUA	---	BREJO	DO CÍLIO

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO

	DESDE O SÍTIO		PARA O SÍTIO	
VISIBILIDADE DO SÍTIO	EXCELENTE	---	EXCELENTE	---
	BOA	---	BOA	---
	REGULAR	---	REGULAR	---
	ESCASSA	X	ESCASSA	---
	NULA	---	NULA	X

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO COM PAINÉIS

CLASSIFICAÇÃO DO SUPORTE ROCHOSO	ABRIGO	---	CAVERNA	---	PAREDE OU PAREDÃO	---
	LAPA	---	MATACÃO	---	LAJEDO	---
	GRUTA	X	LOCA	---	OUTROS	---
IDENTIFICAÇÃO GEOLÓGICA DO SUPORTE ROCHOSO	ARENITO	X	ARENITO SILICIFICADO	---	CALCÁRIO	---
	GRANITO	---	QUARTZO	---	QUARTZITO	---
	OUTROS	---				
IDENTIFICAÇÃO DO SOLO	ARENOSO	X	ARENO / ARGILOSO	---	HUMÍFERO	---
	ROCHOSO	---	TERRA ROXA	---	OUTROS	---

PRESERVAÇÃO

GRAU DE PRESERVAÇÃO	ÓTIMO	---	BOM	---	RUIM	X
EXPOSIÇÃO AGENTES NATURAIS	INSOLAÇÃO	---	CHUVA	X	VENTO	X
	QUEIMADAS	---	MINERAÇÃO	---	PICHAÇÕES	---

	QUEBRA INTENCIONAL	---	FOGUEIRA	---	OUTROS	---	

CARACTERÍSTICAS DAS REPRESENTAÇÕES							
QTD PAINÉIS	2	TIPO DE REPRESENTAÇÃO	PINTURA	X	GRAVURA	---	

ORIENTAÇÃO (PONTOS CARDEAIS)															
N	---	NE	---	E	---	SE	140º	S	---	SO	---	O	---	NO	---

TÉCNICA APLICADA							
DESENHO	X	PINTURA	---	RASPAGEM	---	PICOTAGEM	---

INSTRUMENTOS UTILIZADOS							
GRAVETO	---	GIZ	X	CARVÃO	---	PERCUTOR	---
PINCEL FINO	---	PINCEL GROSSO	---	DEDO	---	OUTRO	---
DIMENSÕES DO SUPORTE	VER CROQUIS			DIMENSÕES DOS PAINÉIS	---		

VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS							
COMPLETA	---	PARCIAL	---	ESCASSA	X	NULA	---

PIGMENTOS					
MONOCROMÁTICO	V	BICROMÁTICO	---	POLICROMÁTICO	---

MOTIVOS									
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---

POSICIONAMENTO DOS GRAFISMOS NO ABRIGO					
TETO	X	LAJEDO	---	PAREDE	---

DIREÇAO DO GESTO NA AÇÃO DE PINTAR			
DA ESQUERDA PARA A DIREITA	---	DA DIREITA PARA A ESQUERDA	---
DE CIMA PARA BAIXO	---	DE BAIXO PARA CIMA	---

PROPORÇÕES EM UM MESMO PAINEL E ENTRE PAINÉIS DIFERENTES					
ORDEM TEMPORAL					
ANTIGO	X	MÉDIO	---	RECENTE	---

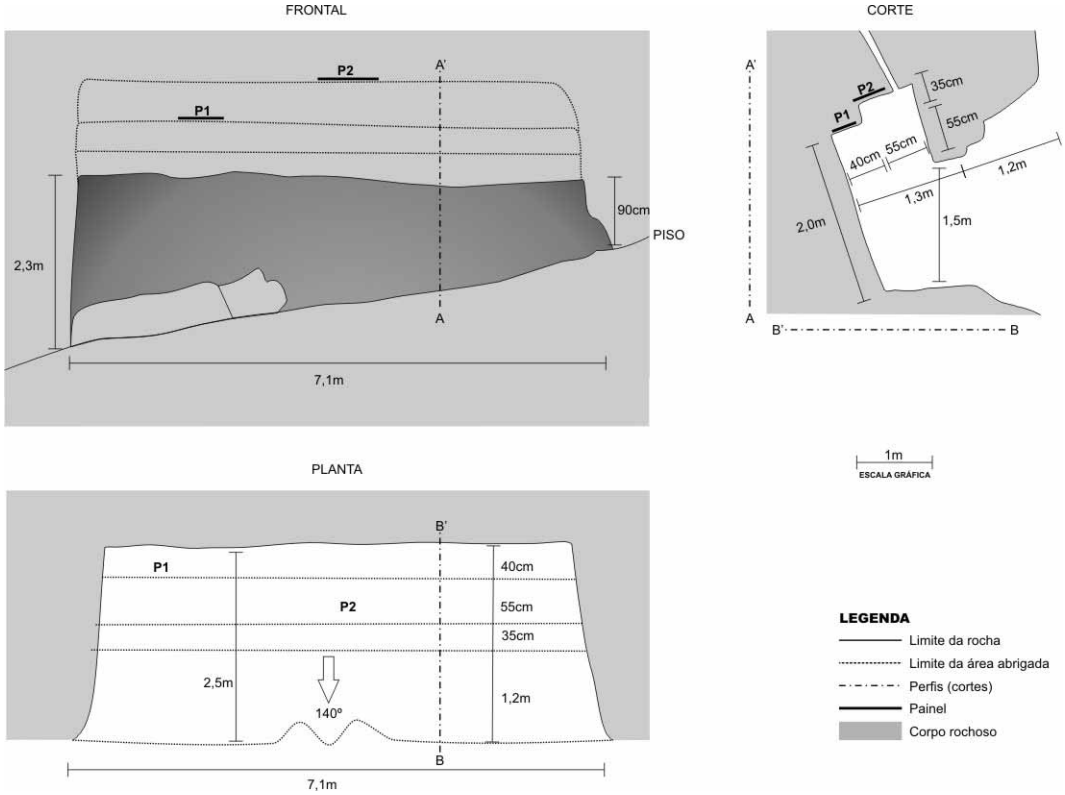
PREDOMINÂNCIA									
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---

TIPOS DE REGISTRO DO SÍTIO							
FOTOGRAFIA	X	CADERNO DE CAMPO	X	DESENHO	X	FICHA	X

POSSIBILIDADE DE ESCAVAÇÃO			
	SIM	X	NÃO	

RESPONSÁVEL PELO REGISTRO	EQUIPE PRESENTE EM CAMPO
CARLOS COSTA E GILCIMAR BARBOSA	CARLOS COSTA, GILCIMAR BARBOSA E PEDRO DOS SANTOS

OBSERVAÇÕES
O SÍTIO TEM 7,1M DE COMPRIMENTO, 2,5M DE PROFUNDIDADE E 2,3M DE ALTURA. O SÍTIO FOI AFETADO POR ESCORRIMENTO.



CROQUI 48: Sítio Serra do Cílio 1. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.

REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA (BAHIA, BRASIL)
FICHA DE REGISTRO DE SÍTIOS COM REPRESENTAÇÕES RUPESTRES

IDENTIFICAÇÃO DO SÍTIO

NOME DO SÍTIO	SERRA DO CÍLIO II				Nº REGISTRO	039		DATA REGISTRO	08/09/2009		
CADASTRO IPHAN	SIM	---	NÃO	X	Nº CADASTRO	---		ANO CADASTRO	---		
PESQUISADOR	CARLOS COSTA										
ESTADO	BA		MUNICÍPIO	JACOBINA		REGIÃO	PIEMONTE CD				
LOCALIDADE	SERRA DO TOMBADOR										
COORDENADAS GEOGRÁFICAS	ZONA	24L	E	0314277	N	8756480	ALT. (m)	965			
PROPRIEDADE	MUNICIPAL	---	ESTADUAL	---	FEDERAL	---	PARTICULAR	X			
INFORMANTE DA ÁREA	PEDRO DOS SANTOS										
ENDEREÇO INFORMANTE	---										
TEL. INFORMANTE	---										
NOME DA PROPRIEDADE	---										
NOME PROPRIETÁRIO	---										
TEL. PROPRIETÁRIO	---										

CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ÁREA

CLIMA	SECO								ALT. (m)	965	
RELEVO	DOLINA	--	FUNDO DE VALE	---	CUME	X	MEIA ENCOSTA	---	MARGEM DE RIO	--	
OUTROS	---										

VEGETAÇÃO	PRIMÁRIA	---	SECUNDÁRIA	X		
	CAATINGA	---	CERRADO	X	OUTRA	---

HIDROGRAFIA	RIO	--	RIACHO	---	CÓRREGO	---	LAGOA	---
	NASCENTE	---	MINADOURO	---	OLHO D'ÁGUA	---	BREJO	Brejo do Cílio

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO

	DESDE O SÍTIO		PARA O SÍTIO	
VISIBILIDADE DO SÍTIO	EXCELENTE	---	EXCELENTE	---
	BOA	---	BOA	---
	REGULAR	---	REGULAR	---
	ESCASSA	---	ESCASSA	---
	NULA	X	NULA	X

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO COM PAINÉIS

CLASSIFICAÇÃO DO SUPORTE ROCHOSO	ABRIGO	---	CAVERNA	---	PAREDE OU PAREDÃO	---
	LAPA	---	MATACÃO	---	LAJEDO	---
	GRUTA	X	LOCA	---	OUTROS	---
IDENTIFICAÇÃO GEOLÓGICA DO SUPORTE ROCHOSO	ARENITO	---	ARENITO SILICIFICADO	X	CALCÁRIO	---
	GRANITO	---	QUARTZO	---	QUARTZITO	---
	OUTROS	---				
IDENTIFICAÇÃO DO SOLO	ARENOSO	X	ARENO / ARGILOSO	---	HUMÍFERO	---
	ROCHOSO	---	TERRA ROXA	---	OUTROS	---

PRESERVAÇÃO

GRAU DE PRESERVAÇÃO	ÓTIMO	---	BOM	---	RUIM	X
EXPOSIÇÃO AGENTES NATURAIS	INSOLAÇÃO	---	CHUVA	---	VENTO	X
	QUEIMADAS	---	MINERAÇÃO	---	PICHAÇÕES	---

	QUEBRA INTENCIONAL	---	FOGUEIRA	X	OUTROS	---	

CARACTERÍSTICAS DAS REPRESENTAÇÕES							
QTD PAINÉIS	3	TIPO DE REPRESENTAÇÃO	PINTURA	X	GRAVURA	---	

ORIENTAÇÃO (PONTOS CARDEAIS)															
N	---	NE	---	E	U2 90º	SE	---	S	U1 180º	SO	---	O	---	NO	---

TÉCNICA APLICADA							
DESENHO	---	PINTURA	X	RASPAGEM	---	PICOTAGEM	---

INSTRUMENTOS UTILIZADOS							
GRAVETO	---	GIZ	---	CARVÃO	---	PERCUTOR	---
PINCEL FINO	---	PINCEL GROSSO	---	DEDO	X	OUTRO	---
DIMENSÕES DO SUPORTE	VER CROQUIS			DIMENSÕES DOS PAINÉIS	---		

VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS							
COMPLETA	---	PARCIAL	X	ESCASSA	---	NULA	---

PIGMENTOS					
MONOCROMÁTICO	---	BICROMÁTICO	V A	POLICROMÁTICO	---

MOTIVOS									
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	X	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	X

POSICIONAMENTO DOS GRAFISMOS NO ABRIGO					
TETO	X	LAJEDO	---	PAREDE	X

DIREÇAO DO GESTO NA AÇÃO DE PINTAR			
DA ESQUERDA PARA A DIREITA	---	DA DIREITA PARA A ESQUERDA	---
DE CIMA PARA BAIXO	---	DE BAIXO PARA CIMA	---

PROPORÇÕES EM UM MESMO PAINEL E ENTRE PAINÉIS DIFERENTES					
ANTIGO	X	MÉDIO	---	RECENTE	---

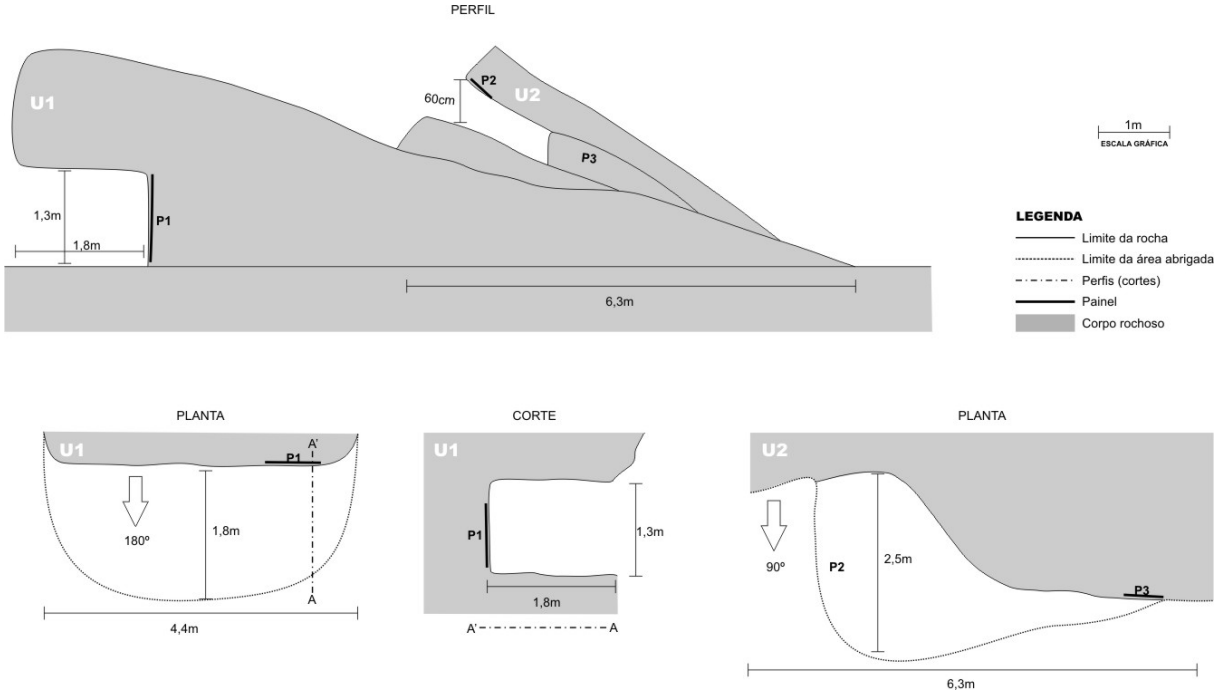
PREDOMINÂNCIA									
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	X	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---

TIPOS DE REGISTRO DO SÍTIO							
FOTOGRAFIA	X	CADERNO DE CAMPO	X	DESENHO	X	FICHA	X

POSSIBILIDADE DE ESCAVAÇÃO	SIM	X	NÃO	

RESPONSÁVEL PELO REGISTRO	EQUIPE PRESENTE EM CAMPO
CARLOS COSTA E GILCIMAR BARBOSA	CARLOS COSTA, GILCIMAR BARBOSA E PEDRO DOS SANTOS

OBSERVAÇÕES
O SÍTIO POSSUI DUAS UNIDADES GEOMORFOLÓGICAS/ARQUEOLÓGICAS. A PRIMEIRA TEM 4,4M DE COMPRIMENTO, 1,8M DE PROFUNDIDADE E 1,3M DE ALTURA. A SEGUNDA TEM 6,3 M DE COMPRIMENTO, 60 CM DE ALTURA E 2,5M DE PROFUNDIDADE. UMA DESTAS UNIDADES FOI AFETADA POR FOGO (NOTA-SE A EXISTÊNCIA DE UMA PLACA DE PEDRA QUE APARENTEMENTE ERA UTILIZADA COMO FORNO). SOMA-SE A ISSO COMO ELEMENTO DE DEGRADAÇÃO O FATO DA ÁREA DO SÍTIO TER SOFRIDO UM RECENTE DESMATAMENTO.



CROQUI 49: Sítio Serra do Cílio II. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.

REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA (BAHIA, BRASIL)
FICHA DE REGISTRO DE SÍTIOS COM REPRESENTAÇÕES RUPESTRES

IDENTIFICAÇÃO DO SÍTIO

NOME DO SÍTIO	SERRA DO CÍLIO III					Nº REGISTRO	040	DATA REGISTRO	08/09/2009		
CADASTRO IPHAN	SIM	---	NÃO	X		Nº CADASTRO	---	ANO CADASTRO	---		
PESQUISADOR	CARLOS COSTA										
ESTADO	BA		MUNICÍPIO	JACOBINA			REGIÃO	PIEMONTE CD			
LOCALIDADE	SERRA DO TOMBADOR										
COORDENADAS GEOGRÁFICAS	ZONA	24L	E	0314282		N	8756317	ALT. (m)	994		
PROPRIEDADE	MUNICIPAL	---	ESTADUAL	---		FEDERAL	---	PARTICULAR	X		
INFORMANTE DA ÁREA	PEDRO DOS SANTOS										
ENDEREÇO INFORMANTE	---										
TEL. INFORMANTE	---										
NOME DA PROPRIEDADE	---										
NOME PROPRIETÁRIO	OTÁVIO FÉLIX SAMPÁIO										
TEL. PROPRIETÁRIO	---										

CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ÁREA

CLIMA	SECO									ALT. (m)	994	
RELEVO	DOLINA	--	FUNDO DE VALE	---	CUME	X	MEIA ENCOSTA	---	MARGEM DE RIO	--		
OUTROS	---											
VEGETAÇÃO	PRIMÁRIA	X	SECUNDÁRIA	---								
	CAATINGA	---	CERRADO	X	OUTRA	---						
HIDROGRAFIA	RIO	---	RIACHO	---	CÓRREGO	---	LAGOA	---				
	NASCENTE	---	MINADOURO	---	OLHO D'ÁGUA	---	BREJO	BREJO DO CÍLIO				

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO

	DESDE O SÍTIO		PARA O SÍTIO	
VISIBILIDADE DO SÍTIO	EXCELENTE	---	EXCELENTE	---
	BOA	---	BOA	---
	REGULAR	---	REGULAR	---
	ESCASSA	X	ESCASSA	X
	NULA	---	NULA	---

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO COM PAINÉIS

CLASSIFICAÇÃO DO SUPORTE ROCHOSO	ABRIGO	X	CAVERNA	---	PAREDE OU PAREDÃO	---
	LAPA	2 X	MATACÃO	---	LAJEDO	---
	GRUTA	---	LOCA	---	OUTROS	FENDA
IDENTIFICAÇÃO GEOLÓGICA DO SUPORTE ROCHOSO	ARENITO	---	ARENITO SILICIFICADO	X	CALCÁRIO	----
	GRANITO	---	QUARTZO	---	QUARTZITO	---
	OUTROS	---				
IDENTIFICAÇÃO DO SOLO	ARENOSO	X	ARENO / ARGILOSO	---	HUMÍFERO	---
	ROCHOSO	---	TERRA ROXA	---	OUTROS	---

PRESERVAÇÃO

GRAU DE PRESERVAÇÃO	ÓTIMO	---	BOM	---	RUIM	X
EXPOSIÇÃO AGENTES NATURAIS	INSOLAÇÃO	---	CHUVA	X	VENTO	X
	QUEIMADAS	---	MINERAÇÃO	---	PICHAÇÕES	---

	QUEBRA INTENCIONAL	---	FOGUEIRA	X	OUTROS	---

CARACTERÍSTICAS DAS REPRESENTAÇÕES							
QTD PAINÉIS	7 (4 ABRIGOS)	TIPO DE REPRESENTAÇÃO	PINTURA	X	GRAVURA	---	

ORIENTAÇÃO (PONTOS CARDEAIS)															
N	---	NE	---	E	U3 90º	SE	---	S	U1 180º U2 180º	SO	---	O	U4 270º	NO	---

TÉCNICA APLICADA							
DESENHO	X	PINTURA	X	RASPAGEM	---	PICOTAGEM	---

INSTRUMENTOS UTILIZADOS							
GRAVETO	---	GIZ	---	CARVÃO	---	PERCUTOR	---
PINCEL FINO	---	PINCEL GROSSO	X	DEDO	X	OUTRO	---
DIMENSÕES DO SUPORTE	VER CROQUIS			DIMENSÕES DOS PAINÉIS	---		

VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS							
COMPLETA	---	PARCIAL	---	ESCASSA	X	NULA	---

PIGMENTOS					
MONOCROMÁTICO	---	BICROMÁTICO	V A	POLICROMÁTICO	---

MOTIVOS									
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---

POSICIONAMENTO DOS GRAFISMOS NO ABRIGO					
TETO	X	LAJEDO	---	PAREDE	X

DIREÇAO DO GESTO NA AÇÃO DE PINTAR			
DA ESQUERDA PARA A DIREITA	---	DA DIREITA PARA A ESQUERDA	---
DE CIMA PARA BAIXO	---	DE BAIXO PARA CIMA	---

PROPORÇÕES EM UM MESMO PAINEL E ENTRE PAINÉIS DIFERENTES							
ORDEM TEMPORAL							
ANTIGO	X	MÉDIO	---	RECENTE	X		

PREDOMINÂNCIA									
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---

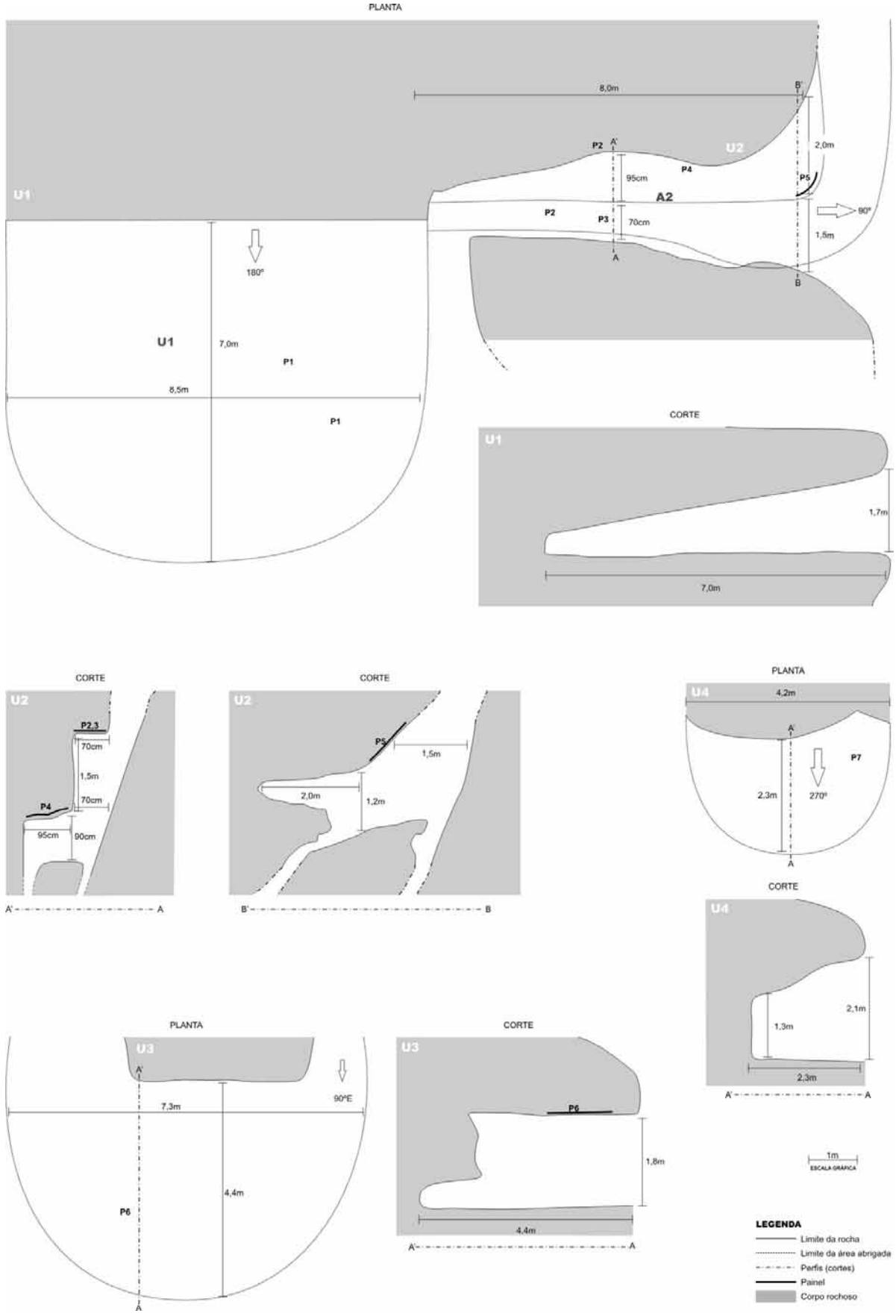
TIPOS DE REGISTRO DO SÍTIO							
FOTOGRAFIA	X	CADERNO DE CAMPO	X	DESENHO	X	FICHA	X

POSSIBILIDADE DE ESCAVAÇÃO	SIM	X	NÃO	

RESPONSÁVEL PELO REGISTRO	EQUIPE PRESENTE EM CAMPO
CARLOS COSTA E GILCIMAR BARBOSA	CARLOS COSTA, GILCIMAR BARBOSA E PEDRO DOS SANTOS

OBSERVAÇÕES

O SÍTIO DISPÕE DE 4 UNIDADES. A PRIMEIRA TEM 7M DE COMPRIMENTO, 1,7M DE ALTURA E 7M DE PROFUNDIDADE, ALEM DE DISPOR DE 6 PAINÉIS. A UNIDADE 2 TEM 8M DE COMPRIMENTO. A UNIDADE 3 TEM 4,4M DE COMPRIMENTO, 1,8M DE ALTURA E 7,7M DE PROFUNDIDADE. A UNIDADE 4 TEM 4,2M DE COMPRIMENTO, 2,1M DE ALTURA E 2,3M DE PROFUNDIDADE. NA UNIDADE 2 OS DESENHOS FEITOS COM PINCEL FINO ESTÃO MAIS ESMAECIDOS QUE OS FEITOS A DEDO. NO PAINEL 3 DA UNIDADE 2 EXISTEM RABISCOS EM CRAYON QUE SE SOBREPÕEM AS PINTURAS.
VERIFICOU-SE QUE O SÍTIO É UTILIZADO COMO MORADIA POR PARTE DOS TRABALHADORES DA MINERADORA. NO REFERIDO LOCAL FORAM ENCONTRADAS CAMAS IMPROVISADAS, ALÉM DE TÊNIS E ROUPAS AVARIADOS. PARA ALÉM DISSO, UM FOLE E UM FORNO FORAM ENCONTRADOS, O QUE EXPLICARIA A PROVENIÊNCIA DAS FULIGENS QUE O AFETARAM.



CROQUI 50: Sítio Serra do Cílio III. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.

REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA (BAHIA, BRASIL)
FICHA DE REGISTRO DE SÍTIOS COM REPRESENTAÇÕES RUPESTRES

IDENTIFICAÇÃO DO SÍTIO

NOME DO SÍTIO	SERRA DO TAMANCO				Nº REGISTRO	042		DATA REGISTRO	07/09/2009		
CADASTRO IPHAN	SIM	---	NÃO	X	Nº CADASTRO	---		ANO CADASTRO	---		
PESQUISADOR	CARLOS COSTA										
ESTADO	BA		MUNICÍPIO	JACOBINA		REGIÃO	PIEMONTE CD				
LOCALIDADE	SERRA DO TOMBADOR										
COORDENADAS GEOGRÁFICAS	ZONA	24L	N	0313287	S	8753838	ALT. (m)	897			
PROPRIEDADE	MUNICIPAL	---	ESTADUAL	---	FEDERAL	---	PARTICULAR	X			
INFORMANTE DA ÁREA	PEDRO DOS SANTOS										
ENDEREÇO INFORMANTE	---										
TEL. INFORMANTE	---										
NOME DA PROPRIEDADE	---										
NOME PROPRIETÁRIO	---										
TEL. PROPRIETÁRIO	---										

CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ÁREA

CLIMA	SECO								ALT. (m)	897	
RELEVO	DOLINA	--	FUNDO DE VALE	--	CUME	--	MEIA ENCOSTA	--	MARGEM DE RIO	--	
OUTROS	PÉ DE SERRA										

VEGETAÇÃO	PRIMÁRIA	---			SECUNDÁRIA	X
	CAATINGA	---	CERRADO	---	OUTRA	TRANSIÇÃO CAATINGA / CERRADO

HIDROGRAFIA	RIO	RIO DO TAMANCO	RIACHO	---	CÓRREGO	---	LAGOA	---
	NASCENTE	---	MINADOURO	---	OLHO D'ÁGUA	---	BREJO	---

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO

	DESDE O SÍTIO		PARA O SÍTIO	
VISIBILIDADE DO SÍTIO	EXCELENTE	---	EXCELENTE	---
	BOA	X	BOA	---
	REGULAR	---	REGULAR	---
	ESCASSA	---	ESCASSA	---
	NULA	---	NULA	X

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO COM PAINÉIS

CLASSIFICAÇÃO DO SUPORTE ROCHOSO	ABRIGO	X	CAVERNA	---	PAREDE OU PAREDÃO	X
	LAPA	---	MATACÃO	---	LAJEDO	---
	GRUTA	---	LOCA	---	OUTROS	---
IDENTIFICAÇÃO GEOLÓGICA DO SUPORTE ROCHOSO	ARENITO	---	ARENITO SILICIFICADO	X	CALCÁRIO	---
	GRANITO	---	QUARTZO	---	QUARTZITO	---
	OUTROS	---				
IDENTIFICAÇÃO DO SOLO	ARENOSO	X	ARENO / ARGILOSO	---	HUMÍFERO	---
	ROCHOSO	---	TERRA ROXA	---	OUTROS	---

PRESERVAÇÃO

GRAU DE PRESERVAÇÃO	ÓTIMO	---	BOM	---	RUIM	X

EXPOSIÇÃO AGENTES NATURAIS	INSOLAÇÃO	X	CHUVA	X	VENTO	X	
DETERIORAÇAO ANTRÓPICA	QUEIMADAS	---	MINERAÇÃO	---	PICHAÇÕES	---	
	QUEBRA INTENCIONAL	----	FOGUEIRA	---	OUTROS	---	

CARACTERÍSTICAS DAS REPRESENTAÇÕES

QTD PAINÉIS	7 CONJUNTOS DE PINTURAS ISOLADAS	TIPO DE REPRESENTAÇÃO	PINTURA	X	GRAVURA	---

ORIENTAÇÃO (PONTOS CARDEAIS)															
N	---	NE	---	E	---	SE	150º	S	---	SO	---	O	---	NO	---

TÉCNICA APLICADA							
DESENHO	X	PINTURA	X	RASPAGEM	---	PICOTAGEM	---

INSTRUMENTOS UTILIZADOS							
GRAVETO	---	GIZ	X	CARVÃO	---	PERCUTOR	---
PINCEL FINO	X	PINCEL GROSSO	---	DEDO	X	OUTRO	---
DIMENSÕES DO SUPORTE	VER CROQUIS			DIMENSÕES DOS PAINÉIS	---		

VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS							
COMPLETA	---	PARCIAL	X	ESCASSA	---	NULA	---

PIGMENTOS					
MONOCROMÁTICO	V	BICROMÁTICO	---	POLICROMÁTICO	---

MOTIVOS									
ANTROPOMORFO	X	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---

POSICIONAMENTO DOS GRAFISMOS NO ABRIGO					
TETO	X	LAJEDO	---	PAREDE	X

DIREÇAO DO GESTO NA AÇÃO DE PINTAR			
DA ESQUERDA PARA A DIREITA	---	DA DIREITA PARA A ESQUERDA	---
DE CIMA PARA BAIXO	---	DE BAIXO PARA CIMA	---

PROPORÇÕES EM UM MESMO PAINEL E ENTRE PAINÉIS DIFERENTES

ORDEM TEMPORAL					
ANTIGO	X	MÉDIO	---	RECENTE	X

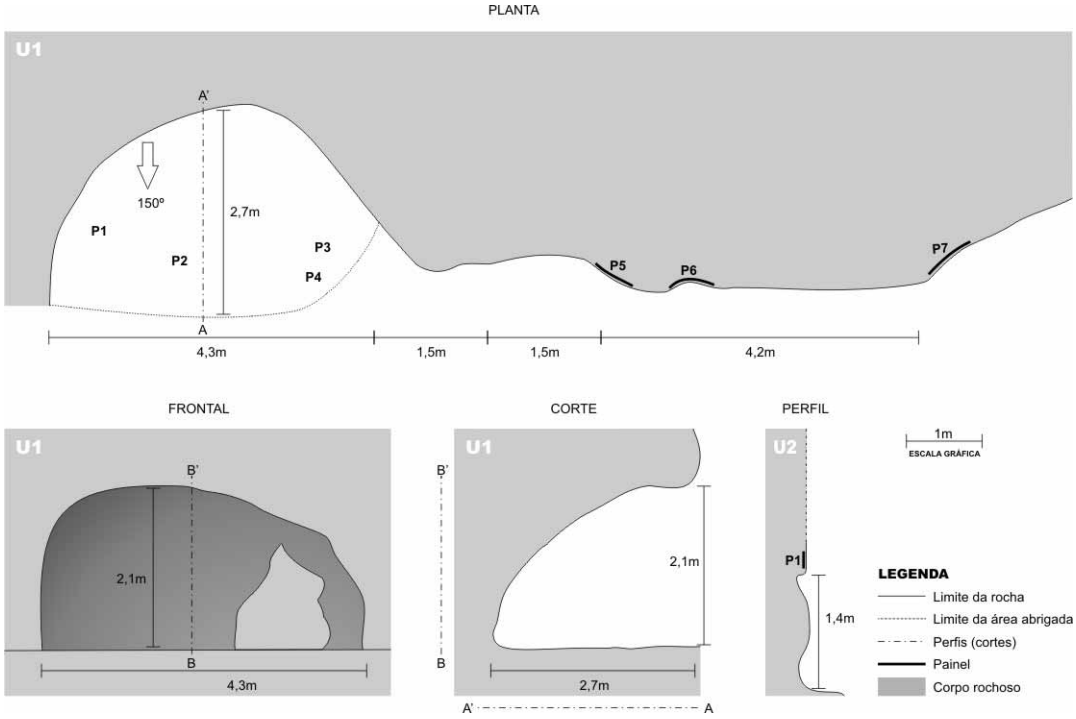
PREDOMINÂNCIA									
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---

TIPOS DE REGISTRO DO SÍTIO							
FOTOGRAFIA	X	CADERNO DE CAMPO	X	DESENHO	X	FICHA	X

POSSIBILIDADE DE ESCAVAÇÃO	SIM	X	NÃO	

RESPONSÁVEL PELO REGISTRO	EQUIPE PRESENTE EM CAMPO
CARLOS COSTA E GILCIMAR BARBOSA	CARLOS COSTA, GILCIMAR BARBOSA E PEDRO DOS SANTOS

OBSERVAÇÕES
O SÍTIO TEM 11,5M DE COMPRIMENTO, 2,7M DE PROFUNDIDADE E 2,1M DE ALTURA. DISPÕE DE 8 PAINÉIS. O ABRIGO FOI AFETADO POR LIQUENS.



CROQUI 51: Sítio Serra do Tamanco. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.

REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA (BAHIA, BRASIL)
FICHA DE REGISTRO DE SÍTIOS COM REPRESENTAÇÕES RUPESTRES

IDENTIFICAÇÃO DO SÍTIO

NOME DO SÍTIO	TOMBADOR ALTO OU FOLE				Nº REGISTRO	042		DATA REGISTRO	14/02/2009		
CADASTRO IPHAN	SIM	X	NÃO	---	Nº CADASTRO	BA00650		ANO CADASTRO	2007		
PESQUISADOR	CARLOS COSTA										
ESTADO	BA		MUNICÍPIO	JACOBINA		REGIÃO	PIEMEMONTE CD				
LOCALIDADE	SERRA DO TOMBADOR										
COORDENADAS GEOGRÁFICAS	ZONA	24L	E	317029		N	8766648		ALT. (m)	954	
PROPRIEDADE	MUNICIPAL	X	ESTADUAL	---		FEDERAL	---		PARTICULAR	---	
INFORMANTE DA ÁREA	ALEX										
ENDEREÇO INFORMANTE	---										
TEL. INFORMANTE	---										
NOME DA PROPRIEDADE	TOMBADOR										
NOME PROPRIETÁRIO	PREFEITURA										
TEL. PROPRIETÁRIO	---										

CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ÁREA

CLIMA	SECO									ALT. (m)	954	
RELEVO	DOLINA	--	FUNDO DE VALE	---	CUME	X	MEIA ENCOSTA	--	MARGEM DE RIO	--		
OUTROS	CAVERNA											
VEGETAÇÃO					PRIMÁRIA	X			SECUNDÁRIA	---		
	CAATINGA	---	CERRADO	X	OUTRA	---						
HIDROGRAFIA	RIO	---	RIACHO	---	CÓRREGO	X	LAGOA	X				
	NASCENTE	---	MINADOURO	---	OLHO D'ÁGUA	---	BREJO	---				

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO

	DESDE O SÍTIO		PARA O SÍTIO	
VISIBILIDADE DO SÍTIO	EXCELENTE	---	EXCELENTE	---
	BOA	---	BOA	---
	REGULAR	U3 U4 U5 U8 U9	REGULAR	U3 U4 U5 U6 U8
	ESCASSA	U6 U7	ESCASSA	U7 U9
	NULA	U1 U2	NULA	U1 U2

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO COM PAINÉIS

CLASSIFICAÇÃO DO SUPORTE ROCHOSO	ABRIGO	U5 U7 U9	CAVERNA	U1	PAREDE OU PAREDÃO	---
	LAPA	U3 U8	MATACÃO	---	LAJEDO	---
	GRUTA	U2 U5 U7	LOCA	U4 U6	OUTROS	---
IDENTIFICAÇÃO GEOLÓGICA DO SUPORTE ROCHOSO	ARENITO	U1 U2	ARENITO SILICIFICADO	X	CALCÁRIO	---
	GRANITO	---	QUARTZO	---	QUARTZITO	---
	OUTROS	---				
	ARENOSO	X	ARENO / ARGILOSO	---	HUMÍFERO	---

	ROCHOSO	---	TERRA ROXA	---	OUTROS	---

PRESERVAÇÃO						
GRAU DE PRESERVAÇÃO	ÓTIMO	---	BOM	---	RUIM	X
EXPOSIÇÃO AGENTES NATURAIS	INSOLAÇÃO	X	CHUVA	X	VENTO	X
DETERIORAÇAO ANTRÓPICA	QUEIMADAS	X	MINERAÇÃO	X	PICHAÇÕES	X
	QUEBRA INTENCIONAL	---	FOGUEIRA	---	OUTROS	---

CARACTERÍSTICAS DAS REPRESENTAÇÕES					
QTD PAINÉIS	9	TIPO DE REPRESENTAÇÃO	PINTURA	X	GRAVURA	---

ORIENTAÇÃO (PONTOS CARDEAIS)													
N	U3a 20º U4a 20º U4b 20º U7a 350º U7b 20º	NE	U5 30º U5 50º	E	---	SE	---	S	U9 170º	SO	U8 210º	O	U2 260º U3b 240º U6 270º	NO	U1 310º

TÉCNICA APLICADA							
DESENHO	X	PINTURA	X	RASPAGEM	---	PICOTAGEM	---

INSTRUMENTOS UTILIZADOS							
GRAVETO	---	GIZ	X	CARVÃO	---	PERCUTOR	---
PINCEL FINO	X	PINCEL GROSSO	---	DEDO	X	OUTRO	---
DIMENSÕES DO SUPORTE	VER CROQUIS			DIMENSÕES DOS PAINÉIS	---		

VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS							
COMPLETA	X	PARCIAL	X	ESCASSA	X	NULA	X

PIGMENTOS					
MONOCROMÁTICO	---	BICROMÁTICO	---	POLICROMÁTICO	V A P

MOTIVOS									
ANTROPOMORFO	X	ZOOMORFO	X	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	X

POSICIONAMENTO DOS GRAFISMOS NO ABRIGO					
TETO	X	LAJEDO	---	PAREDE	X

DIREÇAO DO GESTO NA AÇÃO DE PINTAR			
DA ESQUERDA PARA A DIREITA	---	DA DIREITA PARA A ESQUERDA	---
DE CIMA PARA BAIXO	---	DE BAIXO PARA CIMA	---

PROPORÇÕES EM UM MESMO PAINEL E ENTRE PAINÉIS DIFERENTES					
ORDEM TEMPORAL					
ANTIGO	---	MÉDIO	---	RECENTE	---

PREDOMINÂNCIA									
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---

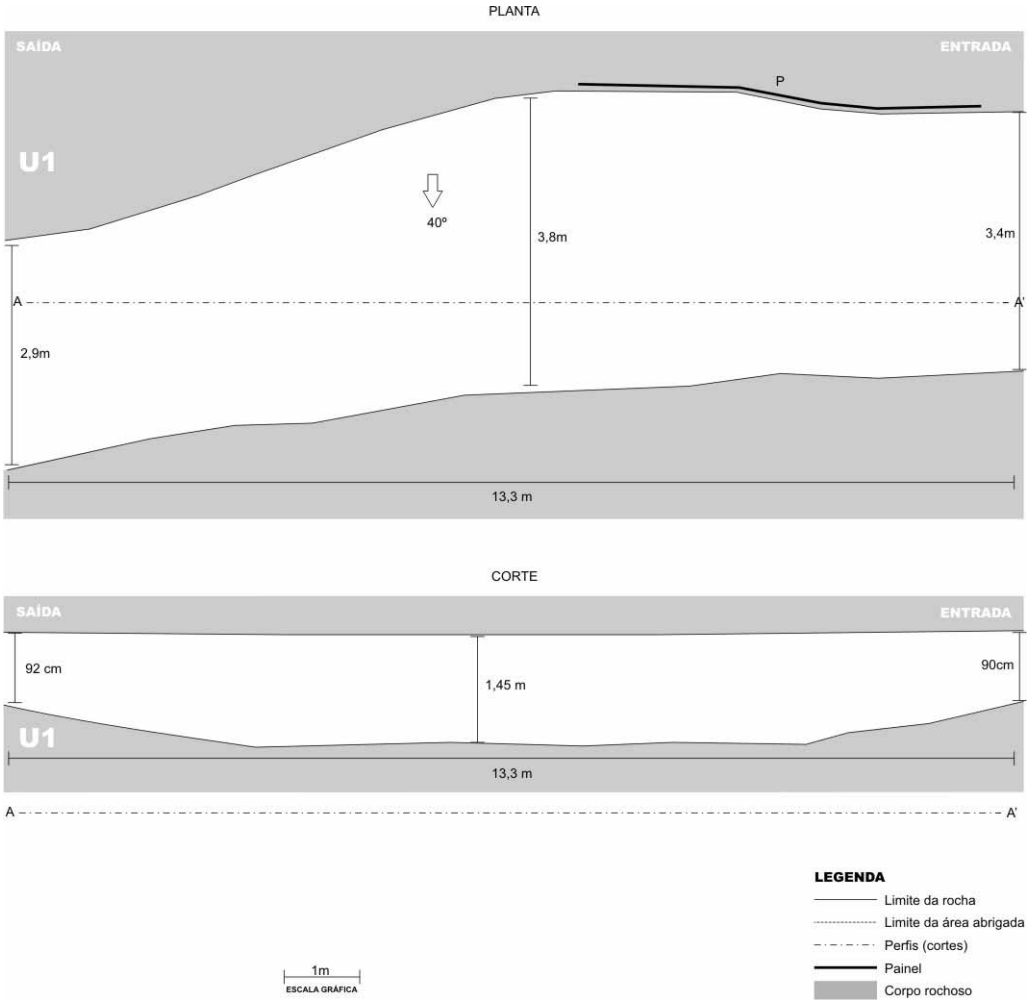
TIPOS DE REGISTRO DO SÍTIO							
FOTOGRAFIA	X	CADERNO DE CAMPO	X	DESENHO	X	FICHA	X

POSSIBILIDADE DE ESCAVAÇÃO	SIM	RARA	NÃO	---

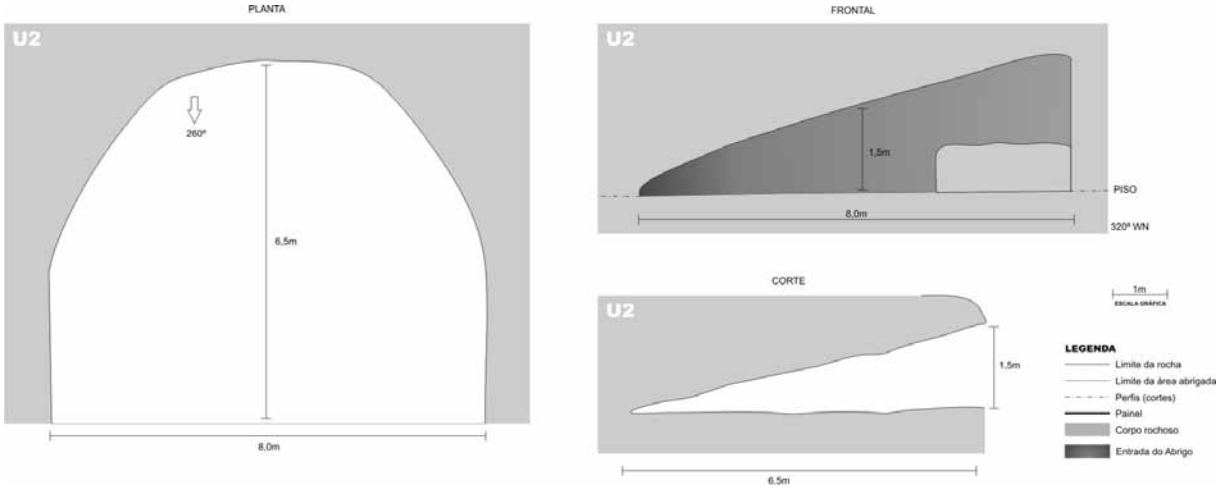
RESPONSÁVEL PELO REGISTRO	EQUIPE PRESENTE EM CAMPO
CARLOS COSTA	CARLOS COSTA, GILCIMAR BARBOSA E PEDRO DOS SANTOS

OBSERVAÇÕES

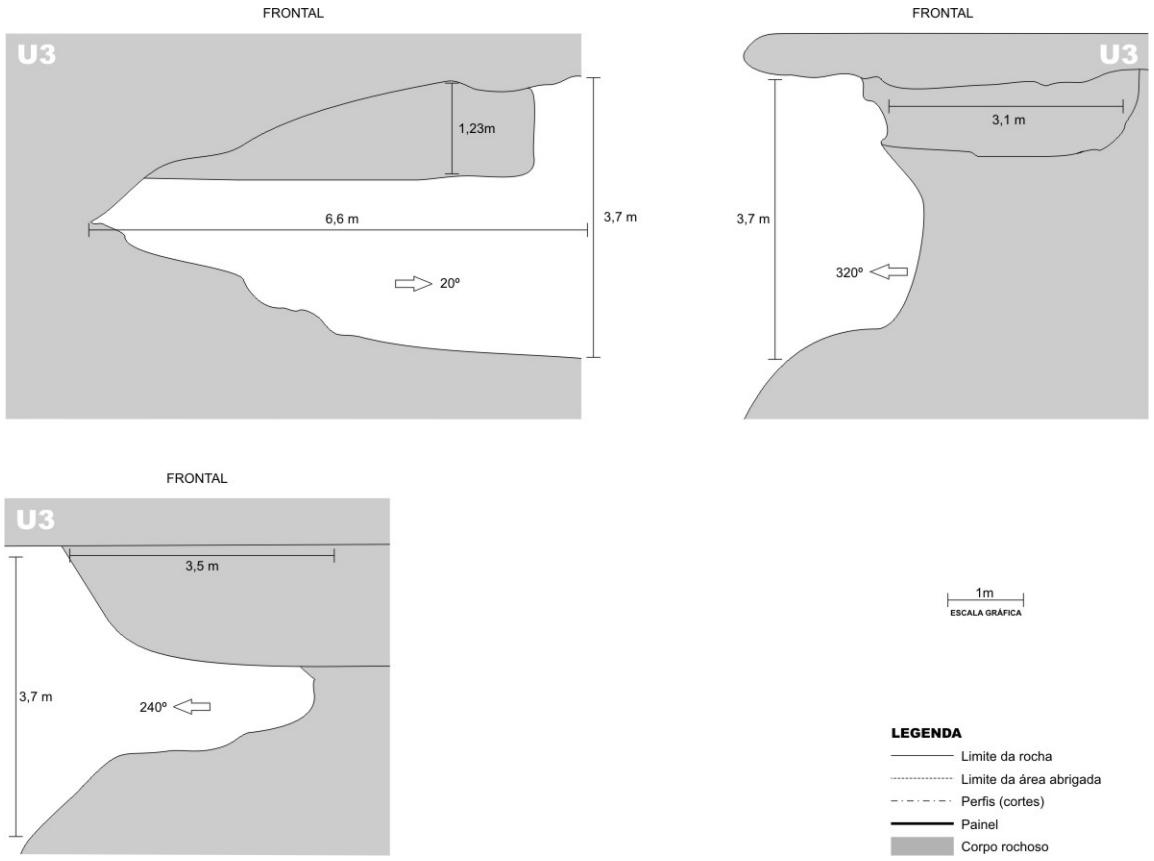
TRATA-SE DE UM COMPLEXO DE UNIDADES GEOMORFOLÓGICAS/ARQUEOLÓGICAS. TAL COMPLEXO ESTÁ CONSTITUÍDO POR NOVE UNIDADES, CONFORME PERCEBE-SE NOS CROQUIS.
U1= 2 PAINÉIS NA PAREDE. REFERE-SE A UMA PEQUENA CAVERNA DE 13,3 M DE COMPRIMENTO, 3,8 M DE LARGURA E 1,45 M DE ALTURA.
U2= 1 PAINEL NO TETO. TRATA-SE DE UMA GRUTA DE 8M DE LARGURA, 1, 5 M DE ALTURA E 6,5 M DE PROFUNDIDADE.
U3= 4 PAINÉIS NA PAREDE. TRATA-SE DE UMA LAPA TIPO COGUMELO COM PAINÉIS EM QUATRO FACES. TEM 3,7 M DE ALTURA E 6,65 M DE PROFUNDIDADE
U4= TRATAM-SE DE DUAS PEQUENAS LOCAS. A DA ESQUERDA TEM 2,6 M DE LARGURA, 2,6 M DE ALTURA E 1,6 M DE PROFUNDIDADE; DISPÕE DE APENAS 1 PAINEL. O DA DIREITA TEM 1,8 M DE ALTURA E 2,8 M DE LARGURA; DISPÕE DE 2 PAINÉIS.
U5= TRATAM-SE DE UMA GRUTA E UM ABRIGO. O DA DIREITA, RASO, TEM 8,2 M DE LARGURA, 1,5 M DE ALTURA E 3,1 M DE PROFUNDIDADE; APRESENTA 4 PAINÉIS NA PAREDE. O DA ESQUERDA, PROFUNDO, TEM 11 M DE LARGURA, 3,4 M DE ALTURA E 6,2 M DE PROFUNDIDADE; APRESENTA 4 PAINÉIS NA PAREDE; NO FUNDO DO ABRIGO CONSTAM DUAS PASSAGENS (GALERIAS) NATURAIS.
U6= 1 PAINEL NA PAREDE. A LOCA TEM 1,9 M DE LARGURA, 1,25 M DE ALTURA E 1,3 M DE PROFUNDIDADE.
U7= CONSTAM DE UMA LOCA E UM ABRIGO EM NÍVEIS DISTINTOS. O DO ALTO TEM 1M DE ALTURA, 7,2 M DE LARGURA E 3M DE PROFUNDIDADE. DISPÕE DE 2 PAINÉIS NA PAREDE E 1 NO TETO. O DO BAIXO TEM 2,6 M DE LARGURA E 2,7 DE ALTURA; CONSTA DE 1 PAINEL.
U8= TRATA-SE DE UMA LAPA. DISPÕE DE 2 PAINÉIS NA PAREDE E 1 NO TETO. TEM 3M DE PROFUNDIDADE, 2,2 M DE ALTURA E 4,4 M DE LARGURA.
U9= TRATA-SE DE UMA ABRIGO QUE DISPÕE DE 3 PAINÉIS NA PAREDE. MEDE 2 M DE ALTURA, 2,5 M DE PROFUNDIDADE E 2,9 DE LARGURA.



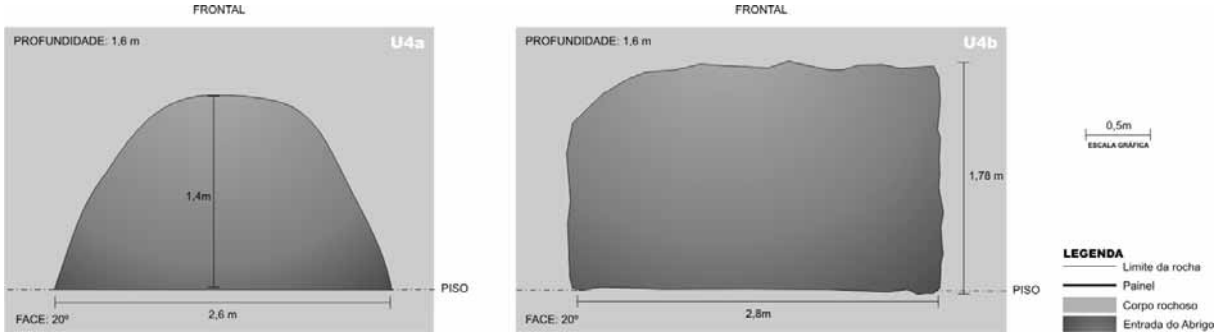
CROQUI 52: Sítio Tombador Alto, unidade 1. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.



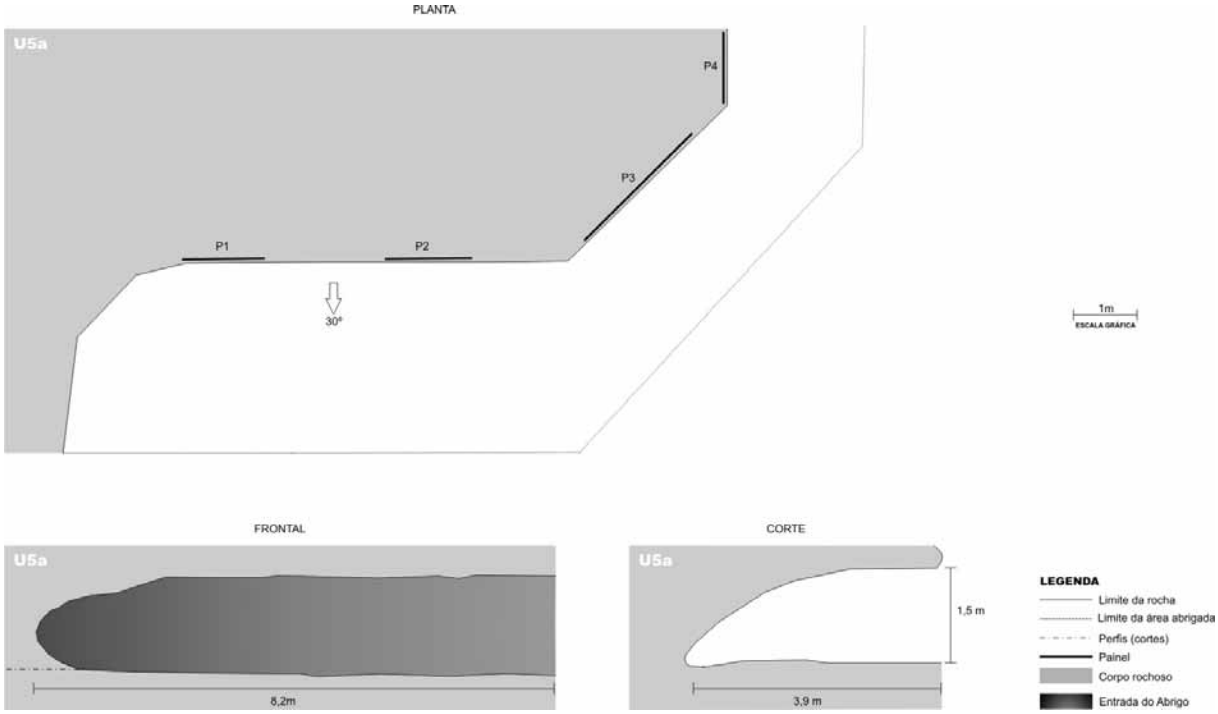
CROQUI 53: Sítio Tombador Alto, unidade 2. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.



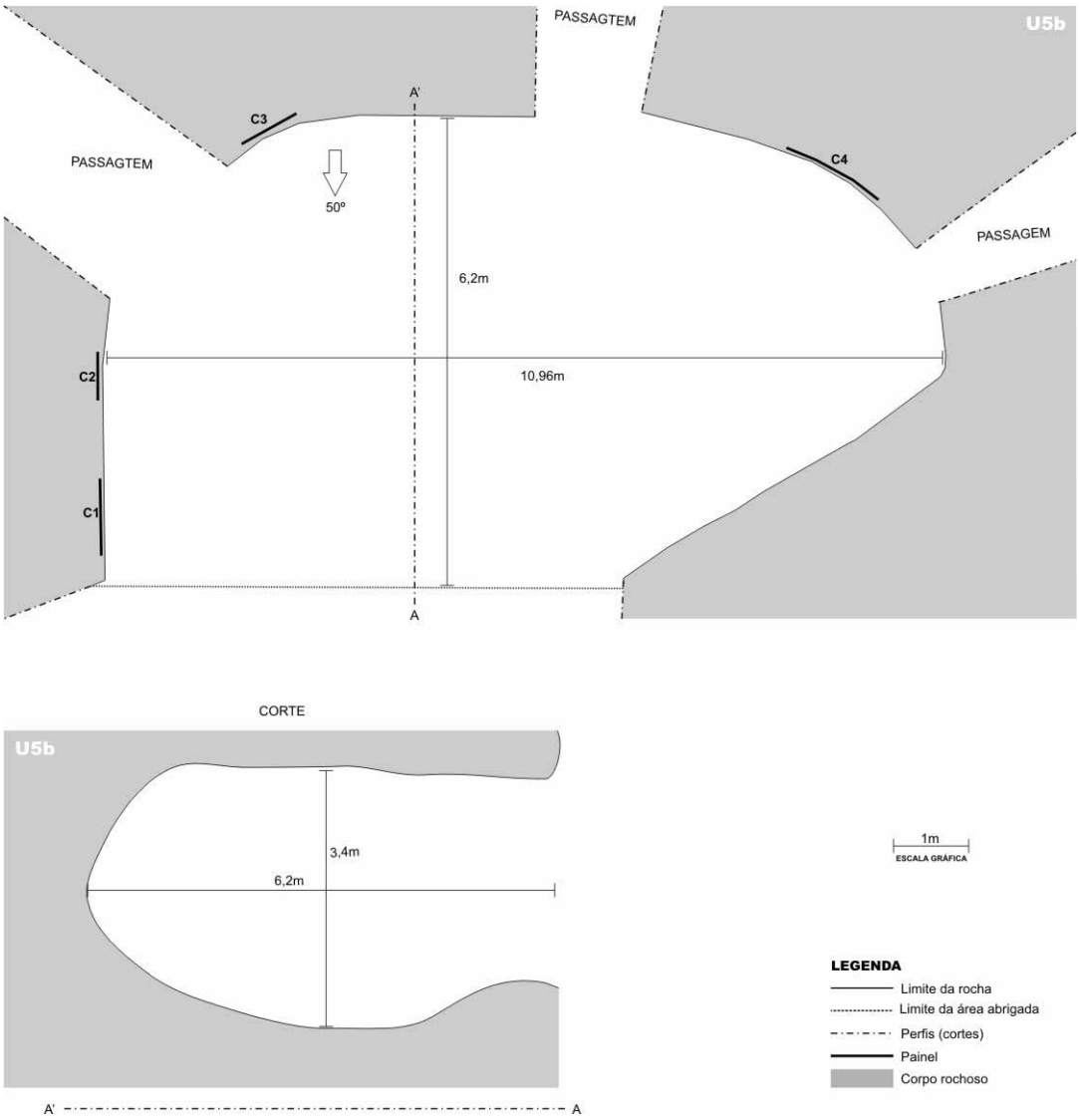
CROQUI 54: Sítio Tombador Alto, unidade 3. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.



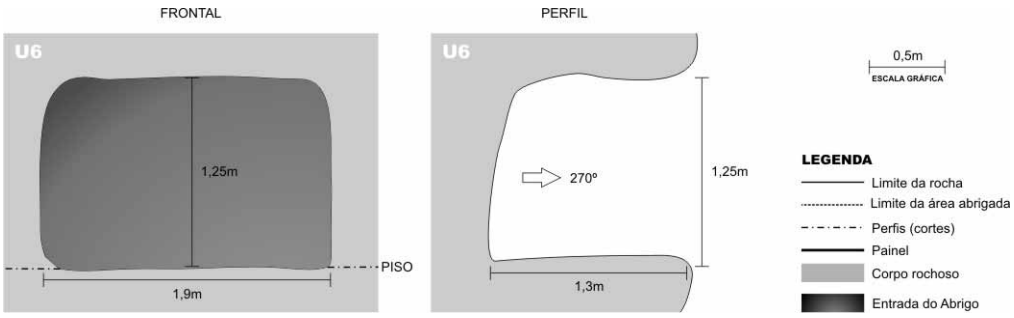
CROQUI 55: Sítio Tombador Alto, unidade 4. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.



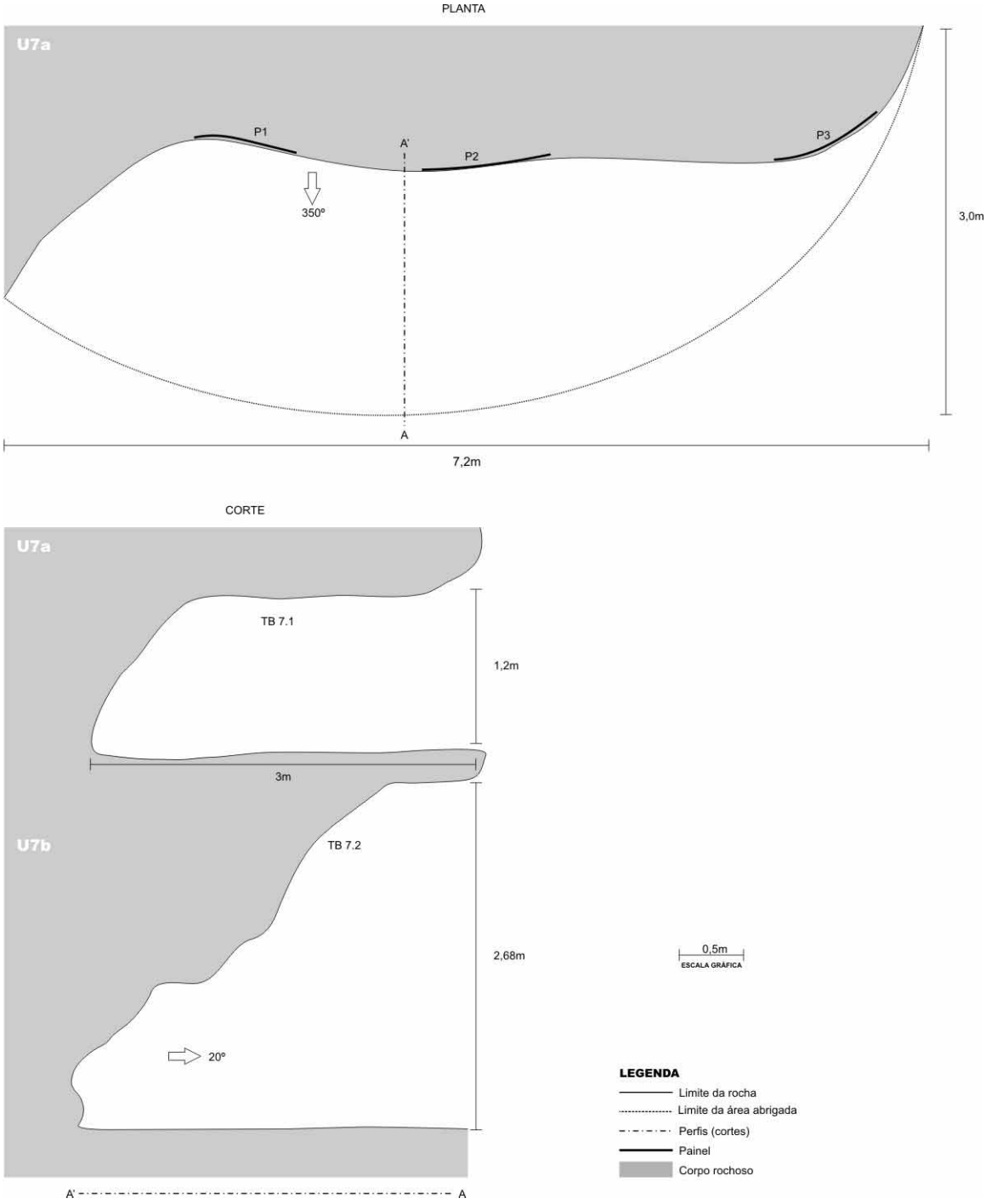
CROQUI 56: Sítio Tombador Alto, unidade 5a. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.



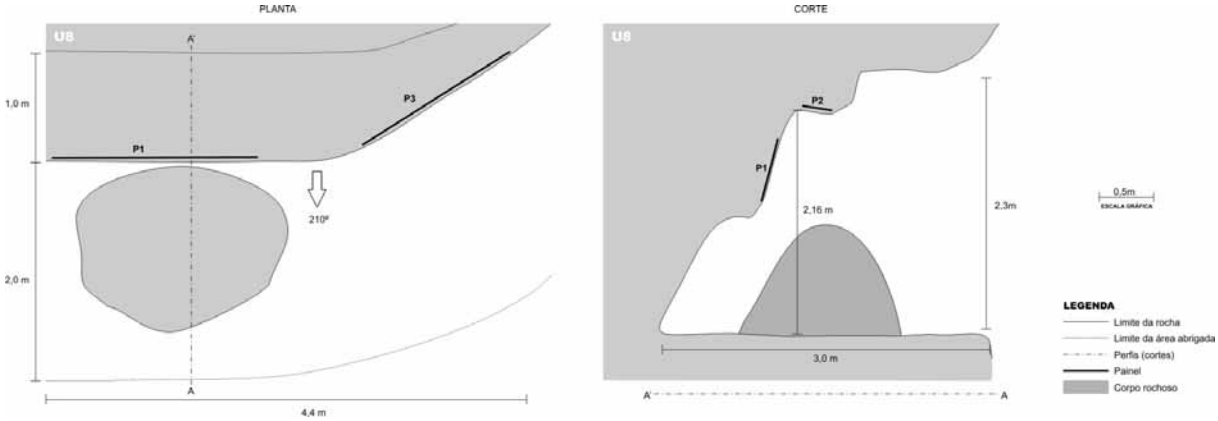
CROQUI 57: Sítio Tombador Alto, unidade 5b. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.



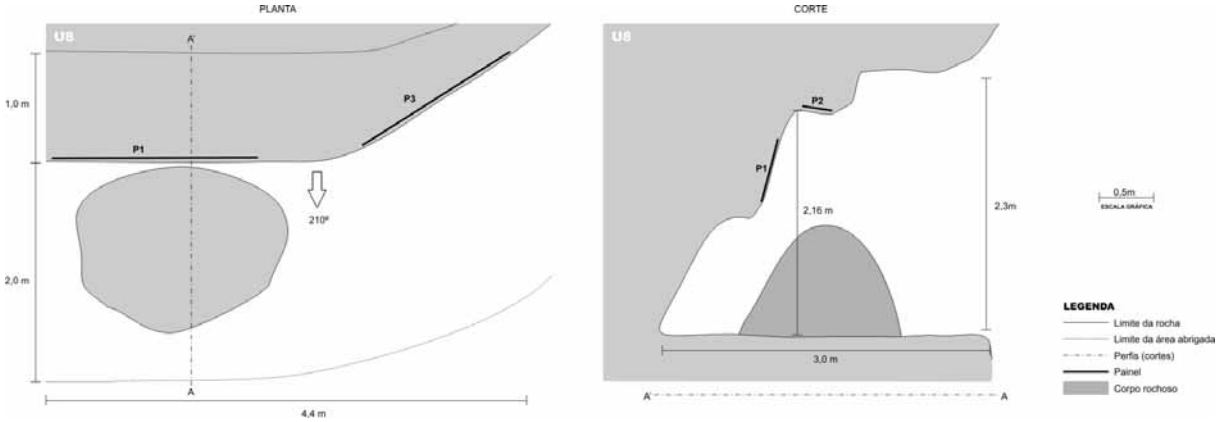
CROQUI 58: Sítio Tombador Alto, unidade 6. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.



CROQUI 59: Sítio Tombador Alto, unidade 7. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.



CROQUI 60: Sítio Tombador Alto, unidade 8. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.



CROQUI 61: Sítio Tombador Alto, unidade 9. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.

REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA (BAHIA, BRASIL)
FICHA DE REGISTRO DE SÍTIOS COM REPRESENTAÇÕES RUPESTRES

IDENTIFICAÇÃO DO SÍTIO

NOME DO SÍTIO	TOMBADOR DE CIMA I				Nº REGISTRO	043		DATA REGISTRO	16/02/2009		
CADASTRO IPHAN	SIM	---	NÃO	X	Nº CADASTRO	---		ANO CADASTRO	---		
PESQUISADOR	CARLOS COSTA										
ESTADO	BA		MUNICÍPIO	JACOBINA		REGIÃO	PIEMONTE CD				
LOCALIDADE	SERRA DO TOMBADOR										
COORDENADAS GEOGRÁFICAS	ZONA	24L	E	0316793	N	8770860	ALT. (m)	827			
PROPRIEDADE	MUNICIPAL	---	ESTADUAL	---	FEDERAL	---	PARTICULAR	X			
INFORMANTE DA ÁREA	PEDRO DOS SANTOS										
ENDEREÇO INFORMANTE	---										
TEL. INFORMANTE	---										
NOME DA PROPRIEDADE	---										
NOME PROPRIETÁRIO	EDUARDO										
TEL. PROPRIETÁRIO	---										

CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ÁREA

CLIMA	SECO								ALT. (m)	827	
RELEVO	DOLINA	--	FUNDO DE VALE	--	CUME	---	MEIA ENCOSTA	X	MARGEM DE RIO	--	
OUTROS	---										
VEGETAÇÃO				PRIMÁRIA	X			SECUNDÁRIA	---		
	CAATINGA	---	CERRADO	X	OUTRA	---					
HIDROGRAFIA	RIO	---	RIACHO	---	CÓRREGO	---		LAGOA	---		
	NASCENTE	---	MINADOURO	---	OLHO D'ÁGUA	X		BREJO	---		

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO

	DESDE O SÍTIO		PARA O SÍTIO	
VISIBILIDADE DO SÍTIO	EXCELENTE	---	EXCELENTE	---
	BOA	---	BOA	---
	REGULAR	---	REGULAR	---
	ESCASSA	---	ESCASSA	---
	NULA	X	NULA	X

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO COM PAINÉIS

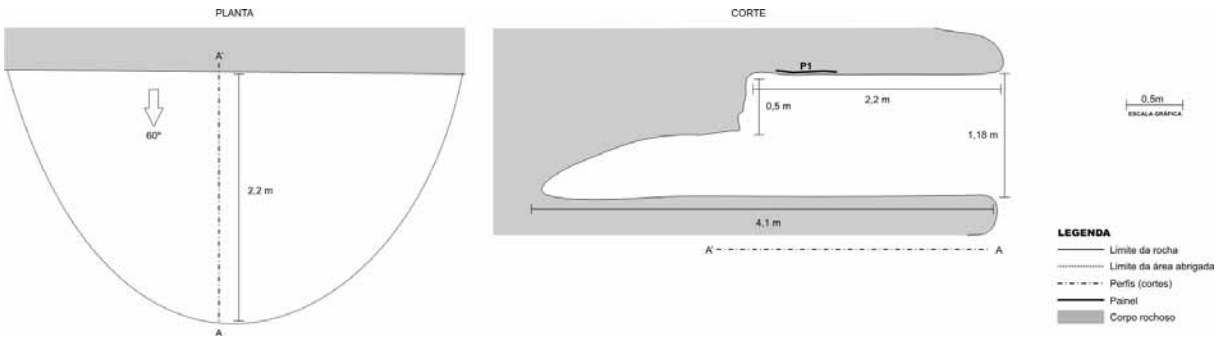
CLASSIFICAÇÃO DO SUPORTE ROCHOSO	ABRIGO	---	CAVERNA	---	PAREDE OU PAREDÃO	---
	LAPA	---	MATACÃO	---	LAJEDO	---
	GRUTA	X	LOCA	---	OUTROS	---
IDENTIFICAÇÃO GEOLÓGICA DO SUPORTE ROCHOSO	ARENITO	---	ARENITO SILICIFICADO	X	CALCÁRIO	---
	GRANITO	---	QUARTZO	---	QUARTZITO	---
	OUTROS	---				
IDENTIFICAÇÃO DO SOLO	ARENOSO	X	ARENO / ARGILOSO	---	HUMÍFERO	---
	ROCHOSO	---	TERRA ROXA	---	OUTROS	---

PRESERVAÇÃO

GRAU DE PRESERVAÇÃO	ÓTIMO	---	BOM	---	RUIM	X
EXPOSIÇÃO AGENTES NATURAIS	INSOLAÇÃO	---	CHUVA	---	VENTO	X
DETERIORAÇAO ANTRÓPICA	QUEIMADAS	X	MINERAÇÃO	---	PICHAÇÕES	---
	QUEBRA INTENCIONAL	---	FOGUEIRA	---	OUTROS	---

CARACTERÍSTICAS DAS REPRESENTAÇÕES																				
QTD PAINÉIS	1					TIPO DE REPRESENTAÇÃO		PINTURA	X			GRAVURA	---							
ORIENTAÇÃO (PONTOS CARDEAIS)																				
N	---	NE	60º	E	---	SE	---	S	---	SO	---	O	---	NO	---					
TÉCNICA APLICADA																				
DESENHO	---			PINTURA	X			RASPAGEM	---					PICOTAGEM	---					
INSTRUMENTOS UTILIZADOS																				
GRAVETO	---			GIZ	---			CARVÃO	---					PERCUTOR	---					
PINCEL FINO	---			PINCEL GROSSO	---			DEDO	X			OUTRO	---							
DIMENSÕES DO SUPORTE	VER CROQUIS							DIMENSÕES DOS PAINÉIS	---											
VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS																				
COMPLETA	---			PARCIAL	---			ESCASSA	---					NULA	X					
PIGMENTOS																				
MONOCROMÁTICO	V					BICROMÁTICO	---					POLICROMÁTICO	---							
MOTIVOS																				
ANTROPOMORFO	---			ZOOMORFO	---			FITOMORFO	---			GEOMÉTRICO	X			BORRÃO	---			
POSICIONAMENTO DOS GRAFISMOS NO ABRIGO																				
TETO	X					LAJEDO	---					PAREDE	---							
DIREÇAO DO GESTO NA AÇÃO DE PINTAR																				
DA ESQUERDA PARA A DIREITA	---							DA DIREITA PARA A ESQUERDA	---											
DE CIMA PARA BAIXO	---							DE BAIXO PARA CIMA	---											

PROPORÇÕES EM UM MESMO PAINEL E ENTRE PAINÉIS DIFERENTES																				
ORDEM TEMPORAL																				
ANTIGO	---					MÉDIO	---					RECENTE	---							
PREDOMINÂNCIA																				
ANTROPOMORFO	---			ZOOMORFO	---			FITOMORFO	---			GEOMÉTRICO	X			BORRÃO	---			
TIPOS DE REGISTRO DO SÍTIO																				
FOTOGRAFIA	X			CADERNO DE CAMPO	X			DESENHO	X					FICHA	X					
POSSIBILIDADE DE ESCAVAÇÃO								SIM	X			NÃO	---							
RESPONSÁVEL PELO REGISTRO								EQUIPE PRESENTE EM CAMPO												
CARLOS COSTA E GILCIMAR BARBOSA								CARLOS COSTA, GILCIMAR BARBOSA E PEDRO DOS SANTOS												
OBSERVAÇÕES																				



CROQUI 62: Sítio Tombador de Cima I. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.

REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA (BAHIA, BRASIL)
FICHA DE REGISTRO DE SÍTIOS COM REPRESENTAÇÕES RUPESTRES

IDENTIFICAÇÃO DO SÍTIO												
NOME DO SÍTIO	TOMBADOR DE CIMA II				Nº REGISTRO	044		DATA REGISTRO	16/02/2009			
CADASTRO IPHAN	SIM	---	NÃO	X	Nº CADASTRO	---		ANO CADASTRO	---			
PESQUISADOR	CARLOS COSTA											
ESTADO	BA		MUNICÍPIO	JACOBINA			REGIÃO	PIEMONTE CD				
LOCALIDADE	SERRA DO TOMBADOR											
COORDENADAS GEOGRÁFICAS	ZONA	24L	E	0316793		N	8770860		ALT. (m)	827		
PROPRIEDADE	MUNICIPAL	---	ESTADUAL	---		FEDERAL	---		PARTICULAR	X		
INFORMANTE DA ÁREA	PEDRO DOS SANTOS											
ENDEREÇO INFORMANTE	---											
TEL. INFORMANTE	---											
NOME DA PROPRIEDADE	---											
NOME PROPRIETÁRIO	EDUARDO											
TEL. PROPRIETÁRIO	---											

CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ÁREA												
CLIMA	SECO									ALT. (m)	827	
RELEVO	DOLINA	--	FUNDO DE VALE	--	CUME	X	MEIA ENCOSTA	--	MARGEM DE RIO	--		
OUTROS	---											
VEGETAÇÃO	PRIMÁRIA	X	SECUNDÁRIA	---								
	CAATINGA	---	CERRADO	X	OUTRA	---						
HIDROGRAFIA	RIO	---	RIACHO	---	CÓRREGO	---	LAGOA	---				
	NASCENTE	---	MINADOURO	---	OLHO D'ÁGUA	X	BREJO	---				

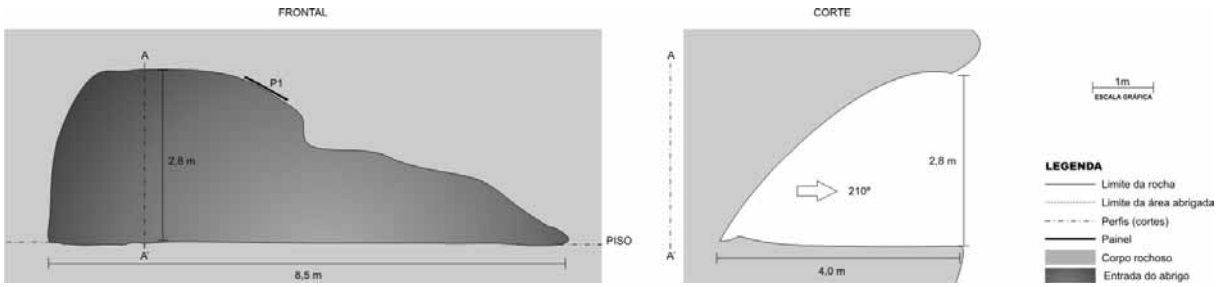
CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO				
VISIBILIDADE DO SÍTIO	DESDE O SÍTIO		PARA O SÍTIO	
	EXCELENTE	---	EXCELENTE	---
	BOA	---	BOA	---
	REGULAR	---	REGULAR	---
	ESCASSA	---	ESCASSA	---
	NULA	X	NULA	X

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO COM PAINÉIS						
CLASSIFICAÇÃO DO SUPORTE ROCHOSO	ABRIGO	X	CAVERNA	---	PAREDE OU PAREDÃO	---
	LAPA	---	MATACÃO	---	LAJEDO	---
	GRUTA	---	LOCA	---	OUTROS	---
IDENTIFICAÇÃO GEOLÓGICA DO SUPORTE ROCHOSO	ARENITO	---	ARENITO SILICIFICADO	X	CALCÁRIO	---
	GRANITO	---	QUARTZO	---	QUARTZITO	---
	OUTROS	---				
IDENTIFICAÇÃO DO SOLO	ARENOSO	X	ARENO / ARGILOSO	---	HUMÍFERO	---
	ROCHOSO	---	TERRA ROXA	---	OUTROS	---

PRESERVAÇÃO						
GRAU DE PRESERVAÇÃO	ÓTIMO	---	BOM	---	RUIM	X
EXPOSIÇÃO AGENTES NATURAIS	INSOLAÇÃO	---	CHUVA	---	VENTO	X
DETERIORAÇAO ANTRÓPICA	QUEIMADAS	X	MINERAÇÃO	---	PICHAÇÕES	---
	QUEBRA INTENCIONAL	---	FOGUEIRA	---	OUTROS	---

CARACTERÍSTICAS DAS REPRESENTAÇÕES																				
QTD PAINÉIS	1					TIPO DE REPRESENTAÇÃO		PINTURA	X			GRAVURA	---							
ORIENTAÇÃO (PONTOS CARDEAIS)																				
N	---	NE	---	E	---	SE	---	S	---	SO	210º	O	---	NO	---					
TÉCNICA APLICADA																				
DESENHO	---			PINTURA	X			RASPAGEM	---					PICOTAGEM	---					
INSTRUMENTOS UTILIZADOS																				
GRAVETO	---			GIZ	---			CARVÃO	---					PERCUTOR	---					
PINCEL FINO	---			PINCEL GROSSO	---			DEDO	X			OUTRO	---							
DIMENSÕES DO SUPORTE	VER CROQUIS							DIMENSÕES DOS PAINÉIS	---											
VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS																				
COMPLETA	---			PARCIAL	---			ESCASSA	X					NULA	---					
PIGMENTOS																				
MONOCROMÁTICO	V					BICROMÁTICO	---					POLICROMÁTICO	---							
MOTIVOS																				
ANTROPOMORFO	---			ZOOMORFO	---			FITOMORFO	---			GEOMÉTRICO	X			BORRÃO	---			
POSICIONAMENTO DOS GRAFISMOS NO ABRIGO																				
TETO	X					LAJEDO	---					PAREDE	---							
DIREÇAO DO GESTO NA AÇÃO DE PINTAR																				
DA ESQUERDA PARA A DIREITA	---							DA DIREITA PARA A ESQUERDA	---											
DE CIMA PARA BAIXO	---							DE BAIXO PARA CIMA	---											

PROPORÇÕES EM UM MESMO PAINEL E ENTRE PAINÉIS DIFERENTES																				
ORDEM TEMPORAL																				
ANTIGO	---					MÉDIO	---					RECENTE	---							
PREDOMINÂNCIA																				
ANTROPOMORFO	---			ZOOMORFO	---			FITOMORFO	---			GEOMÉTRICO	X			BORRÃO	---			
TIPOS DE REGISTRO DO SÍTIO																				
FOTOGRAFIA	X			CADERNO DE CAMPO	X			DESENHO	X					FICHA	X					
POSSIBILIDADE DE ESCAVAÇÃO								SIM	X					NÃO	---					
RESPONSÁVEL PELO REGISTRO								EQUIPE PRESENTE EM CAMPO												
CARLOS COSTA E GILCIMAR BARBOSA								CARLOS COSTA, GILCIMAR BARBOSA E PEDRO DOS SANTOS												
OBSERVAÇÕES																				



CROQUI 63: Sítio Tombador de Cima II. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.

REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA (BAHIA, BRASIL)
FICHA DE REGISTRO DE SÍTIOS COM REPRESENTAÇÕES RUPESTRES

IDENTIFICAÇÃO DO SÍTIO												
NOME DO SÍTIO	TOMBADOR DE CIMA III				Nº REGISTRO	045		DATA REGISTRO	16/02/2009			
CADASTRO IPHAN	SIM	---	NÃO	X	Nº CADASTRO	---		ANO CADASTRO	---			
PESQUISADOR	CARLOS COSTA											
ESTADO	BA		MUNICÍPIO	JACOBINA			REGIÃO	PIEMONTE CD				
LOCALIDADE	SERRA DO TOMBADOR											
COORDENADAS GEOGRÁFICAS	ZONA	24L	E	0317057		N	8766796		ALT. (m)	895		
PROPRIEDADE	MUNICIPAL	X	ESTADUAL	---		FEDERAL	---		PARTICULAR	---		
INFORMANTE DA ÁREA	ENCONTRADO ATRAVÉS DE PROSPEÇÃO											
ENDEREÇO INFORMANTE	---											
TEL. INFORMANTE	---											
NOME DA PROPRIEDADE	---											
NOME PROPRIETÁRIO	---											
TEL. PROPRIETÁRIO	---											

CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ÁREA												
CLIMA	SECO								ALT. (m)	895		
RELEVO	DOLINA	--	FUNDO DE VALE	--	CUME	X	MEIA ENCOSTA	--	MARGEM DE RIO	--		
OUTROS	---											
VEGETAÇÃO	PRIMÁRIA	---			SECUNDÁRIA	X						
	CAATINGA	---	CERRADO	X	OUTRA	---						
HIDROGRAFIA	RIO	---	RIACHO	---	CÓRREGO	---	LAGOA	---				
	NASCENTE	---	MINADOURO	---	OLHO D'ÁGUA	---	BREJO	---				

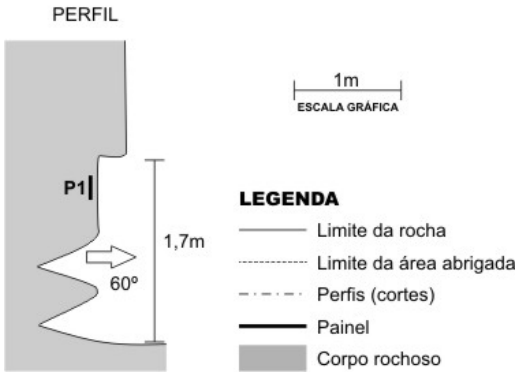
CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO				
VISIBILIDADE DO SÍTIO	DESDE O SÍTIO		PARA O SÍTIO	
	EXCELENTE	---	EXCELENTE	---
	BOA	X	BOA	---
	REGULAR	---	REGULAR	X
	ESCASSA	---	ESCASSA	---
	NULA	---	NULA	---

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO COM PAINÉIS						
CLASSIFICAÇÃO DO SUPORTE ROCHOSO	ABRIGO	---	CAVERNA	---	PAREDE OU PAREDÃO	X
	LAPA	---	MATACÃO	---	LAJEDO	---
	GRUTA	---	LOCA	---	OUTROS	---
IDENTIFICAÇÃO GEOLÓGICA DO SUPORTE ROCHOSO	ARENITO	---	ARENITO SILICIFICADO	X	CALCÁRIO	---
	GRANITO	---	QUARTZO	---	QUARTZITO	---
	OUTROS	---				
IDENTIFICAÇÃO DO SOLO	ARENOSO	X	ARENO / ARGILOSO	---	HUMÍFERO	---
	ROCHOSO	---	TERRA ROXA	---	OUTROS	---

PRESERVAÇÃO						
GRAU DE PRESERVAÇÃO	ÓTIMO	---	BOM	---	RUIM	X
EXPOSIÇÃO AGENTES NATURAIS	INSOLAÇÃO	X	CHUVA	X	VENTO	X
DETERIORAÇAO ANTRÓPICA	QUEIMADAS	X	MINERAÇÃO	---	PICHAÇÕES	---
	QUEBRA INTENCIONAL	---	FOGUEIRA	---	OUTROS	---

CARACTERÍSTICAS DAS REPRESENTAÇÕES																				
QTD PAINÉIS	2					TIPO DE REPRESENTAÇÃO		PINTURA	X			GRAVURA	---							
ORIENTAÇÃO (PONTOS CARDEAIS)																				
N	---	NE	60º	E	---	SE	---	S	---	SO	---	O	---	NO	---					
TÉCNICA APLICADA																				
DESENHO	---			PINTURA	X			RASPAGEM	---			PICOTAGEM	---							
INSTRUMENTOS UTILIZADOS																				
GRAVETO	---			GIZ	---			CARVÃO	---			PERCUTOR	---							
PINCEL FINO	---			PINCEL GROSSO	---			DEDO	X			OUTRO	---							
DIMENSÕES DO SUPORTE	VER CROQUIS							DIMENSÕES DOS PAINÉIS	---											
VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS																				
COMPLETA	---			PARCIAL	---			ESCASSA	X			NULA	---							
PIGMENTOS																				
MONOCROMÁTICO	V			BICROMÁTICO	---			POLICROMÁTICO	---											
MOTIVOS																				
ANTROPOMORFO	---			ZOOMORFO	---			FITOMORFO	---			GEOMÉTRICO	---			BORRÃO	---			
POSICIONAMENTO DOS GRAFISMOS NO ABRIGO																				
TETO	X			LAJEDO	---			PAREDE	---											
DIREÇAO DO GESTO NA AÇÃO DE PINTAR																				
DA ESQUERDA PARA A DIREITA	---			DA DIREITA PARA A ESQUERDA	---															
DE CIMA PARA BAIXO	---			DE BAIXO PARA CIMA	---															

PROPORÇÕES EM UM MESMO PAINEL E ENTRE PAINÉIS DIFERENTES																				
ORDEM TEMPORAL																				
ANTIGO	---			MÉDIO	---			RECENTE	---											
PREDOMINÂNCIA																				
ANTROPOMORFO	---			ZOOMORFO	---			FITOMORFO	---			GEOMÉTRICO	---			BORRÃO	---			
TIPOS DE REGISTRO DO SÍTIO																				
FOTOGRAFIA	X			CADERNO DE CAMPO	X			DESENHO	X			FICHA	X							
POSSIBILIDADE DE ESCAVAÇÃO								SIM	X			NÃO	---							
RESPONSÁVEL PELO REGISTRO								EQUIPE PRESENTE EM CAMPO												
CARLOS COSTA E GILCIMAR BARBOSA								CARLOS COSTA, GILCIMAR BARBOSA E PEDRO DOS SANTOS												
OBSERVAÇÕES																				



CROQUI 64: Sítio Tombador de Cima III. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.

REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA (BAHIA, BRASIL)
FICHA DE REGISTRO DE SÍTIOS COM REPRESENTAÇÕES RUPESTRES

IDENTIFICAÇÃO DO SÍTIO

NOME DO SÍTIO	TRÊS COQUEIROS I				Nº REGISTRO	046		DATA REGISTRO	03/09/2009		
CADASTRO IPHAN	SIM	---	NÃO	X	Nº CADASTRO	---		ANO CADASTRO	---		
PESQUISADOR	CARLOS COSTA										
ESTADO	BA		MUNICÍPIO	JACOBINA		REGIÃO	PIEMONTE CD				
LOCALIDADE	SERRA DO TOMBADOR										
COORDENADAS GEOGRÁFICAS	ZONA	24L	E	0317839	N	8772466	ALT. (m)	893			
PROPRIEDADE	MUNICIPAL	X	ESTADUAL		FEDERAL		PARTICULAR				
INFORMANTE DA ÁREA	PEDRO DOS SANTOS										
ENDEREÇO INFORMANTE	---										
TEL. INFORMANTE	---										
NOME DA PROPRIEDADE	---										
NOME PROPRIETÁRIO	---										
TEL. PROPRIETÁRIO	---										

CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ÁREA

CLIMA	SECO									ALT. (m)	893	
RELEVO	DOLINA	--	FUNDO DE VALE	---	CUME	X	MEIA ENCOSTA	---	MARGEM DE RIO	--		
OUTROS	---											
VEGETAÇÃO					PRIMÁRIA	X			SECUNDÁRIA	---		
	CAATINGA	---	CERRADO	X	OUTRA	---						
HIDROGRAFIA	RIO	---	RIACHO	---	CÓRREGO	---	LAGOA	---				
	NASCENTE	---	MINADOURO	---	OLHO D'ÁGUA	---	BREJO	X				

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO

	DESDE O SÍTIO		PARA O SÍTIO	
VISIBILIDADE DO SÍTIO	EXCELENTE	---	EXCELENTE	---
	BOA	X	BOA	---
	REGULAR	---	REGULAR	---
	ESCASSA	---	ESCASSA	X
	NULA	---	NULA	---

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO COM PAINÉIS

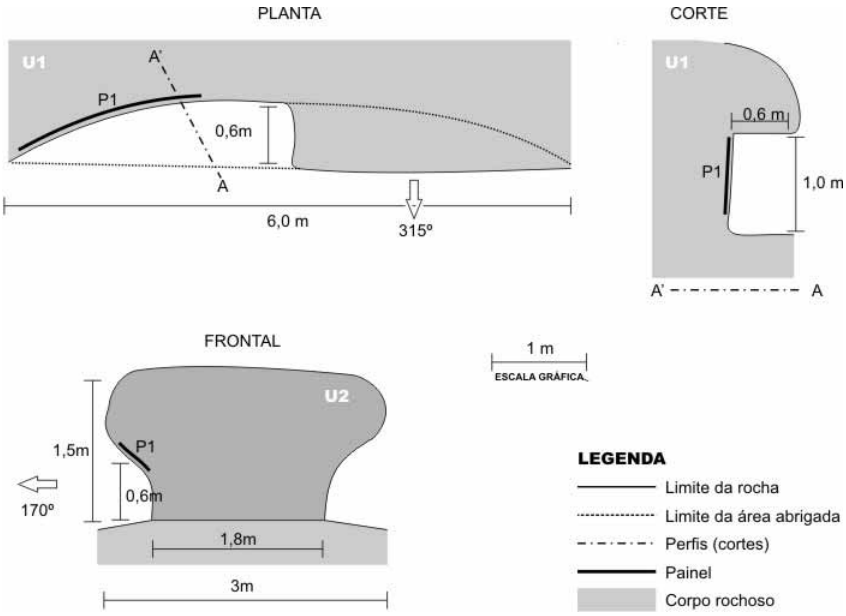
CLASSIFICAÇÃO DO SUPORTE ROCHOSO	ABRIGO	---	CAVERNA	---	PAREDE OU PAREDÃO	---
	LAPA	---	MATACÃO	---	LAJEDO	---
	GRUTA	---	LOCA	X	OUTROS	---
IDENTIFICAÇÃO GEOLÓGICA DO SUPORTE ROCHOSO	ARENITO	---	ARENITO SILICIFICADO	X	CALCÁRIO	---
	GRANITO	---	QUARTZO	---	QUARTZITO	---
	OUTROS	---				
IDENTIFICAÇÃO DO SOLO	ARENOSO	X	ARENO / ARGILOSO	---	HUMÍFERO	---
	ROCHOSO	---	TERRA ROXA	---	OUTROS	---

PRESERVAÇÃO

GRAU DE PRESERVAÇÃO	ÓTIMO	---	BOM	---	RUIM	X
EXPOSIÇÃO AGENTES NATURAIS	INSOLAÇÃO	X	CHUVA	X	VENTO	X
DETERIORAÇAO ANTRÓPICA	QUEIMADAS	---	MINERAÇÃO	X	PICHAÇÕES	---
	QUEBRA INTENCIONAL	X	FOGUEIRA	---	OUTROS	---

CARACTERÍSTICAS DAS REPRESENTAÇÕES															
QTD PAINÉIS	1	TIPO DE REPRESENTAÇÃO		PINTURA	X	GRAVURA	---								
ORIENTAÇÃO (PONTOS CARDEAIS)															
N	---	NE	---	E	---	SE	---	S	U2 170º	SO	---	O	---	NO	U1 315º
TÉCNICA APLICADA															
DESENHO	X	PINTURA	X	RASPAGEM	---	PICOTAGEM	---								
INSTRUMENTOS UTILIZADOS															
GRAVETO	X	GIZ	X	CARVÃO	---	PERCUTOR	---								
PINCEL FINO	---	PINCEL GROSSO	---	DEDO	X	OUTRO	---								
DIMENSÕES DO SUPORTE	VER CROQUIS	DIMENSÕES DOS PAINÉIS	---												
VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS															
COMPLETA	---	PARCIAL	X	ESCASSA	---	NULA	---								
PIGMENTOS															
MONOCROMÁTICO	V	BICROMÁTICO	---	POLICROMÁTICO	---										
MOTIVOS															
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---						
POSICIONAMENTO DOS GRAFISMOS NO ABRIGO															
TETO	---	LAJEDO	---	PAREDE	X										
DIREÇAO DO GESTO NA AÇÃO DE PINTAR															
DA ESQUERDA PARA A DIREITA	---	DA DIREITA PARA A ESQUERDA	---												
DE CIMA PARA BAIXO	---	DE BAIXO PARA CIMA	---												

PROPORÇÕES EM UM MESMO PAINEL E ENTRE PAINÉIS DIFERENTES															
ORDEM TEMPORAL															
ANTIGO	X	MÉDIO	---	RECENTE	---										
PREDOMINÂNCIA															
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---						
TIPOS DE REGISTRO DO SÍTIO															
FOTOGRAFIA	X	CADERNO DE CAMPO	X	DESENHO	X	FICHA	X								
POSSIBILIDADE DE ESCAVAÇÃO				SIM	---	NÃO	X								
RESPONSÁVEL PELO REGISTRO				EQUIPE PRESENTE EM CAMPO											
CARLOS COSTA E GILCIMAR BARBOSA				CARLOS COSTA, GILCIMAR BARBOSA E PEDRO DOS SANTOS											
OBSERVAÇÕES															
TEM DUAS UNIDADES GEOMORFOLÓGICAS/ARQUEOLÓGICAS. A PRIMEIRA POSSUI 1,6M DE COMPRIMENTO, 0,6 CM DE PROFUNDIDADE E 1M DE ALTURA. A SEGUNDA CARACTERIZA-SE POR TER UM FORMATO DE COGUMELO.															



CROQUI 65: Sítio Três Coqueiros I. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.

REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA (BAHIA, BRASIL)
FICHA DE REGISTRO DE SÍTIOS COM REPRESENTAÇÕES RUPESTRES

IDENTIFICAÇÃO DO SÍTIO

NOME DO SÍTIO	TRÊS COQUEIROS II					Nº REGISTRO	047	DATA REGISTRO	03/09/2009		
CADASTRO IPHAN	SIM	---	NÃO	X		Nº CADASTRO	---	ANO CADASTRO	---		
PESQUISADOR	CARLOS COSTA										
ESTADO	BA		MUNICÍPIO	JACOBINA			REGIÃO	PIEMONTE CD			
LOCALIDADE	SERRA DO TOMBADOR										
COORDENADAS GEOGRÁFICAS	ZONA	24L	E	0317736		N	8772029	ALT. (m)	908		
PROPRIEDADE	MUNICIPAL	X	ESTADUAL			FEDERAL		PARTICULAR			
INFORMANTE DA ÁREA	PEDRO DOS SANTOS										
ENDEREÇO INFORMANTE	---										
TEL. INFORMANTE	---										
NOME DA PROPRIEDADE	---										
NOME PROPRIETÁRIO	---										
TEL. PROPRIETÁRIO	---										

CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ÁREA

CLIMA	SECO									ALT. (m)	908	
RELEVO	DOLINA	--	FUNDO DE VALE	---	CUME	X	MEIA ENCOSTA	--	MARGEM DE RIO	--		
OUTROS	---											
VEGETAÇÃO					PRIMÁRIA	---			SECUNDÁRIA	X		
	CAATINGA	---	CERRADO	X	OUTRA	---						
HIDROGRAFIA	RIO	---	RIACHO	---	CÓRREGO	---	LAGOA	---				
	NASCENTE	---	MINADOURO	---	OLHO D'ÁGUA	---	BREJO	X				

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO

	DESDE O SÍTIO		PARA O SÍTIO	
VISIBILIDADE DO SÍTIO	EXCELENTE	X	EXCELENTE	---
	BOA	---	BOA	---
	REGULAR	---	REGULAR	---
	ESCASSA	---	ESCASSA	X
	NULA	---	NULA	---

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO COM PAINÉIS

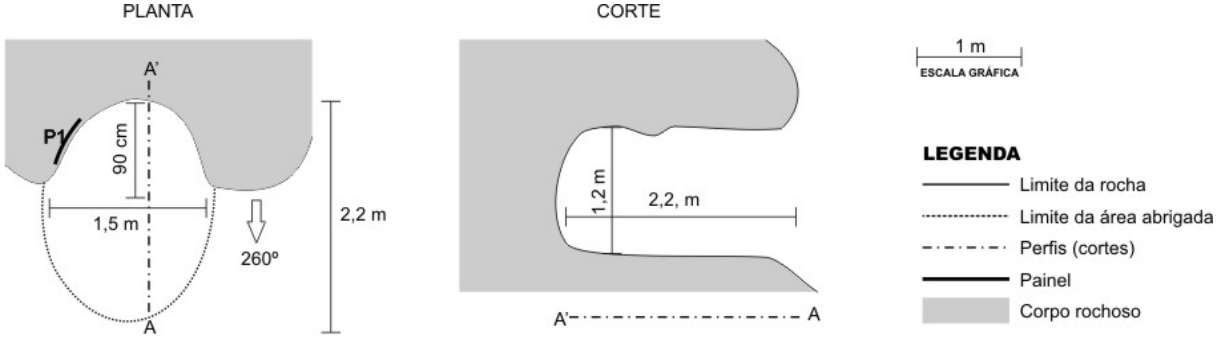
CLASSIFICAÇÃO DO SUPORTE ROCHOSO	ABRIGO	---	CAVERNA	---	PAREDE OU PAREDÃO	---
	LAPA	---	MATACÃO	---	LAJEDO	---
	GRUTA	X	LOCA	---	OUTROS	---
IDENTIFICAÇÃO GEOLÓGICA DO SUPORTE ROCHOSO	ARENITO	---	ARENITO SILICIFICADO	X	CALCÁRIO	---
	GRANITO	---	QUARTZO	---	QUARTZITO	---
	OUTROS	---				
IDENTIFICAÇÃO DO SOLO	ARENOSO	X	ARENO / ARGILOSO	---	HUMÍFERO	---
	ROCHOSO	---	TERRA ROXA	---	OUTROS	---

PRESERVAÇÃO

GRAU DE PRESERVAÇÃO	ÓTIMO	---	BOM	---	RUIM	X
EXPOSIÇÃO AGENTES NATURAIS	INSOLAÇÃO	---	CHUVA	---	VENTO	X
DETERIORAÇAO ANTRÓPICA	QUEIMADAS	X	MINERAÇÃO	X	PICHAÇÕES	---
	QUEBRA INTENCIONAL	X	FOGUEIRA	X	OUTROS	---

CARACTERÍSTICAS DAS REPRESENTAÇÕES																
QTD PAINÉIS	1	TIPO DE REPRESENTAÇÃO		PINTURA	X	GRAVURA	---									
ORIENTAÇÃO (PONTOS CARDEAIS)																
N	---	NE	---	E	---	SE	---	S	---	SO	---	O	260º	NO	---	
TÉCNICA APLICADA																
DESENHO	---	PINTURA	X	RASPAGEM	---	PICOTAGEM	---									
INSTRUMENTOS UTILIZADOS																
GRAVETO	---	GIZ	---	CARVÃO	---	PERCUTOR	---									
PINCEL FINO	---	PINCEL GROSSO	---	DEDO	X	OUTRO	---									
DIMENSÕES DO SUPORTE	VER CROQUIS			DIMENSÕES DOS PAINÉIS	---											
VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS																
COMPLETA	---	PARCIAL	X	ESCASSA	---	NULA	---									
PIGMENTOS																
MONOCROMÁTICO	V	BICROMÁTICO	---	POLICROMÁTICO	---											
MOTIVOS																
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---							
POSICIONAMENTO DOS GRAFISMOS NO ABRIGO																
TETO	---	LAJEDO	---	PAREDE	X											
DIREÇAO DO GESTO NA AÇÃO DE PINTAR																
DA ESQUERDA PARA A DIREITA	---	DA DIREITA PARA A ESQUERDA	---													
DE CIMA PARA BAIXO	---	DE BAIXO PARA CIMA	---													

PROPORÇÕES EM UM MESMO PAINEL E ENTRE PAINÉIS DIFERENTES																
ORDEM TEMPORAL																
ANTIGO	X	MÉDIO	---	RECENTE	----											
PREDOMINÂNCIA																
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---							
TIPOS DE REGISTRO DO SÍTIO																
FOTOGRAFIA	X	CADERNO DE CAMPO	X	DESENHO	X	FICHA	X									
POSSIBILIDADE DE ESCAVAÇÃO				SIM		NÃO	X									
RESPONSÁVEL PELO REGISTRO				EQUIPE PRESENTE EM CAMPO												
CARLOS COSTA E GILCIMAR BARBOSA				CARLOS COSTA, GILCIMAR BARBOSA E PEDRO DOS SANTOS												
OBSERVAÇÕES																
O SÍTIO TEM 2,2 M DE ALTURA, 1,2 M DE PROFUNDIDADE E 1,5 DE COMPRIMENTO.																



CROQUI 66: Sítio Três Coqueiros II. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.

REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA (BAHIA, BRASIL)
FICHA DE REGISTRO DE SÍTIOS COM REPRESENTAÇÕES RUPESTRES

IDENTIFICAÇÃO DO SÍTIO

NOME DO SÍTIO	TRÊS COQUEIROS III				Nº REGISTRO	048		DATA REGISTRO	09/09/2009		
CADASTRO IPHAN	SIM	---	NÃO	X	Nº CADASTRO	---		ANO CADASTRO	---		
PESQUISADOR	CARLOS COSTA										
ESTADO	BA		MUNICÍPIO	JACOBINA		REGIÃO	PIEMONTE CD				
LOCALIDADE	SERRA DO TOMBADOR										
COORDENADAS GEOGRÁFICAS	ZONA	24L	E	0317469		N	8773922		ALT. (m)	778	
PROPRIEDADE	MUNICIPAL	X	ESTADUAL	---		FEDERAL	---		PARTICULAR	---	
INFORMANTE DA ÁREA	PEDRO DOS SANTOS										
ENDEREÇO INFORMANTE	---										
TEL. INFORMANTE	---										
NOME DA PROPRIEDADE	---										
NOME PROPRIETÁRIO	---										
TEL. PROPRIETÁRIO	---										

CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ÁREA

CLIMA	SECO								ALT. (m)	778	
RELEVO	DOLINA	--	FUNDO DE VALE	---	CUME	---	MEIA ENCOSTA	--	MARGEM DE RIO	--	
OUTROS	PÁ DE SERRA										

VEGETAÇÃO	PRIMÁRIA	---			SECUNDÁRIA	X
	CAATINGA	---	CERRADO	---	OUTRA	TRANSIÇÃO CAATINGA / CERRADO

HIDROGRAFIA	RIO	---	RIACHO	---	CÓRREGO	---	LAGOA	---
	NASCENTE	---	MINADOURO	---	OLHO D'ÁGUA	---	BREJO	Brejo Três Coqueiros

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO

VISIBILIDADE DO SÍTIO	DESDE O SÍTIO		PARA O SÍTIO	
	EXCELENTE	---	EXCELENTE	---
	BOA	X	BOA	---
	REGULAR	---	REGULAR	---
	ESCASSA	---	ESCASSA	---
	NULA	---	NULA	X

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO COM PAINÉIS

CLASSIFICAÇÃO DO SUPORTE ROCHOSO	ABRIGO	---	CAVERNA	---	PAREDE OU PAREDÃO	X
	LAPA	---	MATACÃO	---	LAJEDO	---
	GRUTA	---	LOCA	---	OUTROS	---
IDENTIFICAÇÃO GEOLÓGICA DO SUPORTE ROCHOSO	ARENITO	---	ARENITO SILICIFICADO	X	CALCÁRIO	---
	GRANITO	---	QUARTZO	---	QUARTZITO	---
	OUTROS	---				
IDENTIFICAÇÃO DO SOLO	ARENOSO	X	ARENO / ARGILOSO	---	HUMÍFERO	---
	ROCHOSO	---	TERRA ROXA	---	OUTROS	---

PRESERVAÇÃO

GRAU DE PRESERVAÇÃO	ÓTIMO	---	BOM	----	RUIM	X

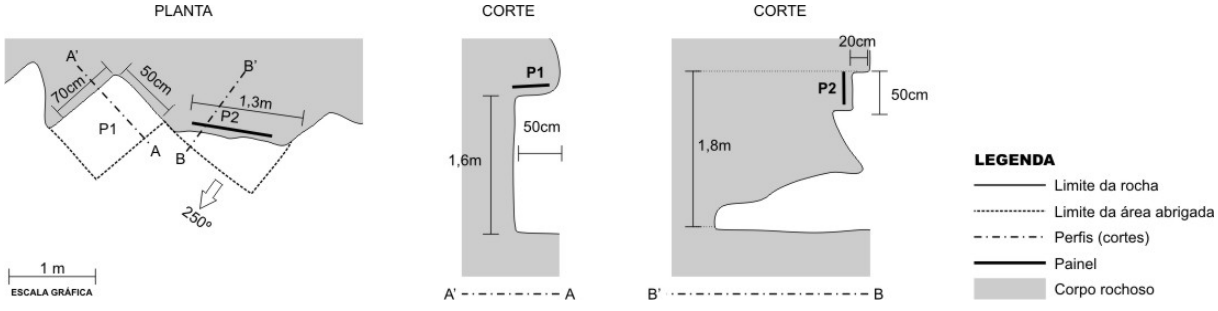
EXPOSIÇÃO AGENTES NATURAIS	INSOLAÇÃO	X	CHUVA	X	VENTO	X	
DETERIORAÇAO ANTRÓPICA	QUEIMADAS	---	MINERAÇÃO	---	PICHAÇÕES	---	
	QUEBRA INTENCIONAL	---	FOGUEIRA	X	OUTROS	---	

CARACTERÍSTICAS DAS REPRESENTAÇÕES														
QTD PAINÉIS	2	TIPO DE REPRESENTAÇÃO		PINTURA	X	GRAVURA	---							
ORIENTAÇÃO (PONTOS CARDEAIS)														
N	---	NE	---	E	---	SE	---	S	---	SO	---	O	250º	NO	---
TÉCNICA APLICADA														
DESENHO	---	PINTURA	X	RASPAGEM	---	PICOTAGEM	---							
INSTRUMENTOS UTILIZADOS														
GRAVETO	---	GIZ	---	CARVÃO	---	PERCUTOR	---							
PINCEL FINO	---	PINCEL GROSSO	---	DEDO	X	OUTRO	---							
DIMENSÕES DO SUPORTE	VER CROQUIS	DIMENSÕES DOS PAINÉIS	---											
VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS														
COMPLETA	---	PARCIAL	---	ESCASSA	---	NULA	X							
PIGMENTOS														
MONOCROMÁTICO	V	BICROMÁTICO	---	POLICROMÁTICO	---									
MOTIVOS														
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---					
POSICIONAMENTO DOS GRAFISMOS NO ABRIGO														
TETO	X	LAJEDO	---	PAREDE	X									
DIREÇAO DO GESTO NA AÇÃO DE PINTAR														
DA ESQUERDA PARA A DIREITA	---	DA DIREITA PARA A ESQUERDA	---											
DE CIMA PARA BAIXO	---	DE BAIXO PARA CIMA	---											

PROPORÇÕES EM UM MESMO PAINEL E ENTRE PAINÉIS DIFERENTES									
ORDEM TEMPORAL									
ANTIGO	X	MÉDIO	---	RECENTE	---				
PREDOMINÂNCIA									
ANTROPOMORFO	---	ZOOMORFO	---	FITOMORFO	---	GEOMÉTRICO	X	BORRÃO	---
TIPOS DE REGISTRO DO SÍTIO									
FOTOGRAFIA	X	CADERNO DE CAMPO	X	DESENHO	X	FICHA	X		
POSSIBILIDADE DE ESCAVAÇÃO				SIM	X?	NÃO			

RESPONSÁVEL PELO REGISTRO	EQUIPE PRESENTE EM CAMPO
CARLOS COSTA E GILCIMAR BARBOSA	CARLOS COSTA, GILCIMAR BARBOSA E PEDRO DOS SANTOS

OBSERVAÇÕES
O SÍTIO TEM 2,6M DE COMPRIMENTO E 1,8M DE ALTURA. O SÍTIO FOI AFETADO POR LIQUENS E PRINCIPALMENTE PELA FULIGEM PROVENIENTE DE SUCESSIVAS FOGUEIRAS FEITAS NO LOCAL.



CROQUI 67: Sítio Três Coqueiros III. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.

REPRESENTAÇÕES RUPESTRES NO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA (BAHIA, BRASIL)
FICHA DE REGISTRO DE SÍTIOS COM REPRESENTAÇÕES RUPESTRES

IDENTIFICAÇÃO DO SÍTIO												
NOME DO SÍTIO	VÁRZEA NOVA I OU CONCEIÇÃO				Nº REGISTRO	049		DATA REGISTRO	09/09/2009			
CADASTRO IPHAN	SIM	---	NÃO	X	Nº CADASTRO	---		ANO CADASTRO	---			
PESQUISADOR	CARLOS COSTA											
ESTADO	BA		MUNICÍPIO		VARZEA NOVA			REGIÃO	PIEMONTE CD			
LOCALIDADE	---											
COORDENADAS GEOGRÁFICAS	ZONA	24L	E	0290089		N	8768125		ALT. (m)	642		
PROPRIEDADE	MUNICIPAL	---	ESTADUAL	---		FEDERAL	---		PARTICULAR	X		
INFORMANTE DA ÁREA	---											
ENDEREÇO INFORMANTE	---											
TEL. INFORMANTE	---											
NOME DA PROPRIEDADE	---											
NOME PROPRIETÁRIO	---											
TEL. PROPRIETÁRIO	---											

CARACTERÍSTICAS AMBIENTAIS DA ÁREA												
CLIMA	SECO									ALT. (m)	642	
RELEVO	DOLINA	--	FUNDO DE VALE	--	CUME	--	MEIA ENCOSTA	--	MARGEM DE RIO	X		
OUTROS	---											
VEGETAÇÃO			PRIMÁRIA	---			SECUNDÁRIA	X				
	CAATINGA	X	CERRADO	---	OUTRA	---						
HIDROGRAFIA	RIO	SALITRE	RIACHO	---	CÓRREGO	---	LAGOA	---				
	NASCENTE	---	MINADOURO	---	OLHO D'ÁGUA	---	BREJO	---				

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO				
VISIBILIDADE DO SÍTIO	DESDE O SÍTIO		PARA O SÍTIO	
	EXCELENTE	---	EXCELENTE	---
	BOA	---	BOA	---
	REGULAR	X	REGULAR	---
	ESCASSA	---	ESCASSA	X
	NULA	---	NULA	---

CARACTERÍSTICAS DO SÍTIO COM PAINÉIS						
CLASSIFICAÇÃO DO SUPORTE ROCHOSO	ABRIGO	---	CAVERNA	---	PAREDE OU PAREDÃO	---
	LAPA	---	MATACÃO	---	LAJEDO	---
	GRUTA	---	LOCA	X	OUTROS	---
IDENTIFICAÇÃO GEOLÓGICA DO SUPORTE ROCHOSO	ARENITO	---	ARENITO SILICIFICADO	---	CALCÁRIO	X
	GRANITO	---	QUARTZO	---	QUARTZITO	---
	OUTROS	---				
IDENTIFICAÇÃO DO SOLO	ARENOSO	---	ARENO / ARGILOSO	---	HUMÍFERO	---
	ROCHOSO	X	TERRA ROXA	---	OUTROS	---

PRESERVAÇÃO						
GRAU DE PRESERVAÇÃO	ÓTIMO	---	BOM	---	RUIM	X
EXPOSIÇÃO AGENTES NATURAIS	INSOLAÇÃO	X	CHUVA	X	VENTO	X
	QUEIMADAS	---	MINERAÇÃO	---	PICHAÇÕES	---

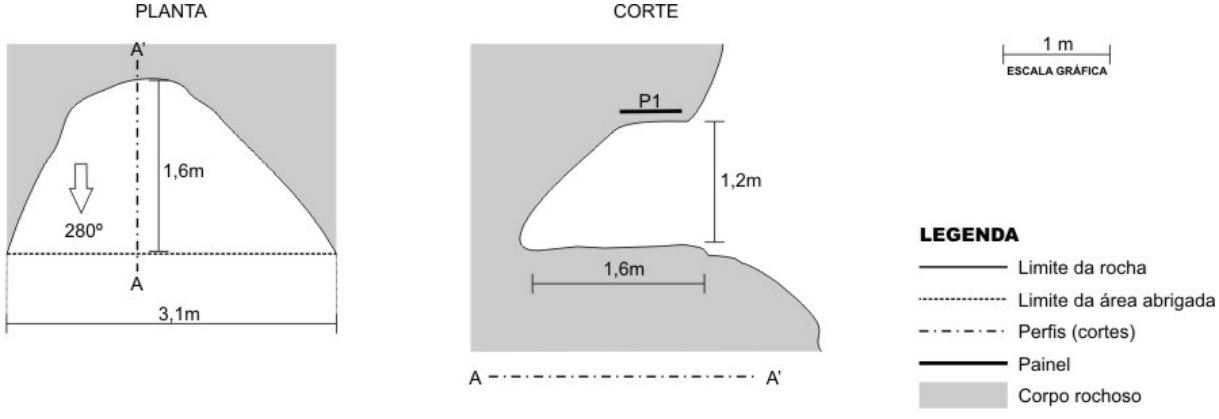
	QUEBRA INTENCIONAL	---	FOGUEIRA	---	OUTROS	---	

CARACTERÍSTICAS DAS REPRESENTAÇÕES															
QTD PAINÉIS	2 PINTURAS ISOLADAS			TIPO DE REPRESENTAÇÃO		PINTURA	X			GRAVURA	---				
ORIENTAÇÃO (PONTOS CARDEAIS)															
N	---	NE	---	E	---	SE	---	S	---	SO	---	O	280º	NO	---
TÉCNICA APLICADA															
DESENHO	X		PINTURA	---		RASPAGEM	---			PICOTAGEM	---				
INSTRUMENTOS UTILIZADOS															
GRAVETO	---		GIZ	X		CARVÃO	---			PERCUTOR	---				
PINCEL FINO	---		PINCEL GROSSO	---		DEDO	---			OUTRO	---				
DIMENSÕES DO SUPORTE	VER CROQUIS					DIMENSÕES DOS PAINÉIS	---								
VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS															
COMPLETA	---		PARCIAL	---		ESCASSA	X			NULA	---				
PIGMENTOS															
MONOCROMÁTICO	V		BICROMÁTICO	---		POLICROMÁTICO	---								
MOTIVOS															
ANTROPOMORFO	---		ZOOMORFO	---		FITOMORFO	---			GEOMÉTRICO	X			BORRÃO	---
POSICIONAMENTO DOS GRAFISMOS NO ABRIGO															
TETO	X		LAJEDO	---		PAREDE	---								
DIREÇAO DO GESTO NA AÇÃO DE PINTAR															
DA ESQUERDA PARA A DIREITA	---					DA DIREITA PARA A ESQUERDA	---								
DE CIMA PARA BAIXO	---					DE BAIXO PARA CIMA	---								

PROPORÇÕES EM UM MESMO PAINEL E ENTRE PAINÉIS DIFERENTES															
ORDEM TEMPORAL															
ANTIGO	X		MÉDIO	---		RECENTE	---								
PREDOMINÂNCIA															
ANTROPOMORFO	---		ZOOMORFO	---		FITOMORFO	---			GEOMÉTRICO	X			BORRÃO	---
TIPOS DE REGISTRO DO SÍTIO															
FOTOGRAFIA	X		CADERNO DE CAMPO	X		DESENHO	X			FICHA	X				
POSSIBILIDADE DE ESCAVAÇÃO						SIM				NÃO	X				

RESPONSÁVEL PELO REGISTRO	EQUIPE PRESENTE EM CAMPO
CARLOS COSTA E GILCIMAR BARBOSA	CARLOS COSTA, GILCIMAR BARBOSA E PEDRO DOS SANTOS

OBSERVAÇÕES
O SÍTIO POSSUI 3,1M DE COMPRIMENTO, 1,2M DE ALTURA E 1,6M DE PROFUNDIDADE.



CROQUI 68: Sítio Várzea Nova I. Croqui: Carlos Costa. Reprodução digital: Gilcimar Barbosa e Carlos Costa.

TABELA DE SÍNTESE DOS DADOS LEVANTADOS NOS SÍTIOS DO PIEMONTE DA CHAPADA DIAMANTINA, BAHIA

Nº	NOME DO SÍTIO	ZONA	UTM E	UTM N	ALT.	RELEVO	HIDROGRAFIA	VISUALIZAÇÃO	VISIBILIDADE	MORFOLOGIA DO SÍTIO	SUPORTE ROCHOSO	SOLO	PRESERVAÇÃO	AGENTES NATURAIS	DETERIORAÇÃO ANTROPICA	TÉCNICA	ORIENTAÇÃO	VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS	PIGMENTOS	SIGNOS	LOCAL
1	As Moitas - U1	24L	319068	8783712	800 m	Cume	Rio	Escassa	Escassa	Gruta	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Insolação, chuva e vento	---	Dedo	310º	Parcial e escassa	Vermelho	Geométrico e indefinido	Teto
1	As Moitas - U2	---	---	---	---			Escassa	Escassa	Lapa	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Insolação, chuva e vento	---	Pincel e dedo	250º		Vermelho	Zoomorfo, antropomorfo, borrão e indefinido	Parede e teto
1	As Moitas - U3	---	---	---	---			Escassa	Escassa	Lapa	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Insolação, chuva e vento	---	Giz, pincel e dedo	220º		Vermelho e amarelo	Geométrico, zoomorfo, borrão e indefinido	Parede e teto
1	As Moitas - U4	---	---	---	---			Escassa	Escassa	Loca	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Insolação, chuva e vento	---	Dedo	310º		Vermelho	Indefinido	Teto
1	As Moitas - U5	24L	319113	8783674	807 m			Escassa	Escassa	Lapa	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Insolação, chuva e vento	---	Dedo	230º		Vermelho	Geométrico e indefinido	Parede e teto
2	Bananeira	24L	335993	8763181	507 m	Meia encosta	Rio	Excelente	Excelente	Parede	Arenito	Rochoso	Bom	Insolação, chuva e vento	Construção de estrada	Dedo	20º	Completa	Vermelho	Geométrico, antropomorfo e indefinido	Parede
3	Barragem do Cantinho	24L	317554	8777324	837 m	Margem do rio	Rio	Regular	Regular	Lapa	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Chuva e vento	Mineração, quebra intencional e fogueira	Dedo	360º	Escassa	Vermelho	Geométrico e indefinido	Parede
4	Cambaitira I - U1	24L	320153	8776106	926 m	Pé de serra	Lagoa	Boa	Regular	Abrigo	Arenito	Arenoso	Ruim	Insolação, chuva e vento	Pichação	Giz, carvão e dedo	170º	Completa, parcial e escassa	Vermelho, amarelo, preto e branco	Geométrico, antropomorfo e indefinido	Parede e teto
4	Cambaitira I - U2	24L	320149	8776150	886 m			Boa	Regular	Abrigo	Arenito	Arenoso	Ruim	Insolação, chuva e vento	Pichação	Giz e dedo	170º		Vermelho, amarelo e preto	Geométrico e indefinido	Parede e teto
5	Cambaitira II - U1	24L	320579	8774893	776 m	Cume	Rio	Nula	Nula	Abrigo	Arenito	Arenoso	Ruim	Chuva e vento	---	Dedo	150º	Parcial	Vermelho e amarelo	Geométrico e indefinido	Parede e teto
5	Cambaitira II - U2	24L	320579	8774893	776 m			Nula	Nula	Abrigo	Arenito	Arenoso	Ruim	Chuva e vento	---	Dedo	150º		Vermelho	Geométrico e indefinido	Teto
6	Cambaitira III - U1	24L	320611	8774785	879 m	Pé de serra	Rio	Excelente	Excelente	Loca	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Insolação, chuva e vento	Queimada	Dedo	360º	Completa e parcial	Vermelho	Geométrico	Parede
6	Cambaitira III - U2	24L	320593	8774765	882 m			Excelente	Excelente	Lapa	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Insolação, chuva e vento	Queimada	Dedo	360º		Vermelho	Geométrico, borrão e indefinido	Parede e teto
6	Cambaitira III - U3	24L	320593	8774765	882 m			Excelente	Excelente	Abrigo	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Insolação, chuva e vento	Queimada	Dedo	360º		Vermelho	Geométrico	Parede
6	Cambaitira III - U4	24L	320593	8774765	882 m			Excelente	Excelente	Abrigo	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Insolação, chuva e vento	Queimada	Giz, pincel e dedo	360º		Vermelho	Geométrico, zoomorfo e indefinido	Parede e teto
6	Cambaitira III - U5	24L	320593	8774765	882 m			Excelente	Excelente	Lapa	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Insolação, chuva e vento	Queimada	Dedo	360º		Vermelho	Geométrico e indefinido	Parede e teto
7	Da Lua	24L	336809	8760230	516 m	Meia encosta	Brejo	Escassa	Escassa	Parede	Quartizito	Arenoso	Ruim	Insolação e chuva	Queimada, mineração, quebra intencional e pichação	Giz e dedo	160º	Escassa	Vermelho	Geométrico e indefinido	Parede
8	Fazenda Caldeirão I - U1a	24L	317984	8781832	779 m	Margem do rio	Rio	Escassa	Escassa	Caverna	Arenito silicificado	Arenoso	Ótimo	Vento	Mineração	Dedo	320º	Escassa	Vermelho	Geométrico	Teto
8	Fazenda Caldeirão I - U1b	24L	317984	8781832	779 m			Escassa	Escassa	Gruta	Arenito silicificado	Arenoso	Ótimo	Vento	Mineração	Dedo	140º		Vermelho	Geométrico e indefinido	Teto
8	Fazenda Caldeirão I - U1c	24L	317984	8781832	779 m			Escassa	Escassa	Gruta	Arenito silicificado	Arenoso	Ótimo	Vento	Mineração	Dedo	360º		Vermelho	Antropomorfo	Parede
8	Fazenda Caldeirão I - U2	24L	317926	8781886	786 m			Escassa	Escassa	Loca	Arenito silicificado	Arenoso	Ótimo	Vento	Mineração	Dedo	90º		Vermelho	Geométrico e indefinido	Teto
9	Fazenda Caldeirão II	24L	318567	8781190	849 m	Margem do rio	Rio	Boa	Escassa	Loca	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Vento	Mineração, pichação e fogueira	Dedo	360º	Escassa	Vermelho	Zoomorfo e indefinido	Teto

Nº	NOME DO SÍTIO	ZONA	UTM E	UTM N	ALT.	RELEVO	HIDROGRAFIA	VISUALIZAÇÃO	VISIBILIDADE	MORFOLOGIA DO SÍTIO	SUPORTE ROCHOSO	SOLO	PRESERVAÇÃO	AGENTES NATURAIS	DETERIORAÇÃO ANTROPICA	TÉCNICA	ORIENTAÇÃO	VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS	PIGMENTOS	SIGNOS	LOCAL
10	Fazenda Caldeirão III	24L	318134	8781953	801 m	Margem do rio	Rio	Escassa	Escassa	Gruta	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Chuva e vento	Fogueira	Dedo	330º	Parcial e escassa	Vermelho	Geométrico	Teto
11	Fazenda Caldeirão IV - U1	24L	318200	8781853	794 m	Margem do rio	Rio	Escassa	Escassa	Gruta	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Vento	Fogueira	Dedo	120º	Nula	Vermelho	Geométrico e indefinido	Teto
11	Fazenda Caldeirão IV - U2	24L	318162	8781872	786 m			Escassa	Escassa	Gruta	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Vento	Fogueira	Dedo	300º		Vermelho	Geométrico e indefinido	Teto
12	Gogó da Gata - U1	24L	316398	8763274	873 m	Pé de serra	---	Excelente	Escassa	Parede	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Insolação, chuva e vento	Queimada	Dedo	130º	Escassa	Vermelho	Indefinido	Parede
12	Gogó da Gata - U2	24L	316398	8763274	873 m			Excelente	Escassa	Parede	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Insolação, chuva e vento	Queimada	Pincel e dedo	130º		Vermelho	Indefinido	Parede
12	Gogó da Gata - U3	24L	316398	8763274	873 m			Excelente	Escassa	Gruta	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Insolação, chuva e vento	Queimada	Dedo	130º		Vermelho	Zoomorfo	Parede
13	Igrejinha - U1	24L	311200	8796512	643 m	Meia encosta	---	Excelente	Excelente	Caverna	Calcário	Arenoso/rochoso	Bom	Chuva e vento	Pichação e quebra intencional	Dedo	130º	Completa	Vermelho	Geométrico	Parede
13	Igrejinha - U2	24L	311200	8796512	643 m			Excelente	Excelente	Caverna	Calcário	Arenoso/rochoso	Bom	Chuva e vento	Pichação e quebra intencional	Dedo	130º		Vermelho	Geométrico, antropomorfo e indefinido	Parede e teto
14	Jenipapo	24L	350833	8781825	615 m	Pé de serra	Rio e brejo	Boa	Boa	Abrigo	Quartizito	Arenoso	Bom	Insolação, chuva e vento	Pichação	Giz e dedo	310º	Completa	Vermelho	Geométrico e indefinido	Parede
15	Macaqueira	24L	335771	8766042	498 m	Fundo do vale	Rio	Escassa	Escassa	Abrigo	Quartizito	Arenoso	Bom	Insolação e chuva	Queimada e mineração	Dedo	300º	Completa	Vermelho	Geométrico, zoomorfo e indefinido	Parede
16	Morro do Cruzeiro I	24L	319358	8777628	923 m	Cume	Minadouro e brejo	Excelente	Excelente	Lapa	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Chuva e vento	Mineração, quebra intencional e fogueira	Dedo	90º	Parcial	Vermelho	Geométrico e indefinido	Parede e teto
17	Morro do Cruzeiro II - U1	24L	319805	8778813	907 m	Cume	Brejo	Regular	Regular	Lapa	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Vento	Fogueira	Dedo	60º	Parcial	Vermelho	Geométrico e indefinido	Teto
17	Morro do Cruzeiro II - U2	24L	319782	8778833	906 m			Regular	Regular	Gruta	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Vento	Fogueira	Giz e dedo	180º		Vermelho	Geométrico e indefinido	Teto
18	Olhos D'água I - U1	24L	317429	8782568	775 m	Cume	Rio	Escassa	Escassa	Gruta	Arenito silicificado	Arenoso	Bom	Insolação, chuva e vento	Queimada, Mineração e fogueira	Dedo	290º	Parcial e escassa	Vermelho	Geométrico	Teto
18	Olhos D'água I - U2	24L	317429	8782568	775 m			Escassa	Escassa	Abrigo	Arenito silicificado	Arenoso	Bom	Insolação, chuva e vento	Queimada, Mineração e fogueira	Dedo	300º		Vermelho e amarelo	Geométrico	Teto
18	Olhos D'água I - U3	24L	317429	8782568	775 m			Escassa	Escassa	Gruta	Arenito silicificado	Arenoso	Bom	Insolação, chuva e vento	Queimada, Mineração e fogueira	Dedo	160º		Vermelho	Indefinido	Teto
18	Olhos D'água I - U4	24L	317429	8782568	775 m			Escassa	Escassa	Gruta	Arenito silicificado	Arenoso	Bom	Insolação, chuva e vento	Queimada, Mineração e fogueira	Pincel e dedo	320º		Vermelho	Geométrico, antropomorfo, zoomorfo e indefinido	Parede e teto
19	Olhos D'água II	24L	318013	8784098	673 m	Margem do rio	Rio	Nula	Nula	Gruta	Arenito silicificado	Arenoso/rochoso	Ruim	Vento	---	Dedo	250º	Nula	Vermelho	Geométrico e indefinido	Teto
20	Olhos D'água III	24L	318472	8783845	702 m	Margem do rio	Rio	Escassa	Escassa	Gruta	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	---	Fogueira	Dedo	250º	Escassa	Vermelho	Geométrico, zoomorfo e indefinido	Teto
21	Olhos D'água IV	24L	319148	8783683	806 m	Meia encosta	Rio	Regular	Regular	Lapa	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	---	---	Dedo	270º	Nula	Vermelho	Geométrico e zoomorfo	Parede e teto
22	Pé de Serra	24L	323797	8783882	906 m	Pé de serra	Riacho	Escassa	Escassa	Abrigo	Arenito	Arenoso	Ruim	Vento	---	Giz, carvão, pincel e dedo	150º	Escassa	Vermelho, amarelo, preto e branco	Geométrico, antropomorfo, zoomorfo e indefinido	Parede e teto
23	Pedra Pintada - início Pedra Pintada - meio Pedra Pintada - final	24L 24L 24L	269050 268977 268914	8819546 8819552 8819492	649 m 676 m 693 m	Fundo do vale	---	Escassa	Boa	Parede (boqueirão)	Arenito silicificado	Areno/argiloso	Bom	Insolação, chuva e vento	Queimada, mineração, quebra intencional, pichação e fogueira	Talisca, giz, pincel e dedo	240º 90º	Completa, parcial e escassa	Vermelho e amarelo	Geométrico, antropomorfo, zoomorfo, borrão e indefinido	Parede e teto

Nº	NOME DO SÍTIO	ZONA	UTM E	UTM N	ALT.	RELEVO	HIDROGRAFIA	VISUALIZAÇÃO	VISIBILIDADE	MORFOLOGIA DO SÍTIO	SUPORTE ROCHOSO	SOLO	PRESERVAÇÃO	AGENTES NATURAIS	DETERIORAÇÃO ANTROPICA	TÉCNICA	ORIENTAÇÃO	VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS	PIGMENTOS	SIGNOS	LOCAL
24	Pilões	24L	330293	8776094	524 m	Fundo do vale	Rio	Boa	Boa	Matacão	Granito	Rochoso	Ruim	Insolação, chuva e vento	---	Dedo	360º / 55º / 240º / 270º	Completa	Vermelho	Geométrico, borrão e indefinido	Parede
25	Riacho dos Alves	24L	336288	8773516	579 m	Margem do rio	Riacho	Escassa	Regular	Paredão	Quartizito	Arenoso	Ruim	Insolação, chuva e vento	---	Pincel e dedo	40º	Parcial	Vermelho	Geométrico, zoomorfo e indefinido	Parede
26	Rio Preto I	24L	318598	8785924	718 m	Cume	Rio	Escassa	Nula	Lapa	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Insolação, chuva e vento	Queimada e mineração	Dedo	220º	Completa	Vermelho	Geométrico, zoomorfo, borrão e indefinido	Parede e teto
27	Rio Preto IIa	24L	318982	8785634	734 m	Cume	Rio	Escassa	Escassa	Abrigo	Arenito silicificado	Arenoso	Bom	Insolação, chuva e vento	Queimada, mineração e fogueira	Dedo	310º	Parcial	Vermelho	Geométrico, antropomorfo e borrão	Parede e teto
27	Rio Preto IIb	24L	318982	8785634	734 m			Escassa	Escassa	Abrigo	Arenito silicificado	Arenoso	Bom	Insolação, chuva e vento	Queimada, mineração e fogueira	Dedo	170º		Vermelho	Geométrico e antropomorfo	Parede e teto
27	Rio Preto IIc	24L	318982	8785634	734 m			Escassa	Escassa	Abrigo	Arenito silicificado	Arenoso	Bom	Insolação, chuva e vento	Queimada, mineração e fogueira	Dedo	40º		Vermelho	Geométrico e indefinido	Parede e teto
28	Rio Preto III	24L	320067	8785910	761 m	Cume	Rio	---	---	---	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	---	Mineração e quebra intencional	Dedo	---	---	Vermelho	Geométrico	---
29	Rio Preto IV	24L	319780	8786296	767 m	Cume	Rio	Excelente	Excelente	Lapa	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Insolação, chuva e vento	Queimada, mineração, quebra intencional, pichação e fogueira	Pincel e dedo	200º	Parcial	Vermelho	Geométrico, borrão e indefinido	Parede e teto
30	São Judas Tadeu I	24L	315266	8762970	920 m	Cume	---	Excelente	Boa	Gruta	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Vento	Queimada, mineração, quebra intencional e fogueira	Giz e dedo	80º	Nula	Vermelho	Geométrico, borrão e indefinido	Teto
31	São Judas Tadeu II	24L	314637	8764392	906 m	Cume	---	Boa	Regular	Gruta	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Vento	Queimada e fogueira	Giz e dedo	210º	Nula	Vermelho e amarelo	Geométrico, antropomorfo e indefinido	Teto
32	São Judas Tadeu III	24L	314733	8764510	895 m	Cume	---	Escassa	Escassa	Gruta	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Vento	Queimada, quebra intencional e fogueira	Giz e dedo	260º	Escassa	Vermelho	Geométrico, antropomorfo e indefinido	Parede e teto
33	São Judas Tadeu IV - U1	24L	314725	8764560	904 m	Cume	---	Boa	Boa	Lapa	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Insolação, chuva e vento	Queimada e fogueira	Dedo	210º	Escassa	Vermelho e amarelo	Geométrico, borrão e indefinido	Parede e teto
33	São Judas Tadeu IV - U2	24L	314725	8764560	904 m			Boa	Boa	Gruta	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Insolação, chuva e vento	Queimada e fogueira	Giz e dedo	210º		Vermelho	Geométrico, borrão e indefinido	Parede e teto
33	São Judas Tadeu IV - U3	24L	314725	8764560	904 m			Boa	Boa	Gruta	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Insolação, chuva e vento	Queimada e fogueira	Dedo	210º		Vermelho	Indefinido	Parede e teto
34	São Judas Tadeu V - U1	24L	316105	8763086	920 m	Cume	Minadouro	Nula	Nula	Gruta	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Vento	Queimada, mineração, quebra intencional e fogueira	Dedo	300º	Completa	Vermelho	Geométrico e borrão	Parede
34	São Judas Tadeu V - U2	24L	316091	8763086	920 m			Nula	Nula	Gruta	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Vento	Queimada, mineração, quebra intencional e fogueira	Giz e dedo	20º		Vermelho e amarelo	Indefinido	Parede e teto

Nº	NOME DO SÍTIO	ZONA	UTM E	UTM N	ALT.	RELEVO	HIDROGRAFIA	VISUALIZAÇÃO	VISIBILIDADE	MORFOLOGIA DO SÍTIO	SUPORTE ROCHOSO	SOLO	PRESERVAÇÃO	AGENTES NATURAIS	DETERIORAÇÃO ANTROPICA	TÉCNICA	ORIENTAÇÃO	VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS	PIGMENTOS	SIGNOS	LOCAL
34	São Judas Tadeu V - U3	24L	316163	8763102	922 m			Nula	Nula	Lapa	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Vento	Queimada, mineração, quebra intencional e fogueira	Giz e dedo	---		Vermelho	Geométrico e indefinido	Parede e teto
35	São Judas Tadeu VI	24L	316432	8763432	908 m	Cume	Minadouro	Excelente	Escassa	Lapa	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Insolação, chuva e vento	Mineração e quebra intencional	Dedo	210º	Parcial	Vermelho	Geométrico, borrão e indefinido	Parede e teto
36	São Judas Tadeu VII	24L	316321	8763273	920 m	Cume	Minadouro	Nula	Nula	Gruta	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Insolação, chuva e vento	Queimadas	Dedo	240º	Nula	Vermelho	Geométrico e indefinido	Teto
37	Seixos	24L	327881	8786636	837 m	Cume	Minadouro	Excelente	Excelente	Abrigo	Conglomerado de seixos	Arenoso	Ruim	Insolação, chuva e vento	Queimada, mineração e quebra intencional	Giz, carvão, pincel e dedo	320º	Parcial	Vermelho e preto	Geométrico, zoomorfo, borrão e indefinido	Parede e teto
38	Serra do Cílio I	24L	314047	8755286	955 m	Pé de serra	Brejo	Escassa	Nula	Gruta	Arenito	Arenoso	Ruim	Chuva e vento	---	Giz e dedo	140º	Escassa	Vermelho	Geométrico	Teto
39	Serra do Cílio II - U1	24L	314277	8756480	965 m	Cume	Brejo	Nula	Nula	Gruta	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Vento	Fogueira	Dedo	180º	Parcial	Vermelho e amarelo	Geométrico, zoomorfo e indefinido	Parede e teto
39	Serra do Cílio II - U2	24L	314273	8756491	990 m			Nula	Nula	Gruta	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Vento	Fogueira	Dedo	90º		Vermelho	Geométrico, borrão e indefinido	Parede e teto
40	Serra do Cílio III - U1	24L	314282	8756317	994 m	Cume	Brejo	Escassa	Escassa	Abrigo	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Chuva e vento	Fogueira	Dedo	180º	Escassa	Vermelho	Indefinido	Parede e teto
40	Serra do Cílio III - U2	24L	314282	8756317	994 m			Escassa	Escassa	Fenda	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Chuva e vento	Fogueira	Pincel e dedo	180º		Vermelho e amarelo	Geométrico, antropomorfo, zoomorfo e indefinido	Teto
40	Serra do Cílio III - U3	24L	314282	8756317	994 m			Escassa	Escassa	Lapa	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Chuva e vento	Fogueira	Dedo	90º		Vermelho	Geométrico e indefinido	Teto
40	Serra do Cílio III - U4	24L	314282	8756317	994 m			Escassa	Escassa	Lapa	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Chuva e vento	Fogueira	Dedo	270º		Vermelho	Indefinido	Teto
41	Serra do Tamanco - U1	24L	313287	8753838	897 m	Pé de serra	Rio	Boa	Nula	Abrigo	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Insolação, chuva e vento	---	Giz, pincel e dedo	150º	Parcial	Vermelho	Geométrico, antropomorfo e indefinido	Parede e teto
41	Serra do Tamanco - U2	24L	313295	8753901	923 m			Boa	Nula	Paredão	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Insolação, chuva e vento	---	Dedo	150º		Vermelho	Geométrico	Parede
42	Tombador Alto - U1	24L	317029	8766648	954 m	Cume	Córrego e lagoa	Nula	Nula	Caverna	Arenito	Arenoso	Ruim	Chuva	Queimada, mineração e pichação	Dedo	310º	Nula	Vermelho e amarelo	Geométrico, antropomorfo, zoomorfo e indefinido	Parede e teto
42	Tombador Alto - U2	24L	317025	8766686	952 m			Nula	Nula	Gruta	Arenito	Arenoso	Ruim	Isolação, chuva e vento	---	Dedo	260º	Escassa	Vermelho	Geométrico e antropomorfo	Teto
42	Tombador Alto - U3a	24L	317023	8766716	957 m			Regular	Regular	Lapa	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Isolação, chuva e vento	---	Giz, pincel e dedo	20º	Completa	Vermelho e amarelo	Geométrico, antropomorfo, zoomorfo, borrão e indefinido	Parede e teto
42	Tombador Alto - U3b	24L	317023	8766716	957 m			Regular	Regular	Lapa	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Isolação, chuva e vento	---	Pincel e dedo	240º	Completa	Vermelho	Geométrico e indefinido	Teto
42	Tombador Alto - U4a	24L	317063	8766742	956 m			Regular	Regular	Loca	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Isolação, chuva e vento	---	Pincel e dedo	20º	Parcial	Vermelho	Geométrico, zoomorfo e indefinido	Parede e teto
42	Tombador Alto - U4b	24L	317063	8766742	956 m			Regular	Regular	Loca	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Isolação, chuva e vento	---	Pincel e dedo	20º	Parcial	Vermelho	Geométrico, zoomorfo e indefinido	Parede e teto
42	Tombador Alto - U5a	24L	317100	8766786	952 m			Regular	Regular	Gruta	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Isolação, chuva e vento	Fogueira	Dedo	30º	Parcial	Vermelho, amarelo e preto	Geométrico, antropomorfo, zoomorfo e indefinido	Parede e teto

Nº	NOME DO SÍTIO	ZONA	UTM E	UTM N	ALT.	RELEVO	HIDROGRAFIA	VISUALIZAÇÃO	VISIBILIDADE	MORFOLOGIA DO SÍTIO	SUPORTE ROCHOSO	SOLO	PRESERVAÇÃO	AGENTES NATURAIS	DETERIORAÇÃO ANTROPICA	TÉCNICA	ORIENTAÇÃO	VISUALIZAÇÃO DOS PAINÉIS	PIGMENTOS	SIGNOS	LOCAL
42	Tombador Alto - U5b	24L	317100	8766786	952 m			Regular	Regular	Abrigo	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Vento	Fogueira	Giz e dedo	50º	Parcial	Vermelho e preto	Geométrico, antropomorfo e indefinido	Parede e teto
42	Tombador Alto - U6	24L	317073	8766770	950 m			Escassa	Regular	Loca	Arenito silicificado	Arenoso	Bom	Isolação, chuva e vento	---	Pimcel e dedo	270º	Completa	Vermelho e preto	Geométrico, antropomorfo, zoomorfo, borrão e indefinido	Teto
42	Tombador Alto - U7a	24L	317066	8766764	949 m			Escassa	Escassa	Gruta	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Isolação, chuva e vento	---	Dedo	350º	Parcial	Vermelho e amarelo	Geométrico, antropomorfo e borrão	Teto
42	Tombador Alto - U7b	24L	317066	8766764	949 m			Escassa	Escassa	Abrigo	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Isolação, chuva e vento	---	Dedo	20º	Parcial	Vermelho	Antropomorfo, borrão e indefinido	Parede e teto
42	Tombador Alto - U8	24L	317057	8766796	947 m			Regular	Regular	Lapa	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Isolação, chuva e vento	---	Pincel e dedo	210º	Parcial	Vermelho e amarelo	Geométrico, antropomorfo, zoomorfo, borrão e indefinido	Parede e teto
42	Tombador Alto - U9	24L	317122	8766832	951 m			Regular	Escassa	Abrigo	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Isolação, chuva e vento	---	Giz e dedo	170º	Parcial	Vermelho	Geométrico e indefinido	Parede e teto
43	Tombador de Cima I	24L	316793	8770860	827 m	Meia encosta	Rio	Nula	Nula	Gruta	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Vento	Queimada	Dedo	60º	Escassa	Vermelho	Geométrico	Teto
44	Tombador de Cima II	24L	316242	8768574	895 m	Cume	---	Nula	Nula	Abrigo	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Vento	---	Dedo	210º	Escassa	Vermelho	Indefinido	Teto
45	Tombador de Cima III	24L	316203	8768282	872 m	Cume	---	Boa	Regular	Parede	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Vento	---	Dedo	60º	Escassa	Vermelho	Indefinido	Teto
46	Três Coqueiros I - U1	24L	317839	8772466	893 m	Cume	Brejo	Boa	Escassa	Loca	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Insolação, chuva e vento	Mineração e quebra intencional	Pincel e dedo	315º	Parcial	Vermelho	Geométrico e indefinido	Parede
46	Três Coqueiros I - U2	24L	317856	8772479	901 m			Boa	Escassa	Loca	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Insolação, chuva e vento	Mineração e quebra intencional	Dedo	170º		Vermelho	Indefinido	Parede
47	Três Coqueiros II	24L	317736	8772029	€	Cume	Brejo	Excelente	Escassa	Gruta	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Vento	Queimada, mineração, quebra intencional e fogueira	Dedo	260º	Parcial	Vermelho	Geométrico e indefinido	Parede
48	Três Coqueiros III	24L	317469	8773922	778 m	Pé de serra	Brejo	Boa	Nula	Parede	Arenito silicificado	Arenoso	Ruim	Insolação, chuva e vento	Fogueira	Dedo	250º	Nula	Vermelho	Geométrico e indefinido	Parede e teto
49	Várzea Nova I	24L	290089	8768125	642 m	Margem do rio	Rio	Regular	Escassa	Loca	Calcário	Rochoso	Ruim	Insolação, chuva e vento	---	Giz	280º	Escassa	Vermelho	Geométrico e indefinido	Teto

ANÁLISES QUANTITATIVA, PERCENTUAL E GRÁFICA DOS DADOS SISTEMATIZADOS NA TABELA DISPONÍVEL NO APÊNDICE 2

VISUALIZAÇÃO

VISUALIZAÇÃO	QTD	%
Excelente	17	19,8%
Boa	15	17,4%
Regular	13	15,1%
Escassa	30	34,9%
Nula	10	11,6%
Não identificada	1	1,2%
TOTAL	86	100,0%

VISIBILIDADE

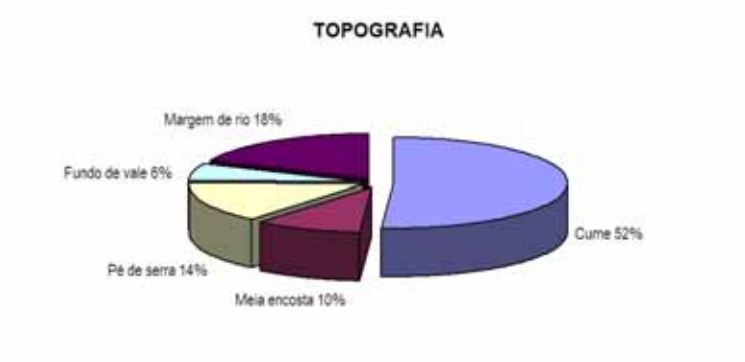
VISIBILIDADE	QTD	%
Excelente	11	12,8%
Boa	7	8,1%
Regular	14	16,3%
Escassa	35	40,7%
Nula	18	20,9%
Não identificada	1	1,2%
TOTAL	86	100,0%

VISUALIZAÇÃO DOS PAINEIS

VISUALIZAÇÃO	QTD	%
Completa	13	13,8%
Parcial	26	27,7%
Escassa	26	27,7%
Nula	10	10,6%
Parcial / escassa	10	10,6%
Completa, parcial e escassa	3	3,2%
Completa e parcial	5	5,3%
Não identificada	1	1,1%
TOTAL	94	100,0 %

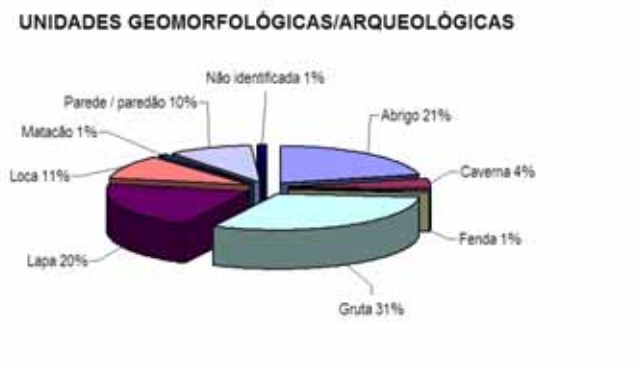
TOPOGRAFIA

RELEVO	QTD	%
Cume	25	51,0%
Meia encosta	5	10,2%
Pé de serra	7	14,3%
Fundo de vale	3	6,1%
Margem de rio	9	18,4%
TOTAL	49	100,0%



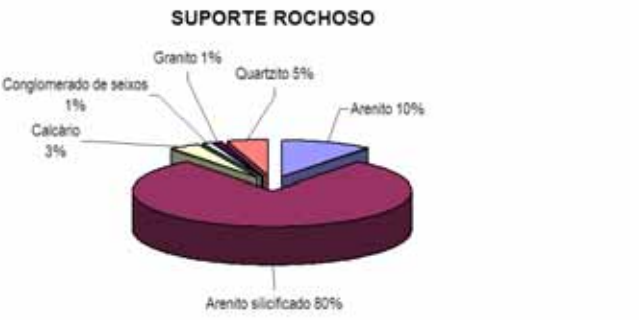
UNIDADES GEOMORFOLÓGICAS-ARQUEOLÓGICAS

UNIDADE	QTD	%
Abrigo	20	21,3%
Caverna	4	4,3%
Fenda	1	1,1%
Gruta	29	30,9%
Lapa	19	20,2%
Loca	10	10,6%
Matacão	1	1,1%
Parede / paredão	9	9,6%
Não definida	1	1,1%
TOTAL	94	100,0%



SUPORTE ROCHOSO

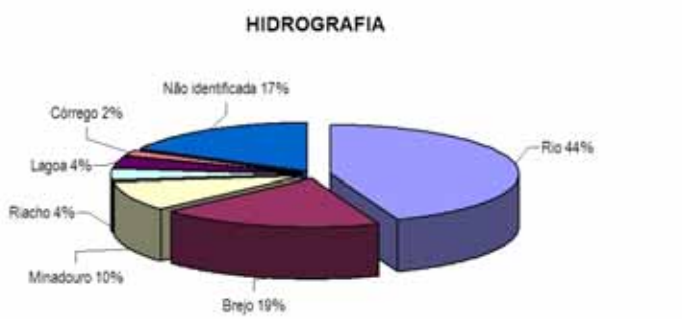
ROCHA	QTD	%
Arenito	9	10,5%
Arenito silicificado	68	79,1%
Calcário	3	3,5%
Conglomerado de seixos	1	1,2%
Granito	1	1,2%
Quartzito	4	4,7%
TOTAL	86	100,0%



HIDROGRAFIA

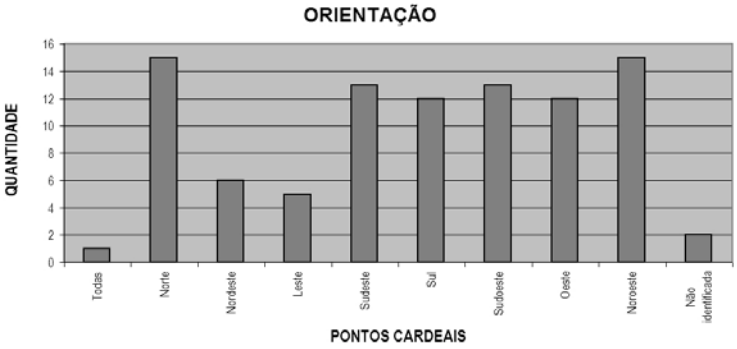
RECURSO	QTD	%
Rio	23	44,2%
Brejo	10	19,2%
Minadouro	5	9,6%
Riacho	2	3,8%
Lagoa	2	3,8%
Córrego	1	1,9%
Não identificada	9	17,3%
TOTAL	52	100,0%

OBS: a soma total supera 49 sítios porque existem sítios com mais de um recurso hidríco associado.



ORIENTEÇÃO

ORIENTEÇÃO	QTD	%
Todas	1	1,1%
Norte	15	16,0%
Nordeste	6	6,4%
Leste	5	5,3%
Sudeste	13	13,8%
Sul	12	12,8%
Sudoeste	13	13,8%
Oeste	12	12,8%
Noroeste	15	16,0%
Não identificada	2	2,1%
TOTAL	94	100,0%



TABELAS INDIVIDUAIS DE ANÁLISE DOS SIGNOS

SIGNO 1

SÍTIOS	SIGNO											%
	Q	LOCAL		TÉCNICA				COR				
		P	T	T	G	P	D	V	A	P	B	
As Moitas - unidade 1												0,00%
As Moitas - unidade 2												0,00%
As Moitas - unidade 3												0,00%
As Moitas - unidade 4												0,00%
As Moitas - unidade 5												0,00%
Bananeira												0,00%
Barragem do Cantinho												0,00%
Cambaitira I - unidade 1												0,00%
Cambaitira I - unidade 2												0,00%
Cambaitira II - unidade 1												0,00%
Cambaitira II - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 1												0,00%
Cambaitira III - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 3												0,00%
Cambaitira III - unidade 4	1	1					1	1				7,69%
Cambaitira III - unidade 5												0,00%
Da Lua												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1a												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1b												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1c												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 2												0,00%
azenda Caldeirão II												0,00%
azenda Caldeirão III												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 1												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 1												0,00%
Gogó da Gata - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 3												0,00%
Igrejinha - unidade 1												0,00%
Igrejinha - unidade 2	1		1				1	1				7,69%
Jenipapo	1	1			1			1				7,69%
Macaqueira												0,00%
Morro do Cruzeiro I	1		1				1	1				7,69%
Morro do Cruzeiro II - unidade 1	1		1				1	1				7,69%
Morro do Cruzeiro II - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 1												0,00%
Olho D'água I - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 3												0,00%
Olho D'água I - unidade 4												0,00%
Olho D'água II												0,00%
Olho D'água III												0,00%
Olho D'água IV												0,00%
Pé de Serra	3	1	2				3	3				23,08%
Pedra Pintada												0,00%
Pilões												0,00%
Rio dos Alves												0,00%
Rio Preto I												0,00%

Rio Preto IIa												0,00%
Rio Preto IIb												0,00%
Rio Preto IIc												0,00%
Rio Preto III												0,00%
Rio Preto IV												0,00%
São Judas Tadeu I												0,00%
São Judas Tadeu II												0,00%
São Judas Tadeu III												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu VI												0,00%
São Judas Tadeu VII												0,00%
Seixos	2	2					2	2				15,38%
Serra do Cílio I												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 2												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 2												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 3												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 4												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 1												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 1	1	1					1	1				7,69%
Tombador Alto - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 3a												0,00%
Tombador Alto - unidade 3b												0,00%
Tombador Alto - unidade 4a												0,00%
Tombador Alto - unidade 4b												0,00%
Tombador Alto - unidade 5a												0,00%
Tombador Alto - unidade 5b												0,00%
Tombador Alto - unidade 6												0,00%
Tombador Alto - unidade 7a												0,00%
Tombador Alto - unidade 7b												0,00%
Tombador Alto - unidade 8												0,00%
Tombador Alto - unidade 9	2	2					2	2				15,38%
Tombador de Cima I												0,00%
Tombador de Cima II												0,00%
Tombador de Cima III												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 1												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 2												0,00%
Três Coqueiros II												0,00%
Três Coqueiros III												0,00%
Várzea Nova I												0,00%
PARCIAIS	13	8	5	0	1	0	12	13	0	0	0	100,00%
TOTAL	13	13		13				13				100,00%

SIGNO 2

SÍTIOS	SIGNO											%
	Q	LOCAL		TÉCNICA				COR				
		P	T	T	G	P	D	V	A	P	B	
As Moitas - unidade 1												0,00%
As Moitas - unidade 2												0,00%
As Moitas - unidade 3	2		2			2		2				1,31%
As Moitas - unidade 4												0,00%
As Moitas - unidade 5	2	1	1				2	2				1,31%
Bananeira												0,00%
Barragem do Cantinho	6	6					6	6				3,92%
Cambaitira I - unidade 1	11		11				11	9	2			7,19%
Cambaitira I - unidade 2	11	5	6				11	10	1			7,19%
Cambaitira II - unidade 1	2		2				2	2				1,31%
Cambaitira II - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 1												0,00%
Cambaitira III - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 3												0,00%
Cambaitira III - unidade 4	2	1	1		2			2				1,31%
Cambaitira III - unidade 5	2	2					2	2				1,31%
Da Lua												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1a												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1b	5		5				5	5				3,27%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1c												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 2												0,00%
azenda Caldeirão II												0,00%
azenda Caldeirão III	1		1				1	1				0,65%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 1	1		1				1	1				0,65%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 2	1		1				1	1				0,65%
Gogó da Gata - unidade 1												0,00%
Gogó da Gata - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 3												0,00%
Igrejinha - unidade 1	4	4					4	4				2,61%
Igrejinha - unidade 2	4	3	1				4	4				2,61%
Jenipapo	16	16			11		5	16				10,46%
Macaqueira												0,00%
Morro do Cruzeiro I												0,00%
Morro do Cruzeiro II - unidade 1	1		1				1	1				0,65%
Morro do Cruzeiro II - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 1												0,00%
Olho D'água I - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 3												0,00%
Olho D'água I - unidade 4	5	2	3				5	5				3,27%
Olho D'água II												0,00%
Olho D'água III												0,00%
Olho D'água IV	1	1					1	1				0,65%
Pé de Serra	22	8	14				22	19	2	1		14,38%
Pedra Pintada												0,00%
Pilões	1	1					1	1				0,65%
Rio dos Alves	2	2				1	1	2				1,31%
Rio Preto I	1	1					1	1				0,65%
Rio Preto IIa												0,00%
Rio Preto IIb	2	1	1				2	2				1,31%
Rio Preto IIc	1		1				1	1				0,65%

Rio Preto III												0,00%
Rio Preto IV	6	1	5				6	6				3,92%
São Judas Tadeu I	2		2		2			2				1,31%
São Judas Tadeu II												0,00%
São Judas Tadeu III	3	1	2				3	3				1,96%
São Judas Tadeu IV - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 2	1	1					1	1				0,65%
São Judas Tadeu IV - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 1	1	1					1	1				0,65%
São Judas Tadeu V - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu VI												0,00%
São Judas Tadeu VII												0,00%
Seixos	6	5	1		1		5	6				3,92%
Serra do Cílio I												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 1	3	3					3	3				1,96%
Serra do Cílio II - unidade 2	1	1					1	1				0,65%
Serra do Cílio III - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 2	3		3				3	3				1,96%
Serra do Cílio III - unidade 3	1		1				1	1				0,65%
Serra do Cílio III - unidade 4												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 1	1	1			1			1				0,65%
Serra do Tamanco - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 1	1		1				1	1				0,65%
Tombador Alto - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 3a	4	4					4	3	1			2,61%
Tombador Alto - unidade 3b	1	1					1	1				0,65%
Tombador Alto - unidade 4a												0,00%
Tombador Alto - unidade 4b												0,00%
Tombador Alto - unidade 5a	2	1	1				2	2				1,31%
Tombador Alto - unidade 5b	1	1					1	1				0,65%
Tombador Alto - unidade 6	3	3					3	3				1,96%
Tombador Alto - unidade 7a												0,00%
Tombador Alto - unidade 7b												0,00%
Tombador Alto - unidade 8	2	2					2	2				1,31%
Tombador Alto - unidade 9												0,00%
Tombador de Cima I	1		1				1	1				0,65%
Tombador de Cima II												0,00%
Tombador de Cima III												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 1	1	1					1	1				0,65%
Três Coqueiros I - unidade 2												0,00%
Três Coqueiros II	1	1					1	1				0,65%
Três Coqueiros III	1	1					1	1				0,65%
Várzea Nova I	1		1		1			1				0,65%
PARCIAIS	153	83	70	0	18	3	132	146	6	1	0	100,00%
TOTAL	153	153		153				153				100,00%

SIGNO 3

SÍTIOS	SIGNO											%
	Q	LOCAL		TÉCNICA				COR				
		P	T	T	G	P	D	V	A	P	B	
As Moitas - unidade 1												0,00%
As Moitas - unidade 2												0,00%
As Moitas - unidade 3												0,00%
As Moitas - unidade 4												0,00%
As Moitas - unidade 5												0,00%
Bananeira												0,00%
Barragem do Cantinho												0,00%
Cambaitira I - unidade 1												0,00%
Cambaitira I - unidade 2												0,00%
Cambaitira II - unidade 1												0,00%
Cambaitira II - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 1	1	1					1	1				16,67%
Cambaitira III - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 3												0,00%
Cambaitira III - unidade 4												0,00%
Cambaitira III - unidade 5												0,00%
Da Lua												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1a												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1b												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1c												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 2												0,00%
azenda Caldeirão II												0,00%
azenda Caldeirão III												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 1												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 1												0,00%
Gogó da Gata - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 3												0,00%
Igrejinha - unidade 1												0,00%
Igrejinha - unidade 2												0,00%
Jenipapo												0,00%
Macaqueira												0,00%
Morro do Cruzeiro I												0,00%
Morro do Cruzeiro II - unidade 1												0,00%
Morro do Cruzeiro II - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 1												0,00%
Olho D'água I - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 3												0,00%
Olho D'água I - unidade 4												0,00%
Olho D'água II												0,00%
Olho D'água III												0,00%
Olho D'água IV												0,00%
Pé de Serra												0,00%
Pedra Pintada												0,00%
Pilões												0,00%
Rio dos Alves												0,00%
Rio Preto I												0,00%
Rio Preto IIa												0,00%
Rio Preto IIb	1	1					1	1				16,67%
Rio Preto IIc												0,00%

Rio Preto III												0,00%
Rio Preto IV												0,00%
São Judas Tadeu I												0,00%
São Judas Tadeu II												0,00%
São Judas Tadeu III												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu VI	1	1					1	1				16,67%
São Judas Tadeu VII												0,00%
Seixos												0,00%
Serra do Cílio I												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 2												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 2												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 3												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 4												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 1												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 1												0,00%
Tombador Alto - unidade 2	1		1				1	1				16,67%
Tombador Alto - unidade 3a												0,00%
Tombador Alto - unidade 3b												0,00%
Tombador Alto - unidade 4a												0,00%
Tombador Alto - unidade 4b												0,00%
Tombador Alto - unidade 5a												0,00%
Tombador Alto - unidade 5b												0,00%
Tombador Alto - unidade 6												0,00%
Tombador Alto - unidade 7a	1		1				1	0,5	0,5			16,67%
Tombador Alto - unidade 7b												0,00%
Tombador Alto - unidade 8	1	1					1	1				16,67%
Tombador Alto - unidade 9												0,00%
Tombador de Cima I												0,00%
Tombador de Cima II												0,00%
Tombador de Cima III												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 1												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 2												0,00%
Três Coqueiros II												0,00%
Três Coqueiros III												0,00%
Várzea Nova I												0,00%
PARCIAIS	6	4	2	0	0	0	6	5,5	0,5	0	0	100,00%
TOTAL	6	6		6				6				100,00%

SIGNO 4

SÍTIOS	SIGNO											%
	Q	LOCAL		TÉCNICA				COR				
		P	T	T	G	P	D	V	A	P	B	
As Moitas - unidade 1												0,00%
As Moitas - unidade 2												0,00%
As Moitas - unidade 3												0,00%
As Moitas - unidade 4												0,00%
As Moitas - unidade 5	1		1				1	1				1,12%
Bananeira												0,00%
Barragem do Cantinho												0,00%
Cambaitira I - unidade 1	12	3	9				12	11,5	0,5			13,48%
Cambaitira I - unidade 2	10	3	7				10	9		1		11,24%
Cambaitira II - unidade 1	1	1					1	1				1,12%
Cambaitira II - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 1												0,00%
Cambaitira III - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 3												0,00%
Cambaitira III - unidade 4												0,00%
Cambaitira III - unidade 5												0,00%
Da Lua	4	4					4	4				4,49%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1a												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1b	1		1				1	1				1,12%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1c												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 2												0,00%
azenda Caldeirão II												0,00%
azenda Caldeirão III	1		1				1	1				1,12%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 1	1		1				1	1				1,12%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 1												0,00%
Gogó da Gata - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 3												0,00%
Igrejinha - unidade 1	1	1					1	1				1,12%
Igrejinha - unidade 2	7	1	6				7	7				7,87%
Jenipapo	18	18			0,5		17,5	18				20,22%
Macaqueira												0,00%
Morro do Cruzeiro I	3		3				3	3				3,37%
Morro do Cruzeiro II - unidade 1												0,00%
Morro do Cruzeiro II - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 1												0,00%
Olho D'água I - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 3												0,00%
Olho D'água I - unidade 4												0,00%
Olho D'água II												0,00%
Olho D'água III												0,00%
Olho D'água IV												0,00%
Pé de Serra	4	4					4	4				4,49%
Pedra Pintada												0,00%
Pilões	2	2					2	2				2,25%
Rio dos Alves												0,00%
Rio Preto I												0,00%
Rio Preto IIa												0,00%
Rio Preto IIb												0,00%
Rio Preto IIc												0,00%

Rio Preto III	2	2					2	2				2,25%
Rio Preto IV	7		7			1	6	7				7,87%
São Judas Tadeu I	1		1		1			1				1,12%
São Judas Tadeu II												0,00%
São Judas Tadeu III												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 2	2	1	1				2	2				2,25%
São Judas Tadeu IV - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 3	1	1					1	1				1,12%
São Judas Tadeu VI												0,00%
São Judas Tadeu VII	1		1				1	1				1,12%
Seixos	3	3			1	1	1	2		1		3,37%
Serra do Cílio I												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 2												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 2												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 3	1		1				1	1				1,12%
Serra do Cílio III - unidade 4												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 1												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 1	1	1					1	1				1,12%
Tombador Alto - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 3a												0,00%
Tombador Alto - unidade 3b												0,00%
Tombador Alto - unidade 4a												0,00%
Tombador Alto - unidade 4b												0,00%
Tombador Alto - unidade 5a												0,00%
Tombador Alto - unidade 5b	1	1					1	1				1,12%
Tombador Alto - unidade 6	3	3					3	3				3,37%
Tombador Alto - unidade 7a												0,00%
Tombador Alto - unidade 7b												0,00%
Tombador Alto - unidade 8												0,00%
Tombador Alto - unidade 9												0,00%
Tombador de Cima I												0,00%
Tombador de Cima II												0,00%
Tombador de Cima III												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 1												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 2												0,00%
Três Coqueiros II												0,00%
Três Coqueiros III												0,00%
Várzea Nova I												0,00%
PARCIAIS	89	49	40	0	2,5	2	84,5	86,5	0,5	2	0	100,00%
TOTAL	89	89		89				89				100,00%

SIGNO 5

SÍTIOS	SIGNO											%
	Q	LOCAL		TÉCNICA				COR				
		P	T	T	G	P	D	V	A	P	B	
As Moitas - unidade 1												0,00%
As Moitas - unidade 2												0,00%
As Moitas - unidade 3												0,00%
As Moitas - unidade 4												0,00%
As Moitas - unidade 5												0,00%
Bananeira												0,00%
Barragem do Cantinho												0,00%
Cambaitira I - unidade 1	7		7		1,5		5,5	4,5	1	1,5		17,07%
Cambaitira I - unidade 2	10	2	8				10	9	1			24,39%
Cambaitira II - unidade 1	2		2				2	2				4,88%
Cambaitira II - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 1												0,00%
Cambaitira III - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 3												0,00%
Cambaitira III - unidade 4												0,00%
Cambaitira III - unidade 5												0,00%
Da Lua												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1a												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1b												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1c												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 2												0,00%
azenda Caldeirão II												0,00%
azenda Caldeirão III	1		1				1	1				2,44%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 1	1		1				1	1				2,44%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 2	2		2				2	2				4,88%
Gogó da Gata - unidade 1												0,00%
Gogó da Gata - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 3												0,00%
Igrejinha - unidade 1												0,00%
Igrejinha - unidade 2	2	1	1				2	2				4,88%
Jenipapo												0,00%
Macaqueira												0,00%
Morro do Cruzeiro I	1		1				1	1				2,44%
Morro do Cruzeiro II - unidade 1												0,00%
Morro do Cruzeiro II - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 1												0,00%
Olho D'água I - unidade 2	1		1				1	1				2,44%
Olho D'água I - unidade 3												0,00%
Olho D'água I - unidade 4	1	1					1	1				2,44%
Olho D'água II												0,00%
Olho D'água III												0,00%
Olho D'água IV												0,00%
Pé de Serra	3	1	2				3	3				7,32%
Pedra Pintada												0,00%
Pilões	1	1					1	1				2,44%
Rio dos Alves												0,00%
Rio Preto I												0,00%
Rio Preto IIa												0,00%
Rio Preto IIb												0,00%
Rio Preto IIc												0,00%

Rio Preto III												0,00%
Rio Preto IV	2		2				2	2				4,88%
São Judas Tadeu I												0,00%
São Judas Tadeu II												0,00%
São Judas Tadeu III												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu VI												0,00%
São Judas Tadeu VII												0,00%
Seixos												0,00%
Serra do Cílio I	1		1		1			1				2,44%
Serra do Cílio II - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 2												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 2	2		2				2	1	1			4,88%
Serra do Cílio III - unidade 3												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 4												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 1												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 1												0,00%
Tombador Alto - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 3a												0,00%
Tombador Alto - unidade 3b	1	1					1	1				2,44%
Tombador Alto - unidade 4a												0,00%
Tombador Alto - unidade 4b												0,00%
Tombador Alto - unidade 5a												0,00%
Tombador Alto - unidade 5b												0,00%
Tombador Alto - unidade 6	1	1					1	1				2,44%
Tombador Alto - unidade 7a												0,00%
Tombador Alto - unidade 7b												0,00%
Tombador Alto - unidade 8												0,00%
Tombador Alto - unidade 9												0,00%
Tombador de Cima I												0,00%
Tombador de Cima II												0,00%
Tombador de Cima III												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 1	2	2					2	2				4,88%
Três Coqueiros I - unidade 2												0,00%
Três Coqueiros II												0,00%
Três Coqueiros III												0,00%
Várzea Nova I												0,00%
PARCIAIS	41	10	31	0	2,5	0	38,5	36,5	3	1,5	0	100,00%
TOTAL	41	41		41				41				100,00%

SIGNO 6

SÍTIOS	SIGNO											%
	Q	LOCAL		TÉCNICA				COR				
		P	T	T	G	P	D	V	A	P	B	
As Moitas - unidade 1												0,00%
As Moitas - unidade 2												0,00%
As Moitas - unidade 3	2	1	1			1	1	2				8,70%
As Moitas - unidade 4												0,00%
As Moitas - unidade 5												0,00%
Bananeira												0,00%
Barragem do Cantinho												0,00%
Cambaitira I - unidade 1	1	1					1	1				4,35%
Cambaitira I - unidade 2	3	1	2				3	3				13,04%
Cambaitira II - unidade 1												0,00%
Cambaitira II - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 1												0,00%
Cambaitira III - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 3												0,00%
Cambaitira III - unidade 4												0,00%
Cambaitira III - unidade 5	1	1					1	1				4,35%
Da Lua												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1a												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1b												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1c												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 2												0,00%
azenda Caldeirão II												0,00%
azenda Caldeirão III												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 1												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 1												0,00%
Gogó da Gata - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 3												0,00%
Igrejinha - unidade 1	2	2					2	2				8,70%
Igrejinha - unidade 2	8	8					8	8				34,78%
Jenipapo												0,00%
Macaqueira												0,00%
Morro do Cruzeiro I												0,00%
Morro do Cruzeiro II - unidade 1												0,00%
Morro do Cruzeiro II - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 1												0,00%
Olho D'água I - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 3												0,00%
Olho D'água I - unidade 4	2	2					2	2				8,70%
Olho D'água II												0,00%
Olho D'água III												0,00%
Olho D'água IV												0,00%
Pé de Serra	1	1					1	1				4,35%
Pedra Pintada												0,00%
Pilões												0,00%
Rio dos Alves												0,00%
Rio Preto I												0,00%
Rio Preto IIa												0,00%
Rio Preto IIb												0,00%
Rio Preto IIc												0,00%

Rio Preto III												0,00%
Rio Preto IV												0,00%
São Judas Tadeu I												0,00%
São Judas Tadeu II												0,00%
São Judas Tadeu III												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 1	1	1					1	1				4,35%
São Judas Tadeu IV - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu VI												0,00%
São Judas Tadeu VII												0,00%
Seixos												0,00%
Serra do Cílio I												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 2												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 2												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 3												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 4												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 1												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 1	2	2					2	2				8,70%
Tombador Alto - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 3a												0,00%
Tombador Alto - unidade 3b												0,00%
Tombador Alto - unidade 4a												0,00%
Tombador Alto - unidade 4b												0,00%
Tombador Alto - unidade 5a												0,00%
Tombador Alto - unidade 5b												0,00%
Tombador Alto - unidade 6												0,00%
Tombador Alto - unidade 7a												0,00%
Tombador Alto - unidade 7b												0,00%
Tombador Alto - unidade 8												0,00%
Tombador Alto - unidade 9												0,00%
Tombador de Cima I												0,00%
Tombador de Cima II												0,00%
Tombador de Cima III												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 1												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 2												0,00%
Três Coqueiros II												0,00%
Três Coqueiros III												0,00%
Várzea Nova I												0,00%
PARCIAIS	23	20	3	0	0	1	22	23	0	0	0	100,00%
TOTAL	23	23		23				23				100,00%

SIGNO 7

SÍTIOS	SIGNO											%
	Q	LOCAL		TÉCNICA				COR				
		P	T	T	G	P	D	V	A	P	B	
As Moitas - unidade 1												0,00%
As Moitas - unidade 2												0,00%
As Moitas - unidade 3												0,00%
As Moitas - unidade 4												0,00%
As Moitas - unidade 5												0,00%
Bananeira												0,00%
Barragem do Cantinho												0,00%
Cambaitira I - unidade 1	2		2		1		1	0,5	0,5	1		15,38%
Cambaitira I - unidade 2	1		1				1	1				7,69%
Cambaitira II - unidade 1												0,00%
Cambaitira II - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 1												0,00%
Cambaitira III - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 3												0,00%
Cambaitira III - unidade 4												0,00%
Cambaitira III - unidade 5												0,00%
Da Lua	1	1					1	1				7,69%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1a												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1b												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1c												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 2												0,00%
azenda Caldeirão II												0,00%
azenda Caldeirão III												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 1												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 2	1		1				1	1				7,69%
Gogó da Gata - unidade 1												0,00%
Gogó da Gata - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 3												0,00%
Igrejinha - unidade 1	1		1				1	1				7,69%
Igrejinha - unidade 2	1		1				1	1				7,69%
Jenipapo	1	1			1			1				7,69%
Macaqueira	2	2					2	2				15,38%
Morro do Cruzeiro I												0,00%
Morro do Cruzeiro II - unidade 1												0,00%
Morro do Cruzeiro II - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 1												0,00%
Olho D'água I - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 3												0,00%
Olho D'água I - unidade 4												0,00%
Olho D'água II												0,00%
Olho D'água III												0,00%
Olho D'água IV												0,00%
Pé de Serra												0,00%
Pedra Pintada												0,00%
Pilões												0,00%
Rio dos Alves												0,00%
Rio Preto I												0,00%
Rio Preto IIa												0,00%
Rio Preto IIb												0,00%
Rio Preto IIc												0,00%

Rio Preto III												0,00%
Rio Preto IV												0,00%
São Judas Tadeu I	1		1		1			1				7,69%
São Judas Tadeu II												0,00%
São Judas Tadeu III												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 2	1		1		1			1				7,69%
São Judas Tadeu IV - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu VI												0,00%
São Judas Tadeu VII												0,00%
Seixos												0,00%
Serra do Cílio I												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 2												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 2												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 3												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 4												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 1	1		1		1			1				7,69%
Serra do Tamanco - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 1												0,00%
Tombador Alto - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 3a												0,00%
Tombador Alto - unidade 3b												0,00%
Tombador Alto - unidade 4a												0,00%
Tombador Alto - unidade 4b												0,00%
Tombador Alto - unidade 5a												0,00%
Tombador Alto - unidade 5b												0,00%
Tombador Alto - unidade 6												0,00%
Tombador Alto - unidade 7a												0,00%
Tombador Alto - unidade 7b												0,00%
Tombador Alto - unidade 8												0,00%
Tombador Alto - unidade 9												0,00%
Tombador de Cima I												0,00%
Tombador de Cima II												0,00%
Tombador de Cima III												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 1												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 2												0,00%
Três Coqueiros II												0,00%
Três Coqueiros III												0,00%
Várzea Nova I												0,00%
PARCIAIS	13	4	9	0	5	0	8	11,5	0,5	1	0	100,00%
TOTAL	13	13		13				13				100,00%

SIGNO 8

SÍTIOS	SIGNO											%
	Q	LOCAL		TÉCNICA				COR				
		P	T	T	G	P	D	V	A	P	B	
As Moitas - unidade 1												0,00%
As Moitas - unidade 2												0,00%
As Moitas - unidade 3												0,00%
As Moitas - unidade 4												0,00%
As Moitas - unidade 5	1		1				1	1				12,50%
Bananeira												0,00%
Barragem do Cantinho												0,00%
Cambaitira I - unidade 1	1		1				1	1				12,50%
Cambaitira I - unidade 2												0,00%
Cambaitira II - unidade 1												0,00%
Cambaitira II - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 1												0,00%
Cambaitira III - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 3												0,00%
Cambaitira III - unidade 4												0,00%
Cambaitira III - unidade 5												0,00%
Da Lua												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1a												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1b												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1c												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 2												0,00%
azenda Caldeirão II												0,00%
azenda Caldeirão III												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 1												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 1												0,00%
Gogó da Gata - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 3												0,00%
Igrejinha - unidade 1												0,00%
Igrejinha - unidade 2												0,00%
Jenipapo												0,00%
Macaqueira												0,00%
Morro do Cruzeiro I	1	1					1	1				12,50%
Morro do Cruzeiro II - unidade 1												0,00%
Morro do Cruzeiro II - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 1												0,00%
Olho D'água I - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 3												0,00%
Olho D'água I - unidade 4	3	1	2				3	3				37,50%
Olho D'água II												0,00%
Olho D'água III												0,00%
Olho D'água IV												0,00%
Pé de Serra												0,00%
Pedra Pintada												0,00%
Pilões												0,00%
Rio dos Alves	1	1					1	1				12,50%
Rio Preto I												0,00%
Rio Preto IIa												0,00%
Rio Preto IIb												0,00%
Rio Preto IIc												0,00%

Rio Preto III												0,00%
Rio Preto IV	1		1				1	1				12,50%
São Judas Tadeu I												0,00%
São Judas Tadeu II												0,00%
São Judas Tadeu III												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu VI												0,00%
São Judas Tadeu VII												0,00%
Seixos												0,00%
Serra do Cílio I												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 2												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 2												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 3												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 4												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 1												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 1												0,00%
Tombador Alto - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 3a												0,00%
Tombador Alto - unidade 3b												0,00%
Tombador Alto - unidade 4a												0,00%
Tombador Alto - unidade 4b												0,00%
Tombador Alto - unidade 5a												0,00%
Tombador Alto - unidade 5b												0,00%
Tombador Alto - unidade 6												0,00%
Tombador Alto - unidade 7a												0,00%
Tombador Alto - unidade 7b												0,00%
Tombador Alto - unidade 8												0,00%
Tombador Alto - unidade 9												0,00%
Tombador de Cima I												0,00%
Tombador de Cima II												0,00%
Tombador de Cima III												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 1												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 2												0,00%
Três Coqueiros II												0,00%
Três Coqueiros III												0,00%
Várzea Nova I												0,00%
PARCIAIS	8	3	5	0	0	0	8	8	0	0	0	100,00%
TOTAL	8	8		8				8				100,00%

SIGNO 9

SÍTIOS	SIGNO Q	LOCAL P	LOCAL T	TÉCNICA T	TÉCNICA G	TÉCNICA P	TÉCNICA D	COR V	COR A	COR P	COR B	%
As Moitas - unidade 1												0,00%
As Moitas - unidade 2												0,00%
As Moitas - unidade 3												0,00%
As Moitas - unidade 4												0,00%
As Moitas - unidade 5												0,00%
Bananeira												0,00%
Barragem do Cantinho	1	1					1	1				6,25%
Cambaitira I - unidade 1	3		3				3	3				18,75%
Cambaitira I - unidade 2												0,00%
Cambaitira II - unidade 1												0,00%
Cambaitira II - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 1												0,00%
Cambaitira III - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 3												0,00%
Cambaitira III - unidade 4												0,00%
Cambaitira III - unidade 5												0,00%
Da Lua												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1a												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1b												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1c												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 2												0,00%
azenda Caldeirão II												0,00%
azenda Caldeirão III												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 1												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 1												0,00%
Gogó da Gata - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 3	1	1					1	1				6,25%
Igrejinha - unidade 1												0,00%
Igrejinha - unidade 2												0,00%
Jenipapo												0,00%
Macaqueira												0,00%
Morro do Cruzeiro I	1		1				1	1				6,25%
Morro do Cruzeiro II - unidade 1												0,00%
Morro do Cruzeiro II - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 1												0,00%
Olho D'água I - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 3												0,00%
Olho D'água I - unidade 4	1	1					1	1				6,25%
Olho D'água II												0,00%
Olho D'água III	1		1				1	1				6,25%
Olho D'água IV												0,00%
Pé de Serra												0,00%
Pedra Pintada												0,00%
Pilões												0,00%
Rio dos Alves												0,00%
Rio Preto I												0,00%
Rio Preto IIa												0,00%
Rio Preto IIb												0,00%
Rio Preto IIc												0,00%

Rio Preto III												0,00%
Rio Preto IV												0,00%
São Judas Tadeu I												0,00%
São Judas Tadeu II												0,00%
São Judas Tadeu III												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 1	1		1				1	1				6,25%
São Judas Tadeu IV - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu VI												0,00%
São Judas Tadeu VII												0,00%
Seixos												0,00%
Serra do Cílio I												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 2												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 2	5		5				5	5				31,25%
Serra do Cílio III - unidade 3												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 4												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 1												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 1												0,00%
Tombador Alto - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 3a												0,00%
Tombador Alto - unidade 3b												0,00%
Tombador Alto - unidade 4a												0,00%
Tombador Alto - unidade 4b												0,00%
Tombador Alto - unidade 5a	1	1					1	1				6,25%
Tombador Alto - unidade 5b	1	1					1	1				6,25%
Tombador Alto - unidade 6												0,00%
Tombador Alto - unidade 7a												0,00%
Tombador Alto - unidade 7b												0,00%
Tombador Alto - unidade 8												0,00%
Tombador Alto - unidade 9												0,00%
Tombador de Cima I												0,00%
Tombador de Cima II												0,00%
Tombador de Cima III												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 1												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 2												0,00%
Três Coqueiros II												0,00%
Três Coqueiros III												0,00%
Várzea Nova I												0,00%
PARCIAIS	16	5	11	0	0	0	16	16	0	0	0	100,00%
TOTAL	16	16		16				16				100,00%

SIGNO 10

SÍTIOS	SIGNO											%
	Q	LOCAL		TÉCNICA				COR				
		P	T	T	G	P	D	V	A	P	B	
As Moitas - unidade 1												0,00%
As Moitas - unidade 2												0,00%
As Moitas - unidade 3	1		1				1	1				12,50%
As Moitas - unidade 4												0,00%
As Moitas - unidade 5												0,00%
Bananeira												0,00%
Barragem do Cantinho	2	2					2	2				25,00%
Cambaitira I - unidade 1												0,00%
Cambaitira I - unidade 2												0,00%
Cambaitira II - unidade 1												0,00%
Cambaitira II - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 1												0,00%
Cambaitira III - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 3												0,00%
Cambaitira III - unidade 4												0,00%
Cambaitira III - unidade 5												0,00%
Da Lua												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1a												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1b												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1c												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 2	1		1				1	1				12,50%
azenda Caldeirão II												0,00%
azenda Caldeirão III												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 1												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 1												0,00%
Gogó da Gata - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 3												0,00%
Igrejinha - unidade 1												0,00%
Igrejinha - unidade 2												0,00%
Jenipapo												0,00%
Macaqueira												0,00%
Morro do Cruzeiro I												0,00%
Morro do Cruzeiro II - unidade 1												0,00%
Morro do Cruzeiro II - unidade 2	1		1		1			1				12,50%
Olho D'água I - unidade 1												0,00%
Olho D'água I - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 3												0,00%
Olho D'água I - unidade 4												0,00%
Olho D'água II												0,00%
Olho D'água III												0,00%
Olho D'água IV												0,00%
Pé de Serra												0,00%
Pedra Pintada												0,00%
Pilões												0,00%
Rio dos Alves												0,00%
Rio Preto I												0,00%
Rio Preto IIa												0,00%
Rio Preto IIb												0,00%
Rio Preto IIc												0,00%

Rio Preto III												0,00%
Rio Preto IV												0,00%
São Judas Tadeu I												0,00%
São Judas Tadeu II												0,00%
São Judas Tadeu III	1		1				1	1				12,50%
São Judas Tadeu IV - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu VI												0,00%
São Judas Tadeu VII												0,00%
Seixos	1	1			1			1				12,50%
Serra do Cílio I												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 2												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 2												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 3												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 4												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 1												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 1												0,00%
Tombador Alto - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 3a												0,00%
Tombador Alto - unidade 3b												0,00%
Tombador Alto - unidade 4a												0,00%
Tombador Alto - unidade 4b												0,00%
Tombador Alto - unidade 5a												0,00%
Tombador Alto - unidade 5b												0,00%
Tombador Alto - unidade 6	1	1					1	1				12,50%
Tombador Alto - unidade 7a												0,00%
Tombador Alto - unidade 7b												0,00%
Tombador Alto - unidade 8												0,00%
Tombador Alto - unidade 9												0,00%
Tombador de Cima I												0,00%
Tombador de Cima II												0,00%
Tombador de Cima III												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 1												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 2												0,00%
Três Coqueiros II												0,00%
Três Coqueiros III												0,00%
Várzea Nova I												0,00%
PARCIAIS	8	4	4	0	2	0	6	8	0	0	0	100,00%
TOTAL	8	8		8				8				100,00%

SIGNO 11

SÍTIOS	SIGNO											%
	Q	LOCAL		TÉCNICA				COR				
		P	T	T	G	P	D	V	A	P	B	
As Moitas - unidade 1												0,00%
As Moitas - unidade 2												0,00%
As Moitas - unidade 3												0,00%
As Moitas - unidade 4												0,00%
As Moitas - unidade 5												0,00%
Bananeira												0,00%
Barragem do Cantinho	2	2					2	2				11,11%
Cambaitira I - unidade 1												0,00%
Cambaitira I - unidade 2												0,00%
Cambaitira II - unidade 1												0,00%
Cambaitira II - unidade 2	1		1				1	1				5,56%
Cambaitira III - unidade 1												0,00%
Cambaitira III - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 3												0,00%
Cambaitira III - unidade 4												0,00%
Cambaitira III - unidade 5												0,00%
Da Lua												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1a												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1b												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1c												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 2	4		4				4	4				22,22%
azenda Caldeirão II												0,00%
azenda Caldeirão III												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 1												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 1												0,00%
Gogó da Gata - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 3												0,00%
Igrejinha - unidade 1												0,00%
Igrejinha - unidade 2												0,00%
Jenipapo												0,00%
Macaqueira												0,00%
Morro do Cruzeiro I												0,00%
Morro do Cruzeiro II - unidade 1												0,00%
Morro do Cruzeiro II - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 1												0,00%
Olho D'água I - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 3												0,00%
Olho D'água I - unidade 4												0,00%
Olho D'água II	5		5				5	5				27,78%
Olho D'água III												0,00%
Olho D'água IV												0,00%
Pé de Serra												0,00%
Pedra Pintada												0,00%
Pilões												0,00%
Rio dos Alves												0,00%
Rio Preto I												0,00%
Rio Preto IIa												0,00%
Rio Preto IIb												0,00%
Rio Preto IIc												0,00%

Rio Preto III												0,00%
Rio Preto IV												0,00%
São Judas Tadeu I												0,00%
São Judas Tadeu II												0,00%
São Judas Tadeu III												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu VI												0,00%
São Judas Tadeu VII												0,00%
Seixos												0,00%
Serra do Cílio I												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 2												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 2												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 3												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 4												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 1												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 1												0,00%
Tombador Alto - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 3a												0,00%
Tombador Alto - unidade 3b												0,00%
Tombador Alto - unidade 4a												0,00%
Tombador Alto - unidade 4b	4	4					4	4				22,22%
Tombador Alto - unidade 5a												0,00%
Tombador Alto - unidade 5b												0,00%
Tombador Alto - unidade 6	2	2					2	2				11,11%
Tombador Alto - unidade 7a												0,00%
Tombador Alto - unidade 7b												0,00%
Tombador Alto - unidade 8												0,00%
Tombador Alto - unidade 9												0,00%
Tombador de Cima I												0,00%
Tombador de Cima II												0,00%
Tombador de Cima III												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 1												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 2												0,00%
Três Coqueiros II												0,00%
Três Coqueiros III												0,00%
Várzea Nova I												0,00%
PARCIAIS	18	8	10	0	0	0	18	18	0	0	0	100,00%
TOTAL	18	18		18				18				100,00%

SIGNO 12

SÍTIOS	SIGNO Q	LOCAL P	LOCAL T	TÉCNICA T	TÉCNICA G	TÉCNICA P	TÉCNICA D	COR V	COR A	COR P	COR B	%
As Moitas - unidade 1												0,00%
As Moitas - unidade 2												0,00%
As Moitas - unidade 3	1		1			1		1				14,29%
As Moitas - unidade 4												0,00%
As Moitas - unidade 5												0,00%
Bananeira												0,00%
Barragem do Cantinho												0,00%
Cambaitira I - unidade 1	1		1				1	1				14,29%
Cambaitira I - unidade 2	1		1				1	1				14,29%
Cambaitira II - unidade 1												0,00%
Cambaitira II - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 1												0,00%
Cambaitira III - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 3												0,00%
Cambaitira III - unidade 4												0,00%
Cambaitira III - unidade 5												0,00%
Da Lua												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1a												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1b												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1c												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 2												0,00%
azenda Caldeirão II												0,00%
azenda Caldeirão III												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 1												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 2	1		1				1	1				14,29%
Gogó da Gata - unidade 1												0,00%
Gogó da Gata - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 3												0,00%
Igrejinha - unidade 1												0,00%
Igrejinha - unidade 2												0,00%
Jenipapo												0,00%
Macaqueira												0,00%
Morro do Cruzeiro I												0,00%
Morro do Cruzeiro II - unidade 1												0,00%
Morro do Cruzeiro II - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 1												0,00%
Olho D'água I - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 3												0,00%
Olho D'água I - unidade 4												0,00%
Olho D'água II												0,00%
Olho D'água III												0,00%
Olho D'água IV												0,00%
Pé de Serra	1		1			1		1				14,29%
Pedra Pintada												0,00%
Pilões												0,00%
Rio dos Alves												0,00%
Rio Preto I												0,00%
Rio Preto IIa												0,00%
Rio Preto IIb												0,00%
Rio Preto IIc	1	1					1	1				14,29%

Rio Preto III												0,00%
Rio Preto IV												0,00%
São Judas Tadeu I	1		1		1			1				14,29%
São Judas Tadeu II												0,00%
São Judas Tadeu III												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu VI												0,00%
São Judas Tadeu VII												0,00%
Seixos												0,00%
Serra do Cílio I												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 2												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 2												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 3												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 4												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 1												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 1												0,00%
Tombador Alto - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 3a												0,00%
Tombador Alto - unidade 3b												0,00%
Tombador Alto - unidade 4a												0,00%
Tombador Alto - unidade 4b												0,00%
Tombador Alto - unidade 5a												0,00%
Tombador Alto - unidade 5b												0,00%
Tombador Alto - unidade 6												0,00%
Tombador Alto - unidade 7a												0,00%
Tombador Alto - unidade 7b												0,00%
Tombador Alto - unidade 8												0,00%
Tombador Alto - unidade 9												0,00%
Tombador de Cima I												0,00%
Tombador de Cima II												0,00%
Tombador de Cima III												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 1												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 2												0,00%
Três Coqueiros II												0,00%
Três Coqueiros III												0,00%
Várzea Nova I												0,00%
PARCIAIS	7	1	6	0	1	2	4	7	0	0	0	100,00%
TOTAL	7	7		7				7				100,00%

SIGNO 13

SÍTIOS	SIGNO											%
	Q	LOCAL		TÉCNICA				COR				
		P	T	T	G	P	D	V	A	P	B	
As Moitas - unidade 1												0,00%
As Moitas - unidade 2												0,00%
As Moitas - unidade 3	1		1				1	1				7,69%
As Moitas - unidade 4												0,00%
As Moitas - unidade 5												0,00%
Bananeira												0,00%
Barragem do Cantinho												0,00%
Cambaitira I - unidade 1	4		4				4	3,5		0,5		30,77%
Cambaitira I - unidade 2												0,00%
Cambaitira II - unidade 1												0,00%
Cambaitira II - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 1												0,00%
Cambaitira III - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 3												0,00%
Cambaitira III - unidade 4												0,00%
Cambaitira III - unidade 5	1		1				1	1				7,69%
Da Lua												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1a	3		3				3	3				23,08%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1b												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1c												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 2												0,00%
azenda Caldeirão II												0,00%
azenda Caldeirão III	1		1				1	1				7,69%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 1												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 1												0,00%
Gogó da Gata - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 3												0,00%
Igrejinha - unidade 1												0,00%
Igrejinha - unidade 2												0,00%
Jenipapo												0,00%
Macaqueira												0,00%
Morro do Cruzeiro I	1		1				1	1				7,69%
Morro do Cruzeiro II - unidade 1												0,00%
Morro do Cruzeiro II - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 1												0,00%
Olho D'água I - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 3												0,00%
Olho D'água I - unidade 4	1		1				1	1				7,69%
Olho D'água II												0,00%
Olho D'água III												0,00%
Olho D'água IV												0,00%
Pé de Serra												0,00%
Pedra Pintada												0,00%
Pilões												0,00%
Rio dos Alves												0,00%
Rio Preto I												0,00%
Rio Preto IIa												0,00%
Rio Preto IIb												0,00%
Rio Preto IIc												0,00%

Rio Preto III												0,00%
Rio Preto IV												0,00%
São Judas Tadeu I												0,00%
São Judas Tadeu II												0,00%
São Judas Tadeu III												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu VI												0,00%
São Judas Tadeu VII												0,00%
Seixos												0,00%
Serra do Cílio I												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 2												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 2	1		1				1	1				7,69%
Serra do Cílio III - unidade 3												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 4												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 1												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 1												0,00%
Tombador Alto - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 3a												0,00%
Tombador Alto - unidade 3b												0,00%
Tombador Alto - unidade 4a												0,00%
Tombador Alto - unidade 4b												0,00%
Tombador Alto - unidade 5a												0,00%
Tombador Alto - unidade 5b												0,00%
Tombador Alto - unidade 6												0,00%
Tombador Alto - unidade 7a												0,00%
Tombador Alto - unidade 7b												0,00%
Tombador Alto - unidade 8												0,00%
Tombador Alto - unidade 9												0,00%
Tombador de Cima I												0,00%
Tombador de Cima II												0,00%
Tombador de Cima III												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 1												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 2												0,00%
Três Coqueiros II												0,00%
Três Coqueiros III												0,00%
Várzea Nova I												0,00%
PARCIAIS	13	0	13	0	0	0	13	12,5	0	0,5	0	100,00%
TOTAL	13	13		13				13				100,00%

SIGNO 14

SÍTIOS	SIGNO											%
	Q	LOCAL		TÉCNICA				COR				
		P	T	T	G	P	D	V	A	P	B	
As Moitas - unidade 1												0,00%
As Moitas - unidade 2												0,00%
As Moitas - unidade 3												0,00%
As Moitas - unidade 4												0,00%
As Moitas - unidade 5												0,00%
Bananeira												0,00%
Barragem do Cantinho												0,00%
Cambaitira I - unidade 1	6		6				6	5,33	0,33	0,33		16,22%
Cambaitira I - unidade 2	18	1	17		1		17	18				48,65%
Cambaitira II - unidade 1	1		1				1	0,5	0,5			2,70%
Cambaitira II - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 1												0,00%
Cambaitira III - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 3												0,00%
Cambaitira III - unidade 4												0,00%
Cambaitira III - unidade 5	2		2				2	2				5,41%
Da Lua	1	1			1			1				2,70%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1a												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1b												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1c												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 2												0,00%
azenda Caldeirão II												0,00%
azenda Caldeirão III												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 1												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 1												0,00%
Gogó da Gata - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 3												0,00%
Igrejinha - unidade 1												0,00%
Igrejinha - unidade 2	1		1				1	1				2,70%
Jenipapo												0,00%
Macaqueira												0,00%
Morro do Cruzeiro I												0,00%
Morro do Cruzeiro II - unidade 1												0,00%
Morro do Cruzeiro II - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 1												0,00%
Olho D'água I - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 3												0,00%
Olho D'água I - unidade 4												0,00%
Olho D'água II												0,00%
Olho D'água III												0,00%
Olho D'água IV												0,00%
Pé de Serra	6	2	4				6	5	1			16,22%
Pedra Pintada												0,00%
Pilões												0,00%
Rio dos Alves												0,00%
Rio Preto I												0,00%
Rio Preto IIa	2		2				2	2				5,41%
Rio Preto IIb												0,00%
Rio Preto IIc												0,00%

Rio Preto III												0,00%
Rio Preto IV												0,00%
São Judas Tadeu I												0,00%
São Judas Tadeu II												0,00%
São Judas Tadeu III												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu VI												0,00%
São Judas Tadeu VII												0,00%
Seixos												0,00%
Serra do Cílio I												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 2												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 2												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 3												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 4												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 1												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 1												0,00%
Tombador Alto - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 3a												0,00%
Tombador Alto - unidade 3b												0,00%
Tombador Alto - unidade 4a												0,00%
Tombador Alto - unidade 4b												0,00%
Tombador Alto - unidade 5a												0,00%
Tombador Alto - unidade 5b												0,00%
Tombador Alto - unidade 6												0,00%
Tombador Alto - unidade 7a												0,00%
Tombador Alto - unidade 7b												0,00%
Tombador Alto - unidade 8												0,00%
Tombador Alto - unidade 9												0,00%
Tombador de Cima I												0,00%
Tombador de Cima II												0,00%
Tombador de Cima III												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 1												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 2												0,00%
Três Coqueiros II												0,00%
Três Coqueiros III												0,00%
Várzea Nova I												0,00%
PARCIAIS	37	4	33	0	2	0	35	34,8	1,83	0,33	0	100,00%
TOTAL	37	37		37				37				100,00%

SIGNO 15

SÍTIOS	SIGNO											%
	Q	LOCAL		TÉCNICA				COR				
		P	T	T	G	P	D	V	A	P	B	
As Moitas - unidade 1												0,00%
As Moitas - unidade 2												0,00%
As Moitas - unidade 3												0,00%
As Moitas - unidade 4												0,00%
As Moitas - unidade 5												0,00%
Bananeira												0,00%
Barragem do Cantinho												0,00%
Cambaitira I - unidade 1												0,00%
Cambaitira I - unidade 2	2		2				2	1,5	0,5			18,18%
Cambaitira II - unidade 1												0,00%
Cambaitira II - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 1												0,00%
Cambaitira III - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 3												0,00%
Cambaitira III - unidade 4												0,00%
Cambaitira III - unidade 5												0,00%
Da Lua												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1a												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1b												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1c												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 2												0,00%
azenda Caldeirão II												0,00%
azenda Caldeirão III	3		3				3	3				27,27%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 1												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 1												0,00%
Gogó da Gata - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 3												0,00%
Igrejinha - unidade 1												0,00%
Igrejinha - unidade 2												0,00%
Jenipapo												0,00%
Macaqueira												0,00%
Morro do Cruzeiro I	1		1				1	1				9,09%
Morro do Cruzeiro II - unidade 1	1		1				1	1				9,09%
Morro do Cruzeiro II - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 1												0,00%
Olho D'água I - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 3												0,00%
Olho D'água I - unidade 4												0,00%
Olho D'água II												0,00%
Olho D'água III												0,00%
Olho D'água IV												0,00%
Pé de Serra												0,00%
Pedra Pintada												0,00%
Pilões												0,00%
Rio dos Alves												0,00%
Rio Preto I												0,00%
Rio Preto IIa												0,00%
Rio Preto IIb												0,00%
Rio Preto IIc												0,00%

Rio Preto III												0,00%
Rio Preto IV	1	1					1	1				9,09%
São Judas Tadeu I	1		1		1			1				9,09%
São Judas Tadeu II												0,00%
São Judas Tadeu III	1		1				1	1				9,09%
São Judas Tadeu IV - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu VI												0,00%
São Judas Tadeu VII												0,00%
Seixos	1	1					1	1				9,09%
Serra do Cílio I												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 2												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 2												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 3												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 4												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 1												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 1												0,00%
Tombador Alto - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 3a												0,00%
Tombador Alto - unidade 3b												0,00%
Tombador Alto - unidade 4a												0,00%
Tombador Alto - unidade 4b												0,00%
Tombador Alto - unidade 5a												0,00%
Tombador Alto - unidade 5b												0,00%
Tombador Alto - unidade 6												0,00%
Tombador Alto - unidade 7a												0,00%
Tombador Alto - unidade 7b												0,00%
Tombador Alto - unidade 8												0,00%
Tombador Alto - unidade 9												0,00%
Tombador de Cima I												0,00%
Tombador de Cima II												0,00%
Tombador de Cima III												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 1												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 2												0,00%
Três Coqueiros II												0,00%
Três Coqueiros III												0,00%
Várzea Nova I												0,00%
PARCIAIS	11	2	9	0	1	0	10	10,5	0,5	0	0	100,00%
TOTAL	11	11		11				11				100,00%

SIGNO 16

SÍTIOS	SIGNO											%
	Q	LOCAL		TÉCNICA				COR				
		P	T	T	G	P	D	V	A	P	B	
As Moitas - unidade 1												0,00%
As Moitas - unidade 2												0,00%
As Moitas - unidade 3												0,00%
As Moitas - unidade 4												0,00%
As Moitas - unidade 5												0,00%
Bananeira												0,00%
Barragem do Cantinho												0,00%
Cambaitira I - unidade 1	1		1				1	1				12,50%
Cambaitira I - unidade 2												0,00%
Cambaitira II - unidade 1												0,00%
Cambaitira II - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 1												0,00%
Cambaitira III - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 3												0,00%
Cambaitira III - unidade 4												0,00%
Cambaitira III - unidade 5												0,00%
Da Lua												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1a												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1b												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1c												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 2												0,00%
azenda Caldeirão II												0,00%
azenda Caldeirão III												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 1												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 1												0,00%
Gogó da Gata - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 3												0,00%
Igrejinha - unidade 1												0,00%
Igrejinha - unidade 2												0,00%
Jenipapo												0,00%
Macaqueira												0,00%
Morro do Cruzeiro I												0,00%
Morro do Cruzeiro II - unidade 1												0,00%
Morro do Cruzeiro II - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 1												0,00%
Olho D'água I - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 3												0,00%
Olho D'água I - unidade 4												0,00%
Olho D'água II												0,00%
Olho D'água III												0,00%
Olho D'água IV												0,00%
Pé de Serra												0,00%
Pedra Pintada												0,00%
Pilões												0,00%
Rio dos Alves												0,00%
Rio Preto I												0,00%
Rio Preto IIa	3	3					3	3				37,50%
Rio Preto IIb												0,00%
Rio Preto IIc	1		1				1	1				12,50%

Rio Preto III												0,00%
Rio Preto IV												0,00%
São Judas Tadeu I												0,00%
São Judas Tadeu II												0,00%
São Judas Tadeu III												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 2	1	1					1	1				12,50%
São Judas Tadeu IV - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu VI												0,00%
São Judas Tadeu VII												0,00%
Seixos												0,00%
Serra do Cílio I												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 2												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 2												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 3												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 4												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 1												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 1												0,00%
Tombador Alto - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 3a												0,00%
Tombador Alto - unidade 3b												0,00%
Tombador Alto - unidade 4a	1	1					1	1				12,50%
Tombador Alto - unidade 4b												0,00%
Tombador Alto - unidade 5a												0,00%
Tombador Alto - unidade 5b	1	1					1	1				12,50%
Tombador Alto - unidade 6												0,00%
Tombador Alto - unidade 7a												0,00%
Tombador Alto - unidade 7b												0,00%
Tombador Alto - unidade 8												0,00%
Tombador Alto - unidade 9												0,00%
Tombador de Cima I												0,00%
Tombador de Cima II												0,00%
Tombador de Cima III												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 1												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 2												0,00%
Três Coqueiros II												0,00%
Três Coqueiros III												0,00%
Várzea Nova I												0,00%
PARCIAIS	8	6	2	0	0	0	8	8	0	0	0	100,00%
TOTAL	8	8		8				8				100,00%

SIGNO 17

SÍTIOS	SIGNO											%
	Q	LOCAL		TÉCNICA				COR				
		P	T	T	G	P	D	V	A	P	B	
As Moitas - unidade 1												0,00%
As Moitas - unidade 2												0,00%
As Moitas - unidade 3												0,00%
As Moitas - unidade 4												0,00%
As Moitas - unidade 5												0,00%
Bananeira												0,00%
Barragem do Cantinho												0,00%
Cambaitira I - unidade 1												0,00%
Cambaitira I - unidade 2	3		3				3	3				37,50%
Cambaitira II - unidade 1												0,00%
Cambaitira II - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 1												0,00%
Cambaitira III - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 3												0,00%
Cambaitira III - unidade 4												0,00%
Cambaitira III - unidade 5												0,00%
Da Lua												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1a												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1b												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1c												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 2												0,00%
azenda Caldeirão II												0,00%
azenda Caldeirão III												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 1												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 1												0,00%
Gogó da Gata - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 3												0,00%
Igrejinha - unidade 1												0,00%
Igrejinha - unidade 2												0,00%
Jenipapo												0,00%
Macaqueira												0,00%
Morro do Cruzeiro I												0,00%
Morro do Cruzeiro II - unidade 1												0,00%
Morro do Cruzeiro II - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 1												0,00%
Olho D'água I - unidade 2	1		1				1	1				12,50%
Olho D'água I - unidade 3												0,00%
Olho D'água I - unidade 4												0,00%
Olho D'água II												0,00%
Olho D'água III												0,00%
Olho D'água IV												0,00%
Pé de Serra	1	1					1				1	12,50%
Pedra Pintada												0,00%
Pilões												0,00%
Rio dos Alves												0,00%
Rio Preto I												0,00%
Rio Preto IIa	1	1					1	1				12,50%
Rio Preto IIb												0,00%
Rio Preto IIc												0,00%

Rio Preto III												0,00%
Rio Preto IV												0,00%
São Judas Tadeu I												0,00%
São Judas Tadeu II												0,00%
São Judas Tadeu III												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu VI												0,00%
São Judas Tadeu VII												0,00%
Seixos	1	1					1	1				12,50%
Serra do Cílio I												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 2												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 2												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 3												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 4												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 1												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 1												0,00%
Tombador Alto - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 3a												0,00%
Tombador Alto - unidade 3b												0,00%
Tombador Alto - unidade 4a												0,00%
Tombador Alto - unidade 4b												0,00%
Tombador Alto - unidade 5a												0,00%
Tombador Alto - unidade 5b												0,00%
Tombador Alto - unidade 6												0,00%
Tombador Alto - unidade 7a												0,00%
Tombador Alto - unidade 7b												0,00%
Tombador Alto - unidade 8												0,00%
Tombador Alto - unidade 9												0,00%
Tombador de Cima I												0,00%
Tombador de Cima II												0,00%
Tombador de Cima III												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 1												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 2												0,00%
Três Coqueiros II												0,00%
Três Coqueiros III	1	1					1	1				12,50%
Várzea Nova I												0,00%
PARCIAIS	8	4	4	0	0	0	8	7	0	0	1	100,00%
TOTAL	8	8		8				8				100,00%

SIGNO 18

SÍTIOS	SIGNO											%
	Q	LOCAL		TÉCNICA				COR				
		P	T	T	G	P	D	V	A	P	B	
As Moitas - unidade 1												0,00%
As Moitas - unidade 2												0,00%
As Moitas - unidade 3												0,00%
As Moitas - unidade 4												0,00%
As Moitas - unidade 5												0,00%
Bananeira												0,00%
Barragem do Cantinho												0,00%
Cambaitira I - unidade 1												0,00%
Cambaitira I - unidade 2	2		2				2	2				20,00%
Cambaitira II - unidade 1												0,00%
Cambaitira II - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 1												0,00%
Cambaitira III - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 3												0,00%
Cambaitira III - unidade 4												0,00%
Cambaitira III - unidade 5												0,00%
Da Lua												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1a												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1b												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1c												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 2												0,00%
azenda Caldeirão II												0,00%
azenda Caldeirão III												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 1												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 1												0,00%
Gogó da Gata - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 3												0,00%
Igrejinha - unidade 1												0,00%
Igrejinha - unidade 2	1		1				1	1				10,00%
Jenipapo												0,00%
Macaqueira												0,00%
Morro do Cruzeiro I												0,00%
Morro do Cruzeiro II - unidade 1												0,00%
Morro do Cruzeiro II - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 1												0,00%
Olho D'água I - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 3												0,00%
Olho D'água I - unidade 4												0,00%
Olho D'água II												0,00%
Olho D'água III												0,00%
Olho D'água IV												0,00%
Pé de Serra	2		2				2	2				20,00%
Pedra Pintada												0,00%
Pilões												0,00%
Rio dos Alves												0,00%
Rio Preto I												0,00%
Rio Preto IIa												0,00%
Rio Preto IIb												0,00%
Rio Preto IIc												0,00%

Rio Preto III												0,00%
Rio Preto IV												0,00%
São Judas Tadeu I												0,00%
São Judas Tadeu II												0,00%
São Judas Tadeu III												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu VI												0,00%
São Judas Tadeu VII												0,00%
Seixos												0,00%
Serra do Cílio I												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 2												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 2												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 3												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 4												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 1												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 1												0,00%
Tombador Alto - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 3a												0,00%
Tombador Alto - unidade 3b												0,00%
Tombador Alto - unidade 4a												0,00%
Tombador Alto - unidade 4b												0,00%
Tombador Alto - unidade 5a	5	5					5	5				50,00%
Tombador Alto - unidade 5b												0,00%
Tombador Alto - unidade 6												0,00%
Tombador Alto - unidade 7a												0,00%
Tombador Alto - unidade 7b												0,00%
Tombador Alto - unidade 8												0,00%
Tombador Alto - unidade 9												0,00%
Tombador de Cima I												0,00%
Tombador de Cima II												0,00%
Tombador de Cima III												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 1												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 2												0,00%
Três Coqueiros II												0,00%
Três Coqueiros III												0,00%
Várzea Nova I												0,00%
PARCIAIS	10	5	5	0	0	0	10	10	0	0	0	100,00%
TOTAL	10	10		10				10				100,00%

SIGNO 19

SÍTIOS	SIGNO											%
	Q	LOCAL		TÉCNICA				COR				
		P	T	T	G	P	D	V	A	P	B	
As Moitas - unidade 1												0,00%
As Moitas - unidade 2												0,00%
As Moitas - unidade 3												0,00%
As Moitas - unidade 4												0,00%
As Moitas - unidade 5												0,00%
Bananeira												0,00%
Barragem do Cantinho												0,00%
Cambaitira I - unidade 1												0,00%
Cambaitira I - unidade 2												0,00%
Cambaitira II - unidade 1												0,00%
Cambaitira II - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 1												0,00%
Cambaitira III - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 3												0,00%
Cambaitira III - unidade 4												0,00%
Cambaitira III - unidade 5												0,00%
Da Lua												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1a												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1b												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1c												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 2												0,00%
azenda Caldeirão II												0,00%
azenda Caldeirão III												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 1												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 1												0,00%
Gogó da Gata - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 3												0,00%
Igrejinha - unidade 1												0,00%
Igrejinha - unidade 2												0,00%
Jenipapo												0,00%
Macaqueira												0,00%
Morro do Cruzeiro I												0,00%
Morro do Cruzeiro II - unidade 1												0,00%
Morro do Cruzeiro II - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 1												0,00%
Olho D'água I - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 3												0,00%
Olho D'água I - unidade 4												0,00%
Olho D'água II												0,00%
Olho D'água III												0,00%
Olho D'água IV												0,00%
Pé de Serra	1	1					1	1				50,00%
Pedra Pintada												0,00%
Pilões												0,00%
Rio dos Alves	1	1					1	1				50,00%
Rio Preto I												0,00%
Rio Preto IIa												0,00%
Rio Preto IIb												0,00%
Rio Preto IIc												0,00%

Rio Preto III												0,00%
Rio Preto IV												0,00%
São Judas Tadeu I												0,00%
São Judas Tadeu II												0,00%
São Judas Tadeu III												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu VI												0,00%
São Judas Tadeu VII												0,00%
Seixos												0,00%
Serra do Cílio I												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 2												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 2												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 3												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 4												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 1												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 1												0,00%
Tombador Alto - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 3a												0,00%
Tombador Alto - unidade 3b												0,00%
Tombador Alto - unidade 4a												0,00%
Tombador Alto - unidade 4b												0,00%
Tombador Alto - unidade 5a												0,00%
Tombador Alto - unidade 5b												0,00%
Tombador Alto - unidade 6												0,00%
Tombador Alto - unidade 7a												0,00%
Tombador Alto - unidade 7b												0,00%
Tombador Alto - unidade 8												0,00%
Tombador Alto - unidade 9												0,00%
Tombador de Cima I												0,00%
Tombador de Cima II												0,00%
Tombador de Cima III												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 1												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 2												0,00%
Três Coqueiros II												0,00%
Três Coqueiros III												0,00%
Várzea Nova I												0,00%
PARCIAIS	2	2	0	0	0	0	2	2	0	0	0	100,00%
TOTAL	2	2		2				2				100,00%

SIGNO 20

SÍTIOS	SIGNO											%
	Q	LOCAL		TÉCNICA				COR				
		P	T	T	G	P	D	V	A	P	B	
As Moitas - unidade 1												0,00%
As Moitas - unidade 2												0,00%
As Moitas - unidade 3												0,00%
As Moitas - unidade 4												0,00%
As Moitas - unidade 5												0,00%
Bananeira												0,00%
Barragem do Cantinho												0,00%
Cambaitira I - unidade 1	4		4				4	3,5		0,5		16,67%
Cambaitira I - unidade 2												0,00%
Cambaitira II - unidade 1												0,00%
Cambaitira II - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 1												0,00%
Cambaitira III - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 3												0,00%
Cambaitira III - unidade 4												0,00%
Cambaitira III - unidade 5												0,00%
Da Lua												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1a												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1b												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1c												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 2												0,00%
azenda Caldeirão II												0,00%
azenda Caldeirão III												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 1												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 1												0,00%
Gogó da Gata - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 3												0,00%
Igrejinha - unidade 1												0,00%
Igrejinha - unidade 2												0,00%
Jenipapo												0,00%
Macaqueira												0,00%
Morro do Cruzeiro I												0,00%
Morro do Cruzeiro II - unidade 1												0,00%
Morro do Cruzeiro II - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 1												0,00%
Olho D'água I - unidade 2	1		1				1	0,5	0,5			4,17%
Olho D'água I - unidade 3												0,00%
Olho D'água I - unidade 4												0,00%
Olho D'água II												0,00%
Olho D'água III												0,00%
Olho D'água IV												0,00%
Pé de Serra	3	1	2				3	3				12,50%
Pedra Pintada												0,00%
Pilões	1	1					1	1				4,17%
Rio dos Alves												0,00%
Rio Preto I	2	2					2	2				8,33%
Rio Preto IIa												0,00%
Rio Preto IIb	1	1					1	1				4,17%
Rio Preto IIc												0,00%

Rio Preto III												0,00%
Rio Preto IV	3		3				3	3				12,50%
São Judas Tadeu I												0,00%
São Judas Tadeu II	2		2				2	2				8,33%
São Judas Tadeu III												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 2	1	1					1	1				4,17%
São Judas Tadeu IV - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu VI												0,00%
São Judas Tadeu VII												0,00%
Seixos	1	1					1			1		4,17%
Serra do Cílio I												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 2												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 2	2		2				2	2				8,33%
Serra do Cílio III - unidade 3												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 4												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 1	2		2				2	2				8,33%
Serra do Tamanco - unidade 2	1	1					1	1				4,17%
Tombador Alto - unidade 1												0,00%
Tombador Alto - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 3a												0,00%
Tombador Alto - unidade 3b												0,00%
Tombador Alto - unidade 4a												0,00%
Tombador Alto - unidade 4b												0,00%
Tombador Alto - unidade 5a												0,00%
Tombador Alto - unidade 5b												0,00%
Tombador Alto - unidade 6												0,00%
Tombador Alto - unidade 7a												0,00%
Tombador Alto - unidade 7b												0,00%
Tombador Alto - unidade 8												0,00%
Tombador Alto - unidade 9												0,00%
Tombador de Cima I												0,00%
Tombador de Cima II												0,00%
Tombador de Cima III												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 1												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 2												0,00%
Três Coqueiros II												0,00%
Três Coqueiros III												0,00%
Várzea Nova I												0,00%
PARCIAIS	24	8	16	0	0	0	24	22	0,5	1,5	0	100,00%
TOTAL	24	24		24				24				100,00%

SIGNO 21

SÍTIOS	SIGNO											%
	Q	LOCAL		TÉCNICA				COR				
		P	T	T	G	P	D	V	A	P	B	
As Moitas - unidade 1												0,00%
As Moitas - unidade 2	1		1			1		1				3,57%
As Moitas - unidade 3												0,00%
As Moitas - unidade 4												0,00%
As Moitas - unidade 5												0,00%
Bananeira	1	1					1	1				3,57%
Barragem do Cantinho												0,00%
Cambaitira I - unidade 1	2		2				2	2				7,14%
Cambaitira I - unidade 2	6	1	5				6	5		1		21,43%
Cambaitira II - unidade 1												0,00%
Cambaitira II - unidade 2	2		2				2	2				7,14%
Cambaitira III - unidade 1												0,00%
Cambaitira III - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 3												0,00%
Cambaitira III - unidade 4												0,00%
Cambaitira III - unidade 5												0,00%
Da Lua												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1a												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1b	1		1				1	1				3,57%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1c												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 2												0,00%
azenda Caldeirão II												0,00%
azenda Caldeirão III												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 1												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 2	1		1				1	1				3,57%
Gogó da Gata - unidade 1												0,00%
Gogó da Gata - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 3												0,00%
Igrejinha - unidade 1												0,00%
Igrejinha - unidade 2												0,00%
Jenipapo												0,00%
Macaqueira												0,00%
Morro do Cruzeiro I												0,00%
Morro do Cruzeiro II - unidade 1												0,00%
Morro do Cruzeiro II - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 1												0,00%
Olho D'água I - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 3												0,00%
Olho D'água I - unidade 4	3	2	1				3	3				10,71%
Olho D'água II												0,00%
Olho D'água III												0,00%
Olho D'água IV												0,00%
Pé de Serra	9	6	3				9	7	1		1	32,14%
Pedra Pintada												0,00%
Pilões												0,00%
Rio dos Alves												0,00%
Rio Preto I												0,00%
Rio Preto IIa	1		1				1	1				3,57%
Rio Preto IIb												0,00%
Rio Preto IIc												0,00%

Rio Preto III												0,00%
Rio Preto IV												0,00%
São Judas Tadeu I												0,00%
São Judas Tadeu II												0,00%
São Judas Tadeu III	1		1				1	1				3,57%
São Judas Tadeu IV - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu VI												0,00%
São Judas Tadeu VII												0,00%
Seixos												0,00%
Serra do Cílio I												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 2												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 2												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 3												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 4												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 1												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 1												0,00%
Tombador Alto - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 3a												0,00%
Tombador Alto - unidade 3b												0,00%
Tombador Alto - unidade 4a												0,00%
Tombador Alto - unidade 4b												0,00%
Tombador Alto - unidade 5a												0,00%
Tombador Alto - unidade 5b												0,00%
Tombador Alto - unidade 6												0,00%
Tombador Alto - unidade 7a												0,00%
Tombador Alto - unidade 7b												0,00%
Tombador Alto - unidade 8												0,00%
Tombador Alto - unidade 9												0,00%
Tombador de Cima I												0,00%
Tombador de Cima II												0,00%
Tombador de Cima III												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 1												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 2												0,00%
Três Coqueiros II												0,00%
Três Coqueiros III												0,00%
Várzea Nova I												0,00%
PARCIAIS	28	10	18	0	0	1	27	25	1	1	1	100,00%
TOTAL	28	28		28				28				100,00%

SIGNO 22

SÍTIOS	SIGNO											%
	Q	LOCAL		TÉCNICA				COR				
		P	T	T	G	P	D	V	A	P	B	
As Moitas - unidade 1												0,00%
As Moitas - unidade 2												0,00%
As Moitas - unidade 3												0,00%
As Moitas - unidade 4												0,00%
As Moitas - unidade 5												0,00%
Bananeira												0,00%
Barragem do Cantinho												0,00%
Cambaitira I - unidade 1	1		1				1	1				14,29%
Cambaitira I - unidade 2	1		1				1	1				14,29%
Cambaitira II - unidade 1												0,00%
Cambaitira II - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 1												0,00%
Cambaitira III - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 3												0,00%
Cambaitira III - unidade 4												0,00%
Cambaitira III - unidade 5												0,00%
Da Lua												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1a												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1b												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1c												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 2												0,00%
azenda Caldeirão II												0,00%
azenda Caldeirão III												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 1												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 1												0,00%
Gogó da Gata - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 3												0,00%
Igrejinha - unidade 1												0,00%
Igrejinha - unidade 2	2		2				2	2				28,57%
Jenipapo												0,00%
Macaqueira												0,00%
Morro do Cruzeiro I												0,00%
Morro do Cruzeiro II - unidade 1												0,00%
Morro do Cruzeiro II - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 1												0,00%
Olho D'água I - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 3												0,00%
Olho D'água I - unidade 4	2	1	1				2	2				28,57%
Olho D'água II												0,00%
Olho D'água III												0,00%
Olho D'água IV												0,00%
Pé de Serra												0,00%
Pedra Pintada												0,00%
Pilões												0,00%
Rio dos Alves												0,00%
Rio Preto I												0,00%
Rio Preto IIa												0,00%
Rio Preto IIb												0,00%
Rio Preto IIc												0,00%

Rio Preto III												0,00%
Rio Preto IV	1		1				1	1				14,29%
São Judas Tadeu I												0,00%
São Judas Tadeu II												0,00%
São Judas Tadeu III												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu VI												0,00%
São Judas Tadeu VII												0,00%
Seixos												0,00%
Serra do Cílio I												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 2												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 2												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 3												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 4												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 1												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 1												0,00%
Tombador Alto - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 3a												0,00%
Tombador Alto - unidade 3b												0,00%
Tombador Alto - unidade 4a												0,00%
Tombador Alto - unidade 4b												0,00%
Tombador Alto - unidade 5a												0,00%
Tombador Alto - unidade 5b												0,00%
Tombador Alto - unidade 6												0,00%
Tombador Alto - unidade 7a												0,00%
Tombador Alto - unidade 7b												0,00%
Tombador Alto - unidade 8												0,00%
Tombador Alto - unidade 9												0,00%
Tombador de Cima I												0,00%
Tombador de Cima II												0,00%
Tombador de Cima III												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 1												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 2												0,00%
Três Coqueiros II												0,00%
Três Coqueiros III												0,00%
Várzea Nova I												0,00%
PARCIAIS	7	1	6	0	0	0	7	7	0	0	0	100,00%
TOTAL	7	7		7				7				100,00%

SIGNO 23

SÍTIOS	SIGNO											%
	Q	LOCAL		TÉCNICA				COR				
		P	T	T	G	P	D	V	A	P	B	
As Moitas - unidade 1	1		1				1	1				14,29%
As Moitas - unidade 2												0,00%
As Moitas - unidade 3												0,00%
As Moitas - unidade 4												0,00%
As Moitas - unidade 5												0,00%
Bananeira												0,00%
Barragem do Cantinho												0,00%
Cambaitira I - unidade 1	1	1					1	1				14,29%
Cambaitira I - unidade 2												0,00%
Cambaitira II - unidade 1	1		1				1	1				14,29%
Cambaitira II - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 1												0,00%
Cambaitira III - unidade 2	1	1					1	1				14,29%
Cambaitira III - unidade 3												0,00%
Cambaitira III - unidade 4												0,00%
Cambaitira III - unidade 5												0,00%
Da Lua												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1a												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1b												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1c												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 2												0,00%
azenda Caldeirão II												0,00%
azenda Caldeirão III												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 1												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 1												0,00%
Gogó da Gata - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 3												0,00%
Igrejinha - unidade 1												0,00%
Igrejinha - unidade 2	2	2					2	2				28,57%
Jenipapo												0,00%
Macaqueira												0,00%
Morro do Cruzeiro I												0,00%
Morro do Cruzeiro II - unidade 1												0,00%
Morro do Cruzeiro II - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 1												0,00%
Olho D'água I - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 3												0,00%
Olho D'água I - unidade 4												0,00%
Olho D'água II												0,00%
Olho D'água III												0,00%
Olho D'água IV												0,00%
Pé de Serra												0,00%
Pedra Pintada												0,00%
Pilões												0,00%
Rio dos Alves												0,00%
Rio Preto I												0,00%
Rio Preto IIa												0,00%
Rio Preto IIb												0,00%
Rio Preto IIc												0,00%

Rio Preto III												0,00%
Rio Preto IV												0,00%
São Judas Tadeu I												0,00%
São Judas Tadeu II												0,00%
São Judas Tadeu III												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu VI												0,00%
São Judas Tadeu VII												0,00%
Seixos												0,00%
Serra do Cílio I												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 2												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 2												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 3												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 4												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 1												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 1												0,00%
Tombador Alto - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 3a	1	1					1	1				14,29%
Tombador Alto - unidade 3b												0,00%
Tombador Alto - unidade 4a												0,00%
Tombador Alto - unidade 4b												0,00%
Tombador Alto - unidade 5a												0,00%
Tombador Alto - unidade 5b												0,00%
Tombador Alto - unidade 6												0,00%
Tombador Alto - unidade 7a												0,00%
Tombador Alto - unidade 7b												0,00%
Tombador Alto - unidade 8												0,00%
Tombador Alto - unidade 9												0,00%
Tombador de Cima I												0,00%
Tombador de Cima II												0,00%
Tombador de Cima III												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 1												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 2												0,00%
Três Coqueiros II												0,00%
Três Coqueiros III												0,00%
Várzea Nova I												0,00%
PARCIAIS	7	5	2	0	0	0	7	7	0	0	0	100,00%
TOTAL	7	7		7				7				100,00%

SIGNO 24

SÍTIOS	SIGNO											%
	Q	LOCAL		TÉCNICA				COR				
		P	T	T	G	P	D	V	A	P	B	
As Moitas - unidade 1	1		1				1	1				6,67%
As Moitas - unidade 2												0,00%
As Moitas - unidade 3	2		2				2	2				13,33%
As Moitas - unidade 4												0,00%
As Moitas - unidade 5	1	1					1	1				6,67%
Bananeira												0,00%
Barragem do Cantinho												0,00%
Cambaitira I - unidade 1												0,00%
Cambaitira I - unidade 2												0,00%
Cambaitira II - unidade 1												0,00%
Cambaitira II - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 1												0,00%
Cambaitira III - unidade 2	1		1				1	1				6,67%
Cambaitira III - unidade 3	1	1					1	1				6,67%
Cambaitira III - unidade 4												0,00%
Cambaitira III - unidade 5												0,00%
Da Lua												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1a												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1b												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1c												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 2												0,00%
azenda Caldeirão II												0,00%
azenda Caldeirão III												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 1												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 1												0,00%
Gogó da Gata - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 3												0,00%
Igrejinha - unidade 1												0,00%
Igrejinha - unidade 2												0,00%
Jenipapo												0,00%
Macaqueira												0,00%
Morro do Cruzeiro I												0,00%
Morro do Cruzeiro II - unidade 1												0,00%
Morro do Cruzeiro II - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 1	1		1				1	1				6,67%
Olho D'água I - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 3												0,00%
Olho D'água I - unidade 4												0,00%
Olho D'água II												0,00%
Olho D'água III												0,00%
Olho D'água IV	1		1		1			1				6,67%
Pé de Serra												0,00%
Pedra Pintada												0,00%
Pilões												0,00%
Rio dos Alves												0,00%
Rio Preto I												0,00%
Rio Preto IIa												0,00%
Rio Preto IIb												0,00%
Rio Preto IIc												0,00%

Rio Preto III												0,00%
Rio Preto IV												0,00%
São Judas Tadeu I												0,00%
São Judas Tadeu II												0,00%
São Judas Tadeu III	1		1				1	1				6,67%
São Judas Tadeu IV - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu VI												0,00%
São Judas Tadeu VII												0,00%
Seixos												0,00%
Serra do Cílio I	1		1		1			1				6,67%
Serra do Cílio II - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 2												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 2	1		1				1	1				6,67%
Serra do Cílio III - unidade 3												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 4												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 1												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 1												0,00%
Tombador Alto - unidade 2	1		1				1	1				6,67%
Tombador Alto - unidade 3a	1		1				1	1				6,67%
Tombador Alto - unidade 3b												0,00%
Tombador Alto - unidade 4a												0,00%
Tombador Alto - unidade 4b												0,00%
Tombador Alto - unidade 5a												0,00%
Tombador Alto - unidade 5b												0,00%
Tombador Alto - unidade 6												0,00%
Tombador Alto - unidade 7a												0,00%
Tombador Alto - unidade 7b												0,00%
Tombador Alto - unidade 8	2	2					2	2				13,33%
Tombador Alto - unidade 9												0,00%
Tombador de Cima I												0,00%
Tombador de Cima II												0,00%
Tombador de Cima III												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 1												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 2												0,00%
Três Coqueiros II												0,00%
Três Coqueiros III												0,00%
Várzea Nova I												0,00%
PARCIAIS	15	4	11	0	2	0	13	15	0	0	0	100,00%
TOTAL	15	15		15				15				100,00%

SIGNO 25

SÍTIOS	SIGNO											%
	Q	LOCAL		TÉCNICA				COR				
		P	T	T	G	P	D	V	A	P	B	
As Moitas - unidade 1												0,00%
As Moitas - unidade 2												0,00%
As Moitas - unidade 3												0,00%
As Moitas - unidade 4												0,00%
As Moitas - unidade 5												0,00%
Bananeira	3	3					3	3				33,33%
Barragem do Cantinho												0,00%
Cambaitira I - unidade 1												0,00%
Cambaitira I - unidade 2												0,00%
Cambaitira II - unidade 1												0,00%
Cambaitira II - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 1												0,00%
Cambaitira III - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 3												0,00%
Cambaitira III - unidade 4												0,00%
Cambaitira III - unidade 5												0,00%
Da Lua												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1a												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1b												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1c												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 2												0,00%
azenda Caldeirão II												0,00%
azenda Caldeirão III												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 1												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 1												0,00%
Gogó da Gata - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 3												0,00%
Igrejinha - unidade 1												0,00%
Igrejinha - unidade 2												0,00%
Jenipapo												0,00%
Macaqueira												0,00%
Morro do Cruzeiro I												0,00%
Morro do Cruzeiro II - unidade 1												0,00%
Morro do Cruzeiro II - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 1												0,00%
Olho D'água I - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 3												0,00%
Olho D'água I - unidade 4												0,00%
Olho D'água II												0,00%
Olho D'água III												0,00%
Olho D'água IV												0,00%
Pé de Serra	1		1				1	1				11,11%
Pedra Pintada												0,00%
Pilões												0,00%
Rio dos Alves												0,00%
Rio Preto I												0,00%
Rio Preto IIa												0,00%
Rio Preto IIb												0,00%
Rio Preto IIc												0,00%

Rio Preto III												0,00%
Rio Preto IV												0,00%
São Judas Tadeu I												0,00%
São Judas Tadeu II												0,00%
São Judas Tadeu III												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu VI												0,00%
São Judas Tadeu VII												0,00%
Seixos												0,00%
Serra do Cílio I												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 2												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 2												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 3												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 4												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 1												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 1												0,00%
Tombador Alto - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 3a	1	1					1	1				11,11%
Tombador Alto - unidade 3b												0,00%
Tombador Alto - unidade 4a												0,00%
Tombador Alto - unidade 4b												0,00%
Tombador Alto - unidade 5a	2	2					2		2			22,22%
Tombador Alto - unidade 5b	1		1				1	1				11,11%
Tombador Alto - unidade 6	1	1					1	1				11,11%
Tombador Alto - unidade 7a												0,00%
Tombador Alto - unidade 7b												0,00%
Tombador Alto - unidade 8												0,00%
Tombador Alto - unidade 9												0,00%
Tombador de Cima I												0,00%
Tombador de Cima II												0,00%
Tombador de Cima III												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 1												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 2												0,00%
Três Coqueiros II												0,00%
Três Coqueiros III												0,00%
Várzea Nova I												0,00%
PARCIAIS	9	7	2	0	0	0	9	7	2	0	0	100,00%
TOTAL	9	9		9				9				100,00%

SIGNO 26

SÍTIOS	SIGNO											%
	Q	LOCAL		TÉCNICA				COR				
		P	T	T	G	P	D	V	A	P	B	
As Moitas - unidade 1												0,00%
As Moitas - unidade 2	2	2				2		2				5,00%
As Moitas - unidade 3												0,00%
As Moitas - unidade 4												0,00%
As Moitas - unidade 5												0,00%
Bananeira												0,00%
Barragem do Cantinho												0,00%
Cambaitira I - unidade 1	1	1					1	1				2,50%
Cambaitira I - unidade 2												0,00%
Cambaitira II - unidade 1												0,00%
Cambaitira II - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 1												0,00%
Cambaitira III - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 3												0,00%
Cambaitira III - unidade 4												0,00%
Cambaitira III - unidade 5												0,00%
Da Lua												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1a												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1b												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1c	3	3					3	3				7,50%
Fazenda Caldeirão I - unidade 2												0,00%
azenda Caldeirão II												0,00%
azenda Caldeirão III												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 1												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 1												0,00%
Gogó da Gata - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 3												0,00%
Igrejinha - unidade 1												0,00%
Igrejinha - unidade 2	1		1				1	1				2,50%
Jenipapo												0,00%
Macaqueira												0,00%
Morro do Cruzeiro I												0,00%
Morro do Cruzeiro II - unidade 1												0,00%
Morro do Cruzeiro II - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 1												0,00%
Olho D'água I - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 3												0,00%
Olho D'água I - unidade 4	1	1					1	1				2,50%
Olho D'água II												0,00%
Olho D'água III												0,00%
Olho D'água IV												0,00%
Pé de Serra												0,00%
Pedra Pintada												0,00%
Pilões												0,00%
Rio dos Alves												0,00%
Rio Preto I												0,00%
Rio Preto IIa	2	2					2	2				5,00%
Rio Preto IIb	1	1					1	1				2,50%
Rio Preto IIc												0,00%

Rio Preto III												0,00%
Rio Preto IV												0,00%
São Judas Tadeu I												0,00%
São Judas Tadeu II	1		1				1	1				2,50%
São Judas Tadeu III	1	1					1		1			2,50%
São Judas Tadeu IV - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu VI												0,00%
São Judas Tadeu VII												0,00%
Seixos												0,00%
Serra do Cílio I												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 2												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 2	1		1				1	1				2,50%
Serra do Cílio III - unidade 3												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 4												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 1	1	1				1		1				2,50%
Serra do Tamanco - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 1	2	2					2	2				5,00%
Tombador Alto - unidade 2	6		6				6	6				15,00%
Tombador Alto - unidade 3a	1	1					1	1				2,50%
Tombador Alto - unidade 3b												0,00%
Tombador Alto - unidade 4a												0,00%
Tombador Alto - unidade 4b												0,00%
Tombador Alto - unidade 5a	1		1				1			1		2,50%
Tombador Alto - unidade 5b												0,00%
Tombador Alto - unidade 6	3	3					3	2		1		7,50%
Tombador Alto - unidade 7a	6		6				6	6				15,00%
Tombador Alto - unidade 7b	1	1					1	1				2,50%
Tombador Alto - unidade 8	5	3	2				5	4	1			12,50%
Tombador Alto - unidade 9												0,00%
Tombador de Cima I												0,00%
Tombador de Cima II												0,00%
Tombador de Cima III												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 1												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 2												0,00%
Três Coqueiros II												0,00%
Três Coqueiros III												0,00%
Várzea Nova I												0,00%
PARCIAIS	40	22	18	0	0	3	37	36	2	2	0	100,00%
TOTAL	40	40		40				40				100,00%

SIGNO 27

SÍTIOS	SIGNO											%
	Q	LOCAL		TÉCNICA				COR				
		P	T	T	G	P	D	V	A	P	B	
As Moitas - unidade 1												0,00%
As Moitas - unidade 2												0,00%
As Moitas - unidade 3	1	1					1	1				4,35%
As Moitas - unidade 4												0,00%
As Moitas - unidade 5												0,00%
Bananeira												0,00%
Barragem do Cantinho												0,00%
Cambaitira I - unidade 1												0,00%
Cambaitira I - unidade 2												0,00%
Cambaitira II - unidade 1												0,00%
Cambaitira II - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 1												0,00%
Cambaitira III - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 3												0,00%
Cambaitira III - unidade 4												0,00%
Cambaitira III - unidade 5												0,00%
Da Lua												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1a												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1b												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1c												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 2												0,00%
azenda Caldeirão II												0,00%
azenda Caldeirão III												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 1												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 1												0,00%
Gogó da Gata - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 3												0,00%
Igrejinha - unidade 1												0,00%
Igrejinha - unidade 2												0,00%
Jenipapo												0,00%
Macaqueira												0,00%
Morro do Cruzeiro I												0,00%
Morro do Cruzeiro II - unidade 1												0,00%
Morro do Cruzeiro II - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 1												0,00%
Olho D'água I - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 3												0,00%
Olho D'água I - unidade 4	1	1					1	1				4,35%
Olho D'água II												0,00%
Olho D'água III												0,00%
Olho D'água IV	1		1				1	1				4,35%
Pé de Serra												0,00%
Pedra Pintada												0,00%
Pilões												0,00%
Rio dos Alves												0,00%
Rio Preto I												0,00%
Rio Preto IIa												0,00%
Rio Preto IIb												0,00%
Rio Preto IIc												0,00%

Rio Preto III												0,00%
Rio Preto IV												0,00%
São Judas Tadeu I												0,00%
São Judas Tadeu II												0,00%
São Judas Tadeu III												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu VI												0,00%
São Judas Tadeu VII												0,00%
Seixos												0,00%
Serra do Cílio I												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 2												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 2												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 3												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 4												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 1												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 1	3	3					3	3				13,04%
Tombador Alto - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 3a												0,00%
Tombador Alto - unidade 3b												0,00%
Tombador Alto - unidade 4a	1	1					1	1				4,35%
Tombador Alto - unidade 4b												0,00%
Tombador Alto - unidade 5a	3	2	1				3	3				13,04%
Tombador Alto - unidade 5b												0,00%
Tombador Alto - unidade 6	11	11				11		11				47,83%
Tombador Alto - unidade 7a												0,00%
Tombador Alto - unidade 7b												0,00%
Tombador Alto - unidade 8	2		2			2		2				8,70%
Tombador Alto - unidade 9												0,00%
Tombador de Cima I												0,00%
Tombador de Cima II												0,00%
Tombador de Cima III												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 1												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 2												0,00%
Três Coqueiros II												0,00%
Três Coqueiros III												0,00%
Várzea Nova I												0,00%
PARCIAIS	23	19	4	0	0	13	10	23	0	0	0	100,00%
TOTAL	23	23		23				23				100,00%

SIGNO 28

SÍTIOS	SIGNO Q	LOCAL P	LOCAL T	TÉCNICA T	TÉCNICA G	TÉCNICA P	TÉCNICA D	COR V	COR A	COR P	COR B	%
As Moitas - unidade 1												0,00%
As Moitas - unidade 2												0,00%
As Moitas - unidade 3												0,00%
As Moitas - unidade 4												0,00%
As Moitas - unidade 5												0,00%
Bananeira												0,00%
Barragem do Cantinho												0,00%
Cambaitira I - unidade 1												0,00%
Cambaitira I - unidade 2												0,00%
Cambaitira II - unidade 1												0,00%
Cambaitira II - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 1												0,00%
Cambaitira III - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 3												0,00%
Cambaitira III - unidade 4	1		1		1			1				9,09%
Cambaitira III - unidade 5												0,00%
Da Lua												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1a												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1b												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1c												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 2												0,00%
azenda Caldeirão II	1		1				1	1				9,09%
azenda Caldeirão III												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 1												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 1												0,00%
Gogó da Gata - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 3												0,00%
Igrejinha - unidade 1												0,00%
Igrejinha - unidade 2												0,00%
Jenipapo												0,00%
Macaqueira	1	1					1	1				9,09%
Morro do Cruzeiro I												0,00%
Morro do Cruzeiro II - unidade 1												0,00%
Morro do Cruzeiro II - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 1												0,00%
Olho D'água I - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 3												0,00%
Olho D'água I - unidade 4												0,00%
Olho D'água II												0,00%
Olho D'água III	1		1				1	1				9,09%
Olho D'água IV												0,00%
Pé de Serra	2	2					2	1		1		18,18%
Pedra Pintada												0,00%
Pilões												0,00%
Rio dos Alves	1	1					1	1				9,09%
Rio Preto I	1	1					1	1				9,09%
Rio Preto IIa												0,00%
Rio Preto IIb												0,00%
Rio Preto IIc												0,00%

Rio Preto III												0,00%
Rio Preto IV												0,00%
São Judas Tadeu I												0,00%
São Judas Tadeu II												0,00%
São Judas Tadeu III												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu VI												0,00%
São Judas Tadeu VII												0,00%
Seixos	1	1				1		1				9,09%
Serra do Cílio I												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 1	1	1					1		1			9,09%
Serra do Cílio II - unidade 2												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 2												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 3												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 4												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 1												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 1												0,00%
Tombador Alto - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 3a												0,00%
Tombador Alto - unidade 3b												0,00%
Tombador Alto - unidade 4a												0,00%
Tombador Alto - unidade 4b												0,00%
Tombador Alto - unidade 5a	1	1					1	1				9,09%
Tombador Alto - unidade 5b												0,00%
Tombador Alto - unidade 6												0,00%
Tombador Alto - unidade 7a												0,00%
Tombador Alto - unidade 7b												0,00%
Tombador Alto - unidade 8												0,00%
Tombador Alto - unidade 9												0,00%
Tombador de Cima I												0,00%
Tombador de Cima II												0,00%
Tombador de Cima III												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 1												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 2												0,00%
Três Coqueiros II												0,00%
Três Coqueiros III												0,00%
Várzea Nova I												0,00%
PARCIAIS	11	8	3	0	1	1	9	9	1	1	0	100,00%
TOTAL	11	11		11				11				100,00%

SIGNO 29

SÍTIOS	SIGNO												%
	Q	LOCAL		TÉCNICA				COR				
		P	T	T	G	P	D	V	A	P	B	
As Moitas - unidade 1												0,00%
As Moitas - unidade 2												0,00%
As Moitas - unidade 3												0,00%
As Moitas - unidade 4												0,00%
As Moitas - unidade 5												0,00%
Bananeira												0,00%
Barragem do Cantinho												0,00%
Cambaitira I - unidade 1												0,00%
Cambaitira I - unidade 2												0,00%
Cambaitira II - unidade 1												0,00%
Cambaitira II - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 1												0,00%
Cambaitira III - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 3												0,00%
Cambaitira III - unidade 4												0,00%
Cambaitira III - unidade 5												0,00%
Da Lua												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1a												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1b												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1c												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 2												0,00%
azenda Caldeirão II												0,00%
azenda Caldeirão III												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 1												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 1												0,00%
Gogó da Gata - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 3												0,00%
Igrejinha - unidade 1												0,00%
Igrejinha - unidade 2												0,00%
Jenipapo												0,00%
Macaqueira												0,00%
Morro do Cruzeiro I												0,00%
Morro do Cruzeiro II - unidade 1												0,00%
Morro do Cruzeiro II - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 1												0,00%
Olho D'água I - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 3												0,00%
Olho D'água I - unidade 4												0,00%
Olho D'água II												0,00%
Olho D'água III												0,00%
Olho D'água IV												0,00%
Pé de Serra												0,00%
Pedra Pintada												0,00%
Pilões												0,00%
Rio dos Alves												0,00%
Rio Preto I												0,00%
Rio Preto IIa												0,00%
Rio Preto IIb												0,00%
Rio Preto IIc												0,00%

Rio Preto III												0,00%
Rio Preto IV												0,00%
São Judas Tadeu I												0,00%
São Judas Tadeu II												0,00%
São Judas Tadeu III												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu VI												0,00%
São Judas Tadeu VII												0,00%
Seixos												0,00%
Serra do Cílio I												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 2												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 2												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 3												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 4												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 1												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 1	1	1					1	1				16,67%
Tombador Alto - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 3a	4	4				4		4				66,67%
Tombador Alto - unidade 3b												0,00%
Tombador Alto - unidade 4a												0,00%
Tombador Alto - unidade 4b												0,00%
Tombador Alto - unidade 5a												0,00%
Tombador Alto - unidade 5b												0,00%
Tombador Alto - unidade 6	1	1				1		1				16,67%
Tombador Alto - unidade 7a												0,00%
Tombador Alto - unidade 7b												0,00%
Tombador Alto - unidade 8												0,00%
Tombador Alto - unidade 9												0,00%
Tombador de Cima I												0,00%
Tombador de Cima II												0,00%
Tombador de Cima III												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 1												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 2												0,00%
Três Coqueiros II												0,00%
Três Coqueiros III												0,00%
Várzea Nova I												0,00%
PARCIAIS	6	6	0	0	0	5	1	6	0	0	0	100,00%
TOTAL	6	6		6				6				100,00%

SIGNO 30

SÍTIOS	SIGNO												%
	Q	LOCAL		TÉCNICA				COR				
		P	T	T	G	P	D	V	A	P	B	
As Moitas - unidade 1												0,00%
As Moitas - unidade 2												0,00%
As Moitas - unidade 3												0,00%
As Moitas - unidade 4												0,00%
As Moitas - unidade 5												0,00%
Bananeira												0,00%
Barragem do Cantinho												0,00%
Cambaitira I - unidade 1												0,00%
Cambaitira I - unidade 2												0,00%
Cambaitira II - unidade 1												0,00%
Cambaitira II - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 1												0,00%
Cambaitira III - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 3												0,00%
Cambaitira III - unidade 4												0,00%
Cambaitira III - unidade 5												0,00%
Da Lua												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1a												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1b												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1c												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 2												0,00%
azenda Caldeirão II												0,00%
azenda Caldeirão III												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 1												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 1												0,00%
Gogó da Gata - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 3												0,00%
Igrejinha - unidade 1												0,00%
Igrejinha - unidade 2												0,00%
Jenipapo												0,00%
Macaqueira												0,00%
Morro do Cruzeiro I												0,00%
Morro do Cruzeiro II - unidade 1												0,00%
Morro do Cruzeiro II - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 1												0,00%
Olho D'água I - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 3												0,00%
Olho D'água I - unidade 4												0,00%
Olho D'água II												0,00%
Olho D'água III												0,00%
Olho D'água IV												0,00%
Pé de Serra												0,00%
Pedra Pintada												0,00%
Pilões												0,00%
Rio dos Alves												0,00%
Rio Preto I												0,00%
Rio Preto IIa												0,00%
Rio Preto IIb												0,00%
Rio Preto IIc												0,00%

Rio Preto III												0,00%
Rio Preto IV												0,00%
São Judas Tadeu I												0,00%
São Judas Tadeu II												0,00%
São Judas Tadeu III												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu VI												0,00%
São Judas Tadeu VII												0,00%
Seixos												0,00%
Serra do Cílio I												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 2												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 2	4		4			4		4				66,67%
Serra do Cílio III - unidade 3												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 4												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 1												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 1												0,00%
Tombador Alto - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 3a												0,00%
Tombador Alto - unidade 3b												0,00%
Tombador Alto - unidade 4a												0,00%
Tombador Alto - unidade 4b	2	2				2		2				33,33%
Tombador Alto - unidade 5a												0,00%
Tombador Alto - unidade 5b												0,00%
Tombador Alto - unidade 6												0,00%
Tombador Alto - unidade 7a												0,00%
Tombador Alto - unidade 7b												0,00%
Tombador Alto - unidade 8												0,00%
Tombador Alto - unidade 9												0,00%
Tombador de Cima I												0,00%
Tombador de Cima II												0,00%
Tombador de Cima III												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 1												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 2												0,00%
Três Coqueiros II												0,00%
Três Coqueiros III												0,00%
Várzea Nova I												0,00%
PARCIAIS	6	2	4	0	0	6	0	6	0	0	0	100,00%
TOTAL	6	6		6				6				100,00%

SIGNO 31

SÍTIOS	SIGNO											%
	Q	LOCAL		TÉCNICA				COR				
		P	T	T	G	P	D	V	A	P	B	
As Moitas - unidade 1												0,00%
As Moitas - unidade 2	1		1				1	1				3,85%
As Moitas - unidade 3	2	2					2	2				7,69%
As Moitas - unidade 4												0,00%
As Moitas - unidade 5												0,00%
Bananeira												0,00%
Barragem do Cantinho												0,00%
Cambaitira I - unidade 1												0,00%
Cambaitira I - unidade 2												0,00%
Cambaitira II - unidade 1												0,00%
Cambaitira II - unidade 2												0,00%
Cambaitira III - unidade 1												0,00%
Cambaitira III - unidade 2	1	1					1	1				3,85%
Cambaitira III - unidade 3												0,00%
Cambaitira III - unidade 4												0,00%
Cambaitira III - unidade 5												0,00%
Da Lua												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1a												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1b												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1c												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 2												0,00%
azenda Caldeirão II												0,00%
azenda Caldeirão III												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 1												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 1												0,00%
Gogó da Gata - unidade 2												0,00%
Gogó da Gata - unidade 3												0,00%
Igrejinha - unidade 1												0,00%
Igrejinha - unidade 2												0,00%
Jenipapo												0,00%
Macaqueira												0,00%
Morro do Cruzeiro I												0,00%
Morro do Cruzeiro II - unidade 1												0,00%
Morro do Cruzeiro II - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 1												0,00%
Olho D'água I - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 3												0,00%
Olho D'água I - unidade 4												0,00%
Olho D'água II												0,00%
Olho D'água III												0,00%
Olho D'água IV												0,00%
Pé de Serra												0,00%
Pedra Pintada												0,00%
Pilões	1	1					1	1				3,85%
Rio dos Alves												0,00%
Rio Preto I	1	1					1	1				3,85%
Rio Preto IIa	2	2					2	2				7,69%
Rio Preto IIb												0,00%
Rio Preto IIc												0,00%

Rio Preto III												0,00%
Rio Preto IV	1		1				1	1				3,85%
São Judas Tadeu I	1		1				1	1				3,85%
São Judas Tadeu II												0,00%
São Judas Tadeu III												0,00%
São Judas Tadeu IV - unidade 1	2	2					2	1,5	0,5			7,69%
São Judas Tadeu IV - unidade 2	3	3					3	3				11,54%
São Judas Tadeu IV - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 1	1	1					1	1				3,85%
São Judas Tadeu V - unidade 2												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 3												0,00%
São Judas Tadeu VI	1		1				1	1				3,85%
São Judas Tadeu VII												0,00%
Seixos	3	2	1				3	3				11,54%
Serra do Cílio I												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 2	1		1				1	1				3,85%
Serra do Cílio III - unidade 1												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 2												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 3												0,00%
Serra do Cílio III - unidade 4												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 1												0,00%
Serra do Tamanco - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 1												0,00%
Tombador Alto - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 3a	1	1					1	1				3,85%
Tombador Alto - unidade 3b												0,00%
Tombador Alto - unidade 4a												0,00%
Tombador Alto - unidade 4b												0,00%
Tombador Alto - unidade 5a												0,00%
Tombador Alto - unidade 5b												0,00%
Tombador Alto - unidade 6	1	1					1	1				3,85%
Tombador Alto - unidade 7a	1		1				1	1				3,85%
Tombador Alto - unidade 7b	1	1					1	1				3,85%
Tombador Alto - unidade 8	1	1					1	1				3,85%
Tombador Alto - unidade 9												0,00%
Tombador de Cima I												0,00%
Tombador de Cima II												0,00%
Tombador de Cima III												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 1												0,00%
Três Coqueiros I - unidade 2												0,00%
Três Coqueiros II												0,00%
Três Coqueiros III												0,00%
Várzea Nova I												0,00%
PARCIAIS	26	19	7	0	0	0	26	25,5	0,5	0	0	100,00%
TOTAL	26	26		26				26				100,00%

SIGNOS INDEFINIDOS

SÍTIOS	SIGNO											%
	Q	LOCAL		TÉCNICA				COR				
		P	T	T	G	P	D	V	A	P	B	
As Moitas - unidade 1	1		1				1	1				0,33%
As Moitas - unidade 2	3	2	1			1	2	3				1,00%
As Moitas - unidade 3	6	1	5		1	2	3	5,5	0,5			1,99%
As Moitas - unidade 4	1		1				1	1				0,33%
As Moitas - unidade 5	2	1	1				2	2				0,66%
Bananeira	1	1					1	1				0,33%
Barragem do Cantinho	4	4				1	3	4				1,33%
Cambaitira I - unidade 1	13	5	8				13	9,5	3	0,5		4,32%
Cambaitira I - unidade 2	11	3	8		1		10	10		1		3,65%
Cambaitira II - unidade 1	1		1				1	1				0,33%
Cambaitira II - unidade 2	1		1				1	1				0,33%
Cambaitira III - unidade 1												0,00%
Cambaitira III - unidade 2	1	1					1	1				0,33%
Cambaitira III - unidade 3												0,00%
Cambaitira III - unidade 4	2		2				2	2				0,66%
Cambaitira III - unidade 5	1	1					1	1				0,33%
Da Lua	7	7			2		5	7				2,33%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1a												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1b	1		1				1	1				0,33%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1c												0,00%
Fazenda Caldeirão I - unidade 2	1		1				1	1				0,33%
azenda Caldeirão II	1		1				1	1				0,33%
azenda Caldeirão III												0,00%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 1	1		1				1	1				0,33%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 2	2		2				2	2				0,66%
Gogó da Gata - unidade 1	4	4					4	4				1,33%
Gogó da Gata - unidade 2	2	2				2		2				0,66%
Gogó da Gata - unidade 3												0,00%
Igrejinha - unidade 1												0,00%
Igrejinha - unidade 2	2		2				2	2				0,66%
Jenipapo	10	10			9		1	10				3,32%
Macaqueira	1	1					1	1				0,33%
Morro do Cruzeiro I	1		1				1	1				0,33%
Morro do Cruzeiro II - unidade 1	1		1				1	1				0,33%
Morro do Cruzeiro II - unidade 2	1		1				1	1				0,33%
Olho D'água I - unidade 1												0,00%
Olho D'água I - unidade 2												0,00%
Olho D'água I - unidade 3	1		1				1	1				0,33%
Olho D'água I - unidade 4	11	5	6			1	10	11				3,65%
Olho D'água II	1		1				1	1				0,33%
Olho D'água III	2		2				2	2				0,66%
Olho D'água IV												0,00%
Pé de Serra	19	6	13		3		16	16		3		6,31%
Pedra Pintada												0,00%
Pilões	7	7					7	7				2,33%
Rio dos Alves	3	3					3	3				1,00%
Rio Preto I	4		4				4	4				1,33%
Rio Preto IIa												0,00%
Rio Preto IIb												0,00%
Rio Preto IIc	2	2					2	2				0,66%

Rio Preto III												0,00%
Rio Preto IV	2	1	1				2	2				0,66%
São Judas Tadeu I	9		9		7		2	9				2,99%
São Judas Tadeu II	2		2		1		1	1	1			0,66%
São Judas Tadeu III	7	1	6		1		6	7				2,33%
São Judas Tadeu IV - unidade 1	4	4					4	4				1,33%
São Judas Tadeu IV - unidade 2	6		6		1		5	6				1,99%
São Judas Tadeu IV - unidade 3	3	2	1				3	3				1,00%
São Judas Tadeu V - unidade 1												0,00%
São Judas Tadeu V - unidade 2	4	2	2		2		2	3	1			1,33%
São Judas Tadeu V - unidade 3	4	2	2		2		2	4				1,33%
São Judas Tadeu VI	3	1	2				3	3				1,00%
São Judas Tadeu VII	2		2				2	2				0,66%
Seixos	13	11	2		9		4	12		1		4,32%
Serra do Cílio I												0,00%
Serra do Cílio II - unidade 1	1	1					1	1				0,33%
Serra do Cílio II - unidade 2	1	1					1	1				0,33%
Serra do Cílio III - unidade 1	5		5				5	5				1,66%
Serra do Cílio III - unidade 2	1		1				1	1				0,33%
Serra do Cílio III - unidade 3	1		1				1	1				0,33%
Serra do Cílio III - unidade 4	2		2		1		1	2				0,66%
Serra do Tamanco - unidade 1	7	3	4		1		6	7				2,33%
Serra do Tamanco - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 1	12	8	4		1		11	11	1			3,99%
Tombador Alto - unidade 2												0,00%
Tombador Alto - unidade 3a	19	13	6		3	2	14	15	4			6,31%
Tombador Alto - unidade 3b	2	2				2		2				0,66%
Tombador Alto - unidade 4a	4	3	1				4	4				1,33%
Tombador Alto - unidade 4b	5	4	1				5	5				1,66%
Tombador Alto - unidade 5a	14	9	5				14	11	3			4,65%
Tombador Alto - unidade 5b	6	3	3		1		5	5		1		1,99%
Tombador Alto - unidade 6	8	8					8	6		2		2,66%
Tombador Alto - unidade 7a												0,00%
Tombador Alto - unidade 7b	3	2	1				3	3				1,00%
Tombador Alto - unidade 8	4	4					4	3	1			1,33%
Tombador Alto - unidade 9	2	1	1		1		1	2				0,66%
Tombador de Cima I												0,00%
Tombador de Cima II	1		1				1	1				0,33%
Tombador de Cima III	1		1				1	1				0,33%
Três Coqueiros I - unidade 1	2	2				1	1	2				0,66%
Três Coqueiros I - unidade 2	2	2					2	2				0,66%
Três Coqueiros II	2	2					2	2				0,66%
Três Coqueiros III	3	2	1				3	3				1,00%
Várzea Nova I	1		1		1			1				0,33%
PARCIAIS	301	160	141	0	48	12	241	278	14,5	8,5	0	100,00%
TOTAL	301	301		301				301				100,00%

TABELA DE OCORRÊNCIA DOS SIGNOS POR UNIDADE GEOMORFOLÓGICA/ARQUEOLÓGICA

SÍTIOS	SIGNOS																														PARCIAIS	TOTAL	%
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	IND			
As Moitas - unidade 1																							1	1								1	3		
As Moitas - unidade 2																					1					2					1	3	7		
As Moitas - unidade 3		2				2				1		1	1											2			1				2	6	18	36	3,65%
As Moitas - unidade 4																																1	1		
As Moitas - unidade 5		2		1				1																1								2	7		
Bananeira																					1				3							1	5	5	0,51%
Barraqem do Cantinho		6							1	2	2																					4	15	15	1,52%
Cambaitira I - unidade 1		11		12	7	1	2	1	3			1	4	6		1				4	2	1	1			1						13	71	150	15,20%
Cambaitira I - unidade 2		11		10	10	3	1					1		18	2		3	2			6	1										11	79		
Cambaitira II - unidade 1		2		1	2									1									1									1	8	12	1,22%
Cambaitira II - unidade 2											1										2											1	4		
Cambaitira III - unidade 1			1																														1		
Cambaitira III - unidade 2																							1	1							1	1	4		
Cambaitira III - unidade 3																								1									1	19	1,93%
Cambaitira III - unidade 4	1	2																										1				2	6		
Cambaitira III - unidade 5		2				1							1	2																		1	7		
Da Lua				4			1							1																		7	13	13	1,32%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1a													3																				3		
Fazenda Caldeirão I - unidade 1b		5		1																	1											1	8	20	2,03%
Fazenda Caldeirão I - unidade 1c																										3							3		
Fazenda Caldeirão I - unidade 2										1	4																					1	6		
Fazenda Caldeirão II																												1				1	2	2	0,20%
Fazenda Caldeirão III		1		1	1								1		3																		7	7	0,71%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 1		1		1	1																											1	4	12	1,22%
Fazenda Caldeirão IV - unidade 2		1			2		1					1									1											2	8		
Gogó da Gata - unidade 1																																4	4	7	0,71%
Gogó da Gata - unidade 2																																2	2		
Gogó da Gata - unidade 3									1																								1		
Igrejinha - unidade 1		4		1		2	1																										8	40	4,05%
Igrejinha - unidade 2	1	4		7	2	8	1							1				1				2	2			1						2	32		
Jenipapo	1	16		18			1																									10	46	46	4,66%
Macaqueira							2																					1				1	4	4	0,41%
Morro do Cruzeiro I	1			3	1			1	1				1		1																	1	10	10	1,01%
Morro do Cruzeiro II - unidade 1	1	1													1																	1	4	6	0,61%
Morro do Cruzeiro II - unidade 2										1																						1	2		
Olho D'água I - unidade 1																								1									1	36	3,65%
Olho D'água I - unidade 2					1												1			1												3		
Olho D'água I - unidade 3																																1	1		
Olho D'água I - unidade 4		5			1	2		3	1				1								3	2				1	1					11	31		
Olho D'água II											5																					1	6	6	0,61%
Olho D'água III									1																			1				2	4	4	0,41%
Olho D'água IV		1																						1			1						3	3	0,30%
Pé de Serra	3	22		4	3	1						1		6			1	2	1	3	9				1			2				19	78	78	7,90%
Pedra Pintada																																	0	0	0,00%
Pilões		1		2	1															1											1	7	13	13	1,32%
Rio dos Alves		2						1											1									1				3	8	8	0,81%
Rio Preto I		1																		2								1			1	4	9	9	0,91%
Rio Preto IIa														2		3	1				1					2					2	11		
Rio Preto IIb		2	1																	1						1						5	21	2,13%
Rio Preto IIc		1										1				1																2	5		
Rio Preto III				2																													2	2	0,20%
Rio Preto IV		6		7	2			1							1					3		1								1	2	24	24	2,43%
São Judas Tadeu I		2		1			1					1			1															1	9	16	16	1,62%
São Judas Tadeu II																				2						1						3	5	5	0,51%
São Judas Tadeu III		3								1					1						1			1		1						7	15	15	1,52%
São Judas Tadeu IV - unidade 1						1			1																						2	4	8		
São Judas Tadeu IV - unidade 2		1		2			1									1				1											3	6	15	26	2,63%
São Judas Tadeu IV - unidade 3																																3	3		
São Judas Tadeu V - unidade 1		1																													1		2		
São Judas Tadeu V - unidade 2																																4	4	11	1,11%
São Judas Tadeu V - unidade 3				1																												4	5		
São Judas Tadeu VI			1																												1	3	5	0,51%
São Judas Tadeu VII				1																												2	3	3	0,30%
Seixos	2	6		3						1					1		1			1								1			3	13	32	32	3,24%
Serra do Cílio I					1																			1									2	2	0,20%
Serra do Cílio II - unidade 1		3																										1				1	5		
Serra do Cílio II - unidade 2		1																													1	1	3	8	0,81%

Serra do Cílio III - unidade 1																													5	5		
Serra do Cílio III - unidade 2		3			2				5				1						2				1		1				4		1	20	30	3,04%
Serra do Cílio III - unidade 3		1		1																											1	3		
Serra do Cílio III - unidade 4																															2	2		
Serra do Tamanco - unidade 1		1					1												2						1						7	12	13	1,32%
Serra do Tamanco - unidade 2																			1													1		
Tombador Alto - unidade 1	1	1		1		2																			2	3		1			12	23		
Tombador Alto - unidade 2			1																				1		6							8		
Tombador Alto - unidade 3a		4																			1		1		1			4		1	19	32		
Tombador Alto - unidade 3b		1			1																										2	4		
Tombador Alto - unidade 4a																1										1					4	6		
Tombador Alto - unidade 4b										4																			2		5	11		
Tombador Alto - unidade 5a		2							1								5						2	1	3	1					14	29	193	19,55%
Tombador Alto - unidade 5b		1		1					1							1							1								6	11		
Tombador Alto - unidade 6		3		3	1					1	2												1	3	11		1			1	8	35		
Tombador Alto - unidade 7a			1																					6						1	8		
Tombador Alto - unidade 7b																								1						1	3	5		
Tombador Alto - unidade 8		2	1																				2		5	2				1	4	17		
Tombador Alto - unidade 9	2																														2	4		
Tombador de Cima I		1																													1	1	1	0,10%
Tombador de Cima II																															1	1	1	0,10%
Tombador de Cima III																															1	1	1	0,10%
Três Coqueiros I - unidade 1		1			2																										2	5		
Três Coqueiros I - unidade 2																															2	2	7	0,71%
Três Coqueiros II		1																													2	3	3	0,30%
Três Coqueiros III		1															1														3	5	5	0,51%
Várzea Nova I		1																													1	2	2	0,20%
TOTAL	13	153	6	89	41	23	13	8	16	8	18	7	13	37	11	8	8	10	2	24	28	7	7	15	9	40	23	11	6	6	26	301	987	987	**100,00%**
TOTAL %	1,32%	15,50%	0,61%	9,02%	4,15%	2,33%	1,32%	0,81%	1,62%	0,81%	1,82%	0,71%	1,32%	3,75%	1,11%	0,81%	0,81%	1,01%	0,20%	2,43%	2,84%	0,71%	0,71%	1,52%	0,91%	4,05%	2,33%	1,11%	0,61%	0,61%	2,63%	30,50%	100,00%	100,00%	100,00%

TABELA DE OCORRÊNCIA DOS SIGNOS POR SÍTIO

SÍTIOS	SIGNOS																															TOTAL	%
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	IND		
Às Moitas		4		1		2		1		1		1	1								1		1	4		2	1				3	13	36	3,65%
Bananeira																					1				3							1	5	0,51%
Barragem do Cantinho		6							1	2	2																					4	15	1,52%
Cambaitira I		22		22	17	4	3	1	3			2	4	24	2	1	3	2		4	8	2	1			1						24	150	15,20%
Cambaitira II		2		1	2						1			1							2		1								2	12	1,22%
Cambaitira III	1	4	1			1							1	2									1	2				1			1	4	19	1,93%
Da Lua				4			1							1																		7	13	1,32%
Fazenda Caldeirão I		5		1						1	4		3								1					3						2	20	2,03%
Fazenda Caldeirão II																												1				1	2	0,20%
Fazenda Caldeirão III		1		1	1								1		3																		7	0,71%
Fazenda Caldeirão IV		2		1	3		1					1									1											3	12	1,22%
Gogó da Gata									1																							6	7	0,71%
Igrejinha	1	8		8	2	10	2							1				1				2	2			1						2	40	4,05%
Jenipapo	1	16		18			1																									10	46	4,66%
Macaqueira							2																					1				1	4	0,41%
Morro do Cruzeiro I	1			3	1			1	1				1		1																	1	10	1,01%
Morro do Cruzeiro II	1	1								1					1																	2	6	0,61%
Olho D'água I		5			2	2		3	1				1				1			1	3	2		1		1	1					12	36	3,65%
Olho D'água II											5																					1	6	0,61%
Olho D'água III									1																			1				2	4	0,41%
Olho D'água IV		1																						1			1					3	3	0,30%
Pé de Serra	3	22		4	3	1						1		6			1	2	1	3	9				1			2				19	78	7,90%
Pedra Pintada																																0	0	0,00%
Pilões		1		2	1															1											1	7	13	1,32%
Rio dos Alves		2						1											1									1				3	8	0,81%
Rio Preto I		1																		2								1			1	4	9	0,91%
Rio Preto II		3	1									1		2		4	1			1	1					3					2	2	21	2,13%
Rio Preto III				2																												2	2	0,20%
Rio Preto IV		6		7	2			1							1					3		1									1	2	24	2,43%
São Judas Tadeu I		2		1			1					1			1																1	9	16	1,62%
São Judas Tadeu II																				2						1						2	5	0,51%
São Judas Tadeu III		3								1					1						1			1		1						7	15	1,52%
São Judas Tadeu IV		1		2		1	1		1							1				1											5	13	26	2,63%
São Judas Tadeu V		1		1																											1	8	11	1,11%
São Judas Tadeu VI			1																												1	3	5	0,51%
São Judas Tadeu VII				1																												2	3	0,30%

Seixos	2	6		3						1					1		1			1							1			3	13	32	3,24%
Serra do Cílio I		1			1																			1							2	0,20%
Serra do Cílio II		4																									1			1	2	8	0,81%
Serra do Cílio III		4		1	2				5				1							2				1		1			4		9	30	3,04%
Serra do Tamanco		1				1														3						1					7	13	1,32%
Tombador Alto	3	14	3	5	2	2			2	1	6					2		5					1	4	5	25	20	1	6	2	5	79	193	19,55%
Tombador de Cima I		1																														1	0,10%
Tombador de Cima II																															1	1	0,10%
Tombador de Cima III																															1	1	0,10%
Três Coqueiros I		1			2																										4	7	0,71%
Três Coqueiros II		1																													2	3	0,30%
Três Coqueiros III		1															1														3	5	0,51%
Várzea Nova I		1																													1	2	0,20%
TOTAL	13	153	6	89	41	23	13	8	16	8	18	7	13	37	11	8	8	10	2	24	28	7	7	15	9	40	23	11	6	6	26	301	987	**100,00%**
TOTAL %	1,32%	15,50%	0,61%	9,02%	4,15%	2,33%	1,32%	0,81%	1,62%	0,81%	1,82%	0,71%	1,32%	3,75%	1,11%	0,81%	0,81%	1,01%	0,20%	2,43%	2,84%	0,71%	0,71%	1,52%	0,91%	4,05%	2,33%	1,11%	0,61%	0,61%	2,63%	30,50%	100,00%		

TABELA DE RECORRÊNCIA DOS SIGNOS POR SÍTIO

SÍTIOS	SIGNOS																															
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	31	IND.
As Moitas		1		1		1		1		1		1	1								1		1	1		1	1				1	1
Bananeira																					1				1							1
Barragem do Cantinho		1							1	1	1																					1
Cambaitira I		1		1	1	1	1	1	1			1	1	1	1	1	1	1		1	1	1	1			1						1
Cambaitira II		1		1	1						1			1							1		1									1
Cambaitira III	1	1	1			1							1	1									1	1				1			1	1
Da Lua				1			1							1																		1
Fazenda Caldeirão I		1		1						1	1		1								1					1						1
Fazenda Caldeirão II																												1				1
Fazenda Caldeirão III		1		1	1								1		1																	1
Fazenda Caldeirão IV		1		1	1		1					1									1											1
Gogó da Gata									1																							1
Igrejinha	1	1		1	1	1	1							1				1				1	1			1						1
Jenipapo	1	1		1			1																									1
Macaqueira							1																					1				1
Morro do Cruzeiro I	1			1	1			1	1				1		1																	1
Morro do Cruzeiro II	1	1								1					1																	1
Olho D'água I		1			1	1		1	1				1				1			1	1	1		1		1	1					1
Olho D'água II											1																					1
Olho D'água III									1																			1				1
Olho D'água IV		1																						1			1					
Pé de Serra	1	1		1	1	1						1		1			1	1	1	1	1				1			1				1
Pedra Pintada																																
Pilões		1		1	1															1										1	1
Rio dos Alves		1						1											1									1				1
Rio Preto I		1																		1								1			1	1
Rio Preto II		1	1									1		1		1	1			1	1					1					1	1
Rio Preto III				1																												
Rio Preto IV		1		1	1			1							1					1		1								1	1
São Judas Tadeu I		1		1			1					1			1																1	1
São Judas Tadeu II																				1						1						1
São Judas Tadeu III		1								1					1						1			1		1						1
São Judas Tadeu IV		1		1		1	1		1							1				1										1	1
São Judas Tadeu V		1		1																											1	1
São Judas Tadeu VI			1																												1	1
São Judas Tadeu VII				1																												1
Seixos	1	1		1						1					1		1			1								1			1	1
Serra do Cílio I					1																			1								
Serra do Cílio II		1																										1			1	1
Serra do Cílio III		1							1				1							1				1		1				1		1
Serra do Tamanco		1		1	1		1													1						1						1
Tombador Alto	1	1	1	1	1	1			1	1	1					1		1					1	1	1	1	1	1	1	1	1		1
Tombador de Cima I		1																														
Tombador de Cima II																																1
Tombador de Cima III																																1
Três Coqueiros I		1			1																											1
Três Coqueiros II		1																														1
Três Coqueiros III		1															1															1
Várzea Nova I		1																														1
TOTAL	8	33	4	21	14	8	9	6	9	7	5	6	8	7	8	4	6	4	2	12	10	4	6	8	3	11	4	10	1	2	13	43

ANÁLISES QUANTITATIVA, PERCENTUAL E GRÁFICA DOS DADOS SISTEMATIZADOS NAS TABELAS DISPONÍVEIS NO APÊNDICE 4

TOTAL GERAL DOS SIGNOS
LOCAIS DE REPRESENTAÇÃO

LOCAL	QTD	%
Parede	493	49,95%
Teto	494	50,05%
TOTAL	987	100,00%

TOTAL GERAL DOS SIGNOS
TÉCNICAS DE REPRESENTAÇÃO

INSTRUMENTO	QTD	%
Talisca	0	0,00%
Giz	86	8,71%
Pincel	49	4,96%
Dedo	852	86,32%
TOTAL	987	100,00%

TOTAL GERAL DOS SIGNOS
CORES DAS REPRESENTAÇÕES

COR	QTD	%
Vermelho	930,33	94,26%
Amarelo	34,33	3,48%
Preto	20,33	2,06%
Branco	2	0,20%
TOTAL	987	100,00%

SIGNO 1
LOCAIS DE REPRESENTAÇÃO

LOCAL	QTD	%
Parede	8	61,54%
Teto	5	38,46%
TOTAL	13	100,00%

SIGNO 1
TÉCNICAS DE REPRESENTAÇÃO

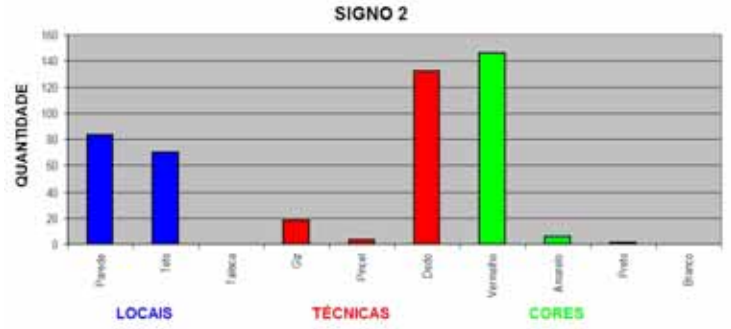
INSTRUMENTO	QTD	%
Talisca	0	0,00%
Giz	1	7,69%
Pincel	0	0,00%
Dedo	12	92,31%
TOTAL	13	100,00%

SIGNO 1
CORES DAS REPRESENTAÇÕES

COR	QTD	%
Vermelho	13	100,00%
Amarelo	0	0,00%
Preto	0	0,00%
Branco	0	0,00%
TOTAL	13	100,00%

SIGNO 2
LOCAIS DE REPRESENTAÇÃO

LOCAL	QTD	%
Parede	83	54,25%
Teto	70	45,75%
TOTAL	153	100,00%



SIGNO 2
TÉCNICAS DE REPRESENTAÇÃO

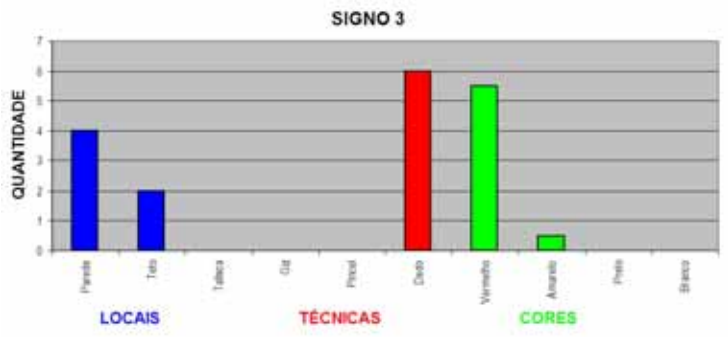
INSTRUMENTO	QTD	%
Talisca	0	0,00%
Giz	18	11,76%
Pincel	3	1,96%
Dedo	132	86,27%
TOTAL	153	100,00%

SIGNO 2
CORES DAS REPRESENTAÇÕES

COR	QTD	%
Vermelho	146	95,42%
Amarelo	6	3,92%
Preto	1	0,65%
Branco	0	0,00%
TOTAL	153	100,00%

SIGNO 3
LOCAIS DE REPRESENTAÇÃO

LOCAL	QTD	%
Parede	4	66,67%
Teto	2	33,33%
TOTAL	6	100,00%



SIGNO 3
TÉCNICAS DE REPRESENTAÇÃO

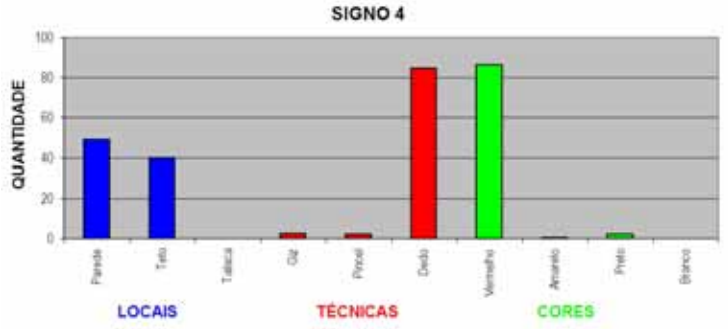
INSTRUMENTO	QTD	%
Talisca	0	0,00%
Giz	0	0,00%
Pincel	0	0,00%
Dedo	6	100,00%
TOTAL	6	100,00%

SIGNO 3
CORES DAS REPRESENTAÇÕES

COR	QTD	%
Vermelho	6	91,67%
Amarelo	1	8,33%
Preto	0	0,00%
Branco	0	0,00%
TOTAL	6	100,00%

SIGNO 4
LOCAIS DE REPRESENTAÇÃO

LOCAL	QTD	%
Parede	49	55,06%
Teto	40	44,94%
TOTAL	89	100,00%



SIGNO 4
TÉCNICAS DE REPRESENTAÇÃO

INSTRUMENTO	QTD	%
Talisca	0	0,00%
Giz	2,5	2,81%
Pincel	2	2,25%
Dedo	84,5	94,94%
TOTAL	89	100,00%

SIGNO 4
CORES DAS REPRESENTAÇÕES

COR	QTD	%
Vermelho	87	97,19%
Amarelo	1	0,56%
Preto	2	2,25%
Branco	0	0,00%
TOTAL	89	100,00%

SIGNO 5
LOCAIS DE REPRESENTAÇÃO

LOCAL	QTD	%
Parede	10	24,39%
Teto	31	75,61%
TOTAL	41	100,00%

SIGNO 5
TÉCNICAS DE REPRESENTAÇÃO

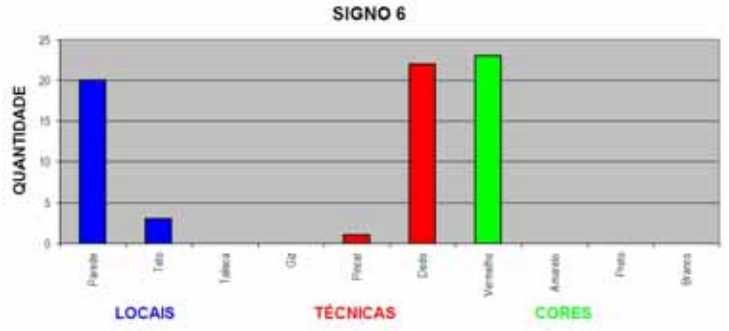
INSTRUMENTO	QTD	%
Talisca	0	0,00%
Giz	2,5	6,10%
Pincel	0	0,00%
Dedo	38,5	93,90%
TOTAL	41	100,00%

SIGNO 5
CORES DAS REPRESENTAÇÕES

COR	QTD	%
Vermelho	37	89,02%
Amarelo	3	7,32%
Preto	2	3,66%
Branco	0	0,00%
TOTAL	41	100,00%

SIGNO 6
LOCAIS DE REPRESENTAÇÃO

LOCAL	QTD	%
Parede	20	86,96%
Teto	3	13,04%
TOTAL	23	100,00%



SIGNO 6
TÉCNICAS DE REPRESENTAÇÃO

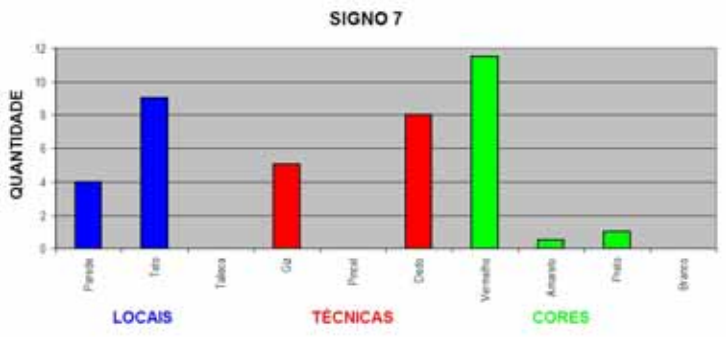
INSTRUMENTO	QTD	%
Talisca	0	0,00%
Giz	0	0,00%
Pincel	1	4,35%
Dedo	22	95,65%
TOTAL	23	100,00%

SIGNO 6
CORES DAS REPRESENTAÇÕES

COR	QTD	%
Vermelho	23	100,00%
Amarelo	0	0,00%
Preto	0	0,00%
Branco	0	0,00%
TOTAL	23	100,00%

SIGNO 7
LOCAIS DE REPRESENTAÇÃO

LOCAL	QTD	%
Parede	4	30,77%
Teto	9	69,23%
TOTAL	13	100,00%



SIGNO 7
TÉCNICAS DE REPRESENTAÇÃO

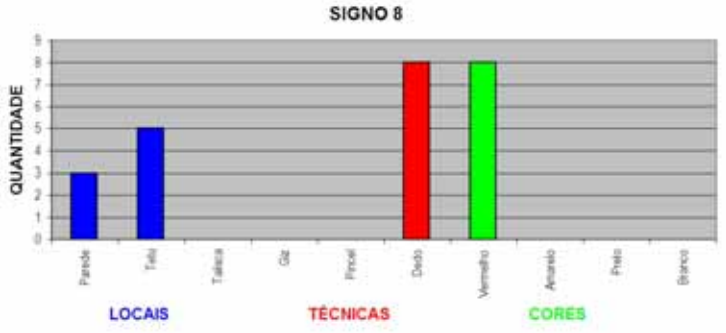
INSTRUMENTO	QTD	%
Talisca	0	0,00%
Giz	5	38,46%
Pincel	0	0,00%
Dedo	8	61,54%
TOTAL	13	100,00%

SIGNO 7
CORES DAS REPRESENTAÇÕES

COR	QTD	%
Vermelho	12	88,46%
Amarelo	1	3,85%
Preto	1	7,69%
Branco	0	0,00%
TOTAL	13	100,00%

SIGNO 8
LOCAIS DE REPRESENTAÇÃO

LOCAL	QTD	%
Parede	3	37,50%
Teto	5	62,50%
TOTAL	8	100,00%



SIGNO 8
TÉCNICAS DE REPRESENTAÇÃO

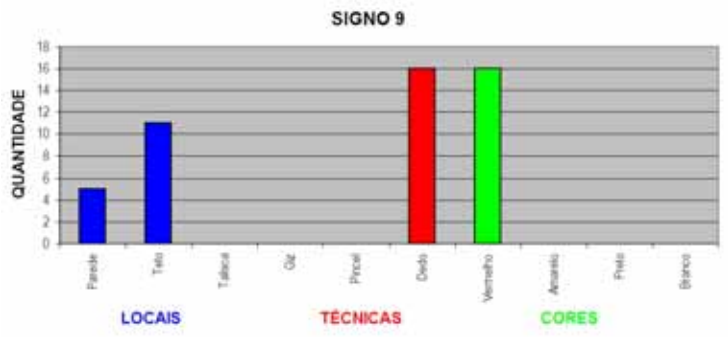
INSTRUMENTO	QTD	%
Talisca	0	0,00%
Giz	0	0,00%
Pincel	0	0,00%
Dedo	8	100,00%
TOTAL	8	100,00%

SIGNO 8
CORES DAS REPRESENTAÇÕES

COR	QTD	%
Vermelho	8	100,00%
Amarelo	0	0,00%
Preto	0	0,00%
Branco	0	0,00%
TOTAL	8	100,00%

SIGNO 9
LOCAIS DE REPRESENTAÇÃO

LOCAL	QTD	%
Parede	5	31,25%
Teto	11	68,75%
TOTAL	16	100,00%



SIGNO 9
TÉCNICAS DE REPRESENTAÇÃO

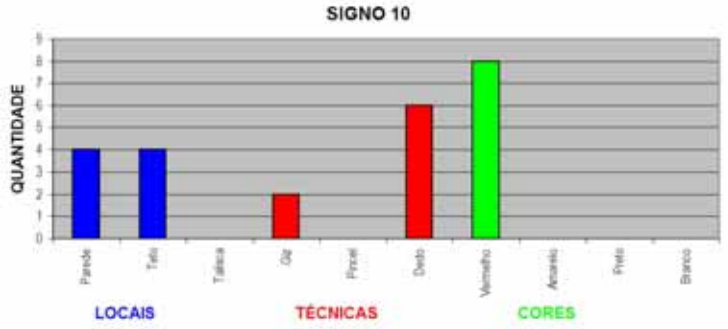
INSTRUMENTO	QTD	%
Talisca	0	0,00%
Giz	0	0,00%
Pincel	0	0,00%
Dedo	16	100,00%
TOTAL	16	100,00%

SIGNO 9
CORES DAS REPRESENTAÇÕES

COR	QTD	%
Vermelho	16	100,00%
Amarelo	0	0,00%
Preto	0	0,00%
Branco	0	0,00%
TOTAL	16	100,00%

SIGNO 10
LOCAIS DE REPRESENTAÇÃO

LOCAL	QTD	%
Parede	4	50,00%
Teto	4	50,00%
TOTAL	8	100,00%



SIGNO 10
TÉCNICAS DE REPRESENTAÇÃO

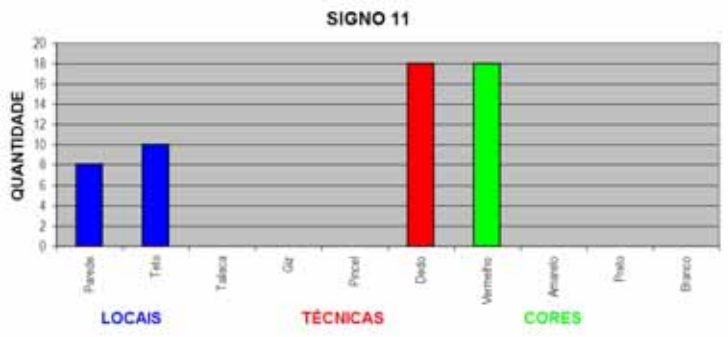
INSTRUMENTO	QTD	%
Talisca	0	0,00%
Giz	2	25,00%
Pincel	0	0,00%
Dedo	6	75,00%
TOTAL	8	100,00%

SIGNO 10
CORES DAS REPRESENTAÇÕES

COR	QTD	%
Vermelho	8	100,00%
Amarelo	0	0,00%
Preto	0	0,00%
Branco	0	0,00%
TOTAL	8	100,00%

SIGNO 11
LOCAIS DE REPRESENTAÇÃO

LOCAL	QTD	%
Parede	8	44,44%
Teto	10	55,56%
TOTAL	18	100,00%



SIGNO 11
TÉCNICAS DE REPRESENTAÇÃO

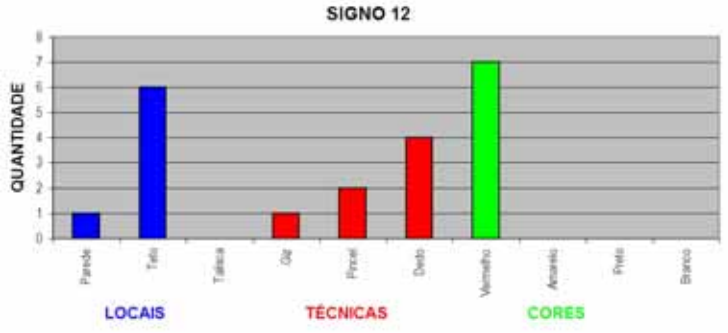
INSTRUMENTO	QTD	%
Talisca	0	0,00%
Giz	0	0,00%
Pincel	0	0,00%
Dedo	18	100,00%
TOTAL	18	100,00%

SIGNO 11
CORES DAS REPRESENTAÇÕES

COR	QTD	%
Vermelho	18	100,00%
Amarelo	0	0,00%
Preto	0	0,00%
Branco	0	0,00%
TOTAL	18	100,00%

SIGNO 12
LOCAIS DE REPRESENTAÇÃO

LOCAL	QTD	%
Parede	1	14,29%
Teto	6	85,71%
TOTAL	7	100,00%



SIGNO 12
TÉCNICAS DE REPRESENTAÇÃO

INSTRUMENTO	QTD	%
Talisca	0	0,00%
Giz	1	14,29%
Pincel	2	28,57%
Dedo	4	57,14%
TOTAL	7	100,00%

SIGNO 12
CORES DAS REPRESENTAÇÕES

COR	QTD	%
Vermelho	7	100,00%
Amarelo	0	0,00%
Preto	0	0,00%
Branco	0	0,00%
TOTAL	7	100,00%

SIGNO 13
LOCAIS DE REPRESENTAÇÃO

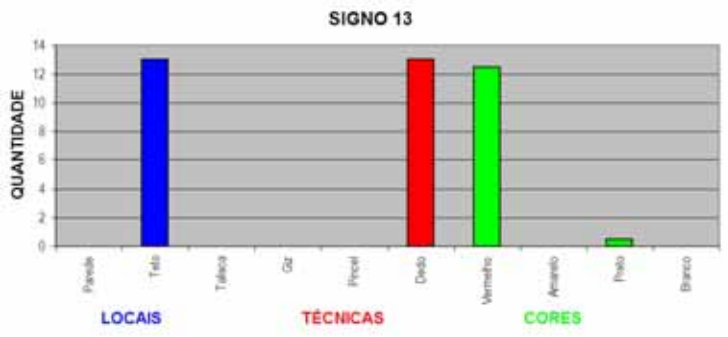
LOCAL	QTD	%
Parede	0	0,00%
Teto	13	100,00%
TOTAL	13	100,00%

SIGNO 13
TÉCNICAS DE REPRESENTAÇÃO

INSTRUMENTO	QTD	%
Talisca	0	0,00%
Giz	0	0,00%
Pincel	0	0,00%
Dedo	13	100,00%
TOTAL	13	100,00%

SIGNO 13
CORES DAS REPRESENTAÇÕES

COR	QTD	%
Vermelho	13	96,15%
Amarelo	0	0,00%
Preto	1	3,85%
Branco	0	0,00%
TOTAL	13	100,00%



SIGNO 14
LOCAIS DE REPRESENTAÇÃO

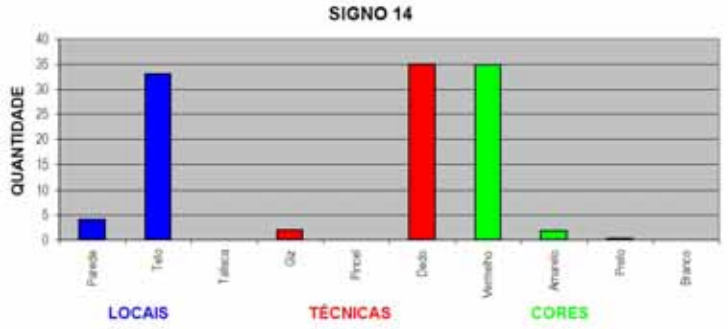
LOCAL	QTD	%
Parede	4	10,81%
Teto	33	89,19%
TOTAL	37	100,00%

SIGNO 14
TÉCNICAS DE REPRESENTAÇÃO

INSTRUMENTO	QTD	%
Talisca	0	0,00%
Giz	2	5,41%
Pincel	0	0,00%
Dedo	35	94,59%
TOTAL	37	100,00%

SIGNO 14
CORES DAS REPRESENTAÇÕES

COR	QTD	%
Vermelho	35	94,16%
Amarelo	2	4,95%
Preto	0	0,89%
Branco	0	0,00%
TOTAL	37	100,00%



SIGNO 15
LOCAIS DE REPRESENTAÇÃO

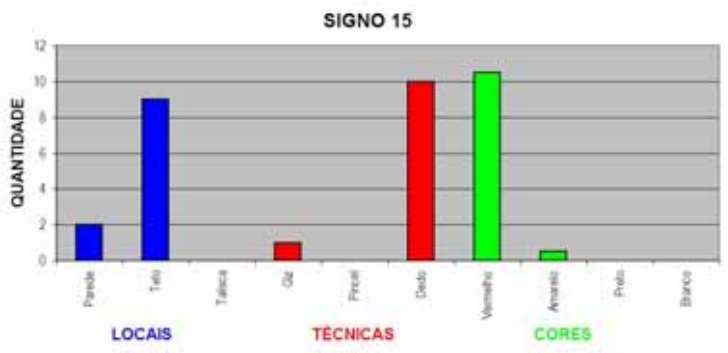
LOCAL	QTD	%
Parede	2	18,18%
Teto	9	81,82%
TOTAL	11	100,00%

SIGNO 15
TÉCNICAS DE REPRESENTAÇÃO

INSTRUMENTO	QTD	%
Talisca	0	0,00%
Giz	1	9,09%
Pincel	0	0,00%
Dedo	10	90,91%
TOTAL	11	100,00%

SIGNO 15
CORES DAS REPRESENTAÇÕES

COR	QTD	%
Vermelho	11	95,45%
Amarelo	1	4,55%
Preto	0	0,00%
Branco	0	0,00%
TOTAL	11	100,00%



SIGNO 16
LOCAIS DE REPRESENTAÇÃO

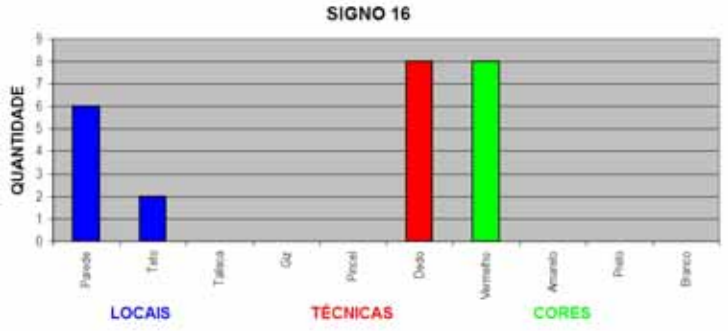
LOCAL	QTD	%
Parede	6	75,00%
Teto	2	25,00%
TOTAL	8	100,00%

SIGNO 16
TÉCNICAS DE REPRESENTAÇÃO

INSTRUMENTO	QTD	%
Talisca	0	0,00%
Giz	0	0,00%
Pincel	0	0,00%
Dedo	8	100,00%
TOTAL	8	100,00%

SIGNO 16
CORES DAS REPRESENTAÇÕES

COR	QTD	%
Vermelho	8	100,00%
Amarelo	0	0,00%
Preto	0	0,00%
Branco	0	0,00%
TOTAL	8	100,00%



SIGNO 17
LOCAIS DE REPRESENTAÇÃO

LOCAL	QTD	%
Parede	4	50,00%
Teto	4	50,00%
TOTAL	8	100,00%

SIGNO 17
TÉCNICAS DE REPRESENTAÇÃO

INSTRUMENTO	QTD	%
Talisca	0	0,00%
Giz	0	0,00%
Pincel	0	0,00%
Dedo	8	100,00%
TOTAL	8	100,00%

SIGNO 17
CORES DAS REPRESENTAÇÕES

COR	QTD	%
Vermelho	7	87,50%
Amarelo	0	0,00%
Preto	0	0,00%
Branco	1	12,50%
TOTAL	8	100,00%

SIGNO 18
LOCAIS DE REPRESENTAÇÃO

LOCAL	QTD	%
Parede	5	50,00%
Teto	5	50,00%
TOTAL	10	100,00%

SIGNO 18
TÉCNICAS DE REPRESENTAÇÃO

INSTRUMENTO	QTD	%
Talisca	0	0,00%
Giz	0	0,00%
Pincel	0	0,00%
Dedo	10	100,00%
TOTAL	10	100,00%

SIGNO 18
CORES DAS REPRESENTAÇÕES

COR	QTD	%
Vermelho	10	100,00%
Amarelo	0	0,00%
Preto	0	0,00%
Branco	0	0,00%
TOTAL	10	100,00%

SIGNO 19
LOCAIS DE REPRESENTAÇÃO

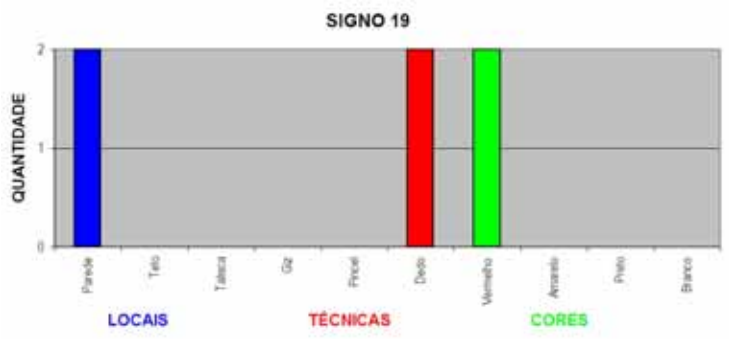
LOCAL	QTD	%
Parede	2	100,00%
Teto	0	0,00%
TOTAL	2	100,00%

SIGNO 19
TÉCNICAS DE REPRESENTAÇÃO

INSTRUMENTO	QTD	%
Talisca	0	0,00%
Giz	0	0,00%
Pincel	0	0,00%
Dedo	2	100,00%
TOTAL	2	100,00%

SIGNO 19
CORES DAS REPRESENTAÇÕES

COR	QTD	%
Vermelho	2	100,00%
Amarelo	0	0,00%
Preto	0	0,00%
Branco	0	0,00%
TOTAL	2	100,00%



SIGNO 20
LOCAIS DE REPRESENTAÇÃO

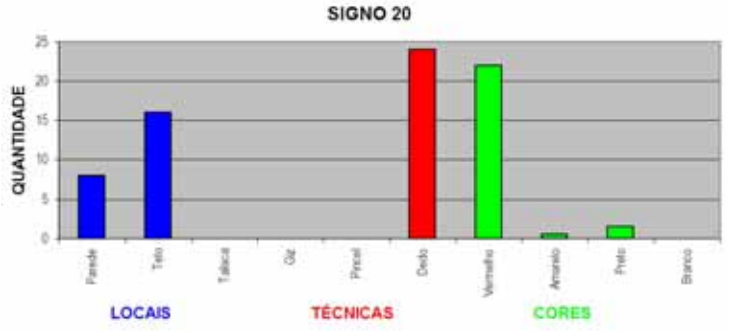
LOCAL	QTD	%
Parede	8	33,33%
Teto	16	66,67%
TOTAL	24	100,00%

SIGNO 20
TÉCNICAS DE REPRESENTAÇÃO

INSTRUMENTO	QTD	%
Talisca	0	0,00%
Giz	0	0,00%
Pincel	0	0,00%
Dedo	24	100,00%
TOTAL	24	100,00%

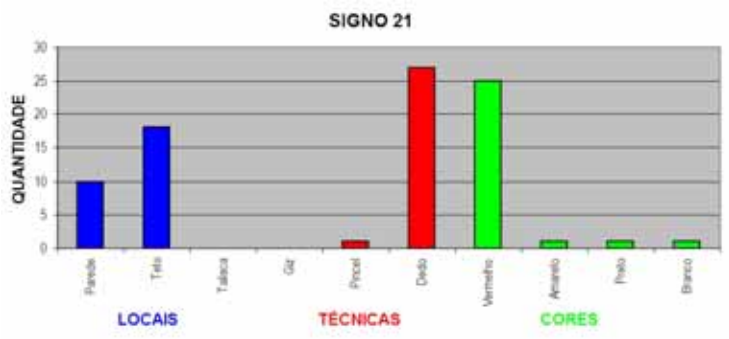
SIGNO 20
CORES DAS REPRESENTAÇÕES

COR	QTD	%
Vermelho	22	91,67%
Amarelo	1	2,08%
Preto	2	6,25%
Branco	0	0,00%
TOTAL	24	100,00%



SIGNO 21
LOCAIS DE REPRESENTAÇÃO

LOCAL	QTD	%
Parede	10	35,71%
Teto	18	64,29%
TOTAL	28	100,00%



SIGNO 21
TÉCNICAS DE REPRESENTAÇÃO

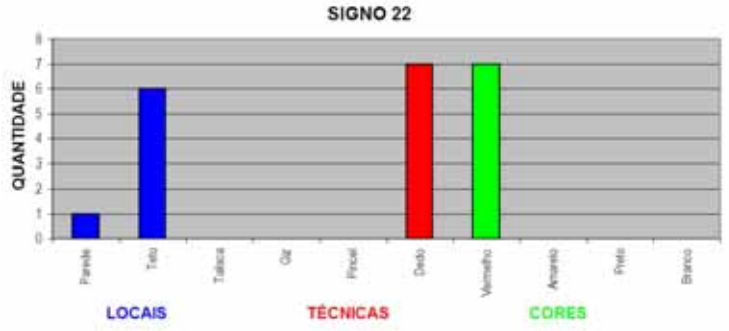
INSTRUMENTO	QTD	%
Talisca	0	0,00%
Giz	0	0,00%
Pincel	1	3,57%
Dedo	27	96,43%
TOTAL	28	100,00%

SIGNO 21
CORES DAS REPRESENTAÇÕES

COR	QTD	%
Vermelho	25	89,29%
Amarelo	1	3,57%
Preto	1	3,57%
Branco	1	3,57%
TOTAL	28	100,00%

SIGNO 22
LOCAIS DE REPRESENTAÇÃO

LOCAL	QTD	%
Parede	1	14,29%
Teto	6	85,71%
TOTAL	7	100,00%



SIGNO 22
TÉCNICAS DE REPRESENTAÇÃO

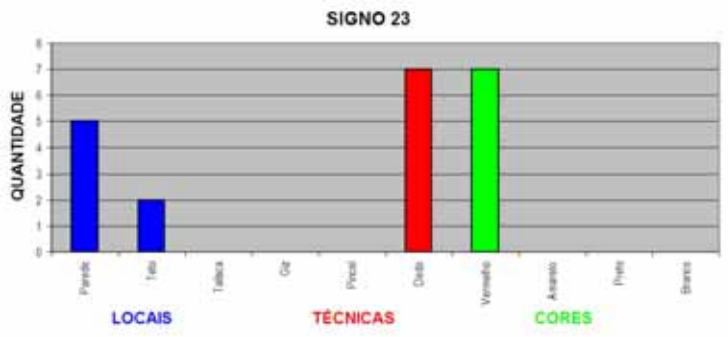
INSTRUMENTO	QTD	%
Talisca	0	0,00%
Giz	0	0,00%
Pincel	0	0,00%
Dedo	7	100,00%
TOTAL	7	100,00%

SIGNO 22
CORES DAS REPRESENTAÇÕES

COR	QTD	%
Vermelho	7	100,00%
Amarelo	0	0,00%
Preto	0	0,00%
Branco	0	0,00%
TOTAL	7	100,00%

SIGNO 23
LOCAIS DE REPRESENTAÇÃO

LOCAL	QTD	%
Parede	5	71,43%
Teto	2	28,57%
TOTAL	7	100,00%



SIGNO 23
TÉCNICAS DE REPRESENTAÇÃO

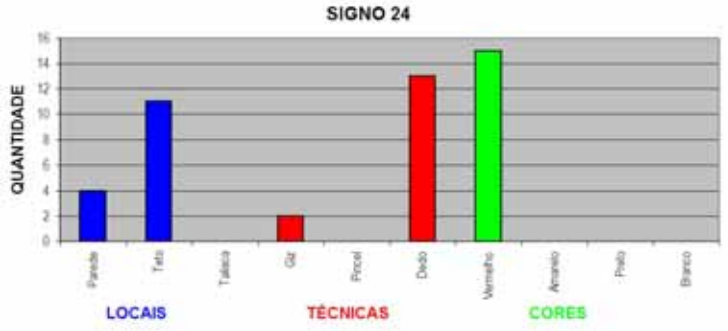
INSTRUMENTO	QTD	%
Talisca	0	0,00%
Giz	0	0,00%
Pincel	0	0,00%
Dedo	7	100,00%
TOTAL	7	100,00%

SIGNO 23
CORES DAS REPRESENTAÇÕES

COR	QTD	%
Vermelho	7	100,00%
Amarelo	0	0,00%
Preto	0	0,00%
Branco	0	0,00%
TOTAL	7	100,00%

SIGNO 24
LOCAIS DE REPRESENTAÇÃO

LOCAL	QTD	%
Parede	4	26,67%
Teto	11	73,33%
TOTAL	15	100,00%



SIGNO 24
TÉCNICAS DE REPRESENTAÇÃO

INSTRUMENTO	QTD	%
Talisca	0	0,00%
Giz	2	13,33%
Pincel	0	0,00%
Dedo	13	86,67%
TOTAL	15	100,00%

SIGNO 24
CORES DAS REPRESENTAÇÕES

COR	QTD	%
Vermelho	15	100,00%
Amarelo	0	0,00%
Preto	0	0,00%
Branco	0	0,00%
TOTAL	15	100,00%

SIGNO 25
LOCAIS DE REPRESENTAÇÃO

LOCAL	QTD	%
Parede	7	77,78%
Teto	2	22,22%
TOTAL	9	100,00%

SIGNO 25
TÉCNICAS DE REPRESENTAÇÃO

INSTRUMENTO	QTD	%
Talisca	0	0,00%
Giz	0	0,00%
Pincel	0	0,00%
Dedo	9	100,00%
TOTAL	9	100,00%

SIGNO 25
CORES DAS REPRESENTAÇÕES

COR	QTD	%
Vermelho	7	77,78%
Amarelo	2	22,22%
Preto	0	0,00%
Branco	0	0,00%
TOTAL	9	100,00%

SIGNO 26
LOCAIS DE REPRESENTAÇÃO

LOCAL	QTD	%
Parede	22	55,00%
Teto	18	45,00%
TOTAL	40	100,00%

SIGNO 26
TÉCNICAS DE REPRESENTAÇÃO

INSTRUMENTO	QTD	%
Talisca	0	0,00%
Giz	0	0,00%
Pincel	3	7,50%
Dedo	37	92,50%
TOTAL	40	100,00%

SIGNO 26
CORES DAS REPRESENTAÇÕES

COR	QTD	%
Vermelho	36	90,00%
Amarelo	2	5,00%
Preto	2	5,00%
Branco	0	0,00%
TOTAL	40	100,00%

SIGNO 27
LOCAIS DE REPRESENTAÇÃO

LOCAL	QTD	%
Parede	19	82,61%
Teto	4	17,39%
TOTAL	23	100,00%

SIGNO 27
TÉCNICAS DE REPRESENTAÇÃO

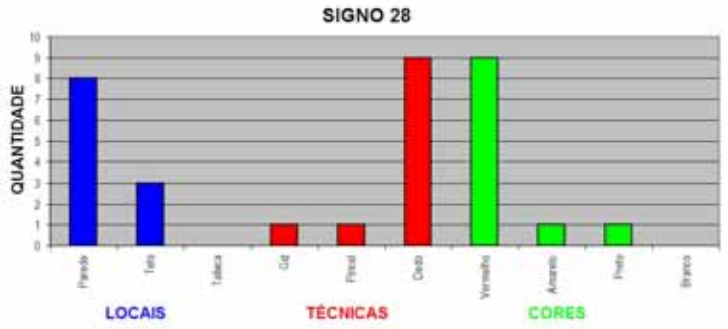
INSTRUMENTO	QTD	%
Talisca	0	0,00%
Giz	0	0,00%
Pincel	13	56,52%
Dedo	10	43,48%
TOTAL	23	100,00%

SIGNO 27
CORES DAS REPRESENTAÇÕES

COR	QTD	%
Vermelho	23	100,00%
Amarelo	0	0,00%
Preto	0	0,00%
Branco	0	0,00%
TOTAL	23	100,00%

SIGNO 28
LOCAIS DE REPRESENTAÇÃO

LOCAL	QTD	%
Parede	8	72,73%
Teto	3	27,27%
TOTAL	11	100,00%



SIGNO 28
TÉCNICAS DE REPRESENTAÇÃO

INSTRUMENTO	QTD	%
Talisca	0	0,00%
Giz	1	9,09%
Pincel	1	9,09%
Dedo	9	81,82%
TOTAL	11	100,00%

SIGNO 28
CORES DAS REPRESENTAÇÕES

COR	QTD	%
Vermelho	9	81,82%
Amarelo	1	9,09%
Preto	1	9,09%
Branco	0	0,00%
TOTAL	11	100,00%

SIGNO 29
LOCAIS DE REPRESENTAÇÃO

LOCAL	QTD	%
Parede	6	100,00%
Teto	0	0,00%
TOTAL	6	100,00%

SIGNO 29
TÉCNICAS DE REPRESENTAÇÃO

INSTRUMENTO	QTD	%
Talisca	0	0,00%
Giz	0	0,00%
Pincel	5	83,33%
Dedo	1	16,67%
TOTAL	6	100,00%

SIGNO 29
CORES DAS REPRESENTAÇÕES

COR	QTD	%
Vermelho	6	100,00%
Amarelo	0	0,00%
Preto	0	0,00%
Branco	0	0,00%
TOTAL	6	100,00%

SIGNO 30
LOCAIS DE REPRESENTAÇÃO

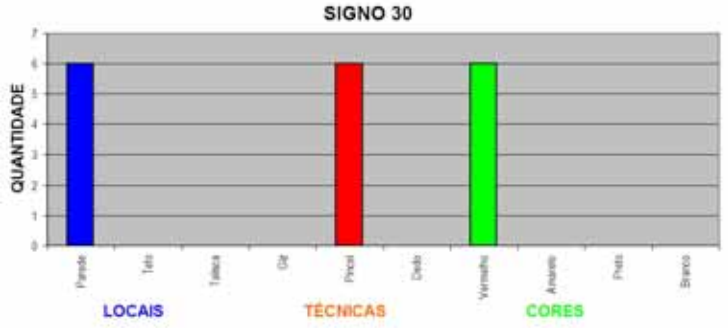
LOCAL	QTD	%
Parede	2	33,33%
Teto	4	66,67%
TOTAL	6	100,00%

SIGNO 30
TÉCNICAS DE REPRESENTAÇÃO

INSTRUMENTO	QTD	%
Talisca	0	0,00%
Giz	0	0,00%
Pincel	6	100,00%
Dedo	0	0,00%
TOTAL	6	100,00%

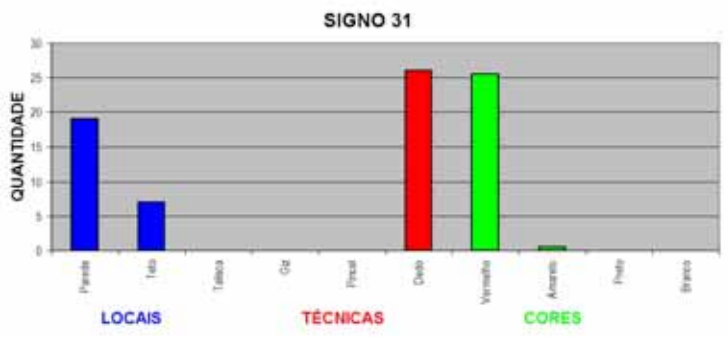
SIGNO 30
CORES DAS REPRESENTAÇÕES

COR	QTD	%
Vermelho	6	100,00%
Amarelo	0	0,00%
Preto	0	0,00%
Branco	0	0,00%
TOTAL	6	100,00%



SIGNO 31
LOCAIS DE REPRESENTAÇÃO

LOCAL	QTD	%
Parede	19	73,08%
Teto	7	26,92%
TOTAL	26	100,00%



SIGNO 31
TÉCNICAS DE REPRESENTAÇÃO

INSTRUMENTO	QTD	%
Talisca	0	0,00%
Giz	0	0,00%
Pincel	0	0,00%
Dedo	26	100,00%
TOTAL	26	100,00%

SIGNO 31
CORES DAS REPRESENTAÇÕES

COR	QTD	%
Vermelho	26	98,08%
Amarelo	1	1,92%
Preto	0	0,00%
Branco	0	0,00%
TOTAL	26	100,00%

SIGNOS INDEFINIDOS
LOCAIS DE REPRESENTAÇÃO

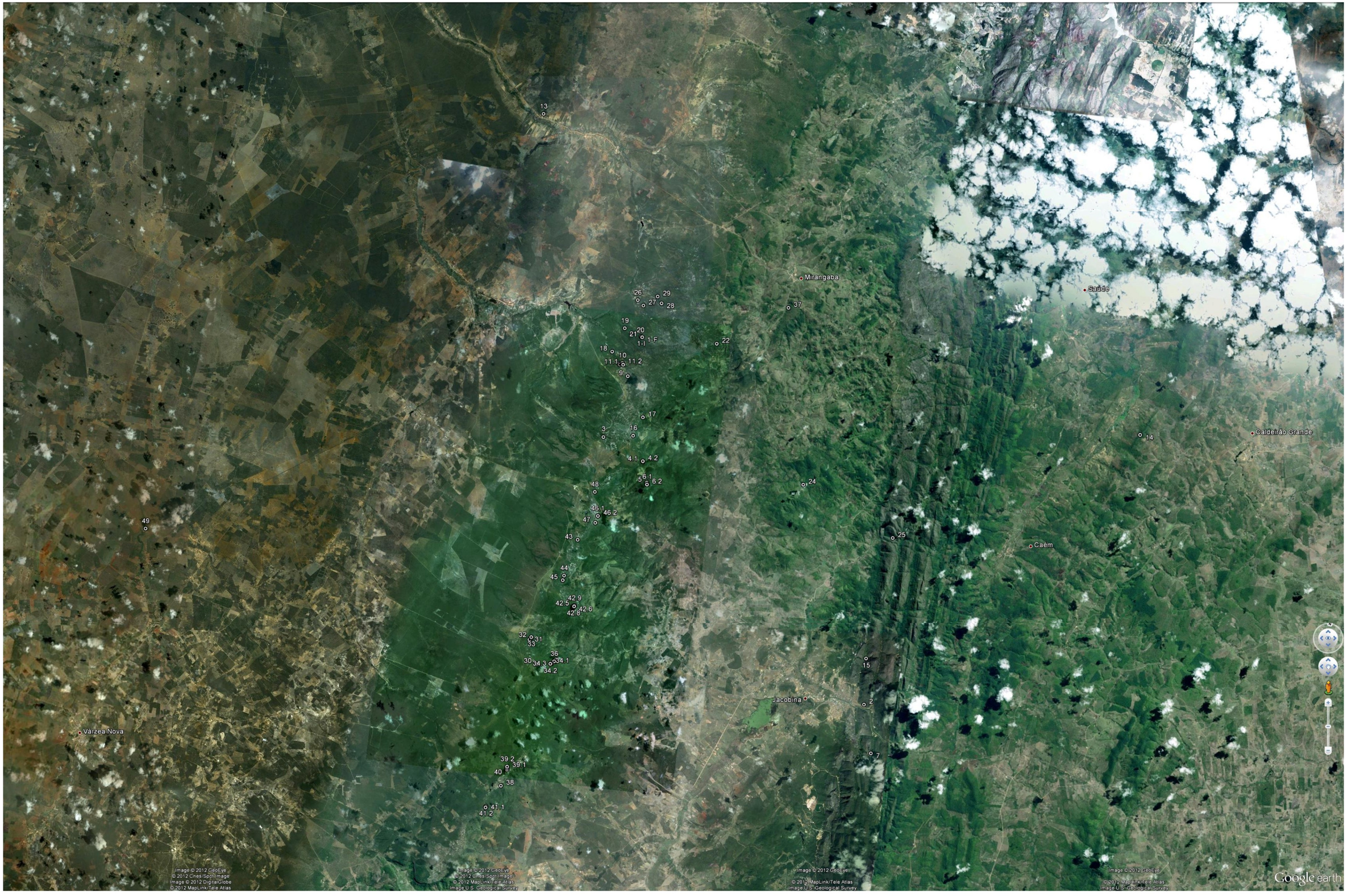
LOCAL	QTD	%
Parede	160	53,16%
Teto	141	46,84%
TOTAL	301	100,00%

SIGNOS INDEFINIDOS
TÉCNICAS DE REPRESENTAÇÃO

INSTRUMENTO	QTD	%
Talisca	0	0,00%
Giz	48	15,95%
Pincel	12	3,99%
Dedo	241	80,07%
TOTAL	301	100,00%

SIGNOS INDEFINIDOS
CORES DAS REPRESENTAÇÕES

COR	QTD	%
Vermelho	278	92,36%
Amarelo	15	4,82%
Preto	9	2,82%
Branco	0	0,00%
TOTAL	301	100,00%



APÊNDICE 7: Mapa com a localização dos sítios identificados no Piemonte da Chapada Diamantina. Fonte: Google earth, acessado em março de 2012.